

Universidade de São Paulo
Museu de Arqueologia e Etnologia MAE/USP
Programa de Pós-Graduação em Arqueologia

O PANORAMA DA OCUPAÇÃO SAMBAQUIEIRA NO ARQUIPÉLAGO DE
ILHABELA, SP.

Cintia Bendazzoli

São Paulo
2014

Cintia Bendazzoli

O PANORAMA DA OCUPAÇÃO SAMBAQUEIRA NO ARQUIPÉLAGO DE
ILHABELA, SP.

Tese de Doutorado apresentada ao programa de Pós-
Graduação em Arqueologia do Museu de
Arqueologia e Etnologia da Universidade de São
Paulo para obtenção do título de Doutor em
Arqueologia.

Área de Concentração: Arqueologia

Linha de Pesquisa: Espaço e Organização Social
Orientador: Prof. Dr. Paulo DeBlasis

Versão corrigida(*)

(*) A versão original encontra-se disponível no MAE/USP

São Paulo
2014

“Outras arqueologias eram possíveis antes e continuam sendo, mas devem ser retomadas e postas em prática com urgência. Nosso primeiro compromisso é com as gentes, não o capital”.

(Carlos Fausto, 2013. “Arqueologia pelas gentes: um Manifesto, Constatções e Posicionamentos Críticos sobre a Arqueologia Brasileira em tempos de PAC”).

Para os meus amigos Nivaldo Simões e André Penin
(in memoriam)

Agradecimentos

Primeiramente gostaria de agradecer ao meu professor e orientador Paulo DeBlasis pelo apoio a este projeto e pelas conversas enriquecedoras que contribuíram para o desenvolvimento deste trabalho. Agradeço aos professores Dra. Maria Dulce Gaspar (UFRJ) e Dr. José Luis de Moraes (MAE/USP) pelas contribuições passadas na qualificação, ambas fundamentais para a definição dos vieses de pesquisa deste doutorado. Meu agradecimento também aos professores Dr. Marco Aurélio Guimarães (FMRP/USP), Dra. Maria Leda Oliveira (FFLCH/USP), Dra. Márcia Angelina Alves (MAE/USP), Dr. Augusto Valero Flores (Cebimar/USP), Dra. Rosa de Souza (UFF), Dr. Manuel Fernando González Huila (IQ/USP) e à Glória Kok, Maria Aparecida Ivanov, Gerhard Kempkes e Cláudia Queiróz pelas importantes contribuições e/ou auxílios com materiais e/ou coleções que fizeram parte do escopo deste trabalho. Especialmente agradeço à Professora Dra. Sheila Mendonça de Souza (FIOCRUZ) por seu inestimável apoio a este projeto desde suas etapas primárias e por sua contribuição nas análises e disponibilização de material para consulta. Agradeço também ao CNPq pelo apoio à pesquisa.

Agradeço à minha professora e primeira orientadora Prof^a Dr^a Dorath Pinto Uchôa (in memoriam) que muito contribuiu para minha formação como arqueóloga e muito me apoiou no desenvolvimento do presente trabalho. Ainda no campo acadêmico agradeço ao precioso auxílio de queridos amigos e colegas, cuja colaboração foi fundamental para o desenvolvimento deste trabalho, são eles: Isabella Viggiani, Tiago Atorre, Rachel Prochoroff, Alain Mantchev e Raffaella Arrabaça, muito obrigada! Agradeço também aos funcionários da Biblioteca do MAE/USP por todo o apoio no decorrer deste trabalho. Agradeço muitíssimo ao Zé Luis Magalhães Castro Neto pela arte e diagramação deste trabalho e à Marília Ariza pelas traduções.

Meus agradecimentos à Prefeitura Municipal de Ilhabela pela confiança no direcionamento das pesquisas e pelo apoio à realização de ações culturais delas resultantes. Agradeço à Secretaria de Cultura e aos Secretários e equipe da Cultura pela viabilização de etapas importantes ao projeto. Agradeço à Secretaria do Meio Ambiente de Ilhabela e equipe, em especial ao Secretário Edvaldo Anísio da Silva pelo apoio dado às demandas do projeto, bem como ao Conselho Municipal de Meio Ambiente dessa referida gestão. Agradeço

também a Secretaria de Educação pela parceria estabelecida com o Projeto Arqueológico e com as atividades culturais e educativas que dele decorreram.

Agradeço aos gestores do Parque Estadual de Ilhabela Leandro Caetano e Joana Fava Alves por todo o apoio dedicado ao projeto nas áreas de Parque. Agradeço também a todos os funcionários do Peib pelo o auxílio prestado, seja em cursos, palestras, oficinas, ou saídas e participações em campo. Por isso agradeço especialmente a Winny Midões, Karina Sant'Anna, Paulo Roberto dos Santos de Souza, Joãozinho Batista Dias, Roberta Ponte Rodrigues, Marcelo Fernando Rosa da Silva "Sapinho", Carolina Marto, Paula Bolta e Paula Carolina Pereira. Agradeço também ao apoio sempre presente, à participação constante nas buscas por sítios arqueológicos aos meus colegas de expedição João Faustino dos Santos, Halph Alberghini, Daniella Marcondes, Gerson Margarido, aos irmãos Oéliton, Alex, Juninho (Bonete), ao Fernando (Bonete), Jaroslav Turan, João do Canto do Gato e Anderson Manoel de Souza (Céco) obrigada! Um agradecimento especialíssimo à minha querida amiga Tatiana M. F. Chiatti que me ajudou durante o processo do doutorado, inclusive em muitas das saídas de campo, escavações e expedições pelas matas de Ilhabela.

Profundamente agradeço às comunidades tradicionais caiçaras que apoiaram o desenvolvimento das pesquisas, muitas das quais auxiliaram os trabalhos de campo e a localização de sítios, são elas: **Comunidade Tradicional do Bonete**, muito obrigada a todos vocês, agradeço especialmente ao Seu Ditinho, André Queiróz, Sara Luz Queiróz, Celina e ao Izaqueu por toda a inestimável ajuda ao projeto. **À Comunidade Tradicional da Figueira**, em especial ao Maurício e sua esposa Beth, pelo auxílio e apoio às pesquisas realizadas junto à comunidade. **À Comunidade Tradicional da Ilha da Vitória**, em especial ao Seu Ramiro, ao Beto, a Lídia, ao Pedro e ao Seu João pelo auxílio na localização e pesquisas dos sambaquis. Agradeço a toda a **Comunidade Tradicional da Ilha dos Búzios**, em especial a Dona Ditinha e família por todo o auxílio dedicado na localização dos sítios. Agradeço também à **Comunidade Tradicional do Saco do Sombrio**, em especial ao Seu Élcio, Gimison, Pipico, Badico, Preta e Júlio, que muito auxiliaram nos levantamentos arqueológicos de toda aquela região. Agradeço a toda a **Comunidade de Castelhanos**, tanto do Canto do Gato, como do Canto do Ribeirão pelo auxílio e informações sobre os sítios. Agradeço também a toda a **Comunidade do Portinho**, em especial ao Zizinho e Thiago Motta pela dedicação nos levantamentos de dados sobre a história local. Agradeço pelo apoio

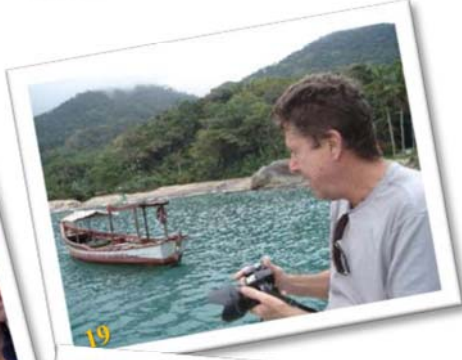
ao Anacleto da **Praia das Enxovas**, a Dona Abigail Baptista (in memoriam) da **Praia da Fome**, ao João e ao seu filho Joãozinho da **Praia do Eustáquio** também pelo auxílio na localização dos sítios.

Agradeço a minha mãe Sirlene Bendazzoli por todo o apoio e auxílio durante a realização deste trabalho e também na revisão dos textos. Agradeço aos meus queridos sobrinhos Ruy e Vicente, minhas maiores alegrias e estímulo para seguir em frente e à presença espiritual e insubstituível da Tika e da Neve, das quais, para sempre, sentirei saudades.



1. Anderson (Céco) no sítio Serraria do Veloso - Ilha de São Sebastião.
2. Badico, Preta e família no Sombrio.
3. Carol Marto, eu e Paula Bolta em Ilhabela.
4. Tiago Atorre, eu e Paula Bolta em Ilhabela.
5. D. Dorath e eu em São Paulo.
6. Eu e Joana Fava Alves na Ilha dos Pescadores.
7. Eu e Joãozinho na Vila.
8. João Faustino (Magrão) no Sítio Mendes (Histórico).
9. Comunidade da Vitória no sítio Toca do Barro Vermelho.
10. Gimison e eu travessia de canoa - Sombrio.
11. Eu, Seu Davi e o mascote no cadastramento da Toca da Paixão - Ilha dos Búzios.

- 12. Karina Sant'Anna, Dani Marcondes, eu, Winny e Wagner na Praia dos Castelhanos.
- 13. Juninho, Oêlton, Alex, eu e Dani Marcondes no Porto da Toca.
- 14. Isabella Viggiani com a coleção Viana (MAE-USP).
- 15. Maurício e Beth com a pequena Samira - Praia da Figueira.
- 16. Sara, André Queiróz, a pequena Valentina e a mascote Rara na Praia do Bonete
- 17. Menino das Pintagueiras, Marcelo Sapinho, Dani Marcondes, eu, Seu Davi e Gerson Margarido no sambaqui da Mãe Joana.
- 18. Eu e o Isaqueu, no cadastramento de sítios na Praia do Bonete.
- 19. Meu amigo Nivaldo Simões na Praia da Figueira.
- 20. Meu eterno amigo André Penin.
- 21. Seu Ramiro e eu e o barco na Praia de Santa Tereza.
- 22. Pipico e Seu Elcio, Saco do Sombrio.



Resumo

O município de Ilhabela, localizado na região insular do litoral norte do estado de São Paulo, nunca havia sido alvo de estudos voltados para o entendimento do panorama da ocupação sambaqueira, sendo considerado ausente de sambaquis, ou área de ocupação periférica. A realização de estudos de arqueologia da paisagem no arquipélago de Ilhabela resultou na localização de diversos sambaquis implantados a céu aberto ou associados a abrigos na Ilha de São Sebastião, na Ilha dos Búzios e na Ilha da Vitória. Os sambaquis dessa região são predominantemente de pequeno porte e alguns com feição muito terrosa, mas revelam a manutenção das práticas culturais tipicamente sambaqueiras como as já estabelecidas para o sul do país. As datações muito tardias dos sítios dessa região, principalmente aqueles localizados nas ilhas mais afastadas do continente, revelam que a região insular ofereceu condições para um estabelecimento sambaqueiro mais prolongado, enquanto que o continente contíguo guarda os sambaquis mais antigos, ainda que muitos tenham sido destruídos durante o período colonial conforme atestado por documentação do período. O final da presença sambaqueira em Ilhabela tem relação direta com a chegada de povos jês ao litoral, dominando e resignificando áreas de domínio e marcos paisagísticos sambaqueiros até mesmo nas ilhas mais distantes.

PALAVRAS-CHAVE

Paisagem - Litoral – Ilhabela – Sambaqui – Jê

Abstract

The municipality of Ilhabela, located at the insular region of São Paulo's north coast, had never been the object of studies dedicated to understanding the overview of the shell mound builders settlements, frequently being considered either an area with absence of shell mounds or an area of peripheral occupation/settlement. The attainment of studies within the field of Landscape Archaeology at the archipelago of Ilhabela resulted in the localization of several shell mounds, both open air or related to shelters in the following islands: Ilha de São Sebastião, Ilha dos Búzios and Ilha da Vitória. Although the shell mounds in this area are predominantly small, some of them presenting quite earthy features, they demonstrate the maintenance of cultural practices typically related to shell mound builders, such as those established for the southern portion of the country. The very late dates obtained for the sites in this area, mainly for those located at the islands more distant to the continent, evidence that the insular region provided conditions for a prolonged settlement of shell mound builders. The contiguous continent holds the older shell mounds, although many of them were destroyed during the colonial period, as attested by historical documentation. The end of shell mound builders presence at Ilhabela relates directly related to the arrival of jê populations at the coast, dominating and redefining landmarks and areas previously dominated by shell mound builders, even in remote islands.

KEY WORDS:

Landscape - Coast – Ilhabela – Shell Mounds – Jê

ÍNDICE

Introdução	18
Capítulo 1 - O Arquipélago de Ilhabela	26
1.1 - Breve histórico da ocupação de Ilhabela	48
1.2 - O contexto arqueológico e etnohistórico macrorregional	62
1.2.1 - Os povos Tupi e Macro-Jê	65
1.2.2 - Os sítios cerâmicos	74
1.2.3 - Os sambaquis e os “acampamentos litorâneos”	80
Capítulo 2 - Teoria e Métodos	99
Capítulo 3 - Os sambaquis de Ilhabela	109
3.1 - Descrição	115
3.1.1 - Ilha de São Sebastião, Face Oeste (Face do Canal)	115
3.1.2 - Ilha de São Sebastião, Face Leste (Costa do Mar Grosso)	121
a) Toca do Eustáquio	124
b) Toca do Caramujo	138
c) Polidor da Figueira	132
d) Toca do Mirante	137
e) Porto da Toca	140
3.1.3 - Ilha dos Búzios	144
a) Porto do Meio	145
b) Abrigo Guanxumas	148
c) Mãe Joana	151
d) Toca da Paixão	155
e) Toca da Caveira	158
3.1.4 - Arquipélago da Vitória	161
a) Costão (Ilha da Vitória)	162
b) Toca do Barro Vermelho (Ilha da Vitória)	166
c) Abrigo do Beto (Ilha da Vitória)	169
d) Abrigo Sul (Ilha da Vitória)	172
e) Toca do Ramiro (Ilha da Vitória)	175
f) Toca do Gentio (Ilha da Vitória)	178
g) Terra Preta (Ilha dos Pescadores)	181
h) Paredão (Ilha dos Pescadores)	184

3.2 - Composição	186
3.3 - Cronologia de ocupação sambaqueira	193
3.4 - Distribuição e implantação dos sambaquis em Ilhabela	201
Capítulo 4 - As escavações	214
4.1 - O sambaqui Abrigo Furnas	218
4.2 - O sambaqui Abrigo Sul	229
Capítulo 5 - Os vestígios	241
5.1 - O contexto funerário	244
5.1.2 - Análise de isótopos estáveis	259
5.2 - Os artefatos líticos	263
5.3 - A cerâmica	270
5.3.1 - A cerâmica sobre os sambaquis	272
5.3.2 - A Coleção do Sítio Viana	276
5.3.3 - A Coleção do Sítio Barra Velha 3	282
5.4 - A cronologia de ocupação ceramista	288
Capítulo 6 - A Guardiã da Toca	293
Capítulo 7 - A ocupação sambaqueira	305
7.1 - Composição e cultura material	306
7.2 - Aspectos formativos e funcionais	313
7.3 - Ritual funerário	319
7.4 - Monumentalidade	323
7.5 - Sambaquis em abrigo: fuga, proteção ou destaque	326
7.6 - A ocupação sambaqueira continental e insular	332
7.7 - Mobilidade, dispersão e adaptação	337
7.8 - Final da era sambaqueira e suas implicações na construção dos sítios	341
Capítulo 8 - A presença Jê	349
Capítulo 9 - O cenário colonial e a destruição dos sambaquis	361
Conclusões	372
Referências Bibliográficas	385

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Mapa com destaque ao litoral paulista e território insular	27
Figura 2 - Mapa do litoral norte de São Paulo	30
Figura 3 - Curvas de oscilação nível marinho da macrorregião litorânea	31
Figura 4 - Perfil de relevo da Ilha de São Sebastião	32
Figura 5 - Mapa de relevo da Ilha de São Sebastião	33
Figura 6 - Perfil da cadeia de montanhas que divide a Ilha de São Sebastião	34
Figura 7 - Mapa de população da Ilha de São Sebastião na década de 50	36
Figura 8 - Mapa geológico da Ilha dos Búzios	38
Figura 9 - Mapa terrestre da Ilha dos Búzios	39
Figura 10 - Mapa geológico da Ilha da Vitória	42
Figura 11 - Mapa terrestre da Ilha da Vitória	44
Figura 12 - Mapa dos contornos do Parque Estadual de Ilhabela	46
Figura 13 - Mapa das áreas de preservação APA – Marinha do litoral norte	47
Figura 14 - Mapa dos vestígios edificadas na Ilha de São Sebastião na déc. 50	55
Figura 15 - Mapa de localização dos aparelhos de pesca na Ilha de São Sebastião	56
Figura 16 - Mapa da ação do homem sobre a vegetação da Ilha de São Sebastião	58
Figura 17 - Mapa dos sítios pré-coloniais da face do canal de Toque-Toque	118
Figura 18 - Mapa dos sítios pré-coloniais da face do mar grosso	124
Figura 19 - Mapa dos sítios pré-coloniais da Ilha dos Búzios	145
Figura 20 - Mapa dos sítios pré-coloniais da Ilha da Vitória	162
Figura 21 - Gráfico de composição das amostras dos sambaquis de Ilhabela	189
Figura 22 - Gráfico das datas calibradas dos sambaquis de Ilhabela	196
Figura 23 - Gráfico das datas compartimentadas por ilhas	198
Figura 24 - Mapa com localização dos sambaquis escavados em Ilhabela	217
Figura 25 - Mapa de localização da Praia das Furnas	218
Figura 26 - Imagem aérea da área do Sítio Abrigo Furnas	219
Figura 27 - Planta das sondagens no sítio Abrigo Furnas	222
Figura 28 - Perfil esquemático da estratigrafia do Abrigo Furnas com detalhe do sepultamento	224
Figura 29 - Croqui da escavação do sítio Abrigo Sul	231

Figura 30 - Perfil estratigráfico da sondagem no Abrigo Sul	233
Figura 31 - Imagem da Barra Velha no início do século XX	282
Figura 32 - Gráfico das datações das ocupações ceramistas em Ilhabela	290
Figura 33 - Gráfico das datações ceramistas compartimentadas por ilhas	292
Figura 34 - Mapa de localização do sítio rupestre	294
Figura 35 - Ilustração dos componentes básicos do microscópio Raman	299
Figura 36 - Espectros do Raman na análise do pigmento da arte rupestre	301
Figura 37 - Perfil estratigráfico do sítio Tenório	318
Figura 38 - Gráfico comparativo de datas dos sítios em abrigo e a céu aberto	331
Figura 39 - Gráfico de datações calibradas dos sambaquis do litoral norte de SP	338
Figura 40 - Gráfico comparativo entre datas sambaqueiras e jês	343
Figura 41 - Mapa da dispersão territorial Jê em território paulista	351

LISTA DE PRANCHAS

Prancha 1 – Exploração do solo no Litoral Norte Paulista	37
Prancha 2 – A Ilha dos Búzios	40
Prancha 3 – A Ilha da Vitória	45
Prancha 4 – Villa Bella da Princesa	52
Prancha 5 – Construções e práticas tradicionais	59
Prancha 6 – Mapas antigos com localização das etnias indígenas no litoral norte	72
Prancha 7 – Mapa antigo com cadeias de montanhas na Ilha de São Sebastião	113
Prancha 8 – Ocupação antiga da face do canal na Ilha de São Sebastião	119
Prancha 8A – Ocupação recente da face do canal na Ilha de São Sebastião	120
Prancha 8B – Costeiras e relevo da face do mar grosso da Ilha de S. Sebastião	123
Prancha 9 – Sítio Toca do Eustáquio (Ilha de São Sebastião)	127
Prancha 10 – Sítio Toca do Caramujo (Ilha de São Sebastião)	131
Prancha 11 – Polidor da Figueira (Ilha de São Sebastião)	136
Prancha 12 – Sítio Toca do Mirante (Ilha de São Sebastião)	139
Prancha 13 – Sítio Porto da Toca (Ilha de São Sebastião)	143
Prancha 14 – Sítio Porto do Meio (Ilha dos Búzios)	147
Prancha 15 – Sítio Abrigo Guanxumas (Ilha dos Búzios)	150
Prancha 16 – Sítio Mãe Joana (Ilha dos Búzios)	154
Prancha 17 – Sítio Toca da Paixão (Ilha dos Búzios)	157
Prancha 18 – Sítio Toca da Caveira (Ilha dos Búzios)	160
Prancha 19 – Sítio Costão (Ilha da Vitória)	165
Prancha 20 – Sítio Toca do Barro Vermelho (Ilha da Vitória)	168
Prancha 21 – Sítio Abrigo do Beto (Ilha da Vitória)	171
Prancha 22 – Sítio Abrigo Sul (Ilha da Vitória)	174
Prancha 23 – Sítio Toca do Ramiro (Ilha da Vitória)	177
Prancha 24 – Sítio Toca do Gentio (Ilha da Vitória)	180
Prancha 25 – Sítio Terra Preta (Ilha dos Pescadores)	183
Prancha 26 – Sítio Paredão (Ilha dos Pescadores)	185
Prancha 27 – Escavação do sítio Abrigo Furnas	227

Prancha 28 – Vestígios arqueológicos do sítio Abrigo Furnas	228
Prancha 29 – Escavação do sambaqui Abrigo Sul	235
Prancha 30 – Vestígios arqueológicos do sítio Abrigo Sul	236
Prancha 31 – Vestígios arqueológicos do sítio Toca do Ramiro	248
Prancha 32 – Vestígios arqueológicos do sítio Toca da Caveira	254
Prancha 33 – Vestígios ósseos do sítio Toca da Caveira	255
Prancha 34 – Falange humana do sambaqui Abrigo Sul	258
Prancha 35 – Material lítico dos sambaquis de Ilhabela (parte 1)	265
Prancha 36 – Material lítico dos sambaquis de Ilhabela (parte 2)	266
Prancha 37 – Material lítico dos sítios cerâmicos de Ilhabela	268
Prancha 38 – Material cerâmico sobre os sambaquis de Ilhabela	275
Prancha 39 – Material do sítio Viana	281
Prancha 40 – Material do sítio Barra Velha 3	285
Prancha 41 – A Guardiã da Toca	304
Prancha 42 – Sambaqui Jaraguá 1	336

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 - Gastrópodes marinhos consumidos e utilizados na construção dos sambaquis	190
Tabela 2 - Datações calibradas dos topos dos sambaquis de Ilhabela	195
Tabela 3 - Perfil de Elevação dos sítios na Ilha de São Sebastião	202
Tabela 4 - Perfil de Elevação dos sítios na Ilha dos Búzios	206
Tabela 5 - Perfil de Elevação dos sítios na Ilha da Vitória	210
Tabela 6 - Datação de base do sambaqui Abrigo Sul	238
Tabela 7 - Proporção da variedade de peixes nas camadas do sambaqui Abrigo Sul	239
Tabela 8 - Dados sobre o pescado consumido pelos sambaquieiros do Abrigo Sul	240
Tabela 9 – Taxas de isótopos estáveis obtidas do material ósseo humano	261
Tabela 10: Sambaquis de Ilhabela com cerâmica em superfície	273
Tabela 11: Distribuição do material arqueológico no sítio Viana	279
Tabela 12 – Proporção de fragmentos diagnóstico do sítio Barra Velha 3	283
Tabela 13 – Reconstituição da cerâmica dos topos dos sambaquis e das aldeias	286
Tabela 14 – Datação das amostras cerâmicas dos sítios de Ilhabela	289
Tabela 15 – Datação calibrada do sambaqui Jaraguá 1	334
Tabela 16 – Datações calibradas dos sítios Tenório e Mar Virado	338

INTRODUÇÃO

O litoral brasileiro possui significativo número de sítios arqueológicos pré-coloniais e coloniais já conhecidos da comunidade científica. O estudo desses sítios permite o aprofundamento do conhecimento acerca da ocupação do litoral pelos primeiros conquistadores e é de grande relevância no entendimento dos padrões de assentamento das populações que ocuparam essa região em período anterior a chegada dos europeus.

Pesquisas arqueológicas realizadas em diferentes porções desse extenso litoral apontam a existência de vestígios que remetem ao estabelecimento de povos ceramistas e de populações formadoras dos denominados sambaquis¹ em tempos pré-coloniais. Estes últimos, construídos principalmente entre 6000 e 1000 anos atrás, são encontrados em paisagens específicas do território brasileiro, presentes em grande parte da costa desde o litoral do Rio Grande do Sul até a Bahia e do Maranhão até o Pará, incluindo o baixo Amazonas (Gaspar 2000).

Ao longo de muitos anos os sambaquis sofreram constantes intervenções devidas à exploração de cal usada em construções coloniais e em atividades posteriores a esse período, como a mais interventiva delas, a crescente expansão imobiliária ocorrida no litoral, principalmente, a partir da década de 1950. Contudo, vestígios da ocupação sambaqueira sobreviveram a essa intensa exploração e, ainda que muitos tenham ficado parcialmente destruídos, outros ainda se encontram preservados, permitindo a realização de pesquisas científicas.

Intervenções que objetivavam compreender aspectos inerentes à construção, manutenção, função e uso de cada sambaqui em particular ou em associação com outros vestígios e sítios, vêm sendo realizadas há quase dois séculos por diversos estudiosos no país. Porém, a forma de se abordar a pesquisa arqueológica, principalmente no que concerne a proposição de questões relativas aos aspectos formativos, funcionais e ao padrão de assentamento dos sambaquis brasileiros, sofreu grandes transformações, principalmente, nos últimos 20 anos. Tais mudanças decorreram de novas abordagens desenvolvidas por grandes

¹ Sambaqui, cujo significado na língua Tupi é monte de concha (*tamba* = mariscos e *ki* = amontoado), é a palavra utilizada pelos arqueólogos para designar certos tipos de sítios arqueológicos, construídos a partir do acúmulo de conchas ao longo de muitos anos pelos grupos de pescadores-caçadores-coletores. Tais sítios são constituídos principalmente de empilhamentos de conchas de moluscos, entre outros restos provenientes da fauna marinha e terrestre, assim como de estratos arenosos ou terrosos, totalmente diferentes dos demais tipos de sítios arqueológicos existentes no país.

projetos de pesquisa, em especial aqueles que envolveram a participação de pesquisadores de diferentes áreas, contribuindo com novas perspectivas teóricas no estudo desse tipo de sítio.

Com a adoção de novos paradigmas de pesquisa, com enfoques menos pontuais e uma abordagem regional, a investigação arqueológica da intensa ocupação sambaqueira ocorrida na costa brasileira em período pré-colonial, superou o modelo adotado anteriormente por parte da comunidade científica. Tal modelo considerava que essas sociedades sambaqueiras teriam dependido quase que exclusivamente dos bancos de moluscos para sobreviver e que seriam constituídas de “bandos” de coletores com grande mobilidade territorial, baixa demografia e com padrão de organização social simples e igualitário, e que tardiamente teriam “evoluído” para uma economia pesqueira (Beck 1972, Prous & Piazza 1977, Garcia & Uchôa 1980, Dias Jr. 1972, entre outros).

Investigações arqueológicas realizadas a partir da década de 90 em diferentes regiões do país trouxeram nova visão a respeito dos sambaquis costeiros (DeBlasis et alli 1998a; Gaspar 1999 e 2000; Lima & Mazz 1999; Lima 1999/2000; Afonso & DeBlasis 1994; Figuti & Klökler, 1996; Gaspar & DeBlasis, 1992), algumas das quais apontam que esses sítios foram monumentos intencionalmente construídos por um povo em processo de sedentarização e adensamento demográfico (Fish et alli, 2000; DeBlasis 2005; DeBlasis & Gaspar 2008/2009).

Resultados obtidos com as pesquisas arqueológicas realizadas em Santa Catarina - enfocando os processos de construção dos grandes sambaquis do sul do Brasil - propõem que pelo menos os grandes *mounds* resultem de atividades recorrentes de caráter cerimonial de longa duração relacionado ao culto dos ancestrais, e que essas atividades são um fenômeno central da caracterização cultural da sociedade sambaqueira e sua identidade étnica e territorial (Fish et alli 2000). Este modelo considera que os sambaquis foram erigidos a partir da realização de atividades funerárias de caráter comunal, cuja reiteração continuada ao longo de séculos se encontra registrada arqueologicamente através de eventos estratigráficos incrementais, resultando, muitas vezes, nas dimensões monumentais que esses sítios exibem no sul do Brasil (Fish et alli 2000; Bendazzoli-Simões 2007). Esta leitura considera que os sambaquis não são apenas cemitérios comunais, mas também monumentos de grande significação simbólica, marcos paisagísticos carregados de sentido para as comunidades da região, sentido este reiterado continuamente por várias gerações.

A partir dessa nova perspectiva, os aspectos simbólicos e ritualísticos, antes pouco relevantes no estudo dos processos de construção dos sambaquis, adquirem outro valor. Ou seja, a associação entre a prática regular (e intensiva) de cerimônias funerárias e a construção do próprio sítio passa a assumir importância central na investigação arqueológica. O corolário desta perspectiva é que se os sambaquis são o resultado de cultos e rituais funerários coletivos realizados recorrentemente por longos períodos, isso certamente reflete grande estabilidade territorial, econômica e cultural, além de uma significativa expansão demográfica com padrões elaborados, e cada vez mais complexos, de organização social e política (Fish et alii 2000; DeBlasis & Gaspar 2008/2009).

Partindo da premissa que os sambaquis são estruturas intencionalmente erigidas centradas na realização de enterramentos e cultos funerários, considera-se que também a escolha do local de implantação dos sítios e a relação existente entre sambaquis e paisagem possam também estar diretamente relacionadas às questões simbólicas. Considera-se ainda que a escolha das áreas a serem implantados os sítios possa ter como marco definidor a possibilidade que determinada paisagem oferece no sentido de promover a manutenção da prática cultural e ritualística, seja pela oferta de elementos necessários à manutenção dessas ações, seja pelo posicionamento em local estratégico do assentamento, ou ambos. Nesse sentido o estudo do padrão de assentamento das populações sambaquieiras de determinada região permite a investigação da inter-relação existente entre os indivíduos e a apropriação que fazem da paisagem ao redor, e dos fatores que evidenciam ou não a existência de um padrão de assentamento de âmbito regional.

Os recentes estudos sistemáticos concentrados principalmente no litoral sul de Santa Catarina trouxeram a luz aspectos relativos ao modo de vida dos construtores de sambaquis, entretanto, não dão conta de uma considerável variabilidade relativa à estrutura, composição e inserção na paisagem que os sambaquis exibem em âmbito regional e macro-regional. Investigações naquela região ainda estão sendo desenvolvidas no sentido de compreender a inter-relação entre sambaquis e paisagem, de modo que não se pode generalizar o modelo proposto para o sul de Santa Catarina para os demais sambaquis da região e do restante do país - uma vez que os sítios podem ter sido gerados a partir de processos distintos.

A realização de comparações e associações entre o padrão de construção e implantação dos sambaquis de diferentes regiões fica comprometida pela escassez de

pesquisas sistemáticas nos sambaquis das demais regiões da costa brasileira. Essa escassez também dificulta o entendimento das dinâmicas de trocas possivelmente ocorridas entre grupos sambaquieiros e entre estes e outras etnias indígenas e que podem ter interferido diretamente na identidade cultural dos sambaquieiros e na construção dos sambaquis. A ausência de datações de muitos dos depósitos já identificados não permite o estabelecimento de uma cronologia de ocupação das áreas e prejudica o entendimento de uma possível concomitância na construção desses sítios.

No que concerne à região sudeste, mais especificamente na costa paulista, a realização de pesquisas em sambaquis principalmente do litoral sul (Baixada Santista, Cananéia, Iguape, Ilha Comprida e Cubatão), possibilitou a obtenção de informações iniciais sobre o processo de ocupação sambaquieira nessa porção do litoral. Mas, pelo fato da maioria das pesquisas ter se desenvolvido de modo pontual e pouco sistemático, ou por estarem centradas nas análises específicas dos remanescentes das escavações – apesar de contribuírem significativamente para o estudo dos sambaquis paulistas - não abrangeram muitos dos diferentes aspectos envolvidos no processo de ocupação das populações sambaquieiras em âmbito regional.

No litoral norte do Estado de São Paulo, considerado um vazio sambaquieiro ou área de passagem de populações estabelecidas há tempos no litoral, foram identificados apenas dois sítios: Tenório e Mar Virado, em Ubatuba. Ambos os sítios foram alvos de escavações sistemáticas e estudos de coleções entre as décadas de 1970 e 1990, sendo considerados “não sambaquis” devido aos seus tamanhos reduzidos, pacotes rasos e pouca quantidade de conchas. Porém, devido à presença de conchas, ossos de peixes e sepultamentos nesses depósitos, os sítios do litoral norte paulista foram classificados como “acampamentos litorâneos” e associados a uma origem distinta da cultura sambaquieira “clássica” verificada para o sul do país (Uchôa 1973; Garcia 1972; Nishida 2001 e Silva 2005).

No litoral sul paulista os estudos relacionados ao padrão de assentamento das populações sambaquieiras foram desenvolvidos somente nos anos 1990 e início desta década na região de Cananéia e Iguape (Bonetti 1997 e 2004), enquanto que no litoral norte paulista, estudos de arqueologia da paisagem foram desenvolvidos na Ilha Anchieta e em Ubatuba somente na última década (Amenomori 2005). Nesse ínterim, os municípios continentais do litoral norte paulista e o arquipélago de Ilhabela receberam maior atenção nos estudos de arqueologia histórica (Bornal 1996 e 2008; Cali 2003), ficando os sambaquis ou os

denominados “acampamentos conchíferos” do litoral, pela primeira vez, relegados ao segundo plano nas pesquisas arqueológicas daquela região.

A partir de 2007, o desenvolvimento de investigações sistemáticas em Ilhabela² propiciou a identificação e escavação do sambaqui Abrigo Furnas, bem como a análise do primeiro remanescente esquelético humano encontrado naquele município. Resultou, também, na obtenção da primeira datação arqueológica do arquipélago, remontando há pelo menos $1920 \pm 40AP$ ³ a ancestralidade da ocupação sambaqueira naquele território (Bendazzoli et alii 2009). O desenvolvimento desses estudos numa região, até então, carente de pesquisas, propiciou uma primeira interpretação sobre a forma de ocupação humana ocorrida nesse município insular. As informações adquiridas com os trabalhos de campo realizados em Ilhabela permitiram levantar questões e testar diferentes hipóteses a respeito das populações pretéritas, de forma que fosse possível definir ou redefinir esquemas conceituais, contribuindo, ainda que de forma preliminar, para a formação de um quadro de ocupação regional (Bendazzoli 2011).

Os resultados obtidos com as primeiras investigações dos sambaquis de Ilhabela contrariaram a historiografia colonial que apontava que aquele arquipélago não tinha sido habitado por quaisquer populações humanas até a chegada dos primeiros colonizadores⁴, e também a teoria do suposto isolamento proporcionado pela geografia acidentada da região, refletindo o grande desconhecimento existente em relação às populações pré-coloniais do litoral norte paulista. Especialmente para o município de Ilhabela, percebeu-se a necessidade urgente do desenvolvimento de pesquisas arqueológicas sistemáticas norteadas por conceitos teórico-metodológicos próprios dessa ciência, uma vez que os primeiros levantamentos realizados já mostraram um enorme potencial para a presença de sambaquis em toda a região.

Nesse contexto, a realização da presente pesquisa buscou uma melhor compreensão da ocupação sambaqueira ocorrida em Ilhabela e, através dos estudos e da comparação entre os sítios arqueológicos localizados neste município e região, procurou fornecer subsídios para o entendimento do panorama da ocupação sambaqueira ocorrido no litoral norte paulista. Especificamente no caso dos estudos de populações sambaqueiras da costa, cuja estreita e

² Realizadas através do Projeto de Gestão e Diagnóstico do Patrimônio Arqueológico de Ilhabela (GEDAI) concebido e coordenado pela autora deste trabalho.

³ Datação calibrada realizada no laboratório *Beta Analytic*, Miami, em 2008.

⁴ Gaspar Conqueiro, Capitão Mor, em despacho de 26 de janeiro de 1608, citado por Almeida (1958).

indissociável relação com os ambientes estuarinos já é conhecida da comunidade científica (Ab'Saber 1984, Cruz 1984, Martin et al 1984), a realização de pesquisas em um município totalmente insular e que abriga diferentes micro-ambientes, pode contribuir para o entendimento dos processos adaptativos por que passaram os construtores de sambaquis, que possam ter resultado na existência de um ou mais padrões de ocupação.

As pesquisas desenvolvidas nas diferentes ilhas do arquipélago permitiram também contribuir para a compreensão da forma como o afastamento do continente, com suas planícies inundáveis e manguezais, foram ou não um fator decisivo (ou pouco importante) na determinação dos locais de implantação dos sítios e nas características dos assentamentos. O entendimento do padrão de ocupação do arquipélago e da apropriação da paisagem por esses povos, somados ao estudo da cronologia de ocupação e da concomitância na construção e/ou uso dos sítios dentro do arquipélago e fora dele, visa auxiliar no entendimento da apropriação e do uso do espaço e das relações existentes entre homens e paisagem na qual se insere o litoral norte paulista. Espero ainda que, ao final dessa pesquisa, os dados levantados sejam significativos e suficientes para tecer paralelos com os dados existentes para o sul fluminense e permitam contribuir com as discussões a respeito das dinâmicas de ocupação e uso do espaço dessa macrorregião litorânea que une geográfica, etnográfica e cientificamente os estados de São Paulo e Rio de Janeiro.

Além do entendimento da ocupação sambaqueira de Ilhabela, cerne principal deste trabalho, as pesquisas arqueológicas aqui apresentadas revelaram a existência de vestígios cerâmicos de origem Aratu constantemente associados aos sambaquis do arquipélago. Esses vestígios, localizados comumente na superfície dos sítios, não haviam sido anteriormente localizados no litoral paulista, sobretudo em áreas insulares, sendo esta ocupação já conhecida para o interior paulista na divisa com o sul de Minas Gerais e em alguns pontos do Vale do Paraíba (Fernandes 2001; Afonso 2005; Morais 1995 e 1999/2000, entre outros).

A presença Aratu no arquipélago de Ilhabela, e sua relação com os depósitos sambaqueiros, tornaram-se cada vez mais marcantes na medida em que os sambaquis passaram a ser investigados em maior detalhe e que datações arqueológicas e estudos de cronologia entre os sítios puderam ser estabelecidos. E, ainda que o presente estudo esteja centrado na questão da ocupação sambaqueira no arquipélago de Ilhabela, os dados iniciais levantados com esta pesquisa permitiram a obtenção de informações importantes que podem

contribuir para um melhor entendimento do final da ocupação sambaquieira e sua relação com o início da presença ceramista e a dispersão desta última pelo arquipélago de Ilhabela. Uma breve abordagem voltada aos vestígios ceramistas permitirá, também, contribuir para o entendimento da utilização de um espaço sagrado sambaquieiro, dedicado aos enterramentos e ao culto aos mortos, e sua resignificação por uma população ceramista posterior à fase de maior expansão sambaquieira na região. Este trabalho não enfoca as detalhadas especificidades do material cerâmico e as particularidades da presença de índios ceramistas em Ilhabela, contudo, a localização e identificação da cerâmica Aratu - de origem Macro-Jê - também permitem ampliar as discussões acerca da ocupação do litoral paulista em período pré-colonial, e de contato, normalmente centradas na ocupação Tupiguarani.

Por fim, a presente pesquisa trás à luz informações sobre como a presença colonizadora favoreceu a destruição dos depósitos conchíferos de grande vulto e que ofereciam maior volume de conchas para construções, o que também contribuiu para a criação da falsa idéia de vazío populacional sambaquieiro no arquipélago. Revela também, como os sambaquis de toda a região litorânea adjacente à Ilhabela - e até outras mais distantes como o litoral de Santos - foram significativamente impactados para a realização das construções coloniais no norte paulista. Para tal são utilizados dados provenientes de documentos inéditos datados de meados do século XVIII que foram levantados a partir de incursões à Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro.

Sendo assim, o presente trabalho encontra-se organizado da seguinte forma:

O primeiro capítulo apresenta o arquipélago de Ilhabela em seus aspectos, físicos, geográficos e ambientais. Nesse capítulo também é tratado o contexto arqueológico e histórico da macrorregião que inclui o arquipélago de Ilhabela e áreas adjacentes como a porção continental litorânea paulista (Ubatuba, Caraguatatuba e São Sebastião), sul fluminense (Baía de Ilha Grande), além do Vale do Paraíba Paulista. A inclusão dessas áreas adjacentes se justifica pelo fato de que, somente através do entendimento do contexto arqueológico e histórico regional é possível tratar da questão da ocupação e da apropriação da paisagem em Ilhabela, arquipélago intrinsecamente relacionado às dinâmicas locais e continentais externas a ele.

O segundo capítulo está centrado na apresentação das diretrizes teórico-metodológicas que direcionaram a elaboração do presente trabalho, incluindo as relacionadas aos estudos

documentais e transcrições paleográficas que foram necessárias à elaboração de parte deste trabalho. A descrição dos sítios arqueológicos localizados no arquipélago de Ilhabela, suas especificidades, tipologia, distribuição territorial e cronologia são aspectos tratados no Capítulo 3.

O Capítulo 4 apresenta as escavações já realizadas em sambaquis do arquipélago de Ilhabela, trazendo à luz informações sobre conteúdo, estratigrafia, composição, presença de sepultamentos e rituais funerários relacionados à formação dos sítios. A descrição dos vestígios encontrados durante as etapas de cadastramento e escavações, nos quais se incluem os artefatos líticos, osteodontomalacológicos e adornos, bem como os vestígios cerâmicos de origem Aratu localizados sobre os sambaquis está presente no Capítulo 5, enquanto que o Capítulo 6 apresenta a descoberta da arte rupestre “Guardiã da Toca” localizada no sul da Ilha de São Sebastião.

No Capítulo 7 está contida a discussão sobre a presença e a ocupação sambaqueira no arquipélago de Ilhabela em suas diversas nuances como a existência de sambaquis em abrigo e em áreas bastante elevadas em relação ao nível marinho atual. Neste capítulo é também abordada a questão da classificação relativa aos sítios tidos como “acampamentos litorâneos” tecendo paralelos com os dados já existentes para outras regiões com presença dos ditos “sambaquis clássicos”. O Capítulo 8 destaca a presença dos povos origem Macro-Jê no arquipélago, sua cronologia de ocupação, bem como a relação entre os vestígios localizados sobre os sambaquis e aqueles existentes nos aldeamentos Jês já localizados em Ilhabela.

O Capítulo 9 apresenta um breve panorama da destruição dos sambaquis de grande porte, localizados nas regiões adjacentes ao arquipélago de Ilhabela, visando à utilização das conchas nas construções coloniais e a conseqüente contribuição dessas ações para a criação da falsa impressão de vazio sambaqueiro na região. Por fim são apresentadas as conclusões deste trabalho e suas contribuições para o aprofundamento do conhecimento sobre a ocupação pré-colonial de Ilhabela e litoral norte paulista.

1. O ARQUIPÉLAGO DE ILHABELA

“Um dos pontos mais salientes do nosso littoral é aquelle onde repousa a pitoresca cidade de São Sebastião, collocada em uma fita estreita de terreno, apertada entre a altaneira serra do Mar e as águas calmas e azues do canal, tal qual um dos decantados lagos da poética Suissa ou da formosa Itália do Norte. Estas águas tranqüillas separam-na da Ilha de S. Sebastião, onde quasi em frente se acha apoiada na encosta duma colina suave e encantadora a cidade de Villa Bella, outr’ora chamada Villa Bella da Princeza. Esta cidade acha-se abrigada por uma série de montanhas, parecendo mais situada em um amphitheatro de serras e tendo como atalaya o Pico do Baipy, que lhe fica a cavalleiro, e cujos penhascos vão até as raias da faixa povoada. São bellos os panoramas que offerecem as duas cidades collocadas nas margens do braço de mar, que fórma o chamado Porto de São Sebastião e que é um dos melhores e de mais futuro do Estado” (João P. Cardoso, 1919).

Ilhabela está localizada no Litoral Norte do Estado de São Paulo, distando 210 km da capital São Paulo e 350 km da cidade do Rio de Janeiro. Este município totalmente insular ocupa a extensão de 33.600ha, e é formado pela Ilha de São Sebastião, com 346 km², e outras tantas bem menores como a Ilha dos Búzios, Ilha da Vitória, Ilha dos Pescadores⁵ (habitadas) e mais os ilhotes das Cabras, Serraria, Castelhanos, Lagoa, Figueira e das Enchovas.

A Ilha de São Sebastião, que abriga a sede do município, dista de 1,8 a 8 km do continente e seu acesso é feito através da balsa (SEMA 1989). As demais ilhas habitadas do arquipélago são ocupadas por famílias tradicionais caiçaras e somente são acessadas por meio de embarcações menores. A estrada principal que corta a Ilha de São Sebastião de norte a sul pela face oeste, não a circunda, limitando o acesso de veículos a algumas das praias do norte, sul e face leste. A única estrada que atravessa o interior da ilha, interligando a face leste (Baía de Castelhanos) à face oeste voltada para o canal de Toque-Toque⁶, somente pode ser utilizada em períodos de pouca chuva⁷.

⁵ A Ilha dos Pescadores também é denominada localmente de Ilha Pequena ou Ilha do Paredão.

⁶ O “Canal de Toque –Toque” é também chamado “Canal de São Sebastião”. Nesse trabalho é dada preferência ao uso do termo indígena “Toque-Toque”.

⁷ As recentes obras de melhorias da Estrada de Castelhanos realizadas entre 2012 e 2013 tornaram-na mais trafegável mesmo em períodos de chuva, mas sabiamente restringiram o acesso a veículos de passeio visando à proteção ambiental do Parque Estadual de Ilhabela, através do qual a estrada atravessa de lado a lado da Ilha de São Sebastião.

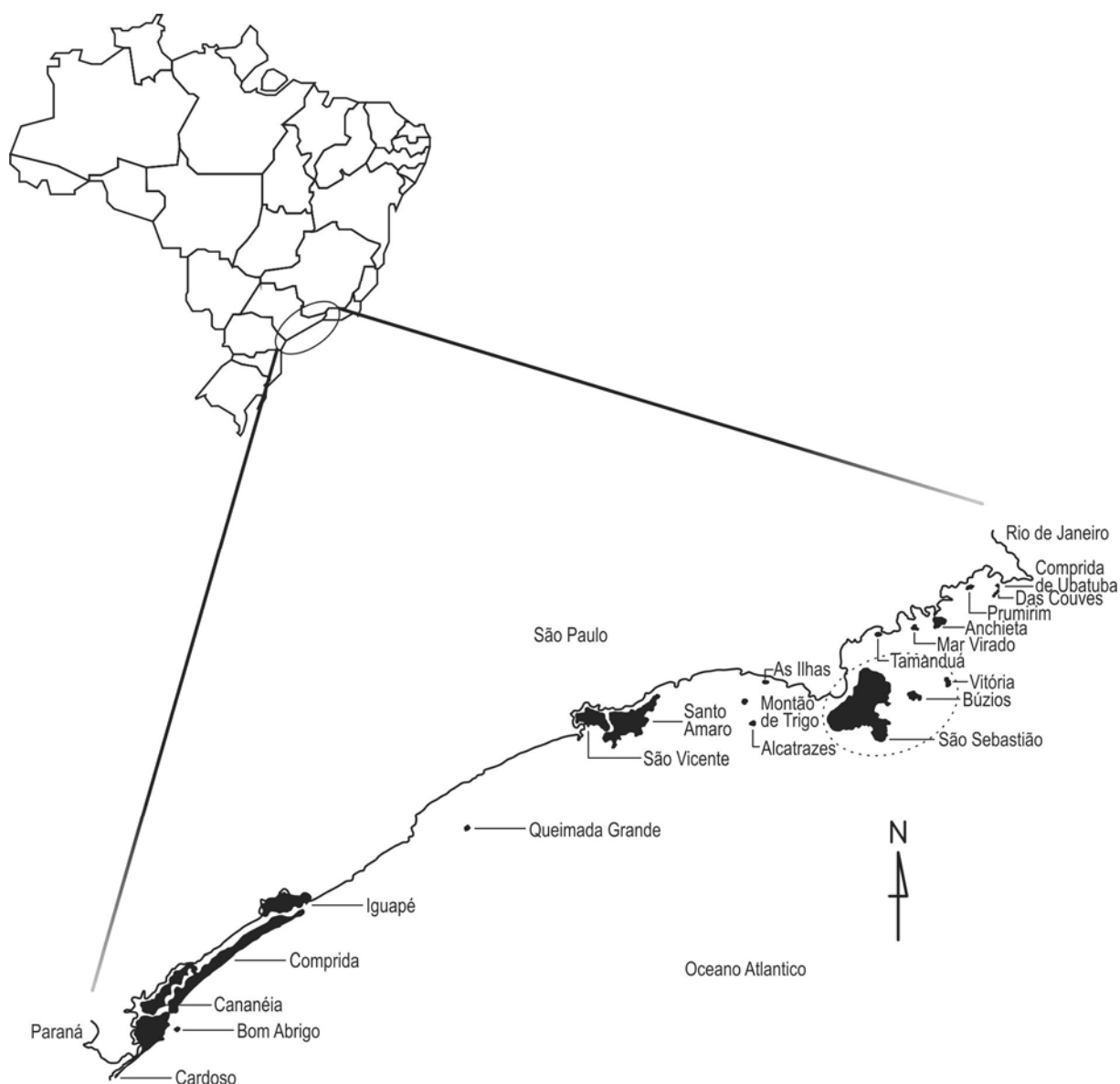


Figura 1 - Mapa com destaque ao litoral paulista e território insular.

O litoral norte, composto pelo arquipélago de Ilhabela e pelos municípios de São Sebastião, Caraguatatuba e Ubatuba, “é domínio da montanha” (França 1951:18), sendo todos limitados pela crista da Serra do Mar e pela linha costeira. Espremidas entre a serra abrupta e o mar, as praias e enseadas dessa região são entrecortadas por rios de corredeiras e a exposição do maciço rochoso em várias delas acompanha a presença de abrigos, muitos dos quais se encontram, parcial ou completamente, submersos (Poletto et al 2009).

Suas planícies cultiváveis, seus mínimos relevos mais retilíneos e suas tocas formadas nos afloramentos rochosos, contrastam com o restante do litoral sul paulista e norte

fluminense formados por planícies mais extensas, mangues e áreas estuarinas. Enquanto que, no litoral norte de São Paulo, *“as escarpas da Serra do Mar e as elevações das principais ilhas, localmente entalhadas por ativa erosão, ou batidas diretamente pelo mar, deixaram pouco espaço ao desenvolvimento de baixadas. Estas, extensas além dos limites desta costa (região de Santos para oeste e nos litorais fluminenses), não passam aqui, geralmente, de pequenas planícies de aluviões terrestres ou praias estreitas, alojadas nas reentrâncias das baías e sacos, ou nas águas tranqüilas dos canais de separação das principais ilhas”* (França 1951:18).

Nessa região, a ocorrência de falhamentos de grandes extensões contribuiu para a configuração do relevo, que se apresenta longo, estreito e constituído pelas escarpas marítimas de rebordo do planalto e por numerosas pequenas planícies, morros e colinas costeiras. Segundo (França 1951), *“em nenhuma outra porção, a costa brasileira apresenta paisagens mais acidentadas, com todos os característicos de um relevo jovem. O litoral aqui é uma franja perfeitamente delimitada pelo rebordo do planalto, onde a recortada e geralmente abrupta linha de separação com o oceano se amolda à tectônica continental, às direções locais das rochas ou aos blocos do falhamento cenozóico”* (ibidem: 21).

As semelhanças e regularidades entre as características geográficas e climáticas dessa região compreendida entre o norte paulista (municípios de Caraguatatuba, Ubatuba, São Sebastião e Ilhabela) e o sul fluminense (Parati e Angra dos Reis), permitem agrupar esses municípios litorâneos numa mesma macrorregião. *“Por onde quer que se aborde a costa, os horizontes retos dos bordos do planalto continental, em altitudes invariavelmente compreendidas entre 900 e 1100 metros, sobrepõem-se às íngremes escarpas, que descambam para o mar, numa regularidade não perturbada no conjunto”* (França 1951:23). Esse conjunto, citado por França, apresenta acentuados traços em comum, sendo, o mais aparente e geral deles, a íntima associação entre o relevo acidentado e a linha costeira com a presença de grande quantidade de ilhas e ilhotes expostos à atmosfera marinha.

A inclusão do litoral sul do Rio de Janeiro (região da Baía de Ilha Grande) nessa macrorregião está, justamente, relacionada à semelhança das feições continentais e insulares que esta região exhibe em relação ao litoral norte do Estado de São Paulo. Atualmente separadas por uma delimitação geopolítica entre estados e municípios, toda a faixa litorânea que vai desde o norte do município de São Sebastião, em São Paulo, até a baía de Angra dos

Reis, no Rio de Janeiro, é bastante semelhante entre si, compartilhando um litoral extremamente recortado e grande concentração de ilhas entre o litoral de Ilhabela até o sul de Ilha Grande.

Essa faixa litorânea possui sua geografia de tal forma semelhante que a descrição feita por Mendonça de Souza referente ao litoral sul do Rio de Janeiro cabe, de modo geral, para essa região como um todo, conforme se depreende do seguinte trecho: “*A baía da Ilha Grande abrange a porção mais meridional do Rio de Janeiro, nos limites deste estado com São Paulo, constituindo a região micro-homogênea de mesmo nome, integrada pelos municípios de Angra dos Reis e Parati. O litoral, formando uma curva muito aberta, é extremamente recortado, com numerosas enseadas, pontas e ilhas, que dificultam a circulação das correntes marítimas... Assim, às planícies arenosas sucedem-se paredes abruptas, que apresentam verdadeiros taludes na base, formados pelo fracionamento do escudo cristalino. Muitas vezes, esses blocos apóiam-se sobre outros, formando as ‘tocas’, algumas de grandes dimensões*” (1977:49).

Se por um lado a conformação geográfica e morfológica da região compreendida entre o litoral norte paulista e sul do Rio de Janeiro caracteriza-se por ser mais hostil à ocupação devido ao acidentado relevo que se apresenta, cabe destacar que esses domínios de escarpas e serras são suavizados pela presença do mais significativo vale do norte do estado: o Vale do Paraíba, que se constitui num corredor natural de ligação entre as diferentes zonas dessa macrorregião. O rio Paraíba do Sul é um alinhamento fluvial cercado por dois acidentes geográficos expressivos e condicionantes de importantes caminhos utilizados no período pré-colonial e colonial a partir dos Campos de Piratininga: as serras do Mar e da Mantiqueira. Essa condição fez com que a região, desde o início de sua ocupação, servisse como meio de ligação entre o planalto paulista e o litoral. Cruzando uma zona hostil, montanhosa e escarpada que se entende para o interior (Serra do Mar à Quebra Cangalha e Bocaina), a presença desse vale favoreceu o trânsito pela serra, e por consequência, o deslocamento de pessoas e idéias desde os tempos pré-coloniais (Queiróz 1937).

Foi através do Vale do Paraíba que ocorreram as principais movimentações por terra e as expansões territoriais para o litoral norte de São Paulo que remodelaram, e ainda remodelam, a paisagem de toda a região, seja no alto planalto paulista e sul mineiro, seja nas planícies costeiras do litoral norte paulista e sul fluminense. Enquanto que em tempos pré-

coloniais a presença deste vale favoreceu a circulação de povos indígenas entre a serra e o mar, constituindo peça chave para o entendimento da ocupação pré-colonial em toda a região adjacente a ele, também foi através do Vale do Paraíba que partiram excursões de apresamento de índios, bem como bandeiras de povoamento. Num período mais recente, o trânsito de muares e produtos ao longo da serra, estabeleceu nova relação econômica entre o litoral e o interior que também foi determinante na configuração da paisagem regional que hoje se apresenta.

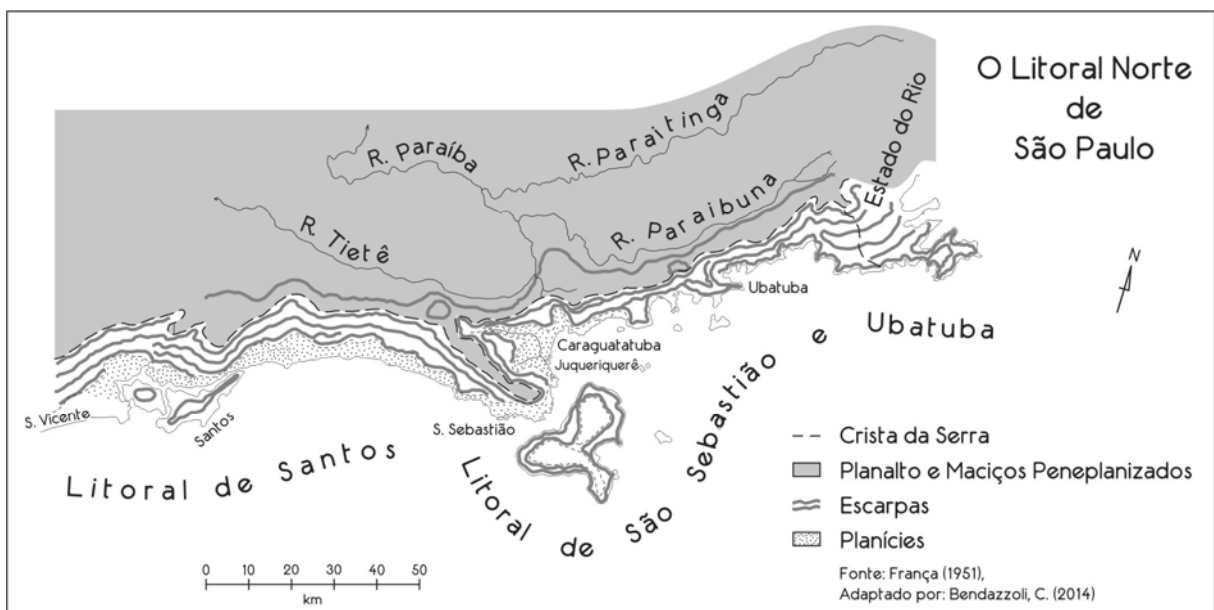


Figura 2 - Mapa do litoral norte de São Paulo.

Posicionado em meio a este anfiteatro de serras entrecortadas pelos baixios do Vale do Paraíba desponta o arquipélago de Ilhabela, área alvo da presente pesquisa. De origem continental, sua formação é atribuída movimentos tectônicos que soergueram as rochas cristalinas do Pré-Cambriano, formando os planaltos, as serras, os morros isolados situados nas planícies e nas ilhas (Noffs 2007) e, posteriormente, por intrusões alcalinas que, com a subida do nível do mar, se isolaram do conjunto da Serra do Mar (SEMA 1989; Cardoso 1996). Posteriormente a região costeira foi submetida a vários períodos de avanço e recuo do mar, em decorrência de mudanças climáticas globais, que modelaram a linha de costa atual e resultaram na variação das distâncias entre as ilhas em tempos pretéritos (Suguio & Martin 1978).

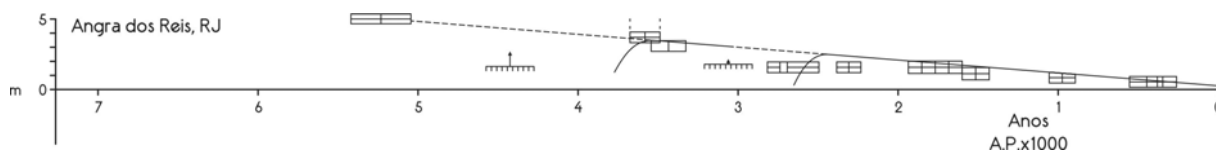


Figura 3 - Curvas de oscilação nível marinho da macrorregião litorânea (Fonte: Martin & Suguio 1978).

Morfologicamente, o arquipélago de Ilhabela caracteriza-se pela proximidade entre a linha de costa e as escarpas da serra, gerando um litoral recortado e marcado pela presença de pequenas enseadas e baías entremeadas por esporões rochosos (Cardoso 1996). Como parte dessa formação, a Ilha de São Sebastião apresenta uma linha costeira bastante recortada, com pequenas baías delimitadas por esporões da serra que mergulham no mar e planícies costeiras flúvio-lagunares e flúvio-marinhas pouco desenvolvidas, onde se intercalam praias arenosas de pequena extensão (Hennies & Hasui 1977). Dados levantados com base nas Cartas da Comissão Geográfica e Geológica revelam que as extensões de praias nas ilhas do arquipélago de Ilhabela totalizam 36 km contra 129 km de costões ou costeiras (França 1951).

O substrato rochoso da Ilha de São Sebastião é constituído por rochas granito-gnáissicas (granitóides) pré-cambrianas de granulação grossa e por rochas alcalinas do Cretáceo Superior que formam “stocks” denominados de Serraria (Hennies & Hasui 1977). Esses “stocks” dão suporte aos principais maciços: o de São Sebastião e o da Serraria. O relevo da Ilha de São Sebastião é bastante íngreme, apresentando faces escarpadas e com grande declive, sujeitas a erosão principalmente nas áreas desmatadas (Noffs 2007). Dos 346 km² de área dessa ilha aproximadamente 268km², ou seja, 79,7% estão em cota superior a 100m de altitude, e 23,5 km² (6,9%) encontra-se em cotas superiores a 900m de altitude. Os picos mais elevados chegam a ultrapassar 1.300m, como o Pico de São Sebastião (1.375m) e o Morro do Papagaio (1.302m). A declividade média da região é compreendida entre 30 e 35 graus, em alguns locais chegando a atingir 48 graus (França, 1951). Essa ilha é, ainda, muito rica em recursos hídricos possuindo mais de 400 ribeirões que, devido ao relevo recortado e a grande inclinação, apresentam grande quantidade de cachoeiras e quedas d’água.

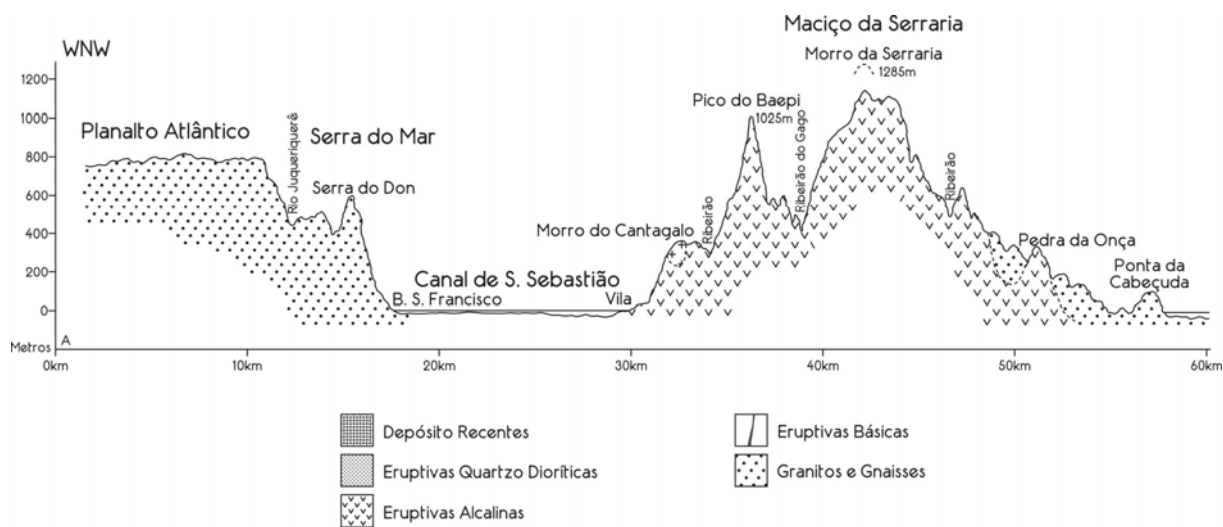


Figura 4 - Perfil de relevo da Ilha de São Sebastião.

Não mais do que 7,3 km² da Ilha de São Sebastião são ocupados por áreas planas ou ligeiramente acidentadas, constituindo-se em pequenas planícies que contemplam 2,2% da superfície total. Segundo França (1951), são 38 as unidades desse tipo, “*encravadas nas anfratuosidades determinadas pelas direções das estruturas e do relevo, nos contornos da linha costeira*” (ibidem: 69). A maior delas, com 2,6 km², é a planície do Perequê, enquadrada pelos dois maciços montanhosos na área para onde converge o maior sistema hidrográfico dessa ilha. Segue-se a ela a planície dos Castelhanos com 0,8 km², não passando, as demais, de diminutas extensões planas, muitas vezes constando apenas de estreita praia arenosa e de uma faixa fina constituída por depósitos aluviais (França 1951; Freitas 1947).

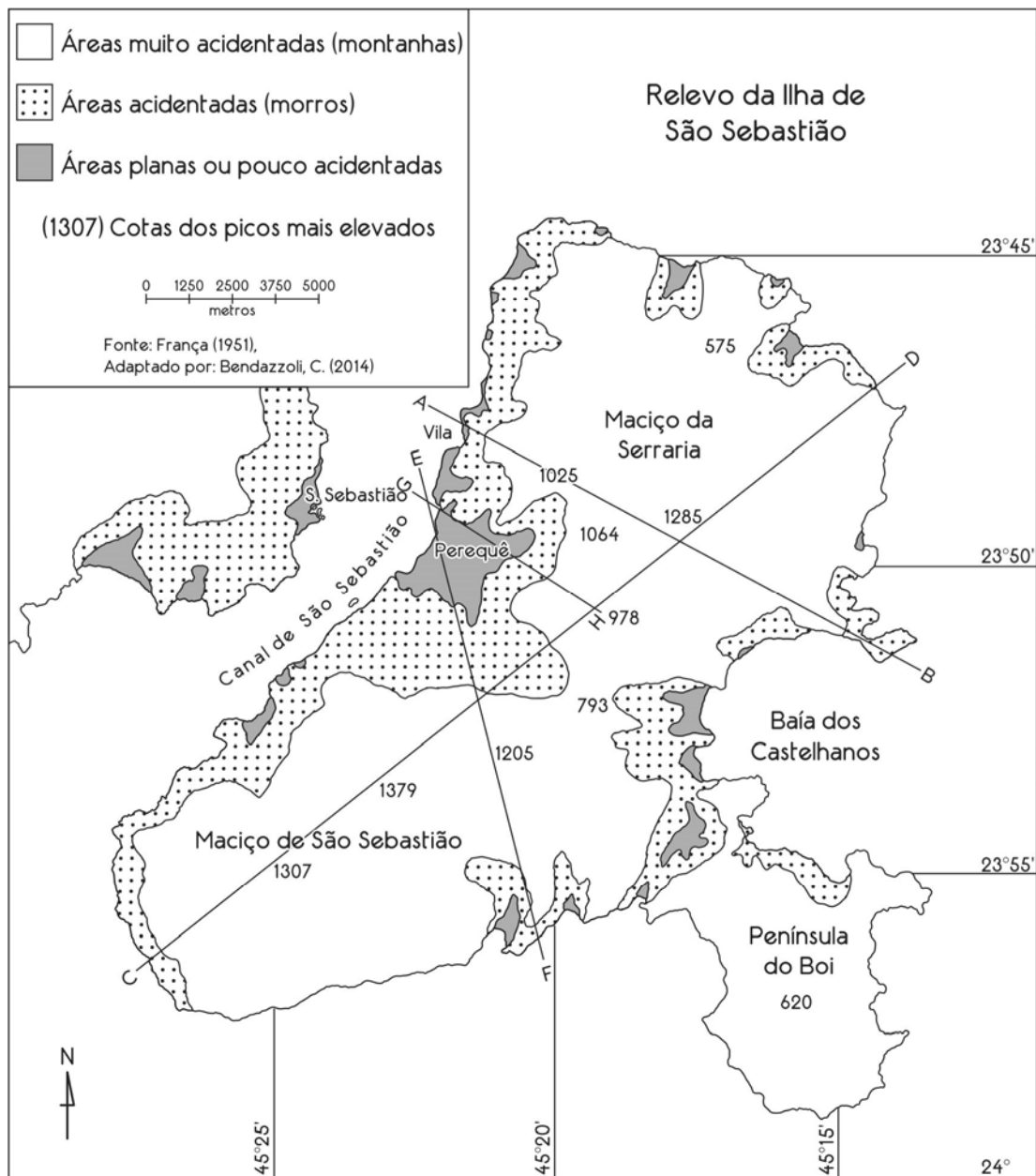


Figura 5 - Mapa de relevo da Ilha de São Sebastião.

Adentrando as praias de areia, nas quais as planícies são mais extensas, predominam os depósitos de aluviões terrestres que deram origem aos principais solos agrícolas da ilha. Trata-se de aluviões fluviais depositados pelos numerosos cursos d'água, alguns deles importantes como os das bacias do Perequê e dos Castelhanos. A bacia do Perequê localizada na face oeste, no canal de Toque-Toque, e é responsável pela drenagem de 16,6% da superfície da ilha, e a de Castelhanos, menor que a primeira e localizada na face leste da ilha, que é responsável pela drenagem de 5,6% da superfície. Essas duas bacias maiores se

estendem pelas principais planícies, já as pequenas localizam-se junto aos níveis de base costeiros de rios e ribeirões e são responsáveis pela drenagem de 73% da superfície insular (França 1951:73). Constituídas principalmente por tabuleiros planos de 3 a 5 metros acima da água corrente, as planícies da Ilha de São Sebastião estão, em geral, a salvo de inundações periódicas e raramente ultrapassam os 12 metros de altitude em relação ao nível do mar. Desse modo, os solos dos tabuleiros planos servem bem para as culturas secas e foram, no passado, os mais intensamente utilizados pelos agricultores (ibidem: 74).

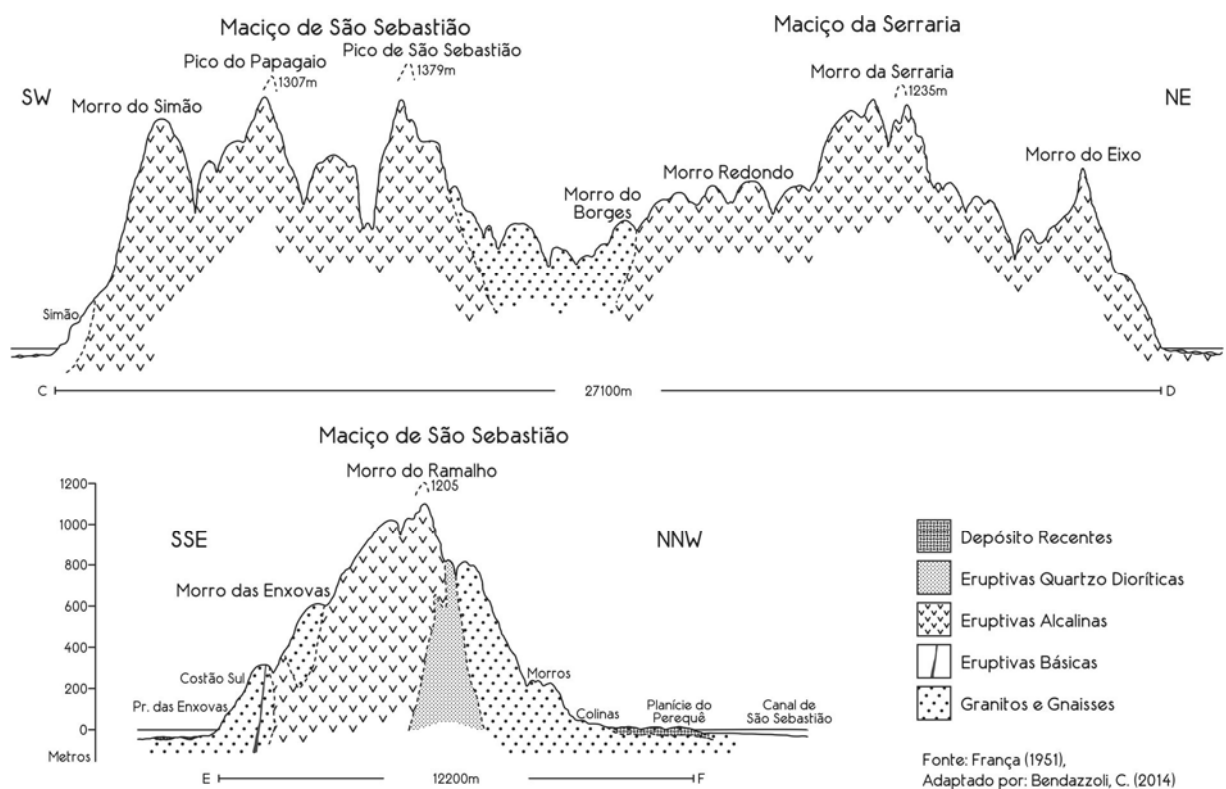


Figura 6 - Perfil da cadeia de montanhas que divide a Ilha de São Sebastião.

O arquipélago de Ilhabela se insere dentro da área de domínio da Mata Atlântica, apresentando vegetação de restinga, manguezais, campos de samambaias e gramíneas (SEMA 1989). O município possui 88,4% de seu território ocupado por vegetação, distribuída pelas formações Floresta Ombrófila Densa Montana, Floresta Ombrófila Densa Submontana, Floresta Ombrófila Densa das Terras Baixas e pelas florestas secundárias relativas a essas formações (SMA 2005). Na Ilha de São Sebastião, nas cotas altimétricas mais elevadas, a vegetação primária ainda se conserva preservada. Por

outro lado, na maior parte das áreas de cotas mais baixas predominam matas secundárias formadas após o desmatamento que deu lugar as antigas lavouras de café e de cana-de-açúcar. A destruição da vegetação primária, ocorrida intensamente a partir do período colonial, se deu de forma mais acentuada na face do canal de Toque-Toque, que ainda expõe morros cobertos por gramíneas decorrentes da realização de queimadas constantes para fins agrícolas.

Sendo poucas as planícies existentes na ilha, as encostas florestadas foram substituídas no passado por roças e lavouras extensas, e também utilizadas para a retirada de madeira. O avanço do desmatamento em direção à montanha, iniciado nas praias, prosseguiu, pelo menos, até a terceira década do século passado (França 1951). Mas, ainda segundo este autor, a julgar pelas inúmeras capoeiras e capoeirões bem formados em cotas da ordem de 400 a 500 metros de altitude, o desmatamento desses limites deve ter sido atingido ainda no século XIX, refletindo a degradação intensa dos recursos naturais em Ilhabela (ibidem: 61).

Na Ilha de São Sebastião, a face voltada ao canal de Toque-Toque é a mais populosa e atualmente exhibe construções que, em algumas áreas, aproximam-se da divisa com a área protegida do Parque Estadual de Ilhabela. Já a face leste, voltada para mar aberto, e as extremidades norte e sul dessa ilha apresentam-se mais preservadas em decorrência da dificuldade de acesso por terra. Porém, mesmo essas áreas, vêm sendo gradativamente ocupadas por casas construídas sobre costeiras acessadas por embarcações e/ou helicópteros.

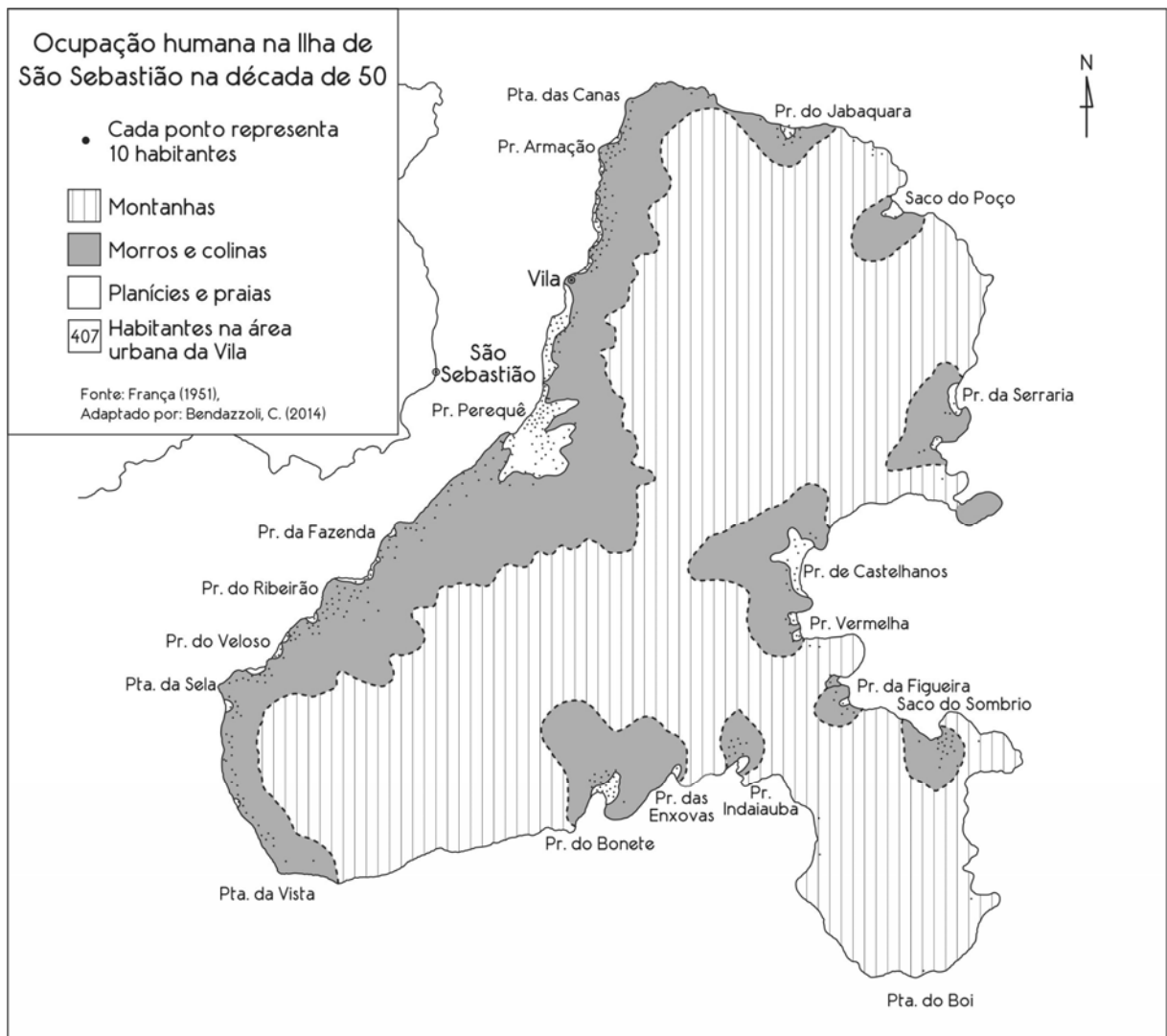


Figura 7 - Mapa de população da Ilha de São Sebastião na década de 50.

O clima de Ilhabela é tipicamente tropical e dominado permanentemente pela massa de ar tropical-atlântica com interferências da circulação polar-atlântica e, em menor escala, das influências continentais. Nesse ambiente majoritariamente quente e úmido, domina o ritmo tropical bem marcado em estações secas no inverno e com altos índices pluviométricos no verão, constituindo-se em uma das regiões mais chuvosas do país (França 1951). Além da grande incidência de chuvas, a região é bastante afetada pelos ventos que adentram o canal de São Sebastião, tornando Ilhabela conhecida como a Capital da Vela. Predominam os ventos SE, mas também sopram os ventos da Bocaina (ou sudoeste) e o do Padre (ou do leste), além do forte vento noroeste, que atua com violência após descer a serra impulsionando fortes rajadas.

Prancha 1



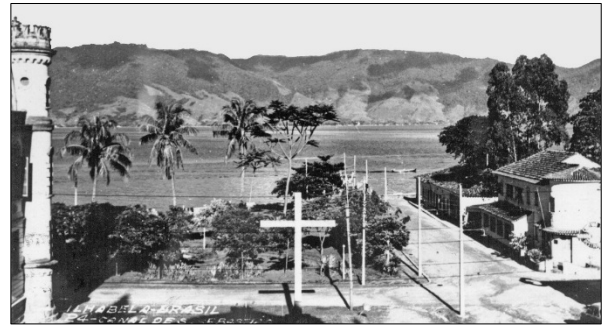
1. Colheita de cana (início séc. XX).
Acervo: Sociedade de Amigos da Biblioteca de Ilhabela



2. Desmatamento nas encostas da Vila (1940).
Acervo: Sociedade de Amigos da Biblioteca de Ilhabela



3. Ilha de São Sebastião - desmatamento na face do canal (s\data).
Acervo: Sociedade de Amigos da Biblioteca de Ilhabela.



4. Vista do continente a partir da Ilha de São Sebastião - desmatamento das encostas (s\data).
Acervo: Sociedade de Amigos da Biblioteca de Ilhabela.



5. Vista aérea do desmatamento na face do canal na Ilha de São Sebastião (meados séc. XX).
Acervo: Sociedade de Amigos da Biblioteca de Ilhabela.

Como parte deste belo arquipélago, e inserida nesse mesmo contexto geoclimático, está a Ilha dos Búzios situada a 23° 48' 20" de latitude sul e 0° 58' de longitude oeste do Rio de Janeiro. Essa ilha tem sua formação na mesma base geológica a qual pertence à Ilha de São Sebastião, ou seja, apresenta-se como uma extensão dessa mesma base e compartilha seus traços altamente montanhosos. A Ilha de Búzios consiste, na realidade, em uma única cadeia de montanhas cujo eixo se entende de leste a oeste e o pico mais elevado atinge cerca de 1.200 pés (Willems 2003).

Situada a uma distância mínima de cerca de 4,7 milhas da Ilha de São Sebastião, a superfície total da Ilha dos Búzios mede 7,5 km² caracterizados pela predominância de relevo íngreme, extensos costões e maciços que sofrem ação erosiva do mar. Não há praias de areia nessa ilha e somente uma baía oferece relativo abrigo às canoas e embarcações. A encosta sul da ilha dos Búzios é considerada fria e imprópria para fins agrícolas, tendo sido, a face norte, utilizada para cultivo mais extensivo de modo que hoje se apresenta desgastada e erodida (ibidem: 27). Fluxos d'água podem ser encontrados por toda a ilha descendo por entre as rochas em direção ao mar, porém, muitos córregos já estão secos, principalmente nos locais onde a vegetação foi suprimida (Nogara 2005).

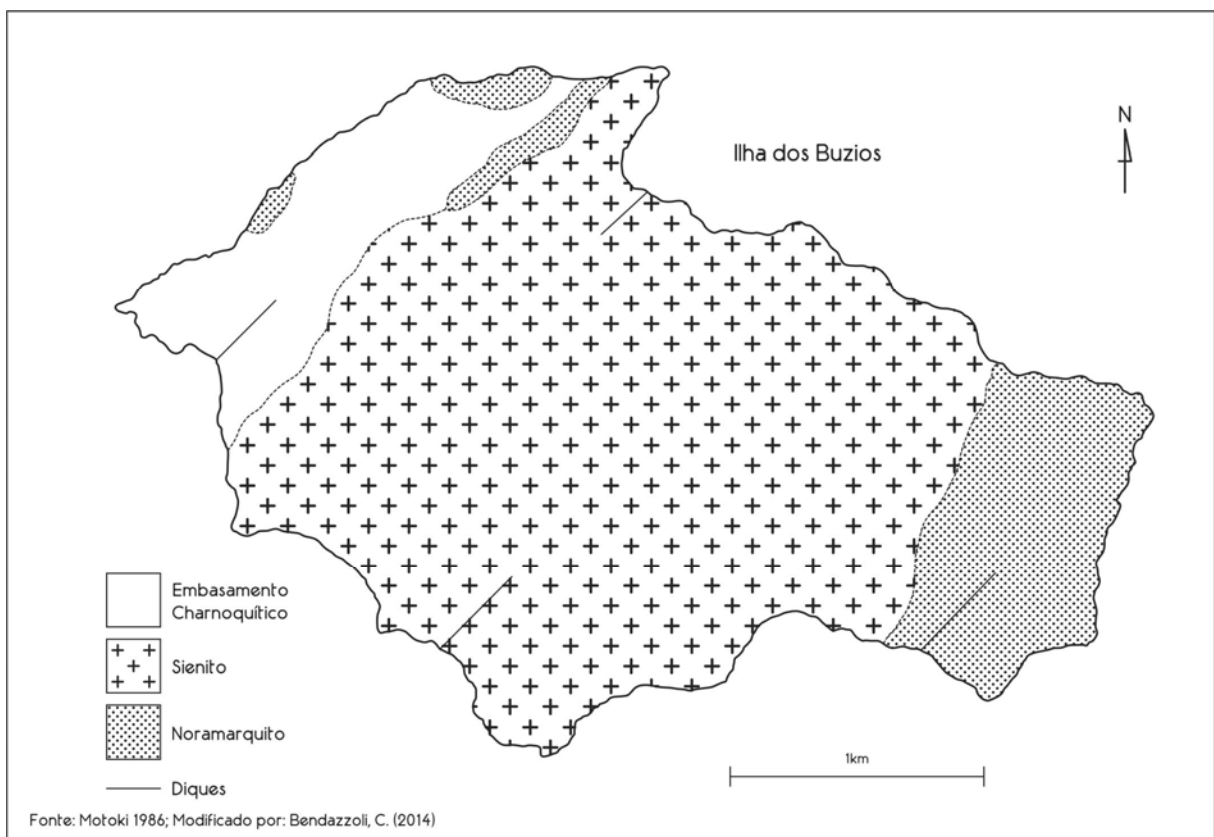


Figura 8 - Mapa geológico da Ilha dos Búzios.

Existem atualmente seis pequenas localidades ocupadas na Ilha dos Búzios: Porto do Meio, Guanxumas de Búzios, Pitangueiras, Costeira, Laranjeiras e Mãe Joana (esta última ocupada por apenas um morador). As maiores comunidades (Porto do Meio, Guanxumas e Pitangueiras) possuem 55 famílias que vivem basicamente da pesca (Pirrô 2008). A renda obtida com a venda do pescado é complementada com venda de artesanato local feito, principalmente, através da utilização da taquara, como cestos, balaios, tipitis, além daqueles em madeira, como remos e miniaturas de canoas. Os moradores da Ilha dos Búzios também se dedicam ao cultivo de pequenas roças de mandioca e à produção de farinha artesanal (DSA 1992).

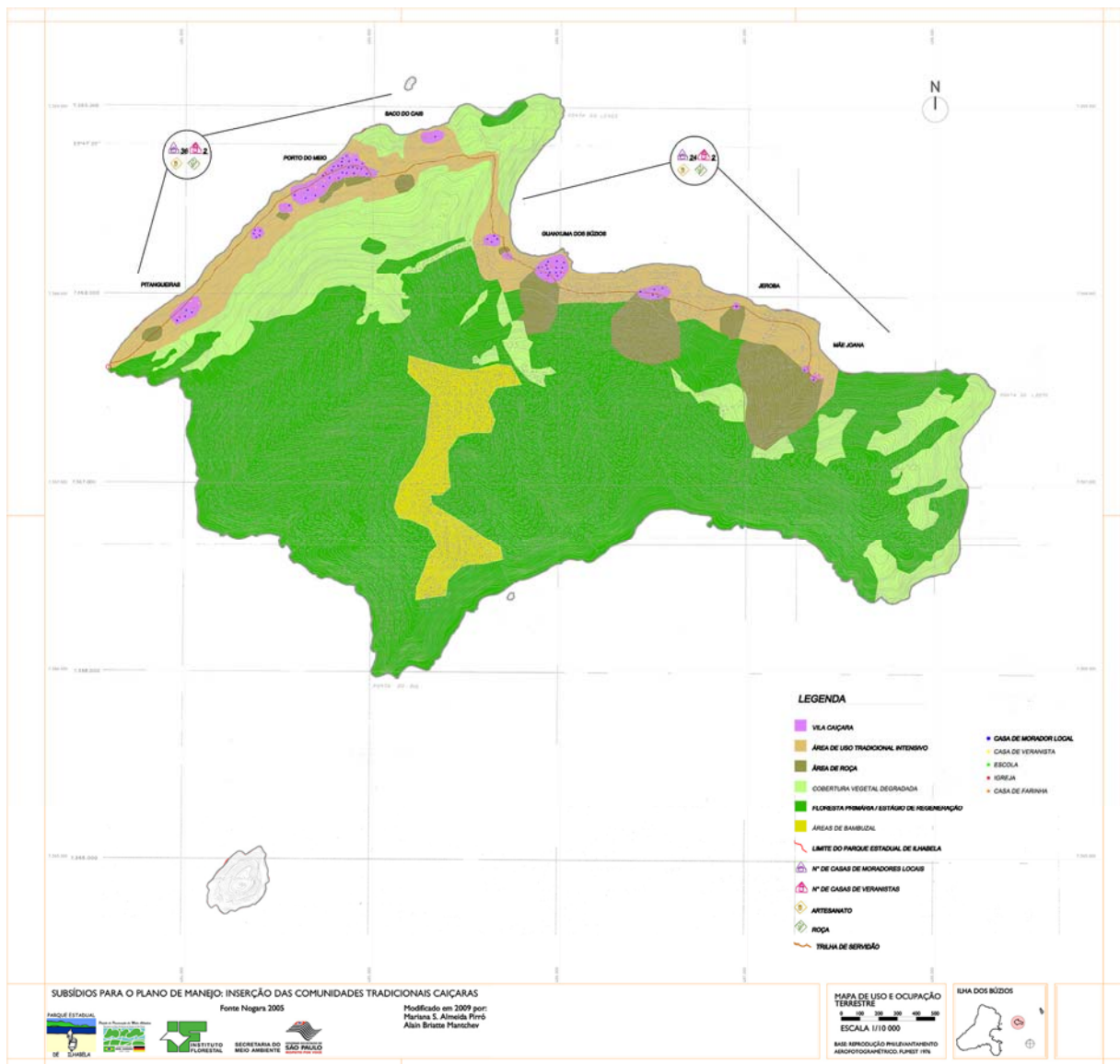


Figura 9 – Mapa terrestre da Ilha dos Búzios.

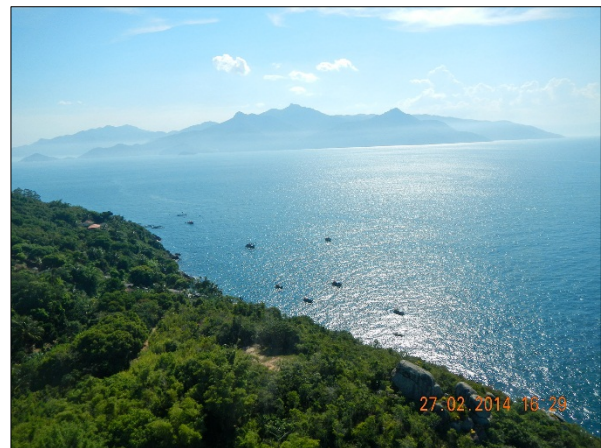
Prancha 2



1. Ilha dos Búzios vista do alto.



*2. Ilha dos Búzios.
Foto: Bendazzoli, C.*



*3. Ilha de São Sebastião vista a partir da Ilha dos Búzios.
Acervo Parque Estadual de Ilhabela (Peib)*



*4. Porto do Meio, Ilha dos Búzios.
Acervo Parque Estadual de Ilhabela (Peib)*



*5. Cerco flutuante na Ilha dos Búzios
Acervo Parque Estadual de Ilhabela (Peib)*

Outro importante cenário de ocupação em Ilhabela, desde o período pré-colonial, localiza-se a nordeste da Ilha de São Sebastião. O pequeno arquipélago da Vitória formado pela Ilha da Vitória, Ilha dos Pescadores e Ilha das Cabras, situa-se a 23° 44' 15" de latitude sul e 1° 51' 30" de longitude oeste do Rio de Janeiro, distante 38 km da costa (Cunha 1944). As ilhas da Vitória e dos Pescadores abrigam algumas poucas famílias, enquanto que a Ilha das Cabras é exclusivamente rochosa e serve como espaço de reprodução de aves marinhas.

Assim como ocorre na Ilha dos Búzios, as ilhas que compõem o pequeno arquipélago da Vitória apresentam topografia íngreme e acidentada com grande quantidade de matacões (Freitas 1947; Motoki 1986). Seu território é formado por um conjunto de montanhas rochosas submersas que afloram à superfície, de modo que seus paredões expostos e abruptos entram em contato com o mar e despontam nos topos dos morros, não ocorrendo praias de areia (Nogara 2005). Na Ilha da Vitória, a maior desse pequeno arquipélago, os dois picos mais elevados chegam a atingir 224 e 184 metros de altitude, separados por um colo com baixa declividade situado em torno dos 20 metros (Cardoso 1996). Este colo divide-se a leste e oeste por duas baías denominadas Enseada dos Frecheiros e Enseada do Abrigo que a repartem em duas partes desiguais, na forma de um “8” imperfeito. Essas duas metades possuem respectivamente: 800 metros de eixo maior (a metade ao norte) e 1.380 metros de eixo maior (a metade ao sul), contando a partir do centro istmo de Frecheiras. As larguras aproximadas são respectivamente: 620 metros (a metade ao norte) e 1.300 metros (a metade ao sul); com uma área aproximada total de 2,3 km². A Ilha da Vitória estende-se quase justaposta ao traço do meridiano, com um comprimento total de 2.180 metros. A Ilha dos Pescadores, localizada defronte a Ilha da Vitória apresenta uma área aproximada total de 0,9 km² (Cunha 1944).

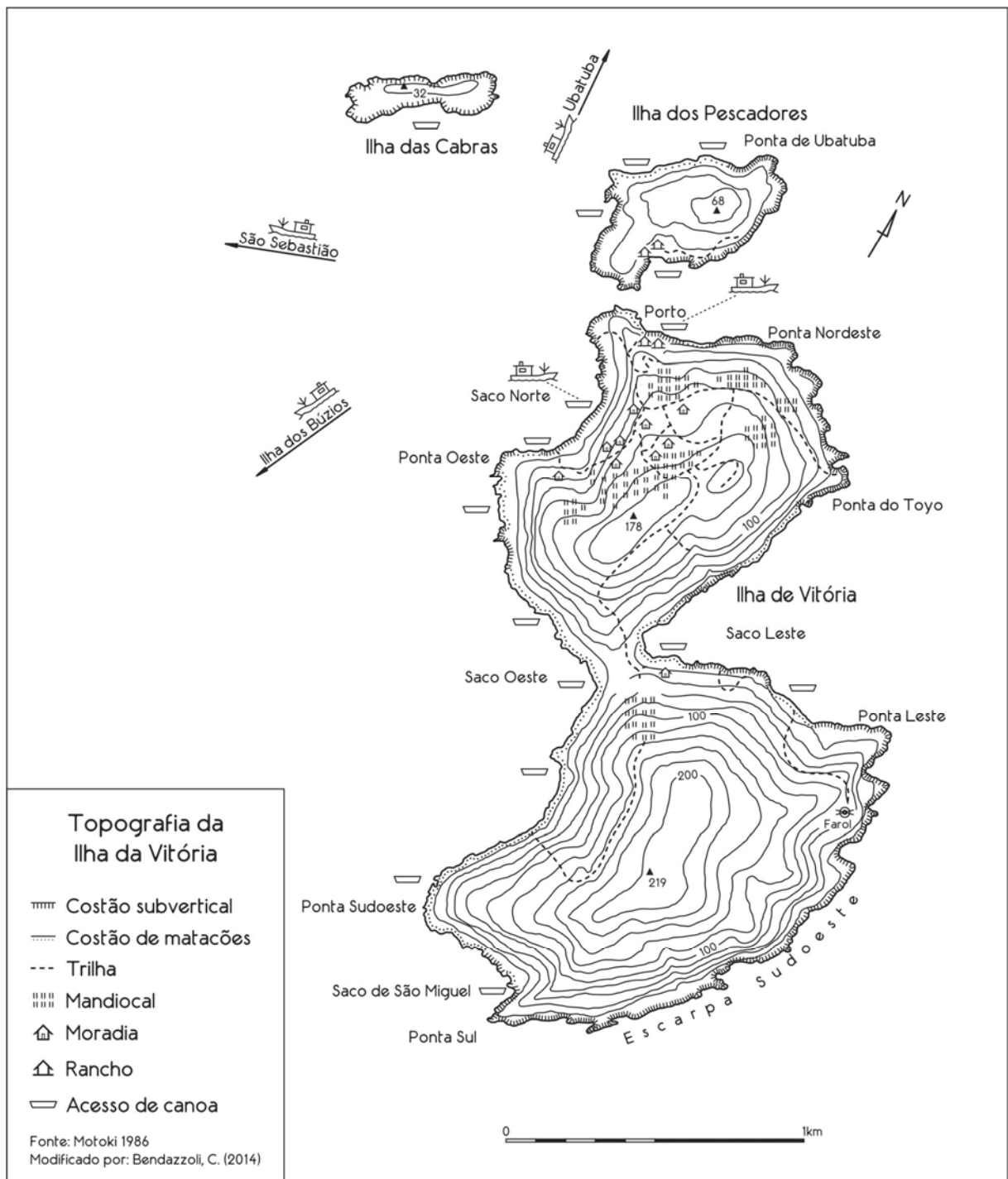


Figura 10 - Mapa geológico da Ilha da Vitória.

O clima do arquipélago da Vitória é quente e úmido, assim como no restante do litoral norte paulista, contudo apresenta um índice menor de precipitação associado a longos períodos de estiagem, de modo que a falta de água doce disponível para consumo

tem sido um dos principais fatores de limitação da ocupação das ilhas pela comunidade tradicional atual (Pirr6 2008; Cardoso 1996). Segundo Cardoso (1996) “*as frentes frias atingem as ilhas com maior freqüência nos meses de inverno e de acordo com sua intensidade o mar ‘engrossa’, impedindo o desembarque nas costeiras rochosas*” (ibidem: 39).

O solo da Ilha da Vitória e da Ilha dos Pescadores possui estratificação rasa com característica argilo-arenoso de coloração marrom e estrutura aglomerada onde há cobertura vegetal, mas a mata original que recobria esse arquipélago já quase não existe mais (Pirr6 2008). Na maior porção do território a vegetação é composta por floresta em estágio de regeneração na qual predominam palmeiras, arbustos e vegetação rasteira (Nogara 2005). Os bambus introduzidos por japoneses que ocuparam a Ilha da Vitória no início do século XX já cobriram grande parte da superfície da ilha e têm contribuído para a escassez de água doce, uma vez que drenam a umidade do solo (DSA 1992).

O pequeno aglomerado caiçara está localizado na vertente noroeste da Ilha da Vitória, na metade maior ao norte, mas, no passado, esteve concentrada na Enseada dos Frecheiros, onde ainda são encontrados vestígios dessa antiga ocupação e também, na Ilha dos Pescadores, que atualmente abriga somente uma família. Assim como ocorre na Ilha dos Búzios, ao redor das residências da Ilha da Vitória é comum a presença de árvores frutíferas, canteiros e pequenas áreas de cultivo. São ao todo 15 casas de moradores locais, além de uma escola e quatro casas de farinha. As roças de mandioca, batata, milho, cana e banana encontram-se espalhadas em toda faixa ocupada pela comunidade (Nogara 2005).

O arquipélago de Ilhabela que contempla a Ilha de São Sebastião e seus pequenos ilhotes, a Ilha dos Búzios e o pequeno arquipélago da Vitória está inserido no conjunto das Unidades de Conservação do Litoral Norte Paulista sob a administração da Fundação Florestal e Secretaria do Meio Ambiente de São Paulo e protegido pelo Parque Estadual de Ilhabela (Peib)⁸ que ocupa 83% do território do município, contemplando integralmente todas as ilhas e lajes (inclusive as ilhas da Vitória e dos Búzios) com exceção da Ilha de São Sebastião. Nessa, a maior e sede do município, a área do Parque Estadual tem seus limites definidos por cotas altimétricas, variando entre 200 e 100

⁸ O Parque Estadual de Ilhabela – Unidade de Conservação de Proteção Integral – foi criado em 20 de janeiro de 1977 (Decreto Estadual 9.414).

metros de altitude até a cota zero em algumas localidades. Além da proteção do Parque Estadual, o entorno marinho do arquipélago de Ilhabela está sob a proteção e ordenamento da Área de Proteção Ambiental (APA) - Marinha do Litoral Norte⁹.

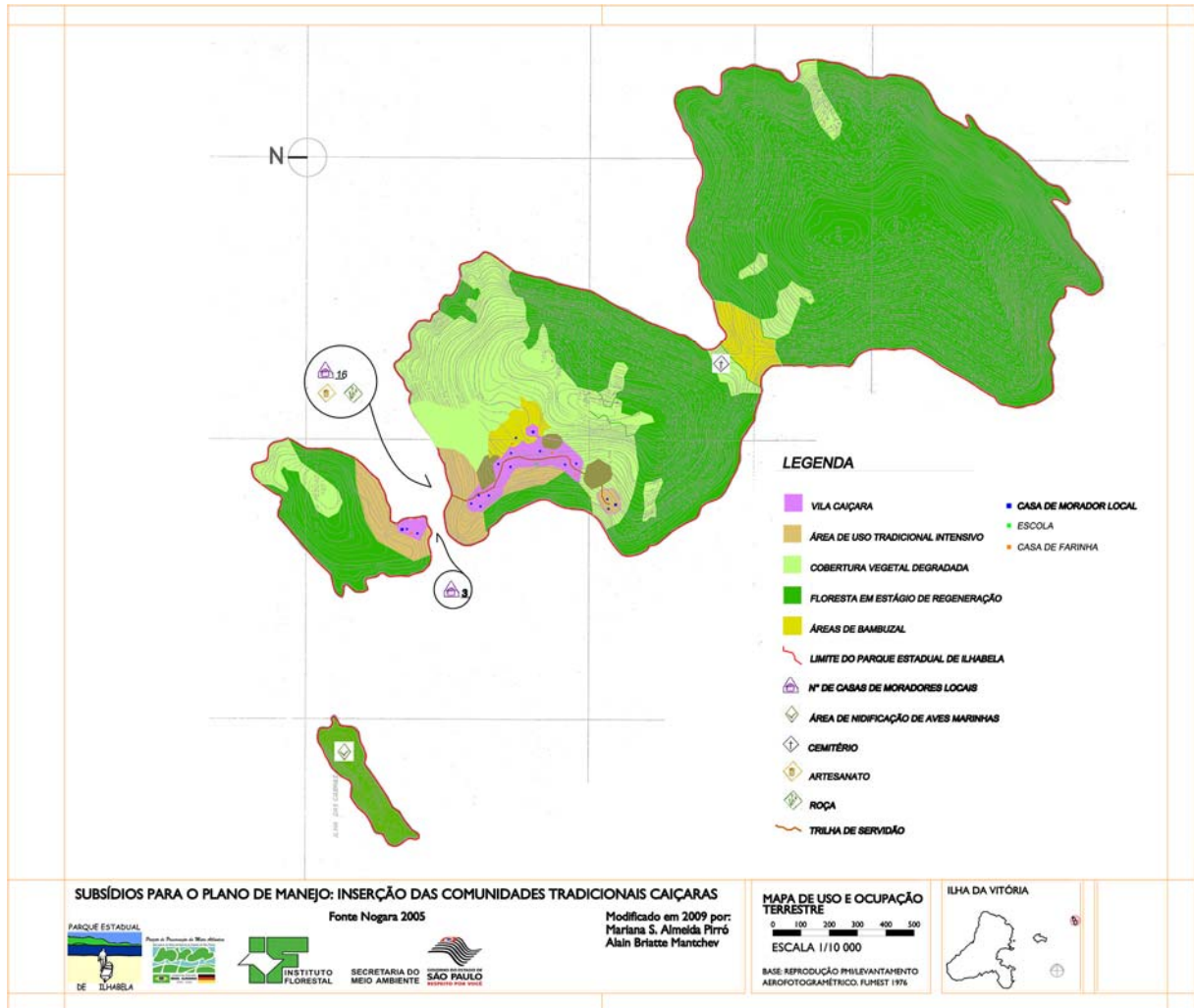


Figura 11 - Mapa terrestre da Ilha da Vitória.

⁹ APA Marinha Litoral Norte – Unidade de Conservação de Uso Sustentável - foi criada em 08 de outubro de 2008 (Decreto Estadual 53.525).

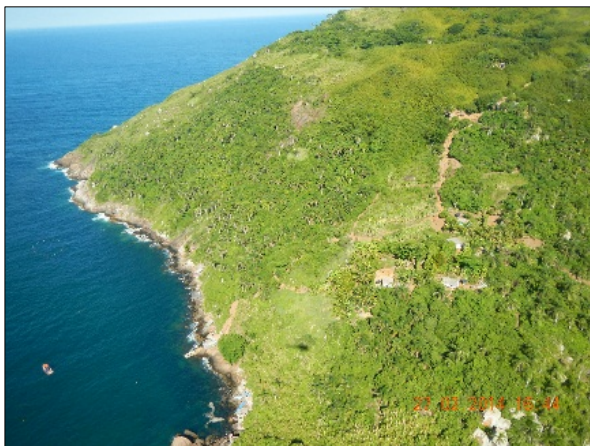
Prancha 3



1. Arquipélago da Vitória visto do alto.
Acervo: Parque Estadual de Ilhabela (Peib)

2. Arquipélago da Vitória.

Acervo: Parque Estadual de Ilhabela (Peib)



3. Ilha da Vitória com área de concentração da comunidade caiçara.
Acervo: Parque Estadual de Ilhabela (Peib)

4. Ilha dos Pescadores vista a partir da Vitória.

Acervo: Parque Estadual de Ilhabela (Peib)



5. Área de concentração de sambaquis entre Ilha da Vitória e dos Pescadores com serra ao fundo.
Acervo: Parque Estadual de Ilhabela (Peib)

6. Costeiras da Ilha dos Pescadores e rancho de canoas.
Acervo: Parque Estadual de Ilhabela (Peib)



1.1 - Breve histórico da ocupação de Ilhabela

“Apetrechos de pesca largados nas praias ou recolhidos a miseráveis ranchos, juntamente com as canoas; ruínas de casarões e tapera, de velhos engenhos de aguardente ou das sedes de outrora importantes fazendas de café; capoeiras, roças, árvores de pomar; estreitas trilhas cruzando-se, em todas as direções, e entrelaçando as peças, vivas ou mortas, dos povoados de praia são outras marcas sensíveis do apego humano pelas estreitas planícies da marinha” (França 1951:83).

A reconstituição da história da ocupação do arquipélago de Ilhabela não tinha sido, até então, objetivo ou mesmo parte de qualquer pesquisa acadêmica sobre o município ou região. Do mesmo modo, poucas foram as produções literárias que mencionaram aspectos inerentes a criação e desenvolvimento dessa e de outras cidades litorâneas como São Sebastião e Ubatuba. Os textos mais significativos sobre a história regional do litoral norte paulista foram produzidos por pesquisadores que, de alguma forma, tiveram acesso à documentação primária, como os trabalhos de Almeida (1937, 1946a, 1946b, 1947, 1952 e 1958), Forjaz (1954) e Calixto (1936), além dos apontamentos feitos por Ihering (1897), França (1951) e Oliveira (1977).

Por outro lado, até o ano de 1805 a Ilha de São Sebastião ainda não havia passado à categoria de distrito, de modo que os documentos existentes registram os acontecimentos históricos do município de São Sebastião como um todo, sendo dificultoso, e por vezes impossível, distinguir nos textos especificidades relativas à parte continental e insular. A inexistência de um acervo histórico municipal e a grande concentração de documentos históricos nas mãos de colecionadores particulares, ou já destruídos, dificulta ainda mais a busca por informações sobre a história daquela região.

Os poucos pesquisadores que se detiveram no estudo dos documentos relativos à história de Ilhabela concordam que seu “achamento” se deu em 20 de janeiro de 1502, quando o navegador italiano Américo Vespúcio - que explorava o continente a pedido dos reis de Espanha - batizou a grande ilha encontrada no litoral paulista com o nome de Ilha de São Sebastião em alusão ao santo do dia no do calendário cristão (Almeida 1958, Forjaz 1954, Simões 2005). Alguns documentos de cronistas que estiveram na região no século XVI remetem, ainda, a um dos nomes dados àquela ilha por nações indígenas da região. Dentre

eles destaca-se o relato do alemão Hans Staden que, ao ser capturado pelos índios Tupinambás em São Vicente e levado em canoas rumo ao litoral norte paulista informava que “quando ainda estávamos a um dia de distância do lugar onde deveriam desferir seu ataque, [os tupinambás] acamparam no mato frente a uma ilha chamada de São Sebastião pelos portugueses, e de Maembipe pelos selvagens” ([1557]1999:75).

O início da ocupação do território pelos colonos, entretanto, não é conhecido. Considerada pelos exploradores como uma “terra desabitada”, a Ilha de São Sebastião não recebeu atenção imediata. Relatos de Anchieta que esteve na região ainda no século XVI relaciona essa ilha com um local de parada para descanso e abastecimento durante a sua viagem a Iperoig (atual Ubatuba), conforme se depreende do seguinte trecho de sua carta: “Com bom vento, que, porém logo mudou,... mas ajudando-nos Nosso Senhor, chegamos a uma ilha chamada São Sebastião, despovoada, mas cheia de muitos tigres. Nela em 1º de Maio, dia dos santos Felipe e Tiago, dissemos Missa e, logo no dia seguinte, que era o terceiro domingo depois da Páscoa, também encomendando a Deus nosso caminho, dali nós partimos e, com próspero vento, chegamos aos primeiros lugares dos inimigos, chamados Iperoí [Ubatuba]” (Carta de Anchieta datada de 08/01/1565).

Ainda que a idéia de uma terra desabitada, e, portanto, sem dono, fosse a mais aceita e a mais difundida pelos novos ocupantes da região - que com isso não enxergavam obstáculos no seu estabelecimento na ilha recém-descoberta – essa versão dos fatos não era a única. Outro importante relato revela que a Ilha de São Sebastião possuía população, ainda que não informe a existência de povoação e nem forneça detalhes sobre seus ocupantes. O corsário inglês Thomas Cavendish que em suas viagens para o Estreito de Magalhães também se utilizou da ilha para abastecimento e descanso, fundeando sua esquadra nas águas calmas e mal resguardadas do canal de São Sebastião, escrevia que “na noite seguinte eles [os portugueses] vieram e capturando alguns de nossos homens, estes os conduziram até onde o resto descansava os quais eles mataram muito cruelmente, sendo eles na maioria doentes que não podiam defender-se. Aqueles que estavam em terra, em maior número que os doentes, haviam saído do navio, por isso meu cuidado em mantê-los a bordo, sabendo bem que os portugueses procuravam nos atacar, já que o local era muito adequado a eles, repleto de árvores e matas. Seus índios poderiam vir e atacar-nos com suas flechas como quisessem e nós não poderíamos ferir nenhum deles” (Cavendish [1592] In: Filho 2002:153).

Ainda que a data do estabelecimento dos primeiros colonos na ilha não seja conhecida, sabe-se que ocorreu oficialmente somente no século XVII com as primeiras sesmarias concedidas naquela região e, possivelmente, foi posterior à ocupação do continente, que já contava com a presença de portugueses no final do século XVI. Outro trecho do manuscrito de Cavendish alude a essa condição ao mencionar sua estada na ilha: “*enquanto providenciávamos toda nossa água, madeira e outros suprimentos, um irlandês (um grande desgraçado), tendo construído uma balsa, foi até o continente e contou aos portugueses (que estavam lá observando nada além que uma oportunidade) que se eles se aproximassem a noite; eles deveriam encontrar a maioria dos nossos homens em terra desarmados e poderiam fazer o que bem entendessem*” (Cavendish [1592] In: Filho 2002:152).

De acordo com Forjaz (1954), ao serem “*expulsos os últimos franceses de Cabo Frio e repelidos para o sertão os tamoios de Ubatuba... tornaram-se estas plagas habitáveis. Os primeiros colonizadores desta parte do litoral foram Diogo de Unhate e João de Abreu*” (ibidem: 17). Em despacho feito em Santos pelo Capitão Mor Gaspar Conqueiro, datado de 1608, é concedida a sesmaria em local que está “*a 15 léguas desta Vila de Santos, na ilha de São Sebastião, na terra firme defronte dela e toda a costa até o Rio de Janeiro eram todas as terras desabitadas e devolutas, e ainda que eram tão longe pediam para ambos [os requerentes] dois pedaços de terras de matos bravos que começavam defronte da ilha de São Sebastião nos arrecifes que estão junto de uma praia que chamam Piraquim-mirim, que estão da banda da terra dos Iguaramirins...*” (apud Almeida 1958:43).

A falta de um nome próprio para a porção continental defronte a Ilha de São Sebastião, a fez nomeada, em inúmeros documentos e relatos, por “São Sebastião da Terra Firme”. O núcleo de povoação que se desenvolveu na porção continental, e que já existia em 1624 foi, em 1636, elevado à categoria de Vila. Desmembrando-se de Santos, São Sebastião contemplava os terrenos da “*terra firme e ilha do mesmo nome*”, e sua vila passou a denominar “*Vila da Ilha de São Sebastião*” ou “*Vila de São Sebastião da Terra Firme*”, apropriando-se do nome dado por Vespúcio à ilha defronte (Forjaz 1954; Almeida 1958). Tal apropriação gerou ainda mais confusões nas análises documentais (em sua tentativa de discernir ambas as áreas) e polêmicas entre os poucos pesquisadores da história do litoral acerca da antiguidade do povoamento de Ilhabela.

Ainda que a Ilha de São Sebastião possuísse fazendas e terras cultivadas, não tinha núcleo de povoação, apenas capelas. Uma das mais importantes, a de Nossa Senhora da Ajuda e Bom Sucesso, fora construída no final do século XVIII e, na condição de Capela, os seus habitantes eram, em tudo, sujeitos às autoridades civis e eclesiásticas do município de São Sebastião “*Em São Sebastião pagavam impostos, prestavam serviços à causa pública, recebiam os sacramentos, ouviam missa, enterravam os mortos, etc... assim sendo, não tinha vida e governo próprios*” (Forjaz 1954:22). No início do século XIX a ilha já possuía uma população de mais de 3 mil pessoas espalhada por seu território. O núcleo de povoação se deu em torno da Capela de Nossa Senhora da Ajuda e, como fato raro na história, em 1805, ela foi elevada a categoria de Vila antes mesmo de se tornar Freguesia (Forjaz 1954).

Denominada Villa Bella da Princesa, em homenagem a D. Maria Tereza, a Princesa da Beira, a nova vila recebeu a Casa de Câmara e Cadeia e também o pelourinho em 1805 e criou paróquia com vigário colado já em 1809, tornando-se administrativa e religiosamente independente de São Sebastião. Villa Bella cresceu e prosperou baseada na economia agrícola e mão-de-obra escrava, e seu crescimento foi favorecido pela proliferação dos engenhos de cana-de-açúcar que aproveitavam as volumosas e numerosas cachoeiras para mover suas rodas d'água (Forjaz 1954; Almeida 1946b e 1958).

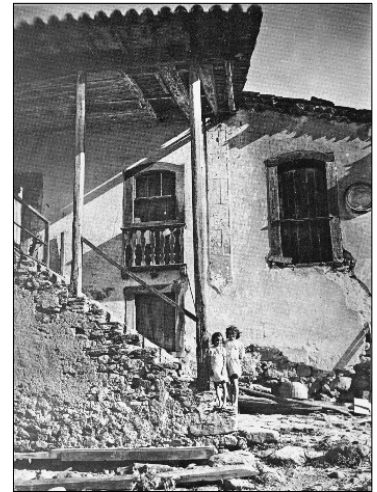
A ocupação da ilha pelos colonos se deu principalmente nas planícies costeiras e na face voltada para o canal, mas as plantações de cana também avançavam os morros e encostas menos íngremes do relevo acidentado de Ilhabela. Nos interstícios das fazendas, desenrolava-se a produção agrícola de gêneros de subsistência, como a mandioca, o feijão, o milho e a criação de animais; a pesca era atividade voltada para a complementação alimentar. Desde 1734, na Praia da Armação, era extraído o óleo de baleia para exportação e também para o abastecimento das luminárias do Rio de Janeiro, empregando grande número de escravos (Ellis 1969). A presença da mão-de-obra escrava como propulsora do desenvolvimento de Villa Bella da Princesa pode ser vislumbrada em alguns documentos presentes no Arquivo do Estado, dentre eles um livro de arremate em praça pública dos escravos para as fazendas da Ilha de São Sebastião¹⁰.

¹⁰ Sisas de Villa Bella da Princesa, CO8599, Arquivo do Estado de São Paulo.

Prancha 4



1. Colheita de cana de açúcar (séc. XX).
Acervo: Sociedade de Amigos da Biblioteca de Ilhabela.



2. Fazenda São Mathias em ruínas (séc. XX).
Acervo: Sociedade de Amigos da Biblioteca de Ilhabela.



3. Villa Bella séc. XX - igreja, cadeia e marco zero (antigo pelourinho).
Acervo: Sociedade de Amigos da Biblioteca de Ilhabela.



4. Fazenda Engenho D'Agua (séc. XX).
Acervo: Sociedade de Amigos da Biblioteca de Ilhabela.



5. Villa Bella da Princesa (Debret 1827).

A intensa ocupação das fazendas e engenhos de cana resultou num grande número de construções que revelam a introdução de diferentes hábitos sociais e culturais pelo colonizador, como as novas técnicas construtivas e arquitetônicas. Construções em pedra e cal ou pedra e barro recobertas por telhas capa e canal tomam lugar na paisagem onde predominavam as rudimentares residências de pau-a-pique cobertas com sapê. A prosperidade e a localização de Villa Bella, por outro lado, deixou esta região suscetível aos constantes ataques piratas às caravelas portuguesas que seguiam rumo aos portos de Santos e São Vicente.

Estrategicamente posicionada em meio às rotas de navegação para os mares do sul, entre as prósperas cidades do Rio de Janeiro e de São Vicente, Ilhabela, desde o início de sua história, serviu como abrigo e porto para as inúmeras naus estrangeiras que buscavam riquezas em terras brasileiras. Corsários famosos como Thomas Cavendish e Anthony Knivet deixaram relatos importantes de suas estadas na ilha, em especial Knivet, que, abandonado na Ilha de São Sebastião por Cavendish, teve que ficar à própria sorte até conseguir retornar a Europa (Cavendish [1557] In: Filho 2002; Knivet [1625]1947). Ainda no século XVI, antes mesmo da formação do povoado na ilha, a grande quantidade de corsários fez com que fossem proibidas as travessias isoladas, sendo necessária a formação de comboios para viabilizar a viagem para Europa. Alguns desses comboios eram formados no canal de São Sebastião, onde as águas calmas permitiam a espera de toda a frota (Almeida 1946a). Todavia, as mesmas águas calmas que abrigavam navios portugueses também eram procuradas como refúgio de corsários, que podiam ancorar com segurança e fazer a aguada. Segundo Calixto (1936) “*são bem conhecidas as proezas de Draks, Fonton e Cavendish – os flibusteiros mais terríveis dessa época, que desde 1553 a 1598 faziam da ilha e canal de São Sebastião a base de suas operações*” (ibidem: 24).

A partir da segunda metade do século XVIII, com as vilas e povoações do litoral até então quase sem defesa, as primeiras ações de militares tiveram início naquela região, conforme se depreende da carta datada de 1767 na qual o governador da capitania de São Paulo afirmava: “*em São Sebastião tenho dado principio às Fortificações das Barras, já se está trabalhando em um dos quatro Fortes que deve ter aquelle Porto nas pontas do canal que aly forma a Ilha com a terra firme, mas da parte do norte hé tão largo que não pode cruzar a artelharia, hade ficar um forte na ponta da ilha aonde os navios são obrigados a passar mais perto, porque da parte da*

terra hé bayxo, o outro deve ficar junto à Villa e da parte do sul que hé mais estreito, ambos defronte¹¹” (In: Almeida 1946a). Porém, somente em 1819 tem início a construção dos fortes de Villa Bella da Princesa nas barras do sul (Forte da Feiticeira) e do norte (Forte do Rabo Azedo), sendo a *Bataria* localizada na Vila feita à custa do Capitão Mor de Villa Bella, e o Forte da Ponta das Canas jamais concluído (Almeida, 1946a; Mori et al 2003).

No século XIX, a monocultura açucareira cedeu espaço às lavouras de café que em meados de 1850 tornou-se uma cultura extremamente importante no Litoral Norte do Estado de São Paulo (França 1951). Segundo Almeida (1958) “*em 1854 possuía o município de São Sebastião nada menos de 106 fazendas de café, em que trabalhavam 2.185 escravos, produzindo nesse ano 86 mil arrobas, no valor de 104:000\$000*” (ibidem: 153). Os números para a Ilhabela são ainda mais expressivos, pois, segundo Milliet (1944) ela teria chegado a produzir neste mesmo ano mais de 112 mil arrobas de café (ibidem: 42), ao passo que Taunay informa que chegaram a existir na ilha “*fazendas de café, com 1.725 escravos*” (24, vol.III, p.131). Igualmente, a Ilha de São Sebastião destacava-se também como entreposto de comércio de escravos o que provavelmente possibilitou a formação de quilombos na região de Villa Bella. Segundo França “*a Ilha chegou a ter, na segunda metade do século passado, os seus palmares africanos destinados às lavouras do continente e escravos dos engenhos ou fazendas locais, refugiados nas suas montanhas florestais*” (1951:93).

Em fins do século XIX, a introdução do trabalho livre e a criação de uma infraestrutura voltada para a nova produção em bases capitalistas conduz à falência a produção agrícola da ilha que fica fora do novo circuito de produção e comercialização. Contribuíram para a decadência de Villa Bella da Princesa e de outras cidades do litoral norte, a interrupção da construção da estrada de ferro que ligaria as cidades do Vale do Paraíba ao porto de Ubatuba e São Sebastião por conta da sublevação da Armada e a guerra civil que se seguiu. A abertura da “São Paulo - Rio de Janeiro” – que passaria a se chamar Central do Brasil – também resultou no desvio de mercadorias dos portos do litoral norte paulista e contribuiu para o crescente dismantelamento da economia da região (Almeida 1958). Tem início um período de grande isolamento e retraimento econômico que acaba com a produção em larga escala das fazendas de café e, progressivamente, as atividades econômicas passam a se restringir à produção familiar ou são voltadas para o consumo interno. Segundo França

¹¹ Transcrição paleográfica mantida como no documento consultado.

(1951), nesse período as únicas culturas permanentes eram a de banana e laranja, sendo cultivados em roças itinerantes produtos como a cana de açúcar, a mandioca, o milho, o feijão, a batata doce e, em menor escala, o arroz (ibidem: 47).

Villa Bella entra num intenso período de estagnação econômica que só começaria a mudar a partir do início do século XX com a produção de cachaça em engenhos que funcionavam, em sua maioria, com rodas d'água¹². Em meados do século XX, as pesquisas de campo realizadas por França (1951) revelaram a existência de um total de 180 hectares de terras na Ilha de São Sebastião destinados ao cultivo da cana para a produção de aguardente, sendo, a maior parte delas, localizadas na face do canal de Toque-Toque. Revelaram também a existência de 13 engenhos de aguardente, sendo que destes, 11 se localizavam também na face do canal (ibidem: 117). Dos 13 engenhos observados por França, sete haviam sido construídos no século XVIII, cinco no século XIX e somente um no século XX, revelando o aproveitamento das mesmas estruturas anteriormente destinadas à produção de açúcar (ibidem: 118).

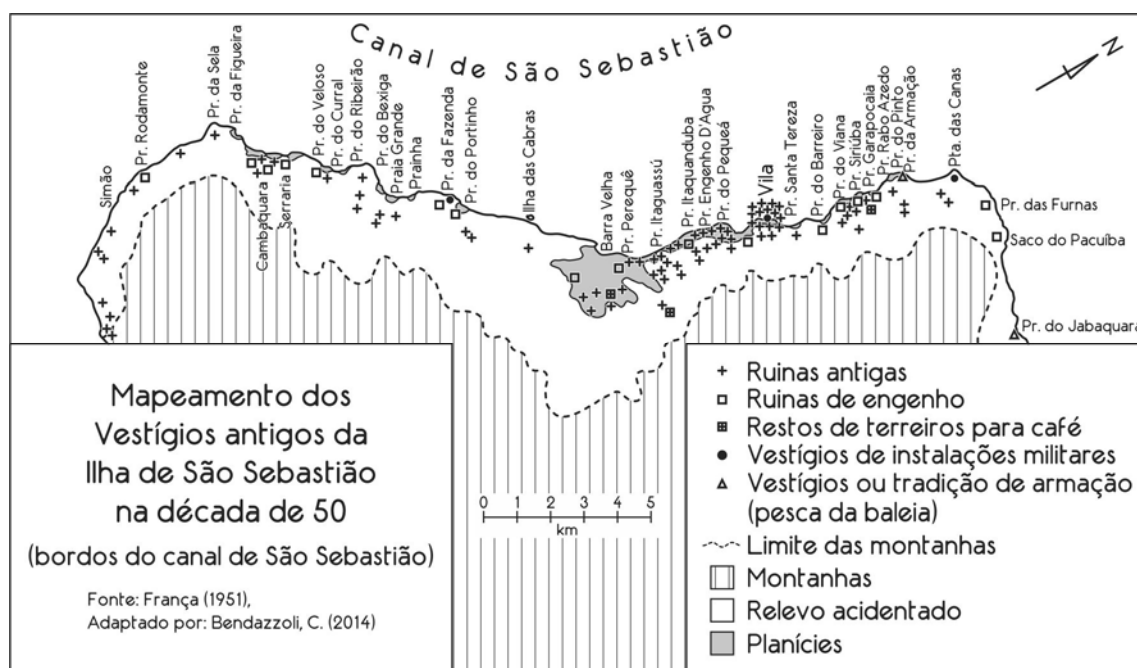


Figura 14 - Mapa dos vestígios edificados na Ilha de São Sebastião na déc. 50.

A cachaça produzida em Ilhabela, assim como o excedente da produção de subsistência, era transportada em pipas levadas pelas canoas de voga e vendidas em Santos. A

¹² Com exceção de um engenho no bairro do Bexiga que funcionava por tração animal (França 1951:117).

agricultura, que até então tinha sido a principal atividade econômica exercida pelos moradores do arquipélago, torna-se, ao lado da pesca, o único meio de sobrevivência da população dessa região (França 1951:52). Favorecida pela existência de um litoral bastante recortado, o litoral norte paulista se tornou uma das principais áreas de pesca comercial da costa meridional brasileira, muito procurada por barcos de Santos e Rio de Janeiro (ibidem: 122). Especialmente no município de Ilhabela, a introdução dos cercos flutuantes e o estabelecimento de salgas por imigrantes japoneses no início do século XX¹³ contribuíram significativamente para o desenvolvimento das atividades pesqueiras no município (Mussolini 1980).

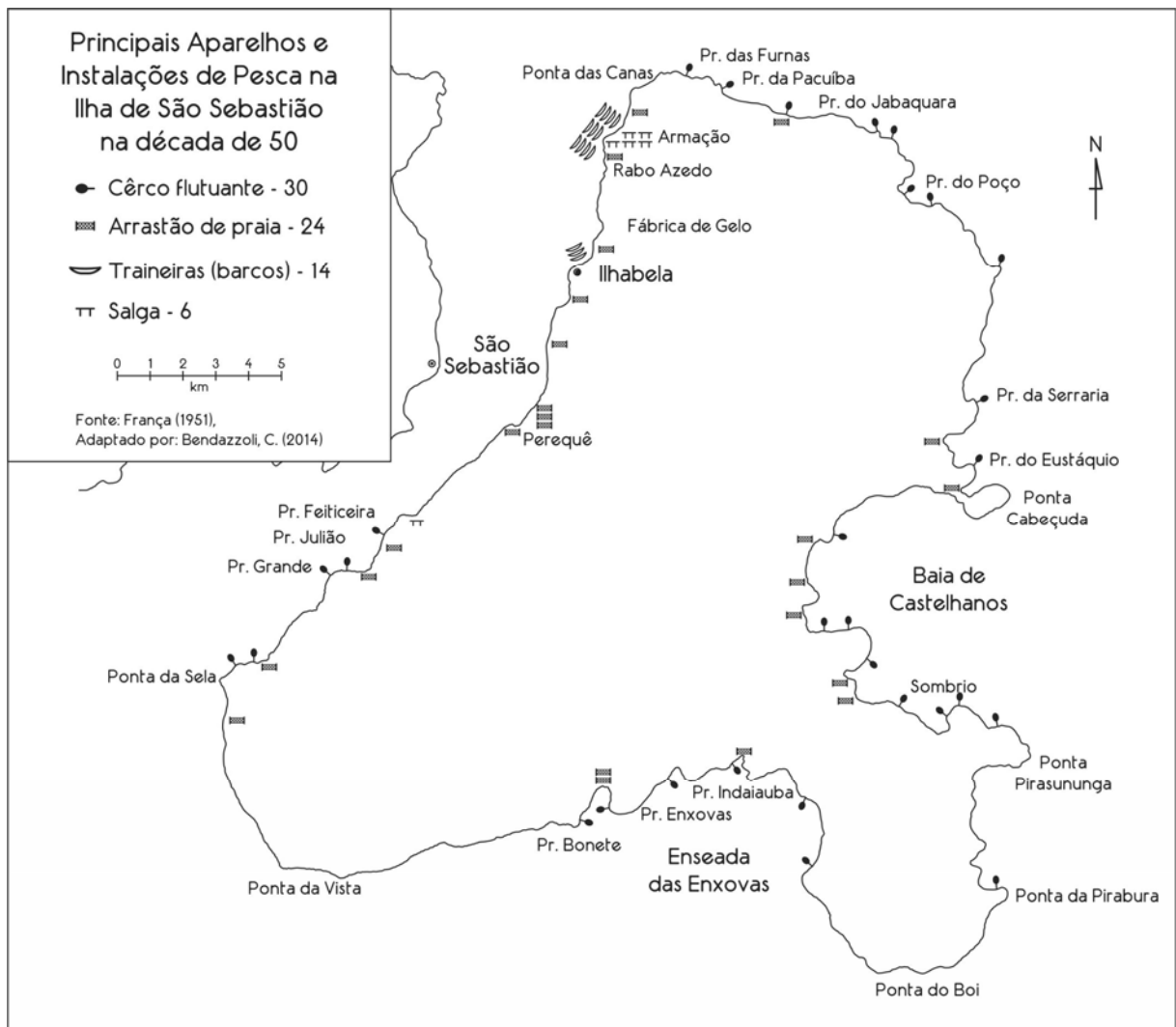


Figura 15 - Mapa de localização dos aparelhos de pesca na Ilha de São Sebastião.

¹³ As principais salgas de Ilhabela localizavam-se nas praias da Armação, Rabo Azedo (Praia do Pinto) e Portinho (França 1951:125).

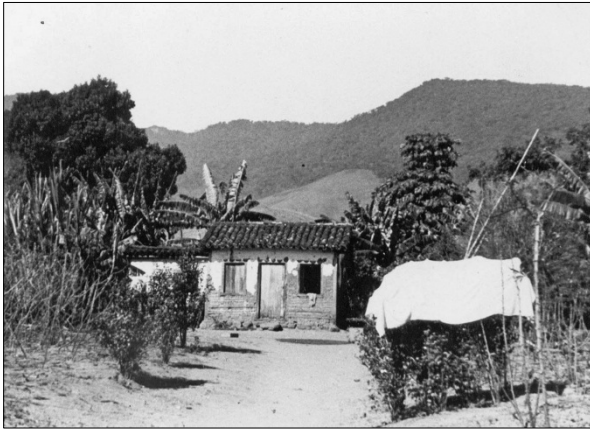
Como resultado de séculos de atividades agrícolas realizadas no litoral norte paulista, dentro do qual se inclui o arquipélago de Ilhabela, ocorreu uma significativa transformação na paisagem local, principalmente na faixa que vai da linha costeira ao limite dos morros com as montanhas. Segundo França (1951), *“a utilização dos recursos da terra, à custa da floresta, em três séculos e meio de agricultura itinerante, resultou na devastação de, aproximadamente, 380 quilômetros quadrados, portanto 4,5 vezes a área correspondente à das planícies e 20% de toda a região”* (ibidem: 55). Particularmente no caso de Ilhabela, aponta França, *“não resta dúvida que foram os agricultores do passado, nas vertentes do Canal de São Sebastião pelo menos, os que atingiram as cotas mais elevadas das roças e plantações localizadas nos morros, fazendo a floresta recuar até o seu domínio atual, o das mais íngremes escarpas. O avanço em direção à montanha, iniciado nas praias, prosseguiu, pelo menos, até a terceira década deste século¹⁴. Mas, a julgar pelas inúmeras capoeiras e capoeirões bem formados, em cotas da ordem de 400 a 500 metros, que chegam, à primeira vista, a confundir-se com a mata virgem, aqueles limites foram atingidos há muito mais tempo, um século atrás, pelo menos”* (ibidem: 60).

No que concerne às poucas e pequenas planícies da Ilha de São Sebastião, o remodelamento dessas paisagens revela-se de imediato na face voltada ao Canal de Toque-Toque onde estão localizadas 20 das 38 planícies existentes e também a aglomeração do centro da cidade. Segundo França (1951) *“não há, nos 7,3 km² dos aluviões planos da Ilha de São Sebastião, espaço algum que não tenha sido modificado pelo homem”* (ibidem: 83). Dentro deste contexto destaca-se a intensa modificação da paisagem na região da planície do Perequê, que atualmente compõe os populosos bairros do Perequê e Barra Velha, local que abriga o único manguezal extenso da Ilha de São Sebastião e que se apresenta, nos dias de hoje, significativamente impactado.

Com a grande crise ocorrida em 1929 agravou-se ainda mais a situação econômica de Villa Bella da Princesa que, não tendo arrecadação suficiente para arcar com os custos de sua própria administração, acabou novamente anexada ao município de São Sebastião. A revolta da população foi tamanha que, poucos meses depois, o governo estadual elevou novamente Villa Bella a condição de município (Simões 2003). Seu nome sofreria alterações quando, em

¹⁴ França refere-se ao século XX tendo em vista que a publicação data de 1951.

Prancha 5



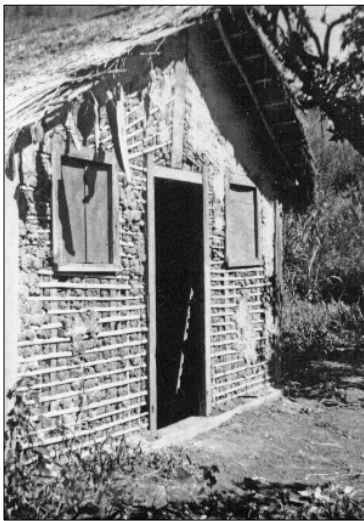
1. Casa caiçara com telha capa e canal
(meados séc. XX).

Acervo: Sociedade de Amigos da Biblioteca de Ilhabela.



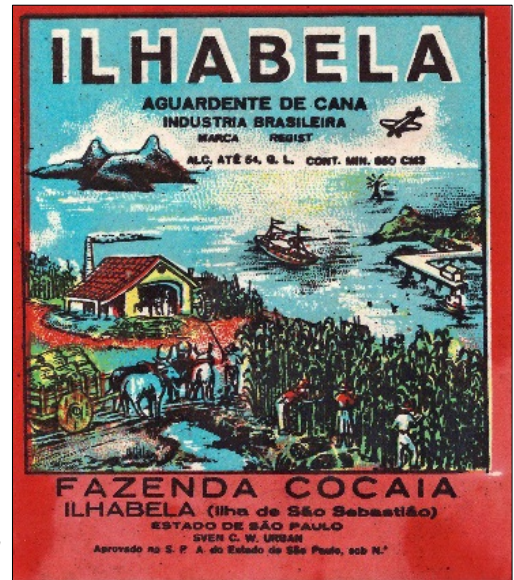
2. Casa caiçara de pau a pique e sapé
(meados séc. XX).

Acervo: Sociedade de Amigos da Biblioteca de Ilhabela.



3. Construção tradicional
(meados séc. XX).

Acervo: Sociedade de Amigos da Biblioteca de Ilhabela.



4. Rótulo de Cachaça produzida em Ilhabela.

Acervo: Sociedade de Amigos da Biblioteca de Ilhabela.



5. Pescaria tradicional
(meados séc. XX).

Acervo: Sociedade de Amigos da Biblioteca de Ilhabela.

Quanto às ilhas da Vitória e dos Búzios, também alvo desta pesquisa, não existem estudos sobre a história de suas ocupações. O relato descritivo mais antigo localizado sobre elas foi feito em 1902 por Euclides da Cunha que viajou para as ilhas a fim de realizar um reconhecimento ligeiro em ambas e indicar caracteres essenciais visando à construção de uma colônia penal em uma delas (Cunha 1944)¹⁵. Segundo Cunha, as ilhas de Vitória e dos Búzios “*não tem existência histórica e não figuram em nenhuma das narrativas de episódios de que foi, entretanto, notável teatro o vasto segmento de costa que fronteiam. Ao atingi-las os mareantes tinham, logo adiante, para ocidente ou para sul, na enseada aberta de Caraguatatuba, no abrigo seguro de Ubatuba, ou na curvatura setentrional intensamente articulada da ilha de São Sebastião, os atrativos de uma terra maior e fundeadouros mais acessíveis, e passavam sem que nada os levassem aos dois ilhotes pouco distantes cujos contornos revoltos, de pronto apercebidos na alvura dos cordões de rochas dismanteladas que os debruam, lhes pronunciavam perigosos parceiros e desembarque penosíssimo. Apesar disto foram notados desde os primeiros anos dos séculos do descobrimento e tiveram os nomes que ainda persistem e se averbam já no Tratado Descritivo do Brasil (1587) de Gabriel Soares*” (ibidem: 687).

O belo relato de Euclides da Cunha sobre as Ilhas da Vitória e dos Búzios, contudo, pouco contribui para o entendimento de como foram ocupadas ao longo do tempo, restando aos sítios arqueológicos e à documentação colonial ainda não estudada, o maior potencial informativo sobre ambas as regiões. Para esta pesquisa, no entanto, algumas informações levantadas na bibliografia e, principalmente, na documentação existente no Arquivo do Estado de São Paulo, revelaram aspectos importantes, ainda que iniciais, a respeito das ilhas.

A Ilha dos Búzios, maior e mais próxima à Ilha de São Sebastião e do continente, foi cedida como sesmaria em 1808 para Antônio Maria Quartim. A breve descrição da sesmaria cedida informa que Antônio Maria Quartim recebeu “*uma ilha a Leste da Villa Bella da Princeza, denominada Ilha dos Búzios, que tem uma légua de circumferencia, sendo contemplados nesta sesmaria tres moradores que já tem feito algumas plantações na dita Ilha*”¹⁶. O documento da sesmaria cedida em Búzios¹⁷ revela que já havia ocupantes naquela

¹⁵ O relatório elaborado por Euclides da Cunha apresenta inversão da nomenclatura das ilhas, e nomeia Búzios de Vitória e Vitória de Búzios.

¹⁶ Repertório das Sesmarias – Divisão do Arquivo do Estado de São Paulo, São Paulo. A Divisão, 1994. Pg. 65.

¹⁷ Carta de Sesmaria ao Capitão Antonio Maria Quartim, Arquivo do Estado de São Paulo, Sesmarias e Patentes, Caixa 15, Livro 34, Ordem 373, página 40. Transcrito e publicado (apud Quartim 1981, pg 40).

ilha cultivando o solo do local, mas não informa maiores detalhes sobre os produtos cultivados, ou sobre os responsáveis pelo cultivo. Antonio Maria Quartim era filho do Duque de Almada e teria nascido em Gibraltar, fortaleza encravada na Espanha, sob o domínio da Grã Bretanha (Quartim 1981). O documento de sesmarias informa que Quartim possuía escravos para lavoura, mas, até o presente momento, não foram encontrados outros documentos que comprovassem que Antonio teria, efetivamente, fundado uma propriedade na Ilha dos Búzios.

Euclides da Cunha relata que o solo da Ilha dos Búzios já havia sido cultivado há 200 anos e que, segundo ele, o desaparecimento da próspera cultura do café naquela ilha estava relacionado ao surgimento de uma praga na lavoura (*sapote* ou *saporem*) que teria levado à morte cerca de dez mil cafeeiros, havendo somente por volta de uns cem pés produzindo na época de sua visita (Cunha 1944:697). Com a decadência das propriedades monocultoras do litoral norte paulista a Ilha dos Búzios passa a não ser mais um local de interesse econômico e fica relegada ao abandono, bem como ocorreu na Ilha São Sebastião e nas vilas litorâneas do continente.

Os moradores que ali permaneceram, continuaram o cultivo de artigos de subsistência como o milho, a mandioca e o feijão preto que, segundo Cunha, era muito apreciado no mercado de Santos. Além disso, os habitantes passaram a se dedicar quase que exclusivamente à pesca que, à época da visita de Cunha, em 1902, já era a principal atividade exercida pelos buzianos (Cunha 1944). Outra atividade econômica bastante importante na Ilha dos Búzios durante o século XX era a coleta de algas (*pterocladia e porphyra*) nas costeiras da ilha para a venda aos produtores japoneses estabelecidos naquela região (Willems 2003:66; Mussolini 1980).

Quanto à Ilha da Vitória, não foram localizados quaisquer registros que remetam à sua ocupação. A única menção à sua origem foi deixada por Cunha que afirma que cerca trinta e cinco moradores da Ilha dos Búzios alugaram a dita ilha e lá foram morar em nove casas, exercendo as mesmas atividades que já desempenhavam na sua ilha de origem (Cunha 1944). Para Willems (2003), tal acontecimento teria se dado alguns anos antes da visita de Cunha que ocorreu em 1902, portanto, ainda no século XIX (ibidem: 32).

As informações levantadas sobre a história da ocupação das ilhas localizadas a leste da Ilha de São Sebastião sugerem uma ocupação colonial relativamente recente para a Ilha dos

Búzios que, possivelmente, deu origem à atual comunidade tradicional caiçara daquele local. Apontam também para uma ocupação ainda mais recente da Ilha da Vitória, que teria ocorrido somente em final do século XIX. As narrativas orais obtidas junto aos moradores de Búzios e Vitória corroboram com essas afirmativas e apontam a existência de ligações estreitas de parentesco entre os moradores de ambas as ilhas.

1.2 - O contexto arqueológico e etno-histórico macrorregional

“Dos selvagens, primitivos ocupantes da região, não se observam os habituais vestígios, como cemitérios, restos de cerâmica e instrumentos (que não consta terem sido achados na ilha). Sambaquis de praia, onde esses e outros restos das nossas civilizações primitivas costumam ser encontrados, são ali desconhecidos” (França 1951: 132).

O entendimento do panorama da ocupação sambaquieira em Ilhabela, que corresponde ao foco dessa pesquisa, depende, sobretudo, do entendimento do contexto arqueológico e etno-histórico da macrorregião formada pelo litoral norte paulista, Vale do Paraíba e litoral sul do Rio de Janeiro. Conforme já apresentado anteriormente, essa macrorregião apresenta características bastante particulares e semelhanças nos seus contextos geográfico, geológico e climático. Em função disso, a ocupação desse amplo território esbarrou em dificuldades semelhantes e foi condicionada pela oferta de recursos e dinâmicas de outras populações que ali procuraram se estabelecer ou que utilizaram os territórios envoltórios.

Essa observação cabe não apenas para o litoral escarpado existente no continente, mas também para as inúmeras ilhas compreendidas entre essas faixas de marinha. Seu posicionamento e proximidade entre si e em relação ao continente favorecem os contatos via mar e os deslocamentos ao longo do canal de Toque-Toque e entre os pequenos arquipélagos circunscritos a essa zona costeira. Tal condição é relatada no Relatório da Comissão Geográfica e Geológica, que aponta a peculiaridade paisagística dessa região que, *“constituindo um quebra mar natural encontramos quasi [sic] em semi-circulo as ilhas dos Porcos, Mar-Virado, Búzios, Victoria, Alcatrazes, Montão de Trigo e Toque-Toque de modo que dentro dessa linha e protegido pela Ilha de São Sebastião, o canal estabelece um fundeadouro de primeira ordem”* (Cardoso [1906]1919: V).

Ainda que propícia à circulação por mar, a ocupação e o deslocamento das populações nesse território insular dependeu da oferta de recursos e da organização dos domínios territoriais estabelecidos pelas populações que ali chegaram. Cabe destacar, que essa macrorregião é muito conhecida pela abundância de seus recursos (Ihering 1907, Luederwaldt 1929), o acesso a eles, contudo, dependia das movimentações populacionais e do sucesso na adaptação a esse território escarpado, pedregoso e extremamente voltado à maritimidade. Nesse sentido, o domínio dos recursos do meio, das técnicas de produção de ferramentas, das técnicas de navegação, de obtenção de alimentos, entre outras necessárias à exploração do território foram fundamentais para o sucesso da chegada e permanência das populações naquela região. Uma vez estabelecidas e bem adaptadas ao território continental ou insular, as populações se favoreceram da ampla visibilidade das zonas marítima e costeira, especialmente favorecida para quem avista o continente a partir das ilhas. Nesse contexto, as dinâmicas, trocas e movimentos entre diferentes grupos ocorridos nessa região em tempos pretéritos devem ter sido também muito intensos.

Cabe destacar também que enquanto as poucas planícies costeiras dessa macrorregião foram, e até hoje são, um atrativo ao estabelecimento e à fixação territorial, as escarpas da serra e o extenso Vale do Paraíba foram disputados como área de ocupação e deslocamento entre territórios, caracterizando-se por propiciar uma intensa circulação de pessoas. Nesse contexto, a mobilidade dos povos indígenas, sua circulação e a constante disputa por novos territórios, influenciaram significativamente a ocupação e dinâmicas populacionais das regiões adjacentes nas quais se incluem as ilhas do arquipélago de Ilhabela.

Para Petrone (1965), a utilização da baixada litorânea e das terras do planalto pelo ameríndio e a definição de vias de circulação entre essas duas áreas, implicaram em um longo processo que levou à determinada organização do espaço entre esses povos. Vale lembrar que essa região densamente povoada era palco de constantes lutas e disputas territoriais que resultavam, muitas vezes, no deslocamento de grupos e, por consequência, no rearranjo e redimensionamento das áreas de domínios. Nesse sentido, os primeiros colonizadores europeus, por sua vez, já não teriam encontrado quadros naturais intactos, mas parcialmente modificados, e a eles reagiram com novos processos, contudo, aproveitando a experiência ameríndia (ibidem).

A semelhança verificada nos desafios a serem superados para a ocupação da macrorregião litorânea em questão se vê refletida nos resultados já obtidos em decorrência da realização de estudos arqueológicos nos sítios pré-coloniais e coloniais já investigados na referida área. As poucas pesquisas sistemáticas realizadas nesse trecho litorâneo apontam para semelhanças nos padrões de assentamento, na composição dos sambaquis, nos enterramentos, proximidades temporais de ocupação e vários outros aspectos que sugerem que a ocupação humana dessa região litorânea (atualmente dividida entre dois estados) tenha ocorrido de forma bastante similar (Mendonça de Souza 1977; Mendonça de Souza & Mendonça de Souza 1981/1982; Tenório 1992; Lima 1991; Bendazzoli et al 2009).

Dessa forma, o entendimento do contexto etno-histórico macrorregional, mais especificamente da região do Vale do Paraíba e Litoral Norte, além do litoral sul fluminense, depende, sobretudo, do conhecimento obtido por meio de pesquisas já realizadas e está diretamente relacionado às informações sobre a ocupação indígena pré-colonial, coletadas e registradas pelos primeiros europeus quando da penetração nesses territórios. Os textos e documentos produzidos por viajantes e exploradores, principalmente os escritos seiscentistas, constituem importantes fontes de informação acerca das populações indígenas que ocupavam aquelas terras no momento da conquista, assim como os textos posteriores ajudam a compreender as dinâmicas e movimentações ocorridas no litoral em decorrência do estabelecimento de colonos e do apresamento dos indígenas.

Algumas dessas dinâmicas ocorridas no passado foram registradas em relatos de viajantes e em documentos coloniais. Outras, somente puderam ser conhecidas através dos levantamentos e pesquisas arqueológicas realizadas nessa macrorregião e que oferecem as primeiras evidências da presença de populações indígenas no litoral, ao longo da serra e no Vale do Paraíba do Sul. Ainda que muitas dessas narrativas divirjam em relação ao período de ocupação e da localização exata dos diversos grupos existentes nessa macrorregião, parece consenso entre os viajantes seiscentistas que este território era disputado por diferentes etnias divididas em duas grandes nações: os Tupi e os “Tapuia”, esses últimos pertencentes ao tronco lingüístico Macro-Jê.

1.2.1 – Os povos Tupi e Macro-Jê

“São Sebastião dista algumas três léguas da Ilha Grande; é uma ilha comprida e plana; podeis ancorar entre ela e a costa. Ao entrar à ponta norte desta ilha, avistareis um grande rochedo branco, e bem em frente dele, uma ponta de terra firme que penetra no mar; justo defronte desta ponta ficam três penhas, onde habitualmente se vêem índios caçando peixes com seus arcos e flechas; indo de bote a esta ponta, tereis vista da formosa baía, chamada pelos índios Juqueriquerê. Aí também fica uma extensa aldeia de selvagens como os que habitam na Ilha Grande” (Knivet [1625] 1947:180).

A grande maioria dos autores que se debruçaram no estudo do povoamento do planalto de Piratininga durante o período do contato, concorda que os povos de língua Tupi predominavam nessa região (Monteiro 2005; Schaden 1958 e Taunay 1921). Essa corrente encontra-se fortemente apoiada nos relatos de cronistas como Gandavo ([1576] 2008), Soares de Souza ([1587] 2010) e Cardim ([1583] 2009) que contribuíram com importantes descrições sobre a presença Tupi nessa área. Cabe destacar, contudo, que tal uniformidade de pensamento sobre a preponderância Tupi frente a outras nações se deve, entre outros fatores, também ao maior contato entre colonizadores e povos das nações Tupi, e à escassez de estudos sobre as nações tapuias (Prezia 2000). Os primeiros relatos de cronistas que estiveram na região já apontavam que *“em toda esta província há muitas e varias nações de diferentes línguas, porém uma [a tupi] é principal que compreende algumas dez nações de índios: estes vivem na costa do mar, e em uma grande corda do sertão, porém são todos estes de uma só língua ainda que em algumas palavras discrepam e esta é a que entendem os portugueses”* (Cardim [1583] 2009:200).

Segundo Monteiro (1994), no período colonial a região que configura o atual Estado de São Paulo era ocupada por grupos indígenas distribuídos em quatro macrorregiões. A primeira correspondia ao território pertencente à Capitania de São Vicente, abrangia a faixa litorânea do Rio de Janeiro e estendia-se até a Baixada Santista e parte do interior paulista, e era habitada por povos Tupi. A segunda, situada entre o Vale do Paraíba e a Serra da Mantiqueira, seria ocupada por grupos do tronco Macro-Jê incluindo, além dos Puri, os

Guayaná¹⁸ e Maromomi. A terceira região, a oeste da capitania, era habitada por grupos não Tupi¹⁹ e a quarta região, mais para o sul e sudoeste, era dominada pelos Guarani.

Relatos deixados pelos jesuítas também são igualmente importantes para o entendimento da localização dos assentamentos Tupi e de seu modo de vida. Entre esses relatos, destacam-se os de Anchieta que esteve em contato direto com algumas nações nas suas atividades religiosas de catequese e na mediação de conflitos entre tupis e colonos. Em uma de suas descrições de viagem, Anchieta revela a localização aproximada dos povos Tupi, com os quais conviveu durante a negociação de paz entre os portugueses e os Tamoios “*estes, entre os quais trabalhamos, estão espalhados pelo interior na extensão de 300 milhas, como julgamos, e todos comem carne humana, andam nus e habitam casas de madeira e barro, cobertas de palha ou de cascas de árvores*” (Anchieta [1554] apud Prezina 2000).

Os relatos deixados por Anchieta foram muito importantes e serviram como referência na localização de nações indígenas da costa mesmo depois de vários séculos de suas publicações. Pasin (2001), baseando-se nos relatos deixados pelo referido jesuíta quanto à localização dos grupos Tamoio na região do Vale do Paraíba aponta que esses grupos pertencentes ao tronco Tupi possuíam territórios que se estendiam da região que vai da Ilha de São Sebastião até o litoral de Cabo Frio, e para o interior esses domínios chegavam à região do Vale do Paraíba do Sul.

Enquanto que, em relação à ocupação indígena do planalto, as informações sobre a presença Tupi são mais acessíveis devido ao maior número de publicações e pesquisas sobre o tema, no litoral norte paulista verifica-se uma baixa incidência de relatos e descrições de época, bem como são raros os estudos em sítios arqueológicos de origem Tupi. Destaca-se o importante documento deixado pelo alemão Hans Staden, que passou nove meses prisioneiro dessa nação vivenciando o cotidiano desses povos e seus costumes antropofágicos. Preocupando-se em relacionar os territórios ocupados pelos Tupinambá e pelos inimigos desses, Staden fornece importantes informações a respeito das distâncias e áreas de domínio de várias das nações indígenas da costa. Segundo ele, a fronteira que separava os territórios Tupinambá e Tupiniquim, inimigos entre si, estava situada 25 milhas ao norte da costa a partir

¹⁸ Para o autor os Guayaná seriam os ancestrais dos Kaingang e teriam oferecido grande resistência ao avanço da lavoura cafeeira no oeste paulista durante o século XIX

¹⁹ Para Sampaio (1901) os Tupi eram aqueles que falavam a língua geral, conhecida ao longo da costa, e os Tapuia eram os que não compreendiam e não falavam essa língua.

de Bertioga, e a fronteira que dividia os territórios Tupiniquim e Carijó ficava ao sul de Cananéia (Staden [1557] 1999). Seguindo a distância apontada por Staden a região limítrofe entre os territórios dos povos Tupinambá e Tupiniquim estaria, atualmente, situada pouco ao norte do município de Ilhabela (aproximadamente 185,5km) ²⁰, mais precisamente entre os atuais municípios de Caraguatatuba e São Sebastião.

A área apontada por Staden como divisa dos territórios Tupinambá e Tupiniquim é corroborada pelo mapeamento feito por Nimuendaju, que situa essa mesma região pouco ao norte de Ilhabela, como a área fronteira entre esses dois domínios. Nesse contexto, o topônimo “*Maembipe*” que, segundo Hans Staden, era como os tupinambás denominavam a Ilha de São Sebastião, poderia estar relacionado ao posicionamento estratégico dessa ilha em área fronteira entre os territórios dos inimigos Tupinambá e Tupiniquim, uma vez que *Maembipe* significaria “*local de troca de mercadoria e resgate de prisioneiros*” (Tibiriçá 1998).

Segundo Prezia, “*a presença de populações tupis no litoral foi tão acentuada no século XVI, que até há pouco tempo a cultura brasileira indígena era sinônimo de Tupi, ficando os demais povos e culturas relegados a um segundo plano, quando não omitidos completamente. Devido a isso muitos equívocos históricos se cometeram, como foi o esquecimento de grupos numericamente menores, como os Maramomi/Guarulhos. Outros foram erroneamente incorporados entre os grupos tupis, como os Guaianá/Guaianã. Por conta de uma literatura colonial, sobretudo jesuítica, criou-se igualmente o estereótipo Tupi-Tapuia, que subsiste até hoje no meio escolar não acadêmico, pelo qual os povos tupis eram dóceis, amigos e colaboradores dos europeus, enquanto que os do tronco macro-jê, que viviam mais no interior, eram atrasados e hostis ao colonizador*” (2000:11).

A forma na qual eram superficialmente descritos alguns grupos indígenas menores, ou menos acessíveis ao colonizador do litoral paulista, dentre eles os de etnia Macro-Jê, pode ser facilmente identificada nos textos mais importantes desse período (Gandavo [1576] 2008, Soares de Souza [1587] 2010 e Cardim [1583] 2009). Contudo, ainda que a descrição sobre o modo de vida e sobre as diferentes e numerosas áreas de domínio Tupi tenham prevalecido em relação a outros povos, apontamentos importantes indicam a presença de etnias Macro-Jê não apenas ao longo da serra, mas também no litoral norte paulista (Knivet [1625] 1878).

²⁰ Staden calculava as distâncias utilizando as milhas alemãs, que era equivalente a 7.420 metros (Franco, In: Staden 1988:57 nota 70, apud Prezia 2000:170 nota 50).

A polêmica acerca da presença de povos Macro-Jê na costa está intimamente relacionada à dúvida que dividiu antropólogos, historiadores e lingüistas a respeito do tronco linguístico pertencente à etnia Guaianá, uma vez que relatos seiscentistas apontavam para a presença dessa nação no litoral norte paulista (Burton, apud Ferreira & Noelli 2007). A realização de estudos baseados em lingüística e traços culturais, contudo, revelou que os índios Guaianá²¹, muitos dos quais estavam situados nas encostas da serra do mar no litoral norte paulista, pertenciam ao tronco linguístico Macro-Jê (Prezia 2000). Nesse sentido, os relatos sobre a presença de grupos Guaianá no litoral norte paulista, feitos pelos primeiros naturalistas e viajantes, estariam, na verdade, relacionados a descrições sobre grupos de origem Jê e não Tupi.

Os Guaianá, de origem Jê, são mencionados em relatos importantes dentre os quais se destacam os de Knivet, Thevet, Léry e Staden, ainda sim, nenhum cronista ou missionário português detalhou o modo de vida desses índios, com exceção de Soares de Souza. *“Já fica dito como os Tamoios fazem fronteira com outro gentio, que se chama os guoianazes, os quais tem sua demarcação ao longo da costa por Angra dos Reis, e daí até o rio Cananea, onde ficam vizinhando com outra casta de gentio, que se chama os Carijós. Estes guoianazes têm continuamente guerra com os Tamoios, de uma banda, e com os carijós da outra, e matam-se uns aos outros cruelmente; não são os guoianazes maliciosos, nem refalsados, antes simples e bem acondicionados, e facilimos de crer em qualquer coisa. É gente de pouco trabalho, muito molar, não usam entre si lavoura, vivem da caça que matam e peixe que tomam nos rios, e das frutas silvestres que o mato dá; são grandes flecheiros e inimigos da carne humana. Não matam aos que cativam, mas aceitam-nos por seus escravos; se encontram com gente branca, na lhe fazem nenhum dano, antes boa companhia, e quem acerta de ter algum escravo guoianas não espera dele nenhum serviço, porque é gente folgazã de natureza e não sabe trabalhar”* (Soares de Souza [1587] 2010:111-112).

A localização exata dos Guaianá no período do contato é difícil de ser obtida pela escassez e superficialidade da maioria dos relatos. Contudo, alguns textos seiscentistas como o de Soares de Souza dão pistas dos locais onde esses grupos foram encontrados. Staden

²¹ Diferentes etnônimos e grafias podem ser encontradas referindo-se a mesma população Guaianá, a saber: Wayganna, Ouëanen, Ouëanen, Wyanasses, Goiana, Goianazes, Guayamã, Guayanã, Guaianã, entre outros (Prezia 2000:189). Para este trabalho optou-se pelo uso termo Guaianá, mas amplamente difundido na literatura sobre o assunto.

([1557] 1999), ao descrever os inimigos dos tupinambás de quem era prisioneiro, afirma que eles “*são pressionados por adversários de todos os lados. Ao norte, seus vizinhos são uma tribo de selvagens chamados Guaitacás. São seus inimigos. Seus adversários ao sul são os Tupiniquins; os que vivem em direção ao interior das terras são chamados de Carajás; perto deles, na serra, vivem os Guaianás e, entre estes, vive mais uma tribo, a dos Maracajás, que os perseguem continuamente*” (1999:91).

Já o relato de Knivet, corsário que chegou a terras brasileiras a bordo da esquadra comandada pelo famoso Thomas Cavendish, aponta, assim como Soares de Souza ([1587]2010), a existência de grupos Guaianá vivendo no litoral, mais precisamente perto de Ilha Grande e da Ilha de São Sebastião, e outros tantos na mata e na serra ([1625]1947:46; 61-63). Possivelmente influenciado pelas descrições seiscentistas, os relatos posteriores produzidos pelo inglês Burton que pesquisava sambaquis costeiros ([1866 e 1871] apud Ferreira & Noelli 2007) ²² também mencionam os índios Guaianá no litoral paulista, ainda que neste momento já cite o seu desaparecimento “*há quase três séculos*” (2007:163).

Já no século XX, Nimuendaju, em seu amplo levantamento realizado em quase todo o território brasileiro, que resultou na criação do Mapa Etno-Histórico do Brasil e Regiões Adjacentes, aponta que a região que atualmente compreende o Estado de São Paulo foi ocupada por índios das famílias Jê e Tupi-Guarani, representadas predominantemente pelos grupos Caiapó e Guarani (Nimuendaju/IBGE 1944). O mapa que resultou dos trabalhos de Nimuendaju aponta também a existência de vários grupos do tronco Macro-Jê no planalto e nas encostas da serra como os Kaingang, os Puri e os Guaianá, além da presença deste último também no litoral do Rio de Janeiro, em Ilha Grande.

Sobre a presença de povos Macro-Jê no litoral de São Sebastião, Knivet é bastante claro ao informar a existência de uma grande aldeia na enseada do rio Juqueriquerê ocupada por um grupo da mesma nação dos índios que habitam a Ilha Grande (possivelmente os Guaianá apontados por Nimuendaju), conforme se depreende do seguinte trecho de seu manuscrito: “*indo de bote a esta ponta, tereis vista da formosa baía, chamada pelos índios Juqueriquerê. Aí também fica uma extensa aldeia de selvagens como os que habitam na Ilha Grande*” (Knivet [1625] 1947:180).

²² Textos traduzidos por Ferreira, L.M.; Noelli, F.S. em artigo publicado na Revista do Museu de Arqueologia e Etnologia do MAE, São Paulo, 17: 149-168 2007.

A presença dos índios Maromomi²³, também pertencentes ao tronco Macro-Jê, foi identificada tanto no planalto, como nas encostas da serra e litoral norte do estado, como revelam alguns textos seiscentistas. Em carta de Anchieta, na qual ele descrevia os tapuias da região, o jesuíta menciona a presença de grupos Maromomi: “*entre estes há uns chamados maromomis, que são muitos; mas a maior força deles vive pelos matos e serras da Capitania de São Vicente, obra de 200 léguas pelo sertão adentro, e obra de outro tanto até a capitania do Espírito Santo*” (Anchieta [1584-96]1989 apud Prezia 2000:179). Segundo o levantamento feito por Prezia, textos seiscentistas apontam a presença de índios Maromomi vivendo em Atibaia e no Vale do Paraíba e majoritariamente na região da Serra da Mantiqueira, chamada por Glimmer de “*montes Guarimunis ou Marumininis*” ([1648] apud Prezia 2000:180).

Baseando-se também em relatos seiscentistas, Kok (2012) aponta que “*ao longo do século XVI, dois grupos indígenas dominaram o atual litoral de Caraguatatuba: os tupinambás, falantes da língua tupi, e os gueromimis ou maromomis, que falavam a língua Jê*” (ibidem: 20). O relato da presença de índios Maromomi na região de Caraguatatuba encontra respaldo em documentos do século XVI e XVII. Um deles é o topônimo registrado por Vasconcelos “*enseada dos Maramomis, fronteira a ilha dos Porcos, próximo a vila de São Sebastião*” (Vasconcelos [1663]1977 apud Prezia 2000). Outro é o mapa do litoral feito por Albernáz ainda no século XVII, no qual a mesma enseada, que atualmente pertence ao município de Caraguatatuba, aparece registrada com o nome de “*Enseada dos Guaromomins*”. Além destes, a doação da primeira sesmaria na região, conforme já apontado no tópico anterior, informa que a terra doada começava “*defronte da ilha de São Sebastião nos arrecifes que estão junto de uma praia que chamam Piraquim-mirim, que estão da banda da terra dos Iguaramirins...*” (apud Almeida 1958:43).

A chegada dos colonizadores portugueses mudou radicalmente o modo de vida dos povos indígenas locais. Antes livres na sua forma de se organizar social, cultural e politicamente, os indígenas, após inúmeras lutas ou alianças, passaram a viver em aldeamentos criados pelos padres jesuítas com a finalidade de facilitar seu trabalho de catequese. A instalação de colonos no litoral, e o apresamento dos indígenas para uso como mão-de-obra escrava e para confinamento nos aldeamentos, resultaram no cativo ou na

²³ Diferentes nomes e grafias foram atribuídos aos Maromomis, dentre eles: Maramomis, Moromemim, Moromomins, Guarumimim, Gurumimins, Muruminis, Garumirim, Guaramimis, Garomemis, Marumimim, Jeremomis, Goarulhos, entre outros (Prezia 2000:176). Para este trabalho iremos utilizar o etnônimo Maromomi.

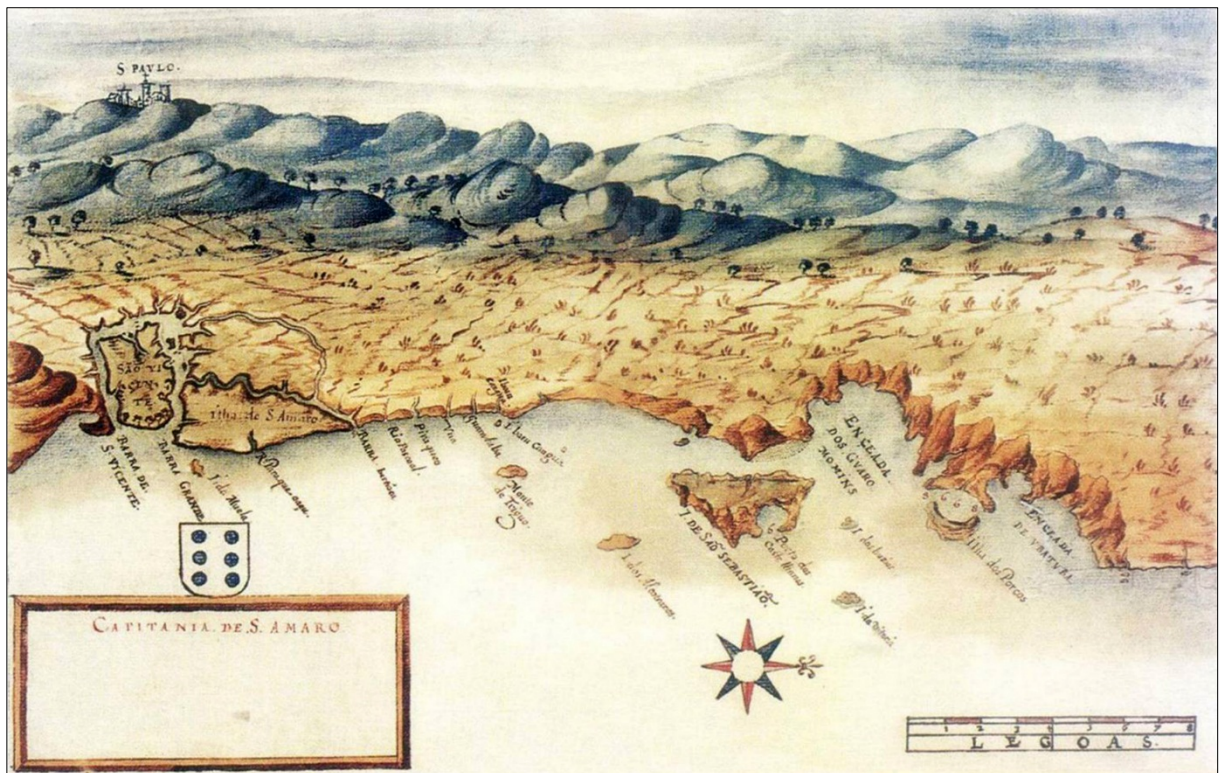
fuga dos grupos indígenas que deixaram o litoral rumo ao Alto Tietê e Alto Paraíba. Os povos nativos passaram de legítimos ocupantes da terra para uma situação na qual dois caminhos lhes eram possíveis: adentrar ao sertão fugindo dos bandeirantes ou trabalhar para os colonizadores nas terras que antes eram suas. O enfraquecimento da reação indígena acarretou a perda gradativa da terra que tradicionalmente ocupavam e muitas áreas, originalmente suas, foram transformadas em aldeamentos sob a tutela jesuítica.

Enquanto que nos Campos de Piratininga a grande aldeia Tupiniquim de Ururaí, liderada por Piquerobi, antes um marco de resistência, era transformada no aldeamento jesuítico de São Miguel, no Vale do Paraíba teve início em princípios do século XVII a formação dos aldeamentos indígenas como o de Nossa Senhora da Escada (Guararema) e de São José do Paraíba (São José dos Campos). Ainda no século XVII, elevada a categoria de Vila, Mogi das Cruzes se torna um importante centro de irradiação colona ao interior do Vale do Paraíba, contribuindo para a criação de novos núcleos como o de Jacareí e Guaratinguetá. Atraídas pela concessão de sesmarias na região, várias famílias paulistas se estabeleceram no Vale do Paraíba, de onde partiam em busca do apresamento de índios ou da extração de metais preciosos nos Sertões de Cataguases (Caldarelli 1994).

Prancha 6



1. Mapa Curt Nimuendaju com ocupações indígenas: em verde (Jê) em amarelo (Tupi) (1944/IBGE).



2. Mapa de Albermáz ilustrando a Enseada dos Guaromomis (meados séc. XVII).

As vilas que se estabeleceram na nessa região desenvolveram inicialmente atividades agrícolas de subsistência, e mais tarde passaram a atender também a população cada vez mais numerosa das Minas Gerais. Novas vias de circulação partiam do litoral pelo Caminho Velho de Paraty ou por Mambucaba, seguiam em direção a Serra da Bocaina, alcançavam o vale e atravessavam a Serra da Mantiqueira até atingir a região aurífera mineira. Ao longo desse eixo, em seus principais entroncamentos e nos caminhos para o litoral, formaram-se novos núcleos urbanos, pousos de tropas e entrepostos comerciais. Vias transversais aos caminhos do ouro foram abertas buscando a melhor comunicação com o litoral, favorecendo novos núcleos urbanos como os de São Luís do Paraitinga e Paraibuna (Toledo & Ferreira 2001).

Em meio ao sempre crescente estabelecimento de colonos em áreas desocupadas pelos indígenas e à grande expansão das vias de circulação tem-se o desenvolvimento dos núcleos populacionais e a criação das vilas litorâneas, como a Vila de Ubatuba e a Vila de São Sebastião, ereta em 1636, cuja jurisdição incluía também a porção insular do atual município de Ilhabela. Para atender as demandas da população caiçara que se formava e possibilitar o deslocamento de pessoas e produtos para o interior, novos caminhos foram abertos ligando o litoral ao planalto. Ao mesmo tempo em que vilas litorâneas eram criadas e estradas eram abertas, a demanda por mão de obra para as construções coloniais aumentava cada vez mais. Na tentativa de suprir essa necessidade, os colonos da região, que já haviam espantado e dizimado boa parte da população indígena local, dentre os quais se encontravam os grupos Jê do litoral, passam a buscar mão de obra indígena de outras regiões ou de aldeamentos vizinhos, como os de São Miguel, Itapeperica e Nossa Senhora da Ajuda²⁴.

A presença de diferentes nações indígenas introduzidas num mesmo espaço o qual era, muitas vezes, desconhecido por essas populações, resultou numa significativa mistura étnica e na troca e difusão de aspectos culturais entre essas nações. A utilização da força de trabalho indígena no litoral norte paulista ocorreu não somente nas construções e trabalhos braçais no campo, mas também nas ordenações militares que defendiam as vilas e a costa do ataque de inimigos. A documentação ainda preservada nos arquivos públicos revela a existência de pelo

²⁴ Carta de Joaquim da Silva Coelho para o Governador da Capitania de São Paulo Luis Antonio de Souza Botelho Mourão datada de 30 de junho de 1772, 3 p; original. Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro, I-30, 10, 25, n° 32. Vide também Petrone, P. Aldeamentos Paulistas (1995).

menos uma Companhia de Ordenança composta pelo “*gentio da terra*” e separada das companhias de brancos, negros e pardos da Vila de São Sebastião²⁵.

Com a introdução do comércio e tráfico de escravos oriundos de terras africanas, a utilização da mão de obra indígena, já bastante dizimada e cada vez mais difícil de ser conseguida, vai sendo paulatinamente substituída. O litoral norte paulista que, no passado, abrigara diferentes etnias do “*gentio da terra*”, passa a receber diferentes grupos étnicos africanos que se misturam nos engenhos e palmares. A presença indígena nessa região, antes abundante e desafiadora, é praticamente extinta e cada vez mais esquecida pelas novas gerações, ao ponto de quase não ser considerada nas inúmeras histórias orais contadas pelas populações caiçaras que se formam na região. Nesse contexto, os sítios arqueológicos deixados como prova da presença desses povos passam a constituir, ao lado dos documentos seiscentistas, importante fonte de informações sobre o passado, ainda muito pouco explorada.

1.2.2 – Os sítios cerâmicos

“Não encontramos nenhum vestígio de cerâmica pintada no lugar por nós explorado, nem tivemos notícia de sua existência algures. Esse aspecto primitivo do material nos faz crer que a arte indígena do vale do Paraíba não atingiu a fase de três cores, como nos lugares piscosos, onde as aldeias eram fixas, condição essa indispensável para a criação e cultura das artes” (Ruy Tibiriçá, 1936).

A presença indígena em toda essa macrorregião foi marcante e deixou vestígios importantes na forma de sítios arqueológicos, dentre os quais se incluem os remanescentes das populações ceramistas. Não por acaso a maioria das cidades constituídas ao longo do vale do rio Paraíba do Sul foram assentadas sobre amplos terraços fluviais, em locais que já haviam sido anteriormente ocupados por grupos indígenas. Prova disso são os achados arqueológicos fortuitos registrados nas áreas urbanas de diversos municípios do Vale do Paraíba, além dos encontrados em áreas rurais.

As primeiras referências sobre achados arqueológicos no Vale do Paraíba paulista ocorreram no município de Aparecida onde, em 1908, foi encontrada uma urna funerária no pátio da antiga Estação da Estrada de Ferro Central do Brasil. Em 1928 foi encontrada outra urna em terreno particular e em 1935 cerca de 40 vasos foram localizados no conhecido

²⁵ Arquivo do Estado de São Paulo, Caixa 23, Pasta 01, Documento 35a. Datado de 22 de agosto de 1767.

“Largo da Feira”, parte deles contendo vestígios humanos. Os objetos foram reunidos por Camargo que, em 1956, fundou o Museu da Basílica Nacional de Aparecida (ibidem: 1981 e 1990), porém, somente em 1957 pesquisas sistemáticas passaram a ser realizadas naquele município (Scheuer 1976).

Tibiriçá (1936), também relata a presença de fragmentos cerâmicos nas proximidades do Rio Paraíba em São José dos Campos e, no final da década de 1940, pesquisas identificaram igaçabas corrugadas, tigelas pintadas e machados de pedra polida atribuídos aos primeiros aldeamentos existentes naquele município (Cropani 1949). Já na década de 1980, foram encontradas duas urnas funerárias em São José dos Campos: uma na região do atual bairro do Bosque dos Eucaliptos e outra no bairro da Pernambucana (Jornal do Vale Paraibano 30/06/1991: 40). Abreu (1977), referindo-se às notícias deixadas por Félix Guisard Filho a respeito de cemitérios indígenas com presença de urnas funerárias encontrados em Taubaté, informa que notícias semelhantes ocorreram em Pindamonhangaba. Outros achados realizados pontualmente na região são apontados por Cali (1999) e Bernal (1999).

A despeito das primeiras notícias sobre os achados arqueológicos, dos quais, muitos, não receberam a devida atenção, as pesquisas arqueológicas realizadas no Vale do Paraíba paulista revelaram que, antes da chegada dos colonizadores, essa região foi ocupada por dois grupos populacionais distintos, ainda que algumas semelhanças fossem verificadas entre ambos: como o assentamento em aldeias, a produção de cerâmica e o sepultamento dos mortos em urnas funerárias. Esses grupos deixaram como vestígios de sua passagem artefatos que, na década de 1960, foram classificados segundo as tradições e fases definidas através das ações do Programa Nacional de Pesquisas Arqueológicas - Pronapa (Maranca 1969) amplamente detalhadas no trabalho de Fernandes (2001).

Numa primeira tentativa de sistematização dos dados obtidos com os estudos de mais de 200 sítios em São Paulo Robrahn-González identificou a existência de duas tradições distintas na região norte e nordeste do Estado: Tupiguarani e Aratu-Sapucaí, provenientes da ocupação Tupi e Jê, respectivamente (Robrahn-González 2000). Outros autores que também se debruçaram no estudo dos sítios cerâmicos do norte paulista concordam que ambas as tradições cerâmicas Tupiguarani e Aratu estão presentes na região (Scatamacchia et al 2005; Scatamacchia & Prestes 2011; Maranca et al 1994; Fernandes 2001; Robrahn-González & Zanettini 1999; Robrahn-González et al 1998; Gomes 2003).

Sítios da tradição Tupiguarani foram identificados nos municípios de Jacareí (González & Zanettini 1999), Canas (acervo Prefeitura Municipal de Canas - Sítio Caninhas), Guaratinguetá (Acervo Museu Frei Galvão) e em Aparecida do Norte (acervo Museu de Nossa Senhora Aparecida, Sítios de Aparecida e Itaguaçu). Em São José dos Campos, município no qual já se havia identificado vestígios da presença Tupiguarani na década de 1940 (Cropani 1949), foi localizadas novas urnas funerárias dessa mesma tradição (Caldarelli 1994). Já no ano de 2004, outra urna contendo vestígios humanos foi encontrada no bairro do Putim onde, no passado, existira uma capela denominada Santa Cruz da Panela.

Projetos de salvamento realizados por Pallestrini (1981/1982), Caldarelli (1983) e Moraes (1995) em áreas adjacentes ao Vale do Paraíba do Sul, como na bacia do rio Mogi-Guaçu, afluente do Rio Pardo, também resultaram na localização de dez sítios arqueológicos filiados à tradição Tupiguarani. Outros trabalhos de contrato coordenados pela Zanettini Arqueologia (2008/2009 apud Afonso et al 2010) também resultaram na localização de sítios filiados a tradição Tupiguarani, alguns dos quais foram alvos de estudos mais detalhados por Lopes & Afonso (2008) e Lopes & Moraes Wichers (2009). Esses estudos revelaram características diferenciadas daquelas associadas às subtradições Guarani e Tupinambá, revelando uma possível influência Jê para o sítio Olímpia VII (Moraes et al 2008). Sítios arqueológicos relacionados à Tradição Tupiguarani também foram localizados em Casa Branca, na bacia do rio Pardo (Afonso 2001 e Afonso et al 2010) e mais recentemente na bacia do rio Mogi-Guaçu e Médio Jacaré-Guaçu (Schiavetto 2005).

Já os sítios da tradição Aratu, esses foram encontrados no Vale do Paraíba, em Caçapava (Caldarelli 1994 e 2003, Gomes 2003), em Jacareí (Bornal 2002), em Natividade da Serra (Caldarelli 2001/2002), em Aparecida do Norte (Camargo & Camargo 1990), em Olímpia (Maranca, Silva & Scabello 1994), em Monte Alto (Alves & Cheuiche-Machado 1995; Alves & Calleffo 1996; Fernandes 2001), em Ouroeste (Robrahn-González et al 1998) e em Paulo de Faria (Penin & DeBlasis 2005/2006). Trabalhos de contrato realizados recentemente em decorrência das obras de ampliação da Rodovia dos Tamoios, que cruza o Vale do Paraíba em direção ao litoral norte, resultaram na localização de um novo sítio com cerâmica Aratu na região de Paraíbuna²⁶.

²⁶ <http://veja.abril.com.br/noticia/ciencia/sitio-arqueologico-e-descoberto-proximo-as-obras-da-rodovia-tamoios-em-paraibuna>
<http://g1.globo.com/sp/vale-do-paraiba-regiao/noticia/2013/05/sitio-arqueologico-e-descoberto-em-paraibuna-durante-obras-da-tamoios.html>

No norte do Estado de São Paulo foram ainda identificados outros sítios de origem Jê em Serra Azul e São Simão, na bacia do rio Grande e outros na bacia do rio Mogi-Guaçu (Afonso et al 2010 e Afonso & Moraes 2005/2006). Nas regiões adjacentes como no vale do rio Pardo foram encontrados sítios relacionados à ocupação Jê, evidenciados através dos trabalhos realizados por Caldarelli (2001/2002) e revisto por Moraes (2007), e também por Afonso & Moraes (2005/2006) referente ao sítio Água Branca. Segundo Caldarelli & Neves (1981) a ocupação Jê ali existente estaria centrada na região do Vale do Rio Pardo, e a Tupiguarani no Vale do rio Mogi-Guaçu. A proximidade entre alguns sítios de origem Tupi com os sítios de origem Jê, aliada à presença de elementos que sugerem a existência de algum tipo de interação, apropriação ou troca entre esses dois grupos indígenas da região foram apontadas tanto por Caldarelli & Neves (1981), como por Moraes (2007) e ainda carecem de investigações mais detalhadas.

Pesquisas também revelaram a presença de cerâmica não decorada no Vale do Paraíba paulista, cuja associação cultural não foi definida. Esses objetos foram encontrados nos municípios de Guaratinguetá, Roseira e Aparecida do Norte (Maranca 1969) e em Jacareí (Cali 1999). A maioria dos museus distribuídos pelos municípios que compõem o Vale do Paraíba paulista, como os existentes nas cidades de Jacareí, São José dos Campos, Taubaté, Guaratinguetá, Aparecida, Roseira, Cunha e Canas possuem um rico acervo que comprova o enorme potencial arqueológico pré-colonial da região.

Observa-se, portanto, um grande volume de notícias e menções que não receberam a devida atenção à época, bem como levantamentos realizados de forma pontual, além da raridade de projetos focados no entendimento da ocupação indígena na região norte do Estado e vale do rio Paraíba do Sul. Verificou-se também a ocorrência de sítios que exibem traços culturais ou elementos exógenos na maior parte dos vestígios analisados, seja refletindo uma influência Jê sob uma ocupação Tupi (Lopes & Afonso 2008 e Lopes & Moraes Wichers 2009), seja uma influência Tupi sob uma ocupação Jê (Fernandes 2001), o que torna ainda mais complexo o entendimento das dinâmicas entre as populações Jê e Tupi do norte paulista.

Cabe destacar ainda que a primeira tentativa de entendimento da dispersão indígena em território paulista ocorreu na década de 1960, sob forte influência do Pronapa, cujos trabalhos ainda constituem-se em uma das principais fontes de referência no estudo da ocupação ceramista da região norte de São Paulo (Maranca 1969, Fernandes 2001). A falta de

trabalhos sistemáticos, somada ao enfoque classificatório e de definição de fases culturais dado aos poucos estudos dos sítios cerâmicos e, também, ao destaque dado às pesquisas em sambaquis da costa paulista ao longo de muito tempo, resultaram em informações vagas no que concerne ao panorama de ocupação e das formas de assentamento de índios ceramistas em toda a região (Morais 1999/2000).

Conforme detalha Morais (1999/2000), se por um lado os trabalhos realizados com ênfase na definição de “fases” e “tradições” resultaram na distinção de características peculiares em conjuntos de materiais arqueológicos, por outro se preocuparam em demasia com a organização e o agrupamento de cacos em detrimento a uma abordagem mais regional e na definição de sistemas regionais de povoamento. Conforme explicita Afonso (2005), poucos foram os projetos realizados em São Paulo com enfoque na definição de um panorama de ocupação dos grupos agricultores, sendo que, o norte do estado contou com projetos mais amplos realizados apenas no vale do rio Mogi-Guaçu, estando o restante da região carente de pesquisas arqueológicas (ibidem: mapa 1).

Se num primeiro momento, na tentativa de organizar as informações e contribuir para o entendimento da ocupação do território paulista Robrahn-González (2000) sistematizou os dados disponíveis sobre os sítios cerâmicos paulistas e, como resultado, acabou por considerar o território paulista como “terra de fronteiras”; num segundo momento e com uma nova abordagem de pesquisa Morais (1999/2000), elaborou um mapa de sistemas de povoamento da região sudeste que foi fundamental no esboço das possíveis dinâmicas ocorridas no passado entre as populações indígenas que ocuparam esse extenso território. Esse mapa serviu como base para a produção de outro, desta vez, elaborado por Afonso (2005) que definiu áreas de influências ceramistas, relacionando a tradição Tupiguarani a todo o extenso vale do rio Tietê, além dos vales do rio Mogi-Guaçu e rio Paraíba, incluindo toda a porção do litoral norte paulista, inclusive Ilhabela. Segundo essa mesma autora, a área de influencia Jê, onde foram detectados artefatos cerâmicos relacionados à Tradição Aratu, estava mais restrita ao extremo norte do Estado entre as bacias do rio Pardo e rio Grande, e em apenas um ponto do vale do rio Paraíba (Afonso 2005: mapa 4).

Outro mapa, desta vez elaborado por Scatamacchia & Prestes (2011) sugere que o território paulista tenha sido ocupado por grupos Tupi e Guarani, propondo nova distribuição “e a possível existência de uma área de fronteira” entre essas duas ocupações (ibidem: 6).

Neste quadro, ainda hipotético como sugerem os autores, Ilhabela e todo o Vale do Paraíba estariam situados em área de domínio Tupi, ainda que, outro mapa produzido pelos mesmos autores indique a existência de tradições ceramistas relacionadas aos grupos Jê no norte e nordeste do estado (ibidem: 8).

A despeito das colaborações feitas a partir da realização dos trabalhos acima mencionados, ainda pouco se sabe sobre o povoamento ceramista do norte paulista, principalmente no que concerne à região costeira. Mesmo havendo uma maciça produção literária e documental seiscentista enfocando a ocupação ceramista Tupiguarani no litoral, conforme aponta Scatamacchia (1984), raros foram os levantamentos arqueológicos realizados na costa norte, no qual se insere o arquipélago de Ilhabela. O mais significativo deles foi o trabalho feito por Uchôa et al (1984) e por Scatamacchia & Uchôa (1993), que revelaram a existência de um sítio cerâmico de origem Tupiguarani com evidências de contato com o colonizador na região de Itaguá, em Ubatuba.

Já em Ilhabela, as pesquisas desenvolvidas por Cali sugeriam que sua ocupação indígena estivesse relacionada à tradição Itararé, bastante conhecida para o sul do Estado (Cali 2005). Para esse autor, a existência de cerâmica Itararé em Ilhabela, *“teceu um novo quadro para o povoamento pré-colonial do litoral”* (ibidem: 91). A hipótese proposta por Cali, se confirmada, alteraria por completo as principais teorias propostas para a dispersão dos povos e sistemas de assentamento indígena em território paulista. O autor ainda considera que *“não seria incomum a presença de grupos tupis em Ilhabela, já que eles ocuparam quase todo litoral paulista. Porém a cerâmica encontrada no arquipélago distingue-se do tipo de cerâmica que tradicionalmente é associada àquela cultura, pois possui características diferenciadas”* (Cali 2003).

Se por um lado, a pouca quantidade de pesquisas arqueológicas sistemáticas, a falta de projetos, de publicações, de datações e o enfoque classificatório dado a muitos dos trabalhos realizados em toda essa macrorregião formada pelo Vale do Paraíba, Litoral Norte Paulista e Litoral Sul do Rio de Janeiro dificultaram o entendimento das relações e das dinâmicas entre as populações ceramistas que disputaram espaços, caminhos e abrigos; por outro, o destaque dado ao estudo dos sambaquis do litoral paulista contribuíram para o entendimento de diversos aspectos relacionados a essa antiga ocupação. Cabe destacar, contudo, que o litoral de São Paulo teve seus estudos com sambaquis gradativamente diminuídos até resultar numa

área quase ausente de pesquisas nesse tipo de sítio. Como resultado, as publicações voltadas para o entendimento da ocupação pré-colonial dessa região acompanharam as informações desconhecidas e a falta de referências deixadas pela carência de pesquisas, conforme detalhado a seguir.

1.2.3 – Os sambaquis e os “acampamentos litorâneos”

“Há algum tempo, haviam achado três esqueletos em uma toca na Praia Sueste. Ainda ficaram por lá muitos pratos de barro. Não se lembravam quem havia levado os esqueletos embora. Se dependesse deles teriam pedido que o Izidro fizesse caixões e o Dito das Pitangueiras os enterrasse no cemitério da ilha. Não fazia diferença quem fosse, tinham de ter um enterro decente” (Camargo & Begossi [1951] 2006).

Embora o litoral do estado de São Paulo possua um grande número de sítios passíveis de estudos detalhados, pesquisas arqueológicas sistemáticas nessa região tiveram início apenas nos anos 1950 após a criação da Comissão de Pré-História liderada por Paulo Duarte. A partir de então, os estudos em sambaquis estiveram centrados principalmente no litoral sul, com a realização de escavações de sítios na Baixada Santista, Guarujá, Cananéia e Iguape (Duarte 1968; Guidon e Pallestrini 1962; Pallestrini 1964; Guidon 1964; Garcia 1969, 1984 e 1972; Uchôa 1969 e 1973; Garcia & Uchôa 1980).

Algumas abordagens que decorreram dessas campanhas estiveram enfocadas nas análises específicas dos remanescentes das escavações e contribuíram significativamente para o estudo dos sambaquis da costa paulista (Mello e Alvim et alli 1975; Alvim e Uchôa 1976, Garcia & Uchôa 1980; Figuti 1989, 1992 e 1993). Pesquisas relacionadas ao padrão de assentamento das populações sambaqueiras na região de Cananéia e Iguape foram desenvolvidas somente a partir dos anos 1990 (Bonetti 1997 e 2004), quando também se abordou o processo de formação dos sambaquis submersos (Calippo 2004).

Os levantamentos realizados no litoral sul paulista revelaram a presença de grande quantidade de sambaquis, localizados principalmente na região de Cananéia, Ilha Comprida, Iguape, Baixada Santista e Guarujá (Uchôa & Garcia 1986; Amenomori 2005; Lima 1999/2000). Os sítios dessa região possuem, de modo geral, dimensões medianas (quando comparados aos sambaquis da região sul do Brasil), a maioria não ultrapassa os 4 metros de

altura e com alguns poucos atingem entre 6 e 7 metros (Juruvaiva IV e Boa Vista I). De modo geral, a implantação dos sambaquis do litoral sul ocorre a céu aberto sobre matrizes rochosas ou areia, e as distâncias dos sítios em relação à atual linha de costa apresentam bastante variação.

Nos sambaquis do litoral sul paulista foram identificados numerosos artefatos e sepultamentos, alguns deles apresentando muitos esqueletos como no sítio Piaçaguera (Alvim & Uchôa 1976, Neves 1982, Silva 2005). As datações obtidas para os sítios dessa região situam-se, as mais recentes, por volta do ano mil A.P.²⁷ (ex. Sambaqui das Almas I datado em 1210±80, apud Uchôa 1981/82) e as mais antigas por volta de 8 mil A.P (ex. Sambaqui Cambriú Grande datado em 7870±80, A.P apud Calippo 2004). Apesar das datas muito recentes e das mais recuadas, a grande maioria das datações dos sítios do litoral sul do estado situa-se entre 5 e 3 mil anos A.P.²⁸.

As pesquisas realizadas nos sambaquis da costa sul paulista revelaram que, ainda que menos espessos, de modo geral esses sítios possuíam feições similares a dos grandes sambaquis do sul brasileiro como os encontrados no litoral de Santa Catarina. Essa observação se viu corroborada pela localização de zoólitos no litoral sul de São Paulo, artefatos que já tinham sido relacionados à ocupação sambaqueira no sul do país (Prous 1977, 1992 e Gaspar 2004). Os sítios do litoral sul paulista, considerados também “sambaquis clássicos” ou “típicos”²⁹ foram diferenciados dos depósitos menores e menos volumosos formados por maior quantidade de ossos de peixe e terra escura que, a partir da década de 1960, foram localizados no litoral norte paulista e sul fluminense (Beltrão 1978, Uchôa 1973, Garcia 1972).

Sambaquis dessa macrorregião (que compreende os municípios de Parati e Angra dos Reis no Rio de Janeiro, e São Sebastião, Caraguatatuba, Ubatuba e Ilhabela, no norte paulista), foram inicialmente identificados por Löefgren (1893) e Abreu (1928), contudo, levantamentos arqueológicos sistemáticos foram realizados somente a partir da década de 1960. Em 1963, através de acordo firmado entre o Museu Nacional do Rio de Janeiro e a Divisão do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (então SPHAN), tem início um intenso

²⁷ A sigla A.P significa (Antes do Presente).

²⁸ Para comparações entre algumas das datações já obtidas para o litoral de São Paulo ver tabela em Lima 1999/2000 pg. 273.

²⁹ Diversas denominações foram dadas aos sambaquis, muitas das quais serão citadas neste trabalho. Vide Prous 1977 e 1992.

trabalho de localização e caracterização dos sítios fluminenses (Beltrão 1978). Em seguida, entre 1965 e 1970, iniciaram-se os levantamentos levados a cabo pelo Pronapa, responsáveis pela identificação de numerosos depósitos arqueológicos litorâneos e interioranos no Estado do Rio de Janeiro (Dias 1967, 1969, 1979). Dentre esses se destacam os sítios identificados no centro/norte daquele estado e classificados majoritariamente como “sambaquis” - muitos dos quais já estavam altamente impactados, – além de outros tantos sítios para os quais não foi encontrada de imediato uma tipologia classificatória (Dias 1975).

Uma vez que o entendimento da definição de “sambaqui” - estabelecida pouco tempo antes - pudesse sofrer variações, como ocorre até os dias atuais, era consenso entre os estudiosos que, para se caracterizar um depósito conchífero de origem antrópica deveria, necessariamente, existir um acúmulo de conchas num mesmo local formando montes convexos onde predominava a presença de moluscos tidos, até então, como base alimentar dessas populações (Beltrão & Kneip 1967). Nesse sentido, os demais sítios litorâneos pequenos, rasos e com pouca concha – encontrados no litoral norte paulista e sul fluminense - não encontraram classificação pré-existente na qual pudessem ser inseridos. E como as diretrizes científicas da época se fundamentavam na quantificação, classificação e definição de “tradições”, os pesquisadores se viram imbuídos da difícil tarefa de classificar esse novo “tipo” de sítio encontrado (Beltrão & Kneip 1967, Dias 1967).

O termo “acampamento” surge como tipologia formal de sítios em 1967 a partir da publicação encabeçada por Beltrão & Kneip que procuravam classificar os sítios encontrados no litoral fluminense. Segundo as autoras, ainda que a questão da artificialidade dos sambaquis estivesse, enfim, clara, a maioria dos pesquisadores não levava em conta “*o fato de que nem todos os depósitos arqueológicos que contém conchas são sambaquis, possuindo cada um deles características culturais bem diferentes que se distribuem no tempo e no espaço, vinculando-se a estágios culturais inteiramente distintos*” (ibidem: 1). O que as autoras propuseram na época foi a existência de três tipos diferentes de sítios arqueológicos no litoral do Rio de Janeiro: os sambaquis, os acampamentos e os aldeamentos.

Segundo Beltrão & Kneip (1967), os sambaquis seriam “*depósitos conchíferos acumulados por grupos tribais que dependiam essencialmente da coleta de moluscos como base de sua alimentação, ocupando-se paralelamente da pesca*” (ibidem: 3). Nesse sentido, outros sítios que haviam sido localizados no litoral fluminense não poderiam receber a

designação de “sambaqui”, ainda que possuíssem conchas em seus estratos. Seriam esses os acampamentos e aldeamentos, caracterizados como de natureza Tupi, ou seja, oriundo de uma ocupação étnica distinta dos sambaquieiros. Segundo as autoras, os acampamentos de origem Tupi estariam “*colocados próximos ao mar e junto aos bancos de moluscos. Eram ocupados sazonalmente durante talvez uma dezena de anos e foram abandonados quando se deu o esgotamento daquelas fontes de subsistência*” (ibidem: 7). Observou-se também que esses acampamentos localizavam-se em áreas estuarinas e próximas aos manguezais, possuíam dimensão e volume reduzido, não apresentando estrato arqueológico - na maioria dos casos - maior que 50 cm de espessura (ibidem).

Alguns dos “acampamentos” identificados por Beltrão & Kneip possuíam cerâmica tida como de origem Tupi que às vezes apareciam misturadas aos bolsões de conchas, e não apresentavam sepultamentos, como no caso do sítio da Ilha do Governador. Outros apresentavam sepultamentos, buracos de estacas e cerâmica em superfície e foram associados também à presença Tupi, como o Sítio Poço das Pedras localizado na planície da Guaratiba (ibidem: 13). Os buracos de estacas neles encontrados foram entendidos como vestígios de antigas cabanas utilizadas temporariamente durante o período de coleta dos moluscos (Beltrão 1978, Beltrão & Kneip 1967).

Com a elaboração das primeiras sínteses sobre a pré-história do Rio de Janeiro, o termo “acampamento” passa a ser amplamente difundido e seu significado ampliado conforme revelam as principais publicações sobre o tema (Beltrão 1978; Mendonça de Souza e Mendonça de Souza 1982; Mendonça de Souza 1995, entre outros). Se de início o termo “acampamento” foi designado para classificar os paradeiros para coleta de molusco e pesca oportunista feita por populações de origem Tupi que estiveram no litoral, sua “significação” foi rapidamente ampliada e corrompida, sendo esse mesmo termo utilizado para caracterizar sítios formados por poucas conchas, maior incidência de ossos de peixe e terra preta contendo cerâmica, ainda que não fosse identificada, de imediato, sua origem cultural.

O termo “acampamento” originou as designações “acampamento litorâneo” e “acampamento conchífero”, que passaram a ser (e ainda são) empregadas na caracterização de sítios “*onde a presença de moluscos, representada por lentes ou bolsões, está restrita a uma parte mínima do volume do sítio, enquanto o sedimento arenoso restante contém uma grande quantidade de peixes*” (Tenório 2003:7). Posteriormente esses mesmos termos também foram

utilizados para designar sítios costeiros os quais se acreditava terem sido remanescentes de ocupações de populações ceramistas provenientes do planalto e, isso, explicaria o pouco volume de material existente e a presença de cerâmica, eventualmente, associada à superfície desses depósitos (Dias 1967).

As características relacionadas ao tamanho, volume, conteúdo e organização estratigráfica de alguns dos sítios litorâneos que passaram a ser identificados, por discreparem daquelas já estabelecidas aos “clássicos” sambaquis, suscitaram dúvidas entre os pesquisadores quanto a sua classificação como um sambaqui, sendo raros os que propuseram que os sambaquis poderiam variar em termos de forma, posição e composição (Mendonça de Souza & Mendonça de Souza 1981/1982, Ab’Saber 1984). A dúvida tornou-se ainda maior devido à crescente evidência da existência de fragmentos cerâmicos localizados na superfície de muitos dos sítios tidos como “acampamentos conchíferos pré-cerâmicos”. Essas camadas pretas com cerâmica também foram encontradas nos topos de sambaquis “clássicos”, ora tidas como resultado de mudança ambiental, ora relacionadas à presença de outros povos na região ou ainda envolvendo ambos os casos (Duarte 1968, Camargo & Begossi [1951] 2006, Beltrão 1976, Mendonça de Souza 1977, Mendonça de Souza & Mendonça de Souza 1981/1982, Machado et alii 1989, Tenório 2006, entre outros).

Nas situações em que a mudança de composição das camadas superiores de dos sítios foi relacionada a um possível contato com populações ceramistas, os pesquisadores, de modo geral, consideraram que esse contato esteve, freqüentemente, centrado na presença Tupi (Duarte 1968, Beltrão 1976 e 1978, Machado et alii 1989a e 1989b), sendo raros os trabalhos que relacionam essa mudança com possíveis contatos com grupos não Tupi (Mendonça de Souza 1977, Mendonça de Souza & Mendonça de Souza 1981/1982 e mais recentemente Barbosa-Guimarães 2011).

Outra justificativa encontrada para explicar a presença de muita terra preta nos topos de sambaquis é a de que os grupos litorâneos teriam abandonado sua economia supostamente baseada na coleta de molusco adotando cada vez mais a agricultura (Dias 1975) ou que teriam esgotado os bancos de moluscos existentes na região devido à coleta predatória (Lima 1999/2000). Tais hipóteses são, até os dias atuais, muito consideradas para explicar o fim da era sambaquieira e seu desaparecimento do litoral, uma vez que as camadas de terra preta sobre os sambaquis representam o final de sua construção. Dessa forma, uma suposta

destruição dos bancos de moluscos causada pelos próprios sambaquieiros, por mudanças ambientais, bem como em decorrência de uma possível agricultura insipiente apreendida ou imposta por povos ceramistas que teriam chegado ao litoral, são os argumentos mais usados para explicar o final da presença sambaquieira na costa brasileira.

Em meio à grande confusão gerada pela tipologização dos sítios litorâneos, sejam àqueles com ou sem sobreposição de camada preta, fato é que os pequenos sítios terrosos foram ainda mais confundidos com assentamentos que poderiam ter sido formados por outros povos alheios à cultura sambaquieira. Desse modo, a maior parte dos sítios com matrizes muito terrosas, e que apresentavam também essas características nos pacotes superiores, passou a ser considerada “*acampamentos conchíferos cerâmicos com estratos inferiores pré-cerâmicos*”. Sítios desse tipo foram encontrados em zonas litorâneas como Santa Catarina, além do litoral paulista e fluminense (Prous 1977, Neves 1988, Duarte 1968, Beltrão 1978).

A constatação da existência de diferenciações no tamanho e na composição dos sítios rasos e pequenos em relação aos sambaquis “clássicos” do litoral, compostos por grande volume de conchas e apresentando, por vezes, tamanhos monumentais, serviu para que estivesse criada a dicotomia entre sambaquis e os ditos “acampamentos litorâneos”. Não que não existissem acampamentos litorâneos de origem ceramista, como bem observaram Beltrão & Kneip (1967) em relação ao sítio da Ilha do Governador, proposição corroborada pelos escritos seiscentistas do viajante e explorador alemão Hans Staden ([1557]1999). Fato é que, mesmo sem compreender ao certo qual a composição, organização espacial, função, relação com os outros sítios e a origem da formação dos “acampamentos conchíferos” encontrados nesse amplo litoral, o termo passou a designar genericamente todo o tipo de sítio litorâneo que não se encaixasse na descritiva aceita para os volumosos sambaquis “clássicos” e que não possuísse cerâmica Tupi que pudesse associá-lo àquela ocupação³⁰.

Nesse contexto, pesquisas arqueológicas sistemáticas realizadas, principalmente, a partir da década de 1970 no litoral sul fluminense resultaram na localização de mais de 50 sítios que foram divididos em quatro tipos diferentes: sambaquis, abrigos pré-cerâmicos,

³⁰ A literatura produzida na época, principalmente àquela relativa aos primeiros momentos das pesquisas no litoral sul fluminense, revela uma tendência quase generalizada em considerar a cerâmica encontrada sobre as camadas superficiais de alguns dos sítios (muitas das quais não apresentavam qualquer traço decorativo) como de origem Tupi, muito possivelmente influenciada pela tendência geral da época em considerar os povos Tupi como sendo os únicos que, depois dos sambaquieiros, teriam dominado e se estabelecido na costa brasileira (Beltrão 1978, Beltrão & Kneip 1967, entre outros e para discussão vide Prezia 2000).

sítios tupiguarani e outros sítios cerâmicos de natureza não Tupi (Mendonça de Souza 1977, Beltrão 1978). O trabalho realizado por Mendonça de Souza destaca-se não somente pela quantidade de depósitos que identificou, revelando o alto potencial de pesquisa da área, bem como localiza, pela primeira vez, a existência de diferentes sítios conchíferos de origem pré-cerâmica inseridos ou relacionados aos abrigos rochosos (ibidem).

Já no litoral norte paulista, valendo-se da proposição relativa à existência de “acampamentos conchíferos”, os poucos pesquisadores que se empenharam na realização de prospecções de sítios fizeram amplo uso do termo em voga. Nesse sentido, consideraram que os sítios que foram encontrados naquela região, de porte pequeno, terrosos e com predominância de espículas de ouriço e fauna em relação aos exemplares malacológicos eram, em sua maioria, “acampamentos” e não sambaquis. Dois sítios desse “tipo” foram identificados em Ubatuba entre as décadas de 1970 e 1990: o Sítio Tenório e o Sítio Mar Virado respectivamente (Uchôa 1973, Garcia 1972, Nishida 2001, Silva 2005).

Desde o início de seu projeto no litoral de Ubatuba, Uchôa considerou que os referidos sítios Tenório e Mar Virado não estavam relacionados à presença sambaqueira devido a pouca quantidade de conchas existentes em ambos. Os sítios foram classificados como “acampamentos” ainda que a cultura material, as características dos sepultamentos e das práticas funerárias e as datações apontassem para significativas similaridades e possíveis relações entre eles e os sambaquis “clássicos” já pesquisados em outras regiões. As datações, estabelecidas para ambos evidenciaram ocupações mais recentes que 3 mil anos: o sítio Tenório foi datado em 1875 ± 90 A.P (Garcia 1972, Uchôa 1973) e o do Mar Virado em 2570 ± 70 A.P (Nishida 2001).

As pesquisas iniciadas na década de 1970 nesses sítios, bem como o estudo de seus artefatos, perduraram até a primeira década deste século. Especialmente o sítio Mar Virado foi alvo de estudos sistemáticos realizados na década de 1990 e continuados no início do século XXI através das análises de coleções (Nishida 2001, Silva 2005, Eggers & Filippini 2005/2006, Schell-Ybert et alli 2003). Alguns desses estudos, porém, não somente mantiveram a proposição apresentada décadas antes referente à diferenciação entre os sambaquis e os “acampamentos conchíferos”, como a reiteraram, conforme se verá adiante.

Como resultado da manutenção dessa classificação proposta por algumas das pesquisas mais recentes e, na tentativa de se compreender aspectos da cultura e da forma de

ocupação sambaqueira no litoral brasileiro, grande parte dos pesquisadores buscou nos sambaquis “clássicos” e volumosos a sua fonte de estudos. Como consequência, os projetos voltados para o entendimento da presença sambaqueira no litoral foram deslocados para regiões onde se avultavam os grandes *mounds* e, através do estudo desses sítios, buscou-se aprofundar o conhecimento acerca da ocupação sambaqueira em território brasileiro. Antes disso, a diferenciação proposta para classificar os diferentes tipos de sítios litorâneos ainda influenciou de maneira significativa a discussão a respeito da identidade cultural e da origem das populações sambaqueiras.

Identidade cultural e origem sambaqueira

“A tese da origem artificial dos sambaquis trouxe infelizmente como corolário o conceito de uniformidade, ou melhor, de identidade cultural e antropológica de seus construtores. Estava aberto desde então o caminho para todos os trabalhos sobre o “homem dos sambaquis” e para todos os demais estudos sobre “cultura sambaquiãna” e outros ensaios igualmente genéricos que se seguiram, no século XIX e ainda se repetem nos dias atuais” (Castro Faria 1955:574).

Se a realização do Pronapa em meados do século XX e a influência dos paradigmas postulados através desse programa na análise e interpretação dos dados obtidos com as pesquisas nos sambaquis costeiros, resultaram na formulação de hipóteses baseadas em critérios quantitativos, classificatórios e tipológicos que serviram como base para o estabelecimento de diferenciações de função, origem e uso dos sambaquis e demais sítios litorâneos, por consequência, essa abordagem resultou, também, no estabelecimento de diferenciações culturais baseadas nesses mesmos princípios (Uchôa 1984).

Desde sua criação, no início da década de 1960, até meados da primeira década do século XXI o termo “acampamento” foi empregado para caracterizar genericamente uma série de sítios distintos, englobando na flexibilidade do uso desse termo diferentes sítios tidos como “acampamentos conchíferos pré-cerâmicos”, “acampamentos litorâneos”, “acampamentos cerâmicos”, “acampamentos pré-cerâmicos sobreposto por ocupação ceramista”, “sambaquis sujos”, “sambaquis rasos” “não sambaquis”, entre outros “tipos” de sítios. A classificação proposta para os sítios litorâneos de pequeno porte encontrados na macrorregião entre São Sebastião e Angra dos Reis influenciou significativamente o rumo das pesquisas em sítios

costeiros e pode ser considerada divisora de águas no entendimento da ocupação litorânea do sudeste.

Essa classificação dada aos sítios terrosos de pequeno porte resultou na definição de nova tipologia de sítios, influenciando diretamente nas interpretações acerca da ocupação do litoral, na definição e delimitação de fronteiras culturais e na formulação de teorias postuladas sobre a origem, cultura e dispersão sambaqueiras. As pesquisas pautadas nas análises detalhadas das coleções provenientes de alguns sítios assim definidos, realizadas já no início do século XXI, não somente mantiveram o uso desses termos, como reforçaram a diferenciação proposta para os sítios conchíferos. Esses sítios teriam sido formados por “*grupos portadores de peculiaridades adaptativas e de assentamentos similares, mas não as mesmas que as dos grupos dos sambaquis*” (Silva 2005:132).

Nesse sentido, conforme exposto anteriormente, os volumosos sambaquis “clássicos” se tornaram alvos de estudos sistemáticos cuja abordagem pressupunha, entre outras prerrogativas, a tentativa de se estabelecer, entender ou evidenciar a existência de uma “cultura sambaqueira clássica” representada pelos grandes *mounds* deixados como marco de sua passagem pelo litoral. O problema em questão não estava centrado na definição de uma “cultura sambaqueira”, mas na forma como isso se deu, ou seja, a partir da identificação e estudo de alguns poucos sítios tidos como “clássicos”, sem a realização de pesquisas sistemáticas e de prospecção mais ampla na busca por demais vestígios relacionados a essa ocupação que poderiam fugir da forma “típica” representada pelos sambaquis de maior porte (vide Prous 1992).

A discussão sobre a existência ou não de uma unidade ou de uma matriz cultural comum aos sambaqueiros esbarrou na também polêmica questão relacionada à origem desses povos. Ainda que essa questão não tenha sido elucidada até então, ela também dividiu opiniões e influenciou fortemente as idéias postuladas quanto à existência de uma origem cultural comum, ou se os grupos sambaqueiros eram formados por membros oriundos de diferentes grupos com origem cultural e étnica distintas (Neves 1988). Nesse contexto, o volume total dos sítios e/ou o volume dos pacotes conchíferos, a maior ou menor quantidade de conchas nos sítios, bem como a existência de zoólitos, de sítios em abrigo, de mais ou menos sedimento e matéria orgânica, de mais ou menos espículas e ossos do que valvas e conchas, entre inúmeros outros atributos dos sítios e seus componentes, foram utilizadas

como referências de variação e, portanto, de diferenciação entre as funções e os usos dos diferentes sítios e também como reflexo das diferenças culturais possivelmente existentes entre os povos sambaquieiros da costa (Dias 1967 e 1975, Beltrão & Kneip 1967, Uchôa 1973 e 1984).

Os sambaquis “clássicos” eram tidos como reflexo direto da existência da cultura sambaquieira relativamente e supostamente homogênea já caracterizada para o litoral através da identificação dos sítios de grande porte, ainda que esses não tivessem sido alvo de pesquisas sistemáticas intra-sítio. Se a falta de pesquisas intra-sítio nos sambaquis de maior porte contribuiu para a falsa idéia de homogeneidade, essa perspectiva se manteve na categorização dos demais sítios distintos e que “deveriam” possuir uma origem cultural também distinta. Os sítios pequenos e terrosos passaram, então, a ser utilizados como comparação com os sambaquis “clássicos” na tentativa de evidenciar a existência de uma possível diferenciação cultural que resultasse nas variantes encontradas na composição dos estratos, no tamanho e na idade dos sítios.

Tal situação pode ser exemplificada no seguinte trecho: “*em resumo: Tenório não é um sambaqui (Uchôa 1973:205). O que é então? Mar Virado não é um sambaqui ou um acampamento conchífero. O que é então? Deve ser uma variação dentro da homogeneidade sambaquieira ou um contraste simultâneo que se encontra refletido nos depósitos arqueológicos de Mar Virado entre outros dos litorais norte de São Paulo e sul do Rio de Janeiro? Devemos considerar o não problema da microvariabilidade morfológica entre Tenório, Mar Virado, Buracão e Piaçaguera, entre outros, e incluir todos os sítios anômalos sob o rótulo de ‘novos sambaquis’ ou simplesmente ‘sambaquis’?*” (Silva 2005:133).

Algumas hipóteses aventadas sobre existência de possíveis distinções culturais refletindo origens, possivelmente, também distintas dos povos sambaquieiros ou causadas por influências culturais exógenas não encontraram respaldo nos resultados das comparações entre os sítios e suas indústrias. Nesse sentido, diferentes “tipos” de sítios costeiros classificados através da maior ou menor incidência de um componente construtivo, de maior ou menor volume e altura, ou de variações encontradas na incidência de conchas e fauna, entre os demais aspectos supostamente “diferenciadores” no estabelecimento de uma “cultura sambaquieira”, apresentaram significativa homogeneidade na cultura material. Conforme explicita Tenório “*o fato de que existiam sítios formados predominantemente por moluscos e*

outros formados apenas por lentes de conchas serviu para ser utilizado como uma diferenciação que até então não havia sido sistematizada na cultura material. Com exceção da presença de zoólitos, o estudo de artefatos, segundo a abordagem do Histórico Culturalismo, não permitiu a delimitação de unidades culturais” (ibidem 2003:06).

Uma vez que o entendimento da existência, ou não, de uma unidade sociocultural comum entre os povos sambaquieiros ou a delimitação de fronteiras e diferenciações culturais não poderia ser estabelecido tendo como base diferenças presentes na cultura material, outros e variados aspectos passaram a ser considerados no estudo da existência de uma “cultura sambaquieira” comum. Nesse sentido, o rumo das discussões deixa de se apoiar na sistematização das diferenças e semelhanças encontradas na cultura material e passa a inferir diferenças e semelhanças culturais entre os construtores dos sítios através de novo viés, cuja contribuição aos estudos dessa macrorregião se deve, principalmente, ao trabalho desenvolvido por Lima (1984 e 1991).

Essa autora, ao realizar importantes trabalhos em sambaquis, muitos dos quais se concentraram em ilhas (Ilha de Santana, Ilha do Algodão, Ilha da Caieira, entre outras), revelou o excelente potencial de estudo com base nos restos faunísticos, evidenciando os tipos e os graus de aproveitamento desses recursos pelas populações pesqueiras do litoral, além de auxiliar no entendimento das possíveis técnicas de captura e obtenção dos elementos faunísticos presentes nos sítios. Seu trabalho também foi fundamental no entendimento das possíveis variabilidades existentes na composição das camadas e no aprofundamento da discussão acerca do significado das alterações e das concentrações dos elementos faunísticos presentes nos estratos arqueológicos (ibidem).

A partir da década de 1990, as principais hipóteses postuladas para explicar as diferenças na composição entre os predominantemente conchíferos “sambaquis clássicos” em relação aos diminutos e terrosos “acampamentos” estavam centradas na idéia de que esses últimos teriam sido formados como resultado de mudanças adaptativas, de origens culturais distintas ou de influências culturais externas (para discussão vide Tenório 2003; Lima 1991 e Prous 1992). A diferenciação entre “sambaquis” e “acampamentos” explicada como resultado da alteração na dieta das populações costeiras conforme proposto por Lima (1991) foi, contudo, questionada pelo desenvolvimento de estudos sobre a composição das camadas dos sambaquis.

Heredia et alli (1984) estudando o sítio Guaíba em Mangaratiba, Rio de Janeiro, já havia observado a diferença existente entre a quantidade de despojos de cascas e o real ganho em carne através do consumo de moluscos em comparação ao consumo de pescado. Posteriormente Figuti (1992) comprovou que o volume residual deixado pelos moluscos criava uma falsa impressão de que o consumo desse gênero alimentício fosse superior aos demais e que representasse a base da dieta dessas populações. Isso porque, o resíduo ósseo deixado pelo consumo de peixes é muito menos expressivo que o das conchas que sobram do consumo dos moluscos, mas resulta num volume muito maior de carne proporcionada pelo pescado.

A observação de Heredia et alli (1984) comprovada por Figuti (1992, 1993 e 1994/1995) acabou por e colocar por terra a idéia de que os povos sambaquieiros tinham sua dieta baseada, principalmente, no consumo de moluscos, também contribuiu com as discussões a respeito da dicotomia entre sambaquis e acampamentos, tendo em vista que já não se poderia afirmar que a mudança na construção dos sítios seria resultado de uma mudança de dieta. Por outro lado, esses resultados se somaram aos estudos mais recentes e às cronologias obtidas dos sítios que apontavam que grande parte dos depósitos tinha sido construída de maneira ininterrupta, portanto não podiam ser remanescentes de populações nômades do litoral, ou ceramistas do interior às quais, por vezes, eram atribuídas as construções dos “acampamentos”. Como resultado, as explicações sobre a origem nômade e interiorana dos “acampamentos” foram abandonadas e as que se relacionavam à mudança na dieta foram substituídas por outras que levaram em consideração a associação entre os sítios maiores, os sambaquis “clássicos”, com os sítios menores, os “acampamentos”.

Dinâmica de ocupação, interação e mobilidade: uma abordagem regional.

A polêmica acerca da existência de uma ou mais identidades culturais dos povos pescadores do litoral, que teve início ainda no século passado, perdura até os dias atuais tendo sofrido diferentes influências e transformações ao longo das últimas décadas. A questão relacionada à identidade sociocultural dos grupos que formaram os sambaquis na costa brasileira e o início da busca por sua definição são aspectos já amplamente discutidos por Gaspar (1994/95) e Tenório (2003), de modo que no presente trabalho essa discussão é abordada de forma sintética.

Fato é que, a partir da década de 1980 e, principalmente, a partir de 1990, estudos que correlacionavam ambiente, área de captação de recursos, interação e articulação entre os sítios litorâneos propuseram que os assentamentos menores, ou seja, os “acampamentos” estavam diretamente relacionados aos sambaquis maiores e as atividades a eles correlatas (Pallestrini 1984, Gaspar 1991). A proposição feita por Gaspar (1991) é de que essa associação formava conjuntos e resultava em sistemas articulados de troca de informação, circulação e idéias envolvendo o domínio e exploração dos ambientes envoltórios aos conjuntos de sítios (Gaspar 1991).

As pesquisas levadas a cabo por Gaspar (1991) destacam-se por não terem excluído do contexto sambaquieiro os sítios tidos como “acampamento”, resultando em importantes contribuições no que tange ao entendimento da articulação regional de assentamentos pequenos e grandes, bem como na definição de áreas de domínio associadas às áreas de implantação dos sítios. A abordagem de vários sítios e a análise de uma série de fatores relacionados à dispersão, interação e inserção na paisagem, além de aspectos inerentes a composição e formação entre os sítios arqueológicos, também forneceu subsídios para que Gaspar propusesse a existência de uma unidade cultural comum compartilhada entre os povos sambaquieiros costeiros (1994/95). Tal unidade poderia sofrer variações de âmbito regional devido a necessidades adaptativas e contatos com outras populações oriundas de cada região específica, mas as principais características da cultura sambaquieira, principalmente as relacionadas às práticas funerárias, teriam se mantido relativamente estáveis por constituírem o eixo principal de identificação cultural entre esses povos (Gaspar 1991 e 1994/95).

Corroborando com a hipótese proposta por Gaspar, Tenório informa que a associação entre “acampamentos” e sambaquis pode ser constantemente verificada, sugerindo que provavelmente seja encontrada ao longo de todo o litoral brasileiro onde exista incidência de sambaquis (2003:8). Sua proposição esteve pautada nos resultados dos estudos dos sítios litorâneos localizados em Ilha Grande, área na qual a autora identificou a presença marcante de polidores fixos, de sítios tipo “acampamento” e de um único sítio de maior porte preservado, o Ilhote do Leste (Tenório 1999 e 2003).

As proposições de Gaspar e, posteriormente, de Tenório eram corroboradas também pela afirmativa de Prous que apontava para a existência de sistemas articulados ao redor de um “sambaqui-mãe”, local de significação maior em relação aos sítios menores. Segundo

Prous (1992) “*o sambaqui-mãe, nunca totalmente abandonado, toma com o tempo dimensões majestosas. Planeta maior no rio, cercado por modestos satélites*” (ibidem: 265). Considerando, também a existência de um “sambaqui-mãe” que se destacava em relação aos demais sítios ou “acampamentos conchíferos”, Tenório propõe que o estudo dos sambaquis maiores, aqueles que “*sobressaem nesses conjuntos, é imprescindível para o entendimento das relações sociais, cuja estruturação provavelmente, está nos rituais desenvolvidos nesses locais*” (2003:61). Nesse sentido, novamente o alvo das pesquisas nessa macrorregião se volta para os sambaquis de maior porte, e os sítios menores passam a ser considerados coadjuvantes nesse processo.

Se por um lado o desenvolvimento das pesquisas levadas a cabo por Tenório na região da Ilha Grande contribuiu de sobremaneira com novos dados sobre a ocupação daquela região e auxiliou no entendimento e no redimensionamento nas áreas de domínio sambaquieiro, por outro, apresentou discussões fundamentais que envolveram enfoques social, cultural e simbólico ainda pouco utilizados no estudo dos sambaquis presentes nessa macrorregião. Contudo, no meu entender, uma das maiores contribuições inicialmente dada por Gaspar (1994/95) e posteriormente por Tenório (2003 e 2004) está relacionada com a proposição da existência de uma “cultura sambaquieira” comum aos povos que ocuparam boa parte do litoral brasileiro e que tinham como característica principal o hábito de enterrar os mortos em locais destacados na paisagem e associados a restos alimentares. Outra característica dessa cultura seria a intensa adaptação dessas populações ao meio aquático e marinho e aos recursos disponíveis nesses ambientes.

Segundo propõem as autoras, a manutenção desse sistema cultural ao longo do tempo estaria diretamente relacionada à existência de “*pontos de concentração para trocas de itens e de idéias e, principalmente, para reforço do aspecto ideológico*” (Tenório 2003:67). Nesse sentido as relações, movimentações e interações ocorridas entre os sistemas articulados de assentamentos, supostamente tendo um grande sítio como “sambaqui-mãe”, permitiriam a constante manutenção das práticas culturais através de processos de transmissão disseminados entre os povos. Por outro lado, tais relações também possibilitariam a absorção de novas técnicas de exploração do meio, além de permitir o desenvolvimento de elementos de etnicidade e marcadores de identidade e território.

Empreendendo escavações no sítio Ilhote do Leste em Ilha Grande e abordando presença de grande quantidade de polidores fixos encontrados ali, Tenório conclui que aquela região compreende um grande centro de dispersão de artefatos polidos cujos protagonistas são povos sambaquieiros que partilham traços culturais comuns com demais construtores de sambaquis do sul do país (Tenório 2003b). Segundo Tenório, os amoladores-polidores fixos encontrados no litoral sul e sudeste *“foram deixados por grupos que partilhavam traços marcantes de uma mesma cultura, o que pode ser resultado de uma idêntica filiação cultural ou de um intenso contato”* (2003:357).

No que diz respeito ao entendimento da presença sambaquieira entre o litoral norte paulista e a Baía da Ilha Grande, outra importante contribuição dada por Tenório está relacionada ao fato de que, assim como propôs Gaspar (1991), essa autora também considera que os sítios dessa região tidos como “acampamentos conchíferos” ou qualquer outra denominação similar, no caso “sítio sobre dunas”, estão relacionados ao mesmo sistema cultural articulado dos povos sambaquieiros, ainda que no quadro estabelecido pela autora, ocupem uma posição hierárquica inferior (Tenório 2003:308).

Se por um lado, esses recentes postulados permitiram tecer um novo paradigma relativo à cultura, às diferenciações regionais e a possível variabilidade na formação dos sítios de origem sambaquieira, por outro, demais questões que envolviam a formação e o papel desses sítios menores dentro da cultura sambaquieira e sua possível relação com sambaquis de maior porte ainda careciam de investigações. Deve-se a isso não somente as dificuldades inerentes à pesquisa acadêmica de campo no Brasil, em especial nos complexos sambaquis costeiros, mas principalmente a pouca atenção dada aos sítios pequenos que em decorrência disso, e de sua localização em áreas disputadas, vêm sendo paulatinamente destruídos.

Algumas pesquisas realizadas nos sítios terrosos do litoral norte paulista e que se seguiram aos postulados propostos por Gaspar (1991, 1998 e 1994/95) e Tenório (2003) poderiam contribuir para um melhor entendimento da questão da origem cultural dos depósitos de menor vulto e seu papel em relação ao sistema “clássico” de ocupação sambaquieira. Porém, a retomada dos estudos em sítios do litoral norte paulista na década de 1990, não resultou numa nova visão em relação a esses sítios, mas apenas num remodelamento dos discursos que importou da década de 1960 com os mesmos questionamentos que antes se punha em relação à existência da dicotomia entre

“acampamentos” e sambaquis “clássicos”. Esta situação fica clara através do trabalho de Silva (2005) que, ao apresentar seu problema de pesquisa expõe o seguinte questionamento: “*esses acampamentos (paralelamente a definição de Beltrão e Kneip 1967) seriam formas de convergência adaptativas de diferentes culturas ao meio marinho? Acampamentos conchíferos seriam marcadores da diversidade cultural paralela as convergências adaptativas representadas pela presença dos sambaquis? A presença de sítios diferenciados morfologicamente dos sambaquis seriam indicadores da existência de ocupações pré-cerâmicas culturalmente diferentes? Essas questões, inicialmente citadas por Neves (1988:52), podem suscitar a existência de uma provável variabilidade e diversidade sociocultural das populações que se adaptaram ao meio marinho*” (Silva 2005: 130).

As poucas pesquisas realizadas nos sítios do litoral norte paulista (com exceção de Amenomori 2005), estiveram centradas nos remanescentes intra-sítios, não abarcando a escavação de novos assentamentos (Nishida 2001, Silva 2005). Esses estudos se mantiveram fiéis à classificação dada aos sítios Tenório e Mar Virado como “acampamentos conchíferos”, uma vez que, buscando novamente diferenciações de quantidade e variedade de elementos nos sítios e nos acompanhamentos funerários neles presentes, encontraram diversidades interpretadas como não típicas de populações sambaqueiras.

Como consequência, tais estudos acabaram por contribuir para a criação da idéia de um “vazio sambaqueiro” na macrorregião litorânea localizada entre no litoral paulista e sul do Rio de Janeiro, limitando a região a poucas e pré-definidas possibilidades de ocupação, conforme se depreende do seguinte trecho: “*o quadro de distribuição dos sítios costeiros pré-históricos indica uma baixíssima quantidade de sítios no litoral entre Caraguatatuba (SP) até a baía de Angra dos Reis (RJ). Porém, arqueologicamente esse vazio não chega a ser uma fronteira, pois os sítios sambaquis de São Paulo e Rio de Janeiro, apresentam poucos traços distintos. Portanto as hipóteses para a ocupação do litoral norte, se limitam a: área de passagem entre Rio - São Paulo, área marginal das áreas mais densamente habitadas pelos sambaqueiros*” (Nishida 2001:45).

A reiteração dessa proposição relacionada ao estudo recente de Tenório e Mar Virado, somada a falta de dados disponíveis - resultante da pouca quantidade de trabalhos científicos mais recentes enfocando os sítios costeiros do Estado de São Paulo, principalmente no litoral norte – acabou por reforçar a falsa impressão da ausência de sambaquis nessa macrorregião

que tem se tornado cada ano mais populosa e alvo de programas de crescimento que resultam em impactos diretos sobre o patrimônio arqueológico daqueles municípios. Por outro lado, o termo “acampamento” continuou a ser utilizado para definir sítios litorâneos pequenos e com poucas conchas e ainda permanece imponente como opção de classificação dos sítios concheiros do litoral nas fichas do Cadastro Nacional de Sítios Arqueológicos (CNSA/IPHAN).

Novas interpretações sobre a dinâmica da ocupação sambaqueira

A aceitação da teoria de “vazio populacional”, de “local periférico” ou “local de passagem” sambaqueira nessa zona costeira por parte dos pesquisadores, e que já refletia a falta de pesquisas arqueológicas nessa macrorregião, resultou numa diminuição gradual das pesquisas arqueológicas centradas na ocupação pré-colonial dos municípios do litoral norte paulista. Posteriormente foram identificados sítios caracterizados como “sambaquis” em São Sebastião (Amenomori 2005, Santos 2011) e em ilhas do município de Ubatuba (Amenomori 2005), enquanto que os primeiros levantamentos arqueológicos em Ilhabela – que seguiam a teoria de vazio sambaqueiro - davam conta da existência de apenas alguns “concheiros” que não foram alvos de pesquisas ou escavações sistemáticas (Cali 2003 e 2005).

A partir de 2007, as pesquisas arqueológicas em Ilhabela passam a ser realizadas no âmbito de um novo projeto arqueológico, o Projeto GEDAI³¹. Esse projeto propiciou a análise do primeiro remanescente ósseo humano encontrado em um sambaqui de Ilhabela e também foi responsável pela obtenção da primeira datação para o arquipélago, cuja antiguidade era, até então, inferida com base na datação do sítio do Mar Virado, Ubatuba (Cali 2003). Naquele mesmo ano eram realizadas escavações no Abrigo Furnas³², região norte da ilha de São Sebastião, e as pesquisas detalhadas que se seguiram em 2008 no âmbito do Projeto GEDAI, permitiram concluir que esse local abrigou duas ocupações distintas, sendo a primeira sambaqueira e a segunda ceramista. O Abrigo Furnas representava não apenas o primeiro sambaqui assim caracterizado no arquipélago, mas também evidenciava outra particularidade dos sambaquis da região, sua frequente associação com abrigos e tocas (Bendazzoli et alli 2009).

³¹ Projeto de Gestão e Diagnóstico do Patrimônio Arqueológico de Ilhabela, sob a coordenação da autora.

³² Projeto de salvamento arqueológico coordenado por Bernal, W. (2007).

Conforme já mencionado, a presença de sítios em abrigo, localizados inicialmente em Parati, no sul do Rio de Janeiro (Mendonça de Souza 1977; Mendonça de Souza & Mendonça de Souza 1981/1982) e na região de Cabo Frio (Machado et al 1989), foi apontada como “*um último complexo cultural pré-cerâmico do litoral do Rio de Janeiro... muito freqüente no litoral sul fluminense*” (Mendonça de Souza & Mendonça de Souza 1981/1982: 122). E, ainda que os autores indicassem que esses “*abrigos pré-cerâmicos litorâneos revelam conteúdo cultural em tudo semelhante ao dos sambaquis, sendo possível que atestem ciclos econômicos e fases distintas*”, os mesmos deixaram claro que “*sem nenhuma datação disponível fica difícil estabelecer quaisquer correlações*” (ibidem: 123).

A retomada das pesquisas no litoral norte paulista propiciou a contextualização temporal do sítio Abrigo Furnas, cuja datação da ocupação sambaqueira foi estipulada em 1920 cal. A.P.³³. A constatação da presença de um sambaqui em abrigo datado de aproximadamente 2 mil anos sobreposto por uma ocupação ceramista bastante posterior (460±80 A.P) representou o passo inicial às pesquisas que se seguiram no sentido de compreender os diferentes cenários de ocupações existentes no arquipélago de Ilhabela e de mapear o patrimônio arqueológico daquele município (Bendazzoli et alli 2009; Bendazzoli 2011).

Além disso, as crescentes evidências de ocupações pré-coloniais no arquipélago de Ilhabela não somente contrariavam a teoria do isolamento da região, como mostravam, num primeiro momento, o grande desconhecimento em relação às populações pré-históricas nas quais se incluem os grupos sambaqueiros do litoral norte paulista. Esse desconhecimento, expresso na classificação rasa dada aos sítios conchíferos de pequeno porte, também se vê refletido na teoria de “isolamento” proposta por aqueles que se detiveram aos poucos estudos de sambaquis localizados em ilhas, como se a distância entre ilhas e continente e entre uma e outra ilha não pudessem ser transpostas, ignorando completamente a maritimidade dos povos pescadores litoral e sua capacidade de navegação e dispersão em águas profundas. Alguns estudos realizados na região desconsideraram que as ilhas tenham oferecido outros atrativos que não necessariamente tenham relação com a busca por isolamento ou fuga. Ignoraram-se também preceitos básicos da antropologia caiçara atual e da antropologia marinha, cujos

³³ Datação calibrada (Beta – 245230)

conceitos foram adotados para os estudos das populações sambaquieiras muito recentemente, principalmente, através dos trabalhos de Calippo (2010 e 2011).

A adoção de uma abordagem arqueológica marítima no estudo dos povos sambaquieiros, principalmente no que tange aos sítios insulares considera que o ambiente marinho deva ser compreendido “*como um espaço culturalmente percebido e apropriado pelos povos dos sambaquis*” (op.cit. p. 16) e que não se pode reduzir esse ambiente à simples áreas de captação de recursos onde operava a lei da máxima eficiência e do mínimo esforço ou gasto de energia, como ainda propõem alguns estudos realizados no litoral paulista. Segundo Calippo (2011) a expansão dos povos sambaquieiros em direção às ilhas e ao alto mar demandou o desenvolvimento de novas embarcações e do aprimoramento das técnicas de navegação mais adequadas para o enfrentamento de ondas e correntes marinhas, o que também demandou o desenvolvimento de novas ferramentas para a produção das embarcações, de modo que a navegação e a maritimidade têm implicações culturais e sociais muito maiores do que as que foram, até então, aventadas.

Partindo também de uma abordagem mais ampla e considerando a importância da dispersão e da navegabilidade dos povos sambaquieiros, Tenório e equipe retomaram recentemente os trabalhos na região de Arraial do Cabo localizando quatro novos sítios em abrigo na região e realizando estudos de sambaquis em ilha em comparação com os do continente (Tenório et alli 2010). Os autores propõem que a ocupação das ilhas em Cabo Frio tenha ocorrido devido à pressão populacional exercida por povos ceramistas no continente, mas consideraram que diversos outros motivadores possam ter influenciado na ocupação sambaquieira das ilhas, viabilizadas por um grau crescente de mobilidade, contatos e trocas através do uso de embarcações (ibidem: 142).

No que tange a regionalidade, à mobilidade e às dinâmicas de trocas especialmente relacionada aos sítios insulares, os trabalhos de Tenório (2003) e Amenomori (2005) são bastante elucidativos, e a realização de novos estudos, especialmente em sambaquis construídos em ilhas, poderá contribuir de sobremaneira para essa discussão. Ainda que essas abordagens careçam de maior detalhamento, é plausível considerar que não somente a Baía de Ilha Grande ou as ilhas de Ubatuba, mas que toda aquela macrorregião insular tenha servido como centro de dispersão, contatos e trocas. Tal prerrogativa se vê corroborada pelos recentes

estudos de Calippo (2011) e Lessa & Coelho (2010) que apontam para o uso intensivo de embarcações, em especial, relacionado aos grupos sepultados nos sambaquis insulares.

Essa extensa contextualização das pesquisas arqueológicas relacionadas aos sítios do litoral norte paulista e sul fluminense, em especial aos sítios terrosos e de pequeno porte, trás novamente à luz a problemática dos “acampamentos conchíferos” e deixa clara a demanda urgente de estudos arqueológicos nessa região. Esse levantamento é, também, necessário à compreensão das discussões acerca das pesquisas levadas a cabo por este projeto que, como se verá adiante, resultaram na identificação de mais de uma dezena de sítios conchíferos pequenos e terrosos no arquipélago de Ilhabela, todos classificados como sambaquis.

Esses sítios modestos revelaram um excepcional potencial investigativo ainda pouco explorado e se mostraram fundamentais no entendimento do padrão de ocupação e das dinâmicas sambaqueiras ocorridas entre o litoral e as numerosas ilhas existentes entre a costa paulista e sul fluminense. O estudo dos sambaquis pequenos também contribuiu para o estabelecimento de uma cronologia de ocupação sambaqueira para a região e revela nuances ainda pouco conhecidas relacionadas ao final era sambaqueira. No litoral norte paulista, uma área antes arqueologicamente tida como “de passagem”, territórios fartos em recursos foram competidos, sambaquis foram construídos e, posteriormente, resignificados, tocas e abrigos eram ocupados e reutilizados. A paisagem foi remodelada e, literalmente assinalada, pela presença de diferentes povos e etnias em constantes contatos e, possivelmente, disputas em uma região caracterizada pela grande interação, influência e resignificação dos domínios territoriais.

2. TEORIA E MÉTODOS

“Os sítios arqueológicos não são entidades isoladas no tempo e no espaço, mas remanescentes de sistemas dinâmicos de relações socioculturais. Assim, compreender sua significação somente é possível a partir da análise de sua articulação, dinâmica e evolução em um espaço regional específico, um território” (DeBlasis & Gaspar, 2008/2009).

O presente trabalho objetiva a compreensão do processo de povoamento do arquipélago de Ilhabela pelas populações sambaqueiras através da realização das primeiras análises de *padrão de assentamento* para a região. Muitas são as definições de *padrão de*

assentamento encontradas na bibliografia especializada. Conforme se verá, de maneira geral, a maior parte dos pesquisadores concorda que sua definição está diretamente relacionada à dispersão e disposição dos sítios arqueológicos em determinado espaço geográfico, considerando que a configuração e articulação desses assentamentos são definidas pelas relações estabelecidas entre os membros de um mesmo grupo, entre membros de diferentes grupos e entre indivíduos e paisagem.

Segundo Willey (1953:5), padrão de assentamento pode ser definido como a maneira que “*o homem se dispõe na paisagem em que ele vive, englobando a distribuição e o tipo de construção utilizado, e que reflete o nível tecnológico do grupo, e aspectos da sua organização social e de sua interação com o meio-ambiente*”. Para Fish (1999:203) *padrão de assentamento* compreende “*um conjunto de localidades culturalmente significativas, cada uma das quais ocupando uma posição específica em um determinado cenário, ou território, de modo a compor uma distribuição coerente*”.

Baseado nos conceitos estabelecidos por Yoffe & Sherratt (1997 apud Morais 2000:202), Morais define *padrão de assentamento* como “*a distribuição de sítios arqueológicos em determinada área geográfica, refletindo as relações das comunidades do passado com o meio ambiente e as relações entre elas próprias no seu contexto ambiental*”. Ainda segundo este mesmo autor, alguns fatores têm influência sobre a distribuição do povoamento, desenhando os padrões de assentamento. Dentre eles se destacam “*as estratégias de subsistência, estruturas políticas e sociais e densidade da população*” (ibidem: 202).

Verifica-se, portanto que a definição de um *padrão de assentamento* tem relação direta com as relações espaciais entre os sítios arqueológicos e entre eles e a paisagem. Araújo (2001) aponta que somente a partir da definição de um *padrão de distribuição* seria possível pensar o sistema de subsistência, organização comunitária e de um “*sistema de assentamento*” (2001:88). Nesse sentido, o *sistema de assentamento* supõe uma perspectiva articulada e sincrônica dos sítios arqueológicos de determinada região, considerando-se a análise dos padrões de distribuição e inserção na paisagem, em busca de parâmetros para a compreensão dos processos de ocupação do território, características demográficas e de organização econômica e social dos grupos envolvidos no estudo (DeBlasis 2005, ver também Billman & Feinman 1999).

Para o presente trabalho, considerou-se que o desenvolvimento de estratégias de pesquisa pautadas nas proposições teóricas aqui apresentadas poderia contribuir com novas

hipóteses para o estudo dos sambaquis de Ilhabela, e que a adoção dessa abordagem - que considera os processos naturais e culturais sob uma perspectiva dialética - se vê justificada pela possibilidade que oferece em reconhecer como evidências arqueológicas uma ampla gama de aspectos. Sendo assim, a realização do estudo do *padrão de assentamento* dos sambaquis presentes no arquipélago de Ilhabela, busca uma melhor compreensão dos processos que originaram a configuração e a distribuição espacial das evidências arqueológicas nesse ambiente, possibilitando o entendimento de aspectos relacionados à existência ou delimitação de uma zona de influência por determinada população. Permite ainda a identificação de áreas circunscritas e/ou preferenciais para captação de recursos, além da existência ou não de diferentes significados e importâncias atribuídas por essas populações entre os sítios construídos ou utilizados concomitantemente.

A realização de uma pesquisa pautada numa perspectiva regional considera que o entendimento da ocupação humana em determinado território pode ser obtido através da busca de padrões de assentamento e detecção de sistemas de ocupação da paisagem, considerando as estratégias econômicas, simbólicas, políticas e sociais dos grupos estabelecidos naquele território como aspectos delineadores de ambos os processos (Fish & Kowalewski 1990). A realização desses estudos pode ajudar a compreender como se desenvolveram as relações das sociedades humanas entre si, com o meio, bem como com outras sociedades situadas em seu entorno. Nessa perspectiva, o termo “*paisagem*” assume importante significado, uma vez que compreende o espaço geográfico no qual esses grupos humanos se estabelecem, vivem e interagem entre si e com o meio, criando referências de identidade com o mesmo.

O desenvolvimento de uma arqueologia regional permite ainda a realização de pesquisas sistemáticas em áreas amplas, propiciando a obtenção de informações sobre a ocupação de determinado território com enfoque na longa duração. Por esse motivo, em áreas com pouca ou nenhuma informação arqueológica disponível, como é o caso do arquipélago de Ilhabela no que tange a ocupação pré-colonial, sua adoção faz-se necessária e configura-se como uma ferramenta apropriada para as pesquisas (Araújo 2001). Segundo esse mesmo autor, no Brasil “*grandes áreas permanecem desconhecidas do ponto de vista arqueológico, e até mesmo a simples seqüência cronológica de acontecimentos, que constitui a base para se construir hipóteses e aplicar teorias, é ainda falha*” (ibidem: 1).

Tal afirmação pode ser confirmada a partir do levantamento da bibliografia arqueológica que revela que poucos foram os trabalhos que se dedicaram ao entendimento de um panorama arqueológico regional, inclusive nos estudos com sambaquis costeiros. O que se nota é que, ainda que tenham ocorrido avanços significativos no âmbito do estudo dos povos sambaquieiros, algumas perspectivas teóricas, muitas das quais permanecem como norteadoras das pesquisas no litoral até os dias atuais, ainda estão pautadas em perspectivas fortemente deterministas e evolucionistas conforme apontado por DeBlasis (2005) e Calippo (2010).

Segundo DeBlasis et alli (2004), as dificuldades de se discorrer sobre o sistema de assentamento configurado por sambaquis residem em duas questões fundamentais: primeiro porque exige rigoroso controle crono-estratigráfico intra-sítio e em âmbito regional e, segundo, porque exige também um *“considerável insight funcional dos sambaquis propriamente ditos, coisa que se encontra ainda menos disponível do que um controle crono-estratigráfico minucioso”*. Segundo esse autor, ambos os aspectos devem ser produzidos de maneira mais ou menos concomitante, na medida em que envolvem o estudo sistemático e comparativo de diferentes sítios em uma mesma região.

Entretanto, as pesquisas sistemáticas em âmbito regional - ou que consideravam a relação inter-sítio e não somente intra-sítio – ainda representam a minoria dos trabalhos realizados. Conforme aponta Tenório (2004), a tendência em se analisar os sítios de forma isolada, através da reconstituição de aspectos relacionados à composição, dieta, áreas de captação de recursos em um único sítio, resultou no aprofundamento do conhecimento de um sítio em detrimento ao enfoque regional (ibidem: 74). Ainda que reconhecidamente muitos esses estudos tenham resultado em grandes contribuições para o entendimento de diversos aspectos inerentes à formação, composição de um sítio, e tenham fornecido informações que ampliaram as discussões sobre a exploração dos recursos naturais pelos sambaquieiros, sua dieta, entre outros aspectos, *“pouco foi produzido sobre as relações sociais e sócio-ambientais que esses povos estabeleceram entre si e com o seu meio”* (Calippo 2010:55).

Na contramão dessa forma de abordagem Gaspar (1991) desenvolveu pesquisas no litoral do Rio de Janeiro, enfocando a articulação sistêmica entre os sítios de determinada região, envolvendo concomitância de ocupação, estabelecimento e domínio de determinado território por um mesmo grupo. Estudos mais recentes envolvendo padrão de assentamento no

litoral fluminense foram desenvolvidos por Barbosa-Guimarães (2007) que abordou o sistema de assentamento e as relações sociais entre sambaquieiros, tupinambás e índios ceramistas da tradição Una. Já no litoral catarinense De Masi (2001) relacionou áreas com maior adensamento de sítios aos locais com maior produtividade da lagoa e Assunção (2010) baseou-se na distribuição espacial dos sambaquis buscando verificar se os agrupamentos de sítios muito próximos entre si poderiam ser entendidos como representantes de uma mesma unidade social.

Enquanto que em determinadas regiões brasileiras, abrangidas por projetos de grande vulto como o litoral sul de Santa Catarina, verifica-se grande quantidade de datações disponíveis para muitos dos sítios ali presentes e cujas características funcionais estão bastante claras em pelo menos um deles (Jaboticabeira II), outras regiões do país, dentre as quais se inclui o litoral norte paulista, ainda careciam da realização de uma abordagem sistêmica. Especificamente a região de Ilhabela possuía apenas um sambaqui escavado com controle estratigráfico e datação obtida para sua formação (Bendazzoli et alli 2009). Já para o restante dos sambaquis daquela região, poucas informações existiam, sequer era conhecido o número total de sítios e suas características mais básicas como composição, dimensões, altura, área de implantação, entre outras.

Para a maioria dos sítios já identificados na região norte do litoral paulista (na qual se inclui os sambaquis de São Sebastião, Caraguatatuba e Ubatuba) não existe muitas informações disponíveis e pouco se pode dizer tanto em termos cronológicos, quanto funcionais. Tais sítios podem representar diferentes usos e, possivelmente, ter relação com diferentes momentos de ocupação da região. Nesse sentido, para que uma primeira reflexão acerca do sistema de assentamento dos sambaquis do litoral norte paulista pudesse ser elaborada, era necessário trabalhar com parâmetros bastante básicos, como as diferenças de dimensões entre os sambaquis e sua distribuição espacial em relação ao contexto ambiental.

A realização do estudo sistemático de algumas constantes entre determinadas estruturas de deposição, como a organização e recorrência de certas atividades identificadas a partir da observação dos vestígios materiais, possibilita a formulação de hipóteses principalmente no que se refere ao aspecto formativo e funcional dos sítios e ao processo de interação do homem com o meio-ambiente. A partir da identificação dos sítios arqueológicos, do entendimento de sua distribuição no espaço e dos aspectos intrínsecos à formação de cada

vestígio individualmente, seria também possível tecer paralelos investigativos buscando identificar dentro da região estudada e existência de zonas de domínio e a possibilidade da interação entre essas zonas dentro do arquipélago.

A investigação do padrão de ocupação das populações sambaqueiras do arquipélago de Ilhabela considerou a diversidade de micro-ambientes presentes nas ilhas e as características da implantação dos sítios nesses diferentes espaços, para que fosse possível compreender a organização que produziu as configurações espaciais encontradas no contexto arqueológico e a possível existência de um padrão adaptativo à geografia da região. A partir da realização de datações dos sítios identificados foi adotado o “estado estacionário”, considerando-se o horizonte de ocupação melhor definido e/ou configurado para a definição de um período fixo, de modo a descrever uma estrutura de assentamento que possa ser estudada também em seus aspectos dinâmicos (ver Gummermann 1971 e Johnson 1977; ver DeBlasis 1988 e DeBlasis et alli 1999 para contextos brasileiros). No caso de Ilhabela, em que o sistema de assentamento de toda uma região ainda carece de definição e modelamento – e da realização de etapas que precedem detalhamentos funcionais e cronológicos - a adoção dessa abordagem permitirá embasar as diretrizes das investigações posteriores no arquipélago.

O objetivo desse projeto - a realização de uma abordagem investigativa de cunho regional envolvendo um conjunto de sambaquis em seu contexto ambiental e paisagístico - parte de duas perspectivas teóricas básicas: primeiramente se fundamenta na idéia de que os sambaquis representam processos de sedentarização, adensamento demográfico e complexificação na organização social desses grupos pescadores-coletores (DeBlasis et alli 1998, Lima 2000). Por outro lado, considera o sambaqui uma estrutura intencionalmente construída, rejeitando a idéia de que estes sítios sejam, simplesmente, resultado do descarte das atividades de subsistência das populações sambaqueiras (Gaspar & DeBlasis 1992, Afonso & De Blasis 1994, Figuti & Klokler 1996, Luby & Gruber 1999, Fish et alii 2000, Bendazzoli-Simões 2007).

Essas abordagens desenvolveram-se a partir de estudos recentes sobre concheiros (*shellmounds*) realizados, principalmente, na América do Norte (Stein 1992, Luby & Gruber 1999), Austrália (Hall & McNiven 1999) e Uruguai (Mazz 2001), e, para o litoral brasileiro, são marcadas pelos estudos realizados em sambaquis no litoral catarinense (DeBlasis 2005, entre outros). No Brasil, pesquisas têm atentado para diferentes aspectos das culturas

litorâneas, dentre os quais se destacam a estabilidade territorial e o adensamento populacional ambos associados a padrões de organização sócio-econômica que vão além das expectativas que, antes, eram aventadas para esses grupos (DeBlasis et al. 1998, Gaspar 1999 e 2000, Lima & Mazz 1999, Lima 2000, Bandeira 1992, Afonso e DeBlasis 1994, Gaspar e DeBlasis 1992, entre outros).

O que esses trabalhos vêm demonstrando é que essa população possui uma organização social complexa, com presença de hierarquia social e organização comunal do trabalho, características consideradas típicas de sociedades agrícolas. Têm revelado ainda, que áreas com abundância de recursos naturais e alta produtividade (como as áreas estuarinas ocupadas pelos sambaquieiros) favorecem o surgimento de sociedades com territórios estáveis e relativamente circunscritos, apresentando altos índices demográficos (ver Renfrew 1973, Koyama & Thomas 1982, Price & Brown 1985, Keeley 1988, McGuire & Paynter 1991 e Arnold 1996; para os sambaquis brasileiros ver Lima & Mazz 1999, Lima 2000, Gaspar 1998 e 2000, DeBlasis 2005).

No que concerne aos aspectos formativos e funcionais dos sambaquis, o presente trabalho se orienta pelas proposições defendidas por Fish et al (2000), Gaspar (1999), e por DeBlasis et al. (1998) e DeBlasis (2005) que consideram que os sambaquis foram erigidos a partir de episódios sucessivos de acúmulo intencional de material construtivo num mesmo local, resultando em montes de diversos tamanhos. Considera ainda que a composição, os aspectos morfológicos e as dimensões dos sambaquis podem variar, principalmente no âmbito regional, o que permitiria também uma possível variação dos processos formativos envolvidos na construção desses sítios, conforme aponta Gaspar (2000).

A realização do estudo do padrão de ocupação e assentamento dos sambaquis de Ilhabela presume uma abordagem interdisciplinar, a disponibilidade de uma estrutura operacional e a aplicação de uma metodologia criteriosa. Sendo assim, o presente estudo foi desenvolvido a partir de prospecções arqueológicas que consistiram na realização de levantamentos de superfície e sub-superfície (sondagens, tradagens, e observação de cortes e perfis) com a finalidade de delimitar das áreas de ocorrência arqueológica, seja em extensão ou profundidade nos solos observados.

Convém ressaltar que as informações existentes sobre a ocupação sambaquieira em Ilhabela, até então, tinham sido obtidas somente com o estudo inicial de um sítio

arqueológico, o sambaqui Abrigo Furnas (Bendazzoli et alli 2009), de modo que o aprofundamento do estudo da presença sambaqueira no arquipélago ainda estava por ser desenvolvido. Nesse sentido, optou-se por uma abordagem mais modesta numa quantidade maior de sítios possibilitando a obtenção de um panorama geral cujos detalhes pudessem melhor compreendidos com futuras escavações em determinados sítios escolhidos. Para tal, não foram realizadas escavações arqueológicas amplas, o que implicaria na necessidade de extensos recursos pessoal e financeiro, bem como maior disponibilidade de tempo.

Em decorrência da grande dimensão da área destinada à pesquisa, da dificuldade de acesso e permanência nos locais e da posterior constatação da existência de diversos sambaquis - aspectos que demandariam tempo não disponível para a intervenção em múltiplos depósitos – optou-se pela intervenção em pelo menos um assentamento cuja datação se opusesse àquela aferida para o sítio já escavado Abrigo Furnas. Considerou-se também que o sítio a ser escolhido para intervenção estivesse assentado em paisagens distintas e possuísse condições de acessibilidade ao local e aos recursos também diferenciadas daquelas já conhecidas para o sambaqui Abrigo Furnas. Desse modo, os dados obtidos com a escavação do sítio alvo poderiam ser contrapostos àqueles obtidos a partir da revisitação do material e da documentação das escavações do sambaqui Abrigo Furnas, datado de quase 2 mil anos (Bendazzoli et alli 2009).

As intervenções no sambaqui alvo foram realizadas a partir da escavação de sondagens pontuais para observação da estruturação interna do sítio e da presença de sepultamentos e, apenas durante essas intervenções, foram realizadas coletas amostrais contextualizadas do material arqueológico. Apesar dos trabalhos de campo não terem previsto a realização de escavações amplas, os artefatos arqueológicos de um sítio, mesmo coletados através da técnica de amostragem, representam parte da cultura material produzida e utilizada por determinado segmento social, e propiciam o entendimento sobre as formas de organização da sociedade que os produziu e utilizou.

A opção pela realização de escavações por amostragem também se justifica pela adoção de uma abordagem menos interventiva, mas suficiente para permitir o estudo da composição interna (macro-estratigrafia). Essa abordagem permite ainda a investigação de outros aspectos relacionados à formação do vestígio arqueológico - como a existência e as características dos sepultamentos - e possibilita a realização de coletas de amostras de fauna,

conchas e sedimento para análises posteriores nas quais se incluem as datações. Nesse sentido, as coletas de sedimento e carvão forneceram material para datações dos diferentes sambaquis de Ilhabela, contribuindo para a compreensão da cronologia de ocupação e, quando possível, para a definição do período de início e abandono dos sítios. Permitiram também a identificação de ocupações concomitantes nas diferentes ilhas do arquipélago que puderam ser comparadas com as datações já obtidas para os sítios da Ilha do Mar Virado, da Ilha Grande e do continente contíguo.

Em todos os sambaquis localizados em Ilhabela que possuíam as camadas superficiais íntegras, propiciando a análise de seu conteúdo de forma segura, foram coletadas amostras das camadas de topo e, na ausência dessas, das camadas de base. A estratégia para coletas de amostras antracológicas, zooarqueológicas dos sítios seguiram o “*Protocolo de Amostragem Padronizada para Macrovestígios Bioarqueológicos*” (Scheel-Ybert et alli 2005/2006). Esse tipo de abordagem permite o entendimento de aspectos dietários ao mesmo tempo em que possibilita o estabelecimento uma dimensão comparativa com outras áreas de pesquisa em que o protocolo tenha sido empregado³⁴. A adoção desse protocolo nas escavações resultantes do presente trabalho permitirá que aspectos intrínsecos à formação, forma de deposição, composição e variabilidade entre as camadas arqueológicas desse sítio possam ser comparadas às camadas de outros sambaquis da região.

A identificação do material faunístico e malacológico coletado nos sítios foi feita, primeiramente, a partir da realização de um trabalho de arqueologia pública e de educação patrimonial conjunto com as comunidades diretamente relacionadas aos sítios escavados. No intuito de envolver a população local e tornar o trabalho arqueológico mais familiar às comunidades caiçaras tradicionais, que são as principais responsáveis pela preservação e manutenção do patrimônio arqueológico de origem sambaqueira ali existentes, as identificações preliminares dos vestígios faunísticos relacionados à pesca foram feitas com o auxílio dos moradores e pescadores locais. Quanto aos demais vestígios faunísticos, por serem muito pouco expressivos, foram apenas quantificados e deverão passar por análise mais detalhada no futuro.

³⁴ Este projeto não contempla a realização de estudos de antracologia e análises detalhadas no sedimento, mas a adoção do protocolo permite que as coletas resultem em amostragens adequadas para análises futuras.

A identificação das espécies malacológicas foi feita com auxílio do Centro de Biologia Marinha da Universidade de São Paulo (Cebimar/USP)³⁵, do Museu de Zoologia da USP³⁶ e também pelo Laboratório de Genética Marinha e Evolução da UFF³⁷. Já as reconstituições das formas cerâmicas localizadas sobre os sambaquis identificados no município, e também àquelas pertencentes às coleções arqueológicas de sítios cerâmicos de Ilhabela, foram feitas no Laboratório de Arqueologia Regional – LAR (MAE/USP)³⁸. Duas coleções de artefatos cerâmicos já escavados em Ilhabela foram utilizadas no presente trabalho: a coleção escavada pela Prof^a Dr^a Dorath Pinto Uchôa na década de 1970 pertencente ao Sítio Viana (acervo MAE/USP), bem como a coleção do sítio Barra Velha 3 (acervo IHGAI) obtida pelo arqueólogo Plácido Cali.

A análise das cerâmicas pertencentes às coleções já escavadas foi feita com base nos pressupostos apresentados La Salvia & Brochado (1989) e Meggers & Evans (1970) por teve por objetivo a comparação desse material com aqueles encontrados sobre os depósitos sambaquieiros. O estudo do material cerâmico visou também à caracterização geral desse material e o aproveitamento do enorme potencial das coleções no entendimento da dinâmica dos povos indígenas em período pré-colonial em Ilhabela, uma vez que esse material já havia sido escavado há tempos, mas nunca fora alvo de estudos. Cabe destacar que esta pesquisa não aborda aspectos detalhados da confecção dos artefatos por considerar que este rico e inédito material mereça ser alvo de um estudo especificamente focado na produção cerâmica das antigas populações indígenas de Ilhabela, cuja abordagem não pertence ao escopo do presente doutorado.

Além da metodologia empregada na análise dos sítios e artefatos arqueológicos a eles relacionados, cabe aqui uma resumida apresentação dos pressupostos teórico-metodológicos adotados nas transcrições paleográficas³⁹ e nas análises dos documentos coloniais utilizados na fundamentação e na discussão acerca da destruição dos sambaquis de Ilhabela e macrorregião. Os documentos apresentados neste trabalho e que já haviam passado por transcrição paleográfica prévia feita por outros autores foram mantidos como tal, não sendo

³⁵ Sob a coordenação do Prof. Dr. Augusto Alberto Valero Flores

³⁶ Sob a supervisão do Prof. Dr. Marcos Tavares

³⁷ Sob a coordenação da Prof. Dra. Rosa C.C.L de Souza

³⁸ Sob a supervisão do Prof. Dr. Paulo DeBlasis.

³⁹ O conjunto de técnicas e métodos empregados na transcrição paleográfica contribui diretamente na compreensão de textos manuscritos que apresentem elevado grau de dificuldade de leitura devido a forma de escrita e vocabulário antigo, além da complexa grafia presente nos documentos.

efetuadas modificações ou correções ortográficas, respeitando a normatização utilizada pelo paleógrafo que os transcreveu. Nesses casos, as transcrições foram identificadas através de nota de rodapé como “*transcrição paleográfica mantida como o original consultado*”. Já nos casos em que a transcrição paleográfica foi produzida exclusivamente para o presente trabalho, as mesmas foram identificadas através de nota de rodapé como “*transcrição paleográfica da autora*”.

As transcrições paleográficas realizadas para este trabalho estiveram pautadas nos preceitos teórico-metodológicos amplamente discorridos por Belloto (2002), Cruz (1987) e Villada García (1923) e também seguiram as Normas Técnicas para a Transcrição e Edição de Documentos Manuscritos definidas pela Convenção Brasileira entre 1990 e 1993⁴⁰. No entendimento das abreviaturas presentes nos manuscritos foi de fundamental importância as referências deixadas por Flexor (2008), Silva (1922) e por Borges Nunes (1980/81).

3. OS SAMBAQUIS DE ILHABELA

O estudo do panorama da ocupação sambaqueira em Ilhabela, eixo investigativo do presente trabalho, teve início a partir da realização de levantamentos que abarcaram toda a extensão do arquipélago sendo, portanto, inclusas as ilhas da Vitória e dos Búzios, ambas atualmente ocupadas por comunidades tradicionais caiçaras. A decisão pelo estudo do arquipélago como um todo, não restrito à Ilha de São Sebastião, levou em consideração três aspectos principais: 1) a ausência de pesquisas nas pequenas ilhas da macrorregião na qual se insere o arquipélago de Ilhabela; 2) a posição estratégica da Ilha dos Búzios, em meio a rotas de navegação entre a costa do mar bravo da Ilha de São Sebastião e as demais ilhas localizadas a nordeste; 3) a grande distância existente entre o continente e a Ilha da Vitória que já apresentava indícios da presença sambaqueira e que se encontra próxima às ilhas já mapeadas e pesquisadas como a do Mar Virado em Ubatuba, SP.

Levou-se em consideração também, que o estudo dessa região forneceria subsídios para o entendimento da ocupação e da dispersão sambaqueira fora das já bem estabelecidas regiões estuarinas existentes no continente, atingindo até as ilhas menores e mais distantes. Essa abordagem também resultaria na possibilidade de comparação dos dados obtidos com as

⁴⁰ Fonte: <http://www.portalan.arquivonacional.gov.br/>

informações já existentes referentes ao sambaqui Abrigo Furnas, localizado no norte da Ilha de São Sebastião que foi escavado em 2007 (Bendazzoli et ali 2009).

Para as abordagens efetuadas na Ilha da Vitória, na Ilha dos Búzios e na Ilha de São Sebastião foram considerados os seguintes aspectos fundamentais envolvendo a realização dos levantamentos de campo: a dimensão da área de estudo em relação ao prazo disponível para a execução dos trabalhos, a acessibilidade às áreas de pesquisa e a condição de transposição de escarpas, grotas e afloramentos. Isso porque o relevo hiper acidentado e íngreme dificulta e por vezes impede, mesmo a pé, o acesso a alguns dos sítios em decorrência dos obstáculos formados pelos afloramentos nas Áreas de Proteção Permanente (APPs) do Parque Estadual de Ilhabela. Destaca-se também a dificuldade de acesso por barco a muitas das áreas alvo de estudos e, principalmente, a grande quantidade de propriedades particulares na Ilha de São Sebastião contendo sítios arqueológicos os quais não foi possível acessar, além de propriedades localizadas dentro de APAs ou em Área de Marinha, condições que acabaram por dificultar o levantamento arqueológico, principalmente, na populosa face do canal de Toque-Toque. Devido às dificuldades listadas a realização das pesquisas de campo deste projeto dependeu diretamente da possibilidade de deslocamento com caronas em embarcações ou jipes, não sendo possível proceder a uma ordenação pré-estabelecida dos locais alvos de pesquisas. O mesmo ocorreu em relação à realização de prospecções sistemáticas em sub-superfície, que somente puderam se realizar em locais que possibilitaram a permanência prolongada em campo e que também contavam com ajuda externa.

A identificação das áreas com maior potencial arqueológico se deu através do estudo do relevo, presença de corpos d'água, de matéria prima, da preservação ou alteração da configuração original do terreno, da presença de cobertura vegetal preservada e intervenções antrópicas ocorridas no local e redondezas, das possibilidades de acesso, entre outros aspectos investigados a partir da observação de fotos aéreas, mapas e programas de navegação gratuitos como o *Google Earth*. Foram também decisivos os relatos orais levantados junto às comunidades tradicionais de Ilhabela que mencionavam a existência de “amontoados de conchas” e de “restos de mariscada de negros”. Algumas referências deixadas em livros a respeito da existência de uma toca cheia de caramujos (Buark 1987) ou de esqueletos encontrados por pescadores (Camargo & Begossi [1951]2006) também contribuíram na localização de alguns sambaquis. Todavia, de modo geral, a localização da maioria dos sítios

contou com o auxílio inestimável de moradores das comunidades tradicionais e de mateiros que, acostumados a percorrer áreas florestadas, sabiam localizar com exatidão os depósitos de conchas dentro e fora de tocas.

Com o objetivo principal de prevenir danos aos sítios arqueológicos porventura existentes, foram realizados caminhamentos aproveitando os acessos já abertos por moradores para verificação de ocorrências arqueológicas em superfície. Na definição de métodos para a pesquisa nas áreas prospectadas com intervenção em subsolo, foram consideradas as especificidades de cada área e adotadas abordagens oportunistas de pesquisa, que incluíam: 1) observação de superfície em áreas com exposição de solo: cortes de acessos, áreas aradas e de erosão; 2) coleta de informação oral junto moradores antigos das propriedades de entorno; 3) coleta de dados junto à Prefeitura do município, instituições culturais e/ou moradores locais; 4) verificação de locais apontados com ocorrência de materiais culturais de interesse histórico e/ou arqueológico.

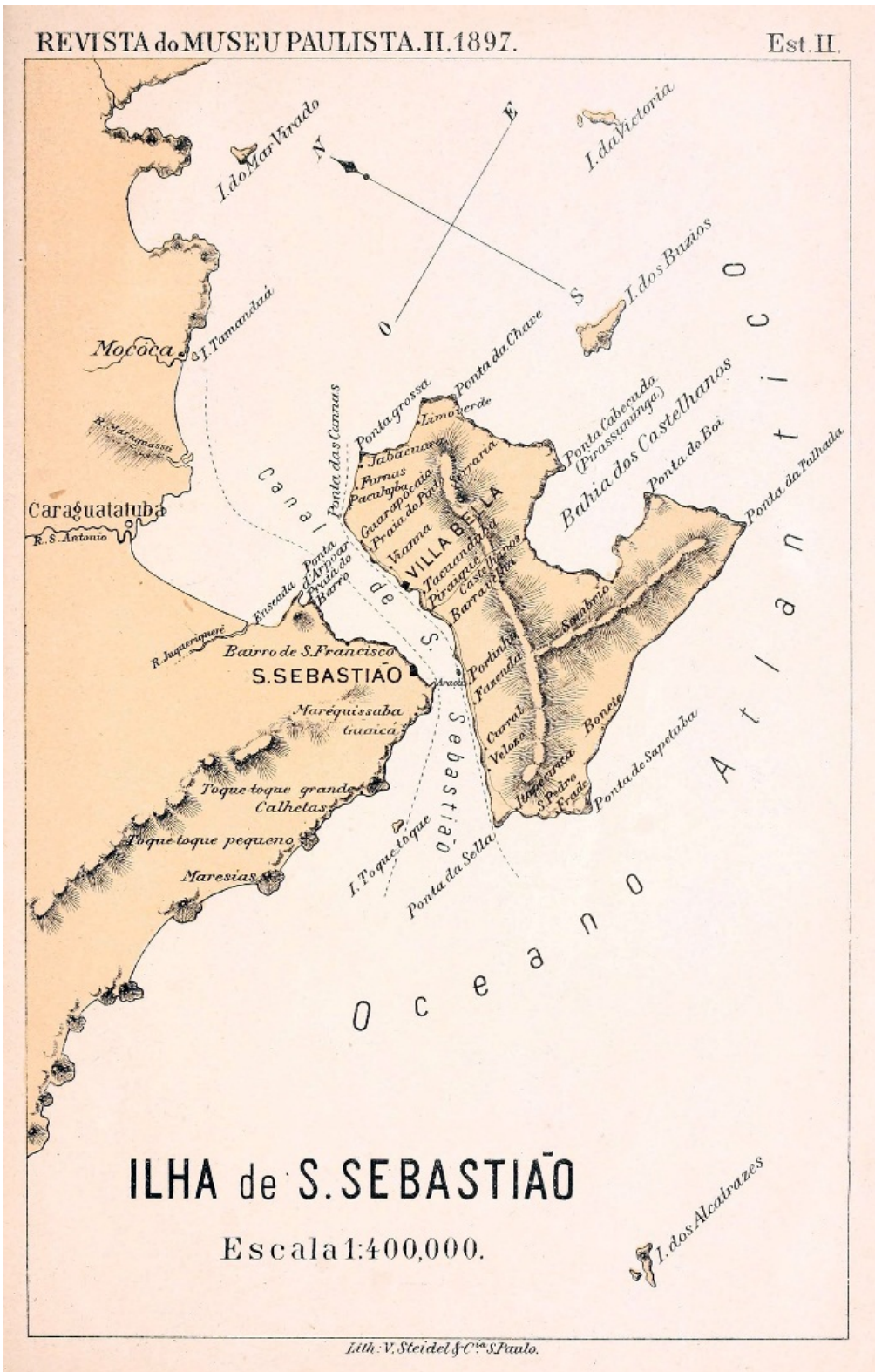
Por configurar região muito extensa para investigação arqueológica promovida sem auxílio de equipe, sem veículos e barcos para deslocamento, os levantamentos realizados nas serras e morros existentes na Ilha de São Sebastião se estenderam até as regiões interioranas localizadas nas as cotas altimétricas mais baixas que fazem divisa com a Zona de Amortecimento do Parque Estadual de Ilhabela (Peib). A abordagem escolhida para essa pesquisa enfocou a ocupação das planícies e das baixas vertentes, locais comumente escolhidos para a construção dos sambaquis. Já o interior do Peib foi investigado através de abordagens oportunistas de pesquisa, ou seja, nas ocasiões em que havia condições para acompanhar as equipes do Peib nas áreas de APP⁴¹. Contando com auxílio de Guarda-Parques ou dos técnicos que fazem o controle de mosquitos (borrachudos) nas nascentes do interior dessa ilha, alguns sítios foram localizados em vertentes íngremes e em mata fechada. Por não haver muitas trilhas acessíveis, muitas dessas incursões foram feitas acompanhando cursos de rio e antigas rotas de caminhos de boi, sendo necessária, no futuro, a realização de levantamentos mais sistemáticos na área do Parque Estadual de Ilhabela.

Devido à importância dos amplos desníveis topográficos na Ilha de São Sebastião, as investigações arqueológicas consideraram a ampla cadeia de montanhas que percorre essa ilha de norte a sul, compartimentando a paisagem em duas faces: a face oeste voltada para o canal,

⁴¹ Área de Proteção Permanente

facilmente acessada a partir do continente e a face leste voltada para o mar aberto. Ou seja, a transposição da Ilha de São Sebastião de Norte a Sul e de Leste a Oeste, tanto atualmente, quanto em tempos pretéritos, esbarrou em dificuldades semelhantes como a presença de um relevo muito acidentado, de grotas nas quais correm extensos cursos d'água, afloramentos rochosos e vegetação densa. Dessa forma, supõe-se que muitos dos deslocamentos e expansões territoriais indígenas realizados no passado tenham se dado pelos caminhos mais acessíveis por terra, galgando as menores altitudes entre a face leste e oeste da ilha, ou possam ter sido facilitados pelo uso da canoa através da transposição marítima, aproveitando das raras planícies existentes para o seu estabelecimento. Sendo assim, foram investigadas separadamente a Face Oeste ou Face do Canal, que contempla as planícies e baixas vertentes existentes de Borrifos a Ponta das Canas e a Face Leste ou Face do Mar Grosso que contempla as planícies existentes entre Ponta das Canas e Borrifos, atravessando pela Baía dos Castelhanos. Essa metodologia respeitou as características da geografia da área considerando a possibilidade de terem ocorrido formas diferentes de ocupação sambaquieira nos extremos da ilha.

No que diz respeito às Ilhas da Vitória e dos Búzios, as investigações concentraram-se primordialmente nas áreas ocupadas pelas comunidades tradicionais caiçaras, locais que possuíam o mínimo de infraestrutura. Incurções pontuais para o interior do Parque Estadual de Ilhabela que ocupa a totalidade do perímetro insular guiando-se pelos rebordos marinhos das ilhas da Vitória e dos Búzios até cota zero revelaram a presença de sítios arqueológicos em áreas não ocupadas por comunidades na Ilha da Vitória. Já o caminhamento para o interior da Ilha dos Búzios não foi possível ser realizado por se tratar de uma ilha bem maior e demandar um tempo mais extenso do que o disponível no cronograma desta pesquisa. Ainda assim, foi possível verificar que também a Ilha dos Búzios possui áreas interioranas com alto potencial para a existência de sítios arqueológicos e que carecem ainda de investigações sistemáticas.



I. "Ilha de S. Sebastião"

Autoria: H. Von Ihering

Data: [1897]

Contudo, ainda que o potencial arqueológico do arquipélago de Ilhabela seja muito grande e reserve ainda sítios arqueológicos por descobrir e estudar, os resultados aqui apresentados já permitem a realização de uma nova leitura dos processos históricos e da construção de diferentes cenários de ocupação para a região. As pesquisas realizadas até o presente momento resultaram na identificação de 62 sítios arqueológicos⁴², dentre os quais se encontram sambaquis a céu aberto, sambaquis em abrigo, um polidor fixo, sítios cerâmicos em abrigo, uma oficina lítica, sítios históricos e também um sítio rupestre. A localização desses sítios e o estudo de seus achados indicam que Ilhabela passou por diferentes cenários de ocupação, a saber: **o sambaquieiro**, até então representado pela localização de 17 sambaquis e também do polidor fixo, **o ceramista** representado pela estação lítica, um sítio rupestre e dois sítios em abrigo (e aqui também representados pelas coleções dos sítios já escavados) Viana e Barra Velha 3 e, por fim, **o colonial** que é marcado pela presença de 40 sítios históricos.

Dos 17 sambaquis que Ilhabela abriga, 4 deles estão localizados na Ilha de São Sebastião, 5 na Ilha dos Búzios e 8 na Ilha da Vitória, além da identificação de um polidor fixo na Praia da Figueira (na Ilha de São Sebastião). Os sambaquis de Ilhabela possuem, de modo geral, pequenas dimensões quando comparados aos sítios existentes em demais regiões como o litoral sul de São Paulo e norte fluminense. Encontram-se implantados a céu aberto e também relacionados ou dentro de abrigos, porém, as cotas altimétricas variam muito, havendo assentamentos localizados em cotas baixas por volta de 4 a 5 metros⁴³ até sítios construídos a mais de 460 metros de altitude em relação ao nível do mar⁴⁴. Devido à frequente incidência de vestígios cerâmicos sobre os sambaquis, os mesmos também serão tratados no âmbito deste trabalho. Incluem-se também no escopo desta pesquisa dados do sambaqui Abrigo Furnas, cujo contexto de escavação e análise foi revisitado.

No intuito de facilitar o entendimento das características dos sambaquis, e dos trabalhos que foram realizados nas diferentes ilhas e, no caso da Ilha de São Sebastião, nas faces do Canal e do Mar Grosso, a descrição de cada área investigada e dos seus respectivos sítios será feita a seguir, separadamente.

⁴² Todos os sítios arqueológicos localizados em Ilhabela no âmbito deste projeto já foram cadastrados no IPHAN.

⁴³ Exemplo do Sítio Abrigo Furnas, Setor Norte da Ilha de São Sebastião.

⁴⁴ Exemplo do Sítio Toca do Caramujo, Face Leste da Ilha de São Sebastião.

3.1 - Descrição

3.1.1 - Ilha de São Sebastião, Face Oeste ou (Face do Canal):

A face oeste da Ilha de São Sebastião, voltada para o Canal de Toque-Toque, foi considerada para este trabalho em toda a extensão localizada entre Ponta das Canas (ao norte) e a Ponta da Sepituba (ao sul) onde se localiza o bairro Borrifos. Essa região destaca-se pela significativa proximidade em relação ao continente e pela presença de uma ampla planície (do Perequê) de extrema importância em período colonial como área de instalação de engenhos movidos por roda d'água que aproveitavam as cachoeiras que formam essa ampla bacia hidrográfica. Na face oeste do canal, espremidas entre a montanha e o mar, despontam praias de areia fina e de águas calmas, muitas das quais apresentam excelentes condições para embarque e desembarque de pessoas e mercadorias durante a maior parte do ano.

Fato é que, devido a essas características, a face oeste foi a primeira a ser ocupada pelos colonizadores sendo significativamente impactada em suas feições originais e seus substratos. Devido à baixa incidência de sítios pré-coloniais preservados principalmente nas planícies mais disputadas pelos veranistas e moradores, é plausível considerar que muitos sítios implantados nessa face tenham sido destruídos ao longo do tempo, restando de alguns apenas relatos. Informações deixadas pelos moradores mais antigos ajudam a compreender melhor a presença indígena nessa área, havendo menções sobre a existência de antigos casqueiros na região do Saco da Capela, no Perequê e na Praia Grande, além de referências sobre a existência de sambaquis ainda preservados na Ponta da Sepituba (que não puderam ser averiguados devido à dificuldade de acesso aos terrenos de propriedade particular). Mais comuns são os relatos sobre a presença de sítios cerâmicos em toda a face oeste, a maior parte deles relacionados à ocupação de tocas e abrigos rochosos, muitos dos quais já foram destruídos devido às constantes implosões dos afloramentos para a retirada de pedras e sua utilização nas construções das casas e muros.

A documentação colonial e demais registros históricos consultados durante a realização do presente trabalho revelam a implosão de afloramentos já no período colonial, ações que podem ter resultado na destruição de vestígios arqueológicos relacionados à ocupação indígena. Essa antiga prática pode ser vislumbrada na documentação de registro da Câmara Municipal relativa à 6ª Sessão Ordinária em 17 de março de 1884, conforme se

depreende do seguinte trecho: “*O mesmo Senr. Vereador exigiu que as referidas indicações fossem transcriptas no Livro de actas, e são as seguintes= 1º Reconhecendo de alta importancia e conveniencia publica a extinção das pedras que em diversas ruas e pateos desta Villa, difficultão o transito publico, normalmente em occaziões de festa, a passagem das procissões e outros actos religiosos sendo objecto de justa censura, indico para que com urgencia sejam arrebetadas as mencionadas pedras, o que sem duvida importa o melhoramento mais importante a fazer nesta Villa, ou antes em todo o municipio, importando igualmente o cumprimento das Posturas municipaes que recommendão a limpeza das ruas e o livre transito*⁴⁵”.

Cabe ressaltar também a constatação da remoção de objetos arqueológicos e seu envio para fora do arquipélago, evidenciada através da documentação pública que se preservou em Ilhabela. Na Ata da 4ª Sessão Ordinária da Câmara de 15 de fevereiro de 1882 já é possível ter uma idéia da intervenção causada aos sítios arqueológicos daquela região, conforme se depreende do seguinte trecho “*Leu^e-se:- Circular do m.^{mo} Ex.^{mo} Prez.^e da Provincia, dactada de 27 de janeiro findo, remettendo incluso o =Diario da Manhã= contendo impressos as especificações indicadas pelo Director do Museu Nacional dos objectos que devem figurar na exposição Antropológica Brasileira que se tem de inaugurar no dito Museu em junho do corrente anno. O Senr. Prez.^e nomeou uma Comissão Especial (...) para proceder as precisas aquisições dos objectos indicados*”. Pouco tempo depois, na 3ª Sessão Ordinária em 24 de julho de 1882, a intervenção nos sítios e a remoção de objetos arqueológicos é confirmada e registrada em ata na qual “*officiou-se ao Director do Museu Nacional da Corte, remettendo-se alguns objectos para a exposição antropológica*⁴⁶”.

Se por um lado os sítios indígenas dessa região foram impactados pelas construções coloniais, por ocupações e implosões de tocas, por outro as atas acima descritas revelam já nesse período o conhecimento sobre a presença de remanescentes do período indígena aptos a compor uma exposição no Museu Nacional. Revelam também que tais vestígios não deviam estar situados em locais de difícil acesso, tendo sido rapidamente conseguidos por uma comissão formada por vereadores que pouca experiência ou informação deveriam ter sobre o material arqueológico.

⁴⁵ Atas da Câmara Municipal de Ilhabela. Transcrição mantida como o original consultado.

⁴⁶ Atas da Câmara Municipal de Ilhabela. Transcrição mantida como o original consultado

Verifica-se que a dificuldade do mapeamento e localização de vestígios pré-coloniais preservados na face oeste do canal na Ilha de São Sebastião está relacionada a duas questões principais: a primeira é a superposição de ocupações nos locais planos e melhores ao estabelecimento humano, responsável pela destruição dos vestígios mais antigos incluindo os sambaquis maiores e localizados a céu aberto que podem ter existido na ampla planície do Perequê que possuía, originalmente, um extenso manguezal; a segunda é a grande destruição dos afloramentos rochosos que compunham das tocas e abrigos, aos quais muitos vestígios indígenas daquela região estão associados, bem como a intervenção humana ocorrida em áreas arqueológicas desde tempos remotos.

Ainda assim, os levantamentos efetuados na face oeste da Ilha de São Sebastião resultaram na localização de diversos sítios coloniais preservados, e os de origem indígena que restaram se encontram em cotas altimétricas mais elevadas, protegidos pelas áreas de amortecimento ou mesmo no interior do Parque Estadual de Ilhabela. Ainda que bastante impactada, essa área não deve ser considerada ausente de vestígios pré-coloniais preservados, pois há relatos da presença de sambaquis dentro de uma sequência de tocas cuja entrada foi vedada por um grande complexo hoteleiro existente no Saco da Capela. Assim como este, outros sítios ainda não localizados, camuflados e protegidos por tocas ou mais inacessíveis à intervenção humana podem ter se mantido preservados mesmo com a ocupação da face do canal.

Dois sítios de origem indígena, e já quase completamente destruídos, revelam o potencial arqueológico da face do canal de Toque-Toque: são os aldeamentos Viana e Barra Velha 3 identificados anteriormente por outros arqueólogos. Localizado no Bairro do Viana, o Sítio Viana é um assentamento ceramista de origem pré-colonial que foi descoberto na década de 1970 pela arqueóloga Prof.^a Dr.^a Dorath Pinto Uchôa e atualmente está praticamente destruído⁴⁷. O Sítio Barra Velha 3 também é um aldeamento ceramista localizado na face do canal, porém no populoso bairro da Barra Velha, cuja área foi alvo de ações de arqueologia de contrato e posteriormente liberada para construção⁴⁸.

⁴⁷ Maiores informações sobre a presença de índios ceramistas e sobre o sítio Viana são encontradas no Capítulo 5.

⁴⁸ O Sítio Barra Velha 3, considerado um aldeamento de origem Itararé (Cali s/d) e o sítio Viana são os únicos remanescentes de aldeamentos já localizados em Ilhabela.

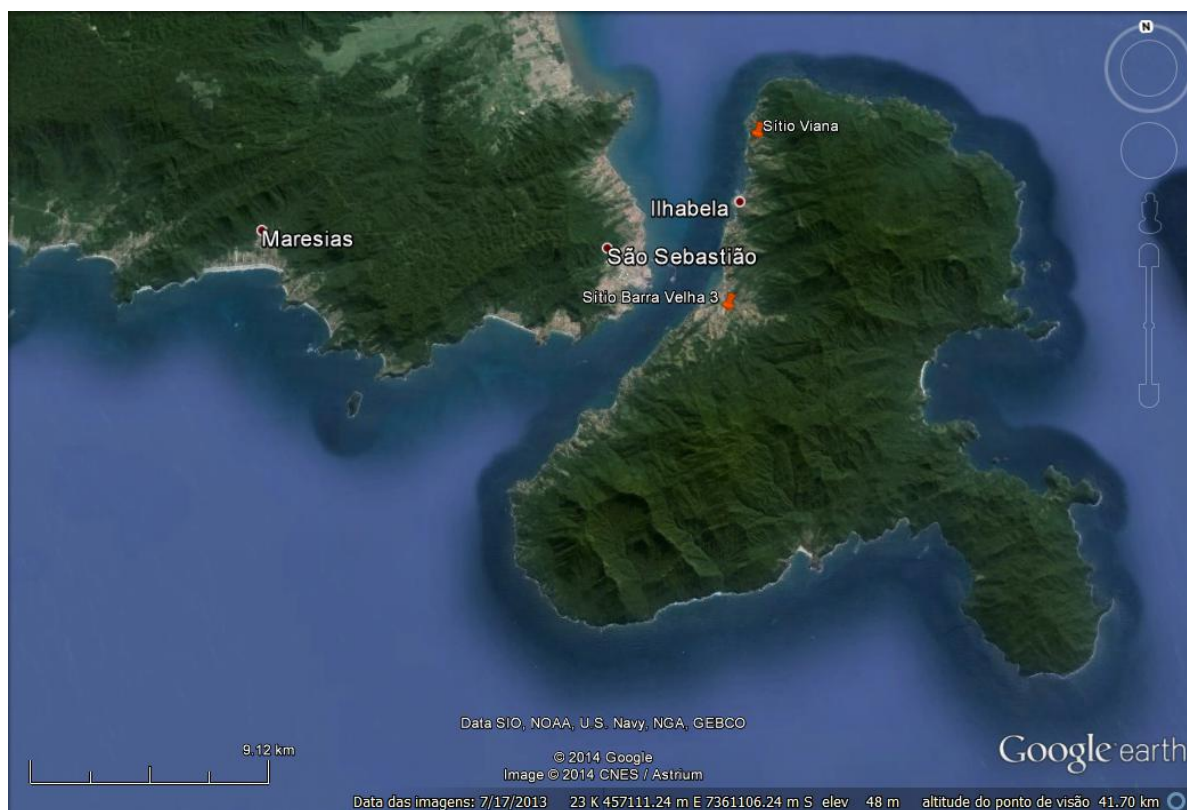
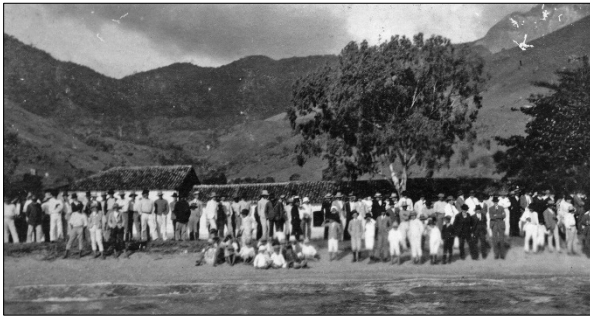


Figura 17 - Mapa dos sítios pré-coloniais da face do canal de Toque-Toque.

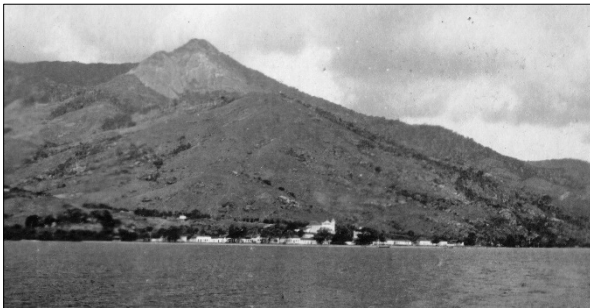
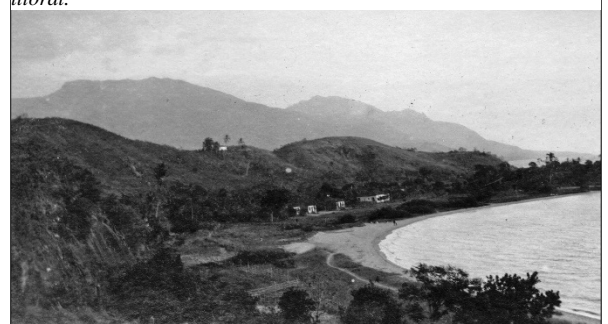
Os demais sítios encontrados na Face do Canal são remanescentes do áureo período de produção de açúcar, café e, posteriormente, aguardente destacando-se as ruínas de antigas capelas, cemitérios, engenhos, fazendas, estradas e caminhos, dentre outros. Estrategicamente posicionados de frente ao continente, próximos aos cursos d'água caudalosos - aproveitando as menores declividades das encostas mais suaves - os sítios coloniais localizados na face do canal evidenciam a disputa pelas melhores áreas para produção. A destruição dos sítios arqueológicos pré-coloniais na face oeste da Ilha de São Sebastião parece ter ocorrido nas mesmas proporções em que há o avanço dos cultivos e das propriedades sobre territórios indígenas. As grandes fazendas e engenhos localizados na face do canal, cujas ruínas sobreviveram ao tempo e a especulação imobiliária, revelam em suas paredes enormes quantidades de conchas possivelmente oriundas de sambaquis já destruídos.

Prancha 8



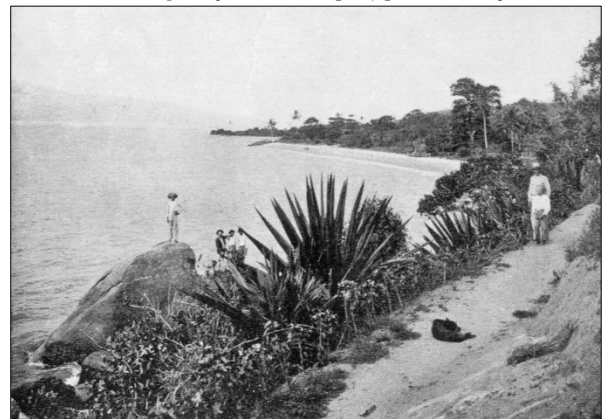
1. Adensamento populacional em Villa Bella (1919).
Acervo: Relatório da Visita do Governador Altino Arantes ao litoral.

2. Construções coloniais no Saco da Capela (1919).
Acervo: Relatório da Visita do Governador Altino Arantes ao litoral.



3. Villa Bella em 1919.
Acervo: Relatório da Visita do Governador Altino Arantes ao litoral.

4. Caminho do Itaguassú aberto na face do canal (1919)
Acervo: Relatório da Comissão Geographica e Geologica do Estado de São Paulo: "Exploração do Rio Juqueryquerê. 2a. Edição 1919..



5. Vista do Canal e da Ilha de São Sebastião (1919).
Acervo: Relatório da Comissão Geographica e Geologica do Estado de São Paulo: "Exploração do Rio Juqueryquerê. 2a. Edição 1919.

Prancha 8A



1. Ampla ocupação na maior planície da Ilha de São Sebastião.
Foto: Mantchev, A.



2. Crescimento urbano na face do canal.
Foto: Mantchev, A.



3. Ocupações atingem até áreas de encostas como a da Cachoeira da Água Branca.
Foto: Mantchev, A.



4. Planície do Perequê e Barra Velha e do outro lado do canal a planície alongada do continente contíguo.
Foto: Mantchev, A.



5. Vertentes florestadas nas cotas altimétricas mais elevadas.
Foto: Mantchev, A.

3.1.2 - Ilha de São Sebastião, Face Leste (Costa do Mar Grosso):

A face leste da Ilha de São Sebastião ou “Costa do Mar Grosso” conforme se referem os documentos coloniais, compreende as planícies litorâneas localizadas entre Ponta das Canas ao norte e Ponta da Sepituba ao sul, bordejando a face leste da Ilha de São Sebastião até atravessar a Baía de Castelhanos. A partir daí, contornando a face leste, essa região contempla também a Ponta do Boi até atingir a Baía das Enchovas na qual se inclui a Praia do Bonete, das Enchovas, da Indaiaúba e a pequena enseada do Porto da Toca, todas localizadas no extremo sul da Ilha de São Sebastião.

Assim como ocorre na face oeste da ilha, as grandes escarpas e a declividade dos morros da face leste dificultam a realização de prospecções detalhadas nas encostas florestadas, de modo que as pesquisas se concentraram nas regiões mais baixas e acessíveis, com excursões eventuais ao interior do Parque Estadual de Ilhabela. As áreas baixas formadas, principalmente pela planície de Castelhanos, apresentam rios volumosos e pequenos mangues favoráveis à presença sambaquieira. Depois do domínio da face do canal de Toque-Toque, essa região também foi gradativamente ocupada por engenhos e fazendas de café e apresenta poucos sítios pré-coloniais preservados. Sua ocupação pouco mais tardia e a dificuldade de acesso por terra, contudo, foram fatores que contribuíram para a melhor preservação dos vestígios arqueológicos em relação àqueles localizados na face do canal.

Cabe ressaltar que os sítios localizados nessa face da ilha não constituem, em hipótese alguma, nos únicos remanescentes arqueológicos que se preservaram, seja àqueles relacionados ao período colonial, ou pré-colonial. As encostas escarpadas e florestadas ainda abrigam vestígios coloniais relacionados a antigos caminhos, entrepostos, ruínas e quilombos, da mesma forma que suas inúmeras tocas e abrigos também preservam vestígios da ocupação indígena sobrepostos, muitas vezes, pela presença de artefatos oriundos da época escravista no qual as tocas eram utilizadas como esconderijo de escravos fugidos.

Ainda que a localização e cadastramento dos sítios arqueológicos de Ilhabela seja tarefa que demande longo tempo para ser concluída, uma vez que paulatinamente novos vestígios vão sendo descobertos, os levantamentos resultaram na localização de numerosos remanescentes do período colonial e alguns sítios pré-coloniais. Quanto aos vestígios de natureza colonial, estão presentes na porção ao norte da ilha, nas praias da Pacuíba, Furnas e Fome, bem como os já cadastrados sítios da Praia do Jabaquara e Poço (Bornal & Queiróz

2006a e 2006b), além das ruínas da Praia da Figueira e da Serraria. Possivelmente devido à intensa modificação da paisagem local, a Baía de Castelhanos apresentou poucos vestígios datados do período pré-colonial, sendo mais comuns os vestígios de engenhos e fazendas, dentre os quais se destacam grandes ruínas na Praia de Castelhanos e na Laje Preta. Ao sul da Ilha de São Sebastião, a Praia do Bonete ainda exhibe suas extensas vertentes peladas pelo cultivo de cana primeiramente utilizada para a produção de açúcar e, posteriormente, de cachaça, mas as ruínas do antigo engenho de açúcar outrora existente ali não são mais encontradas.

A destruição da paisagem original verificada em boa parte da face do Mar Grosso, causada após séculos de exploração do solo e dos recursos vegetais além da reocupação de tocas por escravos e, posteriormente, por caçadores, resultou também num significativo impacto dos substratos arqueológicos, suscetível também às constantes intervenções feitas pelas roças de mandioca e feijão ainda mantidas por parte das comunidades tradicionais caiçaras que vivem nessa face da ilha. Ainda assim, os levantamentos arqueológicos realizados nessa região permitiram constatar que, além dos remanescentes coloniais preservados e do já conhecido sambaqui Abrigo Furnas, a face leste da Ilha de São Sebastião abriga mais quatro sambaquis e um polidor fixo, além de um sítio rupestre e dois sítios oriundos de populações ceramistas. Esses últimos, denominados Valo da Gruta (localizado na praia das Enxovas) e Abrigo Codó (localizado no Codó), apresentaram alto grau de destruição devido à reocupação das tocas nos quais estão inseridos. Ainda assim, a identificação de artefatos preservados permitiu a datação do sítio Valo da Gruta que será apresentada no capítulo 5. Já o sítio Abrigo Codó não apresentou material preservado suficiente para análise ou estabelecimento de datação. Quanto aos sambaquis e seus vestígios estes serão, a partir de então, relatados seguindo a seqüência descritiva dos sítios localizados de norte em direção ao sul da ilha, atravessando a Baía de Castelhanos.

Prancha 8 B



1. Costeiras com matações destacados.
Foto: Mantchev, A.

2. Longas extensões de costeiras.

Foto: Mantchev, A.



3. Costeiras e rebordos abruptos, ao fundo Serra do Mar.
Foto: Mantchev, A.

4. Paredões e Lages das costeiras da Ilha de São Sebastião e ao fundo a Ilha da Vitória.

Foto: Mantchev, A.



5. Praia dos Castelhanos com ampla planície.
Foto: Mantchev, A.

6. Vertentes florestadas de Castelhanos ao fundo a Ilha dos Búzios.

Foto: Mantchev, A.





Figura 18 – Mapa dos sítios pré-coloniais da face do mar grosso.

a) Toca do Eustáquio

O sítio Toca do Eustáquio (coordenadas UTM 23K 475132/7363389), localiza-se na Praia do Eustáquio⁴⁹, face leste da Ilha de São Sebastião entre as coordenadas 23° 50' 09" de latitude sul e 45° 14' 37" de longitude oeste. Essa praia está inserida no bairro de mesmo nome que inicia na faixa de marinha no ponto extremo da Ponta das Guanxumas e sobe até a cota 100 confrontado com os limites do Parque Estadual de Ilhabela (Rel. I.F 2005). O acesso por mar pode ser feito pela costa norte da ilha através do uso de embarcação, ou a pé por trilha que segue da Praia de Castelhanos.

A configuração geográfica da Praia do Eustáquio favorece a atracação e a permanência de embarcações no local, bem como desponta como uma das melhores áreas para embarque e desembarque. Desde o período colonial as águas calmas da pequena enseada atraíram muitos visitantes para esta área que foi utilizada também como ponto de embarque e desembarque de escravos e mercadorias que seguiam e provinham da Fazenda da Laje Preta. Não há registros,

⁴⁹ Praia do Eustáquio também é chamada de Praia do Estácio.

contudo, que a própria praia tenha servido de palco para construções coloniais, nem foram encontrados vestígios de engenhos e fazendas, apenas remanescentes construtivos das casas dos primeiros caiçaras que ali se instalaram. A falta de cachoeiras caudalosas para mover a roda d'água de engenhos nessa praia pode ser uma das explicações plausíveis para a ausência de construções dessa natureza na Praia do Eustáquio. Ao que parece, a grande quantidade de afloramentos rochosos na região e a disponibilidade de áreas melhores para a construção resguardou, de certa maneira, a paisagem local da destruição ocorrida em tempos coloniais. Há relatos de sambaquis preservados no interior da praia, distando quase quatro horas de caminhada a partir da costa, não tendo sido possível acessá-los devido à ausência de informantes que pudessem direcionar ao acesso conhecido apenas por caçadores.

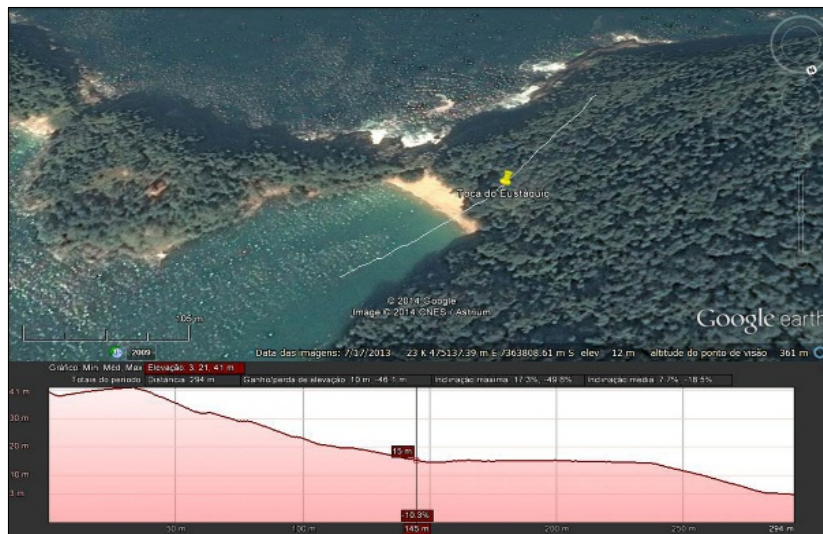
Já o sítio Toca do Eustáquio constitui-se num sambaqui em abrigo construído sob um amplo e destacado afloramento com 7 metros de comprimento e 3 de largura assentado sobre um pequeno platô elevado pouco mais de 12m do nível marinho na porção central da praia, sendo, portanto, plenamente visualizável à distância. Sua área coberta permite abrigar para mais de uma dezena de pessoas, permite fácil acesso ao mar e a visualização de parte da baía e as embarcações que a atravessam rumo à Praia de Castelhanos. Os antigos moradores daquela praia descrevem a existência de grande quantidade de conchas amontoadas sob o abrigo, as quais eles utilizavam em suas brincadeiras quando crianças. Relatam também a existência de grande volume de ossos de peixes misturados em meio às conchas que, afirmam, não tem relação com as atividades de pesca feitas pela comunidade.

Atualmente o sítio Toca do Eustáquio encontra-se praticamente destruído em função da utilização das áreas abrigadas como rancho para secar redes de pesca e, posteriormente, como depósito de entulho e de materiais descartados do comércio. Devido ao impacto pré-existente no local, optou-se pela realização de uma pequena intervenção arqueológica (poço-teste) que permitisse visualizar os substratos para a realização de um diagnóstico situacional das condições de preservação da estratificação do sítio. A intervenção realizada após a remoção de grande quantidade de entulho evidenciou um solo altamente impactado e orgânico que misturava vestígios do destruído sambaqui com outros bem mais recentes, incluindo restos de caça atual. Revelou também a existência de estratificação rasa e bastante alterada não sendo possível identificar a delimitação de camadas arqueológicas.

O sedimento escavado apresentou-se predominantemente arenoso, com grande concentração de matéria orgânica e alguns vestígios de conchas, ossos de animais e cerâmica não decorada. Devido à alteração na estratificação original foi feita apenas uma coleta amostral, não sendo confiável a utilização dos elementos coletados para a datação ou para qualquer outro tipo de análise sem incorrer no risco da utilização de material previamente contaminado e, possivelmente, com contexto alterado. As conchas coletadas não foram consideradas como amostragem fidedigna dos extratos arqueológicos, sendo desconsideradas para fins de comparação com os demais sambaquis da região.

Ainda que o potencial de pesquisa desse sítio tenha sido prejudicado pela intervenção verificada nos estratos arqueológicos, bem como pelo acúmulo de restos construtivos sobre ele, o sítio Toca do Eustáquio revela um tipo de ocupação semelhante àquela já verificada para o Abrigo Furnas, ou seja, alia a presença do abrigo à escolha do local de assentamento do sítio. Esses sítios se assemelham também na forma de implantação em praia abrigada, formada por areia como um local de fácil embarque e desembarque e boa visibilidade dos deslocamentos de embarcações no mar.

Prancha 9



1. Toca do Eustáquio com perfil de elevação.
Foto: Bendazzoli, C.



2. Afloramento que forma a Toca do Eustáquio.
Foto: Bendazzoli, C.



3. Escavação de PT na Toca do Eustáquio.
Foto: Chiatti, T.



4. Cerâmica não decorada encontrada do sítio.
Foto: Bendazzoli, C.



5. Vestígios recuperados da Toca do Eustáquio.
Foto: Bendazzoli, C.



6. Vista panorâmica da enseada.
Foto: Bendazzoli, C.

b) Toca do Caramujo

O sítio Toca do Caramujo (coordenadas UTM 23K 469716/ 7364643) está localizado no interior do Parque Estadual de Ilhabela e foi identificado durante uma das expedições realizadas na companhia de Guarda-Parques e mateiros nos domínios interioranos do Peib. Para acessar esse sítio é necessário seguir por trilha a partir da Praia dos Castelhanos - localizada na região compreendida entre as coordenadas 23° 51'10" de latitude sul e 45° 17'15" de longitude oeste – inserida na face leste da Ilha de São Sebastião. Essa praia se estende por quase dois quilômetros ao longo da segunda maior planície de Ilhabela, tendo sido bastante utilizada no passado como local de cultivo, produção e instalação de engenhos que se aproveitaram das cachoeiras e volumosos cursos d'água para o abastecimento e funcionamento de suas moendas. Devido à utilização da Baía de Castelhanos para estabelecimento de construções e cultivo em larga escala, são raros os sítios pré-coloniais na preservados na região, de modo que o potencial maior para a localização de sítios preservados recai sobre as tocas e abrigos da região, localizadas nas vertentes mais elevadas e sobrepostas por remanescentes do período escravista e dos caçadores mais recentes.

O sítio Toca do Caramujo possui 25m de comprimento por 12m de largura e está implantado sob um amplo bloco rochoso que se apóia em outros semelhantes, resguardando em um excelente espaço abrigado das intempéries. Esse abrigo assenta-se sobre um pequeno platô na alta vertente do morro, distando aproximadamente 100m de um curso d'água doce, configurando-se local arejado e com fácies abertas a leste e sul podendo ser utilizado concomitantemente por mais de um grupo. Suas aberturas laterais e sua posição elevada (implantado a 467m de altitude em relação ao nível do mar) lhe conferem alta visibilidade de toda a Baía de Castelhanos sendo possível, a partir dali, acompanhar o movimento nas praias e das embarcações que transitam no extremo leste da Ilha de São Sebastião, incluindo aquelas que rumam em direção à Ilha dos Búzios.

A feição do sítio Toca do Caramujo é extremamente peculiar e exuberante não apenas no tamanho, mas no seu conteúdo que é completamente preenchido por carapaças de *megalobulimus* espalhadas por toda a sua área interna, sendo dificultoso caminhar por elas sem causar danos ao material arqueológico. Esse abrigo resguarda uma estratificação arqueológica aparentemente pouco profunda que abriga vestígios remanescentes de três

ocupações diferentes: a sambaqueira, a ceramista e por fim outra relacionada à presença de caçadores recentes.

Os vestígios da ocupação sambaqueira estão dispersos por toda a área interna do sítio, com maior concentração no fundo do abrigo onde a dificuldade de acesso de curiosos é maior devido à aproximação progressiva do teto em relação ao solo. Ali foram encontradas numerosas carapaças de *Megalobulimus sp*, em sua imensa maioria apresentando evidências de quebra para extração do conteúdo para consumo alimentar. Além das carapaças foi encontrado um exemplar de bivalve marinho localizado entre as conchas de gastrópodes terrestres. Boa parte dos exemplares malacológicos existentes dentro do abrigo, no entanto, foi gradativamente varrida pelos caçadores que constantemente se utilizam do local. Segundo informou o mateiro que acompanhou os trabalhos, até aproximadamente dez anos atrás não era possível adentrar o abrigo sem pisar e quebrar as cascas das conchas, por este motivo era hábito varrer os vestígios arqueológicos vertentes abaixo.

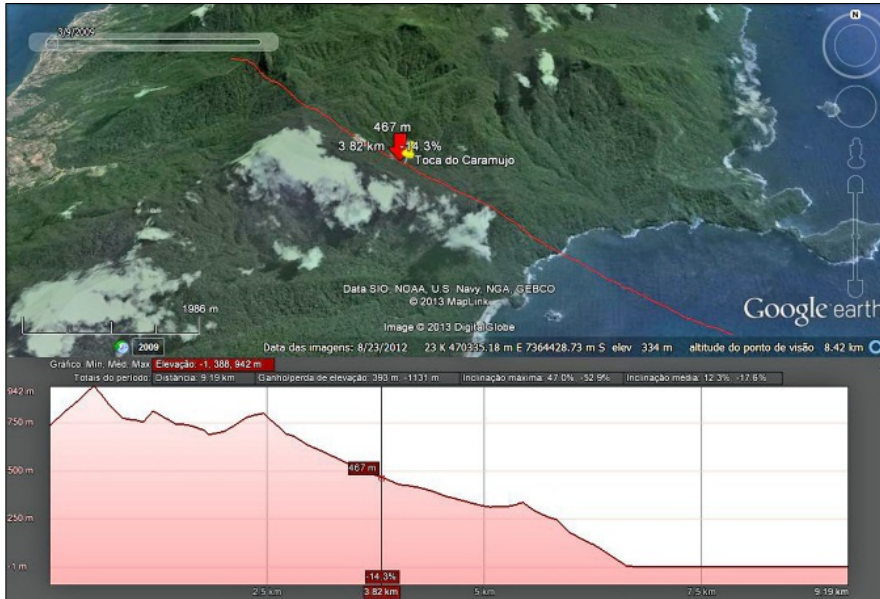
O estabelecimento de populações indígenas naquela toca é favorecido pela abundância de caça e de recursos vegetais em toda a região envoltória ao abrigo, além da presença de pequenos e numerosos cursos d'água. Além disso, a distância que separa este abrigo dos rios mais caudalosos como o Ribeirão dos Castelhanos e a Cachoeira da Laje Preta pode ser facilmente superada por populações habitadas ao deslocamento nas matas. O local é extremamente estratégico também por estar posicionado na alta vertente, configurando área de ligação entre as faces leste e oeste da Ilha de São Sebastião.

Destaca-se, porém a significativa altitude e distância do sítio em relação à beira mar, além do acentuado desnível topográfico, ambas condições não típicas ao estabelecimento de populações sambaqueiras e para a construção do próprio sambaqui, seja ele assentado a céu aberto, seja implantado dentro de abrigo. Soma-se a isso a quase ausência de vestígios malacológicos de origem marinha, de ossos de peixes e fauna, na superfície investigada, aspectos que fogem da clássica representação monumental sambaqueira. Nota-se que os levantamentos efetuados na face leste da Ilha de São Sebastião começam a revelar aspectos da presença sambaqueira ainda pouco conhecidos no meio científico e já apontam para um padrão de assentamento distinto da clássica ocupação das terras baixas e dos ambientes estuarinos.

Sobre a camada de *megalobulimus* foram localizados fragmentos cerâmicos não decorados que estavam espalhados na superfície do sítio em meio às carapaças, contemplando exemplares de paredes e bordas. Amostras desse material foram coletadas para a realização de análises laboratoriais e datações. Nas áreas envoltórias àquela com maior concentração de vestígios arqueológicos, principalmente nos locais planos e arejados do abrigo, foram encontrados objetos recentes como pratos de louça, vidro, panelas e demais utensílios utilizados para o preparo e consumo de caça. Devido à utilização do abrigo e a pouca profundidade dos estratos, o sítio apresenta algum impacto nos níveis superficiais, mas, as feições que exibe sugerem a existência de estratos mais profundos ainda preservados.

Os trabalhos realizados na Toca do Caramujo consistiram na realização de levantamentos de dados para o cadastramento, medições e coletas de superfície. Devido ao significativo tempo gasto para atingir o sítio, cerca de quatro horas por trilha a pé a partir da Praia dos Castelhanos, não foi possível a realização de intervenções em sub-superfície, uma vez que não haveria tempo hábil para o retorno aproveitando a luz solar. No que concerne à realização das amostragens, deu-se preferência à coleta dos vestígios localizados na porção mais interior do abrigo, cujas evidências apresentavam-se bem preservadas. A amostragem coletada para datação, análise de conteúdo e comparação entre os demais sítios referente à camada de ocupação sambaqueira compunha-se exclusivamente de *megalobulimus sp* e apenas um exemplar de gastrópode marinho. Como não foram feitas intervenções no sítio não é possível afirmar que o mesmo seja composto somente por gastrópodes terrestres, mas a predominância desses elementos na sua camada final de construção encontrou paralelo com outros sambaquis de Ilhabela conforme se verá.

Prancha 10



1. Toca do Caramujo com perfil de elevação.
Foto: Bendazzoli, C.



2. Vista geral da Praia dos Castelhanos.
Foto: Bendazzoli, C.



3. Área abrigada da Toca do Caramujo.
Foto: Bendazzoli, C.



4. Dispersão de vestígios no fundo da toca.
Foto: Bendazzoli, C.



5. Vestígios recentes deixados por caçadores.
Foto: Bendazzoli, C.



6. Megalobulimus formam o pacote superficial do sítio.
Foto: Bendazzoli, C.

c) Polidor da Figueira

A Baía da Figueira está localizada na face leste da Ilha de São Sebastião, inserida no interior do Parque Estadual de Ilhabela em área onde os limites do Peib se guiam pela cota altimétrica zero. Essa baía abriga os Ilhotes das Galhetas - que servem como local de pouso e alimentação de aves migratórias - o Costão do Codois (ou Codó), o Porto das Galhetas e a Praia da Figueira. O Codó e o Porto das Galhetas apresentam majoritariamente costão rochoso e não são habitados, enquanto que a Praia da Figueira desponta como a única praia de areia fina dessa baía e que é atualmente ocupada por uma comunidade tradicional caiçara.

Protegida pelos domínios do Parque Estadual de Ilhabela, a Praia da Figueira possui poucas construções que são, em sua maioria, residências em pau a pique erigidas pela comunidade. Apenas uma família ocupa a extremidade norte da praia enquanto que outras três dividem o espaço da extremidade sul, na qual um pequeno curso d'água doce desemboca no mar. Os terrenos que se alongam em direção as altas vertentes apresentam declividade bastante suave estendendo, desse modo, a formação da ampla planície da Praia da Figueira. Essas áreas aplainadas foram, no passado, muito utilizadas para agricultura de modo que atualmente estão recobertas por vegetação secundária formada após os desmatamentos ocorridos para o cultivo em larga escala.

A Praia da Figueira foi intensamente ocupada durante o período colonial e ali ainda podem ser encontrados remanescentes construtivos relacionados ao próspero período do cultivo do café. Na planície costeira as ruínas de uma antiga fazenda formam um amplo pavimento com quase uma dezena de colunas já tombadas e apenas uma ainda permanece em pé, além de alicerces menores que evidenciam a divisão interna dos cômodos. A existência da pilastra ainda em pé suscita inúmeros “causos” a respeito da presença de tesouros enterrados em sua base, lendas alimentadas pela ocorrência constante de caçadores de tesouros naquela região⁵⁰.

⁵⁰ A crença sobre a presença de tesouros na base da pilastra fez com que, no passado, os caiçaras daquela comunidade empreendessem escavações em toda a área envoltória a pilastra até atingir a rocha matriz que a sustenta, localizada a mais de um metro e meio de profundidade. Essas informações foram transmitidas pelo mais antigo morador da comunidade, Sr. Lauro.

A observação mais acurada do conteúdo das pilastras evidenciou grande quantidade de conchas compondo a argamassa que une os blocos rochosos. A presença de conchas em meio às ruínas coloniais já fora observada em outras regiões e, em muitos casos, está relacionada à extração de conchas dos sambaquis e à conseqüente destruição desse tipo de assentamento. Os extensos caminhamentos realizados na Praia da Figueira não permitiram identificar qualquer vestígio da presença de sambaquis preservados, mas, revelaram a existência de um polidor fixo no canto sul da praia, próximo a um pequeno ribeirão de água doce e às ruínas dessa antiga fazenda (coordenadas UTM 23K 471677/7358526).

Resumidamente pode-se dizer que os polidores fixos constituem uma ou mais marcas localizadas sobre uma matriz rochosa fixa, como resultantes da confecção de artefatos polidos (Gaspar & Tenório 1990). Esses artefatos constituem-se em utensílios de uso cotidiano, ferramentas, adornos e objetos ritualísticos produzidos a partir da fricção (feita com o auxílio de areia e água), entre o bloco a ser modelado e a base rochosa escolhida como suporte ao polimento. Vários são os registros de sua ocorrência no litoral sul do Brasil (Rohr 1959, 1961 e 1984; Beck 1971, Fossari 1987; Amaral 1995). Há registros de sua presença também no litoral do Rio de Janeiro (Dias Jr. 1959; Gaspar & Tenório 1990; Tenório 1992) e no Estado da Bahia (Calderón 1969). No que concerne ao litoral paulista, foram registradas ocorrências em Ilha Comprida (Uchôa 1978) e na Ilha das Couves, em Ubatuba (Amenomori 2005).

As pesquisas arqueológicas realizadas em Ubatuba (Amenomori 2005) e no litoral fluminense (Tenório 1992), enfocando a presença e a formação dos polidores fixos existentes na macrorregião na qual se insere o arquipélago de Ilhabela, contribuíram para o entendimento e a associação desse vestígio com as atividades de produção de ferramentas líticas pelas populações sambaqueiras, em especial àquelas que ocupavam esse ambiente insular. No que concerne ao arquipélago de Ilhabela, até então, nenhum polidor fixo havia sido identificado, de modo que a localização do Polidor da Figueira poderá contribuir para o entendimento da ocupação e da dispersão dos povos sambaqueiros nessa região.

O polidor fixo localizado na Praia da Figueira evidencia a prática do polimento de seixos sobre uma ampla base rochosa facilmente acessível devido a sua pequena

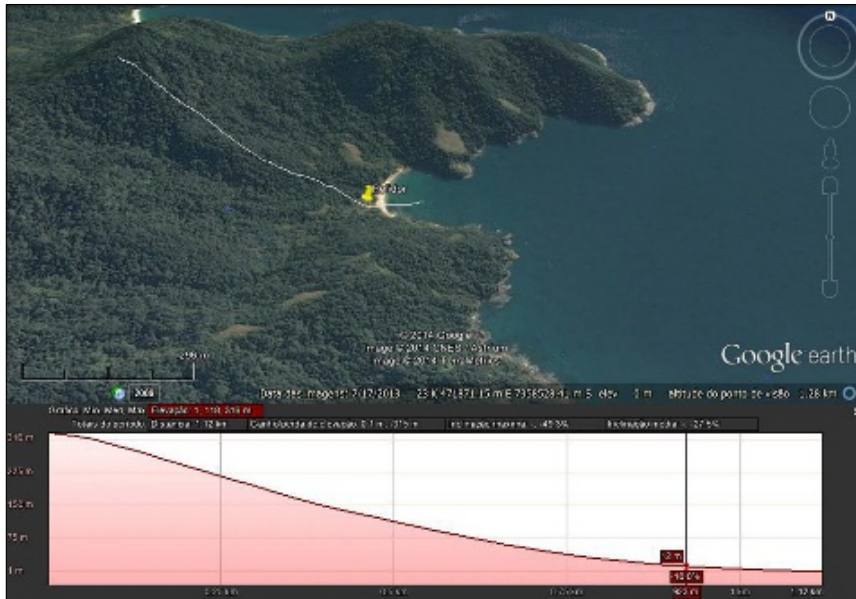
espessura, resultando na formação de um desgaste em formato de bacia medindo 30 cm de diâmetro. Esse é o único vestígio existente na Praia da Figueira ao qual, assim como entendem Gaspar & Tenório (1990), também relaciono à ocupação sambaquieira na região. Não foram encontrados outros desgastes sobre o afloramento, seja na forma de bacias ou de sulcos e, devido à ausência de elementos passíveis de análise radiocarbônica que estivessem em contexto e associados ao Polidor da Figueira, não foi possível estabelecer uma datação para essa ocupação.

A área na qual o Polidor da Figueira está inserido evidencia a existência de reocupações ocorridas em diferentes épocas, possivelmente em função da presença de um curso de água doce nas imediações. Segundo observou Tenório (1992:89), *“amoladores e polidores fixos são encontrados em ilhas, em antigas ilhas isoladas por períodos de transgressão marinha em pontas, localizando-se próximos a cursos de água doce que desembocam na praia”*, mesmo padrão observado para a bacia de polimento localizada na Praia da Figueira. Destaca-se ainda a observação feita por esta mesma autora no que se refere à função dos objetos confeccionados em polidores fixos com formato de bacia. Segundo Tenório (ibidem: 87), polidores em forma de bacia, como aquele encontrado na Figueira, seriam *“instrumentos passivos resultantes, na maior parte das vezes, da elaboração de lâminas de machado”*, e essas, por sua vez, são comumente associadas à atividade de corte de madeira e produção de canoas.

Sendo assim, a existência de uma pequena bacia de polimento localizada na Praia da Figueira é aqui interpretada como resultante da inequívoca presença sambaquieira naquele local e, possivelmente, está relacionada à necessidade de confecção de instrumentos líticos como a lâmina de machado necessária à produção de canoas que consistiam no único meio de transporte entre as inúmeras ilhas da região. A área na qual está inserido esse afloramento foi sucessivamente utilizada por ocupações posteriores para a instalação da Fazenda da Figueira, e para a construção das casas caiçaras atuais. Tais reocupações resultaram em impactos sobre os possíveis sambaquis ali existentes, bem como continuam a evidenciar vestígios de ocupações coloniais, principalmente nos estratos superficiais, revelando a importância estratégica daquela área para o estabelecimento humano em diversos períodos.

A Praia da Figueira desponta como mais um local no qual se evidencia a presença sambaqueira em tempos pré-coloniais ainda que os sambaquis, possivelmente, tenham sido consumidos pela construção da fazenda de café, ou outras anteriores. Há, porém demais evidências que sugerem a existência de sambaquis ainda preservados no interior do Peib, localizados dentro de tocas nas áreas mais escarpadas dos morros que rodeiam a Praia da Figueira e arredores. Ainda assim, mesmo após inúmeras tentativas não conseguimos chegar aos locais apontados pelos moradores, pois o acesso se mostrou intransponível nas diversas incursões feitas para alcançá-los. Tais evidências, se confirmadas, poderão contribuir para o melhor entendimento do panorama da ocupação sambaqueira na face leste da Ilha de São Sebastião, em especial, na Baía da Figueira.

Prancha 11



1. Polidor com perfil de elevação.
Foto: Bendazzoli, C.



2. Afloramento no qual se localiza o polidor fixo.
Foto: Bendazzoli, C.

3. Bacia de polimento próxima ao riacho.
Foto: Bendazzoli, C.



4. Detalhe da bacia de polimento.
Foto: Bendazzoli, C.

5. Enseada aberta da praia.
Foto: Bendazzoli, C.



d) Toca do Mirante

O sambaqui Toca do Mirante está localizado na Praia do Bonete situada ao sul da Ilha de São Sebastião e sujeita às frentes frias e variações de maré, sendo a única praia do arquipélago com arrebenção e formação de ondas de maior porte que permite a prática de esportes como o *surf*. O bairro do Bonete inicia na faixa de marinha no extremo avançado da Ponta das Enchovas, onde galga o espigão divisor de águas que separa a vertente do Bonete da vertente das Enchovas e segue até a cota cem, confrontando com o bairro das Enchovas a leste e com o Bairro Borrifos a oeste. A partir da cota cem o Bonete cede seus domínios ao Parque Estadual de Ilhabela, de modo que o sítio, localizado abaixo desta cota, está inserido em área municipal.

A Praia do Bonete atraiu pioneiros colonizadores para a região ainda no século XVII, época das concessões das primeiras sesmarias naquela área. Seus ocupantes foram atraídos até lá devido à existência de uma planície extensa e alongada que permitia cultivo em larga escala, bem como pela presença do caudaloso Rio Nema que propiciava a movimentação de rodas d'água. Nessa praia funcionaram engenhos para a produção de açúcar e, posteriormente, de cachaça, resultando na grande devastação da vegetação original de sua planície. Foi muito marcante a presença escrava como mão de obra dos engenhos daquela área, de modo que até hoje são conhecidas na região as histórias sobre negros fugidos, bem como ainda são utilizados as tocas e os caminhos abertos por escravos em meio à mata.

A Toca do Mirante (coordenadas UTM 23K 465117/ 7354402) está implantada no topo de um braço de terra que se estende em direção ao mar na divisa entre a Praia do Bonete e Praia das Enchovas, a partir do qual se tem ampla visibilidade de toda a região sul e pode-se apreciar o deslocamento de embarcações com facilidade. Esse sambaqui está inserido no interior de um abrigo formado pela sobreposição de afloramentos de grande porte localizados na vertente do morro, dando origem a um espaço protegido e amplo em seu interior. O local escolhido para a sua implantação pode ser facilmente visualizável à distância em função da sua significativa elevação em relação ao nível marinho (62 metros) e ao destaque dado ao local pela presença dos matacões que envolvem a área do sítio. Já a porção externa do assentamento foi, contudo, bastante remodelada, tendo sofrido com o desmatamento, queimadas e erosão decorrente da exploração e do mau uso do solo naquela área.

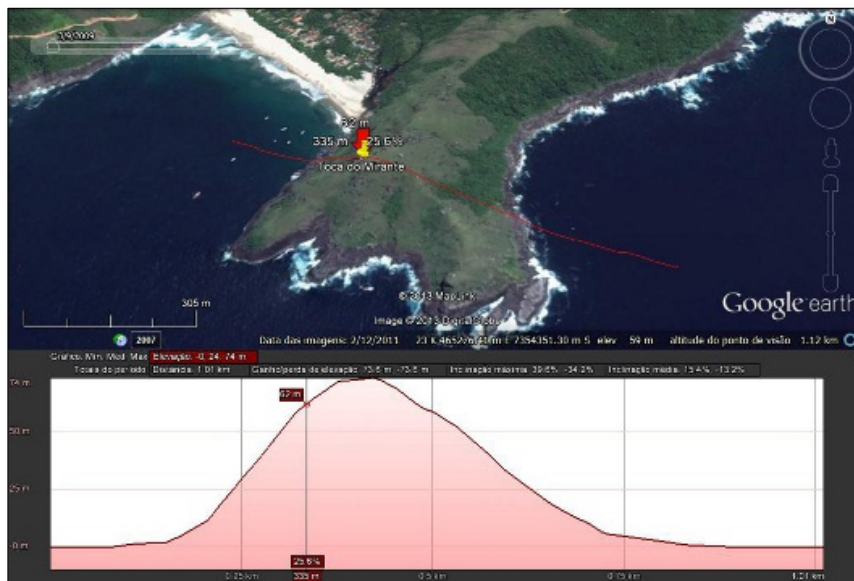
Segundo relato deixado pelo morador mais antigo da comunidade Sr. Gessy⁵¹, o sítio Toca do Mirante consiste em um grande acúmulo de conchas e ossos de peixe localizado no interior desse grande afloramento, sobre o qual os caiçaras observavam a presença de fogueiras e fragmentos de cerâmica. Acreditando tratar-se de um local no qual os escravos se escondiam para consumir moluscos e gastrópodes marinhos e relembrando as histórias contadas pelos mais antigos, a comunidade passou a chamar o abrigo de “Toca do Negro”, sem que fosse mencionada qualquer referência sobre a presença indígena naquela área.

A Toca do Mirante foi algumas vezes visitada pelos boneteiros mais antigos, contudo, a utilização do solo do morro, o desmatamento e a lixiviação fecharam o acesso ao abrigo há mais de quarenta anos, selando os vestígios do passado em seu interior. Por esse motivo, não foi possível a recuperação de informações inerentes à composição do depósito e também a realização de coletas de superfície que permitiriam um entendimento maior sobre sua formação e contexto cronológico. Ainda sim, devido ao relato fidedigno corroborado por outros membros da comunidade sobre a presença e a variedade de elementos típicos da presença sambaqueira depositados dentro do abrigo e à existência de demais sítios semelhantes todos relacionados à presença sambaqueira no arquipélago, optou-se pelo seu cadastramento e inclusão no presente trabalho.

A Toca do Mirante, selada no tempo, resguarda importantes vestígios da permanência indígena na região e deverá servir para estudos futuros uma vez que seu conteúdo se encontra preservado da ação de curiosos e caçadores de tesouros. Sua natureza multicomponencial e sua preservação ao longo do tempo conferem à Toca do Mirante um alto potencial para estudos sistemáticos que contam com o apoio da comunidade. Cabe destacar ainda a necessidade de realização de trabalhos de educação patrimonial e de medidas de preservação, tendo vista sua estratégica posição em relação a essa praia que coloca o sítio em posição de risco frente à crescente especulação imobiliária e ao desenvolvimento turístico que acena para a região.

⁵¹ O Sr. Gessy faleceu no ano de 2012 após ter contribuído com importantes informações sobre o passado e as áreas potenciais para a existência de sítios arqueológicos na Praia do Bonete.

Prancha 12



1. Toca do Mirante com perfil de elevação.
Foto: Bendazzoli, C.



2. Praia do Bonete.
Foto: Bendazzoli, C.

3. Vista da praia com Toca do Mirante à direita.
Foto: Bendazzoli, C.



4. Toca do Mirante e afloramento de destaque.
Foto: Bendazzoli, C.

5. Fundo de Vale e planície ao fundo - antiga área de cultivo.
Foto: Bendazzoli, C.



e) Porto da Toca

O sítio Porto da Toca localiza-se ao sul da Ilha de São Sebastião, no local denominado Porto da Toca que lhe cede o nome (coordenadas UTM 23K 472127/7353142). Essa área é assim denominada devido à excelente condição para o estabelecimento de embarcações em sua pequena enseada na qual desponta uma diminuta toca junto à costeira. A região do Porto da Toca está inserida em Área de Proteção Ambiental do Parque Estadual de Ilhabela onde seus limites se guiam pela cota zero, abrangendo toda a costa e a porção interior à área onde se encontra o sítio. Essa região localizada no extremo sul do arquipélago de Ilhabela está sujeita aos ventos que sopram do sul, bem como às correntes marinhas geladas, e configura-se como uma das mais hostis ao estabelecimento humano. Contribuem para essa condição a presença da Península do Boi e seu litoral escarpado de difícil transposição por terra, além da dificultosa transposição marinha da região compreendida entre o Porto da Toca e o Saco do Sombrio, área evitada inclusive pelos caiçaras mais experientes.

Ainda assim, a região do Porto da Toca foi muito disputada desde tempos remotos devido ao enorme potencial piscoso que apresenta. A entrada de cardumes que acompanham as correntes mais frias se dá exatamente naquela região e a permanência dos peixes é favorecida pela grande diversidade de microambientes marinhos que ali se formam em função da presença dos afloramentos rochosos que compõem barreiras de corais e áreas para alimentação e reprodução das espécies. Por essa razão, o Porto da Toca, área tradicionalmente ocupada como estação de pesca pelas comunidades caiçaras do sul da ilha vem sendo, cada vez mais, alvo de disputas entre veranistas, caiçaras e o Parque Estadual de Ilhabela.

O sambaqui ali identificado está implantado na média vertente florestada do interior da pequena enseada do Porto da Toca, há pelo menos 150m de distância em relação à linha costeira. A formação do sítio se deu no interior de um abrigo constituído pela sobreposição de blocos que afloram à superfície, oferecendo um local seco e protegido para mais de uma dezena de pessoas. Esse abrigo encontra-se assentado sobre um pequeno platô há aproximadamente 170m de altitude, inserido em uma região atualmente recoberta por vegetação secundária formada a partir do abandono daquela área pelas comunidades. Sua área abrigada é extensa (12m de comprimento por 7 de largura) e

plana, favorecendo a permanência no local, além de apresentar mais de uma face passível de ocupação. Destaca-se a presença de água doce relativamente próxima ao sítio, além da presença de caça abundante até os dias atuais.

A ocupação da área na qual se encontra o sítio é bastante longa, havendo diversos relatos que informam sobre a presença de fogões, panelas e utensílios de escravos localizados em meio à vertente na qual os antigos moradores realizavam seus cultivos. Esses locais apresentam vegetação rasteira, solo exaurido e grande quantidade de hematita aflorando em superfície, mineral que não tinha sido identificado em demais regiões do arquipélago. Essa área possui ainda grande quantidade de árvores frutíferas e de ervas locais utilizadas pelos moradores em sua alimentação cotidiana.

Já a localização do Sítio Porto da Toca foi feita há muito tempo pela comunidade tradicional que ali vivia. Acostumados a utilizar o abrigo como estação de caça e suas áreas envoltórias para o aproveitamento de madeira para a fabricação de canoas, os mais antigos contam sobre a existência de grande quantidade de conchas e ossos de peixes espalhados em toda a extensão do abrigo e também da existência de numerosos fragmentos cerâmicos. É também fato notável e rememorado pelos moradores mais antigos a incursão realizada ao sítio por um pescador da comunidade que, ao cortar a golpes de machado uma grande árvore que se localizava em frente da toca, teve sua ferramenta inutilizada quando um dos golpes atingiu um gastrópode (*Lithopoma tectum*) alojado no interior do tronco da árvore, provavelmente incorporado ao vegetal durante seu crescimento sobre as camadas conchíferas.

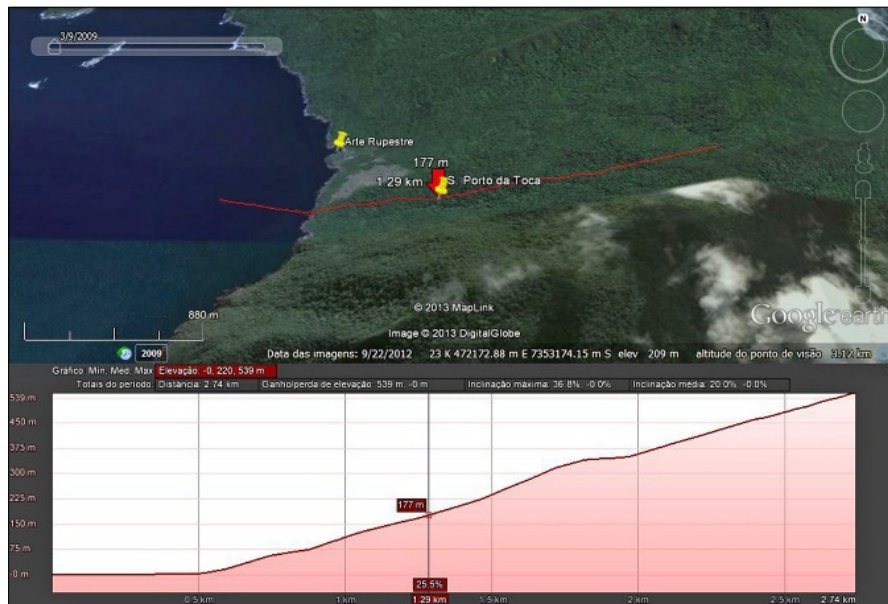
Atualmente, os estratos originais do sambaqui podem ser parcamente visualizáveis devido ao impacto existente na superfície do sítio, causado, principalmente, pela utilização da toca por caçadores ainda na época em que a área era ocupada, bem como pelo crescente interesse de caçadores de tesouro pela região. Todavia, a observação da superfície do sítio permitiu a identificação de espécies de craca (*Sessilia*), ostras, ouriços e espículas, cuja amostragem foi coletada para a realização de datações. Destaca-se também a presença de fragmentos de cerâmica não decorada, além de artefatos líticos lascados e grande quantidade mineral acumulado sob o abrigo em seu formato bruto (hematita).

Quanto à presença da hematita, apesar de não haver menção a respeito da sua incidência nos levantamentos geológicos existentes para essa região, verificou-se a

existência de grande quantidade desse mineral em toda a extensão investigada do “sertão” do Porto da Toca, espalhando-se pelas vertentes que seguem em direção à costeira e concentrando-se mais ao interior. Especialmente no local do sítio esses fragmentos são muito freqüentes tendo sido varridos para os rebordos do assentamento, fora da área abrigada, local onde também foram identificadas concentrações de cerâmica, lítico e hematita.

Os trabalhos efetuados no sítio Porto da Toca consistiram na realização de cadastramento, medições e coletas amostrais dos artefatos arqueológicos localizados em superfície. Foram coletados fragmentos de cerâmica não decorada, exemplares do material lítico, do minério de ferro, bem como algumas conchas provenientes do topo do sambaqui para a realização de datações radiocarbônicas. A posição de destaque desse sítio, seu amplo abrigo e a proximidade de corpos d’água são características que conferem ao sambaqui Porto da Toca um excelente potencial investigativo que deverá ser aproveitado em etapas futuras.

Prancha 13



1. Porto da Toca com perfil de elevação.
Foto: Bendazzoli, C.



2. Vista da enseada a partir do alto do Porto da Toca.
Foto: Bendazzoli, C.



3. Enseada do Porto da Toca.
Foto: Bendazzoli, C.



4. Sítio Porto da Toca.
Foto: Bendazzoli, C.



5. Identificação de vestígios no sítio.
Foto: Bendazzoli, C.

3.1.3 - Ilha dos Búzios

Conforme já explicitado anteriormente, a Ilha dos Búzios está localizada no extremo leste do arquipélago de Ilhabela e apresenta uma face bastante escarpada voltada para sul, portanto sujeita à maior incidência de frentes frias do que a face voltada para o norte. Em função disso as comunidades caiçaras tradicionais se assentaram na sua face norte, mais protegida, cujo relevo apresenta-se suave, sendo esta área mais propícia ao estabelecimento humano. Devido a essas características, a face norte da ilha foi ocupada desde o período colonial com a doação de uma sesmaria circunscrita àquela região. As reocupações que se seguiram estiveram também centradas na face norte, de modo que essa área, por ser a mais propensa ao estabelecimento, é também a mais impactada de toda a ilha.

A realização de extensas lavouras para cultivo em larga escala e, posteriormente, em âmbito local para a produção de gêneros de subsistência, resultou num intenso desmatamento de toda a face norte da Ilha dos Búzios, originalmente coberta por densa vegetação de Mata Atlântica. Essa região exhibe atualmente uma vegetação secundária, solo exposto e lixiviado e alguns córregos já secos, enquanto que a face sul possui vegetação e fontes de água doce preservadas. Os levantamentos arqueológicos estiveram centrados na face norte nas zonas envoltórias as ocupações das comunidades devido à dificuldade de acesso à área sul da ilha e também ao tempo limitado para os trabalhos.

As pesquisas realizadas na Ilha dos Búzios resultaram na localização de cinco sambaquis, sendo três localizados dentro ou associados a abrigos rochosos (Toca da Caveira, Toca da Paixão e Abrigo Guanxumas) e dois sítios implantados a céu aberto, em vertentes inclinadas, aproveitando-se de platôs e matações para sustentação de seus depósitos (Sambaqui da Mãe Joana e Sambaqui do Porto do Meio). Esses sítios estão distribuídos nas principais zonas ocupadas pelas comunidades tradicionais, locais em que a pesquisa foi facilitada pelo auxílio dos moradores. O potencial arqueológico da Ilha dos Búzios, contudo, é ainda maior, havendo menções sobre a existência de outros depósitos que não puderam ser investigados considerando o cronograma de desenvolvimento da presente pesquisa.

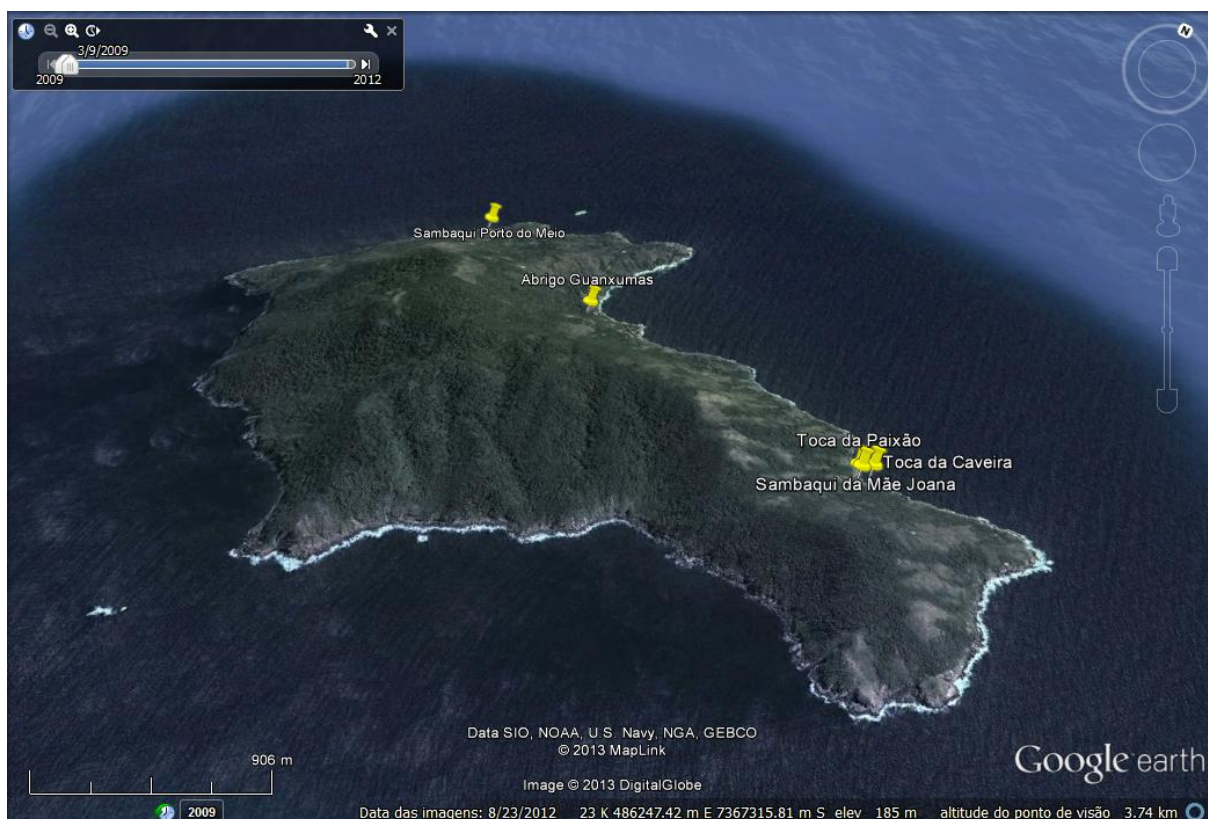


Figura 19 - Mapa dos sítios pré-coloniais da Ilha dos Búzios.

a) Porto do Meio

O sambaqui do Porto do Meio (coordenadas UTM 23K 487470/7367656) está situado na populosa comunidade de mesmo nome inserida próxima à ponta oeste da ilha e especialmente concentrada nas baixas vertentes. Por se tratar de uma localização estratégica devido à presença de costeiras rebaixadas, essa área parece ter sido preferida pelos ocupantes que ali estiveram desde os tempos pré-coloniais e construíram seus sambaquis imediatamente sobre os rebordos marinhos. O que se verifica é que a comunidade do Porto do Meio está, em parte, assentada diretamente sobre o sambaqui de mesmo nome localizado a céu aberto e implantado sobre os matacões rochosos que lhe servem de suporte.

Pode-se dizer que o sítio Porto do Meio consiste em um sambaqui “típico” ou “clássico” formado por grande quantidade de conchas marinhas que lhe conferem um aspecto esbranquiçado. Há nele, porém, grande quantidade de sedimento escuro com muita matéria orgânica que, no passado, atraiu os moradores daquela comunidade interessados no estabelecimento de roças. Verifica-se, portanto, a existência de um intenso impacto primeiramente

causado ao sítio pelo cultivo de gêneros alimentícios e, posteriormente, pelo estabelecimento da própria comunidade sobre ele.

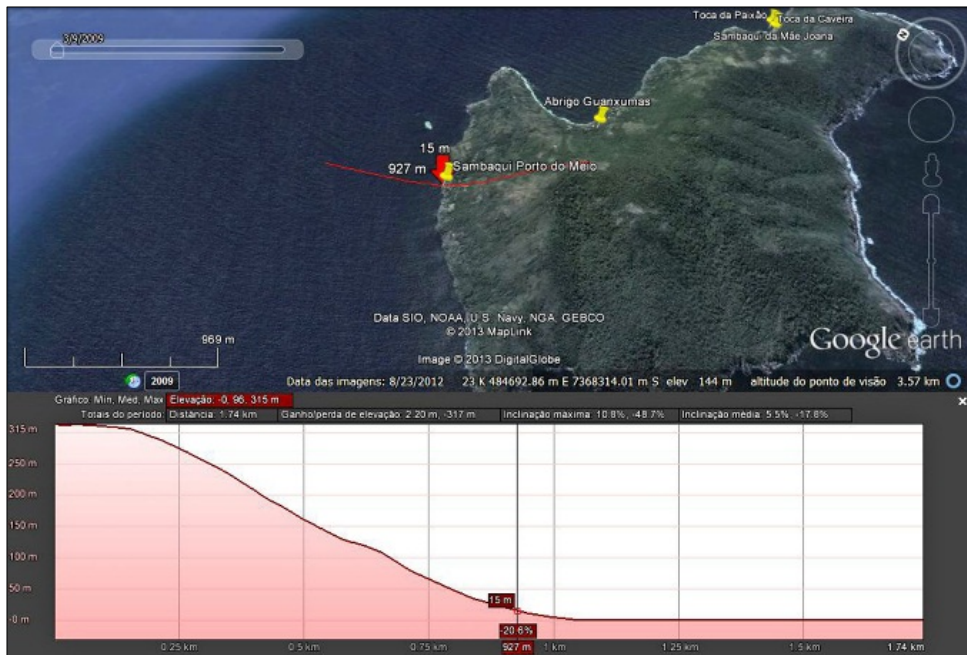
Localizado em área estratégica de embarque e desembarque de pessoas, há também sobre o sítio um pequeno rancho e um estivado que permite o acesso das canoas até a costeira. O impacto causado ao sítio tornou-se ainda maior após a construção de uma residência exatamente sobre a área central do sambaqui de modo que, atualmente só é possível visualizar o pacote arqueológico acessando os alicerces e as áreas envoltórias à casa que não foram cimentadas. Relatos informam que durante a construção da referida casa, ocorrida aproximadamente dez anos atrás⁵², foram encontrados diversos ossos humanos no local. Ainda que quase que inteiramente sobreposto por construções o potencial investigativo desse sítio permanece, tendo em vista que parte do sambaqui se manteve preservado nas porções inferiores do terreno.

O sambaqui do Porto do Meio possui 12m de comprimento por 10m de largura, sendo impossível averiguar sua espessura original devido ao impacto pré-existente no sítio. A partir da extensão da base do sambaqui e seu posicionamento em relação a vertente é possível estimar que a espessura máxima do depósito não tenha atingido mais que dois metros de altura. A implantação desse sambaqui sobre um pequeno platô existente na vertente e a sustentação dos pacotes arqueológicos por matacões rochosos que a compõem acabam por projetar o sítio, de modo que, à distância seu volume real parece ganhar corpo e se destacar ainda mais na paisagem. A posição estratégica do sambaqui do Porto do Meio é reforçada pela constatação da pouca distância existente em relação ao curso de água doce mais próximo, e sua significativa proximidade das fontes de coleta de moluscos e crustáceos, facilmente acessíveis a partir do ponto em que o sítio está inserido.

Os trabalhos realizados no sambaqui Porto do Meio consistiram na medição, cadastramento, observações gerais e coleta de material para datação e análise amostral de sua composição. Durante a realização dos trabalhos não puderam ser localizados vestígios de cerâmica ou remanescentes ósseos humanos dispersos em superfície devido o recobrimento com cimento existente sobre o sítio e, também, devido ao impacto pré-existente envolvendo o cultivo de roças. O material coletado consiste predominantemente em vestígios de craca (*Sessilia*) além de vestígios faunísticos que e serão apresentados mais adiante juntamente com o resultado das demais coletas efetuadas em outros sítios.

⁵² Segundo informações passadas pelo próprio pastor, Seu Ary, os ossos humanos encontrados no sítio foram, por ele, atirados ao mar.

Prancha 14



1. Sambaqui Porto do Meio e perfil de elevação.
Foto: Bendazzoli, C.



2. Vista da Ilha de São Sebastião a partir do local do sítio.
Foto: Bendazzoli, C.



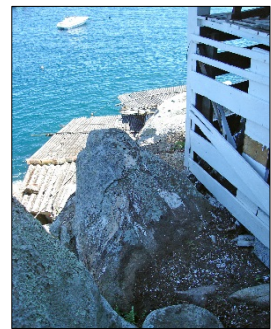
3. Casa do pastor construída sobre o sítio.
Foto: Bendazzoli, C.



4. Conchas dispersas na superfície do sambaqui Porto do Meio.
Foto: Chiatti, T.



5. Coleta de superfície na lateral da residência.
Foto: Chiatti, T.



6. Local de implantação do sítio em relação ao rebordo marinho.
Foto: Bendazzoli, C.

b) Abrigo Guanxumas

O sítio Abrigo Guanxumas (coordenadas UTM 23K 485716/7368152) está situado junto à comunidade de Guanxumas de Búzios, localizada na porção central do alinhamento costeiro que segue sentido Leste-Oeste dividindo a Ilha dos Búzios entre a face sul escarpada e a face norte com relevos mais abrandados. Essa região é a mais populosa da Ilha dos Búzios tendo sido, no passado, a preferida pelos moradores da região devido à existência de uma enseada que oferece relativo abrigo às embarcações. Atualmente a comunidade tradicional de Guanxumas dos Búzios é composta por algumas famílias distribuídas em suas vertentes pedregosas e de difícil desembarque. Ali funcionam igrejas e também uma pequena escola que atende aos moradores da comunidade.

O sambaqui localizado naquela área encontra-se implantado em média vertente e algumas dezenas de metros distante da linha de costa da qual os sambaquieiros retiravam grande parte dos moluscos e crustáceos que coletavam. A vegetação que o recobre e circunda é constituída por mata secundária, cujo crescimento foi favorecido pelo final do período de atividade das propriedades monocultoras e, posteriormente, pelo o abandono gradativo das roças de mandioca e feijão mantidas pela comunidade. Ainda assim, são encontradas ali diversas espécies de árvores frutíferas, além do valo seco de um pequeno e antigo curso d'água.

Denominado Abrigo Guanxumas devido à sua associação com um abrigo rochoso, característica já verificada para demais sambaquis da região, esse sítio quase não oferece proteção alguma contra intempéries devido a sua diminuta e estreita área protegida, cabendo em seu interior no máximo três ou quatro pessoas. Trata-se de um sambaqui de pequeno porte, com 8 metros de comprimento por 5 metros de largura, localizado a 46 metros de altitude. Seus pacotes arqueológicos são sustentados por grandes matacões que lhe servem de apoio evitando o escorregamento das camadas vertente abaixo. Esses amplos afloramentos que sustentam seus pacotes são claramente visíveis na paisagem, destacando-se da mata ao redor. Já a visibilidade do sítio em relação às costeiras marinhas é reduzida devido ao crescimento da vegetação em torno do assentamento.

Formado por conchas e sedimento contendo grande quantidade de matéria orgânica, esse sítio sofreu importantes intervenções pela comunidade local que buscava nele seu adubo para plantas e pequenas roças. As conchas do sambaqui, até pouco tempo atrás, também

podiam ser vistas enfeitando jardins e canteiros da escola da comunidade, da qual dista apenas poucos metros. Algumas das escavações anteriores objetivando a remoção de sedimento esbarraram em ossos humanos porção frontal do abrigo, voltada para a face marinha, mas, segundo informaram os moradores, o esqueleto foi mantido *in loco*. Os buzianos relataram também a localização de cacos de panela de barro e de lâminas de machado encontradas sobre o sítio, mas que não puderam ser localizadas durante a realização dos levantamentos.

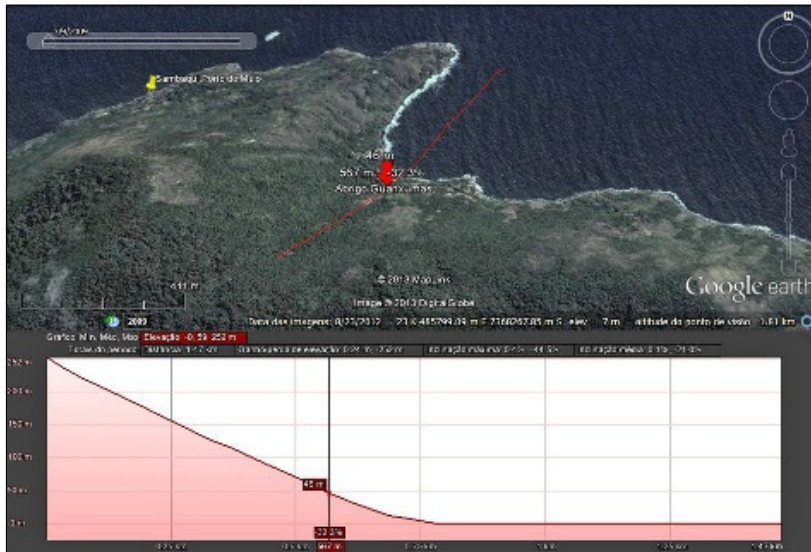
Os trabalhos realizados no sambaqui Abrigo Guanxumas consistiram na medição, cadastramento e coleta amostral para análise e datação. A observação do perfil já exposto e a realização de coleta amostral foram efetuadas com o mínimo de intervenção possível de modo a não danificar ainda mais a estrutura desse sítio. A observação do sedimento dos estratos durante a realização das coletas amostrais revelou a existência de, pelo menos, duas camadas: uma contendo grande quantidade de *craca* (*Sessilia*) distribuída mais à frente do sítio e outra formada unicamente por carapaças de gastrópodes terrestres (*megalobulimus*) dispersas pelas laterais do assentamento⁵³. Devido ao impacto e às escavações feitas pelos moradores da localidade no sítio Abrigo Guanxumas não foi possível discernir sobreposição entre elas, tendo sido coletadas amostras de ambas.

Os levantamentos em Guanxumas dos Búzios também revelaram que a comunidade tradicional ali localizada tem plena consciência que o depósito configura-se um sambaqui e que este tem relação com a presença indígena na área. Esse entendimento se resume a essa comunidade tradicional, uma vez que todas as demais associavam os vestígios conchíferos, artefatos e sepultamentos encontrados nas tocas à presença escrava ocorrida na região até o final do século XIX. Devido a esse entendimento prévio não houve dificuldade por parte da comunidade quanto à aceitação da necessidade de preservação dos vestígios e da integridade do pacote do sítio, sendo solicitada e, até então, cumprida a determinação da não intervenção junto ao sambaqui para a remoção de sedimento⁵⁴.

⁵³ Outro sambaqui formado por camadas de carapaças de *megalobulimus* já tinha sido identificado na região, é o sítio Toca do Caramujo, localizado na Ilha de São Sebastião.

⁵⁴ Medidas de proteção específicas para a situação encontrada no sambaqui Abrigo Guanxumas foram sugeridas para inclusão no Plano de Manejo do Parque Estadual de Ilhabela, visando à manutenção das atividades de pesquisa e recuperação das informações do sítio e de educação patrimonial junto à comunidade.

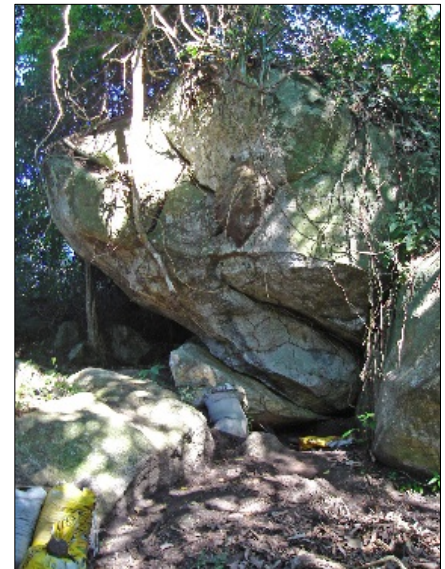
Prancha 15



1. *Abrigo Guanxumas com perfil de elevação.*
Foto: Bendazzoli, C.



2. *Área frontal do abrigo.*
Foto: Bendazzoli, C.



3. *Afloramentos que formam o abrigo com sacos de sedimento retirados pelos moradores.*
Foto: Bendazzoli, C.



4. *Pacote de conchas exposto pela intervenção da comunidade.*
Foto: Bendazzoli, C.



5. *Vestígios dispersos na superfície do sítio.*
Foto: Bendazzoli, C.



6. *Terra preta e espículas de ouriço caracterizam o sedimento do sítio.*
Foto: Bendazzoli, C.

c) Sambaqui da Mãe Joana

O sambaqui da Mãe Joana (coordenadas UTM 23K 487495/7367642) foi assim denominado por estar localizado na região conhecida como “Mãe Joana”, próxima ao Jerobá, no extremo leste da Ilha dos Búzios. Nessa região, verifica-se a suavização das curvas de nível e dos declives acentuados que marcam a porção oeste da ilha, ainda sim, despontam grandes afloramentos rochosos que tornam o embarque e o desembarque dificultoso e só possível em dias de mar calmo. Devido a sua enseada aberta, a região da Mãe Joana é bastante atingida por ventos e muito exposta às correntes frias que são, contudo, amainadas pela presença da Ponta Leste, local de encontro de correntes que oferece alguma proteção aos ventos, mas, ao navegante, destina um mar bastante revolto.

A presença de outros dois sambaquis na região da Mãe Joana revela que, no passado, aquela área foi bastante utilizada pelos povos sambaqueiros no estabelecimento de seus depósitos conchíferos. Outros dois sítios oriundos desta ocupação foram encontrados ali e distam poucos metros entre si. Trata-se dos sítios Toca da Paixão e Toca da Caveira que serão descritos na seqüência. A Mãe Joana, área atualmente ocupada por apenas um pescador, foi intensamente utilizada para cultivos em larga escala, além daqueles voltados à subsistência da comunidade tradicional caiçara que ali vivia antigamente, resultando no intenso esgotamento do solo. A despeito do empobrecimento da terra, pequenas roças ainda são mantidas pelo único morador que ainda permanece no local, sendo cultivados principalmente gêneros como a mandioca e o feijão, complementados pela extração de frutos de espécies nativas ou exógenas.

A região na qual esse sítio encontra-se implantado é rica em recursos vegetais e hídricos, além de oferecer pescado, moluscos e crustáceos facilmente obtidos na costeira, constituindo-se, dessa forma, um excelente local para o estabelecimento das populações sambaqueiras e também caiçaras. A área envoltória ao sítio é banhada por águas profundas que favorecem a captura de pescados de grande porte, além das tartarugas marinhas que habitam toda a encosta da Ilha dos Búzios. Devido ao alto potencial para a pesca, a região é freqüentemente visitada por embarcações que promovem o turismo pesqueiro na região, escolhendo área a Mãe Joana e o Jerobá para a prática.

O Sambaqui da Mãe Joana encontra-se implantado a céu aberto sobre um pequeno platô localizado entre grandes afloramentos rochosos muito próximos à costeira (cerca de

15m de distância da linha de maré), mas, devido ao seu afastamento de poucos metros da linha de costa o assentamento não é atingido pelas águas. A partir do sítio é possível ter ampla visão da extremidade leste da Ilha dos Búzios, bem como das embarcações que por ali atravessam e as que rumam para a Ilha da Vitória ainda mais distante. A presença de água doce nas proximidades, bem como a possibilidade de embarque e desembarque em dias de mar calmo, favorecem o estabelecimento nesse local, cuja conexão com o restante da ilha é garantida através de trilhas, ou pela cabotagem entre as comunidades.

O sambaqui da Mãe Joana apresenta grande quantidade de conchas em seus substratos, o que lhe confere um aspecto alvo típico dos sambaquis “clássicos” do sul do país, e se localiza em meio ao caminho de acesso da residência do Seu Davi, alocada na porção mais elevada da vertente. Em função de o constante ir e vir de casa à costeira e da atividade recorrente de varrer as conchas vertentes abaixo, somada ao desmatamento da vegetação original, o sítio apresenta grande erosão responsável pela destruição de praticamente 80% do depósito. O processo erosivo que se formou aumentou com o tempo e com a incidência de chuvas, e o material conchífero foi quase todo lixiviado. Atualmente os pacotes arqueológicos que antes faziam parte das camadas superiores do sambaqui podem ser visto dispersos no patamar inferior do platô de implantação do sítio, despencando em direção ao mar.

O tamanho original desse sambaqui é difícil ser inferido devido ao impacto causado aos estratos, mas a extensão da camada basal sugere que possuía pelo menos dezesseis metros de comprimento por seis metros de largura e, segundo o morador local, há pouco mais de 20 anos atrás o depósito atingia quase dois metros de altura. Considerando o fato de o depósito estar apoiado sobre matacões muito próximos à costeira, é possível estimar que, em seu tamanho e volume originais, esse sambaqui poderia ser vislumbrado à distância por quem quer chegasse por mar. Isso porque os matacões que lhe servem de suporte acabam por avolumar o pacote conchífero de modo que, à distância, o sítio parece mais elevado do que é na realidade.

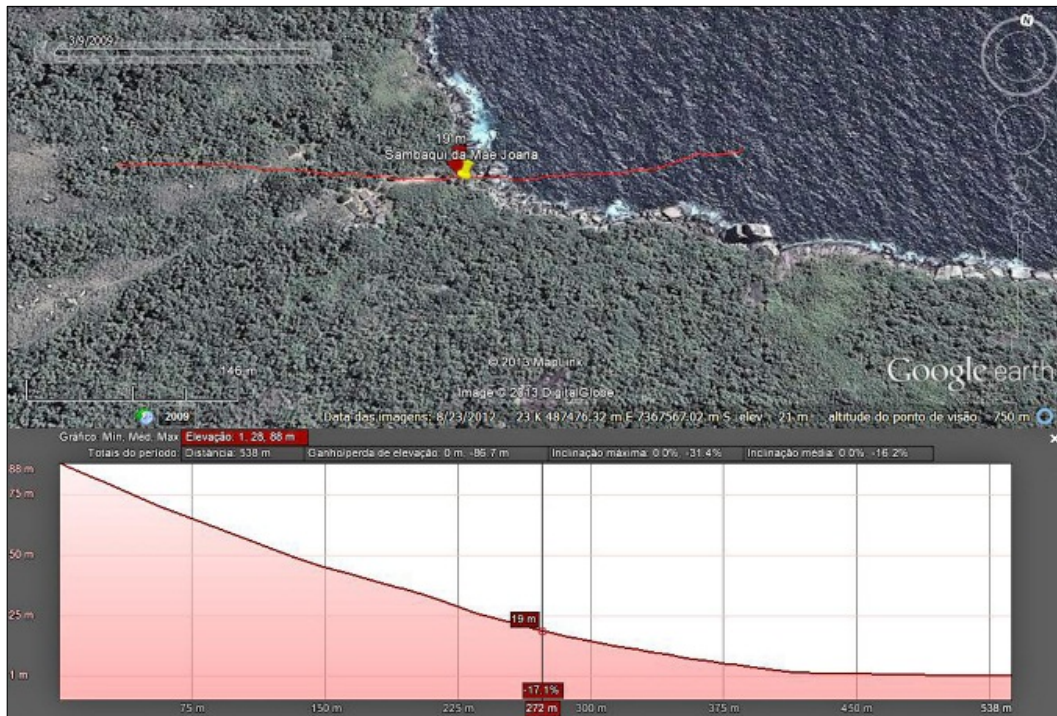
Ao longo dos anos e em suas atividades de limpeza rastelando a superfície do sambaqui, Seu Davi revela que encontrou numerosos esqueletos, principalmente expostos após grandes enxurradas. Nessas ocasiões vários crânios, além de fragmentos de cacos de panela, lâminas de machados e outros artefatos foram rolados para o mar e, provavelmente em função disso, já não é possível a localização de artefatos que eram muito abundantes segundo

informou o Seu Davi. Apesar da destruição de boa parte do pacote arqueológico, esse sítio ainda oferece excelente potencial para pesquisa científica. Isso porque as camadas basais do sambaqui ainda exibem sepultamentos em uma camada terrosa que tem relação com o início da formação do assentamento.

Os trabalhos realizados no sítio consistiram na medição, cadastramento e coleta destinada apenas à datação e estabelecimento de isótopos estáveis a partir da análise do material ósseo do sepultamento basal que aflorava no perfil quase rente à base do sambaqui. A opção pela datação da base do assentamento deve-se ao alto grau de impacto existente nas camadas superiores do sítio e pela constatação da presença de camadas basais preservadas, facilmente acessíveis pela exposição do conteúdo do sítio no perfil. A datação de tais amostras permite fornecer elementos confiáveis para o estabelecimento da cronologia de ocupação sambaquieira na Ilha dos Búzios e sobre aspectos dietários sem que fossem necessárias maiores intervenções nesse sambaqui já tão impactado. Nesse sentido, ao contrário do que ocorreu na maioria dos sambaquis identificados em Ilhabela dos quais foi possível extrair material para datar o topo dos sítios e assim compreender o contexto cronológico referente ao final da construção ou do uso dos depósitos, a datação referente à construção do sambaqui da Mãe Joana só foi possível a partir do estudo de sua base.

Também devido ao significativo impacto existente nos pacotes superiores do sítio, que resultaram no espalhamento do material arqueológico pelo platô e na mistura dos conteúdos das camadas superiores, optou-se pela não realização da coleta amostral de conteúdo malacológico e faunístico. Isso porque, a reunião de qualquer elemento espalhado pela superfície do sítio seria mera aglomeração de evidências descontextualizadas e não passíveis de análise mais aprofundadas. O material espalhado pela superfície desse sítio consiste principalmente em grande número de craca (*Sessilia*) bem como grande número de *Lithopoma tectum*, também conhecido como saquarita. Não foi possível recuperar informações sobre a ordenação das camadas devido ao impacto nos estratos sendo necessária, no futuro, a realização de intervenções em subsuperfície visando à recuperação de informações sobre o contexto estratigráfico basal.

Prancha 16



1. Sambaqui da Mãe Joana com perfil de elevação.

Foto: Bendazzoli, C.



2. Vista geral do sambaqui da Mãe Joana.

Foto: Bendazzoli, C.



3. Local de implantação do sítio com apoio de matacões e vista para Ilha da Vitória.

Foto: Bendazzoli, C.



4. Erosão responsável pela destruição do pacote arqueológico.

Foto: Bendazzoli, C.



5. Conchas espalhadas pela superfície do sítio.

Foto: Bendazzoli, C.



6. Concentração de cracas no sambaqui.

Foto: Bendazzoli, C.

d) Toca da Paixão

Os promontórios e afloramentos rochosos existentes na região da Mãe Joana e que formam patamares elevados em relação ao nível do mar, também ofereceram condições propícias para o estabelecimento de outro sambaqui naquela região, desta vez, dentro de um abrigo. O sítio Toca da Paixão (coordenadas UTM 23K 487470/7367656) é adjacente ao sambaqui da Mãe Joana, porém ao contrário daquele localizado a céu aberto, o sítio Toca da Paixão está inteiramente inserido dentro de um abrigo, não havendo vestígios dispersos para fora da área protegida. O pequeno platô que serve de suporte ao sambaqui Toca da Paixão fica localizado em nível pouco mais rebaixado que o sítio vizinho, do qual dista apenas 4 a 5 metros, mantendo-se também fora do alcance das águas.

Implantado em baixa vertente, próximo a cursos de água doce, esse sítio ofereceu as mesmas condições para o estabelecimento humano que as identificadas para o sambaqui da Mãe Joana. Destaca-se também a grande e variada oferta de pescados, inclusive aqueles de águas profundas, tartarugas e imensas costeiras para coleta de moluscos e crustáceos. Soma-se a isso a suavização do relevo entre o Jerobá e a Mãe Joana, permitindo o fácil acesso às matas que outrora revestiam a região, possibilitando o acesso a pontos de coleta de vegetais e matérias primas como a madeira para a construção das embarcações.

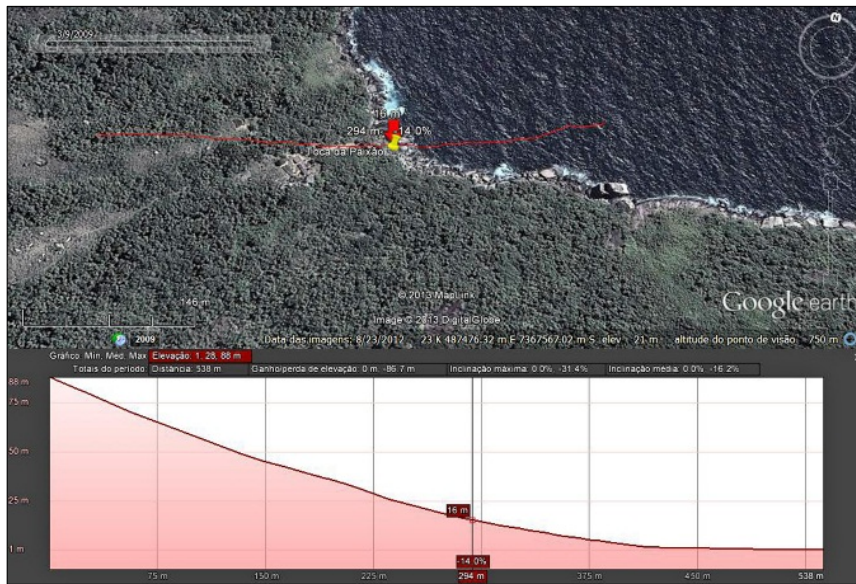
O abrigo Toca da Paixão possui aproximadamente 12 metros de comprimento e 7 de largura, não tendo sido possível identificar a espessura do pacote arqueológico sem a realização de intervenções mais profundas que não faziam parte do objetivo desta etapa. Com faces abertas em duas extremidades, esse abrigo seco, amplo e relativamente plano ofereceu condições para o estabelecimento humano, sendo possível abrigar ali mais de uma dezena de pessoas. Os vestígios arqueológicos estão dispersos por todo o interior do abrigo, mas são limitados a ele, bem como ocorre nos sítios Toca do Caramujo e Porto da Toca, localizados na Ilha de São Sebastião.

O sítio Toca da Paixão apresenta superfície com muita fauna em comparação com os demais sambaquis do arquipélago de Ilhabela. Essa abundância de ossos lhe confere um aspecto terroso devido à grande concentração de matéria orgânica, diferindo-se, portanto, do sambaqui da Mãe Joana que apresentava um aspecto alvo típico dos

sambaquis “clássicos”. Cabe destacar que, quando comparado aos demais sambaquis existentes no município, esse sítio ofereceu condições sem igual à preservação do material arqueológico que abriga. A coleta de superfície revelou uma imensa quantidade de ossos de peixe e fauna variada excepcionalmente bem preservada nesse sítio em abrigo que, por sua vez, vem sendo utilizado por Seu Davi para guardar redes e demais utensílios das embarcações, resultando em impacto leve somente no estrato inicial do sambaqui.

Os trabalhos realizados no sítio consistiram no cadastramento, medição e coleta amostral para estudo de composição e datação. Apesar da grande quantidade de ossos de peixes e demais vestígios faunísticos, foram utilizadas amostras de conchas para o estabelecimento da datação de modo a permitir maior segurança nas análises comparativas com outros sítios que tiveram seus estratos datados a partir da análise do material malacológico. Segundo o morador do local eram comuns fragmentos de pote espalhados pela superfície do sítio, mas com o uso do abrigo esses vestígios acabaram sendo varridos ou fragmentados, tendo sido encontrados apenas alguns cacos de cerâmica não decorada que foram coletados para análise e datação.

Prancha 17



1. Toca da Paixão com perfil de elevação.
Foto: Bendazzoli, C.



2. Costeira entre Mãe Joana e Jerová.
Foto: Bendazzoli, C.

3. Abertura do abrigo voltada para a área da Mãe Joana.
Foto: Bendazzoli, C.



4. Área interna do abrigo com muitos vestígios arqueológicos.
Foto: Bendazzoli, C.

5. Coleta de superfície no sítio.
Foto: Marto, C.



e) Toca da Caveira

O Sítio Toca da Caveira (coordenadas UTM 23K 487511/7367676) encontra-se implantado na mesma costeira existente entre a Mãe Joana e o Jerobá, próximo aos demais sambaquis daquela região anteriormente descritos. A Toca da Caveira dista 30 metros inexatos em relação à Toca da Paixão e 35m em relação ao Sambaqui da Mãe Joana, porém, o acesso ao sítio Toca da Caveira é bastante dificultoso sendo necessário atravessar grandes matacões que se sobrepõem na encosta, alguns dos quais formam esse abrigo de amplas dimensões. O sambaqui Toca da Caveira está inserido no interior de um abrigo muito próximo à linha de maré, porém em porção mais elevada.

A Toca da Caveira foi primeiramente identificada pelo morador da Mãe Joana, Seu Davi, que informou ter encontrado grande quantidade de ossos humanos localizados na porção inferior do abrigo. A notícia da localização dos ossos logo se espalhou pela comunidade de modo que, anteriormente à visita para levantamentos arqueológicos, vários moradores da localidade já haviam visitado abrigo devido à curiosidade em ver as “caveiras” que ali foram encontradas. Em função disso, a estratificação do sítio estava bastante comprometida, com artefatos e unidades ósseas espalhadas e também, empilhadas na superfície pela ação da comunidade local.

O abrigo da Toca da Caveira possui cerca de 24 metros de comprimento e 15 metros de largura, porém a área arqueológica em si é bem diminuta, não ultrapassando 2 metros quadrados. O assentamento está inserido na porção inferior desse abrigo implantado bem próximo a linha costeira, em área livre de umidade e com pouca iluminação natural. No local foram encontradas várias unidades ósseas remanescentes de sepultamentos humanos bastante remexidos conforme já explicado. Em decorrência dessa intervenção pré-existente optou-se pela realização de coleta emergencial do material que caía pela vertente inclinada entre as fendas de pedra rumo às porções inferiores e inacessíveis da costeira. Para evitar que o restante dos vestígios perdesse pela erosão e ação humana, o material ósseo e os artefatos a eles associados foram coletados.

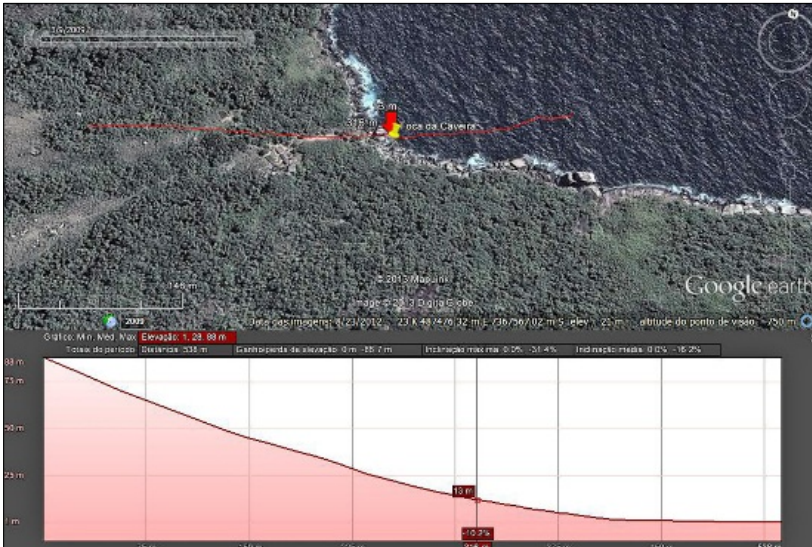
Devido ao impacto verificado nas camadas e a grande escuridão dentro do abrigo não foi possível visualizar qualquer tipo de estratificação preservada, sendo possível vislumbrar com iluminação artificial um único estrato pouco espesso (aproximadamente 30 cm) contendo sedimento orgânico e escuro, possivelmente decorrente da decomposição

dos enterramentos ali presentes. Em meio ao sedimento não havia qualquer vestígio de conchas ou ossos de peixes, sendo encontrada apenas uma grande carapaça de gastrópode terrestre (*megalobulimus*) sobre os sepultamentos e, ao lado das unidades ósseas, também foi identificado um pequeno pote de cerâmica (em cacos recém-quebrados pela ação da comunidade), além de coquinhos e um artefato lítico muito queimado.

Os sepultamentos estavam alocados na porção inferior do abrigo, mais próxima à costeira, assentados sobre um pequeno platô retilíneo num patamar elevado em relação ao mar. Foi possível observar que o escorregamento do sedimento no interior do abrigo vem empurrando o material ósseo vertente abaixo de modo que várias unidades podem ser vistas despontando para fora do pacote em direção à costeira. Já a intervenção feita pela comunidade resultou no remanejamento de ossos e, principalmente, na remoção dos crânios que não foram encontrados durante a etapa de coleta emergencial e cadastramento. Infelizmente, essas intervenções resultaram na desarticulação dos sepultamentos e no empilhamento de unidades ósseas sobre pedras no interior do abrigo, não sendo possível recuperar o contexto deposicional original dos ossos.

Os trabalhos realizados no abrigo consistiram na medição, cadastramento e coleta emergencial de superfície visando à recuperação das informações sobre o material ósseo e artefatos, bem como o estabelecimento de datação e análises de isótopos estáveis visando um melhor entendimento dos aspectos dietários. A pouca elaboração desse enterramento múltiplo, associada à quase ausência de conchas e ossos de fauna como acompanhamento permitiu verificar que a formação desse sítio parece relacionada a um evento rápido e urgente que não permitiu a elaboração mais trabalhada do ritual funerário ali realizado. Estudos posteriores com o material ósseo acompanhado de um único *megalobulimus*, bem como a análise da cerâmica e do lítico depositados na superfície desse sítio permitiram, entretanto, uma melhor compreensão da formação desse depósito conforme se verá no capítulo 5.

Prancha 18



1. Toca da Caveira com perfil de elevação.

Foto: Bendazzoli, C.



2. Area dos sepultamentos com vão ao fundo que leva direto à costeira.

Foto: Margarido, G.



3. Fragmentos do pote de cerâmica na superfície do sítio.

Foto: Bendazzoli, C.



4. Mandíbulas e demais ossos humanos encontrados na toca.

Foto: Bendazzoli, C.



5. Vestígios humanos desenterrados pela comunidade.

Foto: Bendazzoli, C.



6. Empilhamento de ossos feito por comunidade local.

Foto: Bendazzoli, C.

3.1.4 - Arquipélago da Vitória

O pequeno arquipélago formado pelas ilhas da Vitória, dos Pescadores e das Cabras foi investigado a partir da realização de várias incursões ocorridas em diferentes momentos, todas elas contando com a ajuda da comunidade tradicional caiçara e, em especial, do Seu Ramiro, pescador local. A busca pelos sambaquis teve início com a coleta de informações sobre aglomerações de conchas na região, bem como pela presença de tocas, abrigos ou afloramentos destacados na paisagem, uma vez que sambaquis relacionados a esse tipo de formação rochosa já haviam sido encontrados na Ilha de São Sebastião e na Ilha dos Búzios.

O questionamento à comunidade a respeito desses indicativos revelou de imediato o potencial para a existência de sambaquis em diferentes porções das ilhas, alguns dos quais puderam ser facilmente localizados devido à facilidade de acesso e proximidade do núcleo de povoação. Com o acompanhamento da comunidade aos levantamentos arqueológicos e o entendimento cada vez maior do trabalho que estava sendo realizado, foram surgindo novas áreas em potencial, investigadas periodicamente a partir da realização de diferentes etapas de prospecção. Os levantamentos na Ilha da Vitória revelaram a existência de seis sítios e aqueles efetuados na Ilha dos Pescadores revelaram a presença de mais dois, todos remanescentes da ocupação sambaqueira nesse pequeno arquipélago.

Na Ilha da Vitória, maior e que abriga o núcleo da comunidade tradicional caiçara, os sambaquis foram identificados na metade norte do “8” que desenha os contornos da ilha, não sendo possível a realização de levantamentos na outra metade por ser área nunca ocupada e muito pouco conhecida da comunidade, necessitando um tempo muito maior e não disponível no escopo deste projeto. Os sambaquis localizados até então estão, em sua maioria, alocados nas costeiras ou em médias e altas vertentes voltadas para o pequeno braço de mar de águas calmas e cristalinas que divide as ilhas da Vitória e dos Pescadores.

Vale ressaltar que os oito sambaquis localizados no pequeno arquipélago da Vitória não constituem, de modo algum, a totalidade dos sambaquis naquela região. Em especial, a porção sul da Ilha da Vitória ainda carece de investigações sistemáticas e detalhadas e apresenta alto potencial para a existência de mais depósitos conchíferos. Há também informação passada pelos moradores locais revelando a existência de outros dois sambaquis próximos às roças antigas nos altos dos morros envoltórios ao núcleo atual da comunidade, mas que não figuram neste trabalho por não ter havido tempo hábil para acessá-los e estudá-

los dentro do cronograma da presente pesquisa. Nesse sentido, cabe destacar que o potencial de pesquisa do pequeno arquipélago da Vitória é ainda maior e deverá ser explorado nas etapas futuras que vierem a ocorrer na região.

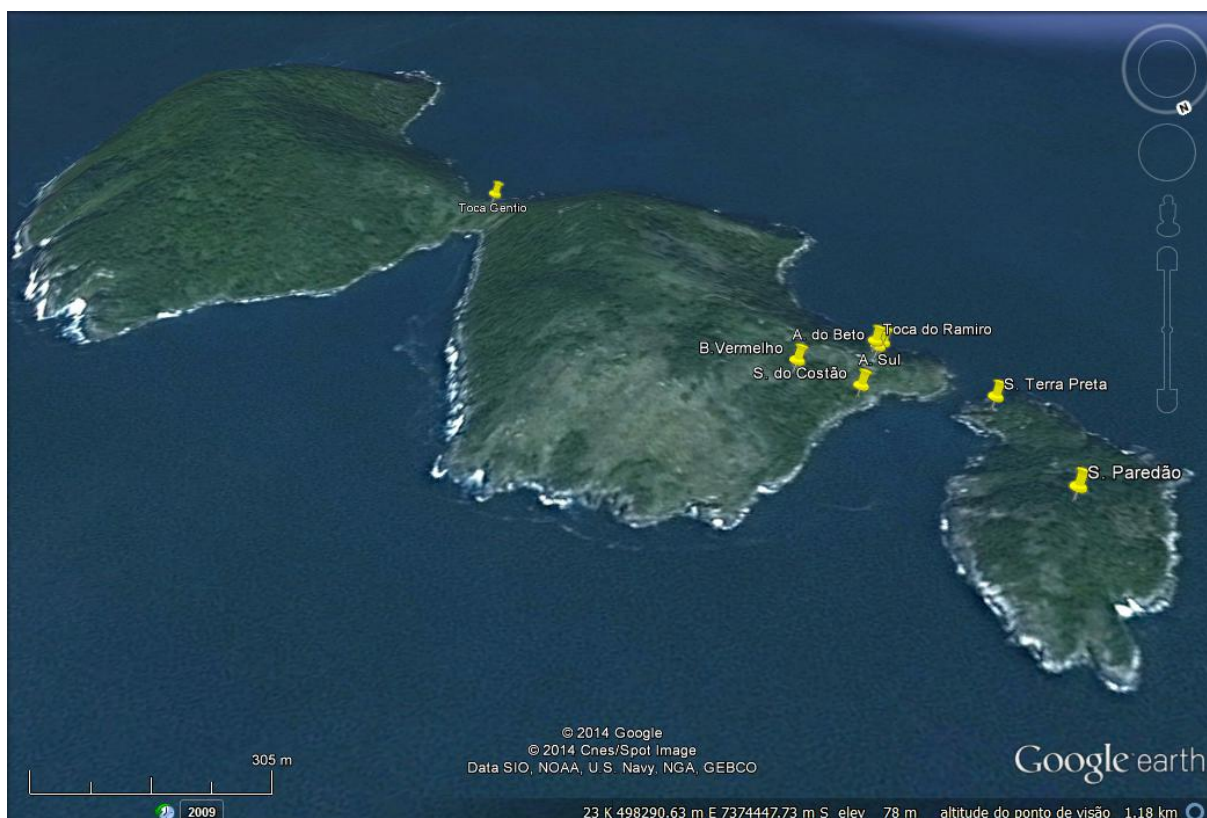


Figura 20 - Mapa dos sítios pré-coloniais da Ilha da Vitória.

a) Costão (Ilha da Vitória)

O sambaqui do Costão (coordenadas UTM 23K 497835/7374487) está localizado ao norte da Ilha da Vitória, ocupando um pequeno platô na costeira existente ao redor da pequena baía de águas calmas localizada entre as ilhas da Vitória e dos Pescadores, área altamente piscosa e de fácil captura de espécies de moluscos e crustáceos. Devido a sua baixa altitude e seu posicionamento voltado para dentro da pequena baía, a visualização das regiões envoltórias a partir do sítio não atinge amplas áreas de marinha, mas, dali, é possível observar toda a dinâmica em torno da baía, incluindo às relacionadas à construção e manutenção dos demais sambaquis dessa região voltados para essa mesma área.

O sambaqui do Costão também pode ser visualizado de imediato a partir de uma embarcação que adentra a baía, aportando na área mais abrigada e propícia para o desembarque na Ilha da Vitória, justamente a área de implantação do sítio. Esse sambaqui está assentado em baixa vertente levemente inclinada e apoiado sobre amplos matacões, despontando como um sítio relativamente amplo em relação aos demais encontrados na região. Esse sítio se apresenta impactado devido à abertura de uma trilha de acesso e à construção de dois ranchos de pesca sobre ele. As conchas do sambaqui também são facilmente visualizáveis em meio às estacas e estivas que sustentam os ranchos, bem como são encontradas escorregando vertente abaixo, impacto agravado pelo constante fluxo de pessoas na trilha que corta o sítio ao meio. Com o tempo e o uso a trilha ficou cada vez mais larga e profunda e, atualmente, possui mais de um metro de largura, apresentando grotas causadas pela erosão e lixiviação que continuam a comprometer a conservação do sambaqui, expondo um amplo perfil que permite a visualização de seu conteúdo.

Esse sambaqui possui atualmente 16 metros de comprimento por 15 metros de largura, mas devia ser maior conforme relatam os moradores da comunidade. A espessura do pacote arqueológico parece também ter sofrido redução apresentando atualmente apenas 30 cm de profundidade média. Membros da comunidade tradicional caiçara que habitam a Ilha da Vitória mencionam o aparecimento ocasional de ossadas e crânios no perfil ou nas áreas de antigas roças de mandioca que eram abertas sobre o assentamento, ações que foram responsáveis pela remoção da vegetação original e pelo impacto aos seus substratos mais superficiais. Devido à exposição do conteúdo conchífero, o substrato arqueológico desse sambaqui apresenta-se compactado e ressecado, sendo dificultosa a coleta de amostras.

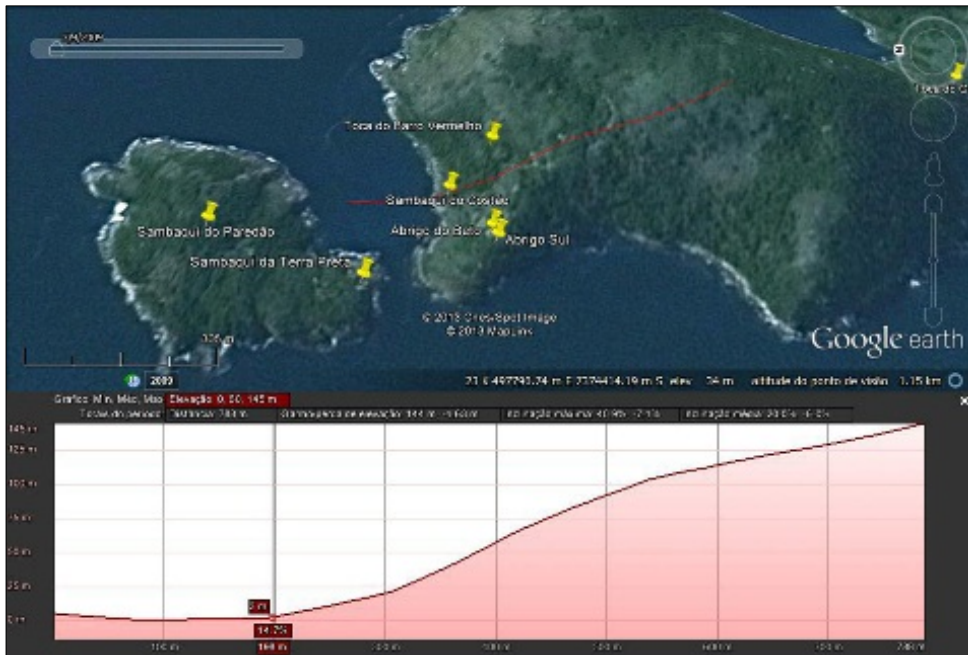
Originalmente esse assentamento deveria possuir grande quantidade de conchas em seus estratos, as quais são ainda abundantes a despeito de todo o impacto verificado nas camadas. A grande quantidade de conchas lhe confere um aspecto claro e esbranquiçado, sendo um dos raros sambaquis de Ilhabela que apresenta características “típicas” dos assentamentos sambaquieiros tidos como “clássicos”, a saber: implantação a céu aberto, assentamento em costeira sobre matacões de apoio localizados em vertente levemente inclinada, com pacotes predominantemente conchíferos e maior incidência de sepultamentos. A exposição de parte da estratigrafia através do perfil revela um conteúdo

extremamente conchífero, bem similar ao encontrado no sambaqui da Mãe Joana, localizado na Ilha dos Búzios, não tendo sido possível identificar a presença de estruturas ou sepultamentos expostos no momento da visita.

A posição estratégica do sambaqui do Costão em meio à baía do arquipélago da Vitória permite verificar que o sítio aproveita-se de uma das melhores e mais retilíneas porções de terra existentes entre a costeira e o interior da Ilha da Vitória. Seus construtores devem ter se aproveitado da farta oferta de recursos nas águas rasas da baía para a construção do seu sítio que, a primeira vista, parece configurar um dos assentamentos mais antigos daquela área. A proximidade de fontes de água doce, bem como a possibilidade de fácil acesso às matas para obtenção de madeira, frutos e caça pequena são demais aspectos que conferem à região excelentes condições para o estabelecimento prolongado. Essas características, porém, não são exclusivas do sambaqui do Costão, uma vez que todos os demais sítios ali localizados, com exceção dos sítios Toca do Gentio e Sambaqui do Paredão, estão situados na mesma paisagem e partilham os mesmos recursos em potencial.

Os trabalhos realizados nesse sítio consistiram no cadastro, medição e coletas de amostras de conteúdo para análise e para a datação do topo objetivando identificar período final de sua construção. Apesar de ser mencionada a existência de fragmentos de cerâmica sobre a superfície do sambaqui localizadas durante as atividades de cultivo sobre o sítio, nenhum fragmento foi identificado durante os levantamentos efetuados nesse assentamento. O material coletado do sítio foi higienizado, identificado e contabilizado, bem como as amostras enviadas para datação.

Prancha 19



*1. Sambaqui do Costão com perfil de elevação.
Foto: Bendazzoli, C.*



*2. Local de assentamento do sambaqui do Costão.
Foto: Mantchev, A.*



*3. Coleta amostral do conteúdo do sítio no perfil exposto.
Foto: Chiatti, C.*



*4. Perfil do sambaqui exposto pela abertura de trilha e erosão.
Foto: Bendazzoli, C.*



*5. Incidência de craca no pacote arqueológico.
Foto: Bendazzoli, C.*



*6. Concentração de conchas na base da vertente.
Foto: Bendazzoli, C.*

b) Toca do Barro Vermelho (Ilha da Vitória)

O sambaqui Toca do Barro Vermelho (coordenadas UTM 23K 497951/7374469) está também implantado na face sul da Ilha da Vitória também voltado para a pequena baía e relativamente próximo ao Sambaqui do Costão, porém, em elevação maior. As paisagens envoltórias a esse assentamento bem como a disponibilidade de recursos são as mesmas que as verificadas para o sambaqui do Costão de modo que não serão aqui repetidas. Já o local e a forma de implantação diferem levemente, ainda assim esses sítios vizinhos partilham algumas características em comum como a ampla visualização da pequena baía e dos sítios instalados ao redor dela, e as mesmas condições de acessibilidade às costeiras fartas em recursos.

O sambaqui Toca do Barro Vermelho não está assentado diretamente na costeira como ocorre com o Sambaqui do Costão, mas alocado à pequena distância ao longo da vertente que o separa do rebordo marinho. Pequena também é a distância entre o sítio e a fonte de água doce mais próxima, atualmente comprometida pela contaminação resultante da ausência de tratamento sanitário dos dejetos das residências. As áreas envoltórias ao sítio apresentam significativo impacto, não sendo mais possível detectar a presença da mata original que recobria as encostas da Ilha da Vitória. Eliminada pelo constante uso do solo para cultivos e removida para a plantação de bambus feita pela ocupação de japoneses no início do século XX, a vegetação da recobria originalmente toda a região do sítio oferecendo fartos recursos e abrigando uma fauna terrestre não mais existente. Atualmente o sítio encontra-se recoberto por vegetação arbustiva resultante do crescimento secundário da vegetação.

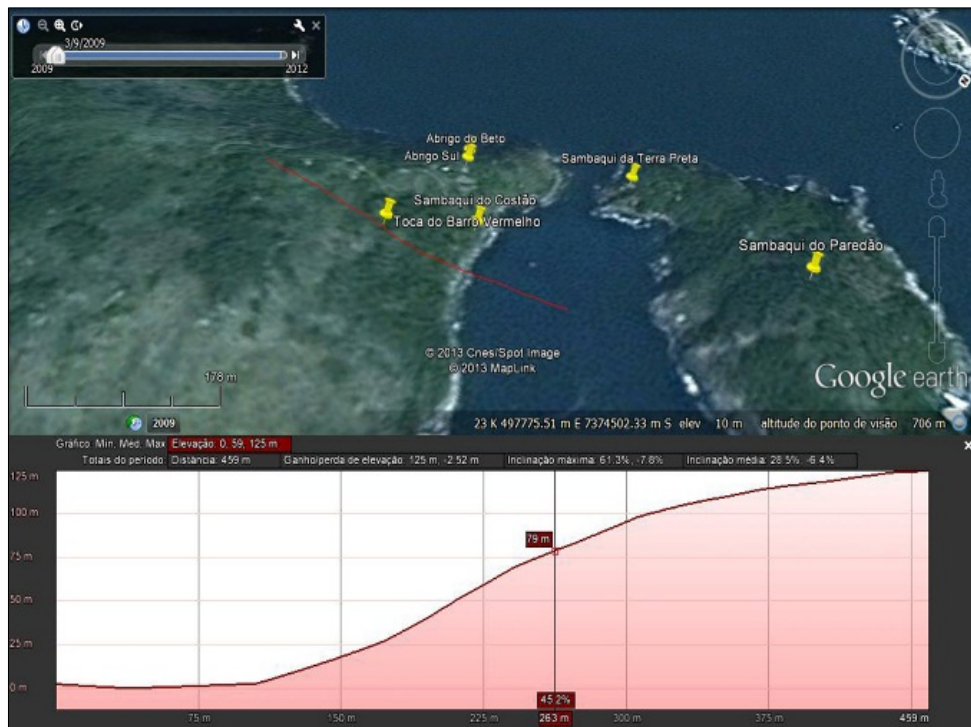
O sítio Toca do Barro Vermelho está implantado em média vertente que desce em direção ao mar apresentando contornos e declividade suave, características raras em meio ao acidentado relevo da Ilha da Vitória, revelando o aproveitamento das fácies mais planas do morro. Essa área, devido às características que apresenta, foi amplamente utilizada no passado como roça de mandioca das famílias tradicionais caiçaras que habitam a ilha até os dias atuais. Os moradores mais antigos relatam a existência de grande quantidade de ossos humanos removidos a partir do manuseio da enxada que removia do lugar “canelas” e “cabeças de gente”. Os moradores também relatam grande quantidade de fragmentos de cerâmica na superfície do sítio, boa parte delas fragmentadas

e arrastadas pela atividade de roçar. Durante o longo período em que a área de cultivo permaneceu ativa, as ações empreendidas na superfície do assentamento impactaram significativamente o sítio que, originalmente, parece ter sido muito mais extenso e espesso do que se revela na atualidade.

A Toca do Barro Vermelho foi assim denominada por estar situada em local ótimo para extração do barro vermelho utilizado pelos moradores para a construção e barreamento das casas de pau a pique que, até os dias atuais, são erigidas e utilizadas pela comunidade. A exploração dessa fonte de barro e o constante acesso ao local também contribuiu para o impacto verificado no sítio, principalmente nas camadas mais superficiais do assentamento. Esse sambaqui está associado a uma toca formada pela sobreposição de paredões de pedra que, apoiados, fornecem espaço suficiente para abrigar um número de cinco ou mais indivíduos. Os estratos arqueológicos do sítio não estão concentrados, mas se espalham pela vertente abaixo, ainda mais dispersos em função das roças antigas.

As atividades realizadas no local permitiram constatar que se trata de um assentamento de aproximadamente 8 metros de comprimento por 3 metros de largura, pequeno quando comparado ao sambaqui do Costão. Como não foram realizadas sondagens e nem havia perfis à mostra, não foi possível precisar a espessura do pacote conchífero, formado predominantemente por *craca* (*Sessilia*) e ossos de peixes, cuja amostragem foi coletada para análises laboratoriais e datação. Destaca-se também a significativa quantidade de fragmentos cerâmicos não decorados ainda preservados e dispersos na superfície do sítio, cuja amostragem também foi coletada para datação e análise. Apesar dos frequentes relatos existentes sobre a presença de ossos humanos, nenhuma unidade foi encontrada em superfície durante a realização dos trabalhos. Cabe, contudo, destacar a existência de nítidas manchas ovaladas e negras que parecem indicar a existência de sepultamentos nos estratos situados logo abaixo da superfície atual do sítio. Essas manchas não foram escavadas para o presente trabalho, mas oferecem um alto potencial para estudos futuros relativos aos aspectos funerários dos sambaquis da Ilha da Vitória.

Prancha 20



1. Toca do Barro Vermelho com perfil de elevação.
Foto: Bendazzoli, C.



2. Área da Costeira anexa à Toca do Barro vermelho.
Foto: Mantchev, A.



3. Área abrigada adjacente ao sítio.
Foto: Bendazzoli, C.



4. Paredão associado ao sambaqui.
Foto: Bendazzoli, C.



5. Coleta de superfície na Toca do Barro vermelho.
Foto: Chiatti, T.

c) Abrigo do Beto (Ilha da Vitória)

O sítio Abrigo do Beto (coordenadas UTM 23K 497738/7374401) está localizado em meio a um amplo afloramento rochoso que se estende pelo extremo norte da Ilha da Vitória formando inúmeras tocas, muitas das quais abrigam outros sítios como a Toca do Ramiro e o sambaqui Abrigo Sul, ambos localizados a poucos metros de distância. Essa região, também denominada Mané Lourenço por ter sido área de roçado deste caçara já falecido, constituiu-se em importante área de atracadouro de embarcações, conforme reforça Cardoso (1996) *“na ilha Vitória, quando o mar ‘engrossa’ de sul, os desembarques são realizados no pequeno canal que separa a Ilha da Vitória da Ilha Pequena, ao passo que quando entram as marés de leste, o desembarque é realizado fora do boqueirão que separa as duas ilhas, no local denominado Mané Lourenço”* (ibdem: 39).

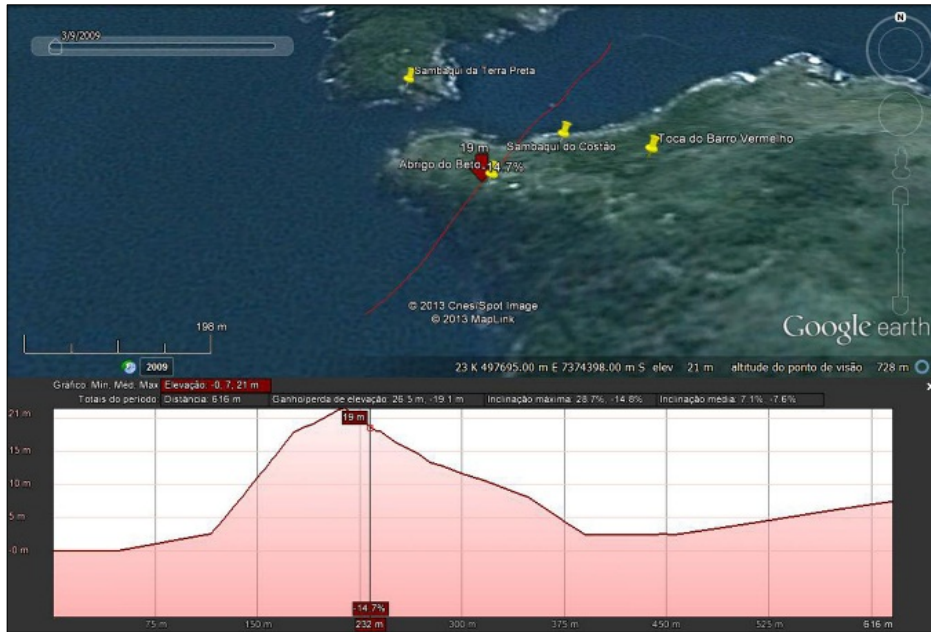
Uma breve observação sobre essa região na qual se encontram pelo menos três dos seis sambaquis localizados na Ilha da Vitória faz-se necessária, facilitando o entendimento do porque uma área tão elevada e escarpada como essa exibe um volume tão significativo de sítios em relação ao montante já identificado. A área de Mané Lourenço onde estão situados os sambaquis Abrigo do Beto, Abrigo Sul e Toca do Ramiro esta situada também na região envoltória a pequena baía da Vitória, em local próximo à costeira apesar de bastante elevado. A posição desses sítios permite o rápido acesso às águas calmas da baía, bem como permite acessar direto as demais costeiras a oeste que permitem o embarque e desembarque quando entram marés de leste.

Além disso, devido à altitude e posicionamento desses sítios, em especial o Abrigo Sul e Abrigo do Beto se beneficiam de ampla visibilidade de toda a área envoltória a oeste e sul da ilha e adjacências, sendo possível vislumbrar dali as embarcações que se aproximam vindas da Ilha dos Búzios ou da costa leste e sul da Ilha de São Sebastião. O que se percebe claramente é que os sambaquieiros que construíram esses sítios não voltam a sua atenção somente ao interior da baía, como ocorre com os sítios Terra Preta (na Ilha dos Pescadores) e Toca do Barro Vermelho e sambaqui do Costão localizados nas costeiras baixas da Ilha da Vitória. O olhar desses ocupantes também se volta para o mar aberto sem, contudo, deixar de atentar para as áreas em potencial como a baía rasa entre as ilhas, muito farta em recursos.

O sambaqui Abrigo do Beto está inserido à frente e abaixo de um amplo bloco rochoso com contornos retilíneos e angulados formando uma minúscula toca rasa com uma área abrigada relativamente pequena à sua frente. A fenda na rocha que forma o abrigo está completamente preenchida por conchas e ossos de peixes e pelo ubázeiro que cresce por todo o sítio. A presença de enormes e enraizados ubás promoveu impacto nos primeiros estratos do sambaqui, mas, ainda se nota estratificação relativamente bem preservada devido à presença dos grandes afloramentos que impediram a abertura de roçados pela comunidade. O impacto verificado no sítio deve-se, além da presença dos ubás, a ação de curiosos que removeram de sua superfície um esqueleto humano completo que aflorava ao sítio, restando no local somente a marca da cova e algumas poucas unidades ósseas, além de fragmentos de cerâmica em superfície.

Os trabalhos realizados no sítio Abrigo do Beto consistiram na realização de cadastramento e medição, além da coleta amostral de seu conteúdo para posterior análise em laboratório. A observação inicial do assentamento revela que, assim como os demais, nesse sítio também predominam vestígios de *craca* (*Sessilia*) com raríssimas incidências de outras conchas, além de ossos de peixes e esqueletos. No que concerne a esse último, as unidades ósseas que sobram do sepultamento também foram coletadas e serviram para o estabelecimento de datação, ainda que não fosse possível o aproveitamento maior do potencial analítico do material ósseo devido a pouca amostragem que sobrou no local.

Prancha 21



1. Abrigo do Beto com perfil de elevação.
Foto: Bendazzoli, C.



2. Fenda sob a qual estava sepultado um esqueleto humano.
Foto: Bendazzoli, C.



3. Conchas despontando em meio ao sedimento orgânico do sítio.
Foto: Bendazzoli, C.



4. Medição dos afloramentos associados ao Abrigo do Beto.
Foto: Simões, N.



5. Cadastramento do sítio e coleta de dados.
Foto: Bendazzoli, C.

d) Abrigo Sul (Ilha da Vitória)

O sambaqui Abrigo Sul, assim como o Abrigo do Beto, está implantado em elevada altitude na região por nome Mané Lourenço, compartilhando as mesmas paisagens e os mesmos recursos que os já descritos para o sítio anterior. Desse sítio é possível vislumbrar a amplitude marinha envoltória principalmente voltada para sul e oeste, bem como é possível acessar costeiras em dois pontos diferentes, ambos com relativamente boas condições de embarque e desembarque. O sambaqui Abrigo Sul está associado a um imenso paredão que, ao aflorar na superfície, se apoia em outro dando origem a um abrigo majestoso com formato triangular. O abrigo em si, bem como ocorre com demais sítios da região, não é eficiente para proteger sequer um pequeno grupo de pessoas, não servindo para local de pernoite uma vez que em seu interior jazem grandes blocos que impedem a ocupação de forma cômoda na parte mais abrigada.

O sambaqui Abrigo Sul está implantado no platô retilíneo situado bem de frente ao abrigo se estendendo para os limites da curva de nível voltada ao sul, local no qual o pacote conchífero do sítio é apoiado por grandes matacões impedindo o escorregamento do material conchífero vertente abaixo. Não há acúmulos de conchas no interior do abrigo, apenas em sua porção frontal de modo que a dispersão do pacote forma uma superfície conchífera com aproximadamente 10 metros de comprimento por 8 metros de largura. Esse sambaqui está alheio à inclinação acentuada da vertente na qual está inserido por aproveitar o plano retilíneo de um pequeno platô para seu assentamento, e os matacões que o sustentam marcam os contornos finais do sítio de modo que, após esse trecho, as vertentes descambam num desnível acentuado que se alonga em direção à beira mar.

Se por um lado a presença de um abrigo que pouco serve para abrigar, a altitude em relação ao mar e a relativa distância das fontes de água doce - situada à aproximadamente 300m – parecem não favorecer o estabelecimento no local, por outro, a relativa proteção, a excelente visualização do entorno e o destaque ofertado pela presença do paredão parece ter configurado atrativos ao estabelecimento de um monumento sambaquieiro naquele local. Dali é possível uma ampla visualização da enseada entre ilhas e também de toda a porção oeste e sul permitindo, a partir deste

ponto, enxergar embarcações que se aproximem à distância. Já o sítio em si somente é visualizável à distância pela existência do grande paredão que o cerca que, assim como ocorre com os demais sítios associados a abrigos ou afloramentos, aqui também se configura excelente ponto de referência da localização do sítio para quem o avista à distância ou mesmo do mar.

O pacote conchífero que se estende para a porção frontal do abrigo, à primeira vista, parece formado predominantemente de *craca* (*Sessilia*), com presença de ossos de peixes e demais vestígios de fauna miúda. Os moradores da localidade relatam a existência de grande quantidade de fragmentos de cerâmica e de pedras polidas na superfície do sítio, mas não foram localizadas durante as etapas de trabalho. Ainda assim, os estratos desse sítio parecem muito bem preservados, uma vez que essa área cheia de afloramentos de grande porte não foi utilizada amplamente para fins agrícolas. Assim como ocorre em relação ao Abrigo do Beto, a vegetação predominante nas áreas envoltórias ao Abrigo Sul é o ubá que, no entanto, não cresceu a sombra do paredão, facilitando a visualização das camadas conchíferas. Essas por sua vez, estão preservadas, mas já começam a escorregar pelas laterais dos matacões de suporte nos limites da curva de nível, sendo possível observar que o pacote não ultrapassa os 50 ou 60 cm de espessura.

Ainda que o ubá levante materiais arqueológicos com suas raízes e haja um princípio de erosão nas porções inferiores do sítio, o sambaqui Abrigo Sul ainda desponta como um dos mais bem preservados sambaquis da Ilha da Vitória, e também de Ilhabela, dividindo lugar com o também excepcionalmente bem preservado e quase intacto sambaqui da Toca da Paixão, da Ilha dos Búzios. Os trabalhos realizados no sambaqui Abrigo Sul consistiram na realização de medições, cadastramento e coleta amostral de superfície para posterior datação e análise laboratorial.

Prancha 22



1. Abrigo Sul com perfil de elevação.
Foto: Bendazzoli, C.



2. Fenda triangular que forma o Abrigo Sul.
Foto: Bendazzoli, C.



3. Pacote superficial do sambaqui.
Foto: Bendazzoli, C.



4. Coleta amostral de superfície.
Foto: Simões, N.



5. Cadastramento do sítio associado a amplo paredão.
Foto: Simões, N.

e) Toca do Ramiro (Ilha da Vitória)

O sítio Toca do Ramiro, assim como o Abrigo Sul e o Abrigo do Beto, também se insere no complexo de tocas formadas pelos amplos afloramentos rochosos existentes na região denominada Mané Lourenço, e localiza-se exatamente atrás de um dos paredões que formam o Abrigo Sul sendo possível acessá-lo a partir deste. Outro caminho possível para se chegar ao sítio Toca do Ramiro é atravessar por sobre os afloramentos achatados que formam o Abrigo do Beto, atingindo assim um complexo de pequenas tocas na qual se insere a Toca do Ramiro. Essa descrição evidencia o quão próximos e relacionados se encontram esses sítios implantados a partir do aproveitamento das fendas e abrigos que se formaram devido à concentração dos afloramentos.

O sítio Toca do Ramiro foi identificado há muitos anos atrás por um caiçara local e foi constantemente revisitado pela comunidade devido à presença de um esqueleto que despontava em sua superfície. Após anos de abandono, esse sítio foi novamente descoberto por um professor da escola da comunidade que, ao caminhar por entre as tocas acompanhado de um morador local, encontrou o sítio e o esqueleto com várias unidades ósseas já removidas anteriormente. O que ele encontrou, no entanto, despertou-lhe tamanho interesse que, decidido a conservar o achado e preservá-lo para as gerações futuras o professor optou por remover aquilo que tinha encontrado e entregar às autoridades locais. Com a partida do professor para lecionar em outras comunidades o sítio acabou esquecido e nunca mais foi visitado pelos moradores da Ilha da Vitória.

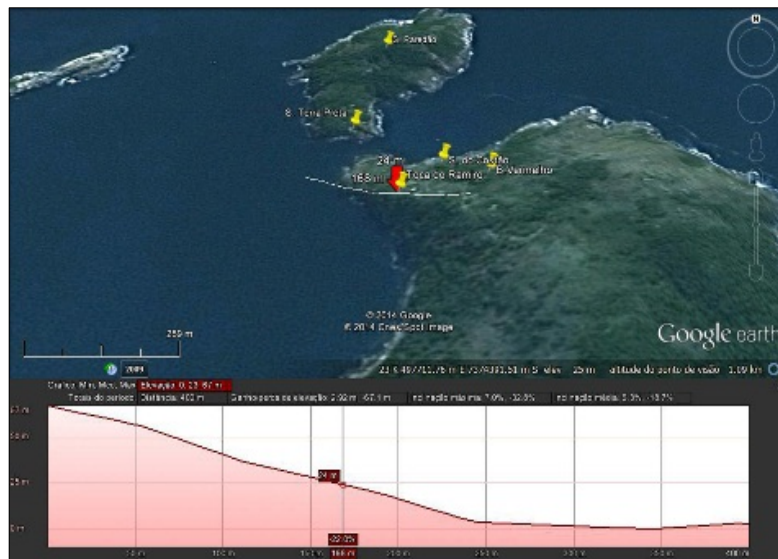
O que o professor local encontrou na ocasião foi uma ossada humana incompleta que jazia na fenda de uma pedra elevada em meio a afloramentos maiores que a cercavam. As partes do sepultamento removidas de seu local de origem tiveram a referência perdida e não mais serviam para o estudo do sítio, mas, sabendo das iniciativas de pesquisas na região em função da realização do presente projeto o mesmo professor contatou a equipe para informar o local do achado na tentativa de recuperar as informações perdidas pela remoção do esqueleto. As informações sobre a localização do sítio foram passadas ao pescador da Ilha da Vitória e líder da comunidade, Seu Ramiro, que serviu de guia atravessando diretamente por entre os afloramentos até a localização exata do abrigo que, em homenagem a ele, recebeu a denominação de Toca do Ramiro.

A Toca do Ramiro consiste em uma pequena e estreita fenda entre grandes blocos rochosos formando uma toca abrigada e seca, excelente para o pernoite de duas a três pessoas. Cercada por grandes afloramentos que impedem uma formação vegetal densa e abundante, e distante 80m da fonte de água doce mais próxima, essa toca possui em seu interior um terraço seco de nivelado sobre o qual foi depositado o indivíduo, acompanhado de conchas, fauna e artefatos líticos. Boa parte desses acompanhamentos pôde ser recuperada uma vez que ainda se conservavam exemplares no local. A investigação pormenorizada da pouca quantidade de areia existente dentro da toca revelou a presença de pequenos fragmentos ósseos pertencentes ao indivíduo retirado e que tinham sido deixados para trás pelo professor. Sendo assim, foram coletados todos os elementos diagnósticos encontrados e que serão descritos no capítulo 5, além de fragmentos de cerâmica não decorada também encontrada dentro da toca.

Segundo informação passada pelo antigo professor, o esqueleto estava originalmente deitado em posição fetal, com o rosto voltado para a fenda de entrada ao abrigo. Sobre ele haviam muitas conchas e pequenos ossos de peixe que também foram coletados pelo professor na época, mas ainda restaram diversos pequenos fragmentos em meio ao sedimento. Os artefatos líticos e as conchas estavam sobre o corpo e, ao lado do indivíduo e bem próximo à cabeça existiam originalmente numerosos fragmentos de cerâmica, restando apenas dois exemplares no ato do cadastramento.

A caracterização deste sítio como sambaqui, apesar da ínfima presença de material conchífero, se deve ao fato de que, excetuando-se isso, todos os demais elementos presentes no sítio sugerem que sua formação esteja relacionada à ocupação sambaquieira. Assim como o já descrito Toca da Caveira que quase não possui material conchífero, esse sítio também se diferencia nesse aspecto, mas preserva todas demais características dos assentamentos sambaquieiros referentes àquela região. Uma discussão mais aprofundada sobre a caracterização desse e do sítio Toca da Caveira como importantes remanescentes sambaquieiros de Ilhabela é apresentada no capítulo 7.

Prancha 23



1. Toca do Ramiro com perfil elevação.
Foto: Bendazzoli, C.



2. Entrada e vista interna da área do sepultamento,
Foto: Bendazzoli, C.



3. Local onde estava sepultado o indivíduo recoberto por conchas com a cabeça ao fundo.
Foto: Bendazzoli, C.



4. Investigação do pacote arqueológico e coleta emergencial.
Foto: Sr. Ramiro



5. Auxílio do pescador Ramiro na coleta do material.
Foto: Bendazzoli, C.

f) Toca do Gentio (Ilha da Vitória)

O sítio Toca do Gentio (coordenadas UTM 23K 498232/7373520), assim como o sambaqui do Paredão, é um dentre os únicos dois sítios do arquipélago da Vitória que não estão voltados para a pequena baía existente entre a Ilha da Vitória e dos Pescadores. Esse sítio está implantado na Ilha da Vitória, porém numa região chamada Enseada do Abrigo, assim denominada devido à existência dessa toca que foi muito utilizada para pernoite de pescadores. Esse sítio está situado em uma das áreas mais propícias ao estabelecimento prolongado, tanto é que esse cordão de terra estreito localizado entre a Enseada do Abrigo e a Enseada dos Frecheiros, foi intensamente povoado no passado abrigando a comunidade que de lá se mudou depois que uma epidemia de sarampo causou a morte de vários moradores.

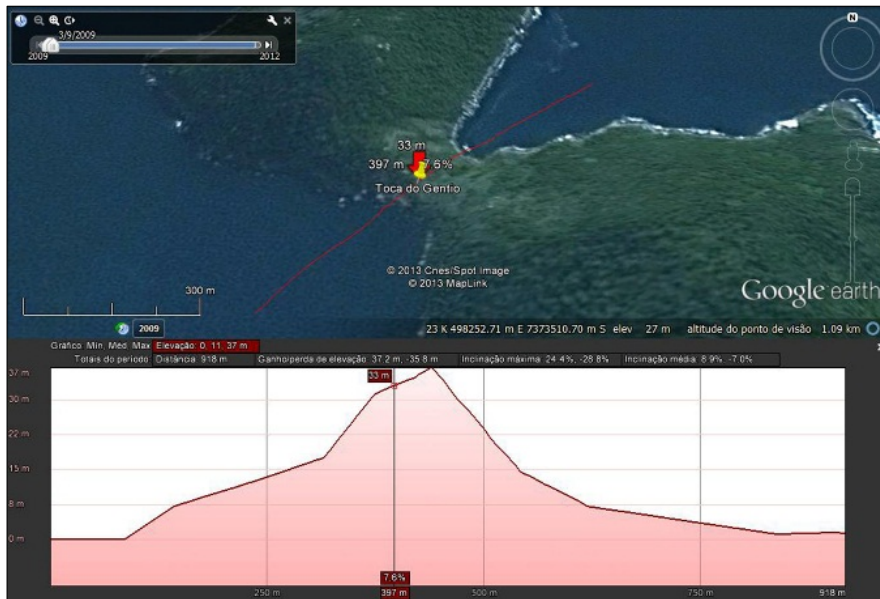
A proximidade das poucas fontes de água doce existentes na ilha, o relevo suave, a proteção da enseada permitindo o embarque e desembarque, a facilidade de acessar a face leste e oeste da ilha a partir daquele ponto, bem como a ampla visibilidade que dali se tem para essas mesmas faces marinhas são os principais fatores que levaram os moradores da Ilha da Vitória a se instalarem naquela região central da ilha. Possivelmente essas devem ter sido também as principais razões para o estabelecimento dos povos sambaquieiros naquele local, de onde facilmente se acessa também o extremo sul da ilha ainda muito pouco conhecido até mesmo pelos caiçaras naturais da Vitória.

O sítio Toca do Gentio possui apenas oito metros de comprimento e cinco metros de largura e está implantado em média vertente inclinada voltada para a face oeste do pequeno arquipélago, de modo que, a partir dele, se tem ampla visibilidade de toda a região envoltória. Esse sambaqui está inserido em meio a dois amplos matacões sobrepostos que se apoiam, formando em seu interior uma área relativamente abrigada das intempéries. Esse local foi denominado Toca do Gentio pelos primeiros ocupantes da Ilha da Vitória que encontraram em seu interior grande quantidade de conchas e ossos de peixes que relacionaram a presença indígena na região. O abrigo, muito utilizado pelos pescadores desde então, sofreu significativo impacto em seus substratos não restando uma só concha em seu interior, ainda que os moradores locais afirmem ter existido em abundância.

A constante revisitação do sítio pelos moradores locais e pescadores eventuais, associada à remoção da vegetação original que o cercava para a realização de cultivos, resultou num solo erodido e lixiviado, restando no local apenas samambaias e vegetação rasteira. Seu interior constantemente varrido pelos usos e re-usos dos pernoites caiçaras, seguidos de significativa erosão que atualmente desvia a água das chuvas para dentro do abrigo, carregando consigo o material arqueológico ali existente, pouco deixa evidenciar a presença indígena naquela área.

Ainda assim, os trabalhos realizados na Toca do Gentio resultaram na identificação de artefatos líticos tipicamente sambaquieiros localizados na superfície e nas laterais do assentamento. Esses artefatos permaneceram preservados terem ficado presos nas fendas de pedras e nos emaranhados que forma a vegetação rasteira circundante ao sítio, sem que os moradores avertissem para sua significativa importância em termos arqueológicos. Devido à ausência de material passível de datação e análise de composição dos estratos conchíferos, apenas os artefatos líticos foram coletados na ocasião. Pesquisas e intervenções futuras em subsuperfície poderão resultar em maiores dados a respeito da ocupação sambaquieira na Toca do Gentio.

Prancha 24



1. Toca do Gentio com perfil de elevação.
Foto: Bendazzoli, C.



2. Visibilidade da Serra do mar a partir da Toca do Gentio.
Foto: Bendazzoli, C.



3. Seu João e Seu Ramiro dentro da Toca do Gentio.
Foto: Bendazzoli, C.



4. Identificação de líticos polidos na área interna do sítio.

g) Terra Preta (Ilha dos Pescadores)

O sambaqui da Terra Preta (coordenadas UTM 23K 497622/7374631) está localizado na Ilha dos Pescadores também voltado para a pequena baía que divide as ilhas da Vitória e dos Pescadores. Assim como o Sambaqui do Costão localizado na ilha de frente, o sambaqui da Terra Preta caracteriza-se por ser um sambaqui a céu aberto, implantado em área elevada e muito visualizável à distância, tanto de uma ilha para outra, bem como para quem o avista a partir de embarcações situadas tanto na face norte, quanto na sul daquela pequena ilha. Isso se deve porque, apesar de concentrado no topo da ilha onde ocorrem afloramentos, seu pacote muito amplo avança vertente abaixo tanto para sul como para norte.

O sambaqui da Terra Preta foi assim denominado por apresentar grande quantidade de matéria orgânica presente em seu extrato terroso amplo e espesso que mistura conchas, ossos de peixes e carvões. Esse sítio é o mais extenso já localizado em Ilhabela possuindo pacote com 44 metros de comprimento por 23 metros de largura e se estende ao longo de um topo de morro se expandindo por duas vertentes da Ilha dos Pescadores. Esse sítio pode, inclusive, estar relacionado à existência de dois sambaquis conectados lado a lado, cuja delimitação individual não pode ser visualizada em superfície, necessitando para tal de investigações mais detalhadas. Devido à grande quantidade de matéria orgânica presente no sítio da Terra Preta sua superfície foi muito utilizada para a realização de roçados de mandioca, o que acarretou no impacto verificado em sua porção voltada para sul, ou seja, aquela voltada para a enseada abrigada entre as duas ilhas. Na vertente oposta voltada para mar aberto, na qual o sítio também se espalha, bem como no topo do morro verifica-se melhor preservação dos estratos.

A localização privilegiada desse sítio em área elevada lhe confere ampla visibilidade da baía entre ilhas, bem como do mar em direção ao norte e leste. Apesar de atualmente distante 400 metros da única fonte de água doce que ainda se mantém ativa na Ilha da Vitória, os construtores desse sítio podiam fazer uso da fonte de excelente qualidade outrora existente na Ilha dos Pescadores, mas que atualmente está seca. Além da terra preta em abundância que confere o nome ao sítio, esse assentamento também se destaca pela grande quantidade de *cracas* e espículas de

ourição, sendo que esse último confere coloração ainda mais enegrecida ao pacote. A composição do sambaqui da Terra Preta se assemelha à existente no sítio Mar Virado (Nishida 2001), sem a presença de camadas amplas de concha pura, de modo que este sítio teria sido, à época do PRONAPA, considerado um “sambaqui-sujo” de grandes proporções.

Segundo informação fornecida pelos moradores da comunidade o sambaqui da Terra Preta comportava fragmentos de cerâmica em superfície, porém, durante as etapas de diagnóstico não foram encontrados vestígios dessa natureza. Os caiçaras também relataram terem encontrado diversos ossos humanos no local durante a realização do cultivo sendo, portanto, improvável que sepultamentos ainda sejam encontrados preservados no local em função de toda a movimentação de terra já ocorrida, pelo menos, na vertente sul por onde há maior circulação de pessoas. Os estratos mais preservados no topo, bem como na vertente oposta, por sua vez, poderão ainda guardar estratos e enterramentos preservados, bem como deverão ser alvo de pesquisa futura para melhor compreender se se trata apenas de um sítio extenso ou são dois sambaquis conectados. Por hora, os trabalhos realizados nesse sítio consistiram na realização de cadastramento, medição e coleta amostral de superfície de sua composição para análise e datação.

Prancha 25



*1. Sambaqui da Terra Preta com perfil de elevação.
Foto: Bendazzoli, C.*



*2. Coqueiro na extremidade norte levantando material em meio as raízes.
Foto: Bendazzoli, C.*



*3. Costeiras do paredão adjacentes a área norte do sítio.
Foto: Bendazzoli, C.*



*4. Platô ao longo do qual se espalham os pacotes de conchas do sítio.
Foto: Bendazzoli, C.*



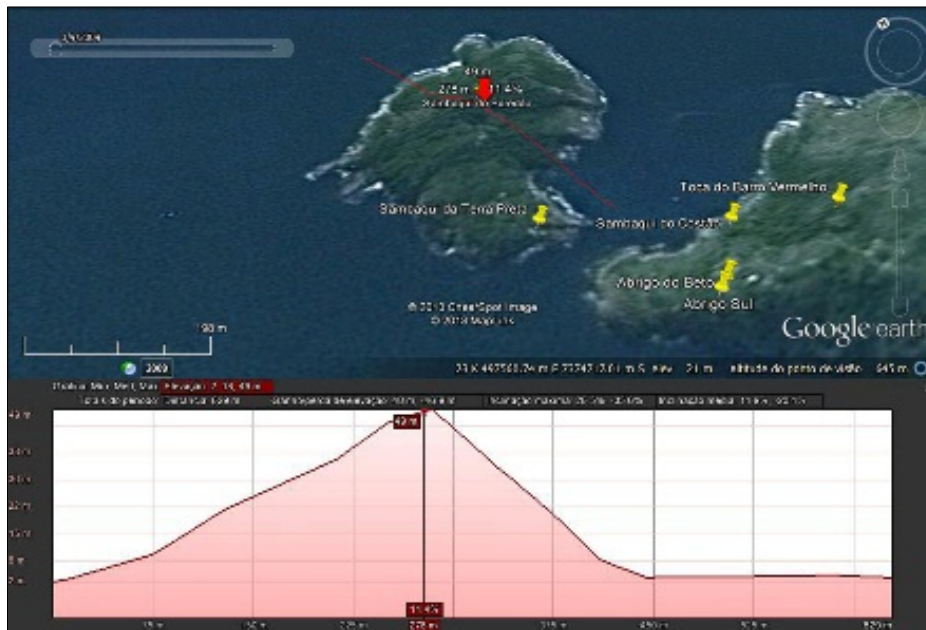
*5. Predominância de cracas no sambaqui da Terra Preta.
Foto: Bendazzoli, C.*

h) Paredão (Ilha dos Pescadores)

O Sambaqui do Paredão (coordenadas UTM 23K 497717/7374949) está localizado na Ilha dos Pescadores, assentado no topo do morro mais elevado daquela ilha do qual se tem visão de alto mar e de parte do continente contíguo. Esse sítio com 7 metros de comprimento por 3 metros de largura está associado a um abrigo de pequenas dimensões suficiente para proteger de intempéries uma ou duas pessoas. Por localizar-se em região central da Ilha dos Pescadores, área muito cultivada há aproximadamente duas a três décadas, o sítio sofreu impacto em suas camadas mais superficiais, sendo possível vislumbrar a presença de estratos conchíferos preservados somente na porção interna do abrigo. Ali, conchas permaneceram preservadas e sobre elas repousam pequenas bolotas resultantes da fabricação ou deteriorização da cerâmica e também alguns fragmentos de cerâmica não decorada depositados acima do último pacote conchífero.

O sambaqui do Paredão foi assim denominado pela própria comunidade, pois àquela região é marcada pela presença de um amplo paredão de pedra que se estende em direção a mar aberto na vertente oposta ao sítio. Suas áreas envoltórias foram muito cultivadas, restando apenas alguns arbustos, vegetação rasteira e alguns pés de frutas como o limão galego. Distante 500m da única fonte de água doce atualmente ativa localizada na Ilha da Vitória, os construtores desse sítio foram outrora beneficiados pela nascente que servia à Ilha dos Pescadores, já seca pela intensa exploração do solo. Devido ao impacto causado ao pacote superficial do sítio não é possível delimitar com precisão sua extensão sem a realização de intervenções. A simples decapagem do solo com uma pequena colher de pedreiro na área próxima ao abrigo já evidencia conchas dos estratos inferiores, revelando que apesar de impactado esse sítio oferece bom potencial para pesquisas. Os trabalhos realizados consistiram na medição, cadastramento e coleta de superfície para análise de composição e para datações.

Prancha 26



1. Sambaqui do Paredão com perfil de elevação.
Foto: Bendazzoli, C.



2. Abertura do abrigo com fragmentos de cerâmica em superfície.
Foto: Bendazzoli, C.



3. Paredão associado ao sítio.
Foto: Bendazzoli, C.



4. Maior concentração de conchas na área protegida.
Foto: Bendazzoli, C.



5. Reconhecimento do sítio arqueológico por morador local
Foto: Bendazzoli, C.

3.2 - Composição

Conforme se observa nas descrições feitas sobre os aspectos morfológicos e composicionais dos sambaquis de Ilhabela, fica claro que os sítios desse município que ainda se encontram preservados são quase todos de pequeno porte, a maioria deles não ultrapassa os 10 ou 12 metros de comprimento e menos ainda de largura. Conforme se viu, foi identificado apenas um sítio de maior porte (Sambaqui da Terra Preta) que pode, inclusive, representar dois assentamentos conectados pela dispersão do material arqueológico em função das lavouras antigas realizadas na Ilha dos Pescadores. A falta de sambaquis de maior porte preservados na grande parte dessa região não permite inferir que o padrão construtivo dos assentamentos estivesse centrado na formação de sítios pequenos, uma vez que tal impressão pode resultar da grande destruição dos sítios mais volumosos. Ainda assim, é plenamente possível afirmar que a construção de sítios pequenos representa característica marcante da presença sambaqueira naquela macrorregião, não podendo ser considerados ali “sítios anômalos” ou “diferenciados”, uma vez que representam a maioria dos depósitos sambaqueiros existentes.

Além da preponderância dos sítios menores, a presença sambaqueira em Ilhabela é marcada pela presença de grande quantidade de sítios com pouco volume em boa parte das ilhas e, mesmo no continente contemplado por essa macrorregião, no qual vários outros sambaquis já identificados apresentam características similares aos sítios de Ilhabela (Mendonça de Souza 1977, Mendonça de Souza & Mendonça de Souza 1981/1982, Amenomori 2005, Tenório 2003, Lima 1991, Uchôa 1973, Garcia 1972). A maior parte dos sítios desse município apresenta pacote arqueológico bastante raso, na média em torno dos 50 ou 60 cm de espessura. Mesmo considerando os sítios muito impactados encontrados a céu aberto como o sambaqui do Costão, o da Mãe Joana e do Porto do Meio, cujo volume parece ter sido maior e, possivelmente, pode ter atingido por volta de 2 metros de altura. Tais dimensões podem ser consideradas pequenas quando comparadas com os sítios do litoral sul paulista uma vez que naquela região predominam sítios de porte médio com mais de 4 metros de altura, conforme já apresentado no capítulo 1.

Verifica-se, portanto, que os sambaquis do arquipélago de Ilhabela apresentam um padrão de construção que freqüentemente incorpora a formação de sítios pequenos e rasos, que se encaixam dentro das paisagens entrecortadas entre as costeiras que formam

pequenos platôs sobre os quais, a maioria deles se assenta. Há que considerar também que, ainda que pequenos, alguns sítios dessa região podem referenciar o início da construção dos assentamentos ou ter relação com a paralisação na formação dos sambaquis em momento mais tardio representando, por isso, um curto período de formação. Nesse sentido, o entendimento da composição dos sambaquis como o tipo e a quantidade de elementos presentes dentro dos estratos (que têm relação direta com a dimensão e o volume dos sítios), bem como, o estabelecimento de datações de topo e base podem contribuir para uma compreensão maior dos aspectos que conferem aos depósitos de Ilhabela tamanhos e volumes diminutos.

Além do pequeno tamanho e da pouca espessura dos sítios conchíferos de Ilhabela, muitos desses assentamentos também se destacam pela grande concentração de matéria orgânica que lhes conferem um aspecto terroso dando a impressão que as conchas não são o elemento mais marcante do depósito. Considerando que o tamanho e o volume dos sítios, bem como o aspecto terroso que muitos deles apresentam, sejam resultado direto da composição dos estratos que formam esses assentamentos, o entendimento dos tipos de elementos e suas frequências no interior dos depósitos permite elucidar os aspectos responsáveis por essas características presentes nos estratos dos sambaquis da região.

As análises amostrais propostas para o presente trabalho visaram identificar os elementos construtivos que compõem os pacotes arqueológicos do sítio e suas incidências, permitindo tecer paralelos com os elementos predominantes nos estratos de outros sambaquis dessa macrorregião. O entendimento da variedade dos elementos adquiridos e consumidos pelos sambaquieiros também permite identificar as prováveis áreas de captação dos recursos e sua relação com os sítios arqueológicos, sendo possível ampliar o entendimento sobre áreas de domínios exercidas pelos sambaquieiros e sua relação com as áreas de implantação dos sambaquis.

As análises objetivaram, inclusive, recuperar informações sobre a forma de utilização dos recursos ofertados pelo meio que também serviram como parte importante da dieta desses grupos. Especificamente no que concerne ao estudo da fauna, as amostras coletadas dos topos dos sítios resultaram em pouquíssimos exemplares, a maior parte dos quais estava muito fragmentada, prejudicando a identificação das espécies⁵⁵. Nesse

⁵⁵ Somente o sítio Toca da Paixão apresentou um volume significativo de material faunístico.

sentido, por não serem confiáveis nem suficientes para tecer paralelos com outros assentamentos, elas não serão contempladas junto às demais amostras malacológicas que puderam ser identificadas com segurança evitando, assim, possíveis distorções interpretativas. Todavia, a escavação empreendida num dos assentamentos aqui tratados, o Abrigo Sul, permitiu recuperar informações seguras e detalhadas sobre o consumo de fauna ao longo da formação daquele sítio e servirá como referência para um melhor entendimento das espécies consumidas e das áreas de captação de recursos pelos sambaquieiros.

As coletas amostrais realizadas nos topos dos sambaquis de Ilhabela abarcaram todos os sítios que ofereceram material passível de análise sem risco de contaminação ou de perturbação do contexto de deposição. Mesmo nos sítios mais impactados, as intervenções foram efetuadas nos locais mais preservados, cujo pacote apresentava camadas não perturbadas e menos acessíveis aos curiosos. De todos os 17 sambaquis identificados, alguns não ofereceram material malacológico passível de análise, são eles: na Ilha de São Sebastião o sítio Toca do Eustáquio que se apresentava muito impactado e recoberto por material construtivo, o sítio Porto da Toca que exibia poucas conchas tendo sido coletada apenas uma ostra de maior porte para datação e o sítio Toca do Mirante cuja entrada estava vedada pelo escorregamento de sedimento; na Ilha da Vitória o sítio Toca do Ramiro que já havia sido impactado previamente e apresentava pouquíssimas conchas e o Toca do Gentio também muito impactado que já não apresenta mais conchas em superfície; e na Ilha dos Búzios o sítio Toca da Caveira que possuía apenas um único exemplar de *megalobulimus* e os sambaquis Guanxumas de Búzios e da Mãe Joana que apresentavam os estratos superiores muito impactados, não oferecendo segurança para esse tipo de análise.

A observação composicional das amostras coletadas dos topos dos sambaquis de Ilhabela, que forneceram material em quantidade suficiente e confiável para a realização de análises, revela que em todos eles predominam os elementos malacológicos em relação às amostras faunísticas e demais componentes. Verifica-se que as conchas são os elementos mais marcantes não somente nos clássicos sambaquis do litoral sul, mas também estão majoritariamente presentes nos depósitos pequenos e terrosos do litoral norte paulista.

Composição das amostras dos sambaquis de Ilhabela

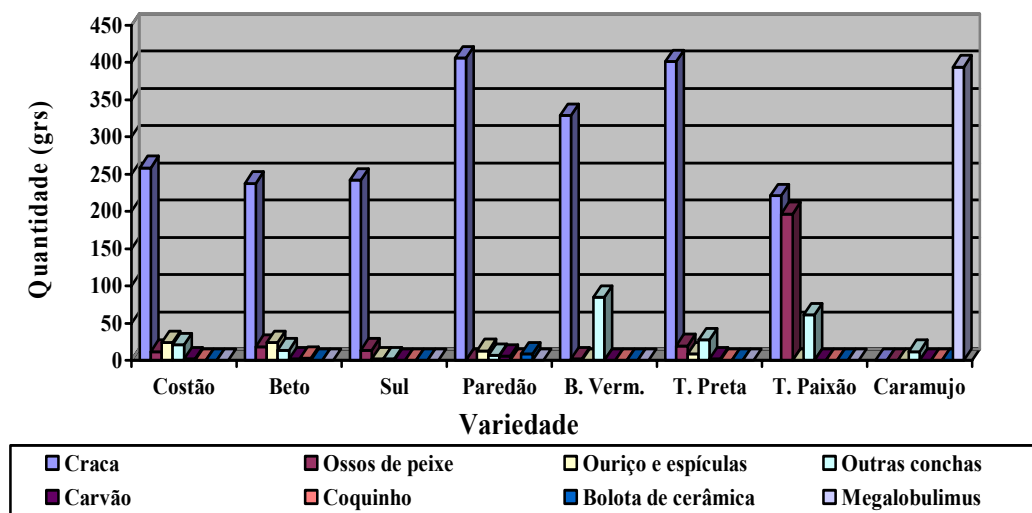





Figura 21 – Gráfico de composição das amostras dos sambaquis de Ilhabela.

A espécie mais largamente utilizada para formação dos assentamentos é, de longe, a *craca*⁵⁶ muito abundante em todas as costeiras das ilhas do arquipélago, seguida do aproveitamento de conchas variadas de gastrópodes marinhos. A incidência de gastrópodes terrestres é significativamente inferior, representada vez por outra por *Bahiensis punctatissimus* (Lesson, 1830), além dos *Megalobulimus sp* encontrados junto ao sepultamento na Toca da Caveira e que são abundantes nos sítios Toca do Caramujo e o Abrigo Guanxumas.




Já os bivalves marinhos são raríssimos, tendo sido encontrados apenas em três ocasiões: uma valva de *ostrea* no sítio Porto da Toca utilizada para datação, outra que serviu como acompanhamento do sepultamento no sítio Toca do Ramiro, e uma valva não identificada no sítio Toca do Caramujo. Além da larga utilização da *craca* já verificada em quase todos os sítios da região, a tabela a seguir mostra o tipo de habitat, a profundidade e a frequência com que podem ser encontradas as demais espécies de gastrópodes marinhos utilizadas na construção dos sítios naquela região.

⁵⁶ A espécie exata da craca utilizada na construção da maior parte dos sambaquis de Ilhabela não pode ser estabelecida pelo Laboratório de Genética Marinha e Evolução da UFF sob a coordenação da Prof^ª. Dr^ª. Rosa C.C.L. de Souza.

Tabela 1 - Gastrópodes marinhos consumidos e utilizados na construção dos sambaquis.

Gastrópodes marinhos	Habitat			Profundidade			Frequência		
				10m	20m	30m	↑	⊕	↓
<i>Diodora patagonica</i> (d'Orbigny 1847)	x			x	x	x		x	
<i>Luria cinerea</i> (Gmelin 1791)	x	x		x	x	x		x	
<i>Lottia subrugosa</i> (d'Orbigny 1846)	x			x			x		
<i>Lithopoma tectum</i> (Lightfoot 1786)	x			x				x	
<i>Thais haemastoma</i> (Linnaeus 1767)	x	x		x				x	
<i>Trachypollia nodulosa</i> (C.B. Adams 1845)	x			x				x	
<i>Strombus pugilis</i> (Linnaeus 1758)			x	x	x	x		x	

Legenda:

Habitat	Profundidade		Frequência na região	
 Pedras e costeiras	10m	Superfície até 10 metros	↑	Alta /abundante
 Areia, fundos arenosos	20m	10 a 20 metros	⊕	Média/ comum
 Fundos de cascalhos	30m	20 a 30 metros	↓	Baixa/ raro

A associação de algumas informações importantes como a composição principal das camadas dos sítios e a verificação da existência da oferta de conchas e peixes nas proximidades envoltórias aos assentamentos, além da observação de demais aspectos relacionados à paisagem das áreas de construção dos sítios permite inferir algumas hipóteses relacionadas à formação dos pequenos sambaquis daquela região. O que se observa na tabela acima é que depois da *craca*, as espécies presentes nos sítios são diminutos gastrópodes marinhos que vivem, majoritariamente, em áreas de costeiras, fixos em matações ou em fundos pedregosos. Todos os componentes que formam os sambaquis analisados são comuns na região e podem ser coletados imediatamente a partir da superfície marinha, ou seja, não demandam, necessariamente, o mergulho.

A tabela acima revela que os sambaquis de Ilhabela foram construídos a partir do aproveitamento dos elementos presentes nas regiões envoltórias aos sítios, não demandando grandes deslocamentos para captação de matéria prima destinada à construção. Sendo essa matéria prima também um alimento consumido pelos sambaquieiros, fica fácil notar que esses diminutos gastrópodes não fornecem um volume significativo de carne, ainda que coletados em abundância. Nesse sentido, ainda que não tenha sido possível a identificação das espécies de fauna presentes nesses assentamentos, é plausível supor que outros elementos na dieta como o pescado, caça de pequeno porte e demais alimentos como frutos coletados tenham

composto a alimentação dessas populações, com especial destaque para a pesca já amplamente conhecida como base da dieta dos sambaqueiros. A realização de análises de isótopos estáveis nos esqueletos encontrados em alguns sambaquis poderá auxiliar para um melhor entendimento dessa questão.

A existência de elementos composicionais não típicos como aqueles que são comumente encontrados em sambaquis de maior porte localizados em regiões mais próximas aos manguezais e estuários (como a *anomalocardia brasiliiana*) sugere que esses povos aproveitavam os recursos que lhes eram disponíveis para a manutenção da prática de construção dos sambaquis. Revela também, que em áreas com predomínio de costeiras escarpadas, como se configura boa parte da região insular compreendida entre o norte paulista e o sul fluminense, a construção dos sítios se dá com os elementos ofertados por essas paisagens. Uma vez que as espécies coletadas para a construção dos sítios e consumidas na dieta são facilmente encontradas na região envoltória aos assentamentos, é plausível considerar que os sambaqueiros que construíram os sítios nessa região insular, vivessem também boa parte de seu tempo afastados do continente, ocupando as ilhas durante o tempo em que ali estiveram dedicados à construção e manutenção de seus sambaquis.

Nesse sentido, a ocupação do território insular adquire nova perspectiva uma que, antes, envolvia principalmente a intenção de construir monumentos sagrados e para as ilhas se dirigir periodicamente para manutenção e realização de novos enterramentos como propôs Amenomori (2005). A constatação de que os elementos que compõem os sítios estão nos mesmos locais ou adjacentes a eles permite também concluir que as áreas envoltórias aos sambaquis também configuram domínios constantemente revisitados, utilizados e ampliados de acordo com a necessidade da população. A organização e manutenção dos domínios de cada grupo dependiam de outras iniciativas que não necessariamente o ato de construir o sítio unicamente, tendo em vista que essas populações permaneciam nas áreas anexas ao sítio possivelmente cotidianamente, demandando ordenações entre os grupos e entre esses e as áreas de captação de recursos, ações que não são diagnosticáveis no registro arqueológico.

Outra constatação importante é a que a formação de zonas de domínio sambaqueiras independe da articulação entre um sambaqui maior ou “sambaqui-mãe” e sítios pequenos como propôs Prous (1992), vez que não existem sítios grandes nessa região na qual se observam claramente estabelecidas. Sendo assim, não há como vincular a existência de zonas

de domínio pela associação de sambaquis pequenos em articulação com outro maior e mais importante em termos culturais e simbólicos como também propuseram Gaspar (1991) e Tenório (2003). O que os sambaquis de Ilhabela revelam é que a criação de uma área de domínio adjacente aos assentamentos independe da presença de um sambaqui maior. A importância de cada sambaqui reside em si mesmo, e os grupos que os construíram e os reverenciavam tinham em cada um deles sua significação maior que justificava a manutenção das zonas de domínio adjacentes independentemente do tamanho e de uma hierarquia de importância como a que fora proposta outrora (ibidem).

Outro aspecto importante a ser considerado sobre a composição desses sítios é o fato de que o amplo litoral norte paulista exibia outras áreas passíveis de ocupação, incluindo espaços praianos com mangues e pequenos estuários, principalmente no continente. Havendo, portanto, áreas com características conhecidas por serem preferidas por essas populações e que ofereceriam grande aporte de material conchífero, a instalação de sítios nas costeiras das ilhas mais afastadas revela que essas áreas mais convidativas já deviam ser dominadas por outras populações sambaquieiras estabelecidas na região primeiro. Tal constatação permite supor que a busca por novas ilhas e espaços para a construção dos sítios tenha sido motivada pela necessidade do estabelecimento de novas zonas de domínio e/ou tenha decorrido do crescimento populacional nas áreas mais disputadas, possibilidades não excludentes entre si.

As coletas malacológicas oportunistas realizadas nas áreas envoltórias aos assentamentos que formam as zonas de domínio sambaquieiras não resultaram num ganho alimentar significativo para essas populações, uma vez que, como se viu, as diminutas espécies ali coletadas pouco oferecem em termos de quantidade de carne. Uma observação superficial poderia considerar que as atividades de coleta de conchas envolviam mais custo que benefício em termos de obtenção de energia. Porém, assim como bem observou Tenório (2003), *“por trás de comportamentos em que o dispêndio de energia não é compensado pelo resultado obtido, podem ser inferidas relações sociais”*. Nesse sentido, considero que a prática da coleta de conchas pequenas e sua utilização como material construtivo nos sambaquis de Ilhabela, tenha muito mais relação com a essência cultural sambaquieira envolvendo a construção de espaços sagrados direcionados aos rituais funerários de determinados grupos do que com a demanda construtiva em si. A concha como elemento

construtivo é marcante, porém a utilização de espécimes diminutos que efetivamente pouco contribuem para avolumar o sítio só pode ser entendida dentro de uma perspectiva cultural e simbólica própria desses grupos.

A constatação de que a concha, ainda que pequena, é o elemento mais abundante nesses sítios, ainda que não seja a base da dieta dessa população, está totalmente de acordo com o que se verifica para os sambaquis “clássicos” ou “típicos” do sul do país, ou do litoral sul paulista. Ou seja, ainda que os sambaquis do litoral norte paulista sejam pequenos e terrosos, alguns dos quais associados a abrigos, não há porque considerá-los, anômalos, diferentes ou não sambaquis. O conteúdo desses sítios é plenamente compatível com os recursos ofertados pelo meio envoltório, independentemente se formam, ou não, coloração escura pela abundância de espículas de ouriços, ou aglomerados clarinhos pela maior quantidade de *cracas* e de *Lithopoma tectum* (Lightfoot 1786) coletados por entre os matacões do sambaqui da Mãe Joana, na Ilha dos Búzios.

Inúmeras variações são possíveis na composição dos estratos dos sambaquis, bem como na forma de implantação, nas características e frequências dos artefatos e devem ser percebidas e entendidas como tal para que não acarretem interpretações distorcidas sobre a origem cultural desses depósitos. Muitas dessas variações dependerão diretamente do contexto macro e microrregional em que os sítios se inserem, mas também podem ser diretamente influenciadas pela presença de outras etnias e/ou outras mudanças ocorridas na região ao longo do tempo. Desse modo, faz-se absolutamente imprescindível o estabelecimento de uma cronologia de ocupação sambaqueira para a região em estudo, cuja contribuição deste trabalho é apresentada a seguir.

3.3 - Cronologia de ocupação sambaqueira

Além da identificação dos componentes presentes no pacote arqueológico dos sítios, as coletas amostrais realizadas nos topos dos sambaquis também objetivaram a obtenção de material passível de datação de modo que fosse possível o estabelecimento de uma cronologia de ocupação sambaqueira para o arquipélago de Ilhabela. O estabelecimento de uma cronologia é parte fundamental do entendimento da dinâmica de ocupação daquela região pelos povos sambaqueiros, uma vez que permite compreender a ancestralidade de sua presença em Ilhabela e em cada uma das ilhas investigadas. Tal abordagem também possibilita o levantamento de

dados a respeito dos períodos em que houve deslocamentos para áreas mais distantes, contribuindo para o entendimento da dispersão desses povos por essa extensa região insular. A datação dos sítios também permite identificar possíveis concomitâncias construtivas entre os diferentes assentamentos presentes em uma mesma ilha ou em ilhas distintas do arquipélago de Ilhabela, bem como pode auxiliar num melhor entendimento relativo ao final da era sambaqueira ocorrido naquela região. Além das possibilidades já elencadas, a realização de datações nos sítios de Ilhabela visava à escolha de um sambaqui mais tardio a ser alvo de escavações e cujos resultados poderiam ser comparados com os dados já disponíveis sobre o sambaqui Abrigo Furnas (datado de 1920 cal. A.P), um dos mais antigos identificados no arquipélago, permitindo compreender as nuances da presença sambaqueira em períodos diametralmente opostos.

As coletas de topo visando à datação dos depósitos abarcaram todos os sítios que possuíam material disponível para análise, não contemplando apenas os sítios Toca do Gentio e Toca do Eustáquio devido à indisponibilidade de material passível de datação, bem como o sambaqui Toca do Mirante, cuja entrada estava vedada por grande volume de sedimento impedindo o acesso ao material. Quanto ao sambaqui da Mãe Joana só foi possível a sua datação de base, uma vez que o pacote arqueológico que formava a porção superior do assentamento já havia sido consumido pela erosão e lixiviação verificadas na área em que está implantado. Outro sítio que não pôde ser datado foi o Polidor da Figueira, uma vez que enquanto tal não pode ser datado e também não estava associado diretamente a nenhum vestígio sambaqueiro preservado que oferecesse elementos passíveis de datação.

A despeito dos casos acima apresentados, todos os demais sambaquis ofereceram material para datação, de modo que as coletas também estiveram focadas na obtenção de elementos contextualizados e seguros para a realização das análises radiocarbônicas. O material datado consiste em espécimes de um mesmo tipo, a *craca* (*Sessilia*), encontrada nas camadas superficiais da maioria dos sítios, a exceção do sambaqui Toca do Caramujo, composto quase exclusivamente por *megalobulimus*, e do sítio Porto da Toca, cujo elemento datado foi um exemplar de *ostrea*. A análise de espécimes de um mesmo tipo buscava evitar variações dos resultados que pudessem ser causadas por possível fracionamento isotópico entre diferentes espécies. A tabela e o gráfico seguintes apresentam os resultados das datações calibradas obtidas para o topo dos sambaquis de Ilhabela (e base do sambaqui da Mãe Joana), incluindo a

data calibrada já obtida para o sambaqui Abrigo Furnas (Bendazzoli et al 2009). Os resultados da datação por 14C foram calibrados no software Calib 7.0 (Stuiver & Reimer 1993) tendo sido utilizada a curva de calibração Intcal13 para as amostras de origem terrestre e a Marine13 para as amostras de origem marinha (Reimer et al 2013), sem nenhuma outra correção aplicada.

A Tabela 2 apresenta o nome do sítio, identificação da amostra pelo laboratório, a data radiocarbônica convencional e seu desvio padrão, além dos valores mínimos e máximos para os intervalos de calibração considerados em 1 e 2 sigmas. Já para a construção dos gráficos foi utilizado o intervalo de calibração considerado em 1σ para as datas 14C uma vez que a datação por termoluminescência sempre considera seus resultados nesse intervalo e, desta forma, os resultados puderam ser comparados de modo mais seguro. Cabe observar que todas as datas que serão apresentadas ao longo do texto são relativas a um intervalo de calibragem e deverão consideradas dentro deste intervalo, mas, para facilitar a comparação entre datas dos diferentes sítios, essas serão expressas ao longo do texto em valores de calibragem cal. máx. 1σ .

Tabela 2 - Datações calibradas dos topos dos sambaquis de Ilhabela.

Sítio	Lab ID	CRA	SD	(cal. mín. 1 σ)	(cal.máx.1 σ)	(cal.mín.2 σ)	(cal. máx. 2 σ)	Curva
Abrigo do Beto	Beta - 327891	800	30	689	730	675	766	intcal13
Abrigo Furnas	Beta - 245230	1920	40	1822	1920	1737	1967	intcal13
Abrigo Sul	Beta - 327888	930	30	499	551	486	608	marine13
Costão	Beta - 327884	1780	30	1286	1349	1265	1390	marine13
Abrigo Guanxumas	Beta - 337010	1380	30	896	959	838	1014	marine13
Mãe Joana	Beta - 327893	1940	30	1865	1927	1821	1967	intcal13
Paredão	Beta - 327887	920	30	496	543	478	601	marine13
Porto da Toca	Beta - 337011	1050	30	570	657	549	669	marine13
Porto do Meio	Beta - 337013	1210	30	704	781	670	838	marine13
Terra Preta	Beta - 327886	1470	30	965	1052	930	1109	marine13
Toca da Caveira	Beta - 327892	700	30	575	679	564	688	intcal13
Toca da Paixão	Beta - 337015	950	30	508	565	498	617	marine13
Toca do Barro Vermelho	Beta - 327885	2060	30	1586	1682	1537	1716	marine13
Toca do Caramujo	Beta - 337014	1100	30	966	1052	938	1063	intcal13
Toca do Ramiro	Beta - 361450	740	30	667	690	659	726	intcal13

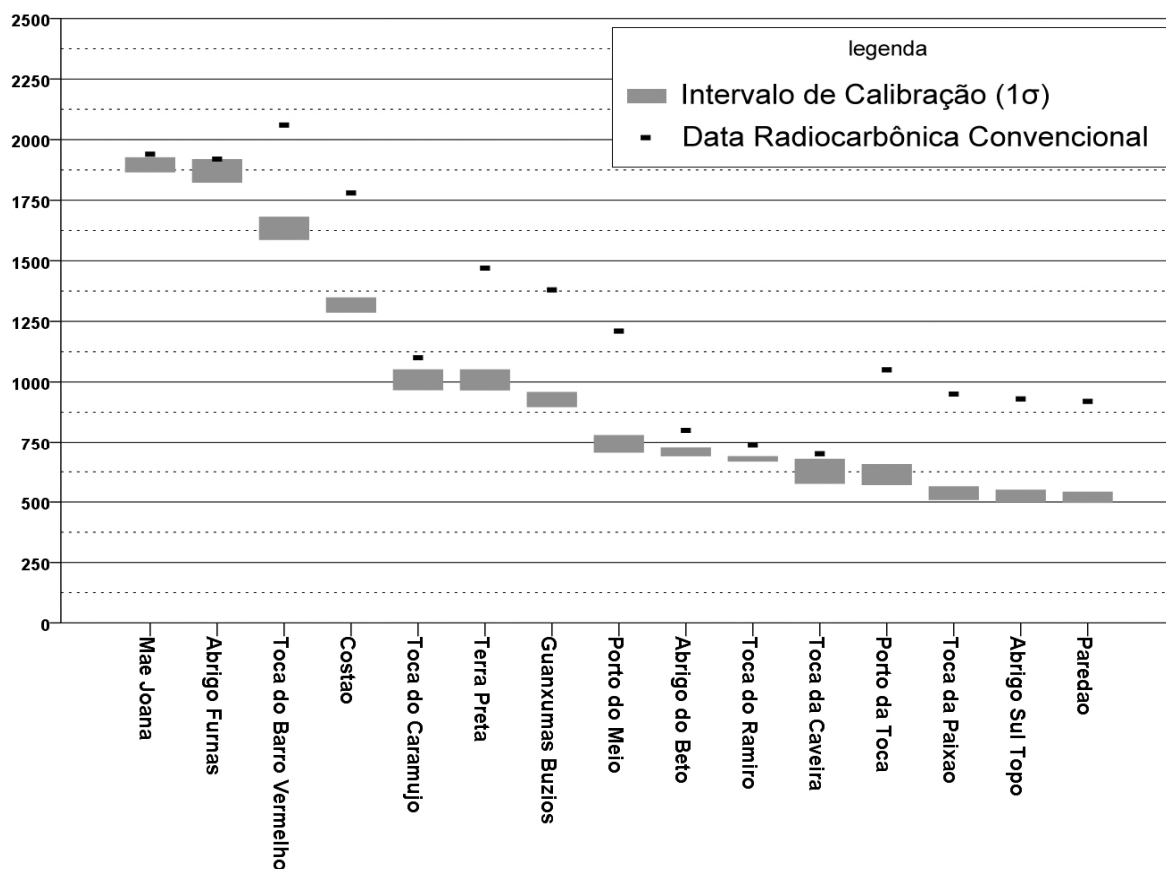


Figura 22 - Gráfico de datas calibradas dos sambaquis de Ilhabela.

As datações radiocarbônicas estabelecidas para os topos dos sambaquis em geral e para a base do sítio Mãe Joana revelaram que a ocupação sambaqueira naquela região remonta pelo menos 1927 cal. A.P referente, justamente, à base do sambaqui da Mãe Joana situado na Ilha dos Búzios. A data desse sítio é proveniente da amostra do sepultamento encontrado na base e revela que há quase dois mil anos a prática de sepultar os mortos em meio a conchas e ossos de peixe já estava presente naquela ilha. O gráfico acima revela também que neste mesmo período estava sendo sepultado o indivíduo escavado no Abrigo Furnas, norte da Ilha de São Sebastião, cuja datação é 1920 cal. A.P.

Todas as demais datas apresentadas no gráfico são referentes ao final da construção dos sítios e revelam que a ocupação sambaqueira no arquipélago de Ilhabela foi duradoura e contínua, persistindo ao longo de, pelo menos, 1500 anos. Esse período é marcado pelas datas mais antigas relacionadas à realização dos sepultamentos nos sambaquis Mãe Joana e Abrigo

Furnas, até o período final de formação do sambaqui do Paredão, o mais recente deles datado de 543 cal. A.P. Além do período extenso e contínuo de permanência sambaqueira na região, essas datas revelam ainda que a construção dos sambaquis de Ilhabela perdurou até período muito recente, sendo construídos sambaquis tanto na Ilha da Vitória, representada também pelo sambaqui Abrigo Sul datado de 551 cal. A.P, quanto na dos Búzios, como exemplo do sítio Toca da Paixão datado de 565 cal. A.P.

A identificação de sítios tão recentes relacionados à presença sambaqueira é outro aspecto inédito evidenciado através da presente pesquisa. Os estudos centrados na ocupação sambaqueira do litoral brasileiro, de modo geral, concordavam que a presença desses povos na região costeira não ultrapassou a marca dos mil anos antes do presente, não sendo considerada a possibilidade de que vestígios referentes ao final da era sambaqueira no litoral pudessem atingir datas tão recentes como as que são aqui apresentadas. Nesse sentido, uma das contribuições fornecidas por esta pesquisa está justamente centrada na possibilidade que oferece para um melhor entendimento do período final da presença sambaqueira, ainda muito pouco conhecido no litoral brasileiro como um todo. Esses sítios pequenos, terrosos e discretos que quase não receberam atenção por parte dos pesquisadores guardam importantes informações quanto ao desfecho da história de ocupação das populações sambaqueiras estabelecidas naquele litoral, conforme se verá.

O gráfico acima também revela que a maior parte dos sítios preservados em Ilhabela permaneceu ativa até um período mais recente que mil anos, com especial ocorrência de sítios datados em menos de 750 anos antes do presente. Tal evidência sugere que, possivelmente, a região compreendida atualmente pelo arquipélago de Ilhabela deva ter oferecido condições favoráveis para a permanência das populações construtoras de sambaquis por tempo muito mais extenso do que o atualmente verificado para a presença sambaqueira em demais regiões da costa brasileira (vide Lima 1999/2000).

Tal condição, todavia, ainda carecia de estudo mais aprofundado visando à compreensão dos aspectos existentes nessa região que poderiam ter favorecido e prolongado o estabelecimento dessas populações numa época na qual a maior parte dos pesquisadores considera que estes povos já teriam desaparecido do litoral. Outra questão em que o estudo dos sítios recentes de Ilhabela poderia auxiliar está ligada justamente às razões pela qual essa população sambaqueira está tão bem representada pelos sítios deixados em Ilhabela, região

100% insular e com muito menos áreas estuarinas à disposição do que no continente. Visando auxiliar num melhor entendimento dessa questão, o gráfico abaixo apresenta datas compartimentadas entre as diversas ilhas do arquipélago de Ilhabela.

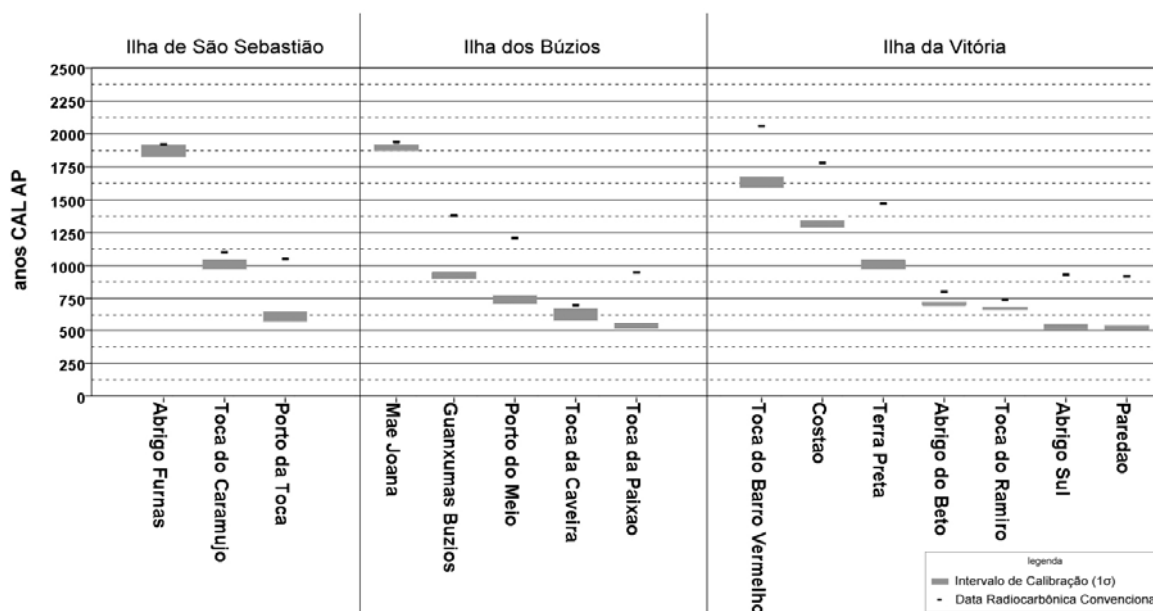


Figura 23 - Gráfico de datas compartimentadas por ilhas.

O gráfico das datas dos sítios de Ilhabela compartimentado pelas ilhas do município aponta que, há quase dois mil anos, ambas as ilhas de São Sebastião e Ilha dos Búzios já eram ocupadas por populações sambaqueiras que realizavam seus rituais fúnebres concomitantemente, cada qual no seu espaço sagrado. Tais eventos são comprovados pela datação de ambos os sepultamentos presentes nesses sítios, representados pelo Abrigo Furnas e sambaqui da Mãe Joana. Tal condição revela que muito possivelmente a chegada dos povos sambaqueiros à região insular de Ilhabela tenha ocorrido algum tempo antes, centrada nas áreas mais propensas ao estabelecimento como as planícies do Perequê e dos Castelhanos, conforme já apontado anteriormente. Essas regiões ofereciam recursos que são valiosos aos povos do litoral, bem como estão mais facilmente acessíveis e devem ter abrigado sítios mais antigos que não se preservaram.

As datações estabelecidas para os sítios de Ilhabela revelam também um célere domínio territorial de toda a região insular, inclusive na porção mais extrema ao leste do arquipélago que só poderia ser conquistada pelo enfrentamento do mar aberto. A Ilha da

Vitória, localizada há mais de 38 km em relação ao continente, foi rapidamente ocupada pelos sambaquieiros, cuja data mais antiga remete há 1682 cal. A.P (relativa ao sambaqui Toca do Barro Vermelho). Uma vez que essa data é referente ao final da construção do sítio, é plausível supor que a ocupação daquela ilha tenha ocorrido significativo tempo antes. Tal evidência revela que o pleno domínio das porções mais distantes daquele litoral em relação à costa foi alcançado pelos povos sambaquieiros há mais de 1500 anos antes do presente e que as datações mais recentes daquela área só reforçam sua importância territorial.

O estabelecimento de datações dos sítios de Ilhabela permitiu verificar também que a ocupação de todas as ilhas do arquipélago ocorre concomitantemente e já é notada a partir de 1600 anos antes do presente, pouco mais, pouco menos. Com os dados disponíveis, contudo, não é possível afirmar por qual ilha deste arquipélago tenha se dado a chegada desses povos. Conforme já abordado no capítulo 1, há que ser aqui considerada a maritimidade intrinsecamente relacionada aos sambaquieiros dessa região, que se espalharam pelas ilhas sem seguir uma ordenação que possa fazer sentido para pessoas acostumadas a transpor ambientes terrestres. Em Ilhabela opera a lei da dispersão marítima e esta, por sua vez, permite uma série de possibilidades de abordagens distintas relacionadas aos ambientes insulares que abarca. Para que fosse possível compreender em pormenores a cronologia relacionada à dinâmica de deslocamento entre essas ilhas seria necessária a realização de datações de todos os sítios das ilhas dos diferentes municípios dessa região, uma vez que a referência de território, ou mesmo o local de partida pode não ter sido o continente.

Essa proposição encontra respaldo na observação das dinâmicas atuais ocorridas entre as comunidades tradicionais caiçaras que vivem nas ilhas da Vitória e dos Búzios. Nessas ilhas algumas famílias têm como referência de centro social e econômico a Ilha de São Sebastião, onde está a sede do município, enquanto que outras se identificam com os centros sociais e econômicos do continente no município de São Sebastião, ou até em Caraguatatuba. Nestes casos, não importa a divisão política estabelecida entre os municípios ou mesmo a menor distância entre as ilhas em relação à sede do município na Ilha de São Sebastião, mas sim a referência de identidade às quais as comunidades se sentem ligadas.

Se por um lado não há como definir por quais caminhos teriam chegado os povos sambaquieiros a atingir as ilhas mais distantes no extremo leste do arquipélago, por outro é possível constatar que o final da era sambaquieira é marcado por vestígios dispersos por todas

as ilhas investigadas. Devido à existência de datas muito recentes para o arquipélago revelando uma permanência mais prolongada nessa região insular, o presente trabalho considera que o final da presença sambaquieira em Ilhabela é representado pelos sítios situados no intervalo de ocupação entre mil e quinhentos anos antes do presente. As datações dos topos dos sambaquis de Ilhabela revelam que os sítios mais recentes referentes a esse período, estão, em sua maioria, situados nas ilhas mais afastadas do continente ou estão na Ilha de São Sebastião, porém inseridos em pontos extremos do território.

Um dos sambaquis mais recentes da Ilha de São Sebastião está localizado no extremo sul do arquipélago, enquanto que outro está situado numa região interiorana na referida ilha. O sítio Porto da Toca datado de 657 cal. A.P está situado em área sujeita a frentes frias que vem do sul, próxima à Ponta do Boi onde o mar é bastante revolto e de difícil transposição, além de ser um ponto tanto distante do continente quanto de outras ilhas ao sul como a Ilha do Montão de Trigo na qual também foram identificados sambaquis (Amenomori 2005). O outro sítio recente que apresenta condições de implantação atípica, é o Toca do Caramujo datado de 1052 cal. A.P que está situado a 467m de altitude em relação ao nível do mar de modo que, para acessá-lo leva-se quatro horas a pé partindo da praia mais próxima (Castelhanos). Esse sítio em abrigo situado quase que no interior da ilha e formado predominantemente por cascas de *megalobulimus* representa o final do período sambaquieiro na Ilha de São Sebastião, tal qual o sítio Porto da Toca.

Os demais sítios recentes do arquipélago de Ilhabela estão estabelecidos nas Ilhas dos Búzios e da Vitória nas quais foram encontrados diversos sítios remanescentes do final da era sambaquieira na região. Há que considerar que a Ilha dos Búzios foi ocupada por uma sesmaria, o que pode ter acarretado na destruição dos sítios mais antigos resultando no intervalo cronológico verificado entre as datações dos sítios Mãe Joana e Guanxumas de Búzios. Todavia, mesmo que os sítios mais antigos da Ilha dos Búzios tenham sido já destruídos, a frequência de sambaquis mais recentes é muito notável, pois, dos cinco sítios datados em Búzios, quatro apresentam datadas mais recentes que mil anos antes do presente. Já a Ilha da Vitória que, até onde se sabe, nunca foi explorada para produção agrícola em larga escala e também está situada nos domínios do Peib, poderia pelas razões acima expressas abrigar um maior volume de sítios antigos. Nessa ilha, porém, dos sete sambaquis

datados, somente dois são mais antigos que mil anos, outro gira em torno de mil anos e quatro são mais recentes que 750 anos A.P.

A distribuição dos sambaquis de Ilhabela parece sugerir que tanto as porções mais distantes e elevadas da Ilha de São Sebastião, quanto às ilhas mais afastadas do continente como as da Vitória e dos Búzios parecem ter configurado locais estratégicos para ocupação, principalmente, a partir de mil anos atrás. Isso não quer dizer que essas ilhas não tenham oferecido atrativos percebidos anteriormente a esse período, fato comprovado pela presença do sambaqui da Mãe Joana, na Ilha dos Búzios, datado de 1927 cal. A.P. e do sítio Toca do Barro Vermelho, na Ilha da Vitória, datado de 1682 cal. A.P. Ainda assim, a marcante presença de sítios mais recentes indica que esses locais foram muito ocupados durante o período final da era sambaqueira na região, compreendido entre mil e quinhentos anos atrás. Durante esse período quatro dos cinco sítios datados da Ilha dos Búzios estavam em atividade, bem como também estavam ativos pelo menos quatro sítios na Ilha da Vitória, todos sendo construídos e utilizados concomitantemente.

3.4 - Distribuição e implantação dos sambaquis em Ilhabela

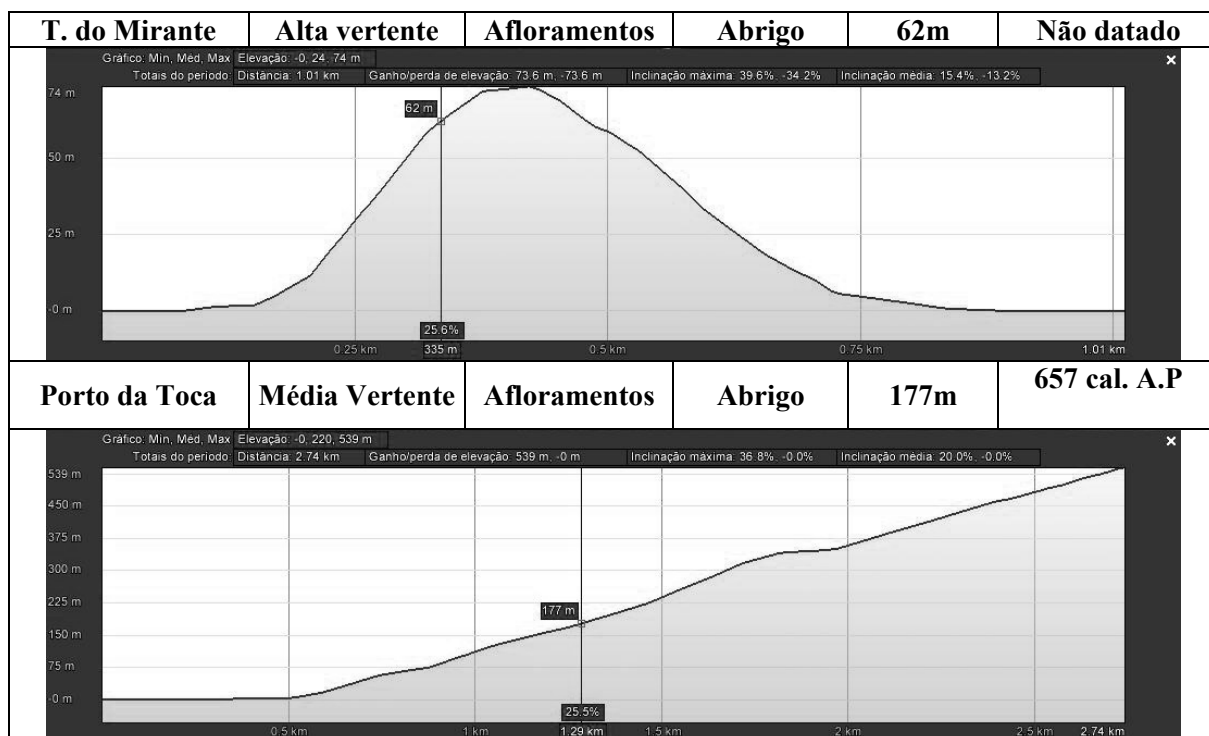
A localização de sambaquis em todas as ilhas do arquipélago de Ilhabela revela que os povos sambaqueiros se dispersaram para além do continente contíguo, chegando até o território insular mais distante do município. O estabelecimento de datações na maior parte dos depósitos permitiu também constatar que essa dispersão se deu há no mínimo dois mil anos para a Ilha de São Sebastião e mais de mil e seiscentos anos atrás até a Ilha da Vitória. Nos momentos finais da presença sambaqueira em Ilhabela, as ilhas menores como a dos Búzios e da Vitória parecem ter sido um atrativo importante, sendo instalados ali diversos sambaquis em áreas de costeiras e associados a abrigos.

Distribuídos pelas três principais ilhas que formam aquele arquipélago estão os sambaquis de Ilhabela, em sua maioria, assentados sobre amplos matacões dos rebordos marinhos. Muito frequentemente esses sítios apresentam-se associados a abrigos e paredões que são facilmente visualizáveis à distância, ainda que seus diminutos tamanhos não lhes confirmem aspecto monticular. Assentados sobre pequenos platôs que despontam em meio às vertentes daquela região montanhosa, alguns sambaquis foram construídos em significativa altitude, o que lhes dificulta o acesso, mas favorece sua visualização à distância,

principalmente a partir de embarcações no mar. Para auxiliar a melhor compreensão da distribuição e forma de implantação dos sítios nessa paisagem insular, as tabelas a seguir mostram as principais características da ocupação sambaqueira em cada ilha alvo de estudos.

Tabela 3 - Perfil de Elevação dos sítios na Ilha de São Sebastião.

Sítio	Implantação/ Sustentação	Associação	Exposição	Altitude	Datação (cal máx. 16)
Abrigo Furnas	Base vertente/ Praia	Afloramentos	Abrigo	12m	1920 cal. A.P
T. do Eustáquio	Base vertente/ Praia	Afloramentos	Abrigo	15m	Não datado
T. do Caramujo	Alta vertente/ Praia	Afloramentos	Abrigo	467m	1052 cal. A.P
Polidor da Figueira	Planície/ Praia	Afloramentos	Céu Aberto	12m	Não datado



A observação dos dados presentes na tabela acima revela que a escolha do local de implantação dos sambaquis na Ilha de São Sebastião parece ter recaído preferencialmente sobre as planícies mais suaves e alongadas, mas também incorpora a utilização de pequenos platôs alocados em vertentes com significativo grau de inclinação. É possível notar também que boa parte dos sambaquis da Ilha de São Sebastião está localizada na baixa vertente, muito próxima ao mar, configuração bastante típica desse tipo de assentamento ao longo da costa brasileira. Os sítios mais elevados até agora localizados nessa ilha estão implantados na região sul (Porto da Toca e Toca do Mirante) e também na porção leste como o sítio Toca do Caramujo. Também se percebe frequente associação entre sambaquis e afloramentos rochosos de grande porte, ou a construção do pacote conchífero dentro de abrigos, esses casos representam cinco das seis ocorrências verificadas na Ilha de São Sebastião, com exceção somente do Polidor da Figueira que ocorre a céu aberto.

A constatação da presença maciça de sambaquis associados a abrigos revela que tal característica é típica da região, predominando em relação aos sítios implantados a céu aberto que só foram localizados nas ilhas mais afastadas como da Vitória e dos Búzios. A falta de sítios a céu aberto preservados na Ilha de São Sebastião não é indicativo de que

tais construções não tenham sido feitas naquela ilha, mas possivelmente têm relação com a destruição dos depósitos maiores e mais acessíveis ocorrida ainda no período colonial, conforme se verá no capítulo 9. Também devido à destruição e a deteriorização dos sambaquis da Ilha de São Sebastião, principalmente em decorrência de seus estabelecimentos em enseadas e costeiras baixias que foram muito ocupadas ao longo de séculos, a datação de muitos deles não pode ser estabelecida. Ainda assim, os sítios que ofereceram materiais passíveis de análises confiáveis revelam que a associação de sambaquis com abrigos naquela ilha remonta pelo menos 1920 cal. A.P, data da formação do sambaqui Abrigo Furnas, localizado no norte da Ilha de São Sebastião, na face voltada para o continente.

O que se observa em relação ao sítio Abrigo Furnas é que, apesar de situado dentro de um abrigo, esse sambaqui é facilmente percebido por quem aporta na praia em decorrência de sua associação com diversos afloramentos rochosos que lhe conferem mais proeminência do que discrição, tendo em vista que os afloramentos ali presentes podem ser considerados os maiores elementos de destaque da paisagem formando amplos matacões envoltórios ao sítio. Em função dessa associação, o local onde se encontra esse sambaqui pode ser vislumbrado à distância para quem chega do mar ou passa com embarcações ao largo da pequena enseada. Essa constatação permite considerar que a associação desse sítio com abrigos não tenha se dado em decorrência de alguma necessidade de fuga conforme propuseram alguns autores para os sítios da região (Amenomori 2005), tendo em vista que a associação com os matacões justamente lhe referencia a localização e lhe confere destaque.

A observação da forma de implantação dos demais sítios como a Toca do Mirante e o Porto da Toca revelam que essa mesma associação entre sambaquis e abrigos também confere mais destaque a esses sítios em abrigo do que uma suposta proteção. Implantados em nível elevado em meio as vertentes, ambos os sítios podem ser facilmente visualizados à distância, em especial o sítio Toca do Mirante, cujo matacão que lhe oferece uma área abrigada é o mesmo que sobressai da vertente permitindo a fácil identificação do local do assentamento. A observação de que os sítios em abrigo estão providos de maior destaque do que se estivessem a céu aberto, uma vez que seus pacotes comumente rasos e estreitos não lhe conferem volume significativo, permite considerar que a associação dos sítios com

afloramentos, paredões ou abrigos esteja justamente centrada na intenção de conferir destaque em relação à paisagem envoltória.

Outra observação importante é que, ainda que os sambaquis da Ilha de São Sebastião estejam implantados em áreas mais elevadas, eles estão sempre assentados próximos aos locais que permitem embarque e desembarque em costeiras anexas, enseadas pequenas e praias adjacentes, com exceção do sítio Toca do Caramujo alocado no interior da Ilha de São Sebastião. Devido a pouca quantidade de datações já estabelecidas para os sambaquis dessa ilha algumas inferências são ainda frágeis, mas cabe observar que a implantação dos sítios em áreas mais elevadas ocorre após a marca dos mil anos antes do presente aproximadamente. Antes disso, o sítio Furnas localizado no norte da ilha ainda estava inserido em planície praiana. A inserção dos sítios em áreas elevadas a partir de mil A.P, contudo, não altera a clássica associação dos sambaquis com as áreas de domínio para captação de recursos uma vez que, apesar de elevados, a maioria desses sítios mantém-se próximos aos rebordos marinhos e costeiros.

Outro sambaqui da Ilha de São Sebastião, o sítio Toca do Caramujo, destaca-se não somente pela sua elevação, como por seu distanciamento em relação à costa, uma vez que o mesmo se encontra inserido há mais de dois quilômetros de distância em relação à linha costeira, isso sem considerar a dificuldade de transposição dos desníveis topográficos que o separa das planícies marinhas. O distanciamento desse assentamento em relação às áreas de captação de recursos resultou num sítio construído quase que inteiramente de *megalobulimus*, gastrópode terrestre abundante na região na qual o sítio se encontra inserido.

O sítio Toca do Caramujo pode ser considerado exceção e, neste caso, sua implantação em área elevada quase 500 metros e distante mais de dois quilômetros da costa parece estar relacionada à necessidade de fuga ou proteção tendo em vista que a sua forma de implantação o afasta completamente das típicas zonas de domínio sambaqueiras. A interiorização desse assentamento datado de 1052 cal. A.P parece indicar que, por volta de mil anos A.P a ocupação de praias e costeiras da Ilha de São Sebastião, a mais próxima ao continente, parece ter tido alguma limitação ou oferecido novas dificuldades. A discussão a respeito das peculiaridades da implantação e composição do sítio Toca do Caramujo será retomada adiante.

Tabela 4 - Perfil de Elevação dos sítios na Ilha dos Búzios

Sítio	Implantação/ Sustentação	Associação	Exposição	Altitude	Datação (cal máx. 16)
Porto do Meio	Base vertente/ Costeira	Afloramentos	Céu Aberto	15m	781 cal. A.P
A. Guanxumas	Média Vertente	Afloramentos	Abrigo	46m	959 cal. A.P
Mãe Joana	Base Vertente Costeira	Afloramentos	Céu Aberto	19m	1927 cal. A.P
T. Paixão	Base Vertente Costeira	Afloramentos	Abrigo	16m	565 cal. A.P



A tabela acima revela que os sítios localizados na Ilha dos Búzios, assim como ocorre com a maioria dos sítios da Ilha de São Sebastião, também estão diretamente associados às áreas de costeiras e rebordos marinhos. Na Ilha dos Búzios predominam sítios em baixa elevação, inseridos diretamente sobre as costeiras ou implantados na base das vertentes. Tal predominância, porém, deve resultar do fato de que as áreas prospectadas naquela ilha eram todas terras baixas nas quais se encontram as comunidades tradicionais caiçaras, de modo que incursões futuras para o interior da ilha, onde se localizam os picos mais elevados, poderão resultar na localização de assentamentos em altas vertentes.

A forma de implantação dos sítios da Ilha dos Búzios segue a clássica associação dos sambaquis com as áreas de captação de recursos, ou seja, a partir dos sítios é muito fácil acessar costeiras, mesmo partindo dos assentamentos elevados e distantes. A preferência por áreas baixas, porém aproveitando-se de platôs elevados para a construção dos sítios, é uma constante para os sambaquieiros da Ilha dos Búzios desde a formação dos sítios mais antigos (Sambaqui da Mãe Joana 1927 cal. A.P) até os mais recentes (Toca da Paixão 565 cal. A.P). Nessas áreas, os sambaquis foram construídos em elevação suficiente para permitir o não alagamento do sítio e garantir excelente visualização das áreas envoltórias aos assentamentos, mas que também possibilitam o rápido acesso ao mar e às embarcações.

Outro aspecto importante da ocupação da Ilha dos Búzios é a maior densidade de sítios que ocorre no extremo da região da Mãe Joana e Jerobá, onde se aglomeram quase lado a lado os sítios Mãe Joana, Toca da Paixão e Toca da Caveira. Essa região destaca-se por ser uma das mais piscosas de toda a ilha, atraindo até ali diversas embarcações especializadas no turismo pesqueiro, e mesmo barcos de pesca

comerciais. Nesse sentido, a aglomeração de sítios nesse local pode estar relacionada ao pescado de grande porte que ali é encontrado em abundância. A incidência de vários sítios compartilhando uma mesma área também pode ter relação com a abrangência da zona de domínio de um único grupo que poderia ter mudado o local de implantação de seu sambaqui para outra localidade, mas o manteve dentro de sua zona de domínio original; ou ainda pode ter relação com o compartilhamento de domínios por mais de um grupo.

A despeito dessa aglomeração verificada na região da Mãe Joana os sambaquis se espalham por todas as áreas investigadas da Ilha dos Búzios, sendo associados a abrigos ou implantados a céu aberto. Dos cinco sambaquis até então localizados naquela ilha, três deles estão associados a abrigos de forma que, ainda que existam sítios a céu aberto, a predominância de sítios associados aos abrigos verificada na Ilha de São Sebastião também se mantém na Ilha dos Búzios. A constatação de que a associação de sítios relacionados a abrigos é uma constante nas ilhas da região e que supera em quantidade e proporção os sítios implantados a céu aberto, permite considerar que esse tipo de assentamento predominou nessa região insular. Nesse sentido, a identificação de sítios associados a abrigos outrora centrada apenas na região de Furnas, em Ilhabela (Bendazzoli et alli 2009), e Parati (Mendonça de Souza 1977), deixa de se revelar uma característica isolada de alguns assentamentos nessa região e passa a configurar um padrão de assentamento comum e amplamente percebido até nas ilhas ainda mais distantes.

Na Ilha dos Búzios, bem como se verificou para a Ilha de São Sebastião, os sítios associados a abrigos apresentam destaque na paisagem e podem ser facilmente visualizados à distância pela associação com amplos matacões que, às vezes, lhes oferecem também um abrigo. Os afloramentos adjacentes aos sítios ainda lhes servem de suporte, uma vez que os pacotes arqueológicos de todos eles são sustentados por amplos blocos rochosos localizados nos limites dos platôs sobre os quais foram construídos, ou estão diretamente assentados sobre os afloramentos no interior das tocas (ex: Toca da Paixão e Toca da Caveira).

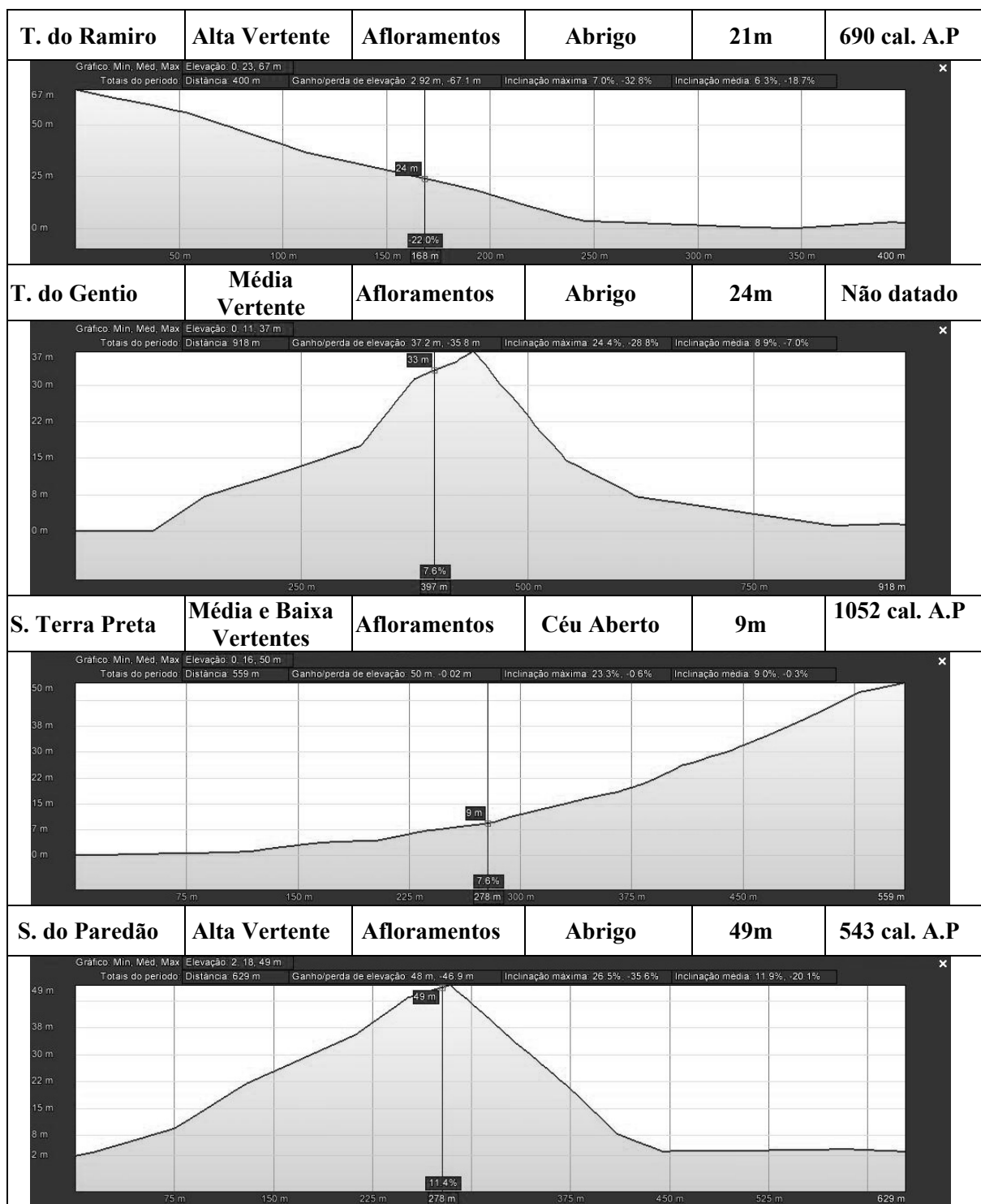
As datações estabelecidas para os sítios da Ilha dos Búzios revelam que a ocupação sambaquieira nessa ilha remonta há pelos menos 1927 cal. A.P com a

formação do sambaqui da Mãe Joana, sendo, portanto concomitante à ocupação do Abrigo Furnas, localizado ao norte da Ilha de São Sebastião. A presença sambaqueira em Búzios perdurou até pelo menos 565 cal. A.P, data do final da construção do sítio Toca da Paixão, o mais tardio daquela ilha, de modo que é possível afirmar que a presença sambaqueira em Búzios se estendeu por quase mil e quinhentos anos. Esse período prolongado que baliza com a presença sambaqueira da face do canal na Ilha de São Sebastião faz cair por terra proposições anteriores de que tal região tenha representado apenas um local de passagem ou uma periferia sambaqueira (Nishida 2001). A constatação de uma ocupação longeva, ainda que representante do final da era sambaqueira no litoral, evidencia o estabelecimento de grupos bem adaptados àquele território compartilhando as áreas de domínio ou disputando-as, inclusive nas ilhas mais distantes.

A grande quantidade de sítios cujo final da construção remete às datações recentes, como o Toca da Caveira datado de 679 cal. A.P e o Toca da Paixão datado de 565 cal. A.P, revela que a ocupação dessa área, ainda que remonte também períodos antigos, esteve significativamente centrada na presença mais marcante de grupos remanescentes do final da era sambaqueira na região. Tal constatação permite considerar que essa ilha tenha oferecido condições para o estabelecimento e a manutenção dessas populações e de seus sítios até períodos mais tardios que antes nem se aventava para a presença sambaqueira no litoral. A falta de datações para boa parte dos sítios da Ilha de São Sebastião não permite tecer paralelos confiáveis que poderiam auxiliar no entendimento do porque os sítios da Ilha dos Búzios são predominantemente mais recentes. Todavia, a observação das formas de implantação e as datações dos sambaquis da Ilha da Vitória - localizada no extremo leste e bem mais distante do que a Ilha dos Búzios - permitiu elucidar melhor essa questão.

Tabela 5 - Perfil de Elevação dos sítios na Ilha da Vitória.

Sítio	Implantação/ Sustentação	Associação	Exposição	Altitude	Datação (cal máx. 1σ)
Costão	Base Vertente Costeira	Afloramentos	Céu Aberto	3m	1349 cal. A.P
<p>Gráfico: Min, Méd, Max Elevação: 0, 60, 145 m Totais do período: Distância: 788 m Ganho/perda de elevação: 144 m, -4,63 m Inclinação máxima: 40,9%, -7,1% Inclinação média: 20,0%, -6,0%</p>					
T. B. Vermelho	Média Vertente	Afloramentos	Abrigo	79m	1682 cal. A.P
<p>Gráfico: Min, Méd, Max Elevação: 0, 59, 125 m Totais do período: Distância: 459 m Ganho/perda de elevação: 125 m, -2,52 m Inclinação máxima: 61,3%, -7,8% Inclinação média: 28,5%, -6,4%</p>					
A.do Beto	Alta Vertente	Afloramentos	Abrigo	19m	730 cal. A.P
<p>Gráfico: Min, Méd, Max Elevação: -0, 7, 21 m Totais do período: Distância: 616 m Ganho/perda de elevação: 26,5 m, -19,1 m Inclinação máxima: 28,7%, -14,8% Inclinação média: 7,1%, -7,6%</p>					
Abrigo Sul	Alta Vertente	Afloramentos	Abrigo	21m	551 cal. A.P
<p>Gráfico: Min, Méd, Max Elevação: -0, 7, 21 m Totais do período: Distância: 616 m Ganho/perda de elevação: 26,5 m, -19,1 m Inclinação máxima: 28,7%, -14,8% Inclinação média: 7,1%, -7,6%</p>					



A formação de sambaquis no arquipélago da Vitória remonta pelo menos 1682 cal. A.P, data estabelecida para o sambaqui Toca do Barro Vermelho, e chegou até 543 cal. A.P data do final da construção do sambaqui do Paredão. A ocupação sambaqueira nessa área, assim como ocorre nas demais ilhas do arquipélago de Ilhabela, pode ser considerada uma

ocupação longa, tendo-se estendido por mais de mil anos. A datação mais antiga é, contudo, mais recente do que as estabelecidas para as demais ilhas do município, de modo que a ocupação do arquipélago da Vitória parece ter acontecido posteriormente à presença sambaqueira na Ilha de São Sebastião e na dos Búzios.

Todavia, mesmo a ocupação sambaqueira em Vitória não pode ser considerada periférica, tendo em vista a grande quantidade de sítios ali presentes e a longevidade de sua ocupação. Há também que considerar a existência de demais sítios que não puderam ser acessados a tempo para o trabalho, o que leva a considerar que a presença sambaqueira naquela área tenha sido intensa e marcante, especialmente intensificada por ocorrer num espaço diminuto com menos de 3 quilômetros quadrados. A grande frequência de sítios tardios também reforça a proposição de que as ilhas mais afastadas tenham oferecido melhores condições para o estabelecimento dos grupos e a manutenção da construção dos sambaquis até um período recente, conforme já observado para a Ilha dos Búzios.

O quadro de distribuição e implantação dos sambaquis da Ilha da Vitória mescla a presença de sítios em baixa altitude, comumente relacionados às vertentes alongadas e menos abruptas, com sítios implantados sobre platôs localizados em elevações maiores de vertentes bastante íngremes. Cabe observar que os sítios mais antigos daquele pequeno arquipélago são os que estão implantados nas vertentes mais suaves, como o sambaqui do Costão datado de 1349 cal. A.P, o Toca do Barro Vermelho 1682 cal. A.P e o sambaqui da Terra Preta 1052 cal. A.P, ainda que ocorram implantados em elevação como a Toca do Barro Vermelho. A elevação desses sítios parece ter relação com a necessidade de adaptação dos sambaqueiros a esse ambiente escarpado, uma vez que são poucas as áreas baixas e com espaço alongado que permitiriam a construção de sambaquis sem o risco de serem atingidos pelas cheias e avanços de marés.

Pelo exposto, é plausível considerar que o início da construção dos sambaquis da Ilha da Vitória deva ter como característica a ocupação primária das áreas já reconhecidamente preferidas por esses povos, ou seja, regiões mais baixas, planas e próximas da costa. A ocupação dessas áreas pelos primeiros grupos deve ter feito com que as novas levadas de sambaqueiros que para lá se dirigiram, ou que grupos resultantes de um possível desmembramento de um grupo maior já estabelecido ali, tenham buscado por novas áreas para o estabelecimento, uma vez que as mais planas e alongadas já estavam ocupadas pelos

sítios mais antigos. Tal forma de assentamento parece ter relação direta com processos adaptativos à geografia daquela região, mas também pode ter relação com a necessidade de imprimir maior destaque ao assentamento, bem como ocorre em relação à associação dos sítios com abrigos rochosos.

A associação de sambaquis com abrigos ou paredões também é uma constante no arquipélago da Vitória e ocorre em todos os sítios com exceção dos sambaquis da Terra Preta e do Costão construídos a céu aberto. Esses dois sítios são também os mais antigos desse pequeno arquipélago, evidência que concorda com o verificado para a Ilha dos Búzios na qual o sítio mais antigo, o sambaqui Porto do Meio, também está implantado a céu aberto. Tal constatação permite inferir que os sítios a céu aberto, de modo geral, são os mais antigos, cabendo às ocupações mais recentes a constante associação com matacões, paredões e abrigos, conforme já proposto por Mendonça de Souza (1977) em relação ao litoral de Parati.

A distribuição dos sambaquis no arquipélago da Vitória também revela um significativo adensamento de sítios na região envoltória à pequena baía de águas rasas e calmas que separa as ilhas da Vitória e dos Pescadores. Essa região se caracteriza pela proteção que oferece às embarcações que ali aportam, garantido um mar de águas calmas por quase todo o tempo, bem como oferece fartos recursos facilmente coletáveis em suas costeiras mais rebaixadas banhadas por água cristalina. A grande densidade de sítios nessa área pode significar uma predileção por áreas abrigadas e com fácil acesso aos recursos, mas também pode ter relação direta com a falta de levantamentos arqueológicos na porção sul e em demais áreas de costeiras mais distantes que não puderam ser acessadas a tempo para este trabalho. A própria localização do sambaqui Toca do Gentio na porção central da Ilha da Vitória, voltado para enseadas mais abertas e mar mais revolto, pode indicar que áreas assim também tenham sido escolhidas pelos sambaquieiros em tempos remotos.

A partir das observações aqui apresentadas está claro que o quadro de ocupação sambaquieira na região de Ilhabela é fortemente marcado pela presença de sambaquis dispersos até as ilhas mais distantes, associados a abrigos e também pela grande frequência de sítios mais tardios. Também está claro que, ainda que esses sítios tenham atingido regiões distantes e ocupado altas vertentes e topos de morros, a grande maioria deles mantém a clássica associação entre sambaquis e áreas de domínio envoltório ou adjacente aos sítios, garantindo a coleta e a pesca de elementos ofertados pelo meio e que foram amplamente

utilizados e adaptados à construção dos sítios, ainda que não lhes resultem em grande volume. A frequente associação de sambaquis com abrigos e a escolha de áreas de implantação elevadas e que envolvem a presença de grandes matacões, garantiram a monumentalidade e o destaque desses locais sagrados em meio à paisagem envoltória.

Ainda que algumas nuances do panorama da ocupação sambaqueira no arquipélago de Ilhabela tenham começado a ser desenhadas, as características intrínsecas a formação desses sítios, contudo, precisavam ser mais bem conhecidas tendo em vista que o único sambaqui escavado na região era o sítio Abrigo Furnas datado de 1920 cal. A.P, portanto, remanescente dos sítios mais antigos já identificados naquele município. Tendo em vista que a escolha do sítio para a escavação e comparação com os dados do sítio Abrigo Furnas estivesse diretamente relacionada à proposta de comparação com outro sambaqui que apresentasse datação, localização e condições de acesso e implantação diametralmente opostas a este sítio, optou-se pela escavação do sambaqui Abrigo Sul. As informações obtidas com a revisitação da documentação do sambaqui Abrigo Furnas e com a escavação do sítio Abrigo Sul são apresentadas a seguir.

4 - AS ESCAVAÇÕES

“Parece que um povo antiqüíssimo do Brasil reuniu no espaço de muitos annos as cascas d’estes crustáceos que comia, para entre elles sepultarem os seus irmãos mortos. Estes eram depositados na posição de uma criança quando ainda se acha no ventre materno; deitando junto ao cadáver todas as suas armas e tudo quanto lhe pertencia, e além d’isso também collocavam alimentos, como grandes peixes assados, pedaços de caça, outras inteiras, etc., para a viagem que tinham de fazer para os Elisios ou campos de delícias” (Rath, 1871).

A identificação, coleta e análise amostral do conteúdo dos sambaquis de Ilhabela e a subsequente datação de todos os sítios que ofereciam material passível de análise cronológica resultou num entendimento inicial do panorama da ocupação sambaqueira naquele arquipélago, colocando por terra a concepção pré-existente de vazio populacional sambaqueiro no litoral norte paulista. O entendimento das nuances mais singulares dessa presença, no entanto, dependia do desenvolvimento de pesquisas intra-sítio de modo que fosse possível compreender os processos que resultaram na formação dos assentamentos, os aspectos de sua composição interna, bem como propiciar a obtenção de amostras para

datação de base, permitindo assim, tecer novos paradigmas sobre essa dinâmica de ocupação em Ilhabela. Outro objetivo da abordagem intra-sítio estava relacionado ao auxílio que esta propicia na definição da identidade da população que construiu os sambaquis dessa região, vez que, no passado esses sítios foram, muitas vezes, relacionados a origens culturais diversas.

Dentre as questões de ordem prática e logística que influenciaram diretamente na escolha dos locais para a realização das escavações considerou-se: a disponibilidade de tempo para a execução e finalização da pesquisa, disponibilidade de recursos, de auxílio em campo e por último, mas significativamente importante, de condições de acesso e permanência nas áreas, muitas das quais dependiam de embarcação a motor e também a remo para acesso às costeiras, além de boas condições climáticas e de navegabilidade que poderiam viabilizar ou impedir completamente o desenvolvimento das ações. Soma-se a isso o fato de que a realização de escavações de certos sítios teve de ser descartada pelo fato dos assentamentos se acharem muito distantes, sem local que servisse de base de apoio, alimentação e pernoite, de modo que seria impossível permanecer nessas áreas o tempo necessário para a realização das intervenções, considerando os prazos e o cronograma desta pesquisa.

Uma vez que a grande quantidade de sítios identificados no arquipélago e a dificuldade de acesso a muitos deles não permitiria a realização de intervenções extensas ou em múltiplos sítios optou-se pela revisitação dos dados provenientes do sambaqui Abrigo Furnas datado de 1920 cal. A.P, conforme explicitado anteriormente. Isso porque a reanálise das informações já obtidas sobre esse sambaqui poderia fornecer subsídios para comparações com os estudos amostrais, coletas e datações feitas na superfície dos demais sítios do município e com as informações a serem obtidas com a escavação de outro assentamento mais recente, sem a necessidade de empreender novas escavações naquele depósito.

Os seguintes aspectos foram considerados na escolha da revisitação das informações sobre o Abrigo Furnas e também na definição do sítio alvo de escavações a ser utilizado como comparação: a localização geográfica no arquipélago, as condições de implantação, a proximidade da água doce, a altitude em relação ao nível do mar, as condições de acessibilidade ao sítio, a datação do assentamento e o grau de preservação.

No que concerne a esse último, foi escolhido um sítio cujos pacotes arqueológicos encontravam-se bem preservados descartando, portanto, a necessidade de realização de estudos coordenados com ações de recuperação de informações, de mitigação de danos ou de tentativa de contextualização de áreas impactadas.

Nesse sentido, a decisão pela revisitação do material do sambaqui Abrigo Furnas foi corroborada pelo fato desse sítio estar localizado no norte da Ilha de São Sebastião, muito próximo à face do Canal de Toque-Toque e em área de fácil acesso para embarcações. Considerou-se também o fato desse sambaqui estar assentado em planície costeira (baixa altitude) em enseada formada por costões e praia de areia com presença de um pequeno mangue e de corpos de água doce e, também, por apresentar excelentes condições de preservação no momento em que foi escavado. Além disso, o sítio representa o período mais recuado de ocupação sambaquieira agora definido para o arquipélago, permitindo estabelecer comparações com um sítio mais recente, relativo ao final da era sambaquieira na região (Bendazzoli et alli 2009).

A revisitação das coleções já obtidas com a escavação desse sítio, contudo, não foi possível devido à negativa de acesso ao material pela instituição de guarda do acervo⁵⁷ e devido ao tempo curto para empreender nova abertura e realizar outras intervenções no depósito. Ainda assim, a utilização das informações provenientes desse sítio foi mantida devido à existência de dados referentes à escavação empreendida em 2007 no relatório encaminhado ao IPHAN e nos registros de campo os quais foi possível acessar. A utilização desse material permitiu rever as informações sobre o sítio e a potencialidade do material produzido em decorrência das escavações sem a necessidade de novas intervenções no pacote arqueológico.

Já o sambaqui escolhido como alvo de escavações foi o sítio Abrigo Sul que apresenta condições de implantação, acessibilidade, acesso aos recursos e datação completamente distintas das verificadas para o sambaqui Abrigo Furnas. O sítio Abrigo Sul está localizado na Ilha da Vitória no extremo noroeste do arquipélago, portanto, na área mais distante da costa aqui investigada. Esse sítio em abrigo está implantado em um

⁵⁷ O material proveniente das escavações do sambaqui Abrigo Furnas estava sobre guarda do Departamento de Arqueologia da Secretaria de Cultura e Turismo do Município de São Sebastião, SP, que condicionou o acesso ao material à prévia autorização do IPHAN. O referido órgão foi contatado, mas não retornou a solicitação dentro do prazo disponível para a realização desta pesquisa.

platô elevado em relação ao nível marinho atual, num local de difícil acesso à costeira onde não há praias de areia ou mangue. No que concerne à cronologia, o sambaqui Abrigo Sul data de 551 cal. A.P, portanto evidencia o final da era sambaqueira na região.

Outro aspecto considerado na escolha do sítio Abrigo Sul está relacionado à sua condição de preservação, tendo sido um dos raros sambaquis que se apresentou pouco impactado. A realização de escavações nesse sítio considerou ainda a proximidade do assentamento da área ocupada pela comunidade tradicional caiçara e a presença de água doce permitindo o estabelecimento dos pesquisadores em campo durante o tempo de realização da intervenção. Essa proximidade em relação ao sítio também permitiu o acesso periódico ao assentamento, sendo possível contar com o auxílio dos moradores da localidade na efetivação dos trabalhos arqueológicos. A descrição das escavações de ambos os sítios e suas características principais é feita a seguir.

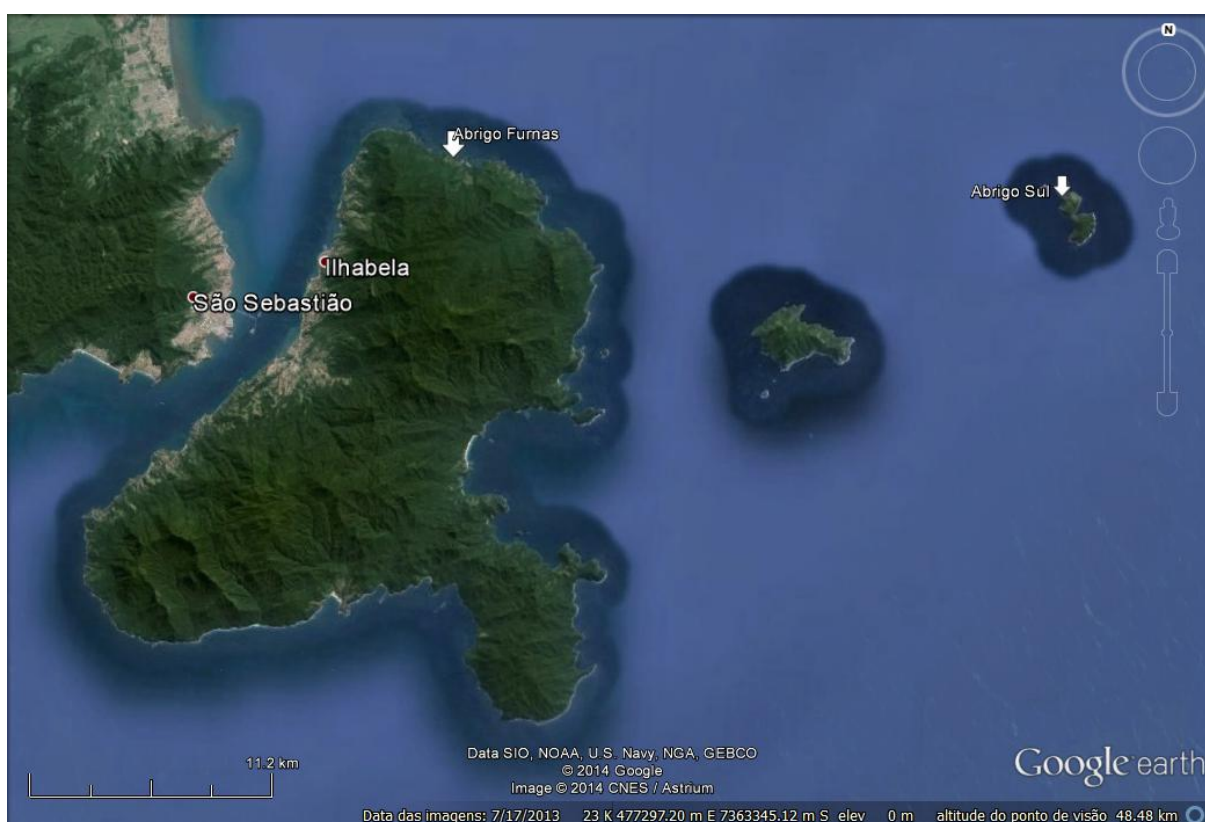


Figura 24 - Mapa com localização dos sambaquis escavados em Ilhabela.

4.1 - O sambaqui Abrigo Furnas

O sítio Abrigo Furnas está localizado ao norte da Ilha de São Sebastião, no Bairro das Furnas, que lhe cede o nome, sob as coordenadas (23K 0469533/7375142). Esse bairro inicia na faixa de marinha, junto à barra do Ribeirão das Furnas cujo leito atinge a cota 100 confrontando com o Parque Estadual de Ilhabela. A propriedade particular na qual se encontra o sítio está localizada na Avenida Perimetral Norte e totaliza uma área aproximada de 58.500,00 m² implantada entre as cotas 2 e 40 metros acima do nível do mar. Essa região é caracterizada pela presença de grande quantidade de tocas e abrigos e de enseadas pequenas e pedregosas, além da significativa declividade de suas vertentes montanhosas.

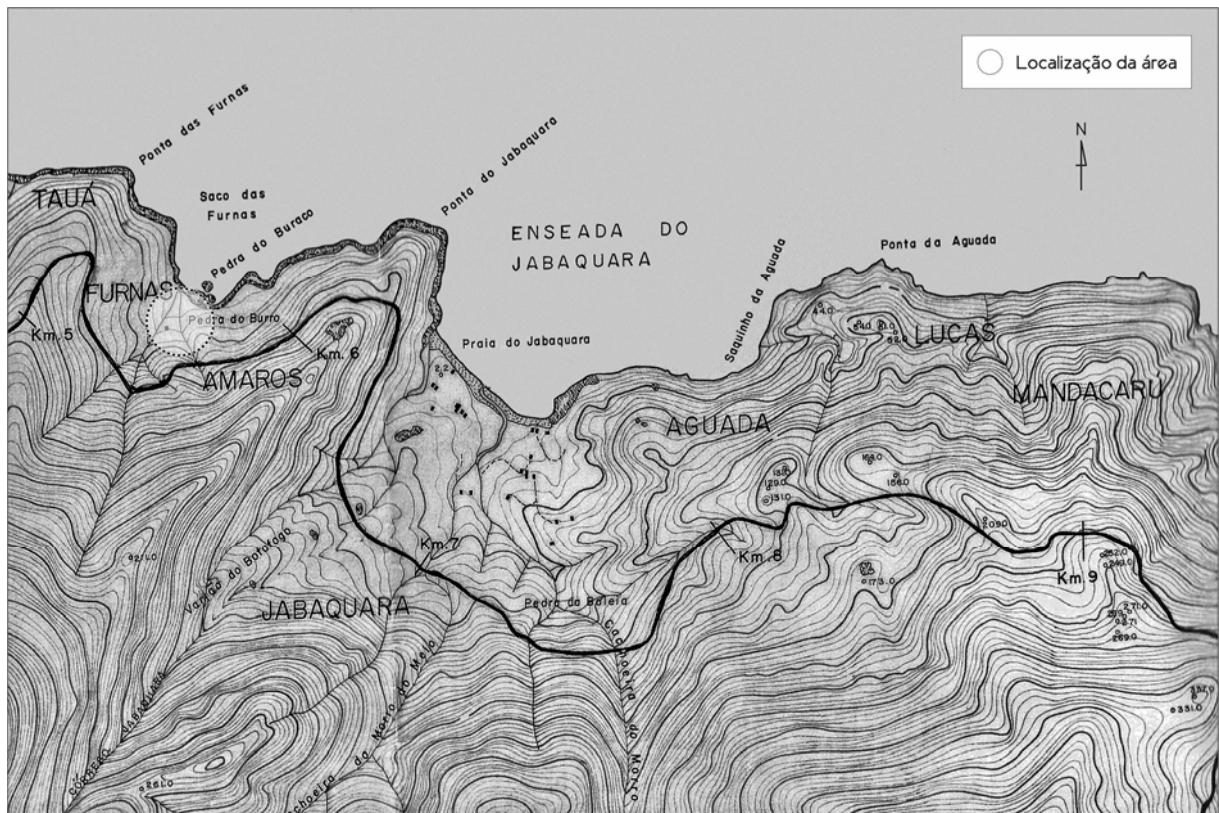


Figura 25 - Mapa de localização da Praia das Furnas.

A vegetação nativa daquela região há muito já não existe mais, tendo sido suprimida ainda no período colonial para cultivo em larga escala. O terreno no qual se encontra o sítio se apresenta atualmente recoberto por gramíneas, arbustos e capoeira, além de algumas árvores frutíferas e é cortado por um pequeno curso d'água doce, o Ribeirão das Furnas, que desce das montanhas e deságua numa pequena praia. Nas porções mais elevadas do terreno foi verificada a presença de

cortes artificiais preexistentes, decorrentes da implantação de infraestrutura na propriedade, tais como: a residência do caseiro e estrada de acesso e alguns restos construtivos em pedra e barro relacionados a outros sítios arqueológicos do período histórico. Cabe ressaltar que essa região abrigou diversos engenhos de cana desde o período colonial, alguns dos quais tiveram suas estruturas aproveitadas e ampliadas no início do século XX para a produção de aguardente.

O nome do sítio pré-colonial localizado na Praia das Furnas, e também o próprio nome da praia, referem-se à presença de grande quantidade de afloramentos que formam pequenas tocas, todas elas apresentando potencial para a ocupação humana, com exceção das que se encontram atualmente submersas ou semi-submersas. Relatos de moradores locais apontam a existência de grande quantidade de conchas e ossos humanos localizados em tocas submersas que, contudo, não puderam ser investigadas, pois tais intervenções necessitam de uma abordagem subaquática não contemplada por este projeto.



Figuras 26 - Imagem aérea da área do Sítio Abrigo Furnas.

O Abrigo Furnas, por sua vez, é formado pela sobreposição de matacões apresentando duas aberturas, uma voltada ao mar e outra para um pequeno mangue localizado muito próximo à atual linha de costa, à distância de aproximadamente 15 metros da preamar dependendo da oscilação do nível marinho. A porção externa à abertura do abrigo, voltada para a praia, constituiu-se em área bastante plana e é circundada por grandes afloramentos rochosos, resultando num local relativamente protegido. Apesar da proximidade da linha de costa, a área interna do abrigo é relativamente seca e apresenta dimensões bastante modestas, com comprimento de 10 metros entre uma abertura e outra e largura e altura máximas de 2,5m e 2,2m respectivamente.

O sítio Abrigo Furnas foi identificado no ano de 2004⁵⁸ quando se constatou a existência de artefatos cerâmicos e líticos ocorrendo em superfície. Estudado a pedido do Ministério Público entre 2006 e 2007⁵⁹, e nessas ocasiões foram realizadas intervenções e análises prévias no material ali encontrado⁶⁰. Inicialmente os trabalhos efetuados no local estiveram centrados na realização de um levantamento sistemático de superfície levado a cabo a partir do caminhamento extensivo por todo o terreno para verificação de vestígios possivelmente dispersos, além da observação de perfis e cortes que pudessem expor o conteúdo arqueológico e subsidiar a metodologia a ser empregada nas abordagens interventivas. A integridade verificada no sítio, contudo, não permitia a verificação de seu conteúdo sem a necessidade de intervenções em sub-superfície, de modo que os vestígios encontrados dispersos no terreno serviram como norteadores das áreas que deveriam ser limpas e investigadas em maior detalhe. Finda esta etapa, teve início a fase de prospecções em sub-superfície, desenvolvida a partir da abertura de poços-testes nas porções potencialmente mais favoráveis à presença de vestígios arqueológicos preservados (Bornal 2007).

A abertura dos poços-testes objetivou o entendimento da dispersão e profundidade da ocorrência de material arqueológico, a consequente delimitação do sítio e a verificação da estratigrafia, além da recuperação do conteúdo amostral para análise. Como as prospecções iniciais realizadas nessa área revelaram a existência de fragmentos cerâmicos dispersos em sub-superfície tanto na área interna do abrigo, como em sua porção frontal, foram feitas novas abordagens, dessa vez, pouco mais amplas através da abertura de sondagens (Bornal 2007).

⁵⁸ Sítio identificado sob a sigla IB-SP-03.

⁵⁹ Projeto de autoria, responsabilidade e coordenação do arqueólogo Wagner Gomes Bornal em atendimento à determinação do Ministério Público, Peça de Informação 01/2004.

⁶⁰ Esta autora atuou como arqueóloga de campo da etapa de salvamento ocorrida em 2007 no sambaqui Abrigo Furnas.

As sondagens foram escavadas manualmente e orientadas com base nos pontos cardeais procurando cobrir toda a área de ocorrência dos vestígios dentro e fora do abrigo, bem como objetivaram a verificação da existência de áreas com concentração de artefatos, estruturas e da estratigrafia preservada. Os locais escolhidos para a abertura de sondagens foram os mais amplos e secos, cuja dimensão e altura permitiriam que, no passado, houvesse uma ocupação mais intensa e a circulação de maior número de pessoas. Possuindo dimensões de 1,0m x 1,0m, as seis sondagens abertas no sítio foram feitas com pequeno distanciamento tanto na área interna como externa do Abrigo Furnas, não excedendo 3 metros entre uma e outra. A escavação foi realizada a partir do estabelecimento de níveis artificiais de 10 em 10 cm, sendo os vestígios coletados separadamente em cada sondagem e nível, identificados nas etiquetas dos sacos de coleta. O sedimento proveniente das sondagens foi todo peneirado em malha média e, na camada sambaquieira, foi feita coleta amostral do pacote arqueológico para estudos laboratoriais e comparações com outros sítios. Todas as unidades escavadas foram plotadas a partir da utilização de um GPS e o material recuperado foi encaminhado para processamento laboratorial na instituição de guarda.

A estratigrafia evidenciada através da abertura das sondagens revelou a existência de um sítio arqueológico pré-histórico de natureza bicomponencial, formado por um pequeno sambaqui sobreposto por uma camada arqueológica contendo vestígios cerâmicos e líticos. Essas camadas evidenciavam a presença de duas ocupações indígenas sobrepostas, uma ceramista e outra, mais profunda, de origem sambaquieira. Outra ocupação, porém recente, foi verificada no pacote superficial da área interna do abrigo, formado por uma camada arenosa clara sobre a qual estavam depositados muitos blocos de pedra. Nele foram encontrados vestígios como vidro, metal, faiança, plástico e linha de pesca, todos deixados por pescadores da região.

A camada proveniente da ocupação ceramista caracterizava-se por um estrato pouco espesso com 10 cm em média, mas que chegou a atingir os 30 cm na porção frontal e externa do abrigo. Os vestígios arqueológicos estavam envolvidos em sedimento arenoso marrom escuro localizado logo abaixo da camada superficial mais recente. Nesse pacote foi encontrada significativa quantidade de fragmentos cerâmicos como bases, paredes e bordas não decoradas e artefatos polidos, vestígios que também se estendem para a área externa do abrigo onde as intervenções revelaram maior concentração de artefatos na sondagem quatro, localizada próxima à entrada.

Sítio Abrigo Furnas
(croqui de sondagens)

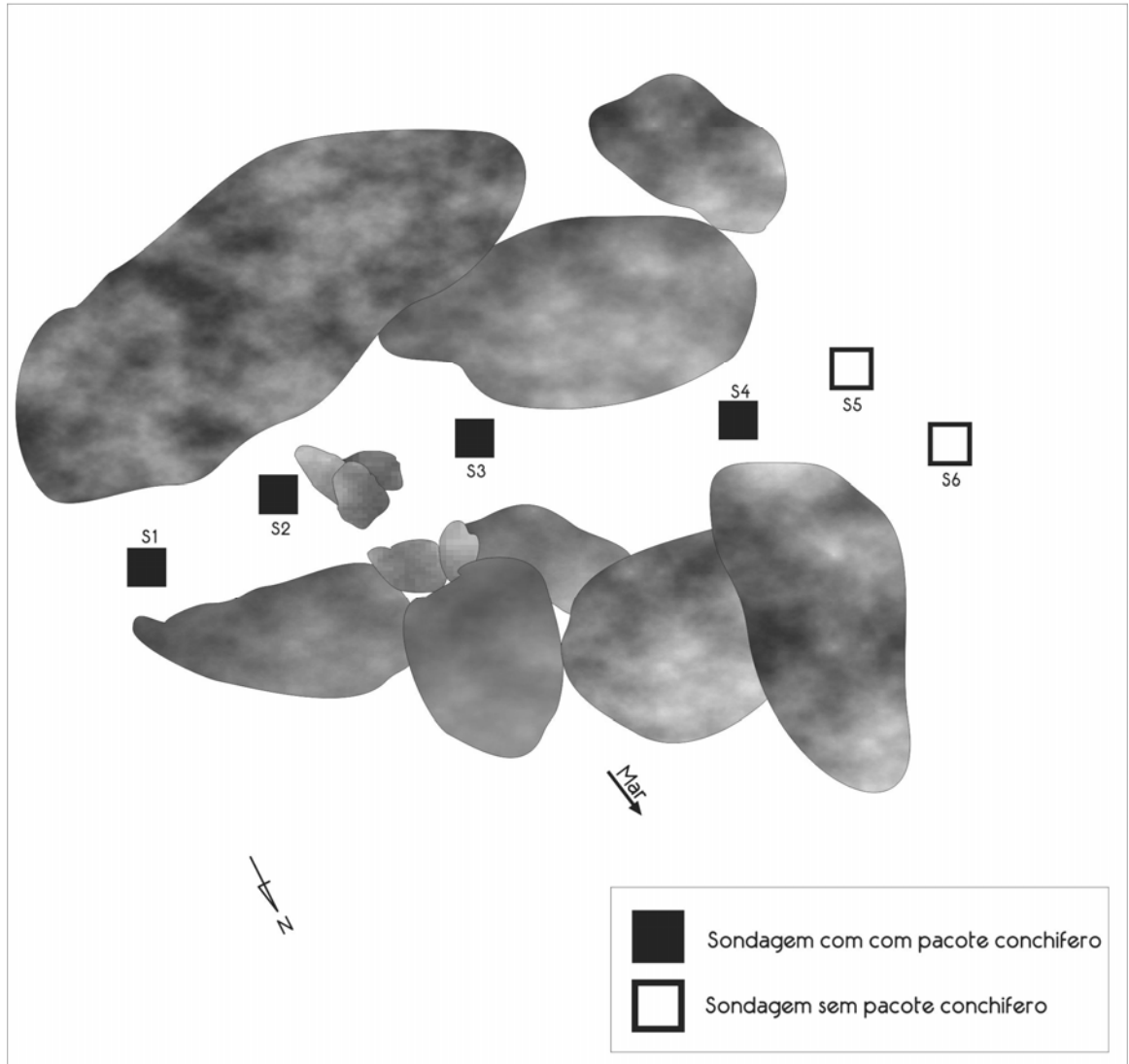


Figura 27 - Planta das sondagens no sítio Abrigo Furnas.

Dentro da área coberta as escavações revelaram a existência de um terceiro pacote assentado sobre a base rochosa, trata-se de uma camada conchífera que se estende por todo o interior do abrigo, mas está limitada a ele. Esse estrato apresenta elementos condizentes com os existentes nos demais sambaquis dessa macrorregião, ou seja, é formado por grande quantidade de conchas, fauna miúda, alguns carvões esparsos e bastante matéria orgânica que lhe confere uma coloração enegrecida. O pacote conchífero possui em média 10 a 20 cm na maior parte de

sua extensão, porém, próxima à entrada do abrigo, a camada chegava à profundidade de 50 cm. Ainda assim, de modo geral, esse sambaqui é pouco espesso, superficial e apresenta profundidades variáveis que acompanham o contorno dos afloramentos rochosos que lhe servem de base.

No estrato conchífero não foram encontradas estruturas de combustão, carvões, artefatos ou evidências de ocupação por longos períodos, apenas grande quantidade de vestígios malacológicos e faunísticos. Cabe destacar que alguns fragmentos de potes provenientes da camada superior (ceramista) foram encontrados praticamente interpenetrando o início da camada conchífera, possivelmente, como resultado de processos pós-deposicionais. À época foram coletadas amostras sedimentares de cada pacote arqueológico para análises e estudos futuros, amostras de fauna e também da cerâmica que poderiam ser revisitadas na tentativa de se extrair novas informações e comparar os dados com aqueles coletados nos demais sítios investigados⁶¹.

A despeito da falta de artefatos presentes na camada conchífera, as escavações realizadas na extremidade oeste do abrigo revelaram a existência de um enterramento humano inteiramente inserido no contexto dessa camada. Os remanescentes ósseos de um indivíduo adulto estavam sepultados envoltos em grande quantidade de moluscos, fauna miúda e blocos de pedra de tamanhos variados em uma fenda existente entre duas grandes rochas na base da camada de conchas.

Trata-se de um sepultamento primário simples, realizado em um vão estreito e desnivelado, de modo que o crânio ficou bem mais próximo à superfície que o restante do corpo. O crânio do indivíduo estava a uma profundidade de 35 cm e correspondia a parte mais rasa do sepultamento, enquanto que a base da cova atingia 65 cm, ambas em relação ao nível atual do terreno. A largura da fenda também variou, passando de 20 cm na área mais estreita e alta onde estava localizado o crânio, para um máximo de 50 cm na parte mais funda do enterramento onde se encontravam os membros inferiores. Devido à dificuldade de acesso aos membros assentados na parte profunda da fenda entre os blocos rochosos, a evidenciação e desmontagem as unidades ósseas presentes na parte superior foram realizadas primeiro, de modo que os remanescentes mais inacessíveis pudessem ser retirados.

⁶¹ As informações presentes no material consultado não informam o tipo de conchas e fauna existente em meio ao sedimento do sambaqui, limitando-se a informar que as conchas são, em sua maioria, elementos que podem ser encontrados no mangue próximo ao sítio. Quanto à fauna, informa predominar ossos de peixe cujas espécies não foram identificadas. Como não foi possível acessar o material, tais informações não puderam ser confirmadas.

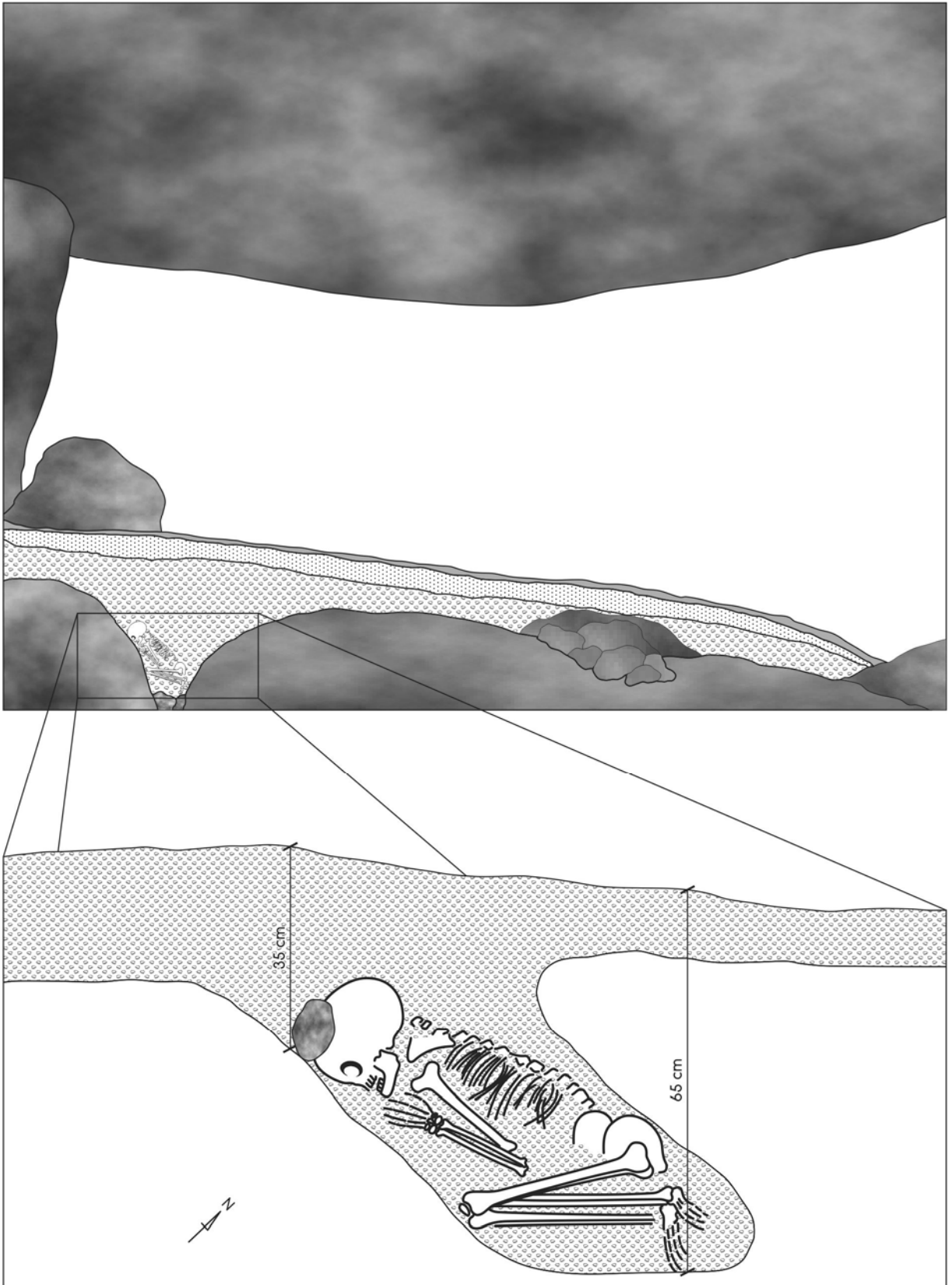


Figura 28 - Perfil esquemático da estratigrafia do Abrigo Furnas com detalhe do sepultamento.

O indivíduo encontrado ali estava sepultado em decúbito lateral direito, com membros fletidos e acomodados no estreito vão, aspectos que não diferem da maioria dos sepultamentos presentes nos sambaquis “clássicos”. Verificou-se a existência de diversos blocos rochosos sobre o corpo aparentemente sem qualquer arranjo intencional que parecem ter se deslocado em decorrência de processos pós-deposicionais e erosivos ocorridos dentro do abrigo. Destaca-se, porém, a presença de um seixo arredondado com coloração avermelhada apoiado sobre o crânio como único acompanhamento funerário que tenha se preservado. O arranjo do sepultamento e a maneira como esse seixo - bastante distinto dos demais - estava apoiado sobre a cabeça do indivíduo, sugere que tenha sido depositado de maneira intencional.

O esqueleto foi, à época, levado ao laboratório para procedimentos de higienização e reconstituição das unidades ósseas, que apesar de bastante fragmentadas, ajudaram na obtenção de informações a respeito do indivíduo sepultado. Os dados bioantropológicos obtidos a partir da análise do material ósseo desse sepultamento já foram publicados de modo que não serão aqui retomados (Bendazzoli et alli 2009 e Palinkas et alli 2011). Quanto às análises de isótopos estáveis, essas também foram estabelecidas para o indivíduo em questão e permitem comparações com as taxas obtidas dos demais sepultamentos encontrados nos sítios de Ilhabela, discussão que será apresentada no capítulo 5.

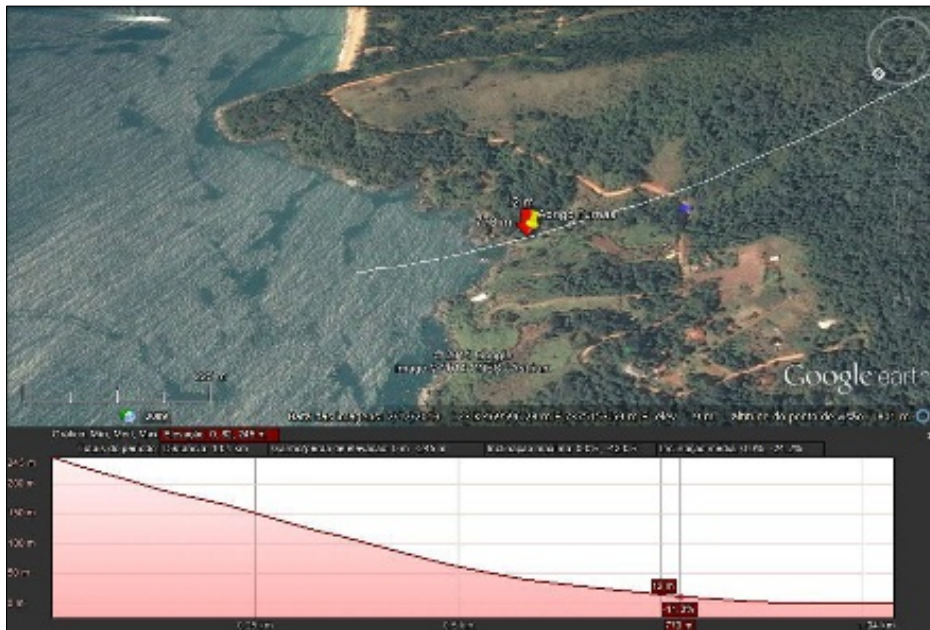
Além do material esquelético recuperado, outros vestígios também foram obtidos com as escavações no Abrigo Furnas, a saber: a cerâmica que representa 80% do material coletado e o lítico que soma 3%, sendo o restante formado por elementos recentes presentes na camada superficial do assentamento (Bornal 2007:74). O material cerâmico totalizou 126 fragmentos dos quais, em geral, predominam exemplares de 3 cm de dimensão com paredes finas. Todos os vestígios foram confeccionados a partir da técnica de acordelamento, apresentando queima incompleta e antiplástico mineral composto por grãos de quartzo com dimensão considerável. Em nenhum dos fragmentos analisados foi possível perceber a existência de tratamento dado à superfície, de modo que a coleção apresenta, em sua totalidade, fragmentos simples sem qualquer tipo de decoração plástica (ibidem: 75).

Na ocasião, foi feita a reconstituição formal de uma das bordas, bem como separada uma amostra da cerâmica que resultou na data estabelecida para a ocupação ceramista naquele sítio e já apresentada no capítulo 3. De todos os vestígios recuperados, apenas uma única borda possibilitou a reconstituição gráfica do utensílio, que constitui parte de um pequeno recipiente cuja ilustração não nos foi possível acessar. Além do material cerâmico, foram escavados cinco artefatos líticos, sendo três seixos em quartzo, um batedor e um quebra-coquinho (ibidem: 76).

A observação da estratigrafia, do material arqueológico e dos demais componentes desse sítio revelaram a existência de um sambaqui sobreposto por uma camada de ocupação ceramista. Apesar da pequena dimensão e profundidade exibidas pelo sambaqui (com espessura máxima de 20 cm, excetuando-se a área da fenda onde estava o sepultamento), a estratigrafia simples revela um acúmulo intencional de conchas e de vestígios faunísticos restritos à área do abrigo. Os vestígios encontrados indicam tratar de um local voltado à realização de atividades ritualísticas de cunho funerário e a ausência de evidências de atividades domésticas na camada conchífera, verificada durante as escavações, parece corroborar essa hipótese. Cabe destacar ainda que algumas características encontradas nesse sepultamento se assemelham às práticas funerárias verificadas em demais sítios da região, como o enterramento do morto em posição fletida e a colocação intencional de um seixo sobre o crânio (Silva 2005, Uchôa 1973, Tenório 2003).

O pacote cerâmico, por sua vez, está relacionado à posterior utilização do abrigo como local de permanência temporária por um reduzido grupo, pois a pequena dimensão do abrigo não permite o estabelecimento de muitos indivíduos ao mesmo tempo. A localização de vestígios cerâmicos na área externa ao abrigo sugere a realização de atividades pontuais sobre o sítio que se estenderam para a porção externa ao abrigo, também, muito bem protegida por grandes matacões envoltórios. O estudo dos vestígios cerâmicos encontrados sobre os demais sambaquis localizados em Ilhabela, somado as informações já obtidas com o estudo do sítio Abrigo Furnas, permitirá revelar aspectos ainda pouco conhecidos sobre a presença ceramista em Ilhabela e também sobre a relação existente entre os sambaquis e os vestígios cerâmicos encontrados em suas superfícies.

Prancha 27

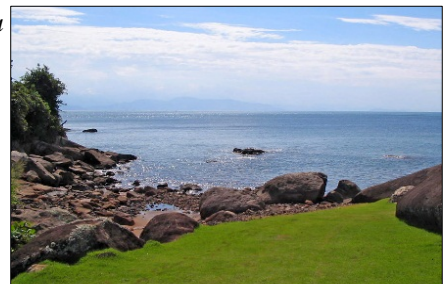


1. Abrigo Furnas com perfil de elevação.
Foto: Bendazzoli, C.



3. Escavação do sepultamento na entrada do abrigo.
Foto: Bendazzoli, C.

2. Enseada pedregosa de Furnas.
Foto: Bendazzoli, C.



4. Fundo da cova onde estava o esqueleto.
Foto: Bendazzoli, C.



5. Pequena espessura da camada conchífera.
Foto: Bendazzoli, C.

6. Sondagens na área externa do abrigo protegida por matacões.
Foto: Bendazzoli, C.



Prancha 28



1. Sepultamento do Abrigo Furnas reconstituído.
Foto: Bendazzoli, C.



5. Exemplo de vestígios malacológicos e faunísticos presentes no sambaqui.
Foto: Bendazzoli, C.



7. Pequeno machadinho achado em Furnas.
Foto: Bendazzoli, C.

2. Dentes com desgaste acentuado.
Foto: Bendazzoli, C.



3. Fragmento de mandíbula do indivíduo sepultado.
Foto: Bendazzoli, C.



4. Processo infeccioso em osso longo.
Foto: Bendazzoli, C.



6. Fragmento de cerâmica oriundo do contexto de ocupação ceramista sobre o sambaqui.
Foto: Bendazzoli, C.



8. Quebra coquinho fragmentado encontrado no Abrigo Furnas.
Foto: Bendazzoli, C.



4.2 - O sambaqui Abrigo Sul

Informações sobre a Ilha da Vitória e sobre o local de implantação do sítio Abrigo Sul, suas condições de acessibilidade, de proximidade da água doce, dos recursos que disponíveis na região, entre outros aspectos inerentes a caracterização da paisagem envoltória ao sambaqui Abrigo Sul já foram apresentadas nos capítulos 1 e 3, de modo que não serão aqui repetidas. Importante, porém, é relembrar alguns aspectos relevantes da paisagem na qual este sítio se insere. A Ilha da Vitória não é área protegida dos ventos e intempéries marinhas, pelo contrário, está exposta a todo tipo de mudanças de correntes, ventos e alterações climáticas. Todavia, apesar de distante e exposta, sua ocupação permite acompanhar as dinâmicas de navegação ocorridas na região, bem como explorar uma área farta em recursos que em seus contornos e relevos abruptos abriga excelente potencial para pesca e coleta de espécies marinhas. Além disso, seu posicionamento no extremo leste do arquipélago de Ilhabela torna a Ilha da Vitória estratégico ponto de parada para os navegantes como os que rumam para a região insular do município de Caraguatatuba e para as ilhas de Ubatuba, como a do Mar Virado.

O sambaqui Abrigo Sul foi construído sobre um platô levemente sombreado pela presença de um paredão de mais de cinco metros de altura. Esse paredão apóia-se sobre outros grandes afloramentos formando um pequeno abrigo com muitos matacões em seu interior. Esse abrigo, porém, é pouco efetivo, sendo possível perceber que sua parte interna é facilmente umedecida pelas águas de chuva que descem vertentes abaixo, bem como oferece pouca proteção contra intempéries. Toda a área envoltória a esse sítio é rodeada por afloramentos destacados, muitos dos quais formam diversas tocas, a maioria, contudo, não oferece abrigo eficiente como é o caso dos sítios Toca do Ramiro e Abrigo do Beto que distam poucos metros desse assentamento. Uma observação inicial revela que o sambaqui Abrigo Sul possui pacote raso com bastante matéria orgânica e cerâmica em sua superfície que foi levemente impactada pela presença de raízes de ubá e em decorrência da lixiviação.

Por já ter sido alvo de visitação recente para a coleta da amostragem de sedimento do topo para datação e análise composicional, o sítio apresentava-se relativamente bem limpo e exposto, facilitando a visualização e a escolha do local para a intervenção em sub-superfície. Essa escolha, por sua vez, levou em consideração algumas características do

espaço, a saber: a incidência de luz solar e de umidade, a eficiência do abrigo na proteção contra intempéries, o local mais cômodo e apto ao estabelecimento prolongado e a possibilidade de visualização do entorno. Todos esses aspectos foram avaliados, considerando-se que, possivelmente, a população sambaquieira que ali esteve dava preferência à ocupação de locais mais secos, protegidos, iluminados, ventilados e planos, portanto cômodos ao estabelecimento prolongado e ao descanso. Bem como deveriam também considerar as condições de visualização da aproximação de outros indivíduos e as condições a esta atreladas, como as de defesa e fuga.

Considerando o exposto, optou-se pela abertura de uma sondagem do lado externo à área abrigada, correspondente a uma porção periférica já mais próxima do limite do assentamento. A área definida para intervenção está inserida na frente do paredão maior, um local não protegido das chuvas, porém bem abrigado do sol e dos ventos que sopram do sul. Além disso, é bastante plana, iluminada e ventilada, além de permitir ampla visualização do mar e das áreas costeiras envoltórias ao sítio.

Uma vez determinada à área a ser investigada, foi dado início a abertura de uma sondagem de 1,0m X 1,0m escavada em níveis artificiais de 10 cm em 10 cm. A descrição de cada camada foi feita separadamente e os desenhos dos perfis estratigráficos elaborados em folhas de papel milimetrado. Cada camada distinta identificada durante a escavação recebeu numeração própria em campo sendo, nesse momento, diferenciadas as camadas, os bolsões e lâminas, permitindo assim a comparação entre a documentação obtida com demais descrições da estratigrafia dos sítios existentes nessa macrorregião.

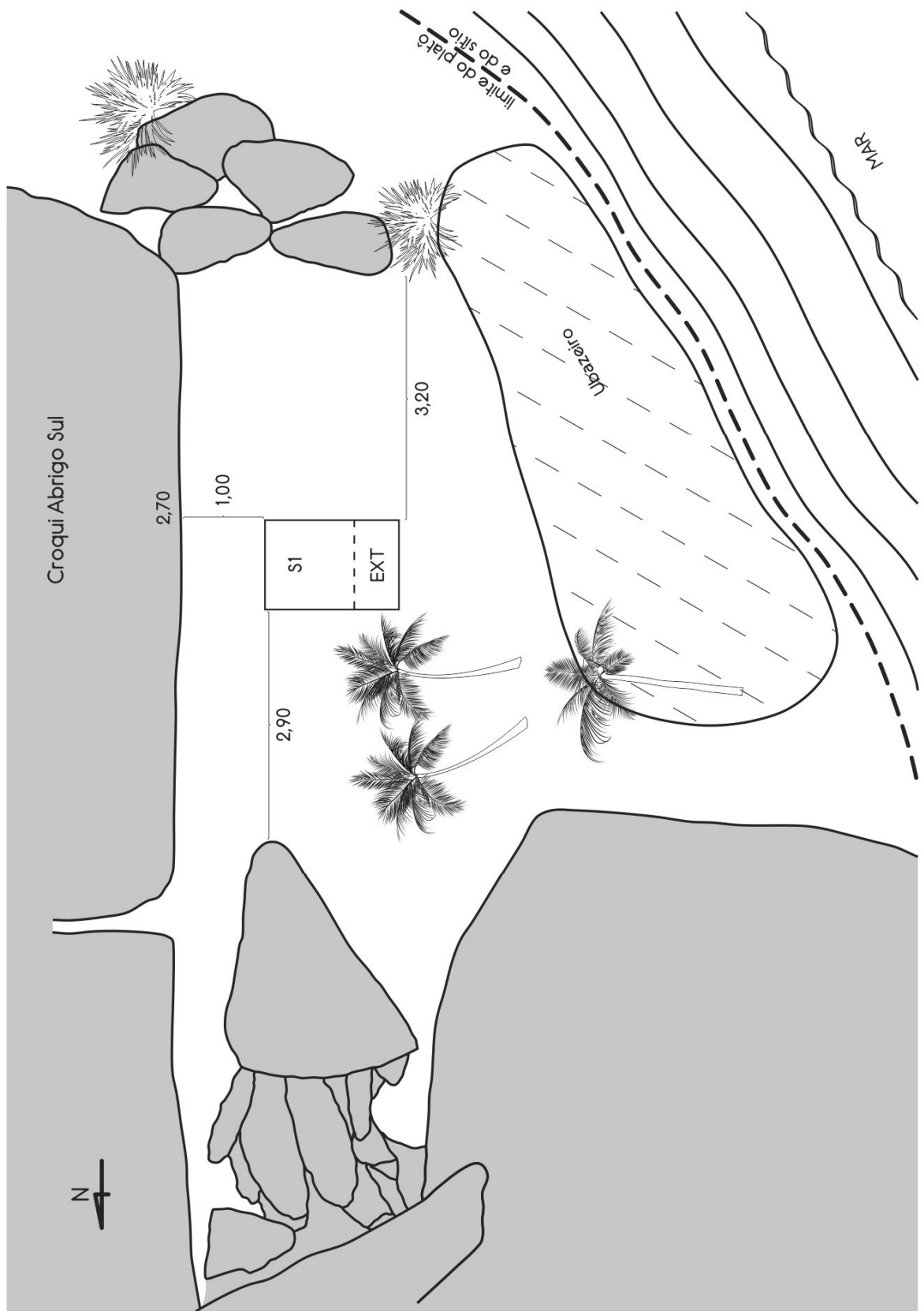


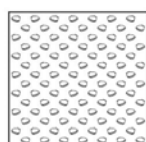
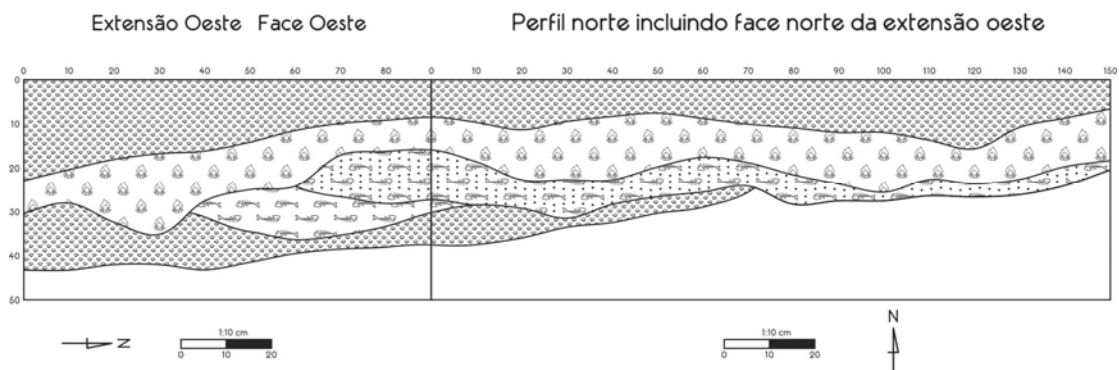
Figura 29 - Croqui da escavação do sítio Abrigo Sul.

O desenho do perfil foi acompanhado do preenchimento de uma ficha de descrição estratigráfica especialmente preparada para tal fim, na qual eram minuciosamente elencados os componentes e sua predominância em cada camada tais quais: o tipo sedimento, compactação, existência de perturbações ou processos pós-deposicionais, além da presença de conchas, restos de fauna, carvões e cinzas. Nessa ficha também era registrada a espessura, morfologia, coloração dos estratos, assim como a ocorrência de lâminas e estruturas. A partir da observação do perfil, foram feitas coletas de amostras de diferentes camadas estratigráficas para análises de composição e também foram coletadas amostras de carvão da base do sítio para a realização de datações radiocarbônicas, abordagem que permite estabelecer o início de sua formação e o tempo transcorrido até seu abandono há 551 cal. A.P.

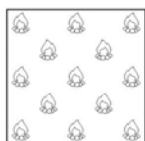
A escavação da sondagem, ainda que realizada por níveis artificiais, acompanhou a observação das camadas naturais que pouco a pouco surgiam no perfil que se formava. Essa observação revelou que o pacote arqueológico se avoluma em direção a porção central do sítio alocada no limite do platô e assentada sobre grandes matacões que lhe dão suporte de modo que, para além desses matacões já se percebe o escorregamento de material arqueológico vertente abaixo em decorrência da lixiviação. A escavação do pacote arqueológico revelou que, de modo geral, as camadas desse sítio caracterizam-se por estratos mais espessos e soltos. Verificou-se também a presença de uma única lâmina e também de bolsões que possuíam composição diferenciada das camadas e se restringiam a determinadas áreas do perfil, aparentando relação com eventos específicos, diferenciados daqueles que originaram as camadas.

Conforme se verifica na figura a seguir, a camada mais superficial do sítio, denominada Camada A é formada predominantemente por grande quantidade de *craca* envoltas em material faunístico e sedimento bastante solto e pouco compactado. Não foram encontrados artefatos dispersos nessa camada, ou qualquer evidência de atividade cotidiana. Essa observação, somada ao fato da camada A apresentar sedimento bastante fofo e solto, sem indícios de pisoteamento, sugere que sua construção tenha relação com a intenção de se adicionar volume ao sítio, prática já evidenciada em sambaquis de outras regiões do país (Bendazzoli-Simões 2007).

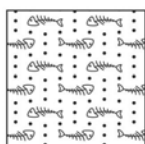
Perfil Estratigráfico do Sambaqui Abrigo Sul Sondagem 1



CAMADA A – Camada superficial com coloração escura acinzentada bastante arenosa com intervenções de pequenas raízes e de animais (especialmente a formiga). Predomina a concha (craca) em abundância e pequenos ossos de peixes esparsos. O sedimento é bastante fofo e solto não indicando pisoteamento no local. (Camada de Preenchimento).



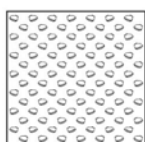
CAMADA B – Ampla fogueira com coloração cinza claro com presença de concreções isoladas e carvões esparsos. Levemente mais compactada que a camada A, é também bastante arenosa com maior incidência de ossos de peixes. (Fogueira)



CAMADA C – Camada arenosa levemente compactada de coloração marrom claro com presença de conchas e muitos ossos de peixes, além de fragmentos de carvões esparsos. Essa camada está localizada logo abaixo da fogueira na qual foi encontrado o sepultamento da falange e acompanhamentos funerários. (Camada de ossos de peixes)



CAMADA D – Bolsão com grande concentração de ossos de peixes e carvões aparentemente relacionado ao sepultamento ali localizado. O sedimento que envolve os vestígios abundantes de fauna deste bolsão é bem escuro devido à grande concentração de matéria orgânica. (Bolsão de fauna associado ao sepultamento).



CAMADA E – Camada composta por sedimento marrom avermelhado, arenosa, solta e fofo, contendo grande quantidade de conchas. Essa camada forma a base do sítio, de modo que foi utilizada para coleta de amostras visando à datação do início da construção do assentamento. Entre essa camada e o pacote arqueologicamente estéril foi verificada a presença de carvões esparsos indicando, possivelmente a realização de queimada preparatória da área antes da formação do sítio. (Camada de Preenchimento)



CAMADA F – Camada formada por sedimento marrom alaranjado com fragmentos de rochas semi-decompostas e levemente queimadas, configurando um estrato muito compactado. Trata-se do solo original que parece ter recebido queimada intencional visando à limpeza do terreno para a construção do assentamento. (Camada arqueologicamente estéril).

Figura 30 - Perfil estratigráfico da sondagem no Abrigo Sul.

A continuidade da escavação revelou que a camada A sobrepõe uma espessa fogueira formada por grande quantidade de cinzas esbranquiçadas salpicadas por carvões esparsos espalhados por toda a superfície da sondagem. A parte central da fogueira, no entanto, se estendia para além da área escavada sendo possível visualizá-la no perfil oeste da sondagem. Nesse sentido, optou-se pela abertura de mais meia sondagem na direção oeste, de modo a acompanhar a estrutura evidenciada no perfil e compreender os aspectos relacionados à sua presença no interior do sítio. A escavação de mais dois quadrantes revelou se tratar de uma extensa estrutura de combustão formada predominantemente por cinzas envoltas e entremeadas por pedras queimadas. Ao lado da fogueira havia um bolsão de ossos de fauna e, muito próxima de ambas as estruturas, uma única falange humana sepultada acompanhada de artefatos e um pingente.

Os acompanhamentos funerários encontrados juntos da falange humana durante a escavação são: um polidor pequeno, um pingente feito em dente de mamífero, um dente de tubarão com a ponta quebrada (que foi possivelmente utilizado como furador), além de um pequeno fragmento de ocre e uma conta feita em concha polida. Os artefatos que acompanham o sepultamento da falange são tipicamente sambaquieiros, principalmente a presença de adornos e ocre é bastante comum junto aos enterramentos em sambaquis. A presença desse mobiliário funerário junto à falange revela a elaboração de um ritual funerário centrado na deposição intencional de objetos como acompanhamento ao morto, bem como no acendimento também proposital da fogueira associada ao enterramento.

A presença de vestígios ósseos humanos muito próximos ou associados às fogueiras já havia sido identificada em outros sambaquis do litoral brasileiro. Mas o que chamou atenção nesse caso foi a existência de um sepultamento contendo apenas uma única unidade óssea num tipo de sítio onde, comumente, predominam sepultamentos completos, por vezes múltiplos. Cabe destacar ainda a verificação de que essa unidade óssea encontrava-se muito perto do núcleo basal da fogueira, revelando que ela fora acessa logo acima desse sepultamento, resultando na queima parcial da falange, bem como dos ossos e artefatos que serviam de acompanhamento. Um detalhamento maior das nuances próprias do contexto funerário do Abrigo Sul é feita no capítulo 5.

Prancha 29



1. Sondagem na área plana próxima ao paredão.
Foto: Chiatti, T.



2. Início da escavação e posição em relação ao abrigo.

Foto: Chiatti, T.



3. Abertura da extensão oeste.

Foto: Chiatti, T.



4. Fogueira evidenciada no perfil.

Foto: Bendazzoli, C.



5. Peneiramento do sedimento.

Foto: Bendazzoli, C.



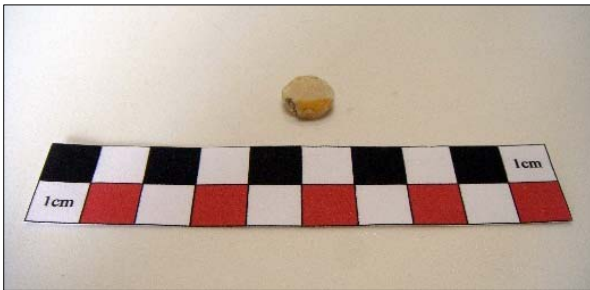
6. Desenho do perfil estratigráfico.

Foto: Chiatti, T.

Prancha 30



1. Fragmento de cerâmica encontrado na superfície.
Foto: Bendazzoli, C.



3. Conta em concha polida.
Foto: Bendazzoli, C.



5. Dente de tubarão com ponta quebrada.
Foto: Bendazzoli, C.



7. Falange humana.
Foto: Bendazzoli, C.

2. Bolotas de cerâmica encontradas no sambaqui
Abrigo Sul.

Foto: Bendazzoli, C.



4. Pingente fragmentado como acompanhamento
funerário.

Foto: Bendazzoli, C.



6. Artefato polido encontrado junto ao sepultamento.

Foto: Bendazzoli, C.



O aprofundamento das escavações a partir deste ponto revelou que a camada E, localizada logo abaixo do sepultamento, é formada por grande quantidade de conchas soltas e alguns ossos de peixes, muito semelhante à camada superficial do sítio (A). Nela também não foram encontrados artefatos, à exceção dos já mencionados relacionados ao sepultamento e que se localizavam na divisa entre esta camada e a fogueira que a recobria. Tal constatação permitiu confirmar que o sepultamento da falange foi realizado sobre a camada conchífera E e, posteriormente, sobreposto pela grande fogueira, não tendo sido identificado elementos condizentes com a presença de atividades domésticas. Na camada E também não foram percebidas evidências de pisoteamento ou outras utilizações dessa paleosuperfície, indicando que, possivelmente, sua formação tenha relação com a intenção de conferir volume durante a construção do assentamento, servindo como uma camada de preenchimento (vide Bendazzoli-Simões 2007).

Separando essa camada de conchas da paleosuperfície natural da ilha havia uma finíssima camada de carvões pequenos e espalhados, revelando uma provável queima da vegetação original visando à limpeza do terreno para a formação do depósito. A identificação dessa lâmina de carvões evidencia ações que antecedem a construção do assentamento revelando, bem como ocorre com os demais sambaquis “clássicos”, a realização de medidas preparatórias prévias ao ato de sepultar. Revela também a escolha e a intencionalidade das ações que dela decorrem, ambos aspectos da cultura sambaquieira que deram origem aos “clássicos” sambaquis do sul do país.

Observa-se, portanto, que o sítio se forma a partir da remoção e queima da vegetação original e o posterior depósito de uma camada basal formada predominantemente por *cracas* soltas e poucos ossos de peixe. Essa camada mais profunda avoluma o sítio e dá suporte à realização do ritual funerário que envolve o sepultamento de uma única unidade óssea acompanhada de adornos e artefatos, além de grande quantidade de alimentos que resultam na formação de um grande bolsão de ossos de fauna. Sobre o sepultamento e seus acompanhamentos é acessa uma grande fogueira envolta por pedras que acabam queimadas pelo calor do fogo. Essa fogueira é então recoberta por uma nova camada onde predominam as *cracas* e alguns vestígios faunísticos. Solta e bastante fofa, essa camada volta a conferir volume ao sítio que algum tempo depois é, enfim, abandonado.

Resumidamente pode se dizer que a estratificação das camadas desse sítio revela contornos suaves, poucos estratos e eventos específicos ocorrendo sobre as paleosuperfícies representados na estratigrafia por lâminas, bolsões e estruturas. A grande quantidade de matéria orgânica confere ao sítio uma coloração mais enegrecida, a despeito da significativa quantidade de conchas que possui, e

a organização dos estratos é bastante simples, com camadas de conchas que formam um pacote arqueológico raso. Tal descrição não difere muito das que foram feitas sobre os ditos “acampamentos conchíferos”, bem como seu pequeno tamanho e pouca espessura poderia sugerir tratar-se de construção feita em curto período de tempo (que é o que se esperaria de um acampamento!). O sítio Abrigo Sul pode ser pequeno e raso, mas é um sambaqui, e como tal destina-se a rituais funerários sendo, portanto, construído, revisitado, mantido e suas práticas reiteradas ao longo do tempo. A datação de sua base revelou que o início de sua construção data de 2380 cal. A.P tendo sido formado e utilizado, aparentemente, sem interrupções ao longo de mais de 1800 anos.

Tabela 6 - Datação de base do sambaqui Abrigo Sul.

A. Sul	Lab ID	CRA	SD	cal.mín. 1σ	cal.máx. 1σ	cal.mín. 2σ	cal.máx.2 σ	Curva
Base	Beta – 361447	2660	30	2303	2380	2286	2453	marine13

O sedimento resultante da abertura da sondagem 1 no sambaqui Abrigo Sul foi todo peneirado em campo em duas etapas: primeiramente em peneira de malha média e em seguida em peneira de malha fina. Todo o conteúdo faunístico, lítico e artefatos foram coletados e levados ao laboratório, não tendo sido coletados exemplares malacológicos nem sedimentos dessa intervenção, com exceção de uma boa amostra do conteúdo da fogueira. Já durante a abertura da extensão oeste da sondagem, o material foi peneirado em malha de fina, sendo coletado e levado ao laboratório todo o conteúdo resultante na peneira, inclusive todos os vestígios malacológicos. A decisão pela coleta de todo o conteúdo deveu-se à necessidade de material (sem exclusão de nenhum elemento) para análise de proporção comparativa com o material coletado na superfície dos demais sambaquis investigados, bem como com os dados provenientes do sítio Abrigo Furnas.

Em laboratório, todo material foi higienizado, catalogado, pesado e acondicionado. O estudo da composição malacológica das camadas A e E, nas quais predominam as conchas resultando em estratos mais claros e sem evidências de compactação, revelou a predominância da *craca* (*Sessilia*) sobre todas as demais variedades de conchas. Essa constatação corrobora com os dados provenientes das análises feitas na amostra coletada do topo que já apontavam para a predominância da *craca* dos depósitos desse e de vários outros sambaquis das ilhas de Vitória e dos Búzios. A *craca*, bastante abundante e fácil de ser coletada em toda a costeira dos rebordos daquela ilha,

consistiu no principal elemento construtivo desse sítio, sendo excepcionalmente mais numerosa que os restos de peixes. No que concerne aos vestígios faunísticos presentes nesse sítio, a coleta amostral por nível estratigráfico artificial (10 em 10 cm) escavado desse assentamento, revela a seguinte proporção em relação ao pescado:

Tabela 7 - Proporção da variedade de peixes nas camadas do sambaqui Abrigo Sul.

Camada estratigráfica	Proporção do pescado (%)														
0 a 10 cm	<table border="1"> <caption>Proporção do pescado (%) - 0 a 10 cm</caption> <tr><th>Peixe</th><th>Proporção (%)</th></tr> <tr><td>Sarambiguara</td><td>16%</td></tr> <tr><td>Sargo</td><td>9%</td></tr> <tr><td>Charelete</td><td>27%</td></tr> <tr><td>Espada</td><td>7%</td></tr> <tr><td>Bonito</td><td>16%</td></tr> <tr><td>Não identificado</td><td>25%</td></tr> </table>	Peixe	Proporção (%)	Sarambiguara	16%	Sargo	9%	Charelete	27%	Espada	7%	Bonito	16%	Não identificado	25%
Peixe	Proporção (%)														
Sarambiguara	16%														
Sargo	9%														
Charelete	27%														
Espada	7%														
Bonito	16%														
Não identificado	25%														
10 a 20 cm	<table border="1"> <caption>Proporção do pescado (%) - 10 a 20 cm</caption> <tr><th>Peixe</th><th>Proporção (%)</th></tr> <tr><td>Sargo</td><td>25%</td></tr> <tr><td>Bonito</td><td>26%</td></tr> <tr><td>Charelete</td><td>18%</td></tr> <tr><td>Espada</td><td>5%</td></tr> <tr><td>Não identificado</td><td>26%</td></tr> </table>	Peixe	Proporção (%)	Sargo	25%	Bonito	26%	Charelete	18%	Espada	5%	Não identificado	26%		
Peixe	Proporção (%)														
Sargo	25%														
Bonito	26%														
Charelete	18%														
Espada	5%														
Não identificado	26%														
20 a 30 cm	<table border="1"> <caption>Proporção do pescado (%) - 20 a 30 cm</caption> <tr><th>Peixe</th><th>Proporção (%)</th></tr> <tr><td>Sargo</td><td>41%</td></tr> <tr><td>Charelete</td><td>21%</td></tr> <tr><td>Cação</td><td>3%</td></tr> <tr><td>Bonito</td><td>9%</td></tr> <tr><td>Espada</td><td>5%</td></tr> <tr><td>Não identificado</td><td>21%</td></tr> </table>	Peixe	Proporção (%)	Sargo	41%	Charelete	21%	Cação	3%	Bonito	9%	Espada	5%	Não identificado	21%
Peixe	Proporção (%)														
Sargo	41%														
Charelete	21%														
Cação	3%														
Bonito	9%														
Espada	5%														
Não identificado	21%														
30 a 40 cm	<table border="1"> <caption>Proporção do pescado (%) - 30 a 40 cm</caption> <tr><th>Peixe</th><th>Proporção (%)</th></tr> <tr><td>Sargo</td><td>14%</td></tr> <tr><td>Sarambiguara</td><td>23%</td></tr> <tr><td>Charelete</td><td>45%</td></tr> <tr><td>Não identificado</td><td>18%</td></tr> </table>	Peixe	Proporção (%)	Sargo	14%	Sarambiguara	23%	Charelete	45%	Não identificado	18%				
Peixe	Proporção (%)														
Sargo	14%														
Sarambiguara	23%														
Charelete	45%														
Não identificado	18%														
40 a 50 cm	<table border="1"> <caption>Proporção do pescado (%) - 40 a 50 cm</caption> <tr><th>Peixe</th><th>Proporção (%)</th></tr> <tr><td>Bonito</td><td>31%</td></tr> <tr><td>Charelete</td><td>15%</td></tr> <tr><td>Não identificado</td><td>54%</td></tr> </table>	Peixe	Proporção (%)	Bonito	31%	Charelete	15%	Não identificado	54%						
Peixe	Proporção (%)														
Bonito	31%														
Charelete	15%														
Não identificado	54%														
50 a 60 cm	Não foram identificados vestígios faunísticos														

Tabela 8 - Dados sobre o pescado consumido pelos sambaqueiros do Abrigo Sul⁶²

Peixe	Peso médio	Forma de captura	Locais de captura	Época de captura
Charelete	± 4kg	Rede, pesca com linha, cerco	Água funda, mar aberto (50 a 60 m da costeira)	Out/Nov.
Sargo	± 6kg	Rede e pesca com linha	Costeira	Ano todo
Bonito	± 7 kg	Rede e cerco	Mar aberto, 20 a 30m da costeira.	Nov. a Março
Sarambiguara	± 30kg	Rede	Costeira	Ano todo
Cação	± 80kg	Rede e pesca com linha	Mar aberto	Ano todo
Espada	± 3kg	Rede e pesca com linha	Costeira	Ano todo

A identificação dos vestígios de fauna presentes no material escavado desse sítio mostra que o pescado mais consumido pelas populações que ocuparam a Ilha da Vitória poderia ser facilmente obtido a partir de atividades de pesca realizadas, em sua maioria, ao redor do pequeno arquipélago. Revelam também que os elementos mais consumidos à exceção do Charelete e do Bonito podiam ser capturados ao longo de todo o ano e que a maioria dos espécimes consumidos possuíam peso significativo, em especial a Sarambiguara que resulta em grande quantidade de carne. Estão também presentes alguns vestígios do consumo de tartarugas e arraias, além da identificação de artefatos feitos com dentes de tubarão, que evidenciam o domínio dessas populações nas técnicas de captura desses animais. Os ouriços foram, também, muito consumidos, mas a quantidade de elementos que resultam de apenas um único exemplar parece ressaltar sua presença em relação às demais espécies consumidas.

A identificação do consumo de espécies que, em sua maioria, podia ser obtida a partir de pesca na costeira, ou em embarcações que se distanciassem pouco da ilha, reforça a proposição de que a região de Mané Lourenço - onde está implantada boa parte dos sambaquis da Ilha da Vitória - realmente configure importante zona de domínio sambaqueiro. Corrobora também com a constatação de que, assim como os sambaqueiros do sul do país, os ocupantes pré-coloniais das ilhas do litoral norte paulista também faziam amplo uso da pesca e selecionavam pescados de médio à grande porte para serem consumidos. Os elementos

⁶² Os dados presentes na tabela foram passados pelo pescador Seu Ramiro, um dos mais antigos e experientes da Ilha da Vitória da qual é nativo e residente até os dias atuais.

faunísticos identificados nas diferentes camadas dos sambaquis se repetem revelando preferência e escolha de espécimes ao longo do tempo que, não coincidentemente, se mantém até hoje em dia em meio às comunidades caiçara, tendo em vista que esses pescados são os mais apreciados pela quantidade e sabor de sua carne.

Se por um lado, a escavação dos sambaquis Abrigo Furnas e Abrigo Sul revelaram importantes informações sobre os assentamentos, suas composições e arranjos internos, suas relações com a paisagem, bem como, trouxeram à luz importantes aspectos relacionados aos artefatos neles encontrados, por outro cabia ainda um maior detalhamento da cultura material presente na superfície dos demais sítios. O casamento das informações aqui obtidas com a realização de análises junto aos objetos coletados dos topos dos demais sambaquis permitiu o aprofundamento dos dados e a realização de comparações entre os diversos sítios identificados durante essa pesquisa.

5 - OS VESTÍGIOS

Conforme descrito no capítulo 3, durante as etapas de localização, cadastro e realização de coletas amostrais nos topos dos sambaquis de Ilhabela foi possível a identificação de vestígios cerâmicos e líticos dispersos na superfície dos sítios. Esses artefatos representam parte da cultura material das populações pré-coloniais de Ilhabela e, nas áreas estudadas, sua ocorrência sobre os sambaquis é muito freqüente. Em especial a cerâmica - artefato cuja origem não está diretamente associada aos grupos sambaquieiros, pelo menos para essa região do país - apresentava-se como elemento cujo contexto de origem e deposição sobre os sambaquis não estava claro.

Nesse sentido, considerou-se que o entendimento da ocupação sambaquieira no arquipélago de Ilhabela, foco desta pesquisa, dependia da compreensão das diversas nuances que contemplam os seus assentamentos e os vestígios neles encontrados, sejam aqueles tipicamente relacionados à origem sambaquieira, ou aqueles aparentemente alheios a essa cultura, mas presentes na paisagem culturalmente modificada por esses povos. Parte-se do pressuposto que os objetos encontrados nos topos dos sítios são importantes elementos diagnósticos dos diferentes processos relacionados à construção e ocupação das áreas dos assentamentos, bem como, permitem auxiliar na melhor compreensão das possíveis variações e nuances da presença indígena pré-colonial ocorrida naquela região.

Visando maior compreensão dos diferentes aspectos relacionados aos vestígios materiais deixados nos sítios, neste capítulo estão contidas as descrições e análises preliminares do material ósseo humano obtido dos assentamentos, dos artefatos líticos e também dos vestígios cerâmicos encontrados nos topos dos sambaquis durante a realização do presente do trabalho. No que concerne ao material lítico e cerâmico, optou-se pela realização e inclusão de análises dos artefatos coletados por outros pesquisadores nos sítios pré-coloniais de Ilhabela, cuja indicação de proveniência não deixava margem para dúvida de seu contexto. As coleções inclusas nas análises dos artefatos cerâmicos referem-se aos sítios Viana⁶³ e Barra Velha 3⁶⁴, ambos representantes de ocupações ceramistas, enquanto que a análise do material lítico contemplará também a coleção do sítio Barra Velha 3.

No contexto da presente pesquisa, voltada ao entendimento do panorama da ocupação sambaquieira no arquipélago de Ilhabela, o objetivo principal da realização das análises dos vestígios dos sambaquis está centrado nas possibilidades que tal abordagem oferece no sentido de compreender não somente os aspectos intrínsecos aos objetos, mas, principalmente, que reflitam e caracterizem a cultura que os produziu. Isso porque, conforme já apresentado no capítulo 1, a presença da cultura sambaquieira no litoral norte paulista ainda não está clara para muitos pesquisadores que consideram os sítios concheiros da região como “não sambaquis”. Tal caracterização vincula-se aos aspectos relacionados ao volume, à morfologia e à incidência de conchas nos estratos dos sítios quando comparada à dos sambaquis do sul do país, tendo pesado no estabelecimento desse rótulo a presença de fragmentos de cerâmica nas superfícies de muitos dos sítios dessa macrorregião.

Como visto, as análises visando um melhor entendimento dos aspectos que envolvem os vestígios presentes nas camadas conchíferas permitiram aprofundar a discussão sobre a origem cultural dos sítios concheiros de Ilhabela, enquanto que aquelas efetuadas com os vestígios cerâmicos presente no topo dos sítios, permitiram a caracterização da tradição cerâmica e, por consequência, possibilitaram a inferência de suas possíveis origens culturais. A realização de análises de coleções de sítios cerâmicos pré-coloniais já localizados em Ilhabela, mas que nunca haviam sido alvo de estudos ou publicações, também possibilitou caracterizar a indústria cerâmica desses sítios e tecer comparações com os vestígios das

⁶³ Coleção pertencente ao acervo do MAE/USP

⁶⁴ Coleção pertencente ao acervo do Instituto Histórico, Geográfico e Arqueológico de Ilhabela (IHGAI)

superfícies dos sambaquis, resultando num melhor entendimento sobre a presença ceramista em Ilhabela e seu comparecimento nos topos de sítios concheiros.

Já as análises presentes neste capítulo estão focadas no entendimento das características gerais do material ósseo humano encontrado em alguns dos sambaquis de Ilhabela ao longo desta pesquisa, não estando contemplados aspectos detalhados⁶⁵. As análises aqui apresentadas também enfocam as coleções já escavadas dos aldeamentos localizados em Ilhabela e, principalmente, visam o estabelecimento de sua origem cultural ainda que possam trazer à luz outros aspectos relacionados aos sítios e sua cultura material. Com essa abordagem foi possível o levantamento de informações básicas relativas aos objetos, contemplando ainda as características principais e funções atribuídas ao material lítico e também referentes aos atributos tecnológicos, morfológicos e decorativos das cerâmicas dos topos dos sambaquis e das coleções das aldeias Viana e Barra Velha 3.

Para que o estudo dos artefatos pudesse ser realizado com segurança, eles foram precedidos de etapas de curadoria voltadas às coleções dos topos dos sambaquis, bem como àquelas referentes às coleções dos sítios Viana e Barra Velha 3. Os artefatos líticos e cerâmicos retirados do topo dos sítios passaram por etapas de higienização, numeração individual e catalogação prévia nas fichas da coleção. Já a análise do material lítico contemplou os atributos principais que possibilitaram a caracterização da coleção, sendo avaliados predicados como: o tipo de matéria prima, tamanho, forma de elaboração, função e presença de queima⁶⁶.

Dos vestígios cerâmicos do topo dos sambaquis e dos sítios Viana e Barra Velha 3 foram selecionados os artefatos diagnósticos (bordas e bases), bem como paredes que continham possíveis inflexões, elementos decorativos, apêndices ou demais atributos significativos para a caracterização dos achados. As análises efetuadas abrangeram a técnica de confecção dos utensílios (acordelamento, modelagem, torno), o tipo de antiplástico, predominância de cor e aspectos relacionados ao tratamento dado à superfície das cerâmicas. Foram também feitas várias tentativas de reconstituição do material, tanto aquele proveniente

⁶⁵ As análises aqui apresentadas não estão centradas no detalhamento de especificidades dos materiais cuja abordagem futura, por demais projetos, poderá incluir as potencialidades não abarcadas por esta pesquisa. O estudo do material aqui apresentado objetiva o entendimento de seu contexto de origem especificamente, visando uma melhor compreensão do panorama de ocupação indígena que se apresenta em Ilhabela.

⁶⁶ As análises preliminares do material lítico foram feitas no Laboratório de Arqueologia Regional – LAR (MAE/USP) sob a supervisão do Prof. Dr. Paulo DeBlasis.

dos campos deste projeto, como os das coleções já escavadas anteriormente e, somente a partir de então, foi iniciada a análise dos fragmentos e a reconstituição da forma dos vasilhames. As análises efetuadas com o material cerâmico também permitiram o estabelecimento de um repertório de formas presentes nos sítios, conforme se verá adiante.

No que diz respeito aos vestígios associados aos sepultamentos estão inclusas informações sobre o contexto funerário, os acompanhamentos e dados bioantropológicos iniciais sobre os esqueletos encontrados nos sítios estudados. Essas análises foram realizadas no intuito de fornecer dados preliminares sobre o material, principalmente no que tange a morfologia, dimensão, alterações, presença de queima, de desgaste, estado de conservação, entre outros e visam, primordialmente, o maior entendimento da natureza das atividades ocorridas nos depósitos conchíferos de Ilhabela. Estudos futuros centrados no entendimento minucioso de aspectos bioantropológicos, paleopatológicos, dietários se encarregarão de esmiuçar os demais atributos e particularidades do material ósseo humano dos sambaquis de Ilhabela.

O material esquelético recuperado desses sambaquis, mesmo que contemplando apenas algumas unidades ósseas, passou pelos mesmos procedimentos de curadoria que os estabelecidos para conjuntos completos. A higienização foi feita com a utilização de escovas de dente pequenas de cerdas macias para a remoção do sedimento seco. Em seguida os ossos foram limpos com algodão umedecido embebido em água sem adição de cloro. As unidades ósseas fragmentadas, e que puderam ser reconstituídas, foram consolidadas com cola de PH neutro própria para esse tipo de procedimento. Quando o material permitiu, as análises bioantropológicas contemplaram a contagem do número mínimo de indivíduos, a determinação de sexo, idade e identificação das patologias orais e esqueléticas. Nos casos estudados não foi possível estabelecer a estimativa de estatura dos indivíduos devido à fragmentação existente nas epífises proximais e distais dos ossos longos dos exemplares analisados.

5.1 - O contexto funerário

Durante as etapas de localização, cadastramento e coleta realizadas nos sambaquis de Ilhabela foram identificados vestígios humanos facilmente acessíveis em cinco sítios, são eles: Toca da Caveira, Abrigo Sul, Toca do Ramiro, Abrigo do Beto e Sambaqui da Mãe

Joana. Desses sítios, dois ofereceram elementos que serviram somente para a realização de datações e análises de isótopos estáveis, não sendo possível o aproveitamento do material para demais estudos, a saber: Abrigo do Beto e Sambaqui da Mãe Joana. Ainda assim, caberá uma breve descrição das condições gerais em que foram identificados e sua relação com os depósitos no qual estão inseridos.

A impossibilidade de utilização do material ósseo humano desses sítios para análises mais acuradas decorre de uma série de fatores relacionados ao grau de impacto particularmente envolvendo as áreas que contém sepultamentos. Desses dois sambaquis, um apresentou sepultamento que já havia sofrido intervenção anterior com a remoção de praticamente todas as unidades ósseas (Abrigo do Beto), enquanto que o Sambaqui da Mãe Joana expunha partes de um esqueleto. Ainda assim, as condições na qual foram encontradas e coletadas as unidades ósseas serviram plenamente para datação e análise de isótopos de forma segura e trazem à luz informações preliminares sobre o contexto funerário de ambos os sítios.

O sepultamento encontrado no sambaqui da Mãe Joana é representante do início da formação do assentamento e estava levemente exposto no perfil aberto no sítio em função do processo de erosão que vem ocorrendo sobre ele. A intervenção no sepultamento aproveitou o fácil acesso às unidades ósseas para a realização de uma coleta mínima necessária à análise da datação, mas que garantisse a máxima integridade do esqueleto *in loco* para estudos futuros. As observações de campo permitiram constatar que o sepultamento está inserido em uma camada escura com presença de matéria orgânica sobreposta por uma camada de conchas. Como a maior parte do sepultamento se estendia para a porção interna do perfil, apresentando pouca exposição, não foi viável levantar maiores informações sobre o esqueleto, sendo possível afirmar, apenas, que se trata de um indivíduo adulto.

A amostra coletada para datação junto ao sepultamento do sambaqui da Mãe Joana é proveniente da parte distal do fêmur que quase se expunha para fora do pacote juntamente com a patela e a parte proximal da tíbia, todas já fragmentadas, e teria se perdido com qualquer forte chuva. Ainda que pequena, a intervenção no contexto funerário basal do sítio permitiu constatar a existência de sepultamentos presentes já no início da formação do sambaqui e possibilitou a obtenção de amostras para datação de base (já apresentada no

capítulo 3), além de fornecer informações relativas à dieta a partir do estudo de isótopos de carbono e nitrogênio que serão apresentadas ainda neste capítulo.

Outro sambaqui cujo material ósseo humano coletado serviu para datação e análise de isótopos estáveis foi o sambaqui Abrigo do Beto, localizado na Ilha da Vitória. Esse sítio está associado a um abrigo de diminutas dimensões e se estende para o interior da fenda e também ao longo de toda a área envoltória ao sítio. O sepultamento foi encontrado na camada conchífera superficial localizada logo abaixo da fenda em meio a conchas e ossos de peixe, mas tivera a maior parte de suas unidades ósseas removidas de sua cova original, ainda plenamente perceptível no pacote.

Todavia, ainda que constatado impacto sob a área funerária, algumas informações puderam ser recuperadas a partir da observação dos vestígios remanescentes e do arranjo verificado entre a cova e os elementos que permaneceram *in loco*. No que concerne ao contexto funerário é possível afirmar que o indivíduo ali enterrado fora sepultado em uma pequena cova rasa, cujas dimensões sugerem que estava em posição fletida ou, no mínimo, semi-fletida. Esse sepultamento foi feito em área protegida sob a fenda, mas era bastante superficial de modo que, com o passar do tempo, o material ósseo começou a despontar em meio ao sedimento, evidenciando primeiramente partes do crânio.

Atraídos pelos vestígios humanos que despontavam para fora do pacote de conchas, conforme relatam os moradores locais, os interventores deixaram para trás algumas unidades ósseas pequenas como ossículos de pés e mãos, além de fragmentos de cerâmica localizados na camada que se preservou ao fundo da fenda. O material ósseo encontrado no sambaqui Abrigo do Beto estava ainda parcialmente recoberto pelo sedimento na parte basal da cova tendo, provavelmente, passado despercebido no momento da intervenção feita ao sítio. No ato da presente pesquisa foi possível recuperar os vestígios cerâmicos e também as unidades ósseas não removidas. A recuperação desse material permitiu a realização de datação relativa ao final da ocupação daquele sambaqui, bem como ofereceu condições para o estudo de isótopos de carbono e nitrogênio que serão apresentados em conjunto com os resultados obtidos para os demais sambaquis de Ilhabela.

O sítio Toca do Ramiro, um dos últimos cadastrados durante o desenvolvimento da presente pesquisa, também apresentou vestígios humanos previamente impactados que estavam dispostos em uma pequena toca elevada mais de um metro e meio em relação à

superfície atual. Esse sepultamento estava originalmente associado a vestígios de conchas, fauna miúda e material lítico, além da ocorrência de cerâmica em superfície. Conforme já informado no capítulo 3, a localização desse sítio se deu aproximadamente dez anos e, naquele momento, foi possível constatar a presença de um sepultamento quase completo, além dos artefatos associados a ele. Segundo informou o antigo professor da escola local que o encontrou, o esqueleto encontrava-se apoiado sobre uma camada fina de sedimento extremamente arenoso, posicionado de forma semi-fletida com a cabeça voltada para a porção mais ampla da fenda. Ainda segundo o professor o corpo estava originalmente recoberto por muitas pequenas conchinhas e artefatos líticos, havendo também fragmentos de cerâmica colocados na porção superior do abrigo, adjacentes ao esqueleto. Apesar da intervenção preexistente na Toca do Ramiro, também nesse sítio as unidades ósseas menores foram deixadas no local, muitas ainda envolvidas no sedimento da área do enterramento.

O material ósseo humano recuperado da Toca do Ramiro consiste em poucos fragmentos de ossos do crânio, costelas, ossículos dos pés e cinco dentes, um dos quais foi remetido para datação e análise dos isótopos estáveis. Devido à ausência da maior parte do esqueleto foi possível constatar apenas que se trata de um único indivíduo adulto, cujos dentes remanescentes não apresentavam cárie e sim, um desgaste moderado tipicamente encontrado em populações sambaquieiras. Destaca-se a presença de ossos parcialmente queimados, evidência que sugere que, originalmente, possa ter sido acessa uma fogueira próxima ao local do sepultamento resultando na queima verificada em parte dos ossos.

As intervenções realizadas no âmbito deste projeto permitiram recuperar as unidades ósseas remanescentes, bem como os vestígios de fauna, conchas e cerâmica que originalmente acompanhavam o morto. Devido à escavação feita pelo professor, não foi possível atestar o contexto original de deposição dos ossos e também a posição primária dos acompanhamentos. Os artefatos recuperados do sítio consistem em fragmentos de cerâmica não decorada (uma das quais serviu para datação), algumas pequenas lapas e uma ostra maior, além de um fragmento de quartzo branco lascado e um artefato lítico multifuncional que serviu como suporte, quebra-coquinho e peso de rede.

Prancha 31



1. Dentes soltos com evidências de desgaste.
Foto: Bendazzoli, C.



3. Fragmentos de cerâmica encontrados sobre a área funerária do sítio Toca do Ramiro.
Foto: Bendazzoli, C.



5. Quartzo branco como acompanhamento funerário.
Foto: Bendazzoli, C.



7. Valva que acompanhava o sepultamento da Toca do Ramiro.
Foto: Bendazzoli, C.



2. Fragmentos de ossos parcialmente carbonizados – Toca do Ramiro.
Foto: Bendazzoli, C.



4. Quebra-coquinho associado ao sepultamento da Toca do Ramiro.
Foto: Bendazzoli, C.



6. Polido encontrado em área adjacente à Toca do Ramiro.
Foto: Bendazzoli, C.

Além do material ósseo obtido dos sítios já descritos, também foram identificados sepultamentos humanos nos sambaquis Toca da Caveira e Abrigo Sul, sendo o primeiro deles localizado na região da Mãe Joana, na Ilha dos Búzios, e o segundo assentado muito próximo aos sítios Toca do Ramiro e Abrigo do Beto, na Ilha da Vitória. O sítio Toca da Caveira, conforme já exposto no capítulo 3, está inserido dentro de um amplo abrigo cuja superfície acompanha o desnível do terreno em direção à costeira. A área interna do abrigo é desnivelada, rochosa e significativamente escura, não se configurando local ideal para o estabelecimento prolongado, mas oferece proteção contra intempéries para um número significativo de pessoas.

A localização desse sítio se deu a partir da descoberta feita pelo pescador residente na Mãe Joana que encontrou vestígios ósseos humanos despontando em meio ao sedimento na porção mais aplainada e inferior do abrigo. Essa descoberta atraiu até o local os curiosos moradores daquela ilha, muitos dos quais empreenderam retiradas de partes dos esqueletos, revolvendo o sedimento e descontextualizando os achados. No ato da visita ao local foi constatado que parte das unidades ósseas provenientes dos sepultamentos estava empilhada sobre os afloramentos adjacentes à área funerária no interior do abrigo. O empilhamento de parte dos ossos fora realizado pelos próprios moradores durante as intervenções que fizeram no sítio, resultando numa conseqüente descontextualização da posição original dos enterramentos. Além do empilhamento de ossos, foi possível perceber a quebra recente do potinho de cerâmica encontrado ao lado da área funerária junto a um exemplar de *megalobulimus*, de vários coquinhos e também de um artefato lítico extremamente queimado.

Além do impacto preexistente verificado no sítio, também foi possível perceber que o pacote arqueológico estava contido por um grande matacão que impedia o escorregamento completo dos sepultamentos em direção à costeira, localizada no nível inferior ao afloramento. Ali foi possível identificar ossos longos quase despencando em direção ao mar, situação agravada pelo revolvimento do pacote arqueológico que desarranjou os ossos de sua posição de origem. Foi possível constatar também, que o escorregamento do material foi favorecido pela presença marcante de sedimento escuro, terroso e orgânico despido de conchas e fauna que compunha o pacote arqueológico. A ausência desses elementos - que no contexto arqueológico normalmente contribuem para a contenção do sedimento presente nos sambaquis - somada à falta de compactação do pacote, ainda mais afogado devido ao remeximento empreendido pelos caiçaras,

agravava ainda mais os processos erosivos que resultariam na perda completa do material ali presente.

Nesse sentido, conforme já elucidado no capítulo 3, a coleta do material ósseo humano atendeu a denúncia de destruição do sítio, tendo sido realizada de modo paliativo e emergencial evitando, assim, que mais informações sobre o assentamento se perdessem. Caso o material tivesse permanecido no local, seria certamente alvo de novas investidas, afetando diretamente a possibilidade de recuperação das informações. Do mesmo modo que, caso as unidades que restavam espalhadas tivessem sido deixadas *in loco*, seguramente também teriam se perdido com a erosão que ocorre dentro do abrigo carreando o material rumo às partes mais baixas da costeira.

Para evitar a perda dos vestígios e, conseqüentemente, das informações, foram coletadas todas as unidades ósseas ainda espalhadas aleatoriamente em superfície e também aquelas empilhadas pelos moradores. Devido ao impacto preexistente no sítio não foi possível a recuperação de informações relacionadas à organização original das unidades ósseas no assentamento e, qualquer tentativa de fazê-la acarretaria em distorções interpretativas. Ainda que o entendimento do contexto de deposição, de organização espacial do sepultamento e de estratigrafia do sítio tenha sido prejudicado, as observações de campo e alguns relatos passados pelos próprios moradores que realizaram as intervenções ajudam a compreender melhor esse contexto funerário.

A área funerária é restrita ao baixio do abrigo, cujo pacote arqueológico está contido e também é circundado por grandes blocos rochosos, entre os quais forma-se uma área relativamente plana que foi utilizada para os sepultamentos. Na porção central desta pequena área há também dois matacões planos e achatados que se elevam aproximadamente 20 cm em relação à superfície atual. Sobre esses matacões é que estavam originalmente o pote, o lítico e os coquinhos, ou seja, eles não parecem pertencer diretamente ao momento funerário, ainda que claramente, sua presença naquele local aponte que estejam relacionados a ele. Foi remetido para datação um exemplar do osso de um dos indivíduos do sepultamento e também um fragmento do potinho de cerâmica cujos resultados poderão auxiliar no melhor entendimento dessa questão. O resultado da datação do material ósseo de um dos indivíduos, conforme já apresentado no capítulo 3, revela que esse sepultamento data de 679 cal. A.P, e o resultado da datação da cerâmica será apresentado no tópico 5.4.

Segundo os moradores daquela ilha todas as unidades ósseas foram retiradas de uma mesma camada superficial, até uma profundidade máxima de 20 cm, de modo que uma primeira “cavoucada” já lhes revelou a presença dos ossos. Tal afirmativa encontra respaldo na observação do pacote de sedimento presente na área funerária que não parece se estender para mais de 30 ou 40 cm de profundidade. Desse modo, ainda que novas pesquisas possam evidenciar demais unidades ósseas em contexto mais profundo, é possível afirmar que as unidades já retiradas possuíam contexto de deposição rasa e apresentam significativa proximidade entre si sugerindo que, possivelmente, possam ter origem em um sepultamento múltiplo. O estudo mais detalhado das coleções e as datações de todos os esqueletos poderão futuramente auxiliar para a elucidação dessa questão.

O material ósseo humano recuperado da Toca da Caveira consiste em fragmentos de ossos longos, de sacro e pélvis, costelas, vértebras, patelas, clavículas, ossos e ossículos de pés e mãos, um maxilar superior, dentes soltos e quatro mandíbulas. Os crânios estão particularmente ausentes, deles só se encontrou 26 fragmentos. A condição de preservação desse material deveria ser originalmente muito boa, tendo em vista que atraiu a atenção dos moradores da ilha ao local o que resultou na remoção das unidades, muitas delas, possivelmente, completas.

O material ósseo humano encontrado na Toca da Caveira compõe remanescentes de, pelo menos, cinco indivíduos diferentes, sendo quatro adultos e uma criança. Devido à grande quantidade de unidades ósseas misturadas e/ou ausentes, a análise de NMI⁶⁷ foi feita tendo como referência o maxilar superior e as mandíbulas preservadas e também os ossos longos. De modo geral o material ósseo humano obtido desse sítio apresenta razoável estado de conservação, mas algumas unidades já parecem sofrer a ação de fungos cuja proliferação no local é favorecida pela pouca incidência de luz e proximidade de locais úmidos na área de costeira.

A observação preliminar dos esqueletos recuperados do sítio revela unidades ósseas de pelo menos um indivíduo com marcas claras de queima sendo impossível, no contexto no qual foram encontradas, relacionar as mesmas a eventos intencionais. Entre as mandíbulas localizadas, duas não apresentavam os dentes preservados na posição anatômica original, tendo-se desprendido das arcadas por processos pós-deposicionais. Ainda assim, informações importantes puderam ser recuperadas desse material que foi, para fins didáticos, identificado cada qual com

⁶⁷ NMI – Número Mínimo de Indivíduos

uma letra (de A a E). Dados preliminares obtidos com as análises das mandíbulas e da maxila superior recuperadas do sítio são apresentados a seguir.

Dentre o material esquelético da Toca da Caveira há um fragmento da lateral direita de uma mandíbula com um segundo molar ainda em oclusão, revelando se tratar de uma criança que possuía aproximadamente 5 anos de idade quando morreu (Brothwell 1972, Bass 1987). Os outros quatro exemplares ósseos são de adultos, sendo que destes o exemplar C apresenta ausência de todos os dentes, como já dito, devido a processos pós-deposicionais ocorridos no abrigo. Nessa unidade foi possível verificar, também, a presença de perdas dentárias em vida de modo que as cavidades dos incisivos inferiores apresentam reabsorção óssea quase total.

Especialmente as unidades A e B permitem a obtenção de maiores informações sobre essa população. O exemplar ósseo analisado do indivíduo B consiste em um maxilar superior no qual se verifica a presença do forame incisivo bem marcado. O tamanho e a amplitude verificados em relação ao palato e a presença dos terceiros molares indicam um indivíduo adulto, robusto e, possivelmente, do sexo masculino. Esse maxilar, arqueado e largo, guarda preservados alguns dentes (1º a 3º molares de ambos os lados e três pré-molares). O cálculo dentário está presente, porém é bastante moderado, bem como é moderado o desgaste verificado nos dentes. Nesse exemplar ocorre presença marcante de doença periodontal com significativa perda óssea generalizada expondo a raiz de vários dentes, principalmente dos incisivos. Essa perda é também bastante acentuada na face externa do osso e próxima aos terceiros molares devido, provavelmente, à presença de cáries intermediais ali verificadas. Ao lado do terceiro molar direito verifica-se uma cavidade com contornos bem marcados que indicam a existência de uma condição patológica possivelmente relacionada a um processo inflamatório intenso.

O indivíduo A apresenta também mandíbula robusta com protuberância mental bem marcada indicando que, possivelmente, seja de um homem adulto. O maxilar ainda mantém preservados os 1º e 2º molares do lado direito, dois pré-molares e um incisivo e do lado esquerdo ainda se conservaram o 1º e 2º molares, um pré-molar e um canino, todos em condições muito ruins, fragmentados e com perda de esmalte. O indivíduo A apresenta doença periodontal ocorrendo em toda a arcada, mas os dentes possuem desgaste significativamente menor em relação ao que, comumente, é encontrado nos exemplares de sambaquis. Também se observa pouca incidência de cálculo e total ausência de cárie. Destaca-se nesse exemplar, assim como ocorre com os indivíduos B e C, significativa perda dentária relacionada aos dentes incisivos

inferiores, sendo possível perceber a presença de três abscessos cuja cavidade oclusal já se apresentava parcialmente absorvida. O único dente incisivo que permaneceu na mandíbula estava, no momento do óbito, também em vias de se perder. Outros dois abscessos referentes aos pré-molares foram identificados no lado esquerdo da unidade óssea.

Cabem aqui algumas informações importantes referentes ao material ósseo presente no sítio Toca da Caveira. Primeiramente, destaca-se a pouca quantidade de cálculo dentário que comumente aparece de forma bem mais acentuada nos exemplares provenientes de sambaquis, bem como nota-se também a presença de cáries, doença geralmente menos frequente em indivíduos enterrados em sambaquis “clássicos”. Mas, principalmente chama à atenção a ausência dos dentes incisivos localizados nos maxilares inferiores de dois dos cinco indivíduos sepultados. A presença de cavidades oclusais já parcialmente reabsorvidas indica que essas perdas ocorreram em vida. Nesse sentido, ainda que sejam necessários estudos mais detalhados com o material ósseo, essas perdas em vida podem indicar o uso de tembetá por esses indivíduos. A associação entre a perda dos dentes incisivos do maxilar inferior com o uso de tembetás já foi proposta por Rodrigues-Carvalho & Souza (1998) para remanescentes ósseos provenientes do sambaqui da Cabeçada, SC.

O que se verifica então para o sítio Toca da Caveira é a existência sepultamentos dentro de um abrigo, enterrados em meio a um sedimento escuro e orgânico no qual não há conchas ou vestígios de fauna preservados (apenas um exemplar de *megalobulimus*). Não foi verificada a presença de acompanhamentos diretos, mas há artefatos que, sem dúvida, estão associados ao local dos enterramentos, e são representados pelo pote de cerâmica, lítico e coquinhos. No que concerne aos indivíduos sepultados, pelo menos um deles apresenta marcas de queima nos ossos e, dentre as evidências mais marcantes estão: a presença de cáries, o baixo grau de desgaste e a significativa perda dos incisivos que, como dito, pode ter relação com uso de tembetás.

Ainda que as observações apontadas acima não pareçam “tipicamente” relacionadas à presença sambaqueira nos moldes estabelecidos para o sul do país, bem como a quase ausência de conchas nos sítios Toca do Ramiro e Toca da Caveira não parece se enquadrar nas clássicas descrições dos remanescentes dos construtores de sambaquis, a proposição deste trabalho é de que esses sítios, datados de 679 cal. A.P e 690 cal. A.P respectivamente, sejam ambos representantes do final da área sambaqueira na região de Ilhabela. Os argumentos que justificam mantê-los nesta “categoria” serão apresentados no capítulo 7.

Prancha 32



1. *Indivíduo A - desgaste moderado e perdas dentárias.*
Foto: Bendazzoli, C.



2. *Indivíduo A - Detalhe da periodontite.*
Foto: Bendazzoli, C.



3. *Indivíduo A - Vista frontal da mandíbula*
Foto: Bendazzoli, C.



4. *Indivíduo A - Lateral esquerda da mandíbula.*
Foto: Bendazzoli, C.



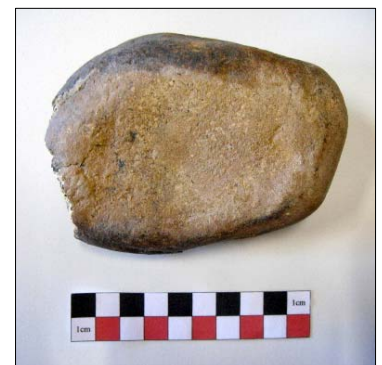
5. *Indivíduo A - Mandíbula vista por trás.*
Foto: Bendazzoli, C.



6. *Potinho colocado ao lado da área funerária - Toca da Caveira.*
Foto: Bendazzoli, C.



7. *Coquinhos encontrados no sítio Toca da Caveira.*
Foto: Bendazzoli, C.



8. *Seixo com desgaste e marcas de queima - Toca da Caveira.*
Foto: Bendazzoli, C.

Prancha 33



1. Indivíduo B - Cárie na lateral esquerda do maxilar.

Foto: Bendazzoli, C.



2. Indivíduo B - Detalhe da cárie na lateral direita com evidência de processo infeccioso.

Foto: Bendazzoli, C.



3. Indivíduo B - Desgaste dentário moderado.

Foto: Bendazzoli, C.



4. Indivíduo B - Detalhe da periodontite.

Foto: Bendazzoli, C.



5. Indivíduo B - Detalhe revela perda óssea.

Foto: Bendazzoli, C.



6. Indivíduo B - Vista frontal do maxilar.

Foto: Bendazzoli, C.



7. Indivíduo C - Vista frontal com abscessos.

Foto: Bendazzoli, C.



8. Indivíduo C - Lateral da mandíbula.

Foto: Bendazzoli, C.

Conforme descrito no capítulo 3, a escavação do sambaqui Abrigo Sul revelou a presença de um sepultamento contendo uma única falange humana localizada logo abaixo de uma grande fogueira. Junto à falange foram localizados alguns poucos artefatos a ela associados, além de um bolsão contendo ossos de fauna. Os acompanhamentos funerários relacionados à falange são: um polidor lítico pequeno, uma conta feita em concha polida, um dente de tubarão com a ponta fragmentada (possivelmente utilizado como furador), um pequeno fragmento de ocre e um pingente feito em dente de mamífero perfurado e fragmentado. Não foram evidenciadas marcas de cova, ou qualquer organização do material associado à falange que não fosse exclusivamente a reunião dos objetos junto ao osso humano e a colocação de uma fogueira sobre esses vestígios.

Devido à proximidade do material em relação à fogueira, a falange apresentava-se parcialmente queimada, mas ainda mantinha boas condições de análise. A observação inicial desse material ósseo revelou que a falange pertencia a um indivíduo adulto e também indica a existência de uma condição patológica no osso, evidenciada pela alteração na sua superfície que apresentava grande porosidade revelando o adensamento da vascularização no local. Além disso, foi possível verificar a existência de uma modificação na modelagem da extremidade distal da falange e também a existência de um contorno irregular na base do osso (rebordo articular modificado) que sugere sua associação com algum tipo de trauma ou patologia que teria chegado a afetar a articulação proximal⁶⁸.

A presença de uma única unidade óssea com evidências que apontam para a ocorrência de um processo de lesão inflamatória levou a considerar que o sepultamento encontrado no sambaqui Abrigo Sul não necessariamente deva estar relacionado a um indivíduo morto. Aqui, pelo menos, duas possibilidades se apresentam: a realização de um ritual de sepultamento de apenas uma unidade óssea referenciando e representando o corpo de um indivíduo falecido e sepultado em outro lugar, ou cujo destino do corpo seja desconhecido; ou ainda a realização do enterramento da parte doente do indivíduo, que não necessariamente tenha morrido, mas apenas perdido as partes do corpo afetadas pelo trauma ou pela patologia.

⁶⁸ Pelas observações feitas sobre o material ósseo humano do sambaqui Abrigo Sul meu especial agradecimento a Prof. Dra. Sheila Mendonça de Souza, Fiocruz, RJ.

Seja uma ou outra possibilidade, fato é que o enterramento dessa unidade óssea, acompanhada de adornos, artefatos e sobreposta por uma fogueira, revela um contexto de deposição intencional, cuja elaboração demandou os mesmos tipos de ações evidenciadas na realização de sepultamentos já escavados em outros sambaquis do litoral brasileiro, conforme já descrito no capítulo 1. Revela também a existência de prática ritualística relacionada ao culto aos mortos ocorrendo no contexto da formação do sítio e de modo condizente com as práticas construtivas verificadas em outros sambaquis tidos como “clássicos”, ou seja, apresenta preparação da área funerária realização de ritual envolvendo estrutura de combustão, associada aos bolsões de vestígios de fauna (possíveis oferendas) e sobreposta por camada de cobertura feita, predominantemente, por conchas.

Também o tipo de mobiliário funerário encontrado no Abrigo Sul associado à falange humana é, em tudo, semelhante aos acompanhamentos existentes nos enterramentos dos sambaquis “clássicos”, ou seja, envolve a presença de adornos, pingentes, ferramentas polidas, ocre, enfim, todos acompanhamentos “tipicamente” sambaquieiros. Ainda que esse sepultamento seja singular devido à existência de uma só falange, a escavação da área funerária do sítio Abrigo Sul revela que a sua construção também está relacionada à manutenção da prática ritualística relacionada ao ato de sepultar e ao culto aos mortos, aspectos plenamente compatíveis com as práticas envolvendo a construção dos “clássicos” sambaquis do sul do país. Com este achado constata-se que o final da construção do sambaqui Abrigo Sul datado de 551 cal. A.P. apresenta alguma variação da prática de sepultar evidenciada pela presença de uma unidade óssea apenas. A discussão dessa e das outras singularidades da presença sambaquieira em Ilhabela será retomada no capítulo 7.

Prancha 34



*1. Abrigo Sul - falange vista de cima.
Foto: Bendazzoli, C.*



*2. Lateral do osso com alterações na porção distal.
Foto: Bendazzoli, C.*



*3. Detalhe de porosidade.
Foto: Bendazzoli, C.*

5.1.2 - Análise de isótopos estáveis

O material ósseo humano recuperado dos sambaquis de Ilhabela também serviu para o estabelecimento de datações e para a análise de isótopos estáveis. O estudo das taxas de isótopos de carbono e nitrogênio permite um maior entendimento a respeito da dieta dos indivíduos sepultados nos sítios arqueológicos, tanto no que se refere à predominância no consumo de plantas presentes no grupo C3 (no qual se inclui a maioria das plantas de áreas temperadas – que tem no trigo seu maior representante) ou no grupo C4 (composto primordialmente por plantas de regiões tropicais, a exemplo do milho), como possibilitam compreender se a dieta estava baseada em recursos terrestres ou marinhos. A consideração de ambas as taxas de isótopos de carbono e nitrogênio permite que o resultado das análises seja mais confiável, uma vez que somente a análise de isótopos de carbono não permite a diferenciação de uma dieta baseada em recursos marinhos e de uma dieta baseada em plantas do grupo C4.

Estudos utilizando isótopos estáveis para a inferência de modificações nas dietas dos povos antigos, como auxiliar na compreensão de questões relacionadas à domesticação de plantas e ao deslocamento de populações para ambientes com diferentes ofertas de recursos datam ainda da década de 1970 e se avolumam nas de 1980 e 1990 (Ezzo 1994; Katzemberg 1992; Katzemberg & Harrison 1997). A maioria desses estudos, contudo, foi realizada a partir de amostras de sítios arqueológicos de outros países e não correspondem à realidade brasileira, cabendo a poucos trabalhos desenvolvidos em território nacional o foco nesse tipo de análise (de Masi 2001).

No que diz respeito aos sítios brasileiros, em especial aos assentamentos litorâneos, de Masi (2001), realizou estudos de isótopos estáveis obtidos de amostras de populações antigas do litoral catarinense em comparação com amostras de populações antigas das terras altas daquele mesmo estado. Os resultados obtidos foram significativos permitindo tecer paralelos entre a dieta inferida com base nas análises isotópicas e sua relação com a possibilidade de deslocamento dessas populações ao longo da serra (ibidem). Os resultados apresentados pelo autor mostram significativa diferença nas taxas de carbono e nitrogênio das amostras provenientes de indivíduos que dominavam esses distintos ambientes.

No que concerne à análise de isótopos estáveis nas amostras de ossos humanos dos sambaquis de Ilhabela, esta, por sua vez, objetivou a compreensão das nuances mais particulares da presença sambaqueira nas diferentes porções do arquipélago, bem como na possibilidade de tecer paralelos entre os resultados obtidos para as amostras mais antigas em relação as mais recentes, remanescentes do final da era sambaqueira na região. Essa análise objetivou também verificar se há diferenças nas taxas de isótopos dos sepultamentos presentes nos sítios quase sem conchas - como o Toca da Caveira e Toca do Ramiro - em relação aos enterramentos dos sítios mais conchíferos de Ilhabela. Tal comparação também relaciona a idade dos depósitos, uma vez que os sítios mais antigos dessa região tendem a apresentar mais conchas em seus estratos, enquanto que alguns mais recentes possuem uma quantidade muito menor desse material, conforme já apontado no capítulo 3.

Cabe destacar que só foram utilizadas para análises amostras coletadas a partir de intervenções que revelaram a existência de material ósseo humano passível de estudos confiáveis e livre de contaminação. Partindo desse pressuposto foram analisadas amostras dos sambaquis Toca da Caveira, Toca do Ramiro, Abrigo do Beto e Mãe Joana. Vale ressaltar que não foi possível a realização da análise de isótopos estáveis da falange encontrada no sítio Abrigo Sul sem comprometer em definitivo a integridade da única unidade óssea humana pertencente a esse sítio. Tendo em vista as evidências patológicas e o alto potencial informativo da unidade óssea, optou-se pelo não envio desse material ao laboratório, conservando-o para estudos futuros.

Visando ampliar o entendimento a respeito do consumo de vegetais e recursos marinhos pelos sambaqueiros de Ilhabela ao longo do tempo de sua permanência no litoral, ambos aspectos que revelam o domínio de determinados ambientes e das técnicas de obtenção do alimento, foram inclusas nas análises as informações obtidas do sepultamento escavado no sítio Abrigo Furnas, localizado na Ilha de São Sebastião e já publicadas (Bendazzoli et alli 2009). A seguir é apresentada tabela indicando o nome dos sítios, sua localização, suas características principais, as datações estabelecidas para suas ocupações e as taxas de isótopos que foram obtidas com as análises.

Tabela 9 - Taxas de isótopos estáveis obtidas do material ósseo humano.

Sítio	Localização	Característica	Datação (cal. máx 1 σ)	Isótopos de C	Isótopos de N
Mãe Joana	Ilha dos Búzios	Costeira Baixa altitude Céu aberto	1927 cal. A.P	13C/12C=-12,8‰	15N/14N=+16,2‰
Abrigo Furnas	Ilha de São Sebastião	Praia de areia Baixa altitude Abrigo	1920 cal. A.P	13C/12C= -14,6‰	15N/14N=+17,5‰
Abrigo do Beto	Ilha da Vitória	Costeira Elevada altitude Abrigo	730 cal. A.P	13C/12C= -16,5‰	15N/14N=+13,8‰
Toca da Caveira	Ilha dos Búzios	Costeira Baixa altitude Abrigo	679 cal. A.P	13C/12C= -15,9‰	15N/14N=+15,3‰
Toca do Ramiro	Ilha da Vitória	Costeira Elevada altitude Abrigo	690 cal. A.P	13C/12C= -14,5‰	15N/14N=+18,1‰

As taxas de isótopos de carbono e nitrogênio obtidos das amostras dos esqueletos nos sambaquis de Ilhabela revelaram que o consumo de recursos de origem marinha formou a base da dieta dos indivíduos sepultados em todos os assentamentos analisados. Esse resultado evidencia que a população que construiu e foi enterrada nos sambaquis de Ilhabela no intervalo de tempo compreendido entre 1927 cal. A.P e 690 cal. A.P, partilhava os mesmos tipos de ambientes e utilizava amplamente os recursos marinhos. Isso quer dizer que mesmo os sítios relacionados aos abrigos, ou os sambaquis menores e terrosos, mesmo aqueles mais recentes e com pouquíssima concha, todos foram construídos por populações muito bem adaptadas e estabelecidas no litoral.

Ainda que as análises de isótopos estáveis dos sepultamentos presentes nos sambaquis de Ilhabela permitam confirmar o claro domínio e utilização dos recursos marinhos como base da dieta daquelas populações, verifica-se que a taxa de isótopos de carbono tende a diminuir nos esqueletos sepultados nos sítios mais recentes e relacionados aos abrigos. Já as taxas de nitrogênio não apresentam tendência a aumentar ou diminuir de acordo com a datação dos sítios, mantendo valores muito aproximados em todos eles, à exceção da amostra proveniente do sítio Abrigo do Beto que apresenta uma taxa mais baixa.

A quantidade de amostras analisadas ainda é pequena, sendo recomendável e ideal que novas amostras sejam investigadas no sentido de fornecer subsídios que permitam a obtenção de um maior volume de dados quanto à dieta da população sambaqueira que viveu naquela região. Importante lembrar também, conforme já apontado no capítulo 1, que devido a pouca quantidade de pesquisas no litoral norte paulista e, também à ausência de estudos dos povos ceramistas da encosta da serra dessa macrorregião, em especial os povos Jê, não há bases de dados de taxas de isótopos oriundas de outros sambaquis do litoral norte ou de sítios cerâmicos da serra que possam ser utilizados como comparação com os dados obtidos para os sambaquis de Ilhabela.

Ainda que a ausência de dados sobre essa macrorregião não permita a comparação com os resultados de isótopos obtidos nesta pesquisa, referências bem documentadas envolvendo populações sambaqueiras e interioranas do sul do país poderão contribuir para o melhor entendimento da questão apresentada. Nesse sentido, os dados de isótopos estáveis já bem estabelecidos para as populações do litoral e da serra catarinenses por de Masi (2001) serão aqui utilizados a título de comparação uma vez que fornecem subsídios para um melhor entendimento das variações verificadas nas taxas de carbono entre as populações do litoral e da serra.

Segundo de Masi (2001), as populações litorâneas estabelecidas no litoral de Santa Catarina tendem a apresentar uma assinatura isotópica média de carbono em torno de $-11,8\text{‰}$ com desvio padrão de $1,0\text{‰}$, enquanto que as populações das terras altas daquela região apresentam uma proporção isotópica média de carbono de $-16,9\text{‰}$ com um desvio padrão maior, de $2,9\text{‰}$ (ibidem: 112). Considerando que as taxas de carbono das populações sambaqueiras de Ilhabela e as ceramistas da serra paulista sigam um padrão parecido com aquele verificado para o litoral catarinense, a diminuição das taxas de carbono verificadas ao longo do tempo em Ilhabela poderia estar relacionada a alguma alteração ocorrida na dieta, possivelmente envolvendo o aumento do consumo de recursos terrestres no final da era sambaqueira.

Observa-se que os sítios que apresentaram taxas de isótopos de carbono mais diminuídas foram todos construídos e/ou utilizados num período mais recente em que a presença de povos ceramistas na região já é bastante marcante, conforme se verá adiante. Nesse sentido, a mudança observada nas taxas obtidas, ainda que careçam de estudos muito mais amplos, permite considerar a possibilidade da existência de mudanças no padrão dietário sambaqueiro a partir do contato cada vez maior com as populações ceramistas e a introdução de maior consumo de vegetais e de caça

terrestre, alimentos típicos das populações do planalto e da serra. A discussão envolvendo a possível influência de povos ceramistas sobre os sambaqueiros de Ilhabela será retomada no capítulo 8.

5.2 - Os Artefatos Líticos

Além do material ósseo humano e seus acompanhamentos funerários, também foram alvos de análises laboratoriais os artefatos líticos recuperados na superfície dos sítios amostrados e aqueles provenientes de coletas contextualizadas efetuadas por outros pesquisadores anteriormente a esse projeto. No que se refere aos topos dos sambaquis foram analisados os materiais encontrados nos seguintes assentamentos: Porto da Toca, Abrigo Furnas, Toca do Caramujo e Toca do Eustáquio, todos da Ilha de São Sebastião; Toca do Ramiro, Toca do Barro Vermelho, Toca do Gentio, Sambaqui da Terra Preta⁶⁹ e Abrigo Sul, da Ilha da Vitória e Toca da Paixão, Abrigo Guanxumas, Toca da Caveira e Porto do Meio⁷⁰ da Ilha dos Búzios, totalizando 59 artefatos provenientes de sambaquis. Além desses foram analisados os 6 artefatos líticos do sítio cerâmico Valo da Gruta, localizado na Praia das Enxovas e os 39 artefatos líticos do sítio cerâmico Barra Velha 3.

Em relação aos artefatos líticos provenientes dos topos dos sambaquis de Ilhabela, de modo geral, pode-se dizer que foram produzidos a partir da utilização do material mais abundante existente na ilha, ou seja, o basalto e o granito. Isso revela que as populações sambaqueiras da região aproveitaram os recursos ofertados pelo meio para a fabricação de suas ferramentas e utensílios, indicando pleno domínio das fontes de matéria prima da região. Já os artefatos lascados foram majoritariamente elaborados a partir do uso do basalto e do quartzo, deste último predominam as lascas de quartzo branco ou leitoso, também bastante frequente na região.

A maior parte dos artefatos líticos dos sambaquis de Ilhabela foi confeccionada a partir do polimento do material bruto visando à produção de ferramentas que serviam para funções específicas já conhecidas para a indústria lítica desse tipo de sítio. Também se verifica a presença marcante de artefatos com evidências de utilização para diferentes funções num mesmo objeto, os chamados artefatos multifuncionais, tendo sido encontrados em diversos sítios da região. Um exemplo desse tipo é o artefato lítico localizado junto ao sepultamento no sítio Toca do Ramiro que serviu de quebra-coquinho e peso de rede. De modo geral, as coleções dos sambaquis contemplam

⁶⁹ O material analisado foi coletado por Cali (ref. ocorrência Vit.IV) correspondente ao topo do sambaqui da Terra Preta.

⁷⁰ O material analisado foi coletado por Cali (ref. ocorrência Búzios III) correspondente ao topo do sambaqui Porto do Meio.

percutores, polidores, lâminas de machados, quebra-coquinhos e algumas pré-formas, sendo que alguns desses objetos apresentam vestígios de queima. Já o material lascado é menos expressivo e está centrado, principalmente, na utilização do quartzo nos sambaquis em geral e do basalto no sítio Porto da Toca e Abrigo Sul.

Cabe destacar que a análise preliminar feita com o material lítico do sítio Toca do Gentio contribuiu para um melhor entendimento de sua natureza sambaquieira, cujos vestígios quase não se preservaram. Esse assentamento localizado na Ilha da Vitória foi intensamente utilizado por pescadores para pernoites durante temporadas de pesca, além de ter sofrido com o desmatamento ocorrido na região, que acentuou os processos de lixiviação ao qual o sítio estava sujeito. Desse modo, já bastante impactado, esse sambaqui não possui mais camada de conchas que, anteriormente, eram muito abundantes no interior do abrigo, conforme apontam os caixões mais antigos da localidade. A ausência de conchas preservadas nesse sítio poderia suscitar dúvidas quanto sua origem sambaquieira e, a despeito das informações passadas pelos moradores, a localização de artefatos preservados poderia contribuir para a caracterização desse sítio, reforçando ou colocando em questão as narrativas sobre sua origem. Felizmente, durante a realização das pesquisas na Toca do Gentio foi possível recuperar artefatos líticos em seu interior e nas laterais no assentamento. A análise desses objetos revelou que são artefatos claramente sambaquieiros dentre os quais se destacam duas lascas bipolares muito frequentemente relacionadas aos sepultamentos, um quebra-coquinho fraturado e um almofariz duplo típico de coleções provenientes de sambaquis.

Cabe destacar, contudo, que em alguns sambaquis a presença de lítico em superfície ocorre muito próxima ao contexto de reocupação ceramista, de modo que, alguns desses artefatos apresentam certas características que devem aqui ser observadas. São vestígios líticos pouco elaborados, feitos a partir da utilização de seixos de rocha básica e que, frequentemente, apresentaram vestígios de queima. Tais artefatos possuem características que se aproximam do material lítico encontrado nas coleções dos sítios cerâmicos Barra Velha 3 e Valo da Gruta, ou seja, têm pouca elaboração, aproveitam a morfologia do seixo para o desenvolvimento da função da ferramenta e apresentam queima mais freqüente. As matérias-primas e as funções desses objetos, contudo, são as mesmas que as verificadas para os demais líticos existentes nos sambaquis, havendo diferença somente na pouca elaboração da matéria-prima e na presença de queima intensa. Vestígios assim foram encontrados no topo dos sambaquis Toca da Caveira e Porto da Toca, mas a pouca quantidade de amostras não permite inferências de qualquer natureza.

Prancha 35



1. Abrigo Furnas - Artefato fusiforme.
Foto: Bendazzoli, C.



2. Lasca encontrada no topo do Abrigo Guanxumas.
Foto: Bendazzoli, C.



3. Lítico queimado encontrado na superfície do sítio Toca da Paixão.
Foto: Bendazzoli, C.



4. Fragmento de artefato polido - Porto da Toca.
Foto: Bendazzoli, C.



5. Lasca de grande - Sítio Porto da Toca.
Foto: Bendazzoli, C.



6. Quebra-coquinho encontrado no sítio Porto da Toca.
Foto: Bendazzoli, C.

Prancha 36



1. Esfera polida - Sambaqui da Terra Preta.

Foto: Bendazzoli, C.



2. Lascas de quartzo - Sambaqui da Terra Preta.

Foto: Bendazzoli, C.



3. Polidor - Sambaqui da Terra Preta.

Foto: Bendazzoli, C.



4. Quebra-coquinho - Sambaqui da Terra Preta.

Foto: Bendazzoli, C.



5. Lasca grande encontrada na Toca do Caramujo.

Foto: Bendazzoli, C.



6. Polidor - Toca do Caramujo.

Foto: Bendazzoli, C.



7. Quebra coquinho - Toca do Caramujo.

Foto: Bendazzoli, C.



8. Quebra-coquinho - Toca do Gentio.

Foto: Bendazzoli, C.

Os mesmos tipos de matéria prima utilizados pelos sambaquieiros foram aproveitados pelos povos ceramistas para a produção de seus artefatos líticos, ou seja, é farto o uso de granito e basalto, com destaque também para o emprego do quartzo. A indústria lítica do aldeamento Barra Velha 3, bem como do sítio cerâmico Valo da Gruta, ambos localizados na Ilha de São Sebastião, é caracterizada pela presença de artefatos simples, porém bastante utilizados. De modo geral pode-se dizer que a indústria lítica desses sítios é expediente, predominando como matéria-prima distintos tipos de quartzo, o granito e algumas variedades de rochas básicas. A matéria-prima é de má qualidade e aproveita suportes angulosos provenientes do espatifamento das massas originais, dos calhaus. A maioria dos artefatos parece ter sido obtida a partir de seixos grandes, em especial o lascamento do quartzo que é claramente feito com o espatifamento de blocos maiores.

As coleções dos sítios cerâmicos apresentam cadeia operatória reduzida, porém as lascas são bastante utilizadas e os retoques casuais aproveitam as formas angulosas naturais e são feitos sobre suporte informais e bordos abruptos, geralmente formando bicos. Destaca-se ainda o grande volume de artefatos que apresenta vestígios de queima. A maior parte do material lítico é formada por FCR - *Fire Cracked Rock*, possivelmente oriunda de fogueiras, resultando na fragmentação térmica das rochas. O restante do material é um lascado expediente. Há um seixo de gnaisse, dois de rocha básica, um seixo de diabásio e outras matérias-primas pontuais, mas nada polido.

Cabe destacar que líticos polidos não foram encontrados nas coleções provenientes dos sítios cerâmicos, à exceção de um único artefato que se destaca pela sua elaboração e beleza: um tembetá produzido a partir do polimento do quartzo branco. Esse exemplar, proveniente do sítio Barra Velha 3, é o único artefato elaborado com maestria e longamente trabalhado no polimento, tendo servido, seguramente, para a função de adornar. Apesar da presença desse exemplar, cuja utilização foi, possivelmente, mais restrita, a indústria lítica em geral dos sítios cerâmicos não possui elementos polidos, e sim, grande quantidade de seixos utilizados como batedores sem acabamento ou elaboração maior. Essa indústria expediente apresenta elevado índice de queima que também está presente em alguns artefatos oriundos dos topos dos sambaquis Toca da Caveira e Porto da Toca, conforme dito anteriormente.

Prancha 37



1. Esfera com marcas de desgaste - Barra Velha 3.
Foto: Bendazzoli, C.



2. Lâmina de machado e quebra-coquinho - Barra Velha 3.
Foto: Bendazzoli, C.



3. Percutor e quebra coquinho - Barra Velha 3.
Foto: Bendazzoli, C.



4. Percutor quimado - Barra Velha 3.
Foto: Bendazzoli, C.



5. Tembetá de quartzo - Barra Velha 3.
Foto: Santos, A.G.



6. Percutor - Sítio Valo da Gruta.
Foto: Bendazzoli, C.



7. Polido fragmentado - Valo da Gruta.
Foto: Bendazzoli, C.

As observações iniciais feitas sobre o material lítico revelam que a indústria sambaqueira aproveitou as matérias-primas disponíveis em abundância naquela região, ou seja, o granito, o basalto e o quartzo que são, também, as mesmas matérias-primas utilizadas pelos povos ceramistas posteriores àquela ocupação. A forma de utilização da matéria-prima e da elaboração dos artefatos, contudo, se mostra distinta, predominando o polimento para a confecção de ferramentas entre os sambaqueiros e o espatifamento de blocos com lascamento abundante de quartzo entre os ceramistas. Ferramentas como batedores são encontradas entre as coleções de ceramistas, porém sem elaboração, utilizando como instrumento a rocha básica em seu formato original ou com retoque mínimo. Também a queima verificada nos artefatos é mais marcante entre os ceramistas, enquanto que nos sambaquis ela também ocorre, mas está comumente relacionada às rochas que formam estruturas de combustão como as que estão presentes no sambaqui Abrigo Sul.

Embora os dados aqui apresentados sejam preliminares, é plausível considerar que o domínio das fontes dessas matérias-primas tenha sido fundamental para o estabelecimento inicial dos sambaqueiros na região, bem como para o posterior domínio ceramista. Desse modo, ainda que essas fontes fossem abundantes e/ou acessíveis, o domínio sobre elas dependia diretamente dos domínios territoriais existentes e esses, por sua vez, eram exercidos pelos sambaqueiros estabelecidos na região desde pelo menos 2380 cal. A.P (data de base do Abrigo Sul). Nesse sentido, a chegada dos ceramistas àquela litoral esbarrou na necessidade de dominar áreas originalmente sambaqueiras para captação dos recursos que seriam fundamentais para o estabelecimento da nova população naquele ambiente insular.

Ainda que as análises efetuadas com o material lítico permitam considerar a existência de domínios disputados naquela região, outros aspectos importantes para o entendimento das dinâmicas de ocupação devem ser considerados, dentre esses a presença da cerâmica freqüentemente associada ao topo dos sambaquis. Nesse sentido, o tópico a seguir apresenta as análises preliminares realizadas com os artefatos cerâmicos localizados sobre os depósitos sambaqueiros em comparação com aqueles oriundos das duas aldeias ceramistas de Ilhabela: Barra Velha 3 e Viana. Essas análises visam contribuir para o entendimento das nuances que envolvem o domínio dos recursos e da paisagem pelos os povos sambaqueiros e a dominação posterior desses mesmos recursos e dessa mesma paisagem pelos povos ceramistas.

5.3 - A cerâmica

A localização de diversos sambaquis no arquipélago de Ilhabela esbarrou na descoberta de fragmentos de cerâmica não decorada na superfície da maior parte dos sítios identificados. A presença de cerâmica simples sobre sambaquis ou sobre os denominados “acampamentos conchíferos” já havia sido relatada em diversas regiões do litoral brasileiro (vide Prous 1992, Beltrão 1978, entre outros) e, especialmente na macrorregião na qual se insere o arquipélago de Ilhabela, sua identificação já havia sido registrada por Mendonça de Souza & Mendonça de Souza 1981/1982, Tenório 2003, Silva 2005 e Amenomori 2005. Apesar de sua constante presença sobre os sambaquis, essa cerâmica e seu contexto nunca foram alvos de estudos detalhados, sendo estes centrados, principalmente, no entendimento dos depósitos conchíferos que foram diretamente relacionados à ocupação sambaquieira.

Cabe destacar que a falta de informações sobre os povos ceramistas do litoral norte paulista está diretamente relacionada à raridade de trabalhos arqueológicos com esse enfoque na região, ainda que existam relatos seiscentistas que apontem para a presença massiva de indígenas estabelecidos nessa zona costeira durante o período de contato. Esses relatos focados predominantemente na presença e domínio dos povos Tupi, serviram de base para a maioria dos historiadores posteriores ao período em que foram produzidos, resultando na construção de discursos que, muitas vezes, colocam à margem os povos de origem Jê, conforme já discorrido no capítulo 1.

Os arqueólogos, por sua vez, não se dedicaram à identificação e estudo dos sítios cerâmicos do litoral paulista que, inquestionavelmente, poderiam contribuir para um melhor entendimento do panorama da ocupação ceramista no litoral norte desse estado em face de sua importância para as estratégias de colonização que remodelaram as paisagens e imprimiram ao litoral o perfil que possui nos dias atuais. Da ausência de informações que corroborem ou refutem os pressupostos já estabelecidos, resulta um profundo silêncio teórico por parte da arqueologia, de modo que os maiores avanços para o entendimento da presença de povos Tupi e jês no litoral têm estado nas mãos dos antropólogos e linguistas (Monteiro 2005, Fernandes 1949, Edelweiss 1947, vide também Meggers & Evans 1974).

Nesse contexto, não se encontrou nas publicações subsídios para comparações das cerâmicas existentes sobre os sambaquis do arquipélago de Ilhabela, e do material oriundo dos demais sítios cerâmicos já cadastrados por outros pesquisadores compostos,

predominantemente, por fragmentos não decorados. O único trabalho arqueológico enfocando a presença indígena ceramista do litoral norte foi realizado na década de 1980 sob a coordenação de Dorath Pinto Uchôa e refere-se a um assentamento Tupi datado do período de contato localizado em Itaguá, Ubatuba (Scatamacchia & Uchôa 1993; Uchôa et al 1984).

Nesse sentido, ainda que o foco deste estudo esteja centrado nas ocupações sambaquieiras, os remanescentes da presença de índios ceramistas na região não puderam ser desconsiderados neste trabalho na medida em que boa parte dos vestígios deixados por eles está assentada sobre os sambaquis, sugerindo, no mínimo, a existência de uma relação, interação ou associação entre a presença desses sítios e os vestígios cerâmicos localizados em suas superfícies. Ainda que a presença ceramista não seja aqui esmiuçada em detalhes, abordagem que caberá a um projeto específico sobre esse tema, os remanescentes artefatuais deixados pelos ceramistas sobre os sambaquis não só contribuem para o entendimento dos processos das diferentes ocupações ocorridas em Ilhabela, como permitem um primeiro esboço no sentido de compreender a existência de uma possível relação entre homem e paisagem compartilhada por diferentes povos. Permite também tecer algumas hipóteses sobre a ocupação dos sambaquis pelo povo ceramista, além de contribuir com informações sobre as aldeias indígenas já identificadas em Ilhabela, cujo acervo nunca fora alvo de estudos e, tampouco, teve seu contexto cronológico estabelecido.

Como Ilhabela foi palco de inúmeras atividades agrícolas no passado, e por ainda contar com roças caseiras de caiçaras, a superfície de parte dos sambaquis, principalmente os localizados a céu aberto, já apresentava algum impacto pré-existente. Quanto aos sítios associados aos abrigos, de modo geral, eles apresentavam superfície mais preservada, ainda que a reutilização desses locais por escravos fugidos e, posteriormente, por caçadores, tenha acarretado em impacto leve resultando no pouco volume de material que atualmente apresentam. As cerâmicas localizadas nas superfícies dos sítios foram coletadas de forma amostral com o intuito de se investigar melhor o material em laboratório, bem como foram coletados alguns poucos fragmentos cerâmicos “varridos” para as bordas dos assentamentos, prática comum entre os caçadores da região que utilizavam os abrigos durante a noite.

Além das cerâmicas localizadas sobre os sambaquis, estão inclusos nas análises os artefatos oriundos dos dois sítios tipo aldeia já identificados em Ilhabela: Viana e Barra Velha 3. A inclusão dessas coleções se justifica pelo fato de ambas apresentarem significativa similaridade com os vestígios dos topos dos sambaquis, além de serem as únicas coleções que poderiam referenciar e auxiliar na contextualização do material cerâmico existente sobre os sítios⁷¹. A significativa quantidade de material presente nessas coleções permitirá, também, fornecer subsídios iniciais para o entendimento do contexto ceramista de Ilhabela.

5.3.1 - A cerâmica sobre os sambaquis

A partir da localização de diversos sambaquis com presença de cerâmica em superfície, amostras desses fragmentos passaram a ser coletadas em todos os sítios onde foram encontradas no intuito de serem estudadas em laboratório. A maior parte dos sambaquis identificados apresentou vestígios cerâmicos no topo do assentamento, outros tantos não e, segundo os moradores locais, tal ausência está relacionada aos processos ocorridos sobre os sítios em período recente. A maioria dos sítios implantados a céu aberto que são, também, os mais roçados, não apresentou vestígios preservados, mas há informações sobre a presença de cerâmica originalmente existente no topo dos sambaquis: Terra Preta, Costão e Toca do Gentio na Ilha da Vitória e no sambaqui da Mãe Joana, Porto do Meio e também no Abrigo Guanxumas na Ilha dos Búzios.

Conforme já apresentado no capítulo 3, durante a realização deste trabalho foram identificados dois sítios cerâmicos localizados em abrigos, mas já muito impactados pela presença e utilização constante de caçadores, são os sítios Valo da Gruta e Abrigo Codó. Devido à pouquíssima quantidade de material preservado nesses sítios e seu alto grau de fragmentação não foi possível a realização de uma análise mais precisa e a reconstituição das formas, todavia, uma amostra do sítio Valo da Gruta, localizado na Praia das Enxovas, serviu plenamente para datação. Exemplares dos topos dos sambaquis e dos acervos cerâmicos das aldeias que foram revisitados também foram datados, contribuindo para o

⁷¹ Relatos deixados pelo arqueólogo P. Cali (2006) apontam a existência de outro sítio tipo aldeamento em Ilhabela, denominado Ilhote, cujo acervo coletado está armazenado na Reserva Técnica do IHGAI. Contudo, a falta de dados mais aprofundados sobre o sítio e a pequena quantidade de material obtida não permitem a realização de comparações seguras.

estabelecimento do contexto temporal da ocupação ceramista cujos resultados serão apresentados no tópico 5.4.

Tabela 10 - Sambaquis de Ilhabela com cerâmica em superfície.

Sambaquis	Localização	Características	Datação do depósito conchífero (topo)
Toca da Caveira	Ilha dos Búzios	Costeira Associado a abrigo	679±30 (cal.máx. 1σ)
Toca da Paixão	Ilha dos Búzios	Costeira Associado a abrigo	565±30 (cal.máx. 1σ)
Toca do Barro Vermelho	Ilha dos Búzios	Média altitude Associado a abrigo	1682±30(cal.máx. 1σ)
Abrigo Sul	Ilha de São Sebastião	Elevada altitude Associado a abrigo	551±30 (cal.máx. 1σ)
Toca do Ramiro	Ilha da Vitória	Elevada altitude Associado a abrigo	690±30 (cal.máx. 1σ)
Abrigo do Beto	Ilha da Vitória	Elevada altitude Associado a abrigo	730±30 (cal.máx. 1σ)
Sambaqui do Paredão	Ilha dos Pescadores (arquipélago da Vitória)	Elevada altitude Associado a abrigo	543±30 (cal.máx. 1σ)
Toca do Caramujo	Ilha de São Sebastião	Elevada altitude Associado a abrigo	1052±30(cal.máx. 1σ)
Porto da Toca	Ilha de São Sebastião	Elevada altitude Associado a abrigo	657±30 (cal.máx. 1σ)

A análise do material cerâmico do topo dos sambaquis contemplou todos os exemplares coletados por amostragem, totalizando 61 fragmentos. Em laboratório foi constatado que poucas eram as peças passíveis de remontagem, sendo possível reconstituir apenas três fragmentos da cerâmica do Porto da Toca e parte do potinho colocado junto aos sepultamentos no sambaqui Toca da Caveira. As demais partes do utensílio não foram encontradas no sítio devido à intervenção intensa ocorrida previamente no local.

As análises realizadas com o material cerâmico existente sobre os sambaquis permitiram constatar que os artefatos foram 100% confeccionados a partir da técnica de acordelamento. Os utensílios cerâmicos possuíam dimensões médias com espessuras predominantemente variando de médias a finas (entre 0,2 e 0,7cm), com exceção do material localizado sobre o sambaqui Porto da Toca que apresentava fragmentos bem mais avantajados com espessura de 1,2 cm, como os que foram identificados para os

acervos das aldeias Viana e Barra Velha 3, conforme se verá. Foi possível registrar com clareza a presença de antiplástico mineral em 100% dos fragmentos, com tempero mais ou menos grosso, predominando areia e grãos de quartzo. Quanto à coloração dos fragmentos, destaca-se o marrom alaranjado (cuja matéria prima é abundante em todo o arquipélago), seguido do marrom mais escuro e levemente acinzentado que também é muito freqüente.

Quanto à técnica de acabamento, os exemplares dos topos dos sambaquis revelam uma cerâmica simples com apenas o alisamento, de modo que algumas estrias podem ainda ser notadas nas superfícies. A decoração plástica não foi verificada em nenhum dos fragmentos e também não foram encontrados apêndices ou paredes com inflexões. A reconstituição morfológica dos vasilhames foi possível em apenas dois sítios devido ao alto grau de fragmentação dos cacos, ainda que muitas bordas tenham sido encontradas sobre os sambaquis. A reconstituição evidenciou a presença de potes e tigelas utilitárias, normalmente associadas à necessidade de armazenagem de líquidos ao preparo e consumo de alimentos, cujo diâmetro de boca não excedia os 28 cm.

Os artefatos evidenciados sobre os sambaquis de Ilhabela, e àqueles referentes aos abrigos cerâmicos, apresentam características que permitem associá-los a Tradição Aratu. Essa tradição tem relação direta com a presença de povos Jê, cuja ocupação já está estabelecida para o norte paulista, sul mineiro e território mato-grossense, mas ainda não havia sido identificada no litoral paulista (Prous 1992). O estudo que se seguiu com base nas coleções cerâmicas retiradas de sítios-aldeias permitiu ampliar o conhecimento sobre este material e comparar as informações obtidas com os dados da cerâmica Aratu presente no topo dos sambaquis, conforme se verá nos tópicos seguintes.

Prancha 38



1. Borda com friso próximo ao lábio - Porto da Toca.
Foto: Bendazzoli, C.



2. Espessura e queima da cerâmica - Porto da Toca.
Foto: Bendazzoli, C.



3. Fragmento com marcas de alisamento - Porto da Toca.
Foto: Bendazzoli, C.



4. Bolotas de cerâmica sobre o sambaqui do Paredão.
Foto: Bendazzoli, C.



5. Cerâmica no topo do sítio Toca da Paixão.
Foto: Bendazzoli, C.



6. Fragmentos de cerâmica na superfície da Toca do Barro Vermelho.
Foto: Bendazzoli, C.



7. Pote sobre o sítio Toca da Caveira, Ilha dos Búzios.
Foto: Bendazzoli, C.

5.3.2 - A Coleção do Sítio Viana

O sítio Viana (coordenadas UTM 23K 464755/7373220) está implantado sob um pequeno morrote localizado no Bairro do Viana, norte da Ilha de São Sebastião, na face voltada para o canal de Toque-Toque. Essa região é marcada pela presença de morros baixos levemente achatados circundando a pequena planície que se estende até a diminuta Praia do Viana, com numerosos afloramentos rochosos. Essa região, assim como boa parte da Ilha de São Sebastião é recortada por rios que descem das encostas e desaguam no mar, apresentando terras boas para cultivo que foram muito exploradas ainda no período colonial. Atualmente, sua paisagem bastante alterada é marcada pela presença de hotéis e restaurantes, destacando-se como ponto de visitação turística.

As únicas informações encontradas a respeito do contexto de identificação do sítio Viana são apresentadas por Cali (2000). Segundo este autor, em 1976, obras de terraplanagem realizadas sobre o platô de um morrote na Praia do Viana implantado a 106 m de altitude em relação ao nível do mar, revelou a presença de urnas funerárias indígenas no local. As obras teriam sido paralisadas até que as arqueólogas Prof^a Dr^a Dorath Pinto Uchôa e Prof^a Dr^a Luciana Pallestrinni, chamadas para verificar o local, pudessem fazer averiguações no sítio (ibidem: 12).

Essa averiguação ocorreu em 1978 e, na época, foi verificado que o sítio estava sendo destruído pela construção de uma residência no topo de um morrote localizado de frente ao canal de São Sebastião, sendo possível constatar a ocorrência de diversos fragmentos de cerâmica dispersos na superfície. Visando recuperar informações sobre o assentamento em vias de destruição as referidas arqueólogas empreenderam uma pequena escavação no local. Foram então abertos dois poços testes, além de uma ampla coleta de superfície realizada no sítio⁷². Os poços testes receberam a numeração 1 e 2 e foram escavados por níveis artificiais de 15 em 15 centímetros até a profundidade de pelo menos de 30 cm. Em laboratório, o material proveniente da superfície geral do sítio recebeu o número 2000 assinalado em cada caco, o material do PT1 referente ao nível artificial 0-15 cm foi numerado como “2011” e o

⁷² Não foram encontradas anotações ou demais documentação sobre a escavação junto ao material de pesquisa da arqueóloga responsável pelo campo, cujo acervo pessoal foi a pouco tempo transferido para a guarda do MAE/USP.

do nível 15-30 cm com o número “2012”. Já o material proveniente do PT2 referente ao nível 0-15 cm foi numerado como “2021” e o do nível 15-30 cm foi identificado como “2022”⁷³.

Não foi possível recuperar os dados quanto ao posicionamento espacial das sondagens em relação ao sítio, referentes à descrição e desenho da estratigrafia, sobre o tipo de sedimento, grau de compactação e ocorrência de estruturas. Ainda assim, as informações existentes em relação a esse material fornecem dados importantes, pois permitem identificar a intervenção ao qual pertencem os vestígios e o nível estratigráfico ao qual estavam associados, uma vez que os artefatos escavados pela pesquisadora se encontravam em contexto preservado.

As escavações empreendidas no local revelaram a presença de grande quantidade de cerâmica quase sem decoração totalizando 1770 fragmentos, além de 328 líticos, 15 exemplares malacológicos⁷⁴ e uma urna funerária contendo restos de um sepultamento humano em seu interior. O material retirado do sítio Viana foi levado ao Instituto de Pré-História da USP⁷⁵ e a área tomada por uma construção. No local foi erigida uma ampla residência, acarretando na destruição de quase todo o restante do assentamento, de modo que os funcionários que acompanharam o trabalho na época mencionam a existência de grande quantidade de urnas funerárias contendo sepultamentos, todas destruídas pela passagem do trator utilizado para nivelar o terreno.

O material coletado no sítio passou por higienização e numeração das peças, sendo posteriormente depositado na Reserva Técnica do então Instituto de Pré-História da USP sem que fosse alvo de estudos posteriores. O único exemplar que recebeu atenção maior foi a urna funerária bastante fragmentada que havia sido reconstituída em laboratório, sendo possível constatar que a mesma possuía formato piriforme e não apresentava decoração. Na época a urna foi também submetida à escavação de seu interior, tendo revelado a presença de vestígios ósseos humanos ainda preservados, além de boa quantidade de sedimento que foi armazenada em saquinhos juntamente com os fragmentos cerâmicos encontrados no interior da urna.

⁷³ Durante a realização das análises para este trabalho foi feita a troca de saquinhos, mas mantidas as etiquetas originais. Também foi separada uma coleção de referência identificada em cada peça pela sigla Vi, seguida da numeração original (2010, 2011, 2021 ou 2022) adicionando a numeração da peça no contexto da coleção de referência (ex: Vi2011-01, Vi2011-02, Vi2022-3, etc)

⁷⁴ Os exemplares recuperados são todos *Strombus pugilis* (Linnaeus, 1758).

⁷⁵ Atual Museu de Arqueologia e Etnologia – MAE/USP

Os trabalhos empreendidos pelo presente projeto junto ao material do sítio Viana contemplaram, além dos estudos da indústria cerâmica, a triagem e a separação do material ósseo do sedimento, visando o acondicionamento de ambos de forma mais adequada e segura à preservação do material. Nesse processo também foi selecionado um dos fragmentos de cerâmica que originalmente estava em meio ao sedimento do interior da urna, portanto, com contexto seguro, para ser remetido para datação conforme se verá no tópico 5.4.

Além dos utensílios como potes e vasilhas, compõe a coleção um cachimbo fragmentado com formato tubular localizado pela arqueóloga Dorath Pinto Uchôa durante a intervenção realizada no sítio Viana. Esse cachimbo tubular, assim como a urna funerária de formato piriforme, guarda características que estão diretamente relacionadas à Tradição Aratu (Prous 1992), assim como os vestígios cerâmicos encontrados nos topos dos sambaquis. Conforme já dito, essa tradição nunca fora anteriormente identificada para a região litorânea paulista de modo que o estudo dessas coleções fazia-se ainda mais urgente, pois poderia trazer novas informações que permitiriam corroborar ou refutar a perspectiva de uma significativa presença Aratu em região insular.

Sendo assim, a coleção cerâmica do sítio Viana foi analisada em sua totalidade para a realização do presente trabalho, visando à obtenção de informações sobre um volume significativo de material, 1770 peças. Além disso, visando contribuir com a produção da documentação do sítio podendo, no futuro, ser revisitada por outros pesquisadores, o presente trabalho também empreendeu a elaboração de uma descrição básica da coleção, contagem das peças, análise e reconstituição da cerâmica, além da triagem dos artefatos diagnósticos criando, assim, uma coleção de referência.

O Sítio Viana apresenta uma ocupação bastante rasa que parece se estender até os 30 cm apenas. A maior incidência de material tanto cerâmico, quanto lítico, ocorre entre a superfície até os 15 cm, de modo que o impacto causado pelo trator atingiu diretamente o depósito arqueológico. No material cerâmico recuperado com as escavações empreendidas pela Prof^a Dr^a Dorath Uchôa, predominam fragmentos de paredes, seguidos de bordas e bases. A distribuição desse material no contexto estratigráfico é representada pela tabela a seguir.

Tabela 11 - Distribuição do material arqueológico no sítio Viana

Local	Nível	Paredes	Bordas	Bases	Líticos	Conchas
Superfície Geral		79	9	0	1	0
Poço Teste 1	Superfície	16	3			0
Poço Teste 1	0-15	581	39	15	175	7
Poço Teste 1	15-30 na parede norte e 0-20 na parede sul	131	11	2	8	0
Poço Teste 2	Superfície	43	5		1	0
Poço Teste 2	0-15	748	69	15	135	7
Poço Teste 2	15-30	0	3	1	8	1
TOTAL		1598	139	33	328	15

Duas décadas depois, no ano 2000, o arqueólogo Plácido Cali revisitou o local do Sítio Viana identificando, na ocasião, diversos fragmentos arrastados pelo trator e que ainda afloravam na superfície do terreno. Segundo Cali *“Neste local, pode-se observar em superfície, centenas de fragmentos de cerâmica indígena. Os outros locais de incidência do material são a encosta da colina, lateral a referida casa principal e a área junto ao portão de entrada da propriedade... Devido aos trabalhos de terraplanagem realizados entre os anos 1976 e 1979, o material arqueológico no solo original foi removido juntamente com a terra e jogado pela encosta em três direções diferentes”* (2000:13).

Parte do material disperso em superfície foi recolhida pelo referido arqueólogo não sendo mais possível, nesse momento, o entendimento da sua contextualização estratigráfica de origem, ainda preservada durante a etapa de trabalho ocorrida na década de 1970. O material coletado pelo arqueólogo corresponde a 1834 artefatos⁷⁶ mas, devido à descontextualização à que foi submetido em função das obras de terraplanagem efetuadas no local e, em decorrência das condições acima descritas quando das ações de coleta, esse acervo não foi utilizado nas análises aqui propostas. Assim sendo, o material proveniente desse sítio é aqui representado pela coleção preservada na Reserva Técnica do MAE/USP.

⁷⁶ As fichas descritivas da coleção fazem parte da documentação do Instituto Histórico, Geográfico e Arqueológico de Ilhabela (IHGAI). Não foram encontradas descrições de campo ou demais informações sobre as atividades realizadas no local.

Os estudos realizados com o material cerâmico do sítio Viana permitiram constatar que o material possui as mesmas características dos fragmentos encontrados sobre o topo dos sambaquis, à exceção do tamanho dos utensílios. Todos os fragmentos cerâmicos presentes nas coleções do sítio Viana foram confeccionados a partir da técnica de acordelamento⁷⁷. Os utensílios cerâmicos possuíam paredes com espessura variando entre 0,2 e 1,4 cm, mas que, em média variou entre 0,5 e 0,8 cm, ou seja, pouca coisa mais espessa que a média dos topos dos sambaquis. Também o diâmetro de boca dos vasilhames do sítio Viana são, em média, maiores que os dos topos dos sambaquis, variando entre 12 e 38 cm.

Foi possível registrar com clareza a presença de antiplástico mineral em 100% dos fragmentos, predominando grãos de quartzo, muitos dos quais apresentam granulometria muito grossa. Quanto à coloração dos fragmentos, na coleção do Viana também predomina o marrom alaranjado (obtido do barro vermelho abundante na região) e o marrom mais escuro, levemente acinzentado. Nesse sítio predominam fragmentos simples (não decorados), com alisamento e a única decoração plástica existente está relacionada à presença de um friso inciso ao longo da borda, logo abaixo do lábio, na face externa das peças. Compõem parte dessa coleção eventuais fragmentos contendo engobo vermelho, mas não foram identificados apêndices ou paredes com inflexões.

A reconstituição morfológica dos vasilhames da coleção do Sítio Viana evidenciou a predominância de potes e tigelas utilitárias de pequeno porte, normalmente associados à necessidade de armazenagem de líquidos e de preparo e consumo de alimentos, e também significativa quantidade de utensílios maiores. Quanto à morfologia dos recipientes cerâmicos, são bastante similares entre as coleções e também tem relação com aquelas encontradas nos topos dos sambaquis. Durante a realização dos trabalhos foi possível reconstituir a forma de 26 recipientes cuja representação gráfica será apresentada mais adiante.

⁷⁷ A exceção da ínfima quantidade do material neobrasileiro coletado da superfície do sítio por Dorath Uchôa, sendo clara sua intrusão em meio ao material de origem indígena.

Prancha 39



1. Sítio Viana com perfil de elevação.
Foto: Bendazzoli, C.



2. Coleção Viana acervo MAE.
Foto: Bendazzoli, C.



3. Cachimbo tubular.
Foto: Santos, A.G.



4. Friso paralelo à borda do fragmento.
Foto: Bendazzoli, C.



5. Urna funerária.
Foto: Atorre, T.

5.3.3 - A Coleção do Sítio Barra Velha 3

O sítio Barra Velha 3 (coordenadas UTM 23K 2346265/7365122) está localizado na Barra Velha, bairro da Ilha de São Sebastião que compreende boa parte das encostas e da extensa planície do Perequê. Essa região inserida na porção central da face oeste da Ilha de São Sebastião, ou seja, na face voltada para o canal de Toque-Toque e continente contíguo, configura-se, atualmente, uma das áreas mais populosas da ilha. Tal situação decorre da antiquíssima ocupação das planícies do Perequê e Barra Velha para o estabelecimento de engenhos de cana em toda área, banhada por rios caudalosos e que apresenta ampla extensão de planície não inundável.



Figura 31 - Imagem da Barra Velha no início do século XX.

Com o crescimento populacional de Ilhabela ocorrido, predominante, a partir da década de 1970 devido ao afluxo de migrantes para atender às demandas turísticas do município, o bairro da Barra Velha se expandiu para as encostas desmatadas pelos séculos de exploração agrícola, passando a ocupar platôs e topos de morros elevados. Cada vez mais a região da Barra Velha tem demandado a implementação de serviços de saneamento e arreamento, dentre outros, e foi justamente devido à necessidade de intervenções dessa natureza que o sítio Barra Velha 3 foi identificado no município durante a realização de trabalhos de arqueologia preventiva realizada em função de obras (Cali 2006a).

O sítio Barra Velha 3 encontra-se implantado em platô pouco elevado situado na vertente suave de um morro, entre as ruas Ceará e Antonio Carlos da Fé, área facilmente acessível aos principais corpos de água doce. A escavação em subsuperfície visando identificar a existência de possíveis sítios arqueológicos no local revelou a existência de grande quantidade de material cerâmico espalhado por grande extensão do terreno que já apresentava diversas construções de moradia. Segundo apontou Cali (2006a) boa parte do

sítio estava sob as residências, sendo possível identificar a cerâmica aflorando nas áreas envoltórias às casas e nos acessos ainda não asfaltados.

A realização de estudos preventivos para as obras resultou na coleta de grande volume de material, porém, boa parte do sítio permaneceu sob as casas e as obras de intervenção, construção ou ampliação de residências que se seguiram à descoberta resultaram em impactos ao sítio e na formalização de ocorrências de destruição verificada no local. Apesar da lamentável situação na qual se encontrava esse assentamento, o empreendimento de uma pequena escavação no local à época, revelou a presença de grande quantidade de cerâmica não decorada e material lítico que foram inicialmente associados à Tradição Itararé (Cali s/d).

O material arqueológico do sítio Barra Velha 3 apresenta alto potencial de pesquisas no que se refere ao entendimento da ocupação ceramista em Ilhabela, tendo em vista tratar-se de um exemplar dos raros sítios tipo “aldeia” já encontrados na região. As intervenções efetuadas no local resultaram na localização de 2614 artefatos cerâmicos e 39 líticos, não tendo sido este acervo alvo de estudos e publicação desde sua obtenção em 2006. Em função disso e de sua importância para o entendimento da presença ceramista em Ilhabela e sua relação com os depósitos sambaquieiros, a coleção Barra Velha 3 também foi incluída nas análises levadas a cabo por este trabalho. Devido à presença de fragmento extremamente pequenos e já deteriorados que inviabilizavam uma análise mais acurada, dos 2614 artefatos cerâmicos foram selecionadas 1303 peças maiores e mais bem conservadas dentre essa coleção.

Tabela 12 - Proporção de fragmentos diagnóstico do sítio Barra Velha 3.

	Parede	Borda	Base
Quantidade	1149	110	54

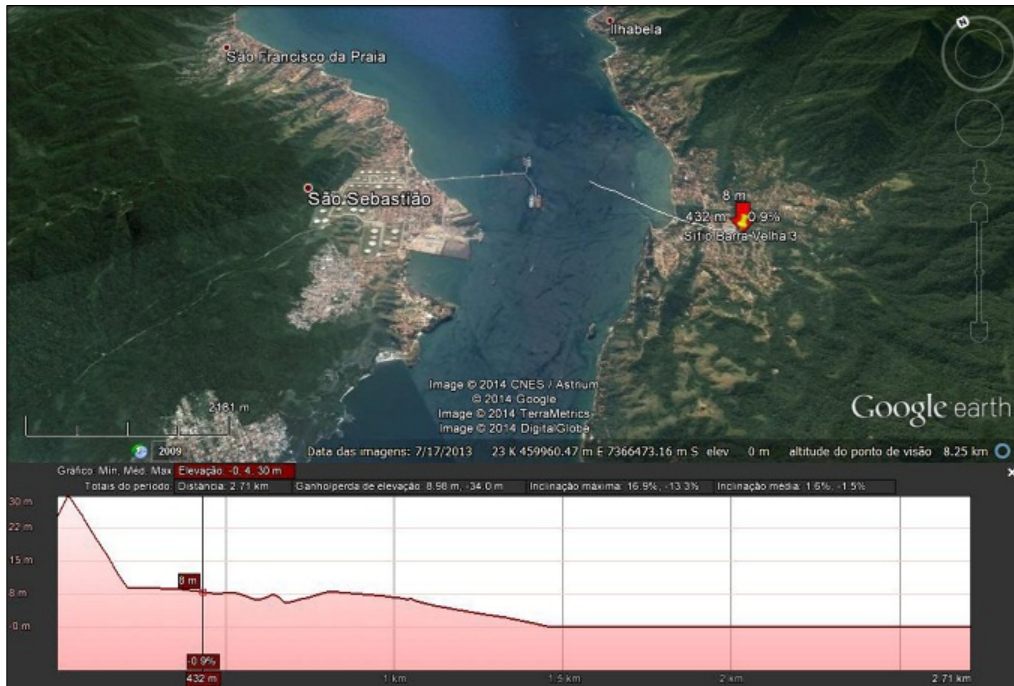
A coleção Barra Velha 3 é composta por fragmentos de cerâmica que é, em tudo, semelhante àquela localizada no sítio Viana e também às dos topos dos sambaquis, caracterizando plenamente a Tradição Aratu. As cerâmicas do sítio Barra Velha 3 foram todas confeccionadas a partir da técnica de acordelamento, sua espessura varia entre 0,2

cm⁷⁸ e 1,4 cm, predominando significativamente os utensílios com espessura média entre 0,5 e 0,8 cm. As dimensões dos vasilhames e potes são, assim como no sítio Viana, mais avantajadas do que os vasilhames presentes sobre os sambaquis, apresentando diâmetro de boca entre 9 e 42 cm, com largura média frequente entre 16 e 22 cm.

O antiplástico mineral com granulometria de média a grossa está presente em 100% dos fragmentos, predominando os grãos de quartzo, bem como já fora verificado para os sítios Viana e topo de sambaquis. Quanto à coloração, também se observa significativa similaridade com as coleções já estudadas de Ilhabela, destacando-se o marrom alaranjado e o marrom escuro acinzentado. O acabamento da cerâmica é bastante simples, feito a partir do alisamento e com o mesmo tipo de decoração verificado no sítio Viana, ou seja, a presença de um friso inciso bem marcado ao longo da borda, logo abaixo do lábio, na face externa das peças. Nesse sítio estão presentes eventuais fragmentos com engobo preto e vermelho, tendo sido identificado um único apêndice representado por uma pequena saliência de formato circular em uma das paredes analisadas.

⁷⁸ As espessuras finas não são comuns e estão freqüentemente relacionadas aos fragmentos de bordas.

Prancha 40



1. Barra Velha 3 com perfil de elevação.
Foto: Bendazzoli, C.



2. Indústria com granulometria grossa.
Foto: Bendazzoli, C.



3. Apêndice de fragmento cerâmico.
Foto: Bendazzoli, C.



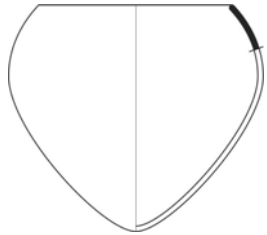
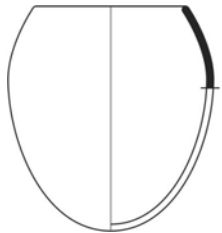
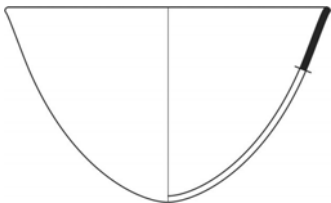
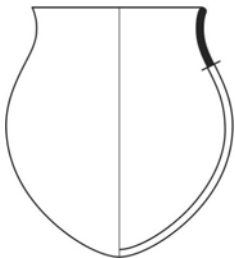
4. Apêndice de perfil.
Foto: Bendazzoli, C.

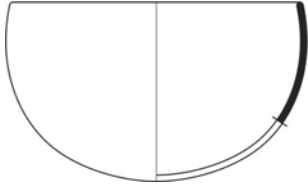
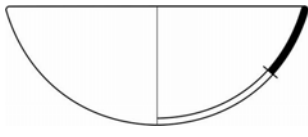
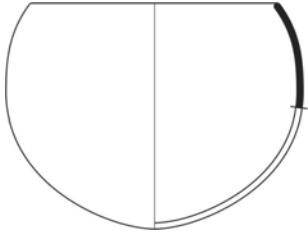


5. Observação de antiplástico e queima da cerâmica BV3.
Foto: Bendazzoli, C.

A reconstituição morfológica dos vasilhames foi elaborada a partir da triagem do material diagnóstico existente na coleção, do qual 36 bordas serviram para o estabelecimento do repertório das formas presentes nesse sítio, que são, em tudo, semelhantes àquelas já identificadas nas demais coleções cerâmicas investigadas. A reconstituição evidenciou a predominância de potes e tigelas utilitárias, normalmente associadas à necessidade de armazenagem e de preparo e consumo de alimentos, além de grande quantidade de utensílios de maior volumetria, representados predominantemente por recipientes globulares, conforme revela a tabela abaixo.

Tabela 13 - Reconstituição da cerâmica dos topos dos sambaquis e das aldeias.

Forma	Reconstituição	Descrição	Ocorrência nos sítios (unidades)
A		Urna piriforme de contorno simples, boca constrita, borda direta inclinada interna, lábio arredondado e base cônica.	Viana = 1 uni.
B		Vasilha ovóide de contorno simples, boca constrita, borda direta inclinada interna, lábio arredondado e base convexa.	Viana = 2 uni.
C		Vasilha ovoide de contorno simples, boca aberta, borda direta vertical, lábio arredondado ou apontado e base convexa.	Viana = 9 uni. Barra Velha 3 = 4 uni.
D		Vasilha ovoide de contorno infletido, boca constrita, borda extrovertida, lábio arredondado e base cônica.	Viana = 2 uni. Barra Velha 3 = 9 uni. Porto da Toca = 2 uni. T. Barro Vermelho = 1 uni.

Forma	Reconstituição	Descrição	Ocorrência nos sítios (unidades)
E		Vasilha semi-esférica de contorno simples, boca levemente constricta, borda direta vertical, lábio arredondado ou apontado e base convexa.	Barra Velha 3 = 7 uni.
F		Vasilha rasa, de contorno simples, boca aberta, borda direta inclinada externa, lábio arredondado e base convexa.	Viana = 2 uni. Barra Velha 3 = 3 uni.
G		Vasilha esférica, de contorno simples, boca constricta, borda direta inclinada interna, lábio arredondado e base convexa.	Viana = 10 uni. Barra Velha 3 = 13 uni.

O estudo do material cerâmico presente no topo dos sambaquis e também aquele que compõe o acervo dos sítios aldeias Viana e Barra Velha 3 revelaram que todos eles pertencem à Tradição Aratu, e permite descartar a proposição pré-existente de que a presença ceramista de Ilhabela tenha relação com a Tradição Itararé (Cali s/d). As características tecnológicas, morfológicas e estilísticas presentes no material não dão margem a dúvida de que se trata de cerâmica Aratu como as já bem caracterizadas para outras regiões do norte paulista, vale do Paraíba e sul mineiro (Prous 1992, Fernandes 2001, Robrahn-González 2000, entre outros).

Há que considerar também a presença de urnas funerárias com formato piriforme no sítio Viana, ligadas à ocupação Aratu, cujo exemplar presente no acervo do MAE/USP exemplifica as características do material que se perdeu com o impacto causado ao sítio. Urnas funerárias de relacionadas à Tradição Aratu já haviam sido identificadas em algumas regiões do Vale do Paraíba, mas sua presença no litoral norte paulista nunca havia sido relatada. A identificação de urnas Aratu em Ilhabela permite afirmar que essa porção do litoral vivenciou uma dinâmica de ocupação não contemplada em detalhes nas narrativas seiscentistas, tampouco foi estudada em período posterior, e tem relação direta com a presença de povos Jê dominando o território e estabelecendo aldeias nos platôs elevados das encostas florestadas da Ilha de São Sebastião.

Corroboram com essa proposição também os acervos líticos de ambos os sítios Viana e Barra Velha 3. Ainda que o material lítico do sítio Viana não tenha sido aqui apresentado em

detalhes, a observação minuciosa da coleção revelou a predominância de material lascado sob quartzo, seixos em rocha básica utilizados como batedores e quebra coquinhos, assim como ocorre com o material lítico do sítio Barra Velha 3, conforme apresentado no tópico 5.2. A observação preliminar do acervo lítico do Viana e a análise da coleção do sítio BV3 revelam características já descritas para a Tradição Aratu. Soma-se a isso a presença de um tembetá de quartzo branco recuperado do sítio Barra Velha 3, artefato com características já identificadas para outras coleções Aratu e que reforçam a associação dos sítios cerâmicos de Ilhabela à origem Jê (vide Prous 1992).

A constatação de que a tradição cerâmica existente em Ilhabela é a Aratu e que, portanto, está relacionada à presença Jê no litoral norte paulista encontra respaldo nos apontamentos feitos no início desse trabalho, embasados pelos estudos lingüísticos e narrativas seiscentistas e setecentistas, que já remetiam para a existência de povos do tronco linguístico Macro-Jê vivendo na região. Revela também que a dispersão das populações pré-coloniais em meio àquela macrorregião tão acidentada foi muito mais complexa do que se acreditou até então. Se a visitação esporádica do litoral por povos Jê oriundos do planalto já há muito havia sido aventada, tendo sido amplamente aceita, o estabelecimento mais prolongado desses povos nos rebordos marinhos e nas ilhas da região era hipótese mais distante de ser considerada.

Nesse sentido, o estabelecimento de uma cronologia de ocupação constitui-se em ferramenta fundamental para o aprofundamento do entendimento da chegada, dispersão, e domínio do ambiente litorâneo por povos ceramistas oriundos do planalto. Somam-se a isso, as possibilidades que o estabelecimento de uma cronologia oferece em termos de comparação com as datas já estabelecidas para o final da presença sambaqueira que, em Ilhabela, perdurou até período bastante tardio conforme visto no capítulo 3. Essas informações permitirão definir o período do estabelecimento da presença Jê em Ilhabela permitindo tecer paralelos com as datas dos sambaquis, contribuindo para o entendimento da dinâmica de dispersão das populações pré-coloniais naquela macrorregião e das possíveis implicações resultantes da disputa ou do compartilhamento de domínios originalmente sambaqueiros.

5.4 - A cronologia de ocupação ceramista

Além das análises dos vestígios e a reconstituição morfológica dos artefatos, que possibilitaram um melhor entendimento das ocupações ocorridas sobre os topos dos sambaquis e

também aquelas relacionadas às aldeias ceramistas de Ilhabela, a coleta do material cerâmico desses sítios também visou o estabelecimento de datações de seus diferentes contextos de ocupação. A realização de datações permitiria tecer paralelos com as datas já estabelecidas para os pacotes conchíferos, de modo que fosse possível compreender melhor a presença de material cerâmico sobre os sambaquis e sua relação com aqueles sítios. Além disso, a datação das amostras das aldeias possibilitaria o entendimento da cronologia relativa ao estabelecimento dos assentamentos ceramistas em Ilhabela.

Foram realizadas datações de todos os sítios que apresentaram material cerâmico em suas superfícies e que estavam em condições de preservação confiáveis para análises. Devido à ausência ou descontextualização do carbono que possivelmente estivesse associado a esses vestígios, optou-se pela datação de todas as amostras de cerâmica a partir da técnica de termoluminescência⁷⁹ de modo que deverá ser considerada alguma variação para mais ou para menos, quando da comparação com as amostras de C14.

Ofereceram material cerâmico passível de datação os seguintes sítios: Abrigo do Beto, Toca do Barro Vermelho, Toca do Ramiro e Sambaqui do Paredão, todos localizados na ilha da Vitória; os sítios Toca da Caveira e Toca da Paixão localizados na Ilha dos Búzios e os sambaquis Toca do Caramujo e Porto da Toca na Ilha de São Sebastião, além da data já estabelecida para o sambaqui Abrigo Furnas (Bendazzoli et alli 2009), todos relacionados a ocupações ceramistas sobre sambaquis. Além destes sítios também foram datadas amostras do sítio cerâmico em abrigo denominado Valo da Gruta, localizado na Praia das Enxovas e das coleções provenientes das duas aldeias já localizadas em Ilhabela: Viana e Barra Velha 3, ambas na Ilha de São Sebastião. O resultado dessas análises é apresentado na tabela a seguir.

Tabela 14 - Datação das amostras cerâmicas dos sítios de Ilhabela.:

Código (LVD/DAT)	Amostra/sítio	Dose anual (μGy/ano)	Paleodose média (Gy)	Datação
3602	Abrigo do Beto/ Ilha da Vitória	2.000±450	0,785	400±85 A.P
3603	Toca do Barro Vermelho/ Ilha da Vitória	1.159±17	0,267	235±15 A.P
3604	Sambaqui do Paredão/ Ilha dos Pescadores	1.400±120	0,262	190±25 A.P

⁷⁹ O laboratório responsável por todas as datações arqueológicas feitas com TL foi o Datação, Comércio e Prestação de Serviços Ltda.

Código (LVD/DAT)	Amostra/sítio	Dose anual ($\mu\text{Gy}/\text{ano}$)	Paleodose média (Gy)	Datação
3998	Toca do Ramiro/ Ilhada Vitória	6.800 \pm 990	2,20	320\pm65 A.P
3671	Toca da Caveira/ Ilha dos Búzios	2.960 \pm 260	1,12	380\pm50 A.P
3668	Toca da Paixão/ Ilha dos Búzios	5.820 \pm 750	1,50	260\pm45 A.P
2388	Abrigo Furnas/ Ilha de S. Sebastião	3.900 \pm 500	1,92	480\pm85 A.P
3669	Toca do Caramujo/ Ilha de São Sebastião	3.050 \pm 400	0,55	210\pm30 A.P
3670	Porto da Toca/ Ilha de São Sebastião	5.660 \pm 480	2,00	350\pm50 A.P
3926	Barra Velha 3/ Ilha de São Sebastião	6.530 \pm 395	1,90	290\pm30 A.P
3927	Sítio Viana/ Ilha de São Sebastião	3.690 \pm 230	1,40	380\pm45 A.P
3997	Sítio Valo da Gruta/Ilha de São Sebastião	9.800 \pm 740	1,95	200\pm25 A.P

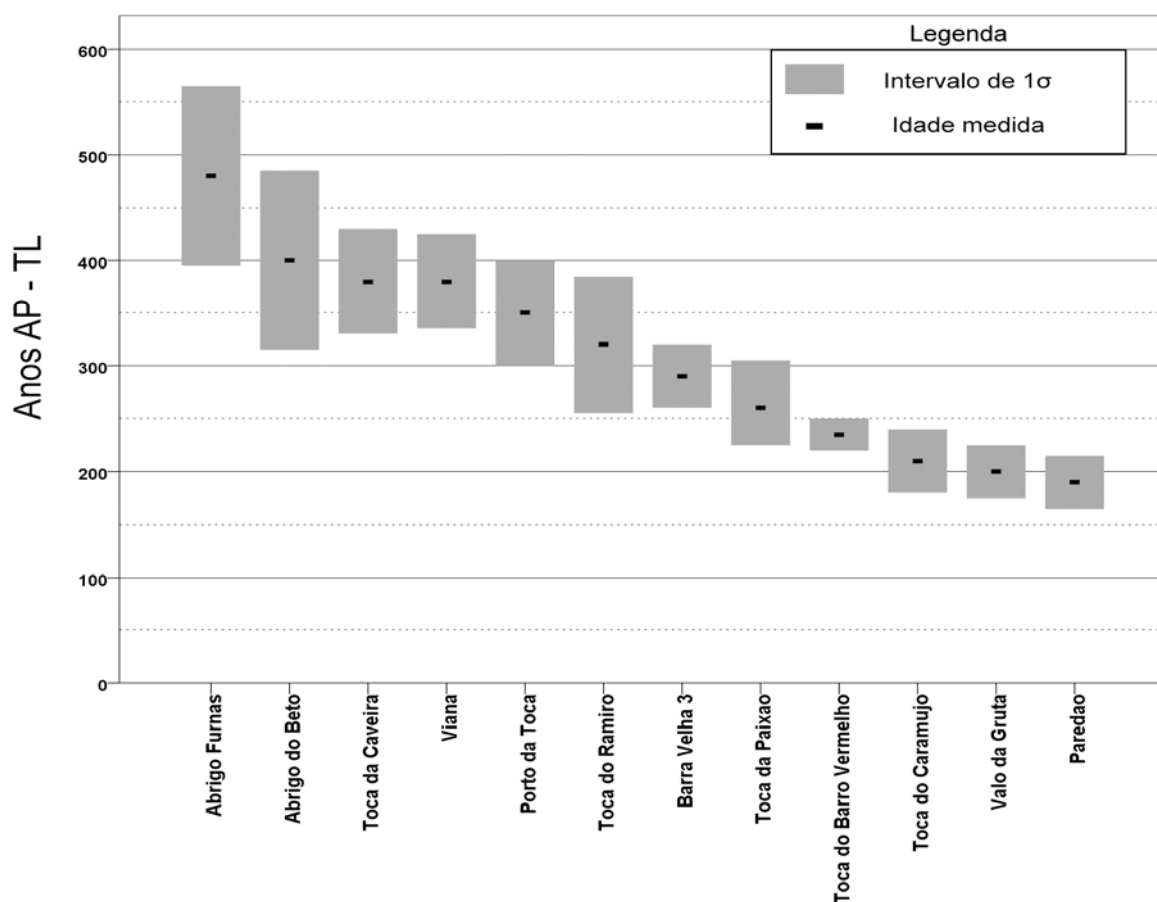


Figura 32 - Gráfico de datações das cerâmicas dos sítios de Ilhabela

As datações das amostras de cerâmica provenientes do topo dos sambaquis do arquipélago de Ilhabela revelaram a existência de uma bem estabelecida ocupação ceramista naquela área ocorrida num período que compreende, no mínimo, o intervalo entre 480±85 A.P., data mais antiga referente à ocupação do topo do sambaqui Abrigo Furnas, norte da Ilha de São Sebastião e 190±25 A.P, data mais recente referente à ocupação ceramista no topo do sambaqui do Paredão na Ilha dos Pescadores, arquipélago da Vitória. Essas datas revelam, portanto, uma intensa ocupação Jê por toda a região ao longo de pelo menos 300 anos e que se estendeu ao período colonial vivido naquele território.

Devido à falta de dados para comparação com outros sítios ceramistas do litoral norte paulista, não é possível saber o período exato em que os primeiros grupos Jês chegaram àquela região, considerando que vieram do planalto e das serras, esses povos deveriam ter seus sítios mais antigos na região continental e não insular como é caracterizada a presente área de estudos. Ainda assim, é possível constatar que, pelo menos na região insular, a chegada dos Jê parece ter seguido um ritmo acelerado, bem como, contínuo. A presença de datas seqüenciadas ao longo dos mais de 300 anos de ocupação revela que os povos ceramistas ali chegaram visando o estabelecimento e, para tal, dispersaram-se por regiões marinhas não familiares aos povos do interior. Nesse sentido, é plausível considerar que os povos ceramistas que rumaram nas canoas em direção ao extremo leste do arquipélago, já estavam habituados à região e à maritimidade imposta por esse território. Sendo assim, supõe-se que os povos ceramistas já estivessem, pelo menos, há algum tempo estabelecidos no continente contíguo.

A observação do gráfico com datas compartimentadas em relação às diferentes ilhas que compõem o arquipélago de Ilhabela permite vislumbrar que a área a qual se sabe ter sido ocupada primeiro corresponde ao norte da ilha de São Sebastião, próxima à face voltada para o canal de Toque-Toque que a separa do continente. Nessa área, facilmente acessível a partir do litoral norte de São Sebastião e sul de Caraguatatuba, um grupo Jê ocupou e deixou inúmeros vestígios no topo do sambaqui Abrigo Furnas, que representa, até então a data mais antiga da presença ceramista em Ilhabela. Decorridos apenas cem anos da ocupação localizada sobre o sambaqui Abrigo Furnas, já estava estabelecida a aldeia Viana na face do canal da Ilha de São Sebastião, assentamento que comporta vários dos elementos diagnósticos da Tradição Aratu bem definidos no registro arqueológico. Aproximadamente cem anos depois, outra aldeia já estava em franca

atividade na região da Barra Velha, também alocada na face do canal, evidenciando o crescente domínio do território ilhabelense pelos povos Jê.

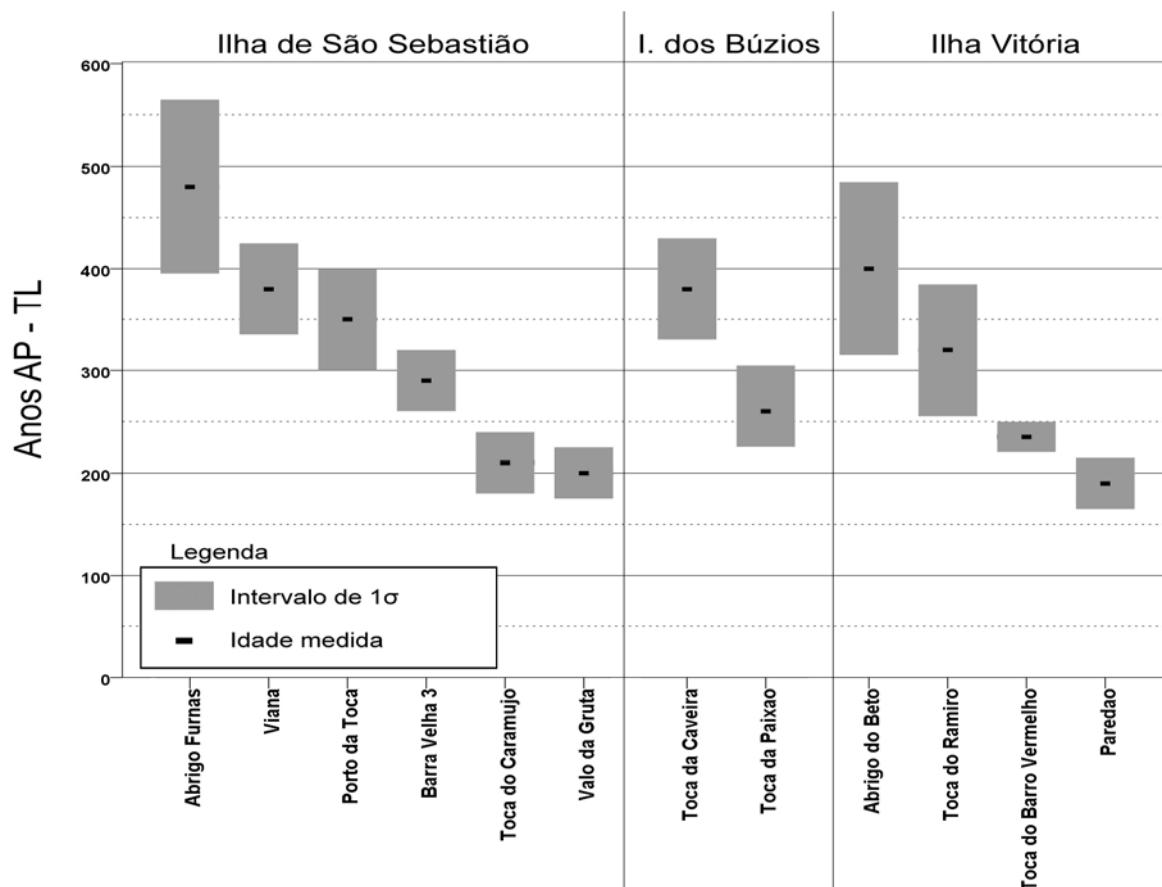


Figura 33 - Gráfico de datações cerâmicas compartimentado por ilhas.

As datas estabelecidas para a ocupação Jê nas ilhas da Vitória e dos Búzios revelam que a chegada desses povos até o extremo leste do arquipélago se deu pouco tempo depois de sua chegada à Ilha de São Sebastião. Prova disso é a datação de 400 ± 85 A.P referente à ocupação do topo do sambaqui Abrigo do Beto, na Ilha da Vitória, e a data de 380 ± 50 A.P referente ao potinho cerâmico Aratu deixado sobre o sambaqui Toca da Caveira, na Ilha dos Búzios. A ocupação de todas as ilhas do arquipélago pelos povos Jê alcança o período colonial tendo resistido até, pelo menos, o período próximo à ocupação da Toca do Caramujo (localizada a mais de 400m de altitude no interior da Ilha de São Sebastião), cuja datação da presença ceramista remete a 210 ± 30 A.P e do Sambaqui do Paredão, na Ilha da Vitória datado de 190 ± 25 A.P.

As datações obtidas para a ocupação ceramista em Ilhabela revelam um estabelecimento aparentemente rápido e interrompido, possivelmente pela presença colonizadora, e não Tupi. Sob

esse aspecto cabe destacar que não foram encontrados em Ilhabela quaisquer vestígios do estabelecimento de povos tupis, nem tampouco foi verificada a sobreposição de qualquer elemento Tupi sobre sambaquis ou em meio às coleções Jê. Desse modo, é possível aventar que a pressão exercida pelos Tupi juntos aos demais povos indígenas do litoral, amplamente descritas na literatura especializada, não parece ter tido efeito direto sobre esse território insular. Nas regiões afastadas do continente, os Jê encontraram condições propícias ao estabelecimento e permanência que foi marcada pela ocorrência de aldeias e também pela incidência de vestígios deixados sobre os sambaquis de todo o arquipélago.

O estabelecimento de datações das ocupações ceramistas de Ilhabela revelou que a chegada desses povos se deu do continente em direção às ilhas, mas que a região como um todo foi ocupada muito rapidamente, de modo que há quase 400 anos antes do presente todas as ilhas do arquipélago de Ilhabela já eram dominadas pelos Jê. As cerâmicas sobre os sítios não fazem parte da construção dos assentamentos em si, mas foram colocadas intencionalmente sobre eles, marcando as áreas de domínio sambaquieiras com elementos tipicamente ceramistas relacionados à nova ocupação iniciada em Ilhabela. A deposição de artefatos provenientes de povos ceramistas sobre os sambaquis serviu para marcar territórios e demonstrar que as paisagens do arquipélago de Ilhabela tinham novos donos. Mas as pesquisas arqueológicas realizadas no arquipélago de Ilhabela revelam que essa não foi a única forma encontrada pelos Jê para se fazer notar naquele arquipélago.

6 - A GUARDIÃ DA TOCA

“A inscrição na superfície lisa da rocha não é gravada, mas traçada com tinta vermelha, quase sanguínea: dois problemas insolúveis aqui se apresentam... Como se explica a persistência da tinta em que está escripta, resistindo a todos os estragos da destruição meteórica e pluviátil? Qual o ingrediente empregado para poder obter esse resultado resistindo aos séculos?” (Homem de Mello [1913] 1929).

A constatação da presença Jê em Ilhabela verificada através da existência de aldeamentos na Praia do Viana e na Barra Velha e da freqüente associação entre a cerâmica Aratu e o topo dos sambaquis, confirma que essa população se dispersou pelo arquipélago atingindo ilhas distantes de forma, aparentemente, rápida e pouco duradoura, tendo sucumbido à presença colonizadora. Se por um lado essa constatação foge da genérica convenção de que o litoral paulista era domínio sambaquieiro e posteriormente Tupi, a

localização de vestígios relacionados à presença Jê no litoral também contribuiu para a quebra de outro paradigma: aquele que definia o litoral paulista como ausente de arte rupestre. Os levantamentos de campo realizados em Ilhabela culminaram na localização da primeira pintura rupestre desse litoral, aparentemente relacionada à ocupação Jê na região do Porto da Toca, sul da Ilha de São Sebastião.



Figura 34 - Mapa de localização do sítio rupestre.

O Porto da Toca está inserido em Área de Proteção Ambiental onde a delimitação da extensão do Parque Estadual de Ilhabela se orienta pela cota zero. Este local constitui-se em uma pequena enseada formada por costões rochosos sem praia de areia, mas que apresenta grande diversidade de fauna marinha atraída até ali devido à presença de farta diversidade de espécies que vivem e se alimentam entre os afloramentos submersos que formam grandes viveiros naturais. Outro atrativo é a pouca profundidade das águas e a grande quantidade de falhas nos afloramentos que oferecem excelentes abrigos para peixes pequenos e ouriços.

Devido à presença de grande volume e variedade de espécies, o Porto da Toca é considerado, até os dias de hoje, um dos melhores locais para a pesca em Ilhabela. Todos os dias pescadores se dirigem àquela área para colocação e manutenção dos cercos e redes, garantindo excelente pescaria. Soma-se a isso o posicionamento dessa enseada abrigada em relação às enseadas circunvizinhas formadas por praias de areia expostas aos ventos que sopram do sul e ao mar grosso. Enquanto nessas praias a entrada de frentes frias agita o mar provocando ondas que impossibilitam qualquer embarque e desembarque, isolando a população que ali vive, o Porto da Toca desponta como porto mais seguro às embarcações.

Não há mais comunidade tradicional vivendo atualmente no Porto da Toca, restando ali um pequeno estivado, um rancho e algumas casas antigas utilizadas como base de pesca por moradores da Praia do Bonete. Ao aportarmos com embarcação rasa, pequena e compatível com a conformação do porto - que não permite o acesso de barcos de grande porte devido a pouca profundidade da enseada e a presença de grande quantidade de afloramentos submersos - já é possível visualizar de imediato a pintura. A Guardiã da Toca, representação rupestre antropomórfica, foi assim denominada por se localizar em amplo paredão na costeira sendo impossível ignorá-la com seu tom vermelho sobre o fundo rochoso e cinzento que lhe serve de tela. Essa figura, representada de braços abertos, possui 20 cm de altura por 15 de largura e sua coloração em tom vermelho ocre permanece bastante viva e preservada a despeito de toda a maresia e da insolação que recebe diariamente, não tendo sido alvo de vandalismo ou de qualquer outra ação possivelmente nociva à sua preservação.

Cabe lembrar que, além da localização da pintura rupestre, as prospecções realizadas nessa área também revelaram a presença de um sambaqui localizado dentro de um abrigo e sobreposto por uma camada remanescente da presença Jê. Trata-se do sítio Porto da Toca, no qual foram localizados inúmeros pequenos seixos de hematita espalhados pela superfície e área envoltória do assentamento. A realização de varredura ampla na região do Porto da Toca revelou a existência de um extenso e significativo afloramento de hematita que segue vertente abaixo em direção à costeira. Esse mineral, não foi encontrado em nenhuma outra região do arquipélago, mas ali é bastante abundante tendo sido cogitada desde o início das pesquisas a possibilidade do mesmo afloramento ter sido utilizado na elaboração do pigmento da arte rupestre.

Pinturas rupestres, apesar de abundantes no Brasil Central onde predominam os povos de origem Jê e as grandes aldeias circulares do planalto, são relativamente raras no Estado de São Paulo. O levantamento realizado por Afonso (2005), cujo trabalho esteve focado na ocupação indígena do território paulista, revelou a existência de pinturas rupestres em três regiões do estado: ao sul, em Itapeva e na região do Paranapanema; no centro, região de Analândia e no norte do estado na região de Serro Azul e Cajuru (apud Afonso 2005:63-64). Pinturas rupestres também foram localizadas no sul de Minas Gerais, próximo à divisa com o Estado de São Paulo na região de São Tomé das Letras⁸⁰. Considerando, portanto, a pouca frequência de menções relativas à presença de pinturas rupestres no Estado de São Paulo e a inexistência de registros no litoral paulista, fazia-se necessário à realização de análises detalhadas da pintura rupestre Guardiã da Toca e seu contexto, fornecendo subsídios para interpretações bem embasadas sobre a sua excepcional presença no litoral norte paulista.

Uma observação inicial do local de implantação da Guardiã da Toca revelou que a significativa distância do suporte rochoso onde foi feita a pintura em relação à única base de apoio existente, resulta em considerável dificuldade para alcançá-la, mesmo para um indivíduo adulto, sugerindo que a arte não tenha sido feita por uma criança. Soma-se a isso a inclinação verificada nesse mesmo suporte dificultando o acesso ao paredão, tendo sido necessário o auxílio de moradores locais para a medição. Cabe ressaltar ainda a localização largas marcas de dedos conservadas nos traçados da pintura, corroborando com a proposição de que a aplicação do pigmento na superfície da rocha tenha sido feita por um indivíduo adulto.

Devido ao ineditismo da descoberta no litoral norte paulista, cabia ainda a realização de análises que evidenciassem se a referida pintura tinha sido produzida a partir da utilização do minério de ferro ali existente. Tal constatação permitiria comprovar sua origem indígena, tendo como base a vasta literatura existente sobre a utilização de minerais ferrosos, em especial da hematita, na produção de pigmentos por populações indígenas de diversas regiões do país. Destaca-se ainda o fato de que o processo de produção de pigmentos a partir da utilização da hematita é desconhecido da população caiçara que ali viveu, ainda ocupa a região e que afirma que a pintura “é coisa dos antigos”. Nesse sentido, a constatação da utilização da hematita, cujo mineral é abundante e acessível naquela região, somada à

⁸⁰ Observação feita pelo Barão Homem de Mello publicada em 1913 no Anuário de Minas Geraes, vol. VI, tomo I, pg. 48 e reeditado pelo Boletim do Museu Nacional do Rio de Janeiro, vol. 5, 1929.

presença maciça dessa matéria-prima no sítio Porto da Toca que apresenta reocupação Jê, mostrou-se ser uma ferramenta decisiva na categorização da origem indígena da arte rupestre ali localizada.

Para confirmar a presença do mineral hematita nas amostras coletadas faz-se necessário o uso de técnica de análise adequada para minerais, dentre as quais se destaca a difração de raios X e a espectroscopia Raman. A identificação de pigmentos de origens diversas através da utilização da Microscopia Raman tem sido cada vez mais empregada com grande sucesso e, apesar de ainda pouco comum nas pesquisas arqueológicas brasileiras, vêm apresentando importantes resultados relacionados, principalmente, à identificação dos pigmentos presentes nas artes rupestres e nas cerâmicas indígenas do país (Lopes 2005; Faria et alli 2011; Faria 2012, 2011, entre outros).

Uma das maiores vantagens relativas ao uso da espectroscopia Raman é que essa técnica, quando acoplada a um microscópio, gera nova forma de abordagem técnica conhecida como microscopia Raman que se destaca pela rapidez na identificação dos componentes do material analisado e pela eficiência na identificação não destrutiva da composição química do objeto. Segundo Faria *“é possível fazer a identificação inequívoca de pigmentos usados em inúmeros contextos, dentre os quais se destacam pinturas rupestres, arte pré-colombiana, arte indígena brasileira, selos, esculturas, tecidos, murais e pinturas. A utilização de um microscópio permite analisar misturas de pigmentos e discriminar partículas que tenham dimensões de poucos micrômetros”* (ibidem: 2011). Especialmente no caso do estudo da arte rupestre a utilização dessa técnica se justifica também pelo mínimo impacto causado à superfície da pintura, uma vez que permite que a análise seja feita a partir da utilização de uma ínfima quantidade de material.

Cabe destacar ainda que a utilização da espectroscopia Raman no estudo da arte rupestre possibilita uma melhor compreensão das técnicas e dos recursos empregados na produção do pigmento e da arte em si, contribuindo para o entendimento de diferentes aspectos relacionados à sua produção, dentre os quais se destacam: o aproveitamento dos recursos ofertados pelo meio; a exploração de afloramentos e jazidas para extração mineral; o transporte, a troca e manipulação de recursos e por consequência a alteração e o domínio da paisagem envoltória ou associada à arte em questão; o domínio das técnicas de produção, suas variantes e implementos, entre outros; todos os aspectos que contribuem para discussões mais

amplas como diferenciações étnicas, origens culturais, desenvolvimento tecnológico, modificações nas paisagens, formas de assentamentos, desenvolvimentos de técnicas e estilos, dentre outras variantes no estudo de populações antigas.

No Brasil, a utilização da técnica de espectroscopia Raman tem objetivado principalmente *“a identificação de substâncias, especificamente pigmentos, empregadas em pinturas rupestres, a caracterização de metodologias eventualmente envolvidas na preparação e aplicação das tintas, assim como a detecção de degradações de origem microbiológica sobre as pinturas”* (Faria 2012:10). A utilização do Raman para a definição da composição de pigmentos originários de arte rupestre no Brasil é, contudo, subaproveitada e deve ser revista uma vez que vem se revelando excelente ferramenta de pesquisa de pigmentos, inclusive daqueles impressos nos vasilhames e urnas cerâmicas. Outros tipos de materiais provenientes das coleções arqueológicas como ossos humanos de sambaquis e tembetás também já foram analisados através da espectroscopia Raman, apresentado resultados bastante elucidativos quanto à composição desses materiais (Faria et alli 2002).

A espectroscopia Raman consiste na leitura da frequência vibracional emitida pelos átomos de uma molécula ou cristal submetida à incidência de um feixe de luz tipo *laser*. De forma simples e resumida, pode-se dizer que quando um feixe de luz intenso é aplicado sobre a superfície de determinado material ou objeto, a luz reemitida apresenta componentes de frequência diferentes dos da luz incidente, sendo possível, dessa maneira, identificar em cada tipo de material a vibração de átomos ocorrendo de modo diverso. A análise da luz reemitida é feita por um espectrômetro ultrasensível, sendo possível identificar, a partir daí, o tipo de material que compõe a amostra submetida à análise.

Segundo Faria (2012) *“a Espectroscopia Raman está baseada no espalhamento inelástico de radiação monocromática e, portanto, depende de uma fonte de radiação (tipicamente lasers), de um elemento discriminador da radiação inelásticamente espalhada (rede de difração ou interferômetro, na maioria dos casos) e de um detector (usualmente uma câmera CCD). Se a esses componentes for acrescentado um microscópio óptico ter-se-á a possibilidade de análise de áreas muito pequenas no objeto ou de investigação de amostras de dimensões micrométricas, que são as principais vantagens da Microscopia Raman”*.

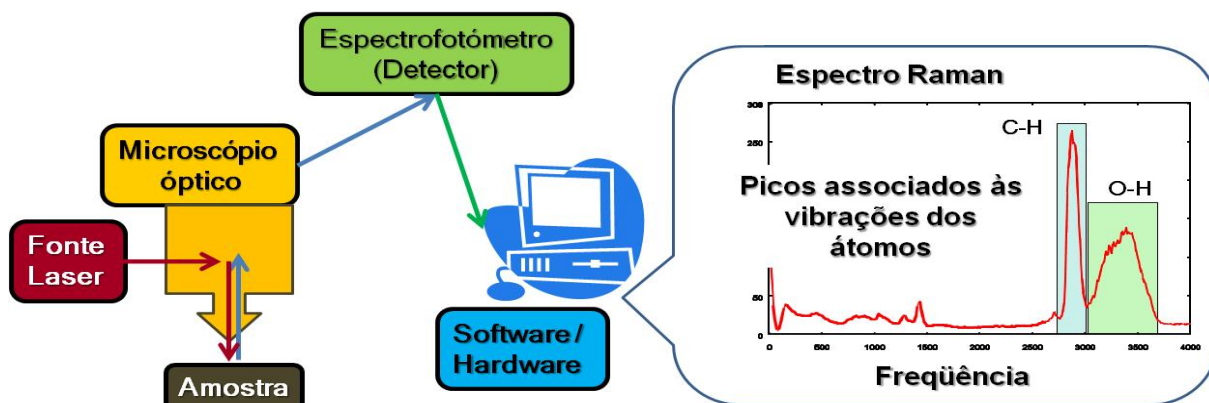


Figura 35 - Ilustração dos componentes básicos de um microscópio Raman e da obtenção dos espectros Raman. Os picos que aparecem no espectro Raman estão relacionados com as vibrações dos átomos da molécula ou cristal.

Foge ao escopo deste texto um maior detalhamento das bases teóricas da técnica empregada nas análises do Raman, que pode ser facilmente encontrado na literatura especializada (Sala 2008). Porém, faz-se necessário informar, resumidamente, que a leitura espectroscópica no Raman é feita através da incidência de um feixe de radiação laser focalizado diretamente no objeto investigado pela lente objetiva de um microscópio óptico. Na interação com a matéria, a energia da radiação pode ser modificada, sendo a diferença de energia entre a radiação incidente e a espalhada igual à necessária para produzir uma transição vibracional e, por isso, pode se dizer que a luz espalhada carrega a informação química do material analisado. Essa radiação espalhada é então captada através da mesma lente do microscópio e conduzida até o detector aonde será organizada por ordem de frequências para gerar o espectro Raman da amostra. No espectro Raman os picos registrados correspondem aos modos vibracionais que são característicos de cada material, mas cabe salientar que o espectro Raman é geralmente diferente do espectro de absorção no infravermelho (Faria 2012).

A leitura realizada pelo Raman permite, portanto, o entendimento dos fenômenos envolvidos no espalhamento e na absorção do feixe de luz emitido sobre a amostra em estudo, fornecendo informações sobre as características que permitem identificar os elementos presentes na amostra sujeita a análise. Para Lopes, “a técnica pode propiciar um meio sensível e específico de identificação de pigmentos em dimensões diminutas em uma gama variada de artefatos. A identificação baseia-se nos valores característicos das frequências espalhadas pelo grupo de átomos ou cromóforos que constituem o pigmento” (2005:7).

O espectro Raman de certo material, quando representado em um gráfico, possui um conjunto específico de picos (ou bandas) em diferentes frequências e que não possuem, necessariamente, as mesmas intensidades ou larguras, mas que definem um padrão específico para esse material, uma "impressão digital". O espectro Raman de um material é sensível às características físicas da amostra, ou seja, quando comparados os espectros de um mesmo material em forma de pó e em forma de cristal, por exemplo, serão encontrados padrões de picos semelhantes, mas que contém alterações na intensidade relativa dos picos, ou na largura, ou podem ainda apresentar deslocamentos na frequência característica. Alterações nos padrões de picos, por sua vez, podem representar a existência de um ou mais elementos na amostra, mas também podem ocorrer em função do aquecimento e manipulação pré-existente do elemento em análise, conforme já foi verificado em alguns trabalhos relacionados ao estudo de pigmentos rupestres (Faria 2012).

Com esta questão em mente, foi coletada uma amostra do pigmento rupestre a partir da utilização de uma lâmina finíssima que permitia a coleta com um mínimo de impacto à pintura. A amostra coletada possuía menos de 2 mm de diâmetro por 1 mm de espessura, suficiente para a realização da análise da composição do pigmento feita a partir da utilização da espectroscopia Raman⁸¹. Foram submetidas às análises as amostras coletadas da pintura “Guardiã da Toca” e também da hematita coletada da superfície do sítio arqueológico Porto da Toca, distante cerca de 150 metros do local da pintura.

Outras amostras de hematita, encontradas dispersas pela superfície de toda aquela região, poderiam ter sido utilizadas como prova comparativa ao pigmento da pintura, pois estão todas facilmente disponíveis para a coleta e poderiam ter sido aproveitadas como matéria prima no passado. Todavia, optou-se pela utilização de uma amostra de hematita proveniente do sítio arqueológico com datação definida, portanto, melhor contextualizada e confiável para estudos. As amostras submetidas à análise foram comparadas entre si e em relação ao espectro Raman já estabelecido internacionalmente para a hematita. A seguir é apresentado o gráfico com os resultados comparativos das leituras efetuadas:

⁸¹ A análise de Espectroscopia Raman foi realizada no Laboratório de Química Supramolecular e Nanotecnologia (LQSN), do Instituto de Química (IQ/USP) pelo Dr. Manuel Fernando González Huila.

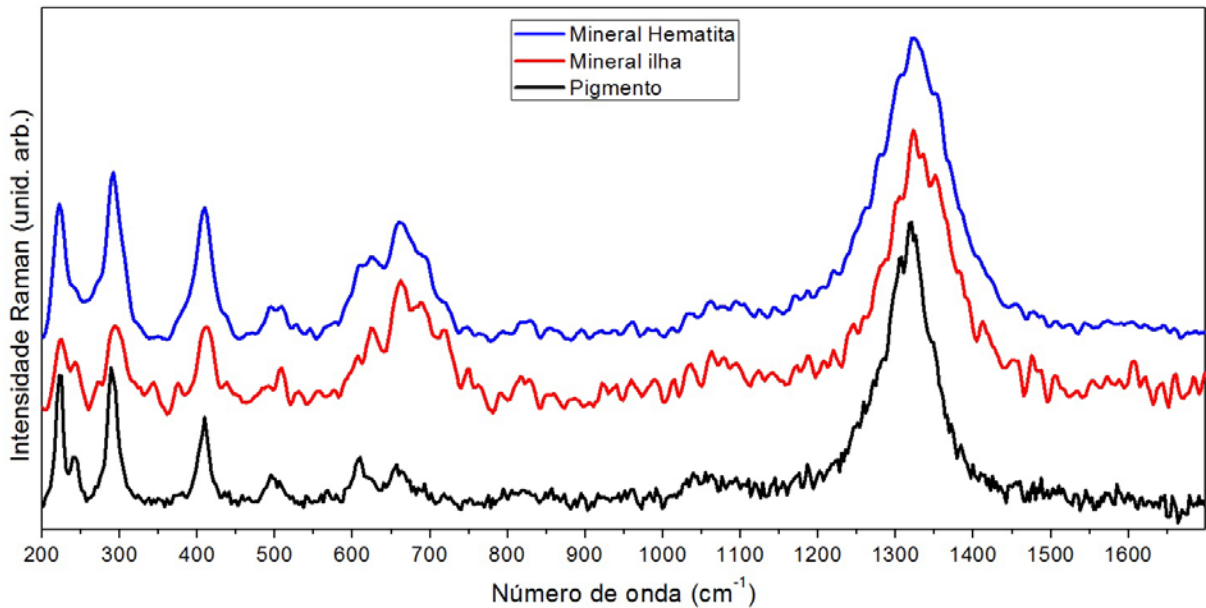


Figura 36 - Espectros Raman das amostras do pigmento da arte rupestre (preto), da hematita encontrada em forma bruta (vermelho) e do espectro da hematita em geral (azul).

Os dados obtidos através da utilização do Raman revelaram que o minério de ferro existente na região do Porto da Toca (mineral ilha) é hematita, cujo padrão gráfico é quase idêntico ao estabelecido para a composição padrão da hematita (mineral hematita). Foi possível verificar também que o pigmento da pintura Guardiã da Toca é composto basicamente por hematita (pigmento) e que a amostra coletada da pintura é plenamente compatível com o tipo de minério de ferro presente na região, tendo sido esse o elemento utilizado como corante para a confecção da arte rupestre. O gráfico evidencia significativa semelhança entre os padrões existentes em relação às bandas das três amostras de hematita, cujos principais picos Raman esperados para a hematita acorde com a literatura aparecem em 227, 246, 293, 412, 498, 610, 657 e 1330 cm^{-1} . Na figura se pode observar que as três amostras analisadas possuem picos que incidem nessas frequências e que são característicos da hematita, contudo podem ser verificadas diferenças nas intensidades de alguns dos picos assim como pequenos deslocamentos.

Um importante trabalho a respeito da diferença possivelmente encontrada entre os picos de um espectro de hematita foi publicado por DeFaria & Lopes (2007) e revela que a diferença por espectroscopia Raman entre um padrão de hematita pura e uma amostra de hematita sujeita à intempérie, chamada de hematita desordenada, pode ser verificada principalmente na intensidade do pico em 657 cm^{-1} e no alargamento de demais picos.

Nesse contexto, um aspecto a ser considerado diz respeito à diferenciação do posicionamento da banda localizada entre as ondas 600 e 700 referentes à amostra do pigmento da pintura rupestre Guardiã da Toca em relação a essas mesmas bandas do pigmento mineral padrão e do pigmento mineral da ilha, ambas representadas no gráfico. Observa-se que a banda localizada entre 600 e 700 referente à amostra do pigmento da pintura, é menor quando comparada as mesmas bandas do mineral puro, seja o existente no local, seja o padrão.

A diferença de amplitude das bandas localizadas entre 600 e 700 revela que, possivelmente, a hematita utilizada na produção do pigmento possa ter sofrido aquecimento ou incidência de calor. Outra hipótese é que a diferença verificada nessa banda poderia estar associada a deficiências na organização estrutural do cristal, possivelmente causados pela exposição do pigmento às intempéries ao longo do tempo, conforme já foi observado em amostras rupestres analisadas por Lopes (2005). Segundo esse autor, *“a ação destrutiva dos líquens e o material orgânico decorrente da sua decomposição ou metabolização é um processo que pode certamente originar outras substâncias ativas no Raman”* (ibidem: 44). Nesse sentido a variação de espessura e amplitude verificada na banda entre 600 e 700 do pigmento da pintura, poderia tanto ser resultante do processamento da hematita para a produção do pigmento, quanto decorrente da destruição de elementos do pigmento causada por agentes externos como a criação de microorganismos e a ação de intempéries. Em ambos os casos processos químicos acarretariam em mudanças na estrutura das moléculas percebidas através da leitura espectroscópica feita pelo Raman.

Em resumo, as análises realizadas através da espectrometria Raman confirmam que o pigmento utilizado na produção da pintura rupestre localizada no Porto da Toca é mesmo a hematita, e que a produção do pigmento a partir desse mineral foi possível pela existência de amplo afloramento na região do Porto da Toca. A origem dessa pintura, provavelmente, deva estar associada à ocupação indígena Jê ocorrida no arquipélago. Especificamente na região do Porto da Toca onde está localizada a pintura, a presença Jê remete há 657 cal. A.P, datação estabelecida para a cerâmica Aratu encontrada sobre o sambaqui do Porto da Toca, sendo possível que a arte rupestre seja remanescente desse mesmo período.

Além do ineditismo da descoberta, a pintura Guardiã da Toca trás à luz outra importante característica da presença Jê no arquipélago de Ilhabela, a demarcação territorial e a conseqüente culturalização da paisagem a partir da inserção de marcos facilmente perceptíveis pelos povos sambaquieiros que já ocupavam a região. À deposição intencional de objetos cerâmicos sobre os topos dos sambaquis soma-se a produção de uma arte rupestre com motivo antropomorfo estampada em um paredão na entrada de uma pequena baía de águas calmas estrategicamente posicionada em meio às enseadas abertas e sujeitas à entrada de frentes frias vindas do sul. Ambas as ações estão claramente relacionadas ao crescente domínio de áreas anteriormente sambaquieiras e se impõem de tal modo na paisagem que é possível considerar que tenham servido aos mesmos propósitos de demarcação de domínios como já se fazia à época sambaquieira, porém, tendo novos personagens e novas formas de criar marcos na paisagem antes dominada pelos construtores de sambaquis.

Em Ilhabela, o domínio sambaquieiro envolve a construção de sítios em diferentes ilhas e atinge datas muito tardias, nunca antes estabelecidas para essa ocupação nas demais regiões do país. A presença sambaquieira foi então sucedida pelo domínio dos povos Jês, cuja presença não era, até então, aventada para este litoral “tupinizado”. Os Jês, por sua vez, dominaram e demarcaram as paisagens antes culturalizadas pelos sambaquieiros, mas tiveram seu território rapidamente usurpado pelos colonizadores europeus que viram nos indígenas daquele litoral potenciais ameaças aos projetos de exploração territorial. Essas foram as ocupações pré-coloniais existentes no arquipélago de Ilhabela. As nuances e dinâmicas dessas ocupações, as principais hipóteses aventadas pela pesquisa para explicar como se deram a chegada, a presença, o domínio e o colapso da era sambaquieira na região e o posterior domínio ceramista que reocupou e ressignificou os marcos territoriais sambaquieiros, serão, a partir de então, apresentadas.

Prancha 41



1. Enseada do Porto da Toca com abrigo e pintura.
Foto: Bendazzoli, C.



2. Enseada pedregosa e rasa próxima ao sítio.
Foto: Bendazzoli, C.



3. Paredão com pintura rupestre.
Foto: Bendazzoli, C.



4. Guardiã da Toca.
Foto: Bendazzoli, C.



5. Morador local auxiliando na tomada de medidas.
Foto: Bendazzoli, C.



6. Hematita encontrada no sítio Porto da Toca próximo à pintura.
Foto: Bendazzoli, C.

7 - A OCUPAÇÃO SAMBAQUEIRA

“... ainda agora, neste mesmo momento, torna-se absolutamente necessário reafirmar que uma formulação clara e cientificamente correta do problema dos sambaquis exige, antes de mais nada um re-exame de todas as fontes originais, para imediata correção de generalizações descabidas e de estereotípias comprometedoras” (Castro Faria, 1955).

Os resultados obtidos com a realização do presente trabalho apontam para o alto potencial de pesquisa de toda a área e permitiram aventar novas hipóteses relacionadas às questões levantadas durante os estudos das populações costeiras, muitas das quais - ainda que fundamentais no entendimento da presença sambaqueira no litoral - foram abandonadas por boa parte dos pesquisadores em detrimento a enfoques mais detalhados do material arqueológico ou da pesquisa intra-sítio em sambaquis, cabendo a alguns poucos estudos, as principais contribuições ao entendimento da ocupação sambaqueira no litoral norte paulista e sul fluminense (Gaspar 1991 e 1994/95, Tenório 1992, 1995, 2003 e 2003b, 2004, 2006 e 2010, Amenomori 2005, Lima 1991 e 1995, Mendonça de Souza 1977 e 1995, Mendonça de Souza & Mendonça de Souza 1981/1982, Bendazzoli et alli 2009 e Bendazzoli 2011).

Essas discussões, que serão aqui retomadas, estão fundamentalmente centradas na dicotomia entre sambaquis x acampamentos conchíferos; na existência de uma identidade sociocultural sambaqueira; na mobilidade e dispersão ao longo da costa e em áreas insulares (mobilidade); na dinâmica de ocupação do continente e das ilhas; no caráter monumental x sítios pequenos e rasos (monumentalidade); na existência de sambaquis em abrigo (envolvendo fuga, busca por abrigo ou destaque na paisagem); na cronologia de ocupação sambaqueira do litoral norte; e no entendimento do final da era sambaqueira e suas possíveis implicações na formação dos sítios.

7.1 - Composição e cultura material

“Roquette-Pinto (1925) havia estudado dois esqueletos bastante fragmentados que foram coletados no chamado ‘sambaqui’ do Piracão. Este depósito, hoje sabemos, não é um sambaqui e sim outro tipo de ocupação arqueológica, em que as conchas eram também utilizadas para consumo alimentar. Aquele grande estudioso, em virtude da fragmentação dos ossos, não pode realizar um estudo morfológico seguro e, pensando ser o depósito um sambaqui, filiou os esqueletos coletados ao chamado ‘homem dos sambaquis’, desenvolvendo um tipo de raciocínio, comum a sua época, de que todos os sítios arqueológicos que contivessem conchas eram sambaquis, e que os sítios arqueológicos assim denominados possuíam uma determinada morfologia populacional sintetizada no ‘homem dos sambaquis’” (Beltrão 1978).

Conforme discutido anteriormente, os sambaquis mais volumosos estão comumente localizados em áreas nas quais predominam planícies extensas com áreas estuarinas fartas em crustáceos e moluscos de grande porte. Todavia, a macrorregião entre a Baía de Angra dos Reis e o sul do arquipélago de Ilhabela é repleta de ilhas que, ao invés de amplas áreas estuarinas e praias de areia fina com presença de manguezais, apresentam predominantemente enormes extensões de costões rochosos configurando, estes maior parte da paisagem dominada pelas populações indígenas. Sendo assim, os pequenos sítios conchíferos do litoral norte paulista e sul fluminense, principalmente aqueles assentados em ilhas, estão relacionados a paisagens distintas das tradicionalmente preferidas pelos sambaquieiros, áreas cuja oferta de recursos também apresenta diferenças marcantes.

Essa região com extensas costeiras pedregosas é farta em recursos alimentares sendo possível coletar em meio a elas diversas espécies de moluscos, gastrópodes, ouriços e outros animais que, ao lado do pescado, compunham a alimentação da população sambaqueira centrada em recursos marinhos conforme atestam as análises de isótopos estáveis (vide capítulo 5). A grande riqueza da fauna abrigada pelas reentrâncias das costeiras e afloramentos rochosos foi ótimo atrativo ao estabelecimento dessas populações, destacando-se também a enorme variedade de espécies comprovada por Ihering (1907) e Luederwaldt (1929) que estiveram na Ilha de São Sebastião entre o final do século XIX e início do XX respectivamente. Segundo Luederwaldt *“a presa mais rica fornecem-na as áreas pedregosas, descobertas pela maré baixa que se conservam húmidas, apesar do sol tropical, permitindo*

assim a muitos animaes, entre elles também actineas, ascideas e esponjas, esperar o próximo fluxo... quasi toda a pedra que se vire, fornece em logares favoráveis, pequenos crustáceos, entre elles os Alpheus...” (1929:14).

O estudo das amostras coletadas dos sambaquis identificados em Ilhabela revelou que as conchas utilizadas para as construções dos sítios estão amplamente disponíveis nas áreas envoltórias aos assentamentos e possivelmente foram coletadas das regiões adjacentes a eles. Nos sambaquis insulares predominam as espécies que vivem nas costeiras como *cracas*, ouriços e gastrópodes de águas rasas, elementos de fácil obtenção e rapidamente adquiridos por populações adaptadas ao ambiente insular e marinho. O que se observa então é a realização de abordagens de coleta oportunistas centradas na região envoltória ou adjacente àquela em que o sítio se encontra implantado, indicando que a população sambaqueira aproveitava os recursos facilmente disponíveis e utilizava o material conchífero de pequeno porte para as construções dos sítios.

A constatação da utilização de recursos presentes nas áreas envoltórias e adjacentes aos assentamentos sambaqueiros de Ilhabela reforça a proposta feita por Gaspar (1991) relativa à existência de zonas de domínio às quais os povos sambaqueiros estavam habituados. Essas zonas seriam utilizadas para a captação de recursos aproveitados para a alimentação dos grupos e também para a utilização das conchas, ossos e demais elementos visando à obtenção de matéria prima para a confecção de instrumentos, adornos, ferramentas, bem como para a própria construção dos sambaquis. Além de reforçar a proposta de Gaspar quanto à existência de áreas de domínio, as pesquisas nos sambaquis de Ilhabela também revelam que a prática do acúmulo e da construção dos sítios se mantém a despeito do fato do material construtivo utilizado na formação dos sítios não oferecer tanto volume.

Nesse contexto a farta utilização de *craca* (*Sessília*) e de outros vestígios malacológicos de tamanho pequeno está de acordo com o disponível na região de modo que, estranha e “anômala” seria a construção desses sítios a partir de elementos não disponíveis no meio em que estão inseridos. A composição dos sambaquis dessa região, portanto, está plenamente de acordo com aquilo que é ofertado, revelando amplo domínio das regiões com disponibilidade de recursos e pleno aproveitamento do potencial da região para obtenção de alimentos e de elementos para a construção dos seus sambaquis. Estes, por sua vez, apresentam uma “roupagem” que lhe é própria tendo em vista os elementos que os

constituem, devendo ser considerado enquanto exemplar sambaquieiro típico das regiões costeiras e insulares do litoral norte paulista e sul fluminense, inserido dentro do recorte temporal já apresentado.

Nos sambaquis de Ilhabela a *craca* foi utilizada como elemento construtivo mais marcante, a despeito de seu tamanho diminuto. Tal manutenção constante de coleta e acúmulo de conchas num mesmo local a despeito do resultado discreto que produz em termos de volume, permite considerar que o uso das conchas em sambaquis esteja diretamente relacionado à manutenção das práticas culturais por essa população, na qual a concha possuía importante papel simbólico e não somente construtivo. Fato é que a manutenção da prática de acúmulo de conchas nos pequenos sítios de Ilhabela não difere em nada da prática exercida pelos sambaquieiros “clássicos”, reforçando a proposição feita por Gaspar (1994/95) de que este seja um dos cerne principais da cultura sambaquieira. A forma como essa prática de acúmulo é feita e como resulta em padrões claramente estampados na formação dos sambaquis clássicos também encontra paralelos nos sambaquis de outras regiões, cuja feição dependerá não somente da manutenção da prática em si, como do efeito visual causado pelo acúmulo do material disponível na região em que se encontra o sítio.

Um exemplo marcante da importância da prática de acumular conchas como cerne da cultura sambaquieira está expressa no hábito mantido até nos sambaquis mais tardios de Ilhabela, como o sítio Toca do Caramujo localizado no interior da Ilha de São Sebastião a 467 metros de altitude e datado de 1052 cal. A.P. Esse sítio formado basicamente por *Megalobulimus sp* e apenas uma concha marinha revela não só o aproveitamento de recursos terrestres pelos sambaquieiros num período tardio (bem como ocorre no sambaqui Abrigo Guanxumas), como evidencia que esse aproveitamento objetivou não somente a alimentação, mas também a manutenção da prática de acúmulo de conchas num mesmo local, visando à permanência da prática cultural voltada à construção do sambaqui.

O estudo das amostras retiradas dos sítios e a escavação do sambaqui Abrigo Sul revelaram que os elementos faunísticos presentes são todos relacionados a espécies facilmente obtidas nas áreas adjacentes aos sítios. Os peixes majoritariamente consumidos por essas populações podiam ser pescados próximos à costeira, portanto, sem a necessidade de grandes deslocamentos, bem como foi possível constatar que o tipo de dieta dos grupos sambaquieiros esteve centrado no consumo dos mesmos tipos de pescado que são largamente aproveitados

pelas populações tradicionais caiçaras da região até os dias atuais. Ora, se a constatação de que os sambaquis pequenos e terrosos de Ilhabela são compostos à moda dos “clássicos” predominando elementos conchíferos e vestígios faunísticos facilmente encontrados nas regiões envoltórias aos assentamentos, o que dizer da composição utilizada para categorizar os demais sítios do litoral norte paulista e sul fluminense que foram tidos como “acampamentos”? Os dados composicionais já publicados de certos sítios tidos como “não sambaquis” dessa macrorregião permitem comparar o tipo de conteúdo desses sítios com os dos sambaquis de Ilhabela, auxiliando na melhor compreensão de suas origens.

A comparação aqui proposta não está centrada no entendimento da variedade de espécies ou da predominância de certos elementos sobre outros, uma vez que o estudo da composição dos sambaquis de Ilhabela deixa claro que haverá variações na frequência e diversidade de espécies faunísticas e malacológicas entre os sítios de uma mesma origem cultural e de um mesmo período. As comparações visam compreender se os elementos presentes nos “não sambaquis” Tenório e Mar Virado (localizados em Ubatuba) e no sítio Ilhote do Leste (localizado em Ilha Grande, litoral sul fluminense) também são fruto de coletas oportunistas realizadas nas imediações ou nas áreas adjacentes aos referidos sítios. Essa abordagem permitirá tecer paralelos entre regiões onde o domínio e aproveitamento dos recursos pelos povos sambaquieiros está clara em comparação com outras áreas em que esta associação não foi observada ou não está clara. A inclusão do sítio Ilhote do Leste, cuja associação entre domínio da paisagem e a construção do sítio já está estabelecida (vide Tenório 2003), visa o aprofundamento dessa discussão em relação aos demais sítios presentes nessa macrorregião.

A detalhada descrição faunística referente ao sítio Tenório produzida por Garcia (1972) revela a existência de grande variedade de espécies de mamíferos, peixes e moluscos coletados e depositados como parte constituinte da formação daquele sítio. O que o autor observa para o sítio Tenório é uma “*marcante influência dos ambientes circunjacentes ao sítio onde a fauna utilizada como base da subsistência podia ser obtida*” (ibidem: 99). O autor notou ainda que, além da praia, a população sambaquieira explorou costões rochosos, mangues e desembocaduras de rios, todos ambientes diretamente relacionados às áreas circunvizinhas ao sítio e que essa variedade de ambientes explorados teria resultado na grande variabilidade de espécimes encontrados no sítio. Garcia observa que a quantidade de vestígios

de peixes é praticamente a mesma que a de moluscos, e que todas as espécies presentes no sítio podem ser comumente obtidas nas imediações, inclusive os mamíferos, as arraias e cações, sendo que estes últimos freqüentam também águas rasas (ibidem: 104).

Já no caso do sítio Mar Virado, também considerado um “acampamento conchífero” implantado na ilha de mesmo nome onde não há praias arenosas e rios caudalosos, revela-se a predominância significativa de vestígios de peixes em relação ao material conchífero (Nishida 2001:56). Nesse caso também, tanto os peixes, quanto os moluscos e crustáceos mais proeminentes no sítio são facilmente obtidos naquela região, com destaque especial para o ouriço e suas espículas difíceis de serem contabilizados em NMI⁸², mas que são freqüentes tanto no sítio quanto nos costões que o cercam⁸³. Destaca-se nesse assentamento a grande quantidade de vestígios de tartaruga, ressaltando-se que a Ilha do Mar Virado abriga grande população desses animais que se alimentam nas costeiras fartas em peixes.

Já no sítio Ilhote do Leste localizado na Praia do Leste em Ilha Grande, Rio de Janeiro, verifica-se a presença marcante de vestígios malacológicos em relação aos faunísticos (Tenório 2003:416). Segundo essa autora “*as espécies encontradas no sítio indicam que houve, para as coletas de moluscos, a exploração do mangue, das lagoas, da praia e do canal vizinho ao sítio*” (ibidem: 423) As espécies de pescado encontradas no sítio podem ser facilmente obtidas através de pesca na costeira, em ambiente marinho não profundo, ou em lagoas como as que existiram ao redor do sítio em período remoto (ibidem: 420). Ainda segundo Tenório “*pela presença das espécies capturadas nas duas camadas [do sítio], constata-se que não houve nenhuma mudança de ambientes explorados durante o tempo em que o sítio permaneceu ativo*” (ibidem: 423).

Pelo exposto, de maneira resumida e bastante direta pode se dizer que a base da subsistência das populações dos tidos “acampamentos conchíferos” do Tenório, Mar Virado e do Ilhote do Leste, bem como dos sambaquis de Ilhabela é a mesma e está centrada no aproveitamento máximo dos recursos marinhos e, quando possível, estuarinos ofertados pelo meio nas áreas circunjacentes aos sítios. A escolha dos espécimes consumidos e utilizados na

⁸² Número Mínimo de Indivíduos.

⁸³ Nishida (2001) apontou que a variedade de peixes presentes no sítio Mar Virado não se assemelhava àquela presente na listagem que obtiveram com os pescadores comerciais da região de Ubatuba. Contudo, as populações tradicionais de Ilhabela e de Ubatuba com as quais tivemos contato durante a realização da presente pesquisa, afirmaram ainda pescar os mesmos espécimes como os que foram encontrados no sítio Mar Virado até os dias atuais. Pudemos, inclusive, assistir *in loco* a pesca artesanal de várias espécies dentre as quais se destacam: o sargo, a corvina, a enxova, olho de cão, peixe galo, a pescada e o xaréu.

construção dos sítios tem relação direta com aquilo que é ofertado pelo meio envoltório, com as áreas de domínio e com as dinâmicas e influências ambientais e sociais que remodelam ou interferem na pesca e na coleta feitas por essas populações.

Sendo assim, obviamente que as variabilidades possivelmente encontradas em cada microambiente distinto, seja insular ou continental, irão resultar, necessariamente, em diferenças na composição dos sítios e na frequência maior de um elemento sobre outro, mas somente essa diferença não pode ser utilizada como fundamentação para o estabelecimento de uma origem cultural distinta entre “sambaquis clássicos” e “acampamentos cochíferos”. Nesse sentido, os remanescentes deixados pelo consumo e aproveitamento construtivo de moluscos e fauna, bem como os demais elementos presentes nos sítios de Ilhabela e região não permitem diferenciá-los dos “sambaquis clássicos”, pelo contrário, possibilitam constatar que se trata de uma mesma origem cultural e de uma mesma prática construtiva, ainda que alguns elementos utilizados na formação desses assentamentos possam sofrer variações.

Outras variáveis presentes no material que compõe os sítios arqueológicos dessa macrorregião também serão aqui consideradas visando um melhor entendimento da diferenciação antes proposta para os sítios litorâneos dessa área. As análises preliminares dos artefatos coletados nos pacotes conchíferos dos sítios de Ilhabela apontam para a manutenção das práticas de confecção e uso observadas na cultura material dos sambaquis clássicos, mas que podem apresentar algumas variações em âmbito regional. No caso da cultura material dos sambaquis de Ilhabela, esta não apresenta diferenças significativas que justifiquem a caracterização de seus sítios pequenos como pertencentes à outra cultura que não à sambaquieira. Também não foram identificadas alterações significativas no modo de fabricação, na forma de utilização e nas funções dos objetos utilizados por essas populações em relação às já bem estabelecidas para os sambaquis clássicos, permanecendo como elementos proeminentes os artefatos líticos polidos com funções de batedor/percutor, quebra-coquinho, lâminas de machado, polidor, entre outras menos expressivas. São também frequentes as lascas de quartzo seguidas de lascas de basalto que ali é um dos elementos mais comuns ofertados pelo meio, bem como o granito.

Situação semelhante pode ser observada em relação aos sítios “acampamentos conchíferos” escolhidos como comparação: Tenório, Mar Virado e Ilhote do Leste. O Sítio Tenório, conforme bem observaram Garcia (1972), Uchôa (1973) e Silva (2005), apresenta

uma cultura material em tudo semelhante a dos sambaquis clássicos, com a presença marcante de lâminas de machado, polidores, percutores, quebra-coquinhos, lascas e artefatos fusiformes dentre outras peças líticas “típicas” das populações sambaqueiras do litoral (Garcia 1972:82). O mesmo pode ser dito quanto aos artefatos encontrados nos sítios Mar Virado e Ilhote do Leste, não sendo esses fatores de diferenciação entre um e outro “tipo” de sítio (Silva 2005, Tenório 2003).

Vale ressaltar que artefatos líticos do tipo fusiforme que foram encontrados em sítios de Ilhabela também estão presentes no sítio Tenório (Garcia 1972:93), no sítio Ilhote do Leste (Tenório 2003) e no sítio Mar Virado (Silva 2005: prancha 5). Segundo propõe Tenório, a presença de artefatos desse tipo parece ter relação com a necessidade de fabricação de canoas. Nesse sentido, é natural que a região insular compreendida entre o arquipélago de Ilhabela e o norte da Baía de Ilha Grande, região que se destaca pela presença de numerosas ilhas e ilhotes, tenha em seus sambaquis elementos que foram de extrema importância e necessários àquela realidade.

Outros artefatos feitos com base na indústria óssea dos sítios presentes nessa macrorregião também indicam os mesmos tipos de uso e forma de abordar a matéria prima disponível no meio ambiente. No sítio Tenório foi encontrado furador com a ponta quebrada feita com dente de tubarão idêntico ao encontrado durante as escavações do sambaqui Abrigo Sul em Ilhabela (Garcia 1972:95). Além deste, vários outros elementos poderiam ser aqui elencados de forma a demonstrar a similaridade verificada entre as culturas materiais de ambos os sítios. Contudo, conforme já apontou Tenório, a diferenciação entre sambaquis e “acampamentos” feita no passado “*não havia sido sistematizada na cultura material*” (2003:06) e permanece assim, pelo menos na comparação entre pequenos sambaquis de Ilhabela e os demais sítios daquela macrorregião.

Se, como se viu, sítios do litoral norte paulista e sul fluminense são compostos por elementos condizentes com o tipo de consumo alimentar verificado para os povos sambaqueiros “típicos”, se esses elementos são obtidos em áreas envoltórias aos assentamentos revelando a realização de coletas oportunistas e o domínio territorial das áreas circunjacentes aos assentamentos e, se a cultura material encontradas nesses sítios é similar e plenamente condizente com aquela encontrada em grandes “sambaquis clássicos”, então que diferença existente entre esses sítios poderia justificar a categorização dos sítios pequenos

como “não sambaquis”? Seriam os sítios pequenos e rasos, reflexos diretos de momentos curtos de ocupação que resultariam no volume discreto exibido por eles? Essa foi, pois, uma das muitas formas já utilizadas para justificar o rótulo de “acampamento” dado aos sambaquis pequenos, considerando que seriam frutos de ocupação pontual e fugaz. Essa diferenciação associava morfologia e volume, mas não considerava os propósitos da formação nem a função dos sítios.

7.2 - Aspectos formativos e funcionais

A observação inicial dos sambaquis de Ilhabela revela de imediato a diferença de altura e volume quando comparados a outros sambaquis do norte do Rio de Janeiro, litoral sul de São Paulo, Paraná e Santa Catarina. O que se percebe é a existência de sítios pequenos e rasos, muitos dos quais apresentam grande incidência de matéria orgânica que compõem um sedimento rico e fértil. Não é à toa que sambaquis de Ilhabela foram significativamente impactados por serem áreas excelentes para o cultivo e formação de roças. A grande quantidade de matéria orgânica, que confere aos sítios daquela região uma aparência terrosa e escura, associada ao pequeno volume do pacote arqueológico com espessura pouco significativa, são também aspectos que foram determinantes na caracterização desses sítios como “acampamentos”.

Mesmo aos sítios Tenório e Mar Virado pouca atenção foi dada ao detalhamento da organização estratigráfica de modo que a simples verificação da existência de um pacote sedimentar espesso associado a lentes de conchas e bolsões de fauna já foi suficiente para classificá-los como “não sambaquis”. Na realidade, tais feições mascararam as nuances mais particulares da organização estratigráfica das camadas arqueológicas que permitem verificar aspectos relacionados à sua formação e, que poderiam ajudar a esclarecer sobre a origem da construção dos depósitos. A constatação inicial da existência de estratificações mais rasas e tidas como menos complexas dos que as compõem os grandes *mounds* do sul do país, contribuíram para a formulação das teorias que relacionam estes sítios a um momento único de formação, como resultado de atividades pesqueiras e de coleta de moluscos pontuais.

A realização de escavações nos sambaquis de Ilhabela permitiu contribuir com essa discussão, uma vez que as mesmas expuseram a composição e a organização estratigráfica desse tipo de sítio pequeno formado por camadas aparentemente mais largas e simples, auxiliando no entendimento dos processos que levaram à construção dos sambaquis menores. As escavações

empreendidas primeiramente no sambaqui Abrigo Furnas revelaram que esse sítio datado de 1920 cal. A.P., apresenta, pelo menos aparentemente, um único episódio de construção do sambaqui envolvendo a necessidade de realização de um enterramento humano. A falta de elementos estratigráficos que permitissem identificar sobreposições de camadas no depósito conchífero extremamente estreito sugere que, seja qual for o tempo decorrido entre o início de sua formação até o término, todas as atividades passíveis de serem identificadas naquela camada estão relacionadas à formação do sambaqui e a elaboração do ritual funerário ali presente.

Situação similar ocorre na formação do sambaqui Abrigo Sul, no qual a construção do assentamento está diretamente relacionada à elaboração dos rituais funerários, cuja área foi primeiramente preparada para receber as camadas de conchas. Tal preparo é evidenciado pela presença de fina camada de carvões existente na superfície de contato da base do sítio com o solo original, revelando a prática de queimada da vegetação primária formada por abundante Mata Atlântica. A realização de queimada preparatória na área a ser construído o assentamento revela que a escolha do local e a intencionalidade construtiva conduzem as atividades primárias que envolvem a formação do assentamento, não havendo qualquer evidência de “ocasionalidade” ou de “acaso” relacionada à sua construção.

A observação da organização estratigráfica também revelou que o sítio Abrigo Sul foi formado através da construção de camadas de preenchimento intercaladas pelos eventos ritualísticos diretamente relacionados ao culto aos mortos. As atividades estampadas na estratigrafia desse sítio estão centradas unicamente na realização de eventos simbólicos e rituais, permeadas por camadas muito conchíferas e sem indícios de atividades cotidianas, mas que servem para prover o sítio de volume e destaque. No Abrigo Sul as “camadas de preenchimento”, como foram chamadas - tendo por base metodologia de análise estratigráfica já empregada em estudos de outros sambaquis (vide Bendazzoli-Simões 2007) - estão presentes na base do sítio e no topo dele, separadas unicamente pelas camadas com vestígios de atividades de cunho funerário.

Ambos os sítios escavados em Ilhabela (Abrigo Furnas e Abrigo Sul), bem como outros sítios identificados naquele arquipélago (Toca do Ramiro, Toca da Caveira, Mãe Joana), apresentam a realização de cerimônias fúnebres como evento diretamente relacionado à prática construtiva dos sítios. Em especial os sítios Toca da Caveira e Toca do Ramiro foram formados a partir de um único evento funerário ocorrido no final era sambaqueira, não havendo qualquer

elemento que possa ligá-los às atividades de cunho cotidiano e habitacional. Essa constatação vai totalmente de acordo com as proposições já feitas sobre a formação e a função dos sambaquis de outras regiões que apontam que as construções desses sítios estão diretamente relacionadas ao ato de sepultar e à função funerária que esses assentamentos exercem (Fish et alli 2000).

O que se constata em Ilhabela é que a construção dos sambaquis dessa região se mantém como prática cultural relacionada diretamente à construção de um espaço dedicado aos mortos. Portanto, ainda que esses sítios tenham diminuto tamanho e aparência menos conchífera, o propósito de sua construção e a forma como isto se deu refletem características típicas da cultura sambaqueira, não podendo ser categorizados de outra forma que não como um sambaqui. Os sítios de Ilhabela são sim sambaquis cujo conteúdo reflète a essência daquela cultura que busca, na construção de depósitos de conchas e restos de fauna, criar nessa paisagem insular um local de referência e de reafirmação de sua identidade.

E quanto aos demais sítios da região que foram associados a eventos pontuais de pesca e coleta de moluscos e por isso tiveram sua função relacionada à de um acampamento temporário? Cabe ressaltar que a presença marcante de sepultamentos no sítio Mar Virado, com 33 enterramentos contendo 54 indivíduos (Silva 2001 e 2005), e o sítio Tenório com 28 sepultamentos (Uchôa 1973, Silva 2001), não corrobora com essa proposição, a não ser que fosse verificada a existência de um possível conflito ou epidemia que justificasse a mortandade de vários membros de um mesmo grupo num momento temporalmente muito próximo, o que não pôde ser verificado, pelo menos, nos sítios aqui tratados (Silva 2005). Nesse sentido, propõe-se que a revisão dos relatos das estratificações de ambos os sítios poderá auxiliar no entendimento dos eventos neles presentes que possam justificar ou refutar a idéia de que esses sítios tenham sido formados a partir de episódios alheios à cultura sambaqueira.

No sítio Mar Virado, a existência de uma estratigrafia escurecida pela presença de matéria orgânica em abundância mascara as evidências deixadas no solo que poderiam comprovar a realização da construção do sítio a partir da formação de camadas finas e discretas sequenciais. Esse sítio, formado por camadas extremamente negras e por bolsões de ossos de peixe teve a sua estratificação assim descrita por Silva (2005) “*o substrato arqueológico caracteriza-se pela presença de terra preta, fauna – restos de peixe, crustáceos, répteis e mamíferos marinho, poucas conchas – incluindo bolsões quase exclusivos de restos de espículas calcinadas e carapaças de ouriços e peixes – e concentrações de sepultamentos humanos depositados sobre a base de*

matações rochosos decompostos... formado por vestígios de ocupação de grupos pescadores-coletores-caçadores, não se caracteriza pelo amontoamento concentrado de valvas de moluscos, como Piaçaguera, apresentando material esparso com individualização de bolsões ou fossas de entulhamento com possíveis implicações funerárias” (ibidem: 126).

Ainda que a visualização das camadas intrínsecas à formação desse sítio fosse prejudicada pela presença massiva de matéria orgânica, a descrição de sua composição ainda buscava paralelos com os sítios “clássicos” como o Piaçaguera. Nesse sentido, foram desconsiderados os outros diversos elementos faunísticos e malacológicos explorados pelo sambaquieiros daquela região que já tinham sido identificados no pacote arqueológico, conforme evidencia Nishida (2001). Outro aspecto pouco considerado na categorização desse sítio foi a presença de bolsões de fauna associados aos sepultamentos, prática típica da cultura sambaquieira, bem como a associação desses sepultamentos com mobiliário funerário composto por artefatos tipicamente encontrados em sambaquis como líticos polidos em abundância, dentes perfurados, ocre, dentre inúmeros outros que são considerados genuinamente sambaquieiros (Silva 2005).

Ainda centrando na questão funerária Silva observa que para ambos os sítios daquela região, Tenório e Mar Virado, *“a própria concentração de sepultamentos nesses depósitos pode ser indicadora de áreas especializadas, de cemitérios, nos quais a permanência e seus vestígios estejam vinculados ao caráter simbólico e ritual dos eventos ali desenvolvidos, como banquetes funerários sucessivos e práticas a eles inerentes, como a coleta, caça, processamento da oferenda de consumo coletivo e atividades correlatas”* (2005:127). Ainda que fossem narrados todos os elementos que são comumente associados à formação de sambaquis, a impressão causada pelo grande volume de vestígios faunísticos e de bolsões presentes naquele sítio levou o pesquisador a considerá-los evidência de ocupação cotidiana. Não sendo considerado, portanto, um local de destino dos mortos como se caracterizavam os “clássicos” sambaquis, principalmente a partir do trabalho de Fish et alli (2000), entendeu-se que o “acampamento” do Mar Virado era um sítio “diferenciado” (ibidem: 150).

Sem encontrar paralelos com a conformação monticular e conchífera dos sambaquis “clássicos” os pesquisadores do sítio Mar Virado mantiveram a proposição de que o sítio fosse um “não sambaqui” a despeito de todos os demais elementos presentes no sítio que caracterizam a cultura sambaquieira. A mesma situação ocorreu no sítio Tenório formado predominantemente por areia permeada por bolsões de fauna e camadas de conchas esparsas. Esse sítio, a despeito da

pouca quantidade de conchas que apresenta exibe algumas características tipicamente encontradas em sambaquis, a maior parte delas está relacionada ao ato de sepultar.

No desenho do perfil estratigráfico do Sítio Tenório produzido especialmente para este trabalho tendo como base o de Garcia (1972), observa-se que a formação do sítio Tenório está claramente centrada na realização de rituais funerários acompanhados de elementos tipicamente sambaquieiros representados pela presença de 150 artefatos líticos, 190 dentes, 869 valvas de moluscos além de mais de 13 registros de ocre (Silva 2005:152). Na imagem verifica-se também que a construção do pacote superior do sítio só pode ser entendida a partir da constatação da presença de rituais funerários realizados antes da sobreposição dos sepultamentos com fogueiras, camadas de conchas e areia feita ao modo ou “à moda” sambaquieira clássica (vide Fish et alli 2000, Bendazzoli-Simões 2007).

A deposição de camadas contendo vestígios malacológicos sobre os esqueletos além de remeter à importância simbólica da concha para os sambaquieiros - como já proposto aqui neste trabalho - também reforça os formatos monticulares tipicamente encontrados em sambaquis do sul do país (Fish et alli 2000, Bendazzoli-Simões 2007). Típicos também são os bolsões de ossos de fauna que acompanham os sepultamentos e normalmente têm relação com a colocação de oferendas, fogueiras ou a realização de festins conforme já apontou Gaspar et alli (2007).

O presente trabalho considera que os sítios conchíferos de Ilhabela e os sítios Mar Virado e Tenório localizados em Ubatuba, bem como o Ilhote do Leste em Ilha Grande, sejam todos provenientes da mesma cultura: a sambaquieira. As variações presentes na composição desses sambaquis decorrem da regionalização, ou seja, da adaptação das práticas culturais de acordo com a disponibilidade de recursos. Essa por sua vez, varia de região para região, ou mesmo dentro de uma mesma microrregião, de modo que os sítios existentes em ambientes distintos provavelmente devem representar fisicamente as peculiaridades microrregionais que, inclusive, podem variar. Mesmo os sambaquis “clássicos” possuem características distintas que vão de acordo de acordo com o período cronológico, presença de outros grupos, disputas por áreas de domínio e fontes de alimento, dentre outras tantas variabilidades possíveis nesses microambientes extremamente variados e férteis. Enfim, não há um sambaqui “típico” sem a sua contextualização temporal e regional.

Perfil longitudinal "A" do sítio arqueológico do Tenório,
abrangendo da quadra 61 a 72

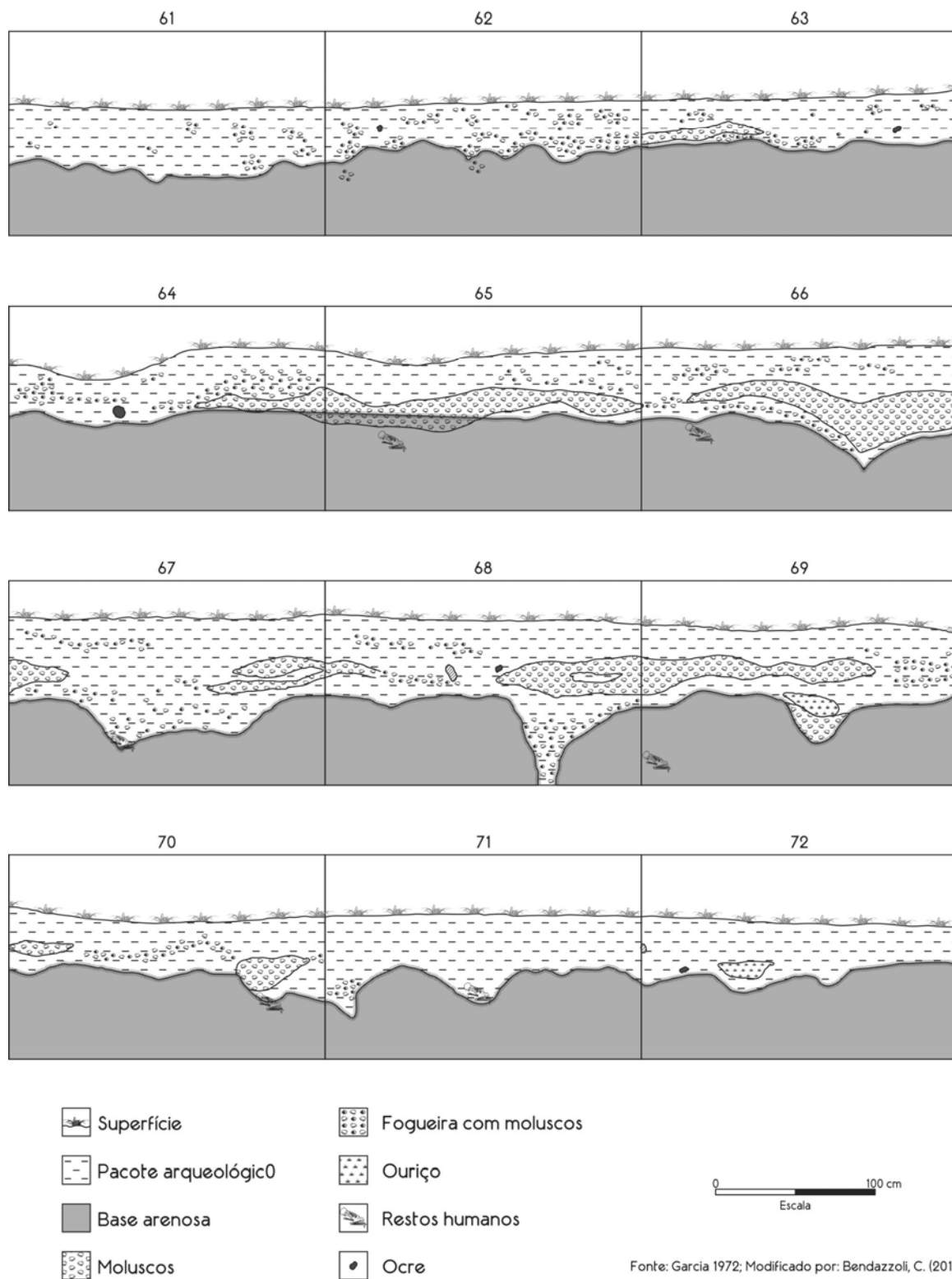


Figura 37 - Perfil Estratigráfico do sítio Tenório.

Cabe aqui, porém, uma consideração importante quanto aos sambaquis cuja datação remete ao período final da presença sambaqueira em Ilhabela. Nesses sítios observa-se, assim como ocorre no sítio Tenório, a presença marcante de sedimento em detrimento à presença de conchas, bem como exibem variações evidentes nos sepultamentos e nos artefatos relacionados a eles. Em Ilhabela esses sítios são especialmente representados pelos sambaquis Toca do Ramiro e Toca da Caveira, datados de 690 cal. A.P e 679 cal. A.P respectivamente. As variações presentes nesses sítios, contudo, não permitem categorizá-los como “não sambaquis”, uma vez que diversas outras evidências dessa cultura são plenamente percebidas nesses depósitos, tais quais: a realização de sepultamentos como essência da formação do sítio e a presença de esqueletos acompanhados de fogueiras, oferendas, conchas e adornos tipicamente sambaqueiros. As questões pertinentes à variação encontrada nos sítios mais recentes do arquipélago serão discutidas mais adiante, enquanto que as características dos sepultamentos dos sambaquis de Ilhabela e região serão discutidas no tópico a seguir.

7.3 - Ritual funerário

“Numerosa é a bibliografia sobre os sambaquis brasileiros. Dos muitos trabalhos publicados, poucos têm valor científico. A maioria são descrições superficiais, com uma ou outra observação. Uma das poucas, de fato importantes, dentre as mais antigas, está a de Carlos Rath, publicada em 1874. Apesar de tachado de ingênuo, foi o único que deu traços exatos dos sambaquis brasileiros, considerando-os depósitos arqueológicos, procurando até a etimologia da palavra: “casa do espírito”, talvez melhor do que a de Teodoro Sampaio: tamba e qui, monte de ostras” (Duarte 1968:31).

Os rituais envolvendo atividades funerárias e simbólicas são práticas culturais marcantes dos povos sambaqueiros que viveram na costa brasileira como um todo. Os sítios formados em decorrência desses eventos são justamente os sambaquis, marcos de referência identitária e simbólica. Nesse sentido, ainda que variações no âmbito regional possam imprimir feições distintas aos sítios formados pelos sambaqueiros em diferentes partes do país, o cerne principal dessa prática permanece ao longo do tempo em diferentes regiões, bem como é constantemente renovado através da reiteração dos processos de construção dos sambaquis conforme já observaram Gaspar et alli (2007).

A reiteração da prática cultural sambaqueira relacionada ao culto aos mortos como essência e prática diretas envolvendo a construção dos sítios, também já foi identificada e bem compreendida nas pesquisas realizadas junto aos grandes *mounds* do sul país, em especial no sítio Jabuticabeira II (Fish et alli 2000, Bendazzoli-Simões 2007). Conforme já propôs Gaspar et alli (2007), os sepultamentos presentes nos sambaquis apresentam composição e organização tão recorrentes que podem ser considerados “elemento diagnóstico” dessa cultura. Essas práticas são marcantes não somente nos sítios “clássicos” do sul do país, mas também estão presentes nos sítios da macrorregião na qual se insere o arquipélago de Ilhabela (Tenório 2006).

No litoral norte paulista, estudos especificamente relacionados às práticas funerárias foram desenvolvidos somente no sítio Mar Virado (Silva 2005), mas observações importantes sobre os sepultamentos de outros sambaquis dessa macrorregião também contribuíram para o entendimento das características funerárias desses sítios (Garcia 1972, Uchôa 1973, Tenório 2003). Ainda que o presente trabalho não se foque na questão funerária de forma detalhada, as informações aqui obtidas sobre os sítios de Ilhabela poderão contribuir para um melhor entendimento das nuances envolvendo as práticas funerárias próprias da população sambaqueira dessa região. A escavação de dois sambaquis (Abrigo Furnas e Abrigo Sul), somada a coleta emergencial de alguns vestígios humanos em sítios impactados e em risco de perda das informações como o Toca do Ramiro e Toca da Caveira, também permitiu tecer paralelos com o contexto funerário já documentado e publicado sobre os demais sítios da região.

A escavação do sítio Abrigo Furnas revelou a presença de um sepultamento humano colocado em posição fetal em fenda existente entre dois grandes matacões na área frontal do abrigo (vide capítulo 4). Sem considerar a construção do próprio sítio envolvendo o ato de sepultar o indivíduo, as demais características ali presentes relacionadas ao ato de sepultar são reconhecidas como tipicamente sambaqueiras como o predomínio da posição fletida ou fetal, o sepultamento em meio às conchas, a grande concentração de ossos de fauna (sugerindo tratar-se de oferendas depositadas no ato do enterramento) e um seixo não trabalhado sobre o crânio do morto, tipo de acompanhamento muito recorrente dentre as práticas funerárias sambaqueiras.

A revisitação das publicações revela que no sítio Tenório foi identificado grande quantidade de blocos não trabalhados acompanhando os sepultamentos, seja colocado ao redor do morto, ou sobre seu crânio, tórax e pés (Uchôa 1973, Silva 2005). Para Silva (2005) esses blocos encontrados “*depositados intencionalmente junto, ao redor, ou sob os corpos. Caracterizam a forma de deposição recorrente em Tenório que prescindem de blocos líticos no arranjo das covas dos mortos. Em 28 sepultamentos estudados, 21 (75%) apresentam líticos não modificados como parte da estrutura do sepultamento*” (ibidem: 243). Já no sítio Ilhote do Leste, em Ilha Grande, “*no ritual funerário destaca-se a importância da pedra... todos os sepultamentos estão ou em volta de grandes pedras ou com grandes pedras chatas - tais como lápides – cobrindo-lhes as cabeças. Além de alguns também apresentarem lâminas de machado*” (Tenório 2006:31).

Silva (2005) promoveu estudos comparativos entre os sepultamentos do sítio Mar Virado e Tenório (tidos como “acampamentos”) e Buracão e Piaçagüera (tidos como sambaquis “clássicos”) revelando a existência de grande concentração de blocos sem evidências de modificação também associados ao sítio Mar Virado. Essa observação já havia sido feita por Uchôa (1973) que identificou a presença de seixos sobre os sepultamentos existentes naquele sítio, onde também foram encontradas lâminas de machados associadas a cinco sepultamentos, além de “*líticos não modificados e as lascas mostraram expressiva ocorrência numérica entre os sepultamentos. As lascas compõem 48,75% dos líticos associados e os não modificados representam 35,94%*” (Silva 2005: 249).

O que essas rápidas descritivas sugerem é que, ainda que haja variações nos sambaquis existentes entre as diferentes regiões do país, alguns elementos essenciais da prática funerária permanecem reiterados ao longo tempo de forma similar e, em muitos casos, quase idênticas mesmo quando se compara as características funerárias de sambaquis com datas muito díspares ou implantados em regiões muito distantes. Estudos aprofundados centrados unicamente na questão funerária dos sambaquis poderão trazer à luz novas informações sobre a semelhança existente nas práticas funerárias entre esses sítios. O que se pode dizer, por enquanto, é que os elementos presentes nos sepultamentos sambaquieiros irão corresponder, possivelmente, à oferta regional, mas a essência da prática ritualística que envolve o enterramento dos mortos mantém características comuns diagnosticáveis nos pacotes arqueológicos dos diferentes sítios.

A escavação do sítio Abrigo Sul, por sua vez, revelou a existência de um sepultamento de apenas uma falange, porém acompanhada de adornos, artefatos, estrutura de combustão e oferendas alimentares, de forma muito semelhante às práticas sambaqueiras observadas nos sambaquis “clássicos”. A presença sepultamentos contendo indivíduos anatomicamente incompletos já havia sido identificada em outros sambaquis da região, todavia, essa prática ainda é pouco estudada, uma vez que os estudos bioantropológicos tendem a se concentrar exemplares completos. Pelo exposto, a presença da única falange no sambaqui Abrigo Sul será tratada a partir de paralelos com outras evidências também singulares presentes nos sítios da região, especialmente as remanescentes do final da era sambaqueira.

O sítio Toca da Caveira também apresentou sepultamento contendo somente partes dos indivíduos e, ainda que impactado, esse sambaqui manteve conservados ossos humanos e coquinhos provavelmente em função das condições microambientais existentes dentro da toca na qual está inserido. Ali os remanescentes ósseos encontrados referem-se a, pelo menos, cinco indivíduos, porém a quantidade de unidades presentes não corresponde à totalidade das que deveriam existir para formar esqueletos completos, revelando uma possível prática ritualística envolvendo somente partes dos corpos, com destaque para a presença de queima em pelo menos um indivíduo. A queima também está presente no sepultamento encontrado no sítio Toca do Ramiro que resguarda características funerárias tipicamente sambaqueiras como o acompanhamento mortuário contendo material lítico polido, conchas e quartzo lascado.

Ainda que estudos aprofundados centrados no detalhamento das peculiaridades dos sepultamentos e de seus vestígios humanos ainda careçam ser realizados, as recorrências de certas atividades impressas no registro arqueológicos de todos os sítios pesquisados dentro do escopo deste trabalho não deixam dúvida de que a prática funerária é o cerne principal da construção dos sambaquis dessa região. Como se viu, os sambaquis mais tardios de Ilhabela (Toca da Caveira e Toca do Ramiro) apresentam características funerárias que não destoam das que são recorrentes nas práticas ritualísticas verificadas nos sambaquis “clássicos”. E foi principalmente em função das características presentes nos sepultamentos desses sítios que ambos tiveram sua origem associada aos povos sambaqueiros, uma vez que a presença de conchas que comumente caracteriza esses sítios é quase nula.

Nesse contexto, é fácil compreender a confusão gerada entre os pesquisadores que se detiveram a estudar esse tipo de sítio numa época em que a referência para se identificar um sambaqui estava centrada na presença marcante de conchas. Os sambaquis quase sem concha, com evidências de cremação e de sepultamento parcial do indivíduo são, em Ilhabela, exemplares finais da era sambaqueira. Tal constatação ainda que careça ser mais bem investigada, permite considerar que as variações na forma de sepultar os mortos no final da era sambaqueira na região, possam ter relação com a presença de povos ceramistas já estabelecidos na Ilha de São Sebastião há, pelo menos, 480±85 A.P, conforme apresentado no capítulo 3. Tal hipótese é reforçada pelo possível uso de tembetá pelos indivíduos sepultados na Toca da Caveira, cujo adorno, em Ilhabela, somente foi encontrado no contexto de ocupação ceramista Jê (coleção Barra Velha 3).

Resumidamente pode se dizer que as pesquisas realizadas nos sambaquis de Ilhabela permitiram constatar a que as características formativas e funcionais, bem como as que envolvem a prática funerária sambaqueira “clássica” também estão presentes nos sítios dessa região. Tal constatação permitiu não somente identificar os remanescentes preservados da cultura sambaqueira em uma área tida como “vazia” ou “de passagem”, bem como possibilitou rever as proposições que definiam os demais sítios da região como “não sambaquis”. Cabe ainda, porém, uma discussão ainda não colocada em pauta que envolve outra característica marcante e intrinsecamente ligada à formação dos sambaquis que é a intenção de conferir um caráter monumental ou paisagístico, que possa servir como marco territorial e também cultural e simbólico aos povos sambaqueiros.

7.4 - Monumentalidade

“No desenvolvimento de minhas pesquisas em sítios litorâneos, sempre me interessei por evidências que sugeriam comportamentos que envolviam mais custo do que benefício, por acreditar que, por trás de comportamentos em que o dispêndio de energia não é compensado pelo resultado obtido, podem ser inferidas relações sociais” (Tenório, M. C. 2003).

Importantes discussões acerca da monumentalidade conferida aos sambaquis, principalmente aqueles de grande porte localizados no litoral de Santa Catarina, têm sido apresentadas a partir da realização de pesquisas envolvendo intencionalidade construtiva,

caráter simbólico e destaque na paisagem conferido aos grandes *mounds*. A partir dessa forma de abordagem, a intenção de construir um sambaqui adicionando-lhe volume e altura de modo que o depósito torne-se referência paisagística e marco territorial está clara para alguns dos grandes sítios do sul do país (Fish et alli 2000). Contudo, devido à falta de estudos, o mesmo não se pode afirmar quanto às demais regiões, mesmo aquelas que também possuem sambaquis de grande porte, como o litoral sul paulista. Sendo assim, o que dizer dos sambaquis do litoral norte que, até então, não mereceram a atenção de pesquisadores e os raros sítios identificados considerados como “acampamentos” temporários.

Um primeiro olhar, ou observação rápida e pouco atenta dos sambaquis existentes em Ilhabela, pode levar o observador a supor que o destaque na paisagem e demais questões relacionadas à monumentalidade dos sítios não fossem aspectos inerentes à formação dos sambaquis daquela região. O aspecto discreto de seus depósitos quando comparados aos de outros sambaquis maiores levaram pesquisadores a caracterizar essa região como área marginal e de passagem, que estaria localizada na periferia dos grandes centros de irradiação da cultura sambaqueira (Nishida 2001). Por outro lado, a implantação dos sítios em ilhas, algumas delas bastantes distantes do continente, nas quais o embarque e desembarque são dificultados pela existência de extensos rebordos marítimos abruptos, foi interpretada como uma necessidade de fuga e proteção (Nishida 2001, Amenomori 2005).

Uma vez que as recentes pesquisas realizadas nos sambaquis de Ilhabela revelaram a existência de significativas similaridades entre os pequenos sítios da região e os demais sambaquis de maior porte existentes no litoral brasileiro, caberia também uma atenção maior à questão monumental conferida a esse tipo de sítio. Não que não pudesse haver variações regionais nos sambaquis também em relação ao caráter monumental, porém tal tipo de abordagem nem sequer havia sido considerada para a região. Sendo assim, o que o presente trabalho propõe é um novo olhar sobre a monumentalidade expressa nos sambaquis do litoral norte paulista, cabendo observar se demais aspectos inerentes à formação dos sambaquis dessa região também estão relacionados ou podem sugerir a intenção da construção de um monumento ou marco paisagístico.

A primeira observação que se faz necessária é relativa à forma, volume, local e modo de implantação dos sítios da região, uma vez que as análises desses aspectos permitem auxiliar na identificação de ações e escolhas que priorizaram a aquisição de volume, de um

“crescer” construtivo, mesmo quando relacionado ao ato de sepultar. O que se verifica em relação aos formatos dos depósitos, é que eles não são regulares, mas, de modo geral, tendem a ser circulares, bem como ocorre com demais sambaquis de outras regiões. Quanto ao volume, os sítios que se preservaram no litoral norte paulista são mais modestos, menos espessos e a primeira vista não parecem possuir formato monticular, mas levemente plano-convexos. O que uma observação superficial não revela, contudo, é que os sambaquis de Ilhabela sofreram intenso processo de desmanche ocorrido no período colonial em decorrência de abertura de roças sobre alguns deles, o que resultou no impacto e no aplainamento da superfície de muitos dos sítios. As comunidades tradicionais caiçaras das ilhas dos Búzios e da Vitória, que mantinham roças sobre os sambaquis, informam que era comum encontrar “canelas humanas”, “cabeças” e outras partes que “tacavam fora”.

Os sítios que não foram alvo da ação exploratória no passado visando à obtenção da cal se preservaram, mas, por outro lado, sofreram séculos de impacto direto com a agricultura sobre seus solos orgânicos, ou com a remoção do sedimento para utilização em hortas domiciliares. Outro aspecto que favoreceu o impacto nos sítios foi a ação de curiosos e de caçadores de tesouro que, sem conhecimento da importância dos depósitos e da origem indígena dos sepultamentos, promoveram escavações não autorizadas, removendo objetos e esqueletos que acreditavam ser de piratas⁸⁴. Nesse sentido, ainda que os sambaquis dessa região sejam pequenos, menos volumosos e com extratos mais rasos, não é possível afirmar que não possuíam formato monticular que os destacasse devido ao significativo impacto que sofreram ao longo do tempo.

Os estudos realizados nas diferentes ilhas do arquipélago de Ilhabela também revelaram que a maioria dos sítios atualmente preservados encontra-se assentada em encostas e vertentes, algumas dos quais atingem cotas altimétricas bastante elevadas e outros ocupam também os topos de morros. Outro aspecto importante é a grande quantidade de sítios assentados sobre matacões, paredões ou grandes afloramentos expostos nas vertentes, com seus depósitos conchíferos apoiados sobre os blocos rochosos e, em grande medida, sendo sustentados por eles. Tal situação pode ser verificada mesmo nos sítios a céu aberto que atualmente apresentam-se ligeiramente aplainados ou nos que foram construídos em abrigos

⁸⁴ A pesquisa não acadêmica, não autorizada e/ou exploratória relacionada a busca por supostos tesouros de piratas é, até os dias atuais, uma das principais causas de destruição e descaracterização do patrimônio histórico, arqueológico terrestre e subaquático de Ilhabela.

localizados sobre ou próximos a vertentes inclinadas. Nesses locais, os bolsões de conchas empilhados nas clareiras limpas em meio à mata podiam ser facilmente visualizados e destacados nas curvas de nível das vertentes, mesmo à relativa distância, em especial os sambaquis localizados nas ilhas menores e com relevo mais íngreme.

O que se percebe com os levantamentos realizados é que a escolha do local de implantação dos sítios de Ilhabela está diretamente relacionada à intencionalidade de se conferir destaque ao sambaqui. A implantação de sítios em áreas elevadas, ora apoiados sobre matacões, ora aproveitando o volume natural da curva de nível do terreno, é uma constante nos sítios da região, não somente nas ilhas menores, mas também na Ilha de São Sebastião. Ainda que os pacotes em si não sejam espessos, a forma de implantação dos sítios confere visibilidade e destaque aos sambaquis e favorece sua visualização a longa distância, principalmente a partir de uma embarcação que bordeje as encostas das ilhas. Cabe ainda ressaltar outro aspecto relacionado à implantação dos sítios da região: a sua relação com tocas e abrigos, que irá contribuir para o entendimento da monumentalidade expressa por esses sambaquis insulares.

7.5 - Sambaquis em abrigo: fuga, proteção ou destaque.

“Não se logrou uma clara compreensão da conexão entre sambaquis e abrigos pré-cerâmicos. O estudo comparado dos artefatos demonstrou tratar-se de uma única tradição tecnológica. A mudança nos padrões de assentamento – de sítios abertos para abrigos – não encontra paralelo em outro componente da cultura material dessas populações” (Mendonça de Souza, 1977).

Uma das particularidades da ocupação sambaquieira em Ilhabela refere-se à presença de significativo número de “sambaquis em abrigo” e por este termo se entendem os sítios que estão inseridos ou diretamente associados a um abrigo rochoso. Para se configurar um sambaqui em abrigo, não necessariamente o pacote arqueológico deva estar completamente inserido dentro da área abrigada como ocorre nos sítios Toca do Caramujo, Abrigo Furnas ou Porto da Toca. Em alguns casos, pode-se dizer que na maior parte deles, o abrigo não oferece condições de proteção efetivas, ou espaço suficiente para um grupo, mas os sambaquis são

encontrados construídos ao seu redor, nas áreas frontais dos abrigos ou se estendem para as fendas pequenas de que eles dispõem (ex: Abrigo do Beto e o Sambaqui do Paredão).

Os sambaquis em abrigo foram inicialmente localizados no litoral sul fluminense, especialmente na região de Parati, e denominados de “abrigos pré-cerâmicos” (Mendonça de Souza 1977). Esse mesmo autor observa que os “abrigos pré-cerâmicos” apresentavam composição e cultura material bastante semelhante aos sambaquis “clássicos” também localizados naquela região (ibidem: 73) e, partindo das premissas classificatórias pronapianas, o autor insere esse tipo de ocupação numa fase que denomina *Perequê*. Nos sítios em abrigo do litoral sul fluminense foi encontrada grande diversidade de moluscos, fauna e artefatos condizentes com a ocupação sambaqueira já conhecida para o litoral fluminense, além da presença de sepultamentos humanos cujos “*corpos devem ter sido depositados em covas rasas, ou à superfície, acompanhados de extenso mobiliário funerário, principalmente objetos de adorno*” (ibidem: 58). Destaca-se também a dimensão reduzida, a pouca espessura do pacote arqueológico, bem como a altitude em relação ao nível marinho verificada para os sítios Ponta do Leste I e II. Cabe ressaltar ainda a existência de cerâmica simples e não decorada na superfície de alguns dos assentamentos identificados na região (ibidem).

Em trabalho posterior, Mendonça de Souza & Mendonça de Souza relacionam a construção dos sítios em abrigo do litoral sul fluminense ao final da presença sambaqueira na região, ainda que nenhum dos assentamentos tenha sido datado na ocasião (ibidem 1981/1982). De modo geral, informam os autores, os sítios em abrigo encontram-se nas encostas cristalinas da Serra do Mar, próximos ao oceano, em altitudes médias que variam entre 20 e 80m. A cultura material e a composição dos estratos não sofrem variações significativas, de modo que “*os abrigos pré-cerâmicos litorâneos, revelam conteúdo cultural de tudo semelhante ao dos sambaquis, sendo possível que atestem ciclos econômicos e fases diferentes. A luz dos dados atuais, no entanto, sem nenhuma datação disponível, fica difícil estabelecer-se quaisquer correlações. A tipologia dos artefatos, no entanto, associada ao fato de em alguns abrigos ocorrer cerâmica da tradição Una ou cerâmica neobrasileira em associação com os estratos da fase Perequê, nos permite situar esta fase entre c. 3.000A.P até o contacto com o europeu*” (Mendonça de Souza & Mendonça de Souza 1981/1982:123).

Para Mendonça de Souza & Mendonça de Souza (1981/1982) “*um último complexo cultural pré-cerâmico do litoral do Rio de Janeiro está representado pelos sítios em abrigos-*

sob-rocha, muito freqüentes no litoral sul fluminense, mas que ocorrem até Cabo Frio” (ibidem: 122). Outros sítios semelhantes são: Toca da Cassununga, Toca dos Caboclos I e os abrigos de Ilha Pelada, todos em Parati, além daqueles localizados em Arraial do Cabo e Cabo Frio. Recentemente, sítios da região de Arraial do Cabo foram revisitados, revelando a crescente necessidade de se aprofundar o estudo dos aspectos inerentes à formação, função e à relação desse tipo de sítio com os sambaquis a céu aberto e à existência de aspectos diferenciadores que permitiriam classificar esses depósitos como sambaquis (Tenório et alli 2010). Os autores que revisitaram um sítio em abrigo da região de Arraial do Cabo (Caverna do Boqueirão) sugerem que sua construção esteja relacionada à realização de cultos e rituais funerários em associação aos sambaquis maiores (ibidem: 135).

No litoral norte paulista, a localização de sambaquis em abrigo em Ilhabela reacendeu essa discussão que tinha sido abandonada desde a década de 1980 devido à ausência de estudos na região (Bendazzoli et alli 2009 e Bendazzoli 2011). Num primeiro momento, a identificação do sítio Abrigo Furnas - que compreende um sambaqui associado a um abrigo - sugeria que essa associação estivesse relacionada à necessidade de fuga ou proteção. Isto porque este sambaqui estava localizado numa pequena planície costeira com pouca distância do mar, local que oferecia espaço para a construção de um sítio a céu aberto, mas este, por sua vez, apresentava-se completamente inserido dentro do de um diminuto abrigo que oferecia proteção somente a um número reduzido de pessoas.

A idéia de que a ocupação dos abrigos estivesse relacionada à necessidade de proteger os depósitos ou relacionada à necessidade de fuga, se viu reforçada pela constatação subsequente da associação entre sambaquis e abrigos que foram localizados mais distantes em relação à costa e/ou em altitudes significativas, condições não observadas em relação aos demais sítios a céu aberto. Nesse sentido, cogitou-se a possibilidade de que o afastamento das linhas costeiras, a busca por áreas relativamente abrigadas e a construção de sítios rasos estivessem refletindo uma prática discreta relacionada à necessidade de fuga ou proteção, destoando da ocupação sambaqueira clássica já verificada para o sul do país que buscava justamente o oposto: o destaque na paisagem, a evidenciação do ritual e da presença sambaqueira e a reafirmação da territorialidade desses povos.

Num segundo momento, contudo, essa hipótese foi abandonada devido à localização de inúmeros outros sambaquis em abrigo que, na sua essência, não ofereciam qualquer tipo de

proteção. Os levantamentos de campo revelaram também que alguns sambaquis em abrigos estavam localizados em áreas que não possibilitavam, necessariamente, ampla visibilidade das regiões envoltórias (o que permitiria a preparação ou fuga quando verificada a aproximação de povos inimigos). Ainda que os sítios localizados estivessem posicionados em vertentes que tendiam a se expor à fachada oceânica, em muitos dos casos, outras vertentes que se sobrepunham às adjacências dos morros em que estava inserido o sítio, acabando por limitar a visibilidade em relação à costa ou à área envoltória, o que facilitaria atividades de fuga e esconderijo em caso de perigo iminente.

Verificou-se também que a grande maioria dos sambaquis localizava-se em áreas nas quais, a presença dos matacões, paredões e afloramentos que compunham as áreas de abrigo associadas aos sítios conferiam destaque ao assentamento, quebrando a monotonia da paleta de cores que os envolvia (o verde das matas e do azul oceânico) e do retilíneo horizonte que os cercava. Nessa paisagem caracterizada pela antagonia morfológica existente entre o chapado oceano e os picos elevados dos morros cobertos por vegetação, são os grandes pontões, paredões e conjuntos de afloramentos acinzentados que se destacam à distância sendo, até os dias atuais, referências de deslocamento e territorialidades nessa região insular.

O detalhamento dos estudos na região permitiu verificar que a presença de sambaquis associados à matacões, paredões e abrigos rochosos está relacionada justamente à necessidade de conferir destaque ao assentamento, associando-o aos principais marcos paisagísticos naturais encontrados por essas populações. Ao contrário do que sugeria uma observação superficial e imediata relacionada à construção de sambaquis em abrigo, de que os sítios estivessem associados às tocas devido a uma possível necessidade de fuga ou proteção, verificou-se que essa associação buscou, na realidade, conferir destaque e volume aos sítios. Muitos deles, localizados em altas vertentes e, portanto, relativamente distantes do mar são, até os dias de hoje, facilmente identificados à distância a partir da localização dos afloramentos rochosos aos quais estão associados. Esse tipo de associação já tinha sido identificado também no sítio Ilhote do Leste, em Ilha Grande, onde se observou que “*os enterros eram feitos, em sua maioria, perto de grandes rochas, como se estas funcionassem como marcos da área de sepultamento*” (Tenório 2006:30) e nos pequenos sítios de Parati onde os “*sambaquis encontram-se ao lado de grandes blocos*” (Mendonça de Souza 1977:74).

Para as populações que ali vivem tirando seu sustento do mar, os afloramentos são referências paisagísticas e de territorialidade, uma vez que a presença de grandes blocos acinzentados em meio à mata faz com que os pescadores reconheçam neles referências de localização, de caminhos e trilhas. Os sambaquieiros, do mesmo modo que fazem atualmente os caixas tradicionais, encontraram na exuberância, altura e dimensão dos afloramentos da região, forma de imprimir seu marco territorial e de destacar, à distância, sua área sagrada cujo pacote apresenta pouco volume. Como já dito, essas regiões insulares não possuem mangues ou áreas estuarinas nas quais vive boa parte das espécies que compõem os elementos malacológicos volumosos, mas apresentam elementos conchíferos que foram plenamente utilizados visando à construção dos sítios e a aquisição de volume ao assentamento, ainda que esse acúmulo, por si só, não tenha tanto efeito visual. Reforçando a intenção de oferecer destaque aos assentamentos, os abrigos e afloramentos, marcos naturais dessa paisagem foram aproveitados, humanizados, culturalizados e imbuídos de um significado maior dentro da cultura sambaquieira.

Novamente não se pode pensar na monumentalidade dos sambaquis dessa região sem considerar a paisagem insular na qual estão inseridos esses sítios. O destaque na paisagem e as características monumentais que os sítios de Ilhabela apresentam servem perfeitamente para essa paisagem insular, escarpada e montanhosa que originalmente abrigava densa Mata Atlântica. A construção dos sítios aproveitando afloramentos e paredões, precedida de queimada que removia a vegetação (como verificado no sítio Abrigo Sul) e adição de camadas de conchas sobre grandes blocos de suporte posicionados nos limites das curvas de nível, acarretava enorme efeito visual em relação às áreas envoltórias recobertas por vegetação.

Nesse sentido, as construções de sítios nos platôs em áreas elevadas voltadas para o mar revelam que o destaque dado aos assentamentos visava os mareantes que se aproximavam uma vez que, por terra, se chega somente às costas da maioria dos assentamentos. A posição desses sítios assentados em platôs elevados nas vertentes costeiras revela também que a própria altitude dos morros podia ser utilizada como forma de destaque, caso as áreas preferenciais já tivessem sido ocupadas por outros grupos. Nessas ilhas, as áreas ocupadas primeiramente estão ainda em baixa altitude, mais próximas ao mar e resguardam ali a maioria dos sambaquis mais antigos conforme revela o gráfico abaixo.

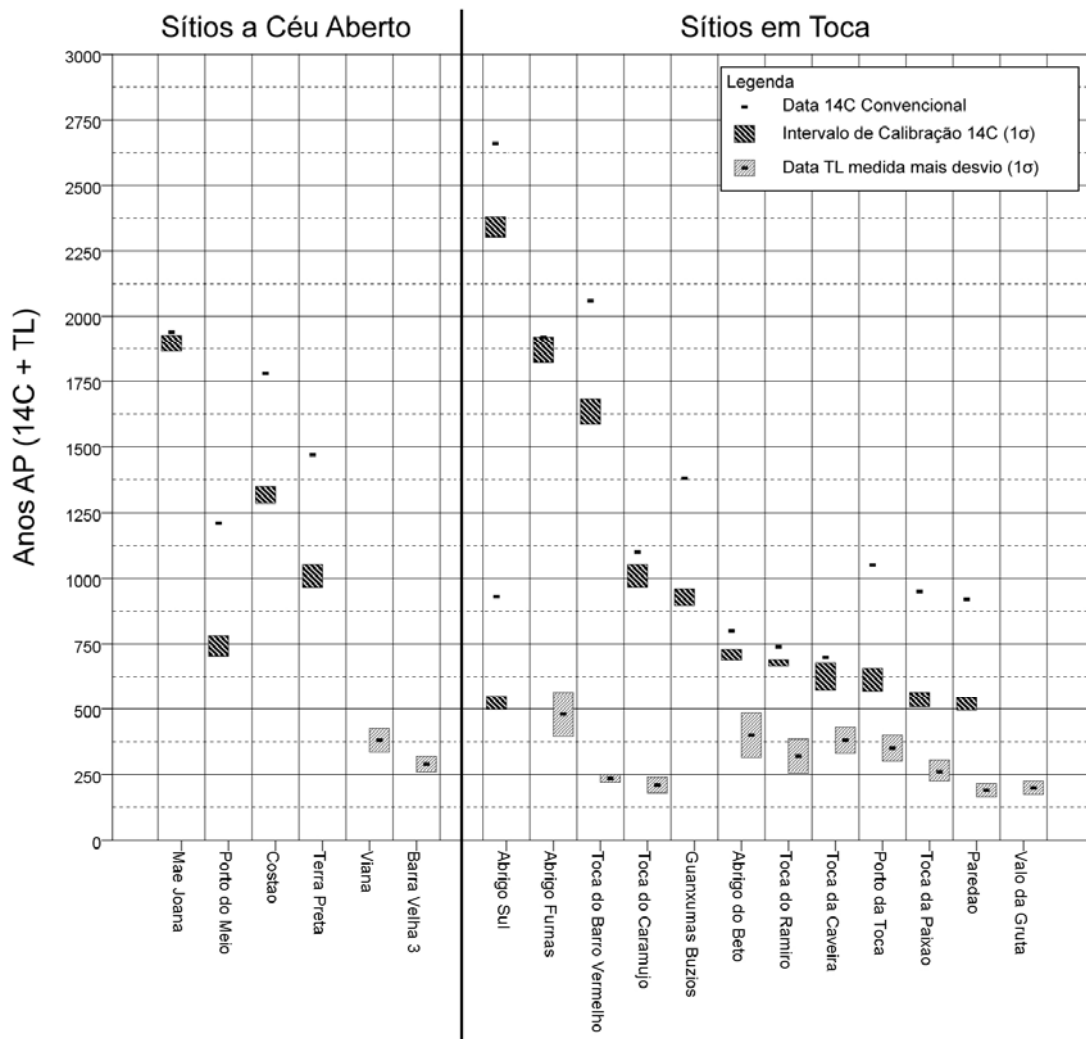


Figura 38 - Gráfico comparativo de datas dos sítios em abrigo e a céu aberto.

Em Ilhabela os sítios a céu aberto foram, predominantemente, construídos antes do ano mil A.P., e após esse período tornam-se maioria na região os sítios associados aos abrigos. Nesse sentido o presente trabalho concorda com a proposição feita por Mendonça de Souza & Mendonça de Souza (1981/1982) ao afirmarem que a associação de sambaquis com abrigos representou “*um último complexo cultural pré-cerâmico*” (ibidem: 122). Esses autores foram muito sagazes ao perceberem que os sítios conchíferos que encontraram associados aos abrigos estavam relacionados à presença sambaquieira, mas que tinham origem numa fase não “clássica” digamos assim. Isso porque, o contexto de suas pesquisas se insere num panorama da arqueologia brasileira que não dispunha de datas como referência e que tendia a considerar esse tipo de sítio qualquer coisa menos de origem sambaquieira, conforme já apontado no capítulo 1.

Se o presente trabalho pôde trazer à tona dados e datações que permitiram tecer novas proposições relativas ao panorama de ocupação sambaqueira no litoral norte paulista, a base dessa descoberta deve-se a esses autores que viram na cultura material e na feição desses sítios elementos tipicamente sambaqueiros inseridos num contexto de ocupação que era ainda muito pouco conhecido para a região. Também a proposição feita por esses autores de que a construção de sítios associados aos abrigos representasse uma fase da ocupação sambaqueira situada entre três mil anos antes do presente até o contato com o europeu, ainda que estivesse centrada fortemente nas divisões de fases pronapianas, é muito pertinente com o quadro cronológico que dispomos agora (Mendonça de Souza & Mendonça de Souza 1981/1982: 123).

Se já está claro que o território insular ilhabelense foi especialmente ocupado por populações sambaqueiras que formaram seus sítios associados a abrigos desde, pelo menos, a ocupação do sítio Abrigo Furnas datado de 1920 cal. A.P, e que já se sabe que sítios similares também tinham sido construídos na porção continental dessa macrorregião conforme apontaram Mendonça de Souza & Mendonça de Souza (1981/1982), teria sido essa a única forma de assentamento sambaqueiro no litoral norte paulista e sul fluminense? Ou essas regiões teriam abrigado sambaquis com outras formas de assentamento? Uma observação mais acurada do continente e das possibilidades que aquela paisagem ofereceu a esses grupos pode ajudar a esclarecer essas questões.

7.6 - A ocupação sambaqueira continental e insular

“Nossa insistência nesse particular tem por finalidade demonstrar que a realização de um projeto de pesquisas sobre sambaquis, não pode admitir o pressuposto, implícito na totalidade das publicações mais recentes, de que os trabalhos antigos já foram devidamente apreciados e de que neles nada mais há digno de exame minucioso e de ponderação” (Castro Faria, 1955).

A ocupação de ilhas pelos povos sambaqueiros pouco foi estudada, tendo sido tratada em sua maioria, por pesquisadores que apresentaram ricas informações sobre a ocupação insular do litoral sul fluminense (Mendonça de Souza 1977, 1981/1982 e 1995; Lima 1991, 1995, Tenório 1992, 1995 e Tenório et alli 2010), além das pesquisas de Amenomori (2005) nas ilhas do litoral de Ubatuba, SP. Com o presente estudo realizado em Ilhabela, amplia-se o conhecimento acerca

da presença sambaquieira em território insular, ainda assim, faz-se necessária também uma observação voltada para os sítios do continente, uma vez que o único assentamento sambaquieiro já estudado em área continental nessa macrorregião é o sítio Tenório, em Ubatuba, SP.

A ausência de pesquisas em sítios continentais do litoral desse estado não está relacionada à falta de sítios e, mesmo que muitos possam ter sido destruídos, ainda existem exemplares preservados. Devido à falta de estudos, a ocupação indígena de modo geral é muito pouco conhecida naquela região, que tem sido alvo de projetos altamente impactantes ao patrimônio arqueológico como a ampliação do Porto de São Sebastião, bem como do Píer, dentre outras intervenções potencialmente causadoras de danos irreversíveis. O quadro de ocupação indígena da região continental compreendida pelos municípios de São Sebastião, Caraguatatuba e Ubatuba ainda está por ser construído e deverá contribuir de sobremaneira para o entendimento da dispersão dos povos pré-ceramistas.

Por hora é possível dizer que a ocupação sambaquieira naquela macrorregião atingiu, como já visto, a porção insular e também a continental representada pela marcante presença do sítio Jaraguá 1, um “típico” sambaqui de áreas estuarinas (Cruz 1984, Dias 1992 e Santos 2011). O sítio Jaraguá 1 está localizado na porção continental do município de São Sebastião, região formada por uma bacia fluvial mais ampla determinada por uma extensa formação de cordões de restingas na qual outros rios de curta extensão “*alargam-se como pequenas rias à retaguarda desse mesmo feixe frontal*” (Cruz 1984:150). Segundo Suguio & Martin (1978), a porção continental na qual se encontra o sítio Jaraguá 1 está inserida dentro de um setor de rebaixamento tectônico com tendência a apresentar uma costa submergente.

Esse sítio está implantado na planície do Rio Juqueriquerê, um dos maiores e mais volumosos do continente contíguo, cuja bacia se alonga em direção ao mar formando uma região extremamente plana e parcialmente alagadiça que tem em sua retaguarda os picos e morros elevados do alto da Serra do Mar. Nessa área a desembocadura do rio em contato com o mar formou ampla área estuarina que oferecia fartos recursos aos povos indígenas da região (Ab’Saber 1984). Além disso, a planície do Juqueriquerê configura uma das poucas e melhores áreas potencial para ocupação da região, tendo sido aproveitada e concorrida pelos dois municípios que dividem seu território: São Sebastião e Caraguatatuba.

O sítio Jaraguá 1 possui formato monticular e feição originalmente clara devido à maciça presença de conchas nos seus estratos, atualmente recobertos por gramíneas, de modo que pode

ser descrito como um sambaqui “típico” conforme terminologia usada por Prous (1992). Sua dimensão é de aproximadamente 30 metros de diâmetro e 4 metros de altura o que lhe permite incluir na categoria de sambaquis de médio porte, portanto, distinta dos sítios de Ilhabela que se preservaram. Todavia essa não devia ser a dimensão original desse sítio uma vez que sua porção superior se encontra atualmente aplainada pela presença de gado e passagem de trator dentro da propriedade na qual o sítio se encontra inserido.

Esse sambaqui continental é o único remanescente sambaquieiro preservado no município de São Sebastião, mas nunca foi alvo de estudos de qualquer natureza (Santos 2011). Os artefatos relacionados a ele foram coletados de sua superfície⁸⁵ e podem ser considerados tipicamente sambaquieiros, representados por líticos polidos com grande esmero. A datação do topo deste sítio revela que o final de sua construção data de 4081 cal. A.P.⁸⁶, portanto, cronologicamente, recua a ocupação sambaquieira para um período muito mais remoto do que se aventara até então, comprovando que o litoral norte paulista está muito longe de ter se constituído em um local só de passagem ou periférico.

Tabela 15 - Datação calibrada do sambaqui Jaraguá 1.

Jaraguá 1	Lab ID	CRA	SD	cal.mín. 1σ	cal.máx. 1σ	cal.mín. 2σ	cal.máx.2 σ	Curva
Topo	Beta – 361448	4020	30	3976	4081	3925	4139	marine13

Alguns trabalhos envolvendo o estudo da elevação do nível marinho e as implicações dessas oscilações sobre as áreas sambaquieiras forneceram importantes informações, podendo se dizer que há “*cerca de 5100 anos A.P, o nível médio do mar atingiu a altura máxima, que coincidiu com a máxima extensão das áreas lagunares. Mais tarde o nível relativo do mar desceu mais ou menos regularmente, com duas importantes flutuações negativas entre 4.100 e 3.600 anos A.P e 3000 e 2.500 anos A.P.*” (Martin et al 1984). Pelo exposto, é possível saber que durante a ocupação desse sítio o nível marinho estava muito mais elevado, resultando na formação de lagunas que devem ter oferecido grande aporte de material e de alimentos para essa população. Devido ao impacto existente nas camadas superficiais do sítio não é possível saber

⁸⁵ Comunicação pessoal de Clayton Galdino dos Santos, arqueólogo que trabalhou no Departamento de Arqueologia da Secretaria da Cultura e Turismo do Município de São Sebastião.

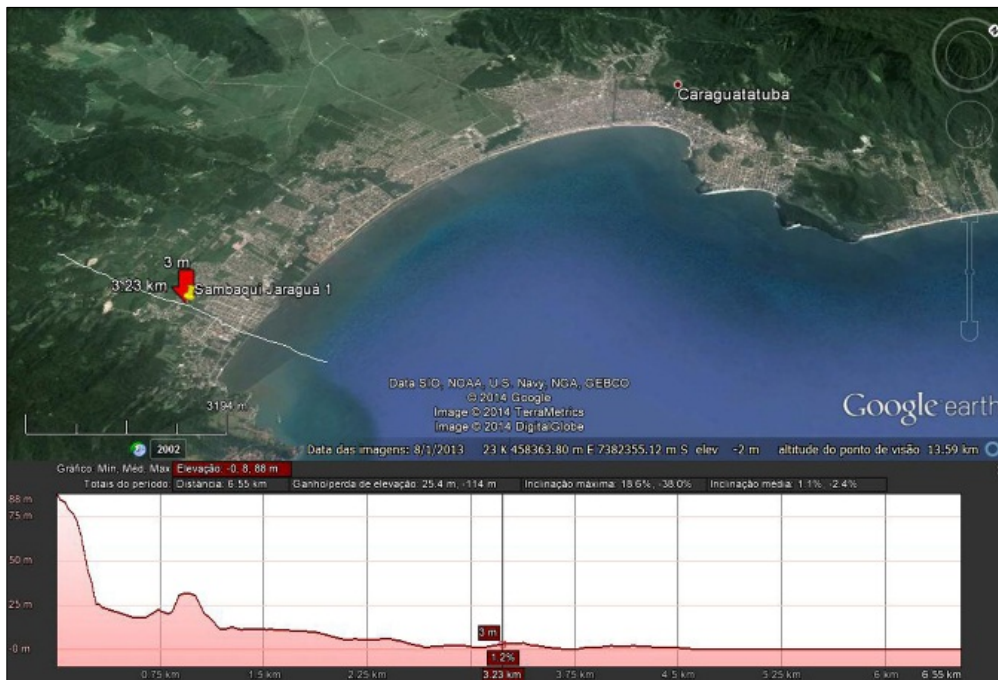
⁸⁶ Datação de amostra de topo (Beta – 361448).

se a datação de seu topo corresponde com o seu abandono e se esse poderia relacionar-se com o afastamento do mar ocorrido em data bastante próxima.

Ainda assim, a data estabelecida para o topo do sambaqui Jaraguá 1 permite afirmar que os povos sambaquieiros se estabeleceram no litoral norte paulista muito antes de quatro mil anos atrás, de modo que a presença sambaquieira naquele litoral é cronologicamente concomitante a essa mesma ocupação no litoral sul paulista, cujas datas são apresentadas por Lima (1999/2000), e também corresponde ao período conhecido como “optimum climático” vivenciado pela subida do nível marinho em diversas regiões da costa. Sendo assim, não há como dizer que essa região predominantemente escarpada e “insularizada” não tenha oferecido condições para o estabelecimento e para a construção de sambaquis de grande porte. Essas condições existiram e favoreceram a chegada dos sambaquieiros ao litoral norte paulista, seja deslocando-se através do litoral sul, ou também pela costa fluminense. Verifica-se também a mesma preferência por áreas alagadiças e manguezais, aspecto marcante da cultura sambaquieira, é também verificada no litoral norte paulista onde a implantação dos sítios mais antigos decaí justamente sobre essas áreas.

A presença do volumoso e monticular sambaqui Jaraguá 1 remete novamente à questão da monumentalidade, sendo possível confirmar que a intenção de se conferir volume aos sambaquis está presente também no litoral norte paulista desde o início do estabelecimento sambaquieiro nessa macrorregião. A monumentalidade que o sítio Jaraguá 1 exhibe, contudo, está diretamente relacionada ao volume existente nos pacotes conchíferos, da mesma forma que se observa para os sambaquis do sul do país. Conferir volume ao sítio somente a partir da utilização de conchas foi ali plenamente possível devido à natureza estuarina da paisagem envoltória ao assentamento, oferecendo os elementos necessários em quantidade suficiente para compor sítios com volumes maiores. O mesmo não ocorre na maior parte das ilhas presentes nessa macrorregião nas quais predominam costões ricos em espécies malacológicas de pequeno porte. Pode-se dizer então que o sambaqui Jaraguá 1 destaca seu formato monticular em meio à extensa planície retilínea do Juqueriquerê, configurando um marco territorial, cultural e simbólico clássico da cultura sambaquieira.

Prancha 42



1. Jaraguá 1 com perfil de elevação.
Foto: Bendazzoli, C.



2. Área de implantação do sambaqui Jaraguá 1.
Foto: Bendazzoli, C.



3. Sambaqui Jaraguá 1.
Foto: Bendazzoli, C.



4. Lâmina de machado - Jaraguá 1.
Foto: Bendazzoli, C.



5. Percutor e quabra-coquinho - Jaraguá 1.
Foto: Bendazzoli, C.

A construção de sambaquis de maior porte na porção continental do litoral norte paulista remete ao fato dessas áreas, possivelmente, terem sido densamente povoadas, permitindo a construção de grandes *mounds*. Nesse contexto é provável que as áreas estuarinas continentais devam ter sido as mais disputadas desde o início da presença sambaqueira naquela região, de modo que o domínio dos recursos garantiria não só a alimentação desses grupos, bem como a manutenção de suas práticas sociais e culturais. Nesse sentido é plausível considerar que a dispersão para as ilhas num momento posterior teve como objetivo principal a conquista de novos territórios e de recursos menos disputados do que os que existiam no continente.

7.7 - Mobilidade, dispersão e adaptação.

“Os construtores de sambaquis eram homens vinculados à coleta de conchas, ostras e peixes, no ambiente de lagunas, canais, estuários e lagamares residuais. Razão pela qual os sambaquis foram construídos, preferencialmente, em áreas de sistemas lagunares” (Ab’Saber 1984:121).

Uma das proposições deste trabalho é de que a presença sambaqueira no litoral norte paulista teve início com a ocupação do continente e esteve especialmente centrada nas áreas estuarinas e planas que ofereciam os recursos apreciados por esses povos. No litoral norte paulista esse tipo de paisagem é especialmente representado pela planície extensa do rio Juqueriquerê que abrigou sambaquis de grande porte como os existentes no litoral sul paulista e norte do Rio de Janeiro. Nessas áreas a paisagem e a oferta de recursos garantiram o sucesso do estabelecimento das populações sambaqueiras e a manutenção de suas práticas, levando a um crescimento populacional significativo evidenciado através da constatação da existência de não somente um sítio de grande porte no continente, o Jaraguá 1, mas também de vários outros sambaquis como se verá no capítulo 9.

As áreas insulares dessa região já deviam, há muito, ser visitadas e exploradas pelos sambaqueiros do continente que utilizavam as embarcações e a sua exímia experiência como navegadores para empreender viagens às ilhas. Todavia, sua ocupação efetiva, possivelmente, tem relação com o adensamento populacional ocorrido no continente contíguo e deve ter ocorrido por volta de três mil anos atrás, período no qual o nível do mar já estava baixando e, portanto o espaço marinho existente entre o continente e as ilhas foi gradativamente

diminuindo facilitando os deslocamentos entre os territórios. Dentre esse período não se tem sítios preservados em Ilhabela, mas eles possivelmente já estavam sendo construídos nas planícies do Perequê e Castelhanos, que devem ter sido ocupadas inicialmente. Pouco tempo depois já há ocupações sambaquieiras registradas em ilhas de Ubatuba conforme se verifica no quadro abaixo.

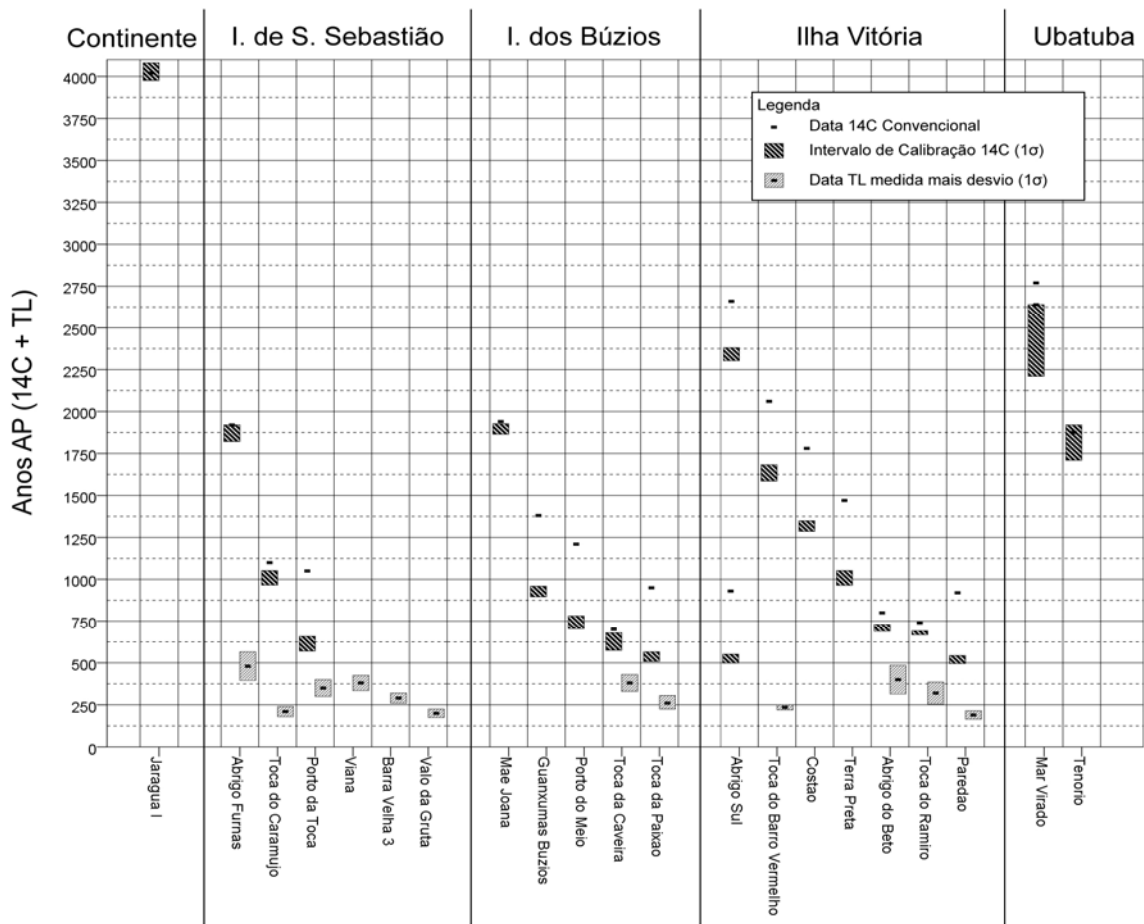


Figura 39 - Gráfico de datações calibradas dos sambaquis do litoral norte de SP.

Tabela 16 - Datações calibradas dos sítios Tenório e Mar Virado.

Sítios	Ref.	CRA	SD	cal.mín. 1σ	cal.máx. 1σ	cal.mín. 2σ	cal.máx. 2σ	Curva
Mar Virado	Nishida 2001	2770	70	2390	2640	2330	2690	intcal13
Mar Virado	Nishida 2001	2640	70	2210	2440	2120	2560	intcal13
Tenório	Garcia 1972	1875	90	1710	1920	1570	2000	intcal13

O período compreendido entre quatro e três mil anos apresenta ausência de datas devido à intensa exploração dos sítios mais volumosos. Os sambaquis desse período deviam estar assentados no continente, ou representavam o início da ocupação sambaqueira nas ilhas, sendo construídos provavelmente nas áreas estuarinas e próximos aos poucos mangues existentes. Para poder compreender esse intervalo e ter subsídios para garantir que existiram sambaquis erigidos nesse período, há que se empreender longa busca por sítios arqueológicos ainda preservados e por documentos que registrem a sua destruição em período colonial. Em Ilhabela não foram encontrados sambaquis relacionados a esse período durante os levantamentos arqueológicos realizados no município, ao passo que a arqueologia documental realizada na Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro resultou em importantes informações sobre a destruição dos grandes concheiros do litoral norte paulista (vide capítulo 9).

As primeiras áreas ocupadas pelo sambaqueiros no arquipélago de Ilhabela e nas demais ilhas dos outros municípios que compõem essa macrorregião envolveram inicialmente a ocupação das maiores planícies, estuários e manguezais, áreas reconhecidamente preferidas por esses povos. A construção dos primeiros sítios da região deve ter seguido, pelo menos inicialmente, o padrão estabelecido no continente envolvendo áreas potenciais e a construção de sítios monticulares, conchíferos e a céu aberto. Tais proposições se baseiam na constatação de que os sítios mais antigos de Ilhabela são, em sua maioria, monticulares, conchíferos e a implantados a céu aberto, sendo o exemplar mais característico o sambaqui da Mãe Joana, na Ilha dos Búzios datado de 1927 cal. A.P. O próprio sítio Abrigo Furnas, cuja datação em relação aos demais sítios em abrigo é bastante recuada, ainda mantém essas características de implantação, uma vez que está assentado em planície ao lado de um pequeno mangue voltado para a face do canal.

As áreas insulares potencialmente mais favoráveis foram ocupadas gradativamente e aquele litoral foi sendo todo remodelado pela presença humana mesmo nas ilhas mais distantes. Ali, envoltos por costeiras e paredões abruptos os sambaqueiros dominaram o território insular, estabelecendo relações de trocas e contatos constantes que garantem a manutenção das práticas econômicas, sociais e culturais. A maritimidade inerente aos povos sambaqueiros deve ter garantido mobilidade constante entre os territórios insulares

daquela macrorregião conforme já havia proposto Tenório (2003) e Calippo (2010 e 2011), que resultou, também, num esforço físico mais intenso conforme aponta Lessa & Coelho (2010) em relação aos sepultamentos analisados do sítio Ilhote do Leste, em Ilha Grande.

A manutenção da prática ritualística sambaqueira relacionada ao culto aos mortos é transportada para o ambiente insular na medida em que os povos sambaqueiros dominam e se estabelecem nas ilhas da região. Com eles vão as práticas cotidianas, econômicas, culturais e simbólicas que encontram nos novos territórios terras férteis para se desenvolverem, sendo mantidas até os últimos e derradeiros assentamentos serem abandonados. Todavia, cabe observar que ao contrário do que inicialmente propuseram Amenomori (2005) e também Calippo (2011) que relacionam os sambaquis existentes nas ilhas com áreas funerárias de populações sambaqueiras estabelecidas no continente, aqui se propõe que o estabelecimento nas ilhas tenha se dado por completo, garantindo o domínio do território e dos recursos ali existentes e que foram plenamente utilizados por longos e ininterruptos períodos de formação dos sítios conforme comprovado através da escavação do sambaqui Abrigo Sul, construído ao longo de mais de 1800 anos.

A dificuldade de se conferir volume ao sítio, devido à pequena oferta de conchas de maior porte nas áreas insulares, é compensada pela paisagem escolhida para a construção do assentamento. Nesse sentido, a associação dos sambaquis aos paredões e matacões serve à necessidade de reafirmação da presença e do domínio territorial insular e costeiro, cabendo à ocupação das ilhas a garantia da expansão e da permanência do domínio sambaqueiro naquele litoral. A monumentalidade almejada na construção desses sítios é também transportada para as áreas insulares e adaptada à realidade local, resultando num padrão de ocupação insular fortemente centrado na construção de sítios associados a afloramentos, e por isso, facilmente visualizáveis à distância, atendendo plenamente à essência da cultura sambaqueira clássica.

A mesma expansão para as regiões insulares deve ter encontrado paralelos em dispersões possivelmente ocorridas ao longo da costa em direção norte e sul, conforme já havia observado Mendonça de Souza & Mendonça de Souza (1981/1982) ao afirmar que esses sítios em abrigo são *“muito frequentes no litoral sul fluminense, mas que ocorrem até Cabo Frio”*. Em Ilhabela, a dispersão sambaqueira atingiu até a Ilha da Vitória

localizada a 38 km de distância do continente, ou seja, alcançou o limiar mais extremo de seu território insular. Se a chegada desses povos até as ilhas mais distantes não foi movida pela necessidade de fuga, tendo ocorrido em período em que os povos sambaquieiros dominavam plenamente aquele litoral, é certo que as ilhas mais distantes como a Ilha da Vitória ofereceram condições para a sua permanência até tempos muito recentes. Os sítios localizados nessa ilha, na Ilha dos Búzios e possivelmente, os sambaquis em abrigo inseridos em outras ilhas afastadas do continente são peças-chave para a compreensão do final da era sambaquieira naquela macrorregião.

7.8 - Final da era sambaquieira e sua implicação na construção dos sítios

“Se, de um lado, a origem dos grupos construtores de sambaquis permanece misteriosa, outro aspecto também pouco estudado se refere ao fim da era sambaquieira, que aparentemente desapareceu por volta de mil anos atrás, com a chegada de grupos agrícolas vindos do interior (e talvez também do sul) ao litoral meridional brasileiro. Sua cerâmica pode, às vezes, ser encontrada no topo dos sambaquis, associada com datações recentes” (DeBlasis & Gaspar 2008/2009).

A última paisagem ocupada pelos sambaquieiros pode ser vislumbrada à grande distância, é o arquipélago da Vitória, a derradeira porção de terra no extremo leste de Ilhabela, marcado pela presença do pequeno Ilhote das Cabras, um afloramento rochoso que serve de ninhal a centenas de aves marinhas que ali, livres de predadores, se reproduzem e se alimentam das sobras de carne lançadas ao mar pelos pescadores caiçaras. Implantado em média vertente sobre um platô sustentado por amplos matacões está o sambaqui Abrigo Sul, um dos últimos remanescentes da presença sambaquieira no arquipélago da Vitória. O amplo paredão que lhe faz retaguarda pode ser vislumbrado a distância, mas oculta da vista do navegante o sítio Toca do Ramiro e seu sepultamento único, e deixa menor o já pequeno Abrigo do Beto, todos remanescentes do final da era sambaquieira na região.

O que esses, e outros pequenos sambaquis revelam, porém, apresentou-se bem maior do que sugere seus diminutos tamanhos e suas aparências discretas e escuras que

por tanto tempo lhes conferiram o nome ingrato de “sambaquis sujos”. Os últimos remanescentes da presença sambaqueira em Ilhabela e no litoral norte foram encontrados nas Ilhas da Vitória e dos Búzios e são sim sambaquis terrosos, com conchas pequenas e alguns cacos de cerâmica em superfície, mas essa presença alheia sobre os topos dos sítios tem um por que. O final da construção desses sambaquis é marcado pela presença cada vez maior de populações ceramistas de origem Macro-Jê adentrando os domínios originalmente sambaqueiros.

A data da chegada dos povos Jês àquela macrorregião litorânea ainda não é conhecida, mas num mesmo período em que os últimos sambaqueiros são sepultados nos sítios das Ilhas da Vitória e dos Búzios, na Ilha de São Sebastião, mais próxima ao continente, os índios ceramistas já estão estabelecendo suas aldeias que, pouco tempo depois, irão abrigar os novos personagens dessa história sepultando seus mortos em urnas funerárias nos assentamentos localizados nos topos de morros voltados para o canal de Toque-Toque. As aldeias Viana e Barra Velha 3 são provas de que a população Jê chegou ao litoral e estendeu os seus domínios às áreas insulares da região, nas quais se estabeleceram e construíram assentamentos permanentes e não apenas acampamentos para mariscadas.

O gráfico abaixo ilustra bem como as diferentes ocupações indígenas se encostam e correm paralelas durante boa parte do período final da era sambaqueira. Enquanto são colocadas as últimas conchas dos sambaquis do Paredão e do Abrigo Sul na Ilha da Vitória, na face do canal na Ilha de São Sebastião os Jês já ocupam o topo do sambaqui Abrigo Furnas, revelando o crescente domínio sobre as áreas sambaqueiras. Ainda que não haja dados arqueológicos disponíveis sobre os assentamentos Macro-Jê do continente, a presença deles em Ilhabela desde aproximadamente e, há pelo menos, 500 anos A.P. já indica o domínio inicial das extensas áreas continentais.

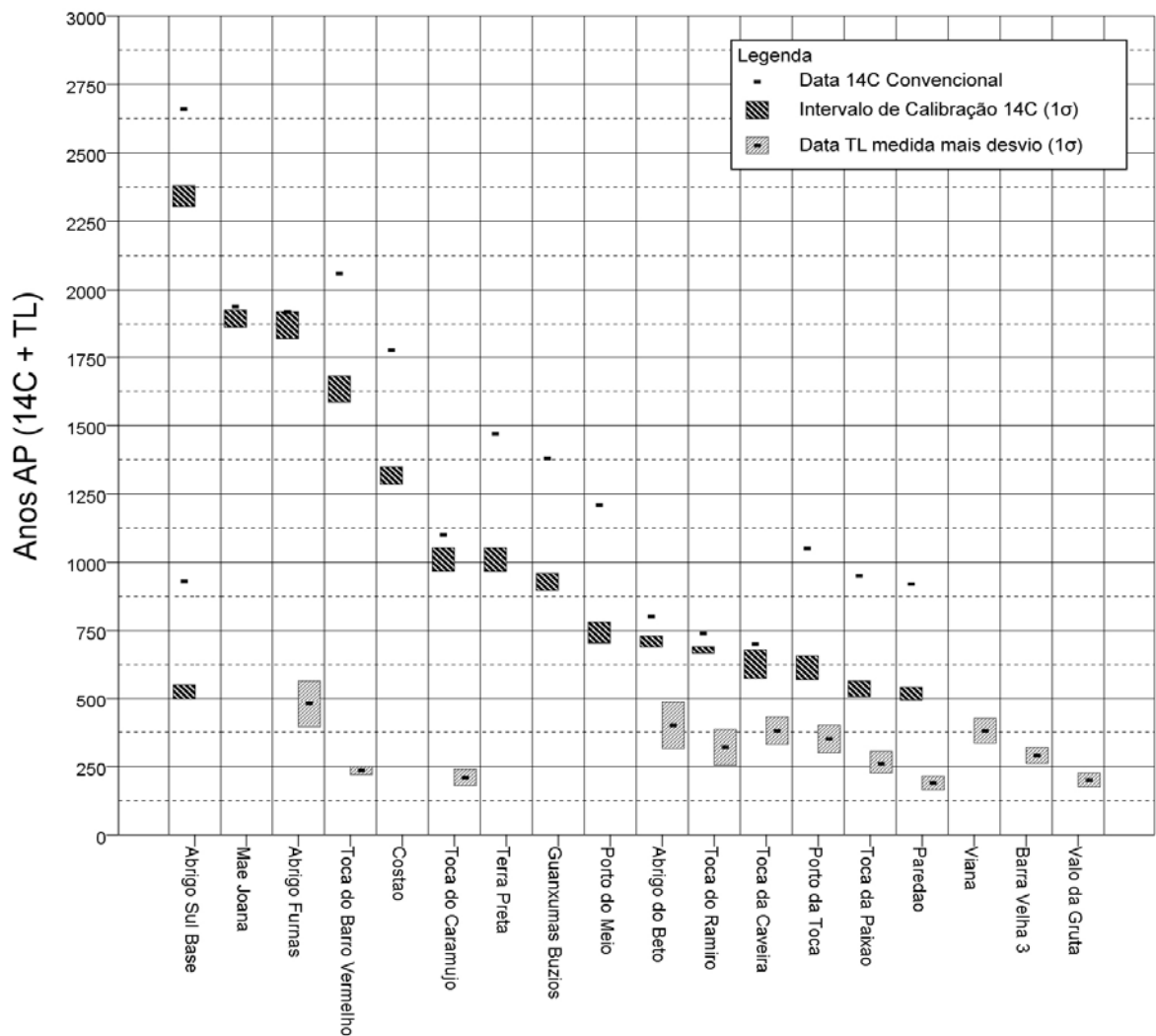


Figura 40 - Gráfico comparativo entre datas sambaqueiras (hachurado escuro) e jês (hachurado claro).

O resultado da presença maciça de povos ceramistas nessa região tradicionalmente dominada pelos sambaqueiros é perceptível nos depósitos arqueológicos deixados pelos últimos construtores de sambaquis. Cerâmicas não decoradas associadas à superfície dos sítios são encontradas em diversas regiões do país, mas nunca foram estudadas em profundidade ou associadas a eventos específicos ocorridos nos sítios. Em especial na macrorregião em estudo foram identificados sambaquis com cerâmica em superfície nos municípios de Parati, Angra dos Reis e Ilhabela (Tenório 2006, Mendonça de Souza 1977, Bendazzoli et ali 2007).

Ainda que esses fragmentos fossem oriundos de outros grupos, os artefatos ali depositados não foram entendidos como alheios aos sítios, uma vez que a presença deles

sobre os monumentos sagrados sambaquieiros sugere, no mínimo, uma intencionalidade depositária. As datações das cerâmicas encontradas sobre os sambaquis em comparação com a datação dos estratos finais dos sítios revelam que este material foi depositado ali pouco tempo depois da paralisação da construção dos assentamentos, de forma que não compõem a própria criação do sítio e nem fazem parte do contexto direto das atividades que formam os sambaquis de Ilhabela. Há uma distância temporal, ainda que bem pequena, entre o final da construção dos sambaquis e o depósito dessas cerâmicas sobre os sítios.

A existência de cerâmica sobre os sambaquis foi inicialmente estranha aos pesquisadores, já sabedores que essa tecnologia não foi desenvolvida pelos povos sambaquieiros. Vestígios desse tipo encontrados sobre os sambaquis de diversas regiões foram, de imediato, considerados Tupi ou “supostamente Tupi” ainda que nenhum estudo aprofundado tenha sido desenvolvido com esse tipo de material (Beltrão 1978). Por outro lado, a “tupinização” aceita pelos arqueólogos para o litoral paulista e fluminense não considerava a presença de povos ceramistas de origens distintas da tupi nesse litoral, reforçando a associação imediata dos vestígios cerâmicos com os Tupi. Um exemplo dessa frequente associação pode ser vislumbrado no seguinte trecho “*em muitos sambaquis têm-se encontrado à flor da terra quase, camocins, isto é, grandes potes de barro, urnas funerárias chamadas vulgarmente, mas erradamente, de igaçabas, com ossos de índios, pois era dessa maneira que algumas tribos, principalmente os tupis-guaranis, aqui encontradas pelos portugueses, enterravam os mortos*” (Duarte 1968:41).

A realização da presente pesquisa permitiu identificar que os fragmentos cerâmicos sobre os sambaquis de Ilhabela estão diretamente relacionados à presença Macro-Jê na área, como já dito, não tendo sido encontrado qualquer vestígio da presença Tupi naquele arquipélago. Os ceramistas que chegaram primeiramente naquela região foram os Macro-Jê que adentraram domínios sambaquieiros muito antes que qualquer outro povo, resultando em influência direta sobre os sambaquieiros do litoral, algumas das quais são diagnosticáveis não somente na camada final dos sambaquis. Além da presença de fragmentos de cerâmica nas superfícies dos sítios, alguns dos sambaquis mais recentes localizados na Ilha da Vitória apresentam elementos composicionais e mesmo enterramentos que sugerem influência externa já exercida pelos Jê.

Alguns exemplos da nuance própria do fim da era sambaqueira nessa região podem ser verificados nos sambaquis tardios, como o Toca da Caveira (Ilha dos Búzios) e, na Ilha da Vitória, os sítios Toca do Ramiro, Sambaqui do Paredão e também no Abrigo Sul, ainda que este último tenha sua construção iniciada muito tempo antes, manteve-se ativo até muito tardiamente. O sítio Abrigo Sul cuja superfície data de 551 cal. A.P. apresenta em seu pacote conchífero superior algumas bolotinhas de barro entremeado por antiplástico mineral (quartzo majoritariamente) semelhante a resíduos da confecção de cerâmica ou de sua decomposição caso não estivesse bem queimada. Esse mesmo material, porém em abundância, pode ser encontrado na camada final da construção do sambaqui do Paredão, último remanescente sambaqueiro do arquipélago de Ilhabela. Tal evidência pode indicar uma possível introdução da cerâmica junto a esses povos no final de sua ocupação no litoral norte, elemento este levado à região com a chegada dos povos Jê.

Além da utilização e, talvez, do desenvolvimento incipiente da cerâmica pelos sambaqueiros também se nota claramente que os últimos enterramentos feitos nos sambaquis mais recentes são quase ausentes de conchas, reforçando o aspecto terroso que exibem esses sítios. Ainda que representada por poucas unidades como o sítio Toca do Ramiro, ou por apenas um único *megalobulimus*, como no sambaqui Toca da Caveira, a presença da concha como elemento simbólico se mantém até os últimos sepultamentos sambaqueiros, não servindo mais como elemento construtivo, mas se mantém imponente enquanto marcador identitário e cultural dos povos sambaqueiros.

Nos sítios mais recentes é também marcante a presença de queima envolvendo os sepultamentos como se observa na Toca do Ramiro e Toca da Caveira, além da ocorrência de enterramentos contendo apenas partes dos indivíduos mortos como no sítio Abrigo Sul e Toca da Caveira. Tais características são marcantes no final da era sambaqueira e devem ter relação com a chegada de povos Jê nessa macrorregião influenciando, inclusive, a prática de sepultar, um dos mais importantes marcadores identitários dos sambaqueiros. Vale lembrar que em outros sítios do litoral fluminense tal influência também já foi notada conforme já apontou Barbosa-Guimarães (2011). Segundo essa autora as alterações funerárias, tecnológicas e o aprimoramento do lascamento de quartzo, mudanças verificadas nos pacotes superiores do sítio estudado por ela na região de Saquarema, RJ, podem ter relação com “*contato de grupos sambaqueiros com grupos oriundos do interior, relacionados a tradição*

ceramista Una” (2011:86). Ainda segundo essa autora, as mudanças no universo simbólico dos construtores do sítio podem ser indiretamente inferidas a partir da adoção da prática crematória. Em Ilhabela também se vê associado o adensamento da cremação e dos sepultamentos incompletos com a crescente influência Jê, mas, nessa que região, relaciona-se diretamente à influência Aratu.

Para Barbosa-Guimarães (2011), as claras mudanças envolvendo a forma de sepultar os mortos estariam relacionadas às alterações na porção superior do assentamento como resultantes de mudanças estruturais inseridas na longa duração, ou seja, teria relação direta com um *“longo processo de mudanças ocorridas no seio do sistema sociocultural sambaquieiro, mudanças essas causadas por fatores ambientais e por contato intersocietal possivelmente com grupos da tradição ceramista Una”* (ibidem: 87). Em Ilhabela, contudo, a ocorrência de um longo processo como o proposto por Barbosa-Guimarães para a região de Saquarema, RJ, não é percebida de imediato. Nesse arquipélago a chegada dos povos Jê parece ocorrer de forma muito rápida pelo menos na porção insular mais afastada como as Ilhas da Vitória e dos Búzios, que foram ocupadas no mesmo período em que aldeias Jê já estavam muito bem estabelecidas na Ilha de São Sebastião.

Ainda que a chegada célere às ilhas mais afastadas do litoral de Ilhabela pareça sugerir uma intromissão rápida dos povos Jê sobre os sambaquieiros daquela região, cabe lembrar que os contatos iniciais entre esses povos se deram nas porções continentais e, portanto, devem ter demandado longa duração de interação, trocas e dinâmicas que se acomodaram ao longo do tempo. Nesse sentido, quando a presença Jê se faz marcante na Ilha da Vitória, ela já está amplamente disseminada no continente e nas ilhas mais próximas a ele. O próprio deslocamento para as ilhas mais distantes como a da Vitória demandava o enfrentamento de canoeiros em mar aberto visando percorrer a distância de 38 km em relação ao continente, portanto, há que se considerar um longo tempo decorrido desde a chegada desses povos à costa norte paulista até o domínio territorial e marítimo de toda essa região pelos ceramistas, alcançando até o seu extremo mais distante.

Ao que tudo indica, a sacralidade das práticas funerárias e os ritos a ela relacionados possuíam tamanha importância para os sambaquieiros que, a despeito da influência Jê sobre esses grupos, as nuances mais enraizadas nessas práticas são mantidas nos sepultamentos dos sambaquis, mesmo nos mais tardios. A tentativa de manutenção da cultura sambaquieira pode

ser vislumbrada não somente através da permanência das características mais marcantes das práticas funerárias e dos aspectos ritualísticos e simbólicos a elas relacionadas, mas também se imprime na própria construção dos sambaquis mais tardios.

Os sítios Toca do Ramiro e Toca da Caveira que estão dentre os mais tardios da Ilha da Vitória e dos Búzios, último domínio sambaquieiro naquela região, chamaram a atenção desde o início das pesquisas devido à clara impressão de um evento rápido relacionado às suas formações que não envolveram grande elaboração, mas que tiveram o cuidado de manter certas características próprias dos sepultamentos sambaquieiros ainda que já notadamente sofressem influência Jê. Ambos os sítios foram constituídos a partir da realização de um único evento funerário alocado em afloramentos adjacentes aos demais sambaquis ali existentes, ou seja, estão fora dos locais sagrados que vinham sendo construídos pelos mais antigos há pelo menos 1800 anos como o sambaqui Abrigo Sul, próximo à Toca do Ramiro. Esses dois momentos funerários realizados fora dos sambaquis que ali eram construídos revelam, porém, a manutenção da prática de enterramentos em áreas de domínio originalmente sambaquieiros. Tal inserção em meio a uma paisagem há tempos culturalizada e dominada pelos sambaquieiros revela que, ainda que não se tenha utilizado a área sagrada para sepultar, a referência de território sagrado se mantém, resultando num aglomerado de sítios de diferentes gerações abertos em um mesmo lugar, cada qual com características pertinentes à sua época e às influências externas de cada tempo, sejam elas ambientais, étnicas, ou ambas.

No que se refere à influência étnica, o sítio Toca da Caveira, em especial, revela uma nuance importante da intensidade da influência Jê sobre os sambaquis do litoral norte paulista. A maioria dos indivíduos sepultados nesse sítio datado de 679 cal. A.P. apresentava perdas em vida dos dentes incisivos inferiores e, conforme já proposto por Rodrigues-Carvalho & Souza (1998), tal ausência pode estar relacionada ao uso de tembetás. Vale ressaltar, porém, em Ilhabela esse tipo de artefato somente foi encontrado em associação com o sítio cerâmico remanescente de uma aldeia Jê, o sítio Barra Velha 3. Nesse sentido é plausível considerar a existência não só de influência direta dos Jê sobre a cultura sambaquieira, como também uma possível interação social e/ou miscigenação entre os povos. Tal hipótese é corroborada também pelos estudos de isótopos estáveis que apontam para um aumento do consumo de caça terrestre entre os sambaquieiros de Ilhabela no final de seu período de domínio do litoral, conforme apresentado no capítulo 5.

Os sítios Toca do Ramiro e Toca da Caveira revelam que o final da era sambaqueira em Ilhabela é marcado pela realização de sepultamentos rápidos e pouco elaborados constituindo novas áreas funerárias que são abertas para conter somente os indivíduos do momento. A localização desses sítios em meio a conjuntos já constituídos como áreas de domínios sambaqueiras e a manutenção das características essenciais das práticas funerárias foram os elementos que permitiram identificar a origem cultural desses depósitos. Situação parecida foi relatada por Tenório (2003) que identificou sepultamentos também pouco elaborados, constituindo evento único, fora do sambaqui Ilhote do Leste, em Ilha Grande, RJ.

Pelo exposto, fica claro que os estudos voltados para os sítios litorâneos presentes nessa macrorregião, e que ainda buscavam paralelos extra-regionais com os clássicos concheiros do sul do país, não se ativeram às singularidades dos depósitos sambaqueiros dessa região, as quais estão expressas em eventos discretos, porém extremamente importantes para o entendimento da ocupação sambaqueira na costa norte paulista. Pode-se enfim afirmar que comprovadamente as planícies continentais foram as primeiras áreas de domínio sambaqueiro no litoral norte, e também comprovadamente as ilhas mais distantes foram as últimas. Em especial, a Ilha da Vitória representa um dos últimos berços até então conhecidos da cultura sambaqueira, não somente em relação ao litoral norte, mas em relação à costa brasileira como um todo cuja data tardia mais aceita girava em torno de mil anos atrás.

A partir de 500 anos atrás os sambaquis de Ilhabela, monumentos sagrados e marcos territoriais dos povos soberanos da costa, deixam de ser domínio exclusivamente sambaqueiro e são resignificados pelos povos Jê que deixam na superfície dos sítios seus utensílios cerâmicos como marcadores territoriais. Os potes Aratu encontrados sobre os sambaquis daquela região não são parte da construção do assentamento em si, mas significam o domínio daquele espaço, mensagens diretas plenamente perceptíveis e incontestáveis da presença e incorporação dessa paisagem “sambaquizada” ao crescente domínio Macro-Jê até nas ilhas mais distantes. Nesse momento, não é mais possível a manutenção das práticas funerárias sambaqueiras, nem a construção dos sambaquis. A Ilha da Vitória, a mais afastada deste arquipélago, deixa de representar a vitória da cultura sambaqueira e de abrigar os últimos sambaquis, tornando-se parte do domínio de novos soberanos.

8 - A PRESENÇA JÊ

“Ao que parece seriam os Jê os construtores dos sambaquis de cujo substrato a cerâmica encontra-se ausente, ocorrendo às vezes apenas na superfície e podendo sua presença ser encarada como elemento intrusivo, ocasional, isto é, desvinculada do grupo que construiu o depósito conchífero que conhecemos sob a denominação de sambaqui” (Beltrão et al 1969:95).

A presença de povos Macro-Jê no litoral paulista, ainda que pouco conhecida, já havia sido relatada por viajantes seiscentistas que estiveram na região, conforme apresentado no capítulo 1. Todavia, o seu rápido extermínio e remanejamento para outras localidades, principalmente para o interior, liberaram extensas áreas litorâneas para a crescente ocupação colonial. Os povos Tupiniquim, que permaneceram no litoral por suas alianças com os colonos contra os Tupinambá, foram considerados os supremos ocupantes da costa, tendo sido esquecida e, praticamente não mencionada, a presença Macro-Jê no litoral norte paulista. As pesquisas realizadas em Ilhabela, todavia, evidenciam uma ampla ocupação Jê distribuída por todo o território insular, sugerindo que, também no continente, essas populações já haviam encontrado seu espaço ocupando áreas inicialmente sambaquieiras.

Vale lembrar que ao longo da região norte e nordeste do Estado de São Paulo diversos sítios Aratu foram localizados e indicam as regiões nas quais estavam presentes os índios ceramistas Jê em período pré-colonial ou de contato (Robrahn-González 2000, Robrahn-González et al 1998, Caldarelli 1994 e 2001/2002, Maranca 1969, Gomes 2003, Bernal 2002, Camargo & Camargo 1990, Maranca, Silva & Scabello 1994, Alves & Cheuiche-Machado 1995, Alves & Calleffo 1996, Fernandes 2001, Penin & DeBlasis 2005/2006, entre outros). Todavia, muitas das áreas do litoral norte, do Vale do Paraíba e do interior paulista ainda carecem da realização de estudos sistemáticos que poderão, no futuro, contribuir de sobremaneira para um melhor entendimento do quadro de ocupação regional já estabelecido para o Estado de São Paulo. Ainda que estudos detalhados sobre a presença Jê no território paulista sejam poucos, os levantamentos já realizados na região e principalmente os sítios já estudados no norte paulista, fornecem importantes informações sobre a dispersão desses povos ao longo desse território.

Para Robrahn-González (2000) o território paulista pode ser considerado uma “terra de fronteiras”, porém o mapeamento dessas fronteiras era difícil tarefa devido às poucas informações existentes e à falta de estudos em áreas potencialmente importantes para o entendimento dessa dispersão. O mapa elaborado por Robrahn-González serviu de base para que outros pesquisadores contribuíssem com mais informações à medida que novas pesquisas no interior trouxessem dados inéditos sobre os domínios territoriais indígenas naquele território. As tentativas de mapeamento que se seguiram apresentam dados importantes que se somaram, ampliando o entendimento sobre a dispersão dos índios Tupi e Macro-Jê, mas ainda divergem entre si, não havendo consenso principalmente sobre as possíveis áreas de domínio territorial Jê, ora apontadas mais ao norte, ora compreendidas mais ao sul (Morais 1999/2000, Afonso 2005, Scatamacchia & Prestes 2011).

Com base nos mapeamentos já existentes e considerando os dados inéditos agora obtidos, fica clara a necessidade de redefinição de domínios territoriais dos indígenas de São Paulo. A contribuição dada por esta pesquisa na localização de sambaquis sobrepostos por cerâmica Aratu, além das duas aldeias Aratu bem estabelecidas em Ilhabela, permite estender o território Jê para a região nordeste desse estado, bem como para a região litorânea a qual nunca antes havia sido associada à presença desses grupos. Visando contribuir também para a formulação de um novo quadro de ocupação regional o presente trabalho propõe uma nova organização da dispersão indígena no território paulista que contemple os dados obtidos para Ilhabela.

O mapa a seguir foi elaborado tendo como base a subdivisão por região hidrográfica feita pelo Governo do Estado de São Paulo, sobrepondo com hachurado as Microrregiões Paulistas definidas pelo IBGE nas quais foram identificados sítios arqueológicos de origem Aratu. Este mapa permite constatar que os povos jês se dispersaram ao longo de um extenso território que ligava o extremo oeste do estado, da região da bacia do rio Grande até alcançar a região litorânea, formando quase que um largo “corredor” de domínio territorial ao longo do Vale do Paraíba e norte paulista. Cabe ressaltar que o que este trabalho propõe para essa região não é a existência de um domínio ou de fronteiras territoriais indígenas engessadas, mas, pelo contrário, aqui se propõe a existência de fronteiras constantemente redimensionadas e remodeladas de acordo com os avanços e recuos territoriais entre os povos que disputaram o domínio desses territórios.

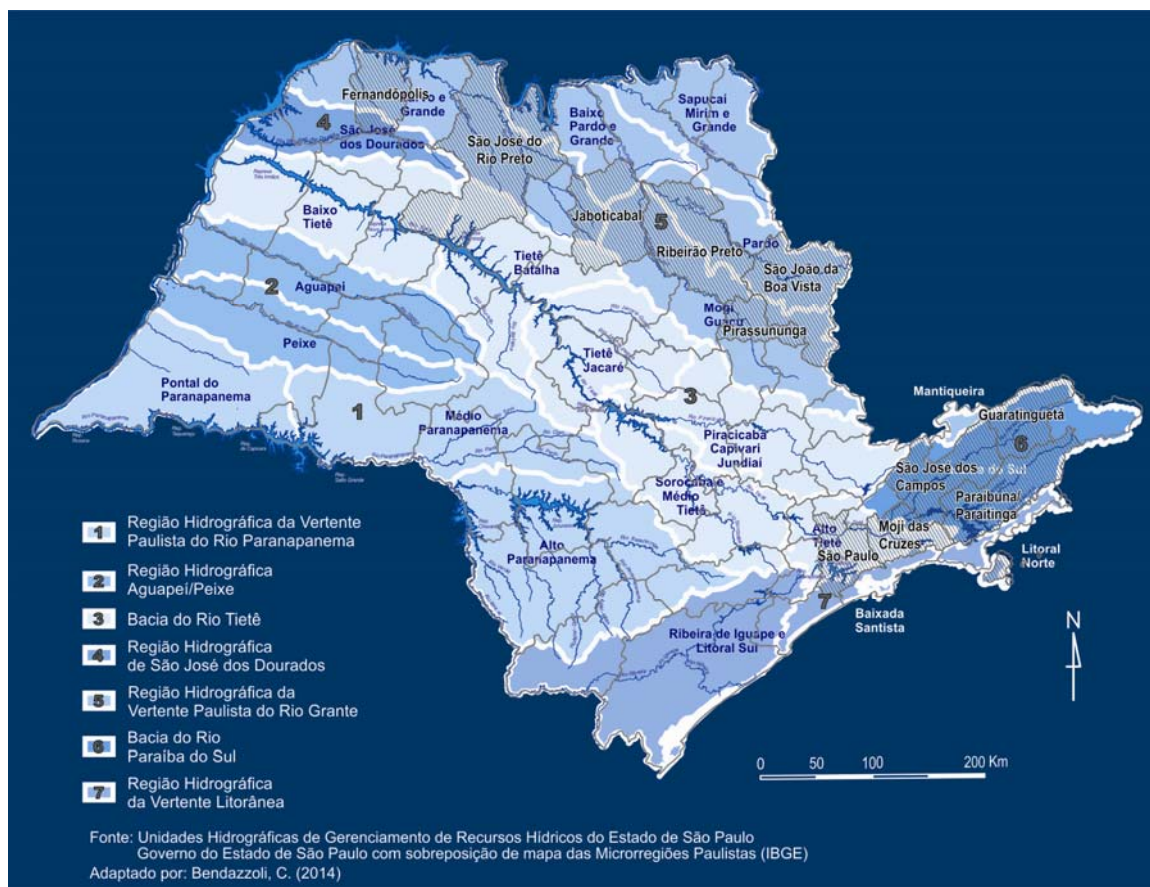


Figura 41 - Mapa da dispersão territorial Jê em território paulista (hachurado).

Nesse sentido, é plausível considerar que as microrregiões apontadas no mapa - que eram cruzadas por *peabirus* e/ou banhadas pelos rios Pardo, Preto, Turvo, Grande, Sapucaí, Mogi-Guaçu e Paraíba do Sul - tenham configurado as principais vias de acesso dos povos Jê ao litoral norte paulista. Ao que tudo indica, esses territórios foram conquistados pelos Jê a partir da expansão dos grupos acompanhando rios, bem como deslocando-se através dos *peabirus*, caminhos abertos pelos indígenas para sua própria dispersão territorial. Esses caminhos serviram para que os povos do interior pudessem transpor a serra aproveitando-se da suavização dos relevos da região abrangida pelo Vale do Paraíba.

A partir do Vale do Paraíba do Sul verifica-se que a presença de desníveis topográficos resulta em quedas d'água e cachoeiras aparentemente intransponíveis por embarcação, conforme aponta o Relatório da Comissão Geographica e Geológica do Estado de São Paulo (1919). Contudo, a partir dessa região já são bem conhecidos os

caminhos indígenas que partiam rumo ao litoral, como a "Trilha dos Goianás", ligando Guaratinguetá ao porto de Paraty e a "Trilha dos Tamoios", que partia da vila de Taubaté em direção ao porto de Ubatuba (Pasin 2001). Já próximas ao litoral, essas populações também parecem ter se deslocado através dos rios Paraitinga e Paraibuna atingindo as planícies litorâneas banhadas por rios caudalosos como o Juqueriquerê, o maior rio navegável da região que se origina da junção dos rios Claro e Camburu, lembrando que este último se forma a partir da união do Rio Verde com o Rio Pardo.

A ausência de pesquisas arqueológicas sistemáticas nessa região não permite o estabelecimento de comparações entre os períodos de formação e/ou ocupação da maioria dos sítios ali encontrados com os assentamentos Jê já datados do litoral norte paulista, o que resultaria num melhor entendimento da dinâmica de dispersão indígena ao longo dessa região. Todavia, as datações arqueológicas já estabelecidas para alguns dos sítios Jê do interior revelam que a dispersão desses povos ao longo da serra ocorreu em período relativamente recente. Essas poucas datas, quando comparadas aos dados cronológicos estabelecidos para a presença Jê em Ilhabela, parecem indicar uma dispersão rápida desses povos em direção ao litoral, bem como para o território insular. Nesse sentido, ao julgar pela presença de aldeias já bem estabelecidas em Ilhabela há aproximadamente 400 anos, a chegada ao litoral continental parece ter ocorrido bem antes uma vez que demandou a conquista de territórios continentais dominados por densa população sambaquieira.

A abertura, a manutenção e o estabelecimento de aldeias ao longo dos territórios cruzados pelos rios presentes na Região Hidrográfica da Vertente Paulista do Rio Grande e a Bacia do Rio Paraíba do Sul e pelos *peabirus*, garantiram por certo tempo o domínio daquelas áreas aos povos Jê. Dessa forma, o acesso dessas populações ao litoral foi possível ainda antes da chegada dos grupos Tupi à costa norte paulista, região quase ausente de sítios dessa natureza, a exceção do sítio Itaguá, localizado em Ubatuba. Esse sítio apresenta cultura material marcada pela presença de características tupis e colonizadoras, misturando contas, metais e cerâmica indígena (Uchôa et al 1984, Scatamacchia & Uchôa 1993). Todavia, a ausência de datação confiável para esse sítio - uma vez que a estabelecida foi descartada pelos pesquisadores - não permite associá-lo com grupos originalmente estabelecidos ali, podendo ter relação com a chegada desses povos após a expulsão dos

Macro-Jê ou com o tráfico de indígenas catequizados ou aliados para a formação das primeiras vilas litorâneas.

Fato é que os povos Tupi ao se aproximarem dessa região posteriormente à entrada Jê esbarraram num extenso cordão de domínio territorial não Tupi que seguia do interior até o litoral e, a partir daí se alongava ao sul até os limites do município de Ilhabela e região insular de São Sebastião chegando, possivelmente, a atingir a Ilha de Alcatrazes. Ali foram encontrados remanescentes cerâmicos não decorados dentro de diversas tocas e abrigos, alguns associados a vestígios alimentares, mas que foram tidos como de Tradição Itararé (Bornal & Galdino 2011). Os autores assim descrevem seus achados “*os vestígios cerâmicos encontrados, tocante à sua tipologia, dimensionamento e técnicas de manufatura apresentam similaridade com artefatos da tradição itararé, ‘um conjunto de vestígios arqueológicos englobando vasilhames de cerâmica relativamente pequenos, com paredes finas e coloração escura...’ (Araújo, 2007, p. 02)”*” (ibidem: 47). Os autores apontam ainda a necessidade de estudos detalhados no material cerâmico, não contemplado no trabalho em questão, de forma que tal evidência possa estar relacionada à Tradição Aratu, e não Itararé, como comprovadamente se mostra em boa parte da área do litoral norte paulista.

Em direção ao norte o domínio Jê parece ter se estendido até o sul do litoral fluminense, região que comporta diversos vestígios identificados desde a época do Pronapa (Beltrão 1976, 1978, Dias 1969, 1969a, 1971 e 1979). Os caminhos que percorrem o Vale do Paraíba até essa região são conhecidos dos pesquisadores daquele estado, bem como a presença Jê já havia sido identificada também naquele litoral. O entendimento das nuances próprias da influência Jê sobre os domínios sambaquieiros, porém, é recente e ainda foi pouco explorada ao sul do estado do Rio de Janeiro. Nessa região, a identificação de cerâmica na superfície de muitos sambaquis indica que, muito possivelmente, os sambaquieiros daquela área também foram sucedidos pela ocupação Jê (Tenório et alli 2008, Tenório 2003, Mendonça de Souza 1977, Mendonça de Souza & Mendonça de Souza 1981/1982 entre outros).

Mendonça de Souza (1977) realizou amplos levantamentos no litoral sul fluminense identificando diversos sambaquis pequenos, alguns associados a abrigos e muitos deles - um total de 25% dos sítios estudados – com presença de cerâmica em superfície. Segundo esse autor “*parece fora de dúvida que esta é uma cerâmica indígena de tradição não*

tupiguarani” (ibidem: 75). Naquela região apenas um sítio Tupi-Guarani foi encontrado localizado em Parati e, segundo Mendonça de Souza “*parece demonstrar que realmente a área não era povoada por tais grupos à época do descobrimento. Os tupiguarani devem ter chegado à região imediatamente antes, ou junto, aos europeus*” (ibidem: 76).

Além da cerâmica localizada em superfície, diversos pesquisadores assinalaram à existência de alterações significativas na formação dos pacotes superiores dos sambaquis fluminenses, bem como ocorre nos sítios de Ilhabela (Lima 1987, Gaspar 2003, Tenório et al 1990, conforme apontou Barbosa-Guimarães 2011). A presença de cerâmica, de maior número de fogueiras, de cremação nos esqueletos sepultados ou, às vezes, um aumento do número de sepultamentos nas camadas superiores dos sambaquis são evidências encontradas já no início das pesquisas no litoral. Desde então, as diferenças presentes nos estratos superiores dos sambaquis ou dos tidos “acampamentos litorâneos” suscitaram dúvidas entre os pesquisadores, pois era claro que os momentos finais de construção dos sítios, representados no pacote arqueológico, possuíam características não observadas, ou por vezes muito díspares, em relação ao restante do pacote.

Ainda na década de 1960 Duarte observava “*fato é que numerosos sambaquis continuam a existir como necrópole de índio e, em suas camadas superiores aparecem, com freqüência, sepulturas dos selvagens atuais ou extintos pelo colonizador, cujos ossos e instrumentos são dados etnológicos e antropológicos ligados aos índios de raça, cultura, cronologia, diferentes dos achados nas camadas inferiores, êstes sim, correspondentes ao Homem do Sambaqui*” (1968:42). Outros elementos também comumente presentes nas camadas superiores dos sítios pareciam discrepar do restante do pacote arqueológico e por isso, na maioria das vezes, as suas ocorrências se limitam a breves, porém, importantes descrições.

Heredia et alli (1984) observou que o assentamento na Ilha de Guaíba, presente no litoral fluminense e que não foi classificado como sambaqui, possuía muito mais material e artefatos líticos nos estratos superiores proporcionalmente em relação ao restante do assentamento. Segundo os autores, tal evidência poderia estar relacionada a “*um maior consumo e um melhor aproveitamento dos recursos vegetais... certamente trata-se de um elemento novo (pela intensidade) dentro do padrão econômico. Sem dúvida esses derradeiros habitantes do local recoletaram mais plantas do que fizeram seus*

antepassados” (ibidem: 29). Segundo esse autor seria a mudança nos padrões dietários a responsável pelas variantes presentes nos estratos superiores dos sítios.

Diversos exemplos poderiam ser aqui elencados, mas eles estão disponíveis em boa parte da literatura existente sobre os sambaquis, inclusive os da região sul do país onde imperam os sítios “clássicos”. Fato é que essas camadas pretas e seus componentes foram quase sempre negligenciados no escopo dos trabalhos arqueológicos realizados em sambaquis e, em decorrência disso, pouco se sabe sobre o final da construção dos sítios e o que teria resultado no declínio do domínio sambaquieiros em diversas regiões litorâneas. Em Ilhabela e macrorregião envoltória essa responsabilidade recai sobre os Jê, ainda que quaisquer alterações ambientais também tenham contribuído para esse declínio, foram os povos ceramistas do interior os personagens mais marcantes e decisivos para a mudança no rumo dessa história indígena na costa paulista.

Retomando o fio da meada, a construção de caminhos e a permanência Jê no Vale do Paraíba e regiões interioranas garantiu o acesso desse grupo ao litoral e o conseqüente domínio desse território. As poucas narrativas seiscentistas e setecentistas existentes sobre os grupos não Tupi que atravessaram e se estabeleceram nessa macrorregião informam a presença de diferentes etnias disputando aquele território como os Maromomi, Guaianá, Puri e Caiapós dentre outros, ainda que grande parte da literatura se restrinja a informar a presença de grupos *tapuias* dificultando o entendimento da dispersão dos diversos grupos Jê pela região. Segundo Anchieta “*desses tapuias foi antigamente povoada esta costa, como os índios afirmam e assim mostram muitos nomes de muitos lugares que ficaram de suas línguas que ainda agora se usam; mas foram se recolhendo pelos matos e muitos deles moram entre os índios da costa e do sertão*” ([1584]1964 apud Dias 1979:22).

Uma vez que o cordão formado pelos assentamentos e caminhos Jê ao longo do Vale do Paraíba cruzava territórios interioranos até o litoral, o avanço Tupiniquim ao sul e a expansão Tupinambá ao norte se viram limitados pela existência de ampla faixa territorial de domínio Macro-Jê. O avanço por essas terras necessariamente implicaria em disputas territoriais, bem como poderia resultar em mesclas culturais entre as diferentes etnias. Esta última, por sua vez, foi notada pelos arqueólogos que se dedicaram ao estudo dos assentamentos ceramistas do norte, nordeste e noroeste paulista, incluindo o Vale do Paraíba. Na tentativa de compreender a dispersão indígena em território norte e nordeste

paulista, alguns pesquisadores notaram que muitos dos achados relacionados aos sítios Tupi dessa região se encontravam em associação com a cultura material Jê, sugerindo contato ou interação entre diferentes grupos étnicos especialmente na região compreendida entre o norte/nordeste de São Paulo, sul de Minas e sul fluminense (Dias 1969, 1969a e 1971, Maranca 1969, Moraes et al 2008, Fernandes 2001, entre outros). Nos levantamentos levados a cabo pelo Pronapa na região sul de Minas Gerais Dias (1971) localizou sítios com cerâmica Jê em associação com cerâmica decorada Tupi-Guarani. Observando o material e os sítios por ele investigados, Dias conclui que *“tenha havido uma influência, quiçá passageira, tupi-guarani insuficiente para demonstrar uma clara aculturação, mas suficiente para indicar a possibilidade da difusão dessa tradição em áreas consideradas, à priori, como não tupiguarani. Ocorre, outrossim, que os rios da região tenham servido de rotas de difusão de conhecimento”* (ibidem: 142).

Já Maranca (1968) que na década de 60 se incumbia da difícil tarefa de mapear os sítios arqueológicos do estado de São Paulo, ao investigar o Vale do Paraíba e localizar sítios cerâmicos não Tupi, mas com algumas características relacionadas a esses grupos, propõe duas hipóteses possíveis *“as culturas Tupiguarani teriam ocupado estas áreas em épocas bastante remotas, tendo-as abandonado antes do aparecimento da civilização européia. Outra possibilidade seria das culturas Tupiguarani terem ocupado o vale após o descobrimento e por tempo limitado. O que desde já pode se afirmar, é que tal cultura se acha representada esparsa em alguns pontos do vale, não predominando na área como acontece no alto vale do Paranapanema”* (ibidem: 136).

Como se percebe nos trechos acima descritos, não é de hoje que a região compreendida entre o sul de Minas Gerais, sul do Rio de Janeiro e o norte paulista exhibe sítios arqueológicos com características que sugerem uma predominância Jê ainda que sejam encontrados sítios Tupi, porém, em algumas áreas, é fato a interação entre esses povos. A presença e o domínio Jê desse cordão de terras que inclui a “passagem” ao litoral pelo Vale do Paraíba parece ter atrasado a chegada dos Tupi ao litoral norte do estado de São Paulo, sejam os grupos vindos pelo sul ou àqueles vindos do Rio de Janeiro. Nesse sentido, o presente trabalho corrobora com a proposição feita por Robrahn-González (2000) de que o território paulista é terra de fronteiras. Uma delas situa-se ao longo da Região Hidrográfica da Vertente Paulista do Rio Grande e da Bacia do Rio Paraíba do Sul e se

estende até a costa abrangendo a porção continental e insular do litoral norte paulista e a porção continental e insular do sul fluminense.

Essa divisão territorial, obviamente inexata e que sofreu remodelações, avanços e recuos constantes, encontra respaldo nos relatos seiscentistas apresentados no início desse trabalho que apontam para essa região como uma zona de fronteira entre territórios indígenas Tupi e Jê (Nimuendaju/IBGE 1944, Staden [1557] 1999, entre outros), bem como indicam a presença de numerosos grupos jês vivendo do interior e também nas ilhas, como Ilha Grande, no litoral fluminense (Nimuendaju/IBGE 1944, Soares de Souza [1587] 2010, Knivet [1625] 1878, Gandavo [1576] 2008, Soares de Souza [1587] 2010 e Cardim [1583] 2009, entre outros). Nesse sentido, os sítios de natureza mista já representariam interação, influência, ou absorção de um povo em relação ao outro nas áreas interioranas que se alongam em direção ao norte e nordeste paulista, sul mineiro e também fluminense. Essa mescla cultural refletida nos sítios arqueológicos parece não ter alcançado o litoral norte paulista, região na qual os povos tupis passavam ao largo utilizando o canal de Toque-Toque para guerrearem com os Tupiniquim do sul do estado conforme relata Hans Staden ([1557] 1999), passando vez por outra pela Ilha de São Sebastião denominada pelos Tupi de *Maembipe* “*local de troca de mercadoria e resgate de prisioneiros*” (Tibiriçá 1998).

No período colonial, a imponente Ilha de São Sebastião, território de domínio Jê, servia também como ponto de parada aos viajantes e párocos que rumavam entre os domínios Tupiniquim e Tupinambá, navegando nas águas calmas do canal de Toque-Toque. Conforme já mencionado no capítulo 1, ao desembarcar na Ilha de São Sebastião e não encontrar aldeias Tupi, José de Anchieta informava que a ilha era “*despovoada, mas cheia de muitos tigres*” (Carta de Anchieta datada de 08/01/1565). O que passou despercebido frente às esperadas aldeias dos povos Tupi foram as ocupações Jê instaladas em topos de morros, conforme evidenciado através da localização do sítio arqueológico Viana, ou assentadas em platôs pouco interiorizados como a aldeia Barra Velha 3, não sendo notadas pelos primeiros viajantes que passaram pela região.

Já a extensa aldeia próxima ao rio Juqueriquerê, no continente, fora percebida por Knivet corsário inglês deixado em terras brasileiras pelo também corsário e conterrâneo Thomas Cavendish. Abandonado pelos ingleses e perseguido por portugueses e franceses que lutavam pelo território indígena, Knivet viveu longamente em meio aos Jê localizados

no Vale do Paraíba e teve como aliado diversos grupos *tapuias*. Conhecendo bem os caminhos e narrando as travessias entre uma aldeia e outra, Knivet informa que a aldeia do Juqueriquerê ficava “à beira mar, bem de frente a ilha de São Sebastião” (ibidem: 63). Ainda segundo esse viajante, Martin de Sá esteve na aldeia do Juqueriquerê “onde tratando com brandura aos selvagens e dando-lhes canivetes, machadinhas e contas, conquistou-lhes o coração de tal modo que lhe deram os nativos seus filhos e filhas para serem seus escravos” (ibidem: 57).

A extensa planície da bacia do rio Juqueriquerê, que havia sido amplamente dominada pelos sambaquieiros, ao tempo da colonização já era conhecida pelo amplo domínio Jê. Os principais viajantes que por ali passaram relatam que a ampla enseada possuía diversos topônimos sendo, todos eles, relacionados à presença Jê, tais quais: “enseada dos Maramomis, fronteira a ilha dos Porcos, próximo a vila de São Sebastião” (Vasconcelos [1663]1977 apud Prezia 2000), ou “Enseada dos Guaromomins” como foi nomeada no mapa de Albernáz no século XVII, e também aparece na doação de terras de sesmaria descrita como a “banda da terra dos Iguaramirins...” (apud Almeida 1958:43). A marcante presença Jê naquela área, notada até pelos viajantes que apenas passavam pela região, deve ter resultado de bom tempo de estabelecimento no continente, ao contrário do que se observou para as ilhas ocupadas por volta de 500 anos antes do presente.

A expansão dos povos Jê ao longo do Vale do Paraíba e a sua fixação nesses territórios garantiram o acesso ao mar, remodelando a paisagem no litoral, até então, exclusivamente sambaquieira. Sua chegada ao território insular sambaquieiro, todavia, dependia de técnicas navegação principalmente àquelas relacionadas à navegação em mar aberto. O aprendizado dessa técnica que permitiria o domínio das regiões insulares mais distantes como a Ilha da Vitória localizada a 38 km de distância do continente deve ter demandado bom tempo e contado com a influência das populações sambaquieiras, exímias navegadoras. Para que tal absorção de conhecimento pudesse ocorrer seria necessário algum tempo de observação, aprendizado e possivelmente, convivência, permitindo a transmissão de conhecimento relativo não só a navegação como também voltado à obtenção e tratamento da matéria-prima necessária à fabricação de canoas, remos e às ferramentas que deveriam ser elaboradas para a confecção das embarcações visando o enfrentamento do mar aberto.

A despeito das dificuldades vivenciadas por esses povos, o êxito Jê na dominação dos territórios sambaquieiros é percebido na formação de aldeias e na presença de novos marcos culturais sobre os já existentes. Mas também se revela nas camadas superficiais de muitos assentamentos sambaquieiros na forma de uma cerâmica incipiente ou de maior índice de queima e interferências nos enterramentos, ou na maior frequência de pontas de flechas encontradas em sepultamentos ou fora deles como observou Tenório (2003). Não é possível saber ainda como se deu essa interação devido à falta de dados disponíveis para tal, porém é plenamente possível afirmar que os sambaquis mais tardios e seus enterramentos são as principais fontes de informação sobre esse período e sobre o contato entre os povos.

Ainda que os dados disponíveis para a região sejam poucos e que careçam de estudos ainda mais abrangentes, algumas observações relativas aos sepultamentos presentes nos sambaquis mais tardios de Ilhabela apontam para uma possível absorção cultural entre sambaquieiros e Jê, resultando em características funerárias diferenciadas das “clássicas” formas sambaquieiras, conforme já tratado. O aumento dos índices de queima, da frequência dos sepultamentos secundários e a realização de enterramentos fora do sambaqui, mas dentro de tocas, são características aparentemente adotadas por influência Jê. Ao passo que a tentativa de manutenção da construção dos sambaquis nos moldes tipicamente sambaquieiros como no sítio Abrigo Sul (ainda que o sepultamento fosse de apenas de uma falange), ou a deposição de conchas, ossos de peixes e demais artefatos tipicamente sambaquieiros nos sepultamentos fora dos espaços sagrados, mas adjacentes a eles, evidenciam a tentativa de manter a essência dessa cultura milenar.

As análises preliminares realizadas nos ossos humanos encontrados nos sítios mais tardios evidenciam a presença de infecções (sítio Abrigo Sul), de possíveis usos de tembetás e a presença de cáries nos sambaquieiros mais recentes (sítio Toca da Caveira). Também as análises de isótopos estáveis revelam um provável aumento do consumo de caça de animais terrestres relacionada ao final da era sambaquieira na região de Ilhabela. Essas evidências, ainda que preliminares, permitem a começar a entender as nuances envolvendo essa possível mescla populacional, mas não são indicativos diretos que possam ser utilizados para explicar como essa interação se deu.

Já outras evidências presentes em demais sambaquis dessa macrorregião sugerem um possível conflito entre os sambaquieiros e os ceramistas recém-chegados. As pesquisas

levadas a cabo no sambaqui Ilhote do Leste, em Ilha Grande, revelaram uma “*maior incidência de sepultamentos nos últimos momentos de ocupação do sítio pode indicar epidemias ou disputas. As fortes alterações ósseas – que podem estar relacionadas a doenças inflamatórias – encontradas nos esqueletos corroboram a primeira hipótese... e o fato de se encontrarem enterramentos com indivíduos cercados de pontas de flecha e de ter sido achada uma ponta muito grande - diferente daquelas localizadas no sítio – numa das subidas do morro pode indicar que lanças foram atiradas em épocas de disputa*” (Tenório 2003:32). A autora conclui que possivelmente ambas as hipóteses são válidas e que tanto epidemias, quanto disputas contribuíram para o abandono daquele sítio (ibidem: 33).

Outro trabalho que muito contribui para esclarecer essas questões é o de Lessa & Scherer (2008) envolvendo o estudo de padrões de violência entre pescadores-coletores do litoral. As autoras compararam as evidências de violência pela penetração de pontas de projéteis no material ósseo entre amostras de sambaquis mais antigos e outros mais recentes com presença de cerâmica, como muitos dos encontrados em Ilhabela. Segundo essas autoras as análises do material ósseo obtido dos sítios mais recentes com cerâmica (datados entre 1200 e 800 A.P) apontam para “*uma tendência à emergência de situações de tensão social no litoral*” (ibidem: 95). As autoras ainda observam que episódios de agressão envolvendo traumas violentos entre os grupos pescadores-coletores com cerâmica convergem para um intervalo de tempo ao redor do ano mil A.P, época em que os povos Jê avançaram em direção do litoral. Estudos futuros, principalmente voltados aos elementos funerários e aos dados bioantropológicos recuperados dos sítios mais tardios dessa macrorregião poderão contribuir de sobremaneira para o entendimento de como se deu essa transição no litoral norte paulista.

Fato é que não se pode mais negar a presença e os marcos territoriais deixados pelos Jê na forma de cerâmicas sobre os sambaquis, ou na forma da pintura antropomórfica, a única arte rupestre já localizada no litoral paulista. Também não pode ser minimizada a ocupação sambaquieira marcante que houve em Ilhabela e macrorregião, nem ignorados seus marcos territoriais destacados em abrigos e paredões associados aos sítios ou deixados na forma de sambaquis monticulares assentados nas poucas planícies existentes. Esses marcos sambaquieiros não foram ignorados pelos Jê que os sobrepujaram e resignificaram, tampouco foram ignorados pelos colonizadores, que os exploraram e destruíram.

9 - O CENÁRIO COLONIAL E A DESTRUIÇÃO DOS SAMBAQUIS

“Desde então, o litoral paulista permaneceu vegetando na doce ilusão das promessas jamais realizadas... E vivendo de esperanças, vai recordando os dias de prosperidade, sob a magnificência do cenário com que a Natureza o dotou, sonhando com os seus sacrossantos – eles prendendo-o ao Passado, - revivendo as tradições que lhe restam, contemplando as ruínas dos seus palácios legendários, escrínios da arte colonial, que conservam recordações de outras eras, lendas que o Tempo, até então, não conseguiu extinguir” (Antonio Paulino de Almeida, 1947:40).

A ocupação colonial de Ilhabela, ocorrida a partir do século XVII e mais intensamente a partir do século XVIII deixou diferentes marcas nesse território. São muito comuns os sítios coloniais preservados no arquipélago, dentre os quais se destacam as fazendas de café, engenhos, capelas e residências. Formadas principalmente por paredes amplas de pedra com argamassa de areia e cal, as ruínas estão presentes em diferentes porções do território, seja na planície costeira nas faces voltadas para o canal de Toque-Toque ou na face voltada para mar aberto, seja nas médias e altas vertentes florestadas no interior da Ilha de São Sebastião, nas bordas de antigas rotas de transporte de produtos e mercadorias.

Conforme já expresso no capítulo 3, os levantamentos de campo realizados durante esta pesquisa resultaram na localização de dezenas de sítios coloniais, a maior parte deles representada por amplas estruturas de engenhos e fazendas remanescentes do período áureo de produção de açúcar e aguardente vivido na região. A documentação colonial existente sobre o período revela que grande parte das construções foi edificada antes mesmo da criação da antiga Villa Bella da Princesa (nome original dado a Ilhabela no ato de sua elevação à condição de Vila emancipada de São Sebastião em 1805). As ruínas mais antigas de Ilhabela datam ainda do século XVII, período em que foi concedido grande número de sesmarias na Ilha de São Sebastião e no qual se verificou o estabelecimento dos primeiros colonos na região.

A existência de um relevo bastante acidentado, aliado à abundância de rios e córregos que formam cachoeiras e quedas d'água, contribuiu para o estabelecimento de numerosos engenhos movidos à roda d'água em toda a ilha. Soma-se a isso a facilidade de embarque e desembarque de pessoas e mercadorias no Porto de São Sebastião, propiciada pela proteção

oferecida pelo canal de Toque-Toque, além da grande abundância de matérias-primas como o barro para a produção de tijolos e telhas, de pedras para construção, água doce e víveres facilmente conseguidos através da caça e da pesca. No que concerne à pesca, deve ser ainda considerado o estabelecimento de uma das mais importantes armações de baleia do litoral paulista, muito lucrativa para a coroa e que funcionava com numerosa escravatura (Ellis 1969).

Paralelamente ao estabelecimento dos antigos engenhos e fazendas na Ilha de São Sebastião, os levantamentos de campo revelaram a existência de extensas redes de caminhos e estradas para carros de boi, utilizadas no passado para o transporte de produtos entre as praias daquela ilha. Bordejando esses antigos caminhos foram identificadas ruínas de fazendas e entrepostos, além de cemitérios e capelas, todos construídos com alicerces de pedra, areia e conchas. Ainda que levantamentos detalhados dos caminhos e sítios coloniais não façam parte do escopo deste estudo, a localização de alguns desses remanescentes em diferentes porções da Ilha de São Sebastião contribuiu para o melhor entendimento do processo de destruição dos sambaquis utilizados como fonte de matéria prima para muitas das construções no período colonial.

Os levantamentos realizados permitiram observar que nos locais que foram mais intensamente ocupados pelos colonos, nos quais atualmente encontramos seus vestígios construtivos e descartes domésticos, os sambaquis não estão preservados, apesar de alguns vestígios da presença sambaqueira serem identificados. Um exemplo disso pode ser encontrado na Praia da Figueira, localizada na face leste da Ilha de São Sebastião, onde a única evidência que restou da presença sambaqueira é um único polidor fixo localizado sobre um amplo afloramento rochoso. Nessa área não foi encontrado qualquer vestígio de concentração de conchas, com exceção das que formam parte dos alicerces de uma antiga fazenda de café, que ali funcionou no século XIX. A presença do polidor fixo atesta a presença sambaqueira na Praia da Figueira, mas, assim como ocorre em outras praias da ilha, muitos dos sambaquis jazem nas paredes dos engenhos e das fazendas de café destruídos há muito tempo para utilização de suas conchas. Há relatos de moradores locais que afirmam terem existido casqueiros em várias porções da ilha de São Sebastião, todos consumidos pela construção colonial.

Exemplos muito significativos da importância da oferta de conchas para a fabricação da cal em Ilhabela, e o impacto resultante da extração das conchas de sambaquis para as construções coloniais naquele arquipélago, podem ser encontrados em algumas correspondências da época que relatam a construção do Forte de Ponta das Canas, localizado ao norte da Ilha de São Sebastião. A construção dessa fortaleza, a primeira a ser edificada no arquipélago, constitui peça chave para o entendimento de como a oferta de conchas para a fabricação da cal era condição imprescindível para o estabelecimento de vilas e de um sistema defensivo no litoral paulista. Documentos coloniais localizados durante levantamentos sistemáticos na Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro datados de meados do século XVIII e que narram a construção do referido forte, revelam a busca desesperada pelas jazidas de conchas no litoral paulista. Esses documentos servem de referência para a compreensão do intenso processo de desmanche dos sambaquis ocorrido em toda a região e que inclui não somente as jazidas de Ilhabela, como também as de São Sebastião, Caraguatatuba e Ubatuba.

A documentação colonial sobre a construção do Forte de Ponta das Canas relata que desde o início de sua construção, em 1766, a necessidade de conchas para fazer a cal era urgente. Nesse momento, Villa Bella da Princesa sequer havia sido criada na Ilha de São Sebastião, contudo, a documentação deixa clara a absoluta carência de jazidas na região que pudessem ser usadas como fonte de matéria-prima para a fabricação da cal. Durante o levantamento prévio no terreno onde seria construído o Forte de Ponta das Canas, realizado a pedido do então Governador da Capitania Luis Antonio de Souza Botelho Mourão, o Capitão Mor da Vila de São Sebastião da Terra Firme, Julião de Moura Negrão, o pai, relata não haver naquela área jazidas de concha para a produção da cal:

*“...a paragem hé sufesiente por ter bastante terreno e com Agoa sufesiente que corre ao pé do terreno, só sim a defículdade que lhe axey he não ter pedras para hobras, sem embargo de na dita paragem ter muitas não só pela costa como tão bem pela terra dentro, porém estas são sexos duríssimos que se não podem rebentar, sem muita defeculdade, e dizem não servem para hobras por senão vrir com a cal e só sim se poderá comdusir de outras partes embracar distante de huma légoa porque de mais perto não [ma] há para hobras”.*⁸⁷

⁸⁷ Transcrição paleográfica da autora. Documento 109 - Carta de 06/jan/1766 – 2p. Original. Acervo Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro I-30, 14, 26, n.1.

Mesmo com a observação do Capitão Mor sobre a ausência de conchas na área e sua existência somente a uma légua de distância⁸⁸, o Governador solicita que seja iniciada a construção do referido forte. Sua edificação tem início ainda em 1766, coordenada pelo Capitão Mor da Vila de São Sebastião. Contudo, em agosto daquele mesmo ano o Governador da Capitania envia o importante mestre português Joaquim da Silva Coelho, natural de Juncal, para administrar a obra do forte. Em agosto de 1766 Joaquim já está na Ilha de São Sebastião para coordenar a construção, e é nas correspondências trocadas entre ele e o Governador da Capitania Luis Antonio de Souza Botelho Mourão, que é relatada a destruição dos sambaquis da região para a construção da Fortaleza de Ponta das Canas.

A primeira carta enviada pelo construtor ao Governador da Capitania já revela a necessidade de se providenciar cal vinda de outra região e prometida ao mestre pelo Governador:

*“Também dou parte a Vossa Excelência Em como careço muito de o menos de huma canoa grande, para as condussoens do que tenho muita nessecidade tudo para o ministerio das obras, e a Cal, que Vossa Excelência Me prometeo, também careço muito e fico cuydando em fazer hum rancho para arecolher e outro para eu ma castelar com os Camaradas...”*⁸⁹.

Verificando que não dispunha da cal necessária para o trabalho no forte e que precisaria buscar meios de obter as conchas em casqueiros da região, Joaquim da Silva Coelho localiza uma jazida na paragem que denomina “Caratatuba”⁹⁰, conforme relata ao Governador:

“Também dou parte a Vossa Excelência Em como me anotisiarem huma pouca de casca, chamada verdigam⁹¹, distante desta Vila coatro légoas, e a dita parage chamace Caratatuba, a qual parage fuy já fazer a dita diligencia, e se [?] o tempo de tal forma, que não pude passar para diante, que hey de hir apalpar a dita casca, se tiver conta a que faça o menos huma boa caheyra, a hey de fazer, porque tudo fas conta a Fazenda Real, que eu o que poder popar esteja Vossa Excelência serto que o hey de fazer, e no entanto já mandey pedir ao Cappitam Fernando Leite, segundo a ordem de Vossa Excelência trinta alqueyres de Cal,

⁸⁸ A antiga medida portuguesa para légua equivaleria a 6.173 metros (para léguas de 18 ao grau) e 5.555 (para léguas de 20 ao grau). Somente em 02 de maio de 1855 é que foi estabelecida em Portugal a Légua Métrica equivalente a 5.000 metros. Para maiores discussões sobre o assunto vide Lopes, L.S. (2005, 2005a e 2003) e Costa, I. del N. (1994).

⁸⁹ Transcrição paleográfica da autora. Documento 53 - Carta de 12/agos/1766 – 4p. Original. Acervo Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro I-30, 10, 25, n.1.

⁹⁰ Corruptela da palavra “Caraguatatuba”

⁹¹ Verdigam possível corruptela de Berbigam, ou Berbigão, relacionada ao nome dado à concha conforme sugere o Documento 54 - Carta de 25/set/1766 – 3p. Original. Acervo Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro I-30, 10, 25, n.2.

para cobrir a obra que esta feita porque vim vindo as agoas e suposto não tenho medo que [?]abaixo, contudo sempre he bom a cautella”⁹²

Sem obter a prometida cal que seria enviada pelo Governador, o mestre arquiteto continua sua obstinada busca pelas jazidas, recebendo importantes informações de moradores da região sobre a presença de ostreiras em Caraguatatuba. Neste documento Joachim afirma não haver na Ilha de São Sebastião jazidas para se fazer a cal:

“Também dou parte a Vossa Excelência em como Domingo, estando eu para hir fazer exercicio as Companhias de Auciliares, desta vila chegou a este Coartel o Reverendo Padre Prior do Convento de Nossa Senhora do Carmo, da Vila de Santtos, vindo do Rio de Janeiro, o qual vendome afito [afrito], por não ter nesta terra, ostreyras, para fazer Cal, e eu não ter ainda hido para Caratatuba, parage que me dizem há alguma casca, do que já dey parte a Vossa Excelência e me disse o dito Padre Prior, que não sey se me faria conta fazer da dita casca, porque tinha por notícia que não hera muita, lhe respondi, que sem ve-lla, não me desenguanava, que havia de hir ve-lla, se fizece conta ainda que foyce com bom trabalho, que havia de fazer huma caeyra lá mesmo ao pé da casca, para o depois conduzi-lla, para a Fortaleza, ao que tronoume [tornou-me] a responder, que casca me daria elle bastante, mas que escrevesse eu a Vossa Excelência que como deste proto [porto], vão varias embracaçoens como são lanxas, canoas, de voga, que mandasse Vossa Excelência ordem para que estas foucem a bouca do Rio, em que elle tem as suas ostreiras, que as queria mandar caregar de casca, para virem descaregar, a esta Vila etc Vossa Excelência quizece não só para fazer huma Frotaleza, senão para [?] Vossa Excelência quizece, sem extipendio algum, do que abraçey, o conselho, respondi lhe, que levo parte a Vossa Excelência ainda que adespois me redondace em mayor trabalho comtudo como não falta lenha, nesta terra, eu tenho o gosto de que Vossa Excelência faça o que ententa de frutificar, esta Vila sem fazer gastos a Fazenda Real no modo pocivel, pareceme, que Vossa Excelência pode aseytar a ofreta, porque escuza a Fazenda Real, de gastar Cal, que não hé pequena despeza, e senão Vossa Excelência me mandarà o que for servido”⁹³.

Contando apenas com o auxílio do Padre Prior, a obra da construção da fortaleza de Ponta das Canas passa a receber a cal extraída dos sambaquis de Santos e que era retirada, produzida e vendida na região pelo referido pároco. Não sendo suficiente a cal enviada para o forte, o administrador das obras passa a fazer incursões na região de Ubatuba em busca das jazidas de conchas como, aliás, ele refere:

“Nesta ocaziam dou parte a Vossa Excelência em como estou de partida para a Vila de Ubatuba, e não sey o tempo que lá gastarey, porque vou tirar cascás, para fazer cal, conforme a ordem que tenho de Vossa Excelência porque o commandante que lá está, não sey

⁹² Transcrição paleográfica a autora. Documento 54 - Carta de 25/set/1766 – 3p. Original. Acervo Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro I-30, 10, 25, n.2.

⁹³ Transcrição paleográfica a autora. Documento 55 - Carta de 02/out/1766 – 2p. Original. Acervo Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro I-30, 10, 25, n.3.

*o que digua a Vossa Excelência e proque da Vila de Santos não me tem vindo senão dois moyos, de cal, a seis mezes, e esta obra hé grande e se não pode fazer vindo da forma que vem a cal, de Santos, e nem posso adiantar, que se não foura a cal, que eu fiz nesta Frutaleza, a qual já dey parte a Vossa Excelência que me tinha rendido, 600 alqueires, sempre rendeu mais na serteza, que fourão 720 e senão foura esta Cal, que eu fis não podia eu ter adiantado tanto os alicerces, como tenho e assim pesso a Vossa Excelência mi mande dar Cal, porque Reverendo José de Carvalho só cuyda em faze-la, e gasta-la, e vende-la, por lá, e esta obra estar padecendo por falta da Cal, eu não sey como me sahyrei das cascas, que vou tirar, em Ubatuba, despois que me recolher, para esta Frutaleza, logo expedirey a Vossa Excelência parte de tudo, e no entanto tomara que não padecece esta obra”.*⁹⁴

Com toda a dificuldade encontrada para a continuação da obra, o mestre dá início à edificação de uma prisão para os criminosos, escravos e índios que trabalhavam na fortaleza, e também à construção de uma caieira junto à obra:

*“Vou continuando com a obra no modo pocivel com bastante trabalho, por esta estar parada a tanto tempo e ainda não acabey a casa de prizão porque ando fazendo a cava para fazer o frono [forno] para se fazer a cal, em vindo a casca, eu me não descuydo”.*⁹⁵

Desesperado com a demora e com a pouca quantidade de cal vinda da Vila de Santos, o arquiteto finalmente localiza jazidas das quais se determinada retirar as conchas de que necessita:

*“Como tivesse a frotuna [fortuna] de descobrir o que se fazia muito dificultouzo, para se poder continuar esta obra e ser de muita conveniencia para Sua Magestade a despeza da Sua Real Fazenda, dou nesta ocasião parte, a Vossa Excelência em como descobri, casca, que me precoade [persuade], que despois de tirada, sempre farey, meus setenta moyos, de cal, a qual casca, já como desesperado, emtrey pellas vargens; do rio chamado Juquiquerê [Juqueriquerê], que fica de ponte desta Frutaleza, duas légoas e meya, e como a preguissa não mora em mim, assim como dey com a casca, logo comessei a tirar, e a vou já comduzindo-a para esta Frotaleza, ainda que com bastante trabalho, pella razão de ser em canoas, e a bahia ser muito larga hé muito risco, mais sinta quem sentir, que o mesmo risco, que elles corem, couro eu, que também ando com elles, e fico na diligencia de ver se mais, asima, do mesmo rio descubro mais, e já fico mandando, tirar lenhas, para o frono, porque quero ver se posso cozer duas, fronadas, que emtam leva a obra grande pulo...”*⁹⁶

⁹⁴ Transcrição paleográfica a autora. Documento 63 - Carta de 08/mar/1768 – 3p. Original. Acervo Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro I-30, 10, 25, n.11.

⁹⁵ Transcrição paleográfica da autora. Documento 67 - Carta de 01/mar/1769 – 1p. Original. Acervo Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro I-30, 10, 25, n.15.

⁹⁶ Transcrição paleográfica da autora. Documento 73 - Carta de 29/fev/1770 – 3p. Original. Acervo Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro I-30, 10, 25, n.21.

As jazidas localizadas nas margens do Rio Juqueriquerê, em São Sebastião, passam a constituir-se nas principais fontes de matéria prima para o fabrico da cal para as obras da Fortaleza de Ponta das Canas. Diversas incursões ao rio para retirada de conchas são narradas pelo administrador da obra, revelando que, a despeito da distância entre o local da obra e o rio Juqueriquerê, o volume das jazidas compensava o trabalho e o tempo gasto em sua retirada. As conchas eram removidas dos sambaquis das margens do rio e transportadas em canoas de voga para a fortaleza. Lá as conchas eram colocadas no forno construído próximo à obra e transformadas em cal. A quantidade de cal produzida a cada incursão ou a cada fornada também é relatada por Joaquim da Silva Coelho, fornecendo ricas informações sobre a quantidade de conchas retiradas dos casqueiros do Rio Juqueriquerê que foram destruídos:

“... e pondo pronto, como he a casca, que já hey de ter tirado de casca, e limpa, para mais de vinte moyos, e tenho muito mais, com ajuda de Deus para acabar esta obra...”⁹⁷

Além das conchas retiradas do rio em São Sebastião, o administrador da obra também relata incursões à Ubatuba e a retirada de grande volume de cascas dos sambaquis daquela região:

“Já a Vossa Excelência dey parte em como hia a Vila de Ubatuba, a ver humas cascas, para faze cal, para esta obra, e para melhor poupar a Fazenda de Sua Magestade o que asim o fis, e achey cascas, para caregar coatro lanxas, e duas lanxas, já deixei apadavradas, para careguarem a casca, que puderem trazeyrem, sem emterece de estipendio algum, para cujo fim ficou o Commandante daquela Vila com a obriguassão de hir mandar caregua-las...”⁹⁸

A quantidade de conchas que a obra de construção do Forte de Ponta das Canas passa a consumir é tanta que o administrador narra em suas cartas o volume de cal produzido nas fornadas e o tanto de conchas que ainda aguarda ser retirada dos depósitos:

“Agora dou parte a Vossa Excelência em como tenho adiantado alguma couza esta obra da Frutaleza, porque como me achava com com 48 moyos de cal, que me rendeo a fronada que fis...”⁹⁹

“Indo huma vez por outra a Vila nova apilcar os homens; esta fica distante desta Frutaleza, de mar coatro legoas, e ando apanhando cascas, que já tenho junta casca, para

⁹⁷ Transcrição paleográfica da autora. Documento 77 - Carta de 16/jan/1771 – 3p. Original. Acervo Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro I-30, 10, 25, n.25.

⁹⁸ Transcrição paleográfica da autora. Documento 84 - Carta de 30/jun/1772 – 3p. Original. Acervo Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro I-30, 10, 25, n.32.

⁹⁹ Transcrição paleográfica da autora. Documento 86 - Carta de 15/dez/1772 – 1p. Original. Acervo Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro I-30, 10, 25, n.34.

fazer preto [perto] de 20 moyos de cal, tudo isto se eu o não procuro não o tenho hé a razão porque pesso a Vossa Excelência estas (...) porque agora acabey, desanove moyos de cal que fis, e quero fazer esta que já asima digo, a Vossa Excelência e se Vossa Excelência me não acode com os dois soldados que pesso, sertamente Senhor mourro de cansado.”¹⁰⁰

A quantidade de cal produzida, relatada nos trechos dos documentos supracitados, revela uma intensa destruição dos sambaquis do litoral norte paulista durante o período colonial. A busca e a exploração de casqueiros em Santos, em São Sebastião às margens do rio Juqueriquerê, em Caraguatatuba e Ubatuba retratam também o quanto a realização de apenas uma construção podia resultar no impacto de sambaquis de diversas regiões adjacentes, havendo nesse período, uma intensa troca e comércio de produtos e matérias primas, dentre eles a cal obtida das conchas.

Os documentos citados sugerem ainda a existência de pouca oferta de conchas de fácil acesso na Ilha de São Sebastião indicando que, possivelmente, já não havia sambaquis de grande porte preservados ali nesse período ou era difícil acessá-los. Esses relatos são também um indicativo de que, se existiram sambaquis de grande porte na Ilha de São Sebastião, esses foram destruídos ainda nos séculos XVII e início do XVIII. Já no continente, a documentação revela a existência de sambaquis volumosos cujos potenciais de exploração eram avaliados em função da quantidade de cal que podiam render.

A quantidade de cal seca extraída dos casqueiros e produzida no forno “*ao pé da obra*” era medida pelo administrador em “*moyos*” ou “*moios*” e também em “*alqueires*”, antiga medida portuguesa que se relaciona ao volume em produtos secos, também denominadas medidas de capacidade. Segundo Lopes “*os vários sistemas de medidas de capacidade usados em Portugal cruzam influências romanas com influências medievais de origem européia e árabe*” (2003:144), de forma que “*alqueire*” tem origem árabe e “*moio*” tem origem no mais longínquo sistema metrológico romano.

A denominação “*moio*” para as medidas de capacidade era utilizada desde os tempos medievais, mas para esse período, pouco se sabe para além de seus nomes. A relação comparativa de volume foi somente alcançada entre os séculos XI/XII em que um moio equivaleria à carga cavalariça, aproximadamente 220 litros. Com o passar do tempo e com as inúmeras reformas dos sistemas de pesos e medidas em toda a Europa e, em especial, em

¹⁰⁰ Transcrição paleográfica da autora. Documento 89 - Carta de 01/jul/1774 – 3p. Original. Acervo Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro I-30, 10, 25, n.37.

Portugal, a capacidade referente ao moio sofreu inúmeras modificações, a última delas ocorrida já na época moderna durante o reinado de Dom Manuel I (ibidem).

Por ter sofrido constantes modificações ao longo do tempo, a consideração do moio enquanto medida de capacidade utilizada como referência à exploração dos sambaquis do Rio Juqueriquerê e regiões adjacentes não seria uma medida confiável para a compreensão do tamanho dos sítios e de sua destruição, não fosse a comparação feita pelo administrador da obra entre as medidas de moio e alqueire que ele próprio utilizava “*Também dou parte a Vossa Excelência em como agora fis huma fronada de cal, que me rendeo 86 moês que são 960 alqueyres de cal, sem extipendio da Fazenda Real, asim como outras que tenho feito, e tenho mais casca, para fazer outra tanta, e ainda me não Veyo a que tenho em Ubatuba que ha de fazer muito mais;*”¹⁰¹. Isso porque, apesar da capacidade do moio ter variado muito desde a idade média até a idade moderna, a capacidade do alqueire variou muito menos. Além disso, por ser o alqueire a subdivisão mínima de um moio e, portanto, indivisível, a medição a partir do alqueire se mostrou muito mais confiável que a medição a partir do moio.

Durante a idade média a medida do alqueire era equivalente a 13,9 litros em extrato seco. Na época moderna, durante as reformas de pesos e medidas de Dom Manuel I (1495-1521), o alqueire equivaleria 13,1 litros, tendo sofrido pouca alteração. Segundo este mesmo autor, o terremoto que atingiu Portugal em 1755, ou seja, pouco mais de dez anos antes do início da construção do Forte de Ponta das Canas, resultou na destruição dos padrões de medidas de peso e capacidade da época, pois a mais antiga referência de capacidade de secos deste período é um padrão de meio alqueire em bronze dourado, datado de 1769 (três anos após o início da construção da fortaleza) que permite inferir um alqueire como tendo capacidade entre 13,6 a 13,8 litros (Lopes 2005).

Nesse sentido, considerando a medida mínima atingida pelo alqueire de 13,1 litros e desconsiderando as variações para mais relativas ao período em que a obra foi construída, a medida mínima de 1 moio utilizada pelo construtor equivaleria a 145,4 litros de cal em extrato seco, já processado. Assim, é possível estimar o quanto em volume de cal foi produzido pelo construtor em apenas algumas fornadas, e a partir daí - considerando que o volume das conchas antes do processamento é muito maior do que da cal em pó - pode-se inferir um

¹⁰¹ Transcrição paleográfica da autora. Documento 85 - Carta de 07/out/1772 – 3p. Original. Acervo Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro I-30, 10, 25, n.33.

volume aproximado para os sambaquis da região do Juqueriquerê que foram explorados para esta obra.

Nesse sentido, o primeiro sambaqui encontrado pelo construtor nas margens do rio, do qual ele afirma que “*despois de tirada sempre farei meus setenta moyos, de cal*”¹⁰², renderia um total de 10.178 litros em extrato seco, revelando que a dimensão do sambaqui localizado permitiria a produção de uma quantidade significativa de cal. Fora isso, o construtor relata ainda a produção de fornadas de 19, de 48 e de 86 moios que resultariam, somente estas, num volume de 22.246,2 litros de cal em extrato seco. Isso sem contar as conchas dos sambaquis de Ubatuba, cujo volume só é possível dimensionar a partir do relato da quantidade de embarcações cheias que transportavam as conchas para a caieira da obra “*achey cascas, para caregar coatro lanxas, e duas lanxas, já deixei apadavradas, para careguarem a casca, que puderem trazeyrem*”¹⁰³.

Longe da pretensão deste trabalho está a de sugerir um volume direto e preciso do tamanho dos sítios existentes na região, e intensamente explorados pelas construções coloniais conforme relatou Joachim da Silva Coelho. Contudo, a documentação sobre essas explorações permite a realização de cálculos aproximados dos volumes de cal extraída, revelando que os depósitos encontrados no continente naquele período possuíam pacotes conchíferos mais volumosos do que os casqueiros de Ilhabela e, desse modo compensavam as investidas para as suas explorações. As cartas do construtor do forte revelam também que, apesar de mais volumosos, os sambaquis do continente não eram suficientes para cobrir as demandas de conchas de uma só obra, sendo necessário o desmanche de outros sambaquis, como os de Santos, para a utilização das conchas como matéria prima.

Foge dos preceitos dessa pesquisa a idéia de reduzir a presença colonial em Ilhabela à condição de vilã da história, uma vez que a grande exploração de sambaquis em período colonial ocorreu também em diversas outras cidades litorâneas da costa brasileira que tiveram seus sambaquis destruídos tanto quanto ou mais que os de Ilhabela. Mas, se remeto à destruição dos sítios durante esse período, é porque ela realmente foi responsável pelo remodelamento intenso da paisagem na qual se incluem os sítios arqueológicos pré-coloniais

¹⁰² Transcrição paleográfica da autora. Documento 73 - Carta de 29/fev/1770 – 3p. Original. Acervo Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro I-30, 10, 25, n.21.

¹⁰³ Transcrição paleográfica da autora. Documento 84 - Carta de 30/jun/1772 – 3p. Original. Acervo Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro I-30, 10, 25, n.32.

desse arquipélago. A ausência de sambaquis onde houve intenso e recorrente estabelecimento humano deve ser considerada no âmbito do estudo dos padrões de ocupação desse arquipélago não como reveladora da inexistência de sítios nessas regiões, mas como resultante da destruição dos depósitos volumetricamente mais expressivos e mais acessíveis à exploração.

Os relatos datados de meados do século XVIII descrevendo a busca desesperada por depósitos de conchas sugerem que, ainda que tenham existido sambaquis mais volumosos na Ilha de São Sebastião, eles devem ter sido menos numerosos e possivelmente foram consumidos pelas primeiras construções coloniais estabelecidas na região. Já os sambaquis existentes na porção continental entre São Sebastião e Ubatuba, ainda que tenham sido intensamente minerados durante o período colonial, alguns de maior porte ainda se mantêm preservados, indicando que outros, possivelmente ainda maiores e mais acessíveis, devem ter sido mais atrativos e, portanto, consumidos primeiro.

A ausência de sambaquis em algumas regiões da Ilha de São Sebastião potencialmente favoráveis à presença sambaqueira, principalmente na face do canal de Toque-Toque, está relacionada a dois aspectos importantes da ocupação humana no arquipélago de Ilhabela: a destruição primária de todo e qualquer depósito de conchas que pudesse oferecer interesse na produção da cal, aliada à predominância de sítios volumetricamente menos expressivos que não interessavam em termos de exploração. Soma-se a isso o fato da face do canal na Ilha de São Sebastião abrigar a maior planície do arquipélago, banhada por rios caudalosos que deságuam num outrora amplo e preservado manguezal. Essa região apresenta uma paisagem similar as que foram extremamente disputadas por povos sambaqueiros e, possivelmente, foi uma das primeiras a ser ocupadas por esses grupos que encontraram ali as condições ideais para o seu estabelecimento. Todavia, o potencial da área foi de pronto percebido pelos primeiros colonizadores que instalaram na planície do Perequê os primeiros engenhos da região o que, possivelmente, resultou na destruição dos depósitos de grande vulto.

A destruição dos sítios da face do canal de Toque-Toque continuou nos períodos que se seguiram à ocupação colonial, com a reocupação das estruturas das antigas fazendas e a construção de novos engenhos de produção de cachaça a partir do início do século XX, bem como o advento do turismo e os loteamentos e construções resultantes da promoção do município como estância balneária a partir da década de 1950. Na face leste e extremidades norte e sul da ilha, regiões em que a especulação imobiliária foi pouco mais contida em razão

da existência de apenas uma estrada de terra como ligação à Baía de Castelhanos, também são poucos os sambaquis preservados. Isso porque, ainda em período colonial toda essa região abrigou engenhos com amplas áreas de cultivo de cana e fazendas de café, de modo que, os depósitos conchíferos mais expressivos e de fácil acesso foram, possivelmente, consumidos ainda durante esse período.

Os sambaquis que se preservaram na Ilha de São Sebastião estão freqüentemente implantados em regiões de média e alta vertente, portanto de maior dificuldade para a exploração, e também localizados dentro de abrigos. Essas duas características da ocupação sambaqueira da Ilha de São Sebastião contribuíram para a preservação dos depósitos ali localizados, ainda que muitos dos sítios tenham sido posteriormente reocupados por populações Jê, por escravos fugidos dos engenhos e por caçadores em busca de abrigo. Já nas ilhas de Vitória e dos Búzios, a distância em relação aos principais centros de produção agrícola de Ilhabela, aliada à criação do Parque Estadual de Ilhabela na década de 1970, contribuíram para uma melhor preservação dos sambaquis, não somente aqueles localizados em abrigo, mas também dos sítios volumetricamente mais expressivos localizados a céu aberto. Essas duas localidades são as únicas que ainda conservam sambaquis a céu aberto no arquipélago, ainda que boa parte deles esteja significativamente impactada pelas antigas roças e pelas ocupações das comunidades tradicionais.

CONCLUSÕES

“Não sabemos ainda – só o sambaqui dirá um dia qualquer coisa a respeito – se o índio do século XVI, dos quais restam hoje ainda uns cem mil indivíduos recalçados no sertão e perseguidos pelo banditismo civilizado, é um descendente do Homem do Sambaqui ou um invasor já dono da olaria e melhor armado que teria exterminado o primeiro. As aparências falam a favor da última hipótese, mas de seguro nada se sabe ainda. Talvez a verdade esteja no meio. Deve ter havido aculturação e miscigenação, que é o que acontece sempre quando dois grupos humanos se encontram, ainda que um domine como vencedor” (Duarte 1968:4).

As pesquisas arqueológicas realizadas no arquipélago de Ilhabela começam a trazer à tona importantes informações acerca da ocupação pré-colonial no litoral paulista, informações que permitem reescrever parte da história indígena perdida por anos de destruição e

sufocamento das culturas dos povos nativos do território brasileiro. Primeiramente no que se refere à ocupação sambaquieira na costa paulista, antes apenas reconhecida como tal em sua porção sul, revela-se cada vez mais marcante em todo esse litoral na medida em que os estudos avançam em áreas arqueologicamente pouco conhecidas. A importante presença sambaquieira passa a ser compreendida também nas regiões insulares, revelando a extensão dos domínios dos povos soberanos da costa para além das planícies e estuários existentes no continente.

O litoral norte paulista, região escarpada e marcada pela presença de numerosas ilhas, revela que os povos sambaquieiros para lá se dirigiram num período próximo ao *optimum* climático vivenciado pela região, tendo construído primeiramente sambaquis monticulares de médio e, talvez, até de grande porte, em áreas alagadiças e estuarinas do continente formadas pela ampla bacia do rio Juqueriquerê. Naquela região, as amplidões das praias e os férteis estuários favoreceram o estabelecimento das populações sambaquieiras ao longo de milhares de anos. O sucesso de seu estabelecimento, contudo, dependeu também do domínio das fontes de matérias-primas e de demais recursos, tendo sido esses, possivelmente, disputados entre os diferentes grupos que ali se fixaram.

A adaptação dos povos sambaquieiros a esse litoral escarpado e insular deve ter demandado longa duração, possivelmente se iniciando a partir de excursões pontuais às ilhas com posterior estabelecimento nas áreas insulares potencialmente mais favoráveis à manutenção das práticas culturais sambaquieiras. Não somente as áreas e os recursos disponíveis na região foram aos poucos sendo conhecidos, apreciados e adaptados às necessidades dos povos, mas a própria dispersão para regiões insulares deve ter demandado longo tempo de aprendizagem e aprimoramento das embarcações voltadas para o enfrentamento do mar aberto, bem como deve ter necessitado o desenvolvimento, a adaptação ou o aprimoramento de técnicas de navegação conforme já proposto por Calippo (2011).

A chegada dos soberanos da costa àquela região insular e a conseqüente adaptação desses povos aos novos territórios também demandou longa duração, sendo possível observar nos sambaquis insulares mais antigos da região a manutenção da forma de implantação em áreas baixas e os principais atributos construtivos dos sítios do continente. Também nas ilhas, as planícies e áreas com manguezais foram as primeiras escolhidas e disputadas pelos novos ocupantes. Pelo menos em Ilhabela os sítios mais antigos possivelmente assentados nas

planícies já não mais existem, tendo sucumbido à intensa exploração colonial que visava à construção dos primeiros assentamentos de não índios naquele território. Esses sítios, localizados em áreas que ofereciam maior aporte de recursos, não resistiram à intensa ocupação de suas áreas e a exploração das suas conchas para o fabrico da cal, de modo que os exemplares preservados no continente se impõem como os últimos e, por isso mesmo, os mais informativos sobre a ocupação sambaqueira em período mais antigo.

As escarpadas ilhas do litoral norte paulista e sul fluminense foram amplamente utilizadas pelos sambaqueiros para o estabelecimento de seus sítios estendendo cada vez mais seus domínios territoriais na direção leste. Ocupando praias pequenas e enseadas fechadas e construídos com os elementos malacológicos disponíveis na região, os sambaquis dessas áreas adquirem pouco volume e tem, por si só, pouco destaque na paisagem. Essa descrição dos depósitos - como resultado do aproveitamento de espécies de pequeno porte disponível nas costeiras da região - é, contudo, contornada pelo estabelecimento de sítios em platôs elevados e/ou associados a paredões, matacões e abrigos que lhes referenciam os monumentos e os destacam na paisagem.

Os sambaquis construídos nas ilhas se mantêm enquanto monumentos funerários, não tendo sido identificada qualquer evidência de uso doméstico, e também se impõem como marcos paisagísticos dos novos territórios dominados pelos sambaqueiros. A freqüente associação com abrigos e paredões garante a visibilidade desses locais sagrados mesmo à distância para quem aproxima em embarcações pequenas. Com o decorrer do tempo, os marcos territoriais sambaqueiros se estendem para regiões ainda mais longínquas em relação ao continente, tendo atingido até a Ilha da Vitória, distante 38 km da costa. Todavia, o estabelecimento dos sambaqueiros nas ilhas não pressupõe somente a realização de rituais funerários eventuais nos sítios cemitérios, mas, evidenciam o crescente domínio para fixação territorial desses povos nos novos territórios insulares.

A dispersão sambaqueira para as regiões insulares demandou não somente a adaptação à navegação e às novas terras, mas também necessitou a manutenção e a melhoria das embarcações existentes, bem como a construção de novas canoas aptas a enfrentar o mar aberto. Para tal foi necessário à produção e o aprimoramento de ferramentas voltadas à construção de canoas, tais quais as comumente encontradas nos sambaquis dessa macrorregião. A grande quantidade de polidores fixos nas ilhas dessa macrorregião (como em

Ilha Grande, Ilha das Couves e agora em Ilhabela), permite considerar que as ilhas tenham servido como importante ponto de dispersão a leste, o que justificaria a maciça produção de machados e outras ferramentas visando à navegabilidade nesse território.

Nesse sentido, o presente trabalho corrobora com Tenório (2003) ao considerar que a ocupação das ilhas tenha demandado intensa produção de artefatos voltados para a fabricação de canoas, e que esses locais tenham servido como importantes pólos de dispersão e troca de informações, uma vez que estavam no meio do caminho entre o densamente povoado continente e os territórios insulares disponíveis para ocupação localizados ao leste. A proposição que aqui se faz, contudo, considera que não somente a Ilha Grande no litoral sul fluminense, mas diversas outras ilhas que aos poucos vão sendo pesquisadas tenham servido como importantes centros de irradiação da cultura sambaquieira, cada qual exercendo seu papel e condicionando novas investidas relacionadas, primordialmente, às áreas circunjacentes a elas.

A dispersão sambaquieira visando o território insular deve ter ocorrido por volta de 3 mil anos A.P., tendo em vista que já em 2380 cal. A.P. sambaquis já estavam sendo construídos na distante Ilha da Vitória. Nesse período, o recuo do nível marinho encurtou as distâncias a serem navegadas entre as ilhas e o continente já ocupado e, possivelmente, densamente povoado a essa época. Num primeiro momento, a busca por novos territórios a serem explorados pelos sambaquieiros não parece ter decorrido de pressões populacionais alheias à cultura sambaquieira, do que resultaria na necessidade de fuga ou proteção nas ilhas. Pelo contrário, as pesquisas realizadas no arquipélago de Ilhabela apontam que justamente a excelente adaptação dos povos sambaquieiros no continente deva ter resultado no crescimento populacional e na intensificação das disputas por áreas de domínio, evidenciados também pela documentação colonial que aponta numerosos sambaquis de grande porte no litoral de Ubatuba e ao longo da bacia do rio Juqueriquerê, em São Sebastião e Caraguatatuba.

O presente estudo propõe que a dispersão sambaquieira para as áreas insulares tenha se dado em decorrência da necessidade de exploração e estabelecimento em novos territórios, somada à descida do nível marinho que favoreceu o acesso às ilhas da região. A crescente adaptação ao novo território insular resultou em novos deslocamentos para ilhas ainda mais distantes e no estabelecimento de novos grupos em áreas que, até então, não haviam sido exploradas sistematicamente por esses povos. Junto com a dispersão populacional, vão os

marcadores culturais, resultando na formação de sambaquis adaptados à realidade local, mas cujo cerne se mantém inalterado como local sagrado, ou como bem disse Rath, como “*a casa do espírito*”.

A manutenção das práticas construtivas, funcionais e, especialmente, as funerárias nos sambaquis dessa região reforçam a proposição inicialmente feita por Gaspar (1994/1995) sobre a existência de uma matriz cultural sambaqueira comum a esses povos do litoral, variando em termos regionais e microrregionais. O que se vê na construção dos sambaquis de Ilhabela é justamente a manutenção longeva da cultura sambaqueira adaptada à realidade regional e que, por isso, exhibe variações em termos composicionais resultando em depósitos com tamanhos e aparências mais discretas.

A presença sambaqueira no litoral norte paulista a partir, provavelmente, de 3 mil anos antes do presente passa a ser marcada pela presença de sambaquis pequenos, terrosos e pouco volumosos. Apesar dessas características os sambaquis de Ilhabela e também da macrorregião nos quais se incluem os sítios Mar Virado, Tenório e Ilhote do Leste que foram largamente utilizados para comparações, não diferem em seus caracteres básicos dos sambaquis clássicos de outras regiões. Pelo exposto, há que ser revista a utilização dos termos “acampamento conchífero”, “acampamento litorâneo”, “não sambaqui” ou demais denominações dadas a esses sítios. Cabe, porém, a observação feita por Beltrão & Kneip (1967) de que nem todos os sítios pequenos e concheiros são sambaquis havendo, principalmente no litoral fluminense, algumas ocorrências realmente relacionadas aos acampamentos de origem ceramista, de modo que o olhar do arqueólogo que pesquisar a região deve atentar a essas diferentes evidências.

A permanência sambaqueira nas regiões insulares parecer ter persistido por mais tempo do que se aventava até então. Prova disso é o sambaqui Abrigo Sul, localizado na Ilha da Vitória cujo início da construção data de 2380 cal. A.P. e atinge 551 cal. A.P, tendo sido mantido e formado ininterruptamente ao longo de 1800 anos. Tal ocupação longeva das ilhas afastadas revela que as populações sambaqueiras realmente estavam adaptadas e plenamente assentadas nas regiões insulares e, a partir delas, podiam entrecruzar rotas marinhas, reunir-se, trocar informações, ideias e reforçar as práticas culturais e simbólicas mesmo nas regiões mais distantes.

A aglomeração de sambaquis em determinadas ilhas como observado na região da Mãe Joana na Ilha dos Búzios e na de Mané Lourenço, na Ilha da Vitória, revelam não somente a predileção sambaquieira por determinadas áreas, como permitem inferir a existência de prováveis interações e/ou compartilhamento de domínios entre diferentes grupos. Nesse sentido, a presente pesquisa também corrobora com Gaspar (1991) no que se refere à existência de zonas de domínio nas regiões adjacentes aos sítios, algumas das quais podem ter sido compartilhadas. Porém, ao contrário do que propôs essa autora, esta pesquisa considera que, pelo menos nessa macrorregião, não há uma diferença funcional ou hierárquica entre os sítios grandes em relação aos pequenos que justifique denotar a importância desses últimos a partir das atividades realizadas nos sambaquis de maior vulto. O que as pesquisas com os sambaquis de Ilhabela revelam é que todos os sambaquis devam ser entendidos em si mesmo, ainda que também possam ser compreendidos em associação com outros sem, contudo, hierarquizá-los a partir do tamanho.

Outro aspecto a ser retomado e reconsiderado no estudo de sambaquis insulares está relacionado à discussão acerca da escolha das ilhas para construção dos sambaquis que envolvem explicações como a busca por refúgios ou por isolamento. Ao tratarmos de populações sambaquieiras vivendo em áreas repletas de ilhas, como se configura o litoral norte de São Paulo e sul do Rio de Janeiro, a referência de distância e isolamento não pode ser tomada a partir do continente, ou seja, não podemos considerar como sua “base” o continente, e seu refúgio, as ilhas.

A idéia da construção de sambaquis nas ilhas em busca de refúgio, isolamento e áreas protegidas parece não encontrar respaldo se observarmos que, para uma população marítima (atual ou não) o maior destaque na paisagem que pode haver em seu ambiente cotidiano cercado pelo horizonte marinho são as próprias ilhas e, dentre elas, os pontões paredões e abrigos, justamente os marcos naturais aos quais essas populações associaram boa parte de seus sambaquis. Sendo assim, a presença de sambaquis em ilhas associados a abrigos e paredões reforça a monumentalidade desses sítios o que, por consequência, reforça seus destaques nas paisagens. Assim como ocorre nos sítios do continente, na construção dos sambaquis insulares tem relevância a manutenção da essência cultural sambaquieira na qual prevalece a prática de sepultar sem “encovar”, de se avolumar o enterramento ao invés de soterrar, a escolha de se construir um sambaqui que destaque na paisagem que se tem

disponível, seja em forma de ilhas em meio ao mar, seja em forma de ilhas em meio às dunas (como ocorre no litoral de Santa Catarina).

Ao percorrer o arquipélago de Ilhabela, e os demais conjuntos de ilhas presentes em seu entorno na identificação de sítios arqueológicos, é impossível não notar que, para uma população habituada ao mar, distância e proximidade entre uma ilha e outra, entre ilhas e continente são medidas de outra natureza. As distâncias entre esses pontos não constituem obstáculos intransponíveis ou de difícil superação. O mar é entendido como um desafio possível e cotidiano, e as ilhas, como destinos prováveis. Dentro de uma canoa conduzida por pescadores das comunidades tradicionais, fica fácil observar que a transposição das águas depende muito pouco da distância e mais da condição da maré, da experiência do navegante e da eficiência da embarcação. E, como se viu, os sambaquieiros encontraram nesse novo ambiente, condições favoráveis à dispersão e ao assentamento prolongado, tendo perpetuado e reforçado ao longo do tempo as suas práticas culturais mais enraizadas de modo adaptado, porém, em sua essência, pouco alterado.

A chegada dos povos ceramistas ao litoral muda completamente o panorama de ocupação indígena naquela região. Vindos do interior através do Vale do Paraíba, região que permitia o deslocamento e transposição das serras abruptas, os Jê se estabelecem no litoral e interferem diretamente em áreas, até então, dominadas exclusivamente pelos sambaquieiros. A forma como se deu essa interação inicial ainda não é conhecida, tendo em vista a quase total ausência de estudos de sítios cerâmicos no litoral norte paulista e ao longo da serra, de modo que a realização de novas pesquisas nessas áreas poderá trazer importantes informações a esse respeito. A rápida chegada desses povos às ilhas mais distantes, contudo, sugere que os Jê tenham aprendido com os sambaquieiros as melhores formas de aproveitar os recursos disponíveis, de produzir ferramentas adaptadas à construção de canoas e também à navegação em alto mar.

As análises das coleções provenientes dos sítios cerâmicos de Ilhabela apontam que os Jê usavam as mesmas matérias primas que eram antes aproveitadas pelos sambaquieiros, porém, privilegiando os elementos que lhes eram culturalmente familiares como o lascamento mais intenso do quartzo e o aproveitamento do minério de ferro para a pintura rupestre. A chegada desses povos ceramistas, o acesso às fontes de matéria prima, a adaptação ao ambiente marítimo e insular, os deslocamentos entre ilhas até o estabelecimento de aldeias

como os sítios Viana e Barra Velha 3 devem ter demandado longo tempo de aprendizado e interação entre as diferentes culturas. Tendo em vista que as referidas aldeias datam de 380 ± 45 A.P. e 290 ± 30 A.P. respectivamente, é plausível considerar que a chegada dos povos Jê ao litoral continental tenha se dado ainda antes do ano mil A.P. As datas jês nas ilhas mais afastadas também reforçam essa proposição, tendo em vista que já em 400 ± 85 A.P. esses povos enfrentaram o mar aberto e exposto que separa o continente da Ilha da Vitória para lá se estabelecerem, aprendizado que deve ter demandado longa duração.

A intensificação das práticas crematórias, dos sepultamentos incompletos e secundários e a presença de bolotas de cerâmicas mal queimadas nas camadas finais de construção de alguns sambaquis mais tardios sugerem a existência de uma possível interferência Jê nas práticas culturais mais sagradas dos sambaquieiros, voltadas à construção dos monumentos funerários e ao culto aos mortos. As evidências presentes nesses sambaquis mais tardios parecem indicar uma possível interação e/ou mescla cultural, envolvendo possivelmente a absorção de práticas culturais de uma cultura pela outra. O quão intensa foi essa interação, conflito e/ou e essa possível miscigenação ainda não é possível saber, mas o estudo sistemático dos sambaquis tardios, bem como das aldeias Jê presentes no litoral norte paulista poderão contribuir de sobremaneira para melhor esclarecimento dessa questão.

No que diz respeito aos sambaquis tardios de Ilhabela, esses revelam que além das evidências de influências da cultura Jê sobre a sambaquieira observáveis nos pacotes arqueológicos dos sítios, outra importante fonte de informações está justamente voltada aos remanescentes ósseos humanos presentes nos assentamentos. As análises bioantropológicas preliminares realizadas para este trabalho revelam que o final da era sambaquieira na região é também marcado por uma aparente alteração na dieta dos sambaquieiros, voltada ao maior consumo de caça de animais terrestres, possivelmente como resultado de influência e/ou miscigenação com povos Jê. Há nos sítios mais recentes esqueletos humanos com evidências de cárie e com significativa perda em vida dos dentes incisivos inferiores, sendo que esta última pode estar relacionada ao uso de tembetás. Adornos labiais só foram encontrados em aldeias Jê, nunca associados aos sambaquieiros de Ilhabela, de modo que aqueles sepultamentos podem referenciar uma população já bastante misturada, mas que ainda mantém a prática funerária voltada às áreas sagradas sambaquieiras.

Aqui cabe uma importante observação quanto aos últimos sambaquis construídos na região e que já revelam a decadência da cultura sambaqueira e de suas práticas culturais mais enraizadas. Primeiramente na Ilha de São Sebastião o sítio Toca do Caramujo construído em 1052 cal. A.P. revela uma significativa mudança na área de assentamento tipicamente sambaqueiro, não somente por sua extrema altitude (467m), mas principalmente pela sua interiorização que resultou na formação de um sambaqui quase completamente formado por gastrópodes terrestres. Esse sítio é o único na Ilha de São Sebastião que parece buscar proteção e não destaque, ou seja, ainda que possua ampla visualização das áreas envoltórias, não pode ser visto por quem aporta vindo do mar. A presença desse sítio numa área tão elevada e interiorizada, neste caso, parece ter relação com a intenção de proteger o sambaqui da chegada intensa dos povos Jê a essa região.

Como dito, ainda não há como saber como foi o contato inicial entre esses povos, até sua interação que parece ter ocorrido, pelo menos, nas ilhas mais afastadas. Na Ilha de São Sebastião, muito próxima ao continente, as populações sambaqueiras podem ter vivenciado outra dinâmica, mais intensa pela proximidade com a descida do Vale do Paraíba pelo qual rumavam as levas ceramistas, sendo possível que tenha havido disputas e conflitos iniciais que justificassem a necessidade de interiorização dos sítios. Como foram poucas as incursões ao interior do Parque Estadual e Ilhabela (Peib), novas investidas poderão resultar na localização de possíveis outros sambaquis construídos de forma parecida e que possam auxiliar na compreensão de como se deu o final da era sambaqueira na Ilha de São Sebastião, tão próxima e estreitamente relacionada ao continente.

Já nas ilhas afastadas, os sítios tardios revelam que a decadência da cultura sambaqueira se imprime na dificuldade na manutenção da construção dos sambaquis. O que se vê é que enquanto o Abrigo Sul e o Paredão ainda são mantidos no arquipélago da Vitória até 551 cal. A.P. e 543 cal. A.P. respectivamente, os sítios Toca do Ramiro e Toca da Caveira, datados de 690 cal. A.P. e 679 cal. A.P., são formados a partir de um único evento funerário envolvendo pouquíssima concha. A influência Jê sobre os sambaqueiros parece ter tido mais efeito a partir de 750 A.P., resultando em momentos funerários que passam a ser reverenciados fora dos sambaquis. O que esses sítios revelam é que ainda que o ato de sepultar mantenha muitos dos traços essenciais da cultura sambaqueira, a manutenção do sambaqui como um local sagrado passa a outro plano que permite variações e a criação de novas áreas funerárias

fora do espaço sagrado. Como se viu, ainda há a manutenção de alguns sambaquis como o Abrigo Sul e Paredão, mas esses são também logo abandonados e a prática cultural sambaquieira se esvai.

A pouca quantidade de informações disponíveis sobre o final da era sambaquieira no litoral brasileiro de modo geral não deixa margem para o estabelecimento de comparações aprofundadas. Ainda assim, os estudos comparativos entre os marcadores de violência presentes em sambaquis mais recentes do sul do país, datados por volta do ano mil A.P., evidenciam um significativo aumento da violência entre os sambaquieiros envolvendo perfurações ósseas causadas por pontas de projéteis (Lessa & Scherer 2008). Segundo as autoras tal aumento da violência no final da era sambaquieira parece ter relação com o incipiente contato entre sambaquieiros e Jê daquela região. Em Ilhabela, os estudos realizados de forma ampla e amostral não resultaram em evidências que sugerem a existência de conflitos ou guerras, pelo menos nas ilhas mais afastadas, porém no sítio Ilhote do Leste, em Ilha Grande, foi constatada significativa quantidade de sepultamentos com marcas de violência e pontas de flechas de grande porte que podem ter relação com conflitos entre os povos num período tardio (Tenório 2003).

Outra importante evidência de mudanças no seio da cultura sambaquieira em período tardio está relacionada à formação de camadas de terra preta sobre diversos sambaquis de grande e médio porte do litoral sul e sudeste do país. Essas camadas, ainda muito pouco estudadas, parecem também ter relação com a chegada de povos Jê nas regiões dominadas pelas populações sambaquieiras. Nelas observa-se o aumento da incidência de fogueiras e, em alguns sítios como Jabuticabeira II, também evidenciam um aumento do número de sepultamentos, mudanças que podem ter relação com a chegada de povos ceramistas naquela região (Villagrán 2008 e 2009).

Um aspecto importante, que também parece diretamente ligado à influência exercida pelos Jê ao final da era sambaquieira, está relacionado à construção de sambaquis predominantemente formados a partir do acúmulo de areia. Sítios desse tipo são encontrados também no sul do país, como o sítio Galheta IV datado por volta do ano mil A.P e construído em meio à área densamente utilizada para a construção de sambaquis “clássicos”, mas que ali desponta como o único sambaqui de areia, com sepultamentos secundários, cremação e vestígios do consumo de caça terrestre de maior porte (DeBlasis et alli no prelo). No litoral

norte paulista os sambaquis desse tipo são representados pelo sítio Tenório datado de 1920 cal. A.P. (localizado na porção continental do litoral de Ubatuba), que foi construído quase que completamente de areia e, também, pelos sítios Toca da Caveira e Toca do Ramiro localizados na Ilha dos Búzios e Ilha da Vitória, respectivamente. Como a data do sítio Tenório é pouco mais recuada do que aquelas verificadas para os sítios tardios das ilhas, os dados aqui apresentados à luz deste contexto de ocupação que agora se apresenta sugerem que a influência de povos Jê na construção dos sambaquis paulistas tenha se dado primeiramente nas áreas litorâneas continentais do extremo norte da costa paulista. Estudos sistemáticos nos sambaquis tardios continentais e insulares poderão auxiliar de sobremaneira no aprofundamento dessa questão.

Já a grande incidência de sambaquis mais tardios na Ilha da Vitória sugere que as ilhas mais afastadas dessa macrorregião tenham oferecido melhores condições para o estabelecimento sambaquieiro mais prolongado, justamente por seu afastamento das áreas mais próximas ao continente, cada vez mais ocupadas pelos Jê. Ainda assim não é possível relacionar a construção desses sítios à necessidade de fuga, tendo em vista que mesmo os mais tardios ainda se associam a abrigos, paredões e matacões e se mantêm próximos às áreas sagradas e ocupadas há milênios pelos sambaquieiros antigos sendo, portanto, facilmente identificáveis. Novas incursões ao interior das ilhas da Vitória e dos Búzios poderão revelar sítios interiorizados como o sítio Toca do Caramujo que parece relacionar-se à necessidade de proteção, vez que, quando não há para onde fugir por mar a interiorização pode ter sido o caminho escolhido.

O crescente domínio do território e o aprendizado das técnicas de navegação levaram os Jê até mesmo às áreas mais distantes e às ilhas mais afastadas. A chegada dos Jê aos territórios plenamente sambaquieiros e demarcados pelos marcadores territoriais construídos por esses grupos demandou o domínio dessas áreas extensas e de seus recursos. Os Jê não somente se apropriaram das áreas e das fontes de matérias-primas antes aproveitadas pelos sambaquieiros, como trataram de demarcar seus novos territórios literalmente sobrepondo seus marcos aos dos grupos conquistados. O que se propõe neste trabalho é que a presença de artefatos cerâmicos nos topos dos sambaquis serve aos propósitos de demarcação e de sobreposição de domínios ceramistas sobre áreas antes sambaquieiras. A colocação de potes e utensílios de cerâmica sobre a superfície dos sítios, que não interferem ou alteram a

conformação dos sambaquis e que claramente não pertencem à suas formações, sugere que o povo Jê reconhece o marco territorial e o espaço sagrado do outro e o sobrepuja ou resignifica.

Observa-se que o caráter monumental dos sambaquis pequenos e terrosos de Ilhabela não ficou alheio aos Jê que ali aportaram e, nesse sentido, denotam pleno sucesso sambaquieiro na arte de construir marcadores territoriais. Esses, por sua vez, foram rapidamente sobrepujados pelos Jê que, com a colocação de potes e utensílios em suas superfícies, mostraram aos últimos sambaquieiros da região quem eram e até onde chegaram os novos soberanos do litoral. Soma-se a isso a presença da pintura rupestre “Guardiã da Toca”, figura antropomórfica estampada num paredão numa das áreas mais extremas da Ilha de São Sebastião, mostrando que os Jê souberam aproveitar os recursos locais e que guardavam outras formas de demarcar seu território. Quem aportava no Porto da Toca e de pronto localizava a pintura sabia que mesmo as porções de terra mais distantes possuíam novos donos.

No litoral norte paulista os sambaquieiros se estabeleceram no continente e se espalharam pelo território insular, tendo encontrado nas ilhas mais distantes as condições para uma permanência mais prolongada. Se a manutenção da cultura sambaquieira sucumbiu à presença Jê, essa também teve seus dias contados e também sucumbiu à presença colonizadora. Esta última, por sua vez, centrada inicialmente no continente, permitiu que as populações indígenas das ilhas mais afastadas permanecessem na região, demarcando e resignificando antigos sambaquis com seus potes e tigelas cerâmicas até 190±25 A.P., datas dos últimos marcadores territoriais Jê na Ilha da Vitória. A expansão das fazendas cafeeicultoras na região intensifica a busca por novas áreas de produção de modo que, há partir do século XIX, sesmarias são concedidas na Ilha dos Búzios e passam a ameaçar diretamente a permanência indígena naquela área.

A formação das primeiras comunidades tradicionais caiçaras nas ilhas afastadas mescla a ocupação colonizadora com a mão de obra escrava de negros africanos e de índios aldeados, como já se viu. Não há registro na documentação colonial até então estudada de que os povos Jê nativos das ilhas tenham sido incorporados aos novos aglomerados que se formavam ao redor das fazendas. Considerados povos arredios e de difícil captura os Jê de Ilhabela possivelmente se refugiaram nas matas, nos abrigos e nos interiores das ilhas, de

modo que, desde o início da presença colonizadora, aquela área era considerada “terra desabitada”. Estudos mais aprofundados relacionados à presença Jê no arquipélago ainda durante o período colonial poderão auxiliar melhor para o esclarecimento da participação Jê na formação da sociedade e das vilas coloniais que se avolumavam naquele litoral.

Enquanto que a marcante presença colonizadora no continente e na Ilha de São Sebastião parece ter posto fim a presença Jê naquela região, nas ilhas da Vitória e dos Búzios seu marcos tardios deixam claro que esses índios também encontraram naquelas áreas possibilidades de uma permanência mais prolongada. Cabe aqui observar que as populações tradicionais caiçaras que vivem nas ilhas dos Búzios e da Vitória são as únicas, dentre todas com as quais se fez contato constante durante a realização dessas pesquisas, que consideraram a possibilidade da presença indígena ter existido na região. Nessas ilhas, sambaquis foram entendidos enquanto monumentos funerários e suas origens indígenas não foram questionadas pelos caiçaras. Ao contrário, foram reforçadas pela afirmativa de que o sambaqui encontrado na enseada do Abrigo, na Ilha da Vitória, deveria se chamar Toca do Gentio, porque era o nome que os antigos deram àquela região anexa à enseada dos Frecheiros e que abrigara muitos índios. E assim foi feito.

Os que afirmam isso são os últimos remanescentes das comunidades caiçaras que vivem na Ilha da Vitória sem saneamento, sem luz e ainda ameaçados pelo crescimento da cultura globalizada e massificadora. Vivem ali algumas poucas famílias que tiram seu sustento da pesca, mantendo roças de mandioca para a produção de farinha e consumo unicamente doméstico. São Beneditos, Beneditas, Ramiros, Lídias, Betos, Pedros e tantos outros guardiões das “casas dos espíritos” dos povos sambaquieiros e dos marcos territoriais dos índios Jê que ali esperam novas oportunidades de mostrar ao mundo o que a Ilha da Vitória e seus ocupantes mantiveram ao longo de tanto tempo. Esse povo detentor de enorme saber resguarda boa parte da cultura ancestral das populações nativas outrora viventes na região, cuja essência ainda de manifesta na arte de fazer canoas, navegar, pescar, fazer farinha e tantas outras em vias de se perder, mas que encontraram na Ilha da Vitória, mais uma vez, um dos últimos territórios possíveis.

Referências Bibliográficas

- ABREU, S. F. (1928) **Nota sobre o sambaqui do Forte, Paraty, Estado do Rio de Janeiro**. In: Boletim do Museu Nacional, v.4, n.3.
- ABREU, W. B. (1977) **Pindamonhangaba – Tempo e Face**. “Pindamonhangabense” nº1, Prefeitura Municipal de Pindamonhangaba.
- AB’SABER, A. (1984) **Tipos de habitat do homem do sambaqui**. In: Revista de História, vol VI, 121-122.
- AFONSO, M.C & DE BLASIS, P.A.D. (1994) **Aspectos da formação de um grande sambaqui: alguns indicadores em Espinheiros II, Joinville**. Revista do Museu de Arqueologia e Etnologia, São Paulo: Museu de Arqueologia e Etnologia da Universidade de São Paulo, 4: 21- 30.
- AFONSO, M.C & MORAES, C.A (2005/2006) **O Sítio Água Branca: interações culturais entre grupos ceramistas no norte do Estado de São Paulo**. In: Revista do Museu de Arqueologia e Etnologia/USP, vol 15, 59-72.
- AFONSO, M.C. et al. (2010) **Ocupações ceramistas Tupi e Gê em São Paulo: espacialização e cronologia**. In: Anais do XV Congresso da Sociedade de Arqueologia Brasileira. Trabalhos Completos de Comunicação. Parte I, p. 8-15.
- AFONSO, M.C. (2005) **Um olhar para a arqueologia pré-histórica do Estado de São Paulo**. Tese de Livre Docência do Museu de Arqueologia e Etnologia da Universidade de São Paulo. São Paulo, 93p.
- _____ (2001) **Resgate Arqueológico dos sítios Agua Branca, Lambari I e Lambari II (Municípios Casa Branca e Mococa, SP)**. Relatório Final. São Paulo, Museu de Arqueologia e Etnologia/USP.
- _____ (2008/2009) **Um painel da arqueologia préhistórica no Estado de São Paulo: os sítios cerâmicos**. In: Especiaria – Cadernos de Ciências Humanas. Vols. 11 e 12, nºs 20 e 21. 127-155.
- ALMEIDA, A.P (1958) **Memória Histórica sobre São Sebastião**. Revista do Arquivo do Estado de São Paulo. São Paulo.
- _____ (1946a) **Da ação dos piratas e fortificações do litoral**. Revista do Arquivo Municipal CIX. São Paulo.
- _____ (1946b) **Da decadência do litoral paulista**. Revista do Arquivo Municipal CVII. São Paulo.
- _____ (1952) **História da Navegação no Litoral Paulista**. Revista do Arquivo Municipal. São Paulo.
- _____ (1937) **Tricentenário de Ubatuba**. Revista do Arquivo Municipal XL. São Paulo. Pg.67-72.
- _____ (1947) **O Litoral Norte**. Revista do Arquivo Municipal CXII. São Paulo. Pg.35-40.
- ALVES, M.A & CALLEFFO, M.E.V (1996) **Sítio Arqueológico de Água Limpa, Monte Alto, São Paulo. Estruturas de combustão, restos alimentares e padrões de subsistência**. Revista do Museu de Arqueologia e Etnologia, São Paulo, v.6. 123-140.

- ALVES, M.A. & CHEUICHE-MACHADO, L. (1995/96) **Estruturas arqueológicas e padrões de sepultamento do sítio Água Limpa, Monte Alto, SP.** Anais da VIII Reunião da Sociedade de Arqueologia Brasileira, Coleção Arqueologia, EDIPUCRS, Porto Alegre. Resumos, 1, v. 2. 295-310.
- ALVIM, M.C. de M. e UCHOA, D.P. (1976) **Contribuição ao estudo das populações de sambaquis: os construtores do sambaqui de Piaçaguera.** Pesquisas, Série Sambaqui de Piaçaguera. Instituto de Pré-História, Universidade de São Paulo, São Paulo.
- AMARAL, M.M. (1995) **As oficinas líticas de polimento da Ilha de Santa Catarina.** Dissertação de Mestrado. Porto Alegre, Pontifícia Universidade Católica.
- AMENOMORI, S.N (2005) **Paisagem das ilhas, as ilhas da paisagem: a ocupação dos grupos pescadores - coletores pré-históricos no litoral norte do Estado de São Paulo.** Tese de Doutorado. Universidade de São Paulo, São Paulo.
- ANCHIETA, J. ([1595]) In: **Cartas, correspondência ativa e passiva.** São Paulo: Loyola, Obras Completas, v.6.
- ARAÚJO, A.G (2001) **Teoria e Método em Arqueologia Regional: Um estudo de caso no alto Paranapanema, estado de São Paulo.** Tese de doutorado, FFLHC, USP
- ARNOLD, J.E. (1996) **The Archaeology of Complex Hunter-Gatherers.** Journal of Archaeological Method and Theory 3(2): 77-126, Plenum Publ. Corp.
- ASSUNÇÃO, D.C. (2010) **Sambaquis da paleolaguna de Santa Marta: em busca do contexto regional no litoral sul de Santa Catarina.** Dissertação de Mestrado, Universidade de São Paulo, São Paulo.
- BANDEIRA, D. R. **Mudança na estratégia de subsistência. O sítio arqueológico de Enseada I – um estudo de caso.** Florianópolis, 1992, 130 f. Dissertação de Mestrado, Universidade Federal de Santa Catarina.
- BARBOSA-GUIMARÃES, M (2011) **Mudança e colapso no litoral fluminense: os sambaquieiros e os outros no complexo lagunar e Saquarema, RJ.** In: Revista do Museu de Arqueologia e Etnologia, São Paulo, 21: 71-91.
- _____ (2007) **A Ocupação Pré-Colonial da Região dos Lagos, RJ: Sistema de assentamento e relações intersociais entre grupos sambaquianos, grupos ceramistas Tupinambá e da Tradição Una.** Tese de doutorado, MAE-USP.
- BASS, W.M (1987) **Human Osteology: A laboratory and field manual.** 3ª Edição, Missouri Archaeological Society, Columbia.
- BECK, A. (1971) **Os sambaquis do litoral de Laguna – SC.** In: Duarte P.(Ed.) O homem antigo na América. Inst. de Pré-história, USP. São Paulo, PP.69-76.
- _____ (1972) **A variação do conteúdo cultural dos sambaquis, litoral de Santa Catarina.** Tese de Doutorado, FFLCH da Univ. de S. Paulo.
- BELLOTO, H.L. (2002) **Como fazer análise diplomática e análise tipológica de documento de arquivo.** In: Como Fazer, vol. 8. Arquivo do Estado e Imprensa Oficial do Estado de São Paulo.

- BELTRÃO, M.C.M.C & KNEIP, L.M. (1967) **Arqueologia e Geomorfologia: tentativa de uma abordagem interdisciplinar**. In: Boletim Carioca de Geografia, XVIII, p. 1-16.
- BELTRÃO, M.C.M.C (1978) **Pré-história do Estado do Rio de Janeiro**. Editora Forense-Universitária. SEEC/RJ. 392p.
- _____ (1976) **Documentos sobre a pré-história dos estados do Rio de Janeiro e Guanabara (1500-1963)**. In: Coleção Museu Paulista, Série Arqueologia, Vol.2: 13-79.
- BENDAZZOLI-SIMÕES, C. (2007) **O processo de formação dos sambaquis: uma leitura estratigráfica do sítio Jabuticabeira II,SC**. Dissertação de Mestrado, Museu de Arqueologia e Etnologia/Universidade de São Paulo. 184pgs.
- BENDAZZOLI, C (2011) **Breve notícia sobre o cenário de ocupação sambaquieira no arquipélago de Ilhabela, Estado de São Paulo**. In: Patrimônio Cultural Arqueológico: diálogos, reflexões e práticas, 1ª edição. Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional- IPHAN, Superintendência Regional, São Paulo, SP. 148-162.
- BENDAZZOLI, C. et alli (2009) **Arqueologia de um sambaqui em abrigo, Ilhabela, SP**. Revista do Museu de Arqueologia e Etnologia, São Paulo. 19: 381-391.
- BILLMAN, B.R. & FEINMAN, G.M (eds.) (1999) **Settlement Pattern Studies in the Americas: Fifty years since Virú**. Washington, Smithsonian Institution Press.
- BONETTI, C. (1997) **Análise do padrão de assentamento dos grupos coletores-pescadores do baixo Vale do Ribeira de Iguape**. Dissertação de Mestrado, Museu de Arqueologia e Etnologia, Universidade de São Paulo, São Paulo.
- _____ (2004) **Análise dos grupos coletores - pescadores do Baixo Vale do Ribeira de Iguape através da reconstituição da paleo-linha costeira : uma arqueologia da paisagem litorânea**. Tese de Doutorado, Museu de Arqueologia e Etnologia, Universidade de São Paulo, São Paulo.
- BORGES NUNES, T (1980/81) **Abreviaturas paleográficas portuguesas**. 3ª Edição, Lisboa, Portugal.
- BORNAL, W. (1996) **Sítio Histórico São Francisco 01- Contribuição à Arqueologia Histórica**, Dissertação de Mestrado, FFLCH - USP, São Paulo.
- _____ (1999) **Introdução**. In: **Jacareí às vésperas do descobrimento. A pesquisa arqueológica no sítio Santa Marina**. Robrahn-González & Zanettini Org. Gráfica e Editora O Expresso. 1 Edição.
- _____ (2002) **Sítio Light – Reconhecimento Arqueológico – Relatório Final**. Jacareí.
- _____ (2008) **Sítio Histórico São Francisco, um estudo sob a ótica da arqueologia da paisagem**. Tese de Doutorado, Museu de Arqueologia e Etnologia, Universidade de São Paulo, São Paulo.
- _____ (2007) **Programa de Salvamento Arqueológico Área de Aloísio Macedo de Araújo “Bairro de Furnas” - Relatório Final – Ilhabela/SP**. Relatório apresentado ao IPHAN/SP. 97p.
- BORNAL, W.G, & GALDINO, C. (2011) **Programa de Gestão do Patrimônio Cultural da ESEC Tupinambás: etapa prospectiva**. Relatório Final. 62p.

- CAMARGO, C.B.R. & CAMARGO, V. (1990) **Arqueologia no Vale do Paraíba. Escavações arqueológicas em Aparecida**. Cadernos Culturais do Vale do Paraíba 5. Caçapava, Centro Educacional Objetivo / Fundação Nacional do Tropeirismo.
- CAMARGO, E. & BEGOSSI, A. ([1951]2006). **Os diários de campo da Ilha dos Búzios**. Editora HUCITEC, NUPAUB/CEC. São Paulo. 128p.
- CARDIM, F. ([1583]2009) **Tratado da Terra e Gente do Brasil**. São Paulo: Hedra, 220p.
- CARDOSO, E.S. (1996) **Vitoreiros e Monteiros: Ilhéus do Litoral Norte Paulista**. Dissertação de Mestrado apresentada junto ao Departamento de Geografia da Faculdade de Filosofia, letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo. 78p.
- CARDOSO, J.P ([1906]1919) **Introdução**. In: Relatório de Exploração do Rio Juqueriquerê. Comissão Geográfica e Geológica do Estado de São Paulo. Typographia Brazil de Rothschild & Co. São Paulo, 2ª Edição.
- CASTRO FARIA, L. (1959) **O problema da proteção aos sambaquis**. Arquivos do Museu Nacional. 49:95-137.
- _____ (1955) **A formulação do problema dos sambaquis**. In: Separata dos Anais do XXXI Congresso Internacional de Americanistas. São Paulo. 569-577.
- COSTA, I, Del N. (1994). **Pesos e medidas no período colonial brasileiro: denominações e relações**. In: Boletim de História Demográfica, ano I, num. 1. Disponível em: http://historia_demografica.tripod.com/bhds/bhd1.htm#pesos
- CROPANI, O.F (1949) **Índios e Brancos no município de São José dos Campos**. São Paulo. Investigações, nº9, p. 95-102.
- CRUZ, A. (1987) **Paleografia Portuguesa: Ensaio de Manual**. Porto, Portugal.
- CRUZ, O. (1984) **A compartimentação topo-morfológica no litoral norte do estado de São Paulo e a localização de sítios pré-cerâmicos baseada em fotografias aéreas**. In: Revista de Pré-história, Universidade de São Paulo, vol. IV, p.148-150.
- CUNHA, E.da. (1944). **Ilha dos Búzios**. Anais do Nono Congresso Brasileiro de Geografia, vol V. Rio de Janeiro.
- DSA (1992) **Ilhabela: Diagnóstico Sócio-econômico e Ambiental**. Instituto Florestal, Secretaria do Meio Ambiente. Governo do Estado de S. Paulo.
- DE MASI, M. A. N. (2001) **Pescadores coletores da costa sul do Brasil**. Pesquisas (Antropologia) 57, São Leopoldo: Instituto Anchietano de Pesquisas.
- DE BLASIS, P.D. (2005) **Os sambaquis vistos através de um sambaqui**. Monografia de Livre Docência, Museu de Arqueologia e Etnologia da Universidade de São Paulo. São Paulo, 139f.
- _____ (1988) **A ocupação pré-colonial do vale do Ribeira de Iguape, SP: os sítios líticos do médio curso**. Dissertação de Mestrado, FFLCH-USP.

- DEBLASIS et alli. (1998a) **Padrões de assentamento e formação de sambaquis em Santa Catarina**. Revista do Museu de Arqueologia e Etnologia, São Paulo: Museu de Arqueologia e Etnologia da Universidade de São Paulo, **8**: 319- 321.
- _____ (1998b) **Some references for the discussion of complexity among the sambaqui moundbuilders from the southern shores of Brasil**. Revista de Arqueologia Americana, México: Instituto Panamericano de Geografia e História, **15**: 75-105.
- _____ (1999) **Padrões de assentamento e formação de sambaquis em Santa Catarina: as campanhas de 1998 e 1999**. Relatório final à FAPESP. (98/8114-3), São Paulo.
- DEBLASIS, P.D; FARIAS, D & KNEIP, A. (no prelo) **Velhas tradições e gente nova no pedaço: perspectivas longevas da arquitetura funerária na paisagem do litoral sul catarinense**. 32p.
- DEBLASIS, P.; FISH, S.K.; GASPAR, M.D. & FISH, P.R (2004) **Processos formativos nos sambaquis do Camacho, SC: padrões funerários e atividades cotidianas**. Relatório final à FAPESP (processo 03/02059-0).
- DEBLASIS, P.D & GASPAR, M.D (2005/2006) **Os sambaquis do sul catarinense: retrospectivas e perspectivas de dez anos de pesquisas**. In: Especiaria: Caderno de Ciências Humanas, vols 11 e 12, ns. 20 e 21, pg. 83-126
- DE FARIA, D. L. A & LOPES, F.N. (2007) **Heated goethite and natural hematite: Can Raman spectroscopy be used to differentiate them?** In: *Vibrational Spectroscopy* 45.2: 117-121.
- DIAS, R.P. (1992) **Caraguatatuba. Banana, negócio do Brasil**. Monografia em Ciências Econômicas. Instituto de Ciências Sociais Aplicadas – Universidade do Vale do Paraíba (Univap).
- DIAS, O. F. (1959) **Polidores de Cabo Frio**. Boletim de História, Rio de Janeiro. 4-5:9-14.
- _____ (1972) Síntese da pré-história do Rio de Janeiro, uma tentativa de periodização. **Revista de História**, Rio de Janeiro, **1**(2): 75-83, maio/agosto.
- _____ (1967) **Notas prévias sobre pesquisas arqueológicas nos estados da Guanabara e do Rio de Janeiro**. In: Programa Nacional de Pesquisas Arqueológicas: Resultados preliminares do primeiro ano 1965-1966. Museu Paraense Emilio Goeldi, Publicações Avulsas nº 6. 89-101.
- _____ (1969) **Resultados preliminares do segundo ano de pesquisas no estado do Rio de Janeiro**. In: Programa Nacional de Pesquisas Arqueológicas: Arqueologia brasileira em 1968. Museu Paraense Emilio Goeldi, Publicações Avulsas nº 12. 143-156.
- _____ (1969a) **Considerações iniciais sobre o terceiro ano de pesquisas no Estado do Rio de Janeiro**. In: Programa Nacional de Pesquisas Arqueológicas 2: Resultado preliminares do segundo ano 1966-1967. Museu Paraense Emilio Goeldi, Publicações Avulsas nº 10. 119-129.
- _____ (1971) **Breves notas a respeito das pesquisas no sul de Minas Gerais**. In: Programa Nacional de Pesquisas Arqueológicas 4: Resultado preliminares do quarto ano 1968-1969. Museu Paraense Emilio Goeldi, Publicações Avulsas nº 15. 133-144.
- _____ (1979) **Dados para o povoamento não Tupiguarani do Estado do Rio de Janeiro**. In: Instituto de Arqueologia Brasileira. Boletim n.8. Junho. 18-40.
- _____ (1975) **Pesquisas arqueológicas no sudeste brasileiro**. In: Instituto de Arqueologia Brasileira. Boletim Especial n.1. 03-31.
- DUARTE, P. **O sambaqui visto através de alguns sambaquis**. Instituto de Pré-História da Universidade de São Paulo, São Paulo, p.44-142, 1968.

- EDELWEISS, F (1947) **Tupis e Guaranis – estudos de etnonímia e linguística**. Salvador.
- EGGERS, S. & FILIPPINI, J. (2005/2006) **Distância biológica entre sambaqueiros fluviais (Morales – Vale do Ribeira – São Paulo e construtores de sítios litorâneos (Piaçaguera e Tenório – SP e Jaboticabeira II – SC)**. In: Revista do Museu de Arqueologia e Etnologia, São Paulo. Vol. 15-16: 165-180.
- ELLIS, M. (1969) **A baleia no Brasil Colonial**. Ed. Melhoramentos, EDUSP: São Paulo, 235p.
- EZZO, J.A. (1994) **Putting the “Chemistry” back into archaeological bone chemistry analysis: modeling potential paleodietary indicators**. In: Journal of Anthropological Archaeology, Vol.13, p.1-34.
- FARIA, D.L.A. (2012) **Espectroscopia Raman em Arqueometria: uma técnica para muitos problemas**. In: Boletim Eletrônico da Abracor, num. 6. <http://www.abracor.com.br/boletim/ArtigoABRACOR-dalva.pdf>
- _____ (2011) **A espectroscopia Raman revelando a química das obras de arte**. In: Química Viva. http://www.crq4.org.br/quimicaviva_quimica_e_arte_espec_raman
- FARIA, D.L. et alii (2011) **Análise de pinturas rupestres do abrigo Janelão (Minas Gerais) por microscopia Raman**. In: Química Nova, vol. 34, num. 8, São Paulo.
- _____ (2002) **Espectroscopia Raman: uma nova luz no estudo de bens culturais**. In: Revista do Museu de Arqueologia e Etnologia, São Paulo, 12: 249-267.
- FERNANDES, F. (1949) **Organização social dos Tupinambás**. São Paulo.
- FERNANDES, S.C.G. (2001) **Estudo tecnotipológico da cultura material das populações pré-históricas do Vale do Rio Turvo, Monte Alto, São Paulo e a Tradição Aratu-Sapucaí**. Dissertação de Mestrado, FFLCH, Universidade de São Paulo, São Paulo, 298p.
- FERREIRA L.M. & Noelli, F.S. (2007) **Richard Francis Burton, os sambaquis e a Arqueologia no Brasil Imperial**. In: Revista do Museu de Arqueologia e Etnologia do MAE, São Paulo, 17: 149-168.
- FIGUTI, L. (1989) **Estudo dos vestígios faunísticos do sambaqui COSIPA – 3, Cubatão, São Paulo**. Revista de Pré-História 7: 112-26.
- _____ (1992) **Lês Sambaquis COSIPA (4000 a 1200 ans BP): étude de la subsistence chez lês peuples préhistoriques de pêcheurs-ramasseurs de bivalves de la cote centrale de l’Etat de São Paulo, Brésil**. Tese de Doutorado, Institut de Paleontologie Humaine, Paris.
- _____ (1993) **O homem pré-histórico, o molusco e o sambaqui: considerações sobre a subsistência dos povos sambaqueiros**. Revista do Museu de Arqueologia e Etnologia, São Paulo: Museu de Arqueologia e Etnologia da Universidade de São Paulo, 3: 67-80.
- _____ (1994/1995) **Os sambaquis COSIPA (4200 a 1200 anos A.P): estudo da subsistência dos povos pescadores-coletores pré-históricos da baixada santista**. In: Revista de Arqueologia, Anais da VII Reunião Científica da Sociedade de Arqueologia Brasileira, Vol. 8, n2: 267-283.
- _____ (1999) **Economia/alimentação na Pré História do litoral de São Paulo**. In: TENÓRIO, Maria Cristina (org). Pré História da Terra Brasilis, Rio de Janeiro, Ed.URFJ, p.197- 203..

- FIGUTI, L. & KLÖKLER, D. (1996) **Resultados preliminares dos vestígios zooarqueológicos do sambaqui Espinheiros II, Joinville, SC.** Revista do Museu de Arqueologia e Etnologia, São Paulo: Museu de Arqueologia e Etnologia da Universidade de São Paulo, 6: 169-187.
- FILHO, P.E.A (2002) **Tradução comentada do manuscrito do corsário Cavendish.** Dissertação de Mestrado, FFLCH, Universidade de São Paulo, 176p.
- FISH, S.K. (1999) **The Settlement Pattern Concept from na Americanist Perspective.** In: Billman, Brian R. & Gary M. Feinman (eds.) Settlement Pattern Studies in the Americas: Fifty years since Virú. Washington, Smithsonian Institution Press.
- FISH et alli. (2000) **Eventos incrementais na construção de sambaquis, litoral sul do Estado de Santa Catarina.** Revista do Museu de Arqueologia e Etnologia, São Paulo: Museu de Arqueologia e Etnologia da Universidade de São Paulo, 10: 69-87.
- FISH, S. K. & Kowalewski S.A. (1990) **The Archaeology of Regions.** A Case for Full-Coverage Survey. Washington: Smithsonian Institution Press
- FLEXOR, M.H.O. (2008) **Abreviaturas: manuscritos dos séculos XVI ao XIX.** 3ª Edição, Arquivo Nacional, Rio de Janeiro.
- FORJAZ, D. (1954) **O município de Vila Bela.** Boletim do Departamento de Estatística do Estado de São Paulo, 3 trim. v.15 no. 03, 199pg.
- FOSSARI, T. D. A **Indústria óssea na arqueologia brasileira: estudo piloto do material de Enseada- SC e Tenório- SP.** São Paulo, 1985. Dissertação de Mestrado, Universidade de São Paulo.
- FRANÇA, Ary (1951) **A Ilha de São Sebastião.** Ind. Gráfica José Magalhães, São Paulo.
- FREITAS, Rui Ozório de. (1947) **Geologia e Petrologia da Ilha de São Sebastião.** Boletim FFCL-USP, São Paulo. Vol. 3 e 4.
- GANDAVO, P.M ([1576]2008) **História da Província de Santa Cruz.** São Paulo: Hedra.
- GARCIA C. Del R. (1969) **Levantamento ictiológico em jazidas pré-históricas.** Estudos de Pré-História geral e brasileira. Instituto de Pré-História, Universidade de São Paulo, São Paulo.
- _____ (1972) **Estudo comparado de fontes de alimentação de duas populações pré-históricas do litoral paulista.** Tese de Doutorado, Universidade de São Paulo, São Paulo.
- _____ (1984) **Sítios Arqueológicos Costeiros e Flutuações do Nível Marinho.** In: Revista de História, Vol. VI, p. 124-126.
- GARCIA, C. D. & UCHOA, D.P (1980) **Piaçaguera, um sambaqui do litoral do Estado de São Paulo, Brasil.** Revista de Pré-História 2:11-84, IPH- Univ. de S. Paulo.
- GASPAR, M.D. (1999) **Os ocupantes pré-históricos do litoral brasileiro.** Pré História da Terra Brasilis, Ed.URFJ. p.159- 169.
- _____ (2000) – **Sambaqui: arqueologia do litoral brasileiro.** Rio de Janeiro, Ed. Jorge Zahar. 89p., il.

- _____ (1998) **Considerations about the sambaquis of Brazilian coast.** *Antiquity* 72 (227):592 - 615.
- _____ (1991) **Aspectos da Organização de um Grupo de Pescadores, Coletores e Caçadores: Região Compreendida entre a Ilha Grande e o Delta do Paraíba do Sul, Estado do Rio de Janeiro.** São Paulo, 362 f. Tese de Doutorado, Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas - Universidade de São Paulo.
- _____ (2003) **Aspectos da organização de um grupo de Pescadores, Coletores e Caçadores: região compreendida entre a Ilha Grande e o Delta do Paraíba do Sul, Estado do Rio de Janeiro.** In: *Pesquisas*, 59: 1-125.
- _____ (1994/95) **Espaço, ritos funerários e identidade pré-histórica.** In: *Revista de Arqueologia*, vol. 8, n.2: 221-237.
- _____ (2004) **Cultura: comunicação, arte, oralidade na pré-história do Brasil.** In: *Revista do Museu de Arqueologia e Etnologia*, São Paulo, 14: 153-168.
- GASPAR, M. & DEBLASIS, P. (1992) **Construção de sambaqui.** In: REUNIÃO CIENTÍFICA DA SOCIEDADE DE ARQUEOLOGIA BRASILEIRA, 6. Rio de Janeiro. *Anais*, 2: 811- 820.
- GASPAR, M.D., BUARQUE, A., CORDEIRO, J. & ESCÓRCIO, E. (2007) **Tratamento dos mortos entre os Sambaquieiros, Tupinambá e Goitacá que ocuparam a região dos lagos Estado do Rio de Janeiro.** In: *Revista do Museu de Arqueologia e Etnologia*, 17: 169-189.
- GASPAR, M.D & TENÓRIO, M.C. (1990) **Amoladores polidores fixos do litoral brasileiro.** *Revista do Centro de Estudo de Pesquisa Arqueológica*. Santa Cruz do Sul, 17(20): 181-190.
- GOMES, D.M.C (2003) **A distribuição da Tradição Aratu no território brasileiro.** In: S.B. Caldarelli (coord.) *Arqueologia do vale do Paraíba Paulista*. SP-070 Rodovia Carvalho Pinto. Dersa Desenvolvimento Rodoviário, p. 221-224.
- GONZÁLEZ, E. M. R. & ZANETTINI, P. E. (1999) **Jacaré às vésperas do descobrimento: a pesquisa arqueológica no Sítio Santa Marina.** Jacaré, Mônaco Siani/Prefeitura Municipal/Fundação Cultural de Jacarehy.
- GUIDON, N e PALLESTRINI, L. (1962) **O estudo da indústria do sambaqui do Mar Casado.** *Anhembi* ano XII, 139 (47): 49-60.
- GUIDON, N. (1964) **Nota prévia sobre o sambaqui Mar Casado.** In: *Seminários de Estudos Americanistas, Homenaje a Fernando Márquez Miranda*, pp. 176-204. Universidad de Madrid y Sevilla, Madri.
- GUMMERMAN, G.J. (ed.) (1971) **The distribution of prehistoric population aggregates.** *Proceedings of the Southwestern Anthropological Research Group*. *Anthropological Reports* 1, Prescott College.
- HALL, J & MCNIVEN, I. J (eds.) (1999) **Australian Coastal Archaeology.** *Research Papers in Archaeology and Natural History* 31, Canberra, ANH Publications/The Australian National University.
- HENNIES, W. T.& HASUI, Y. **Contribuição para a geologia das rochas alcalinas da ilha de São Sebastião.** In: *Seminário de Geologia Regional da SBG*, 1, 1977. *Anais*:. São Paulo, SP, 1977. p. 28-53.

- HEREDIA, O.R, GATTI, M.P, GASPAR, M.D & BUARQUE, A,M.G (1984) **Assentamento pré-históricos nas Ilhas do Litoral Centro-Sul Brasileiro: O sítio Guaíba (Mangaratiba, RJ)**. In: Revista de Arqueologia, 2 (1):13-29. Belém.
- HOMEM DE MELLO ([1913] 1919) Observação feita pelo Barão Homem de Mello publicada em 1913 no Anuário de Minas Geraes, vol. VI, tomo I, pg. 48 e reeditado pelo Boletim do Museu Nacional do Rio de Janeiro, vol. 5: 119.
- IHERING, H. Von (1907) **A antropologia do Estado de São Paulo**. Revista do Museu Paulista. São Paulo, 7:202-57.
- _____ (1897) **A Ilha de São Sebastião**. In: Revista do Museu paulista, Vol II, São Paulo. Typologia a Vapor de Hennies e Irmãos. Pg 129-170.
- JOHNSON, G.A. (1977) **Aspects of regional analysis in Archaeology**. Annual Review of Anthropology 6:479-508.
- KATZEMBERG, M.A. (1992) **Advances in stable isotope analysis of prehistoric bones**. Skeletal Biology of Past Peoples: Research Methods. Willey-Liss, Inc. p.105-119.
- KATZEMBERG, M.A. & HARRISON, R.G (1997) **What's in a bone? Recent Advances in Archaeological Bone Chemistry**. Journal of Archaeological Research, Vol. 5, nº.3. p. 265-293.
- KEELEY, L.H (1988) **Hunter-gatherer economic complexity and “population pressure”: a cross-cultural analysis**. *Journal of Anthro-pological Archaeology* 7:373-411.
- KNEIP, L.M. & MACHADO, L.M.C. (1992) **Cremação e outras práticas funerárias em sítios de pescadores-coletores pré-históricos do litoral de Saquarema, RJ**. In: Boletim do Intituto de Arqueologia Brasileira, 5: 1-42.
- _____ (1993) **Os ritos funerários das populações pré-históricas de Saquarema, RJ: sambaquis da Beirada, Moa e Pontinha**. In: Documentos de Trabalho, 1: 1-76.
- KNIVET, A. ([1625] 1947) *Vária fortuna e Estranhos Fados*. Tradução de Guiomar Carvalho Franco, São Paulo: Ed. Brasiliense.
- KOK, G. (2012) *Uma fazenda inglesa no universo caiçara*. Editora Neotropica, 1ª Edição. 120p.
- KOYAMA, S. & THOMAS, D.H (eds.) (1982) **Affluent Foragers**. Senri Ethnological Studies 9, Osaka, National Museum of Ethno-logy
- LA SALVIA, F & BROCHADO, J.P (1988) **Cerâmica Guarani**. Porto Alegre. Posenato Arte 7 Cultura.
- LESSA, A & COELHO, I.S. (2010) **Lesões vertebrais e estilos de vida diferenciados em dois grupos sambaquieiros do Litoral Fluminense**. In: Revista do Museu de Arqueologia e Etnologia. São Paulo. Vol. 20:77-89.

- LESSA, A. & SCHERER, L.Z. (2008) **O outro lado do paraíso: novos dados e reflexões sobre violência entre pescadores coletores pré-coloniais**. In: Revista do Museu de Arqueologia e Etnologia, São Paulo, 18:89-100.
- LIMA, T.A (1991) **Dos mariscos aos peixes: um estudo zooarqueológico de mudança de subsistência na pré-história do Rio de Janeiro**. Tese de Doutorado, FFLCH, Universidade de São Paulo.
- _____ (1995) **Ocupações pré-históricas em ilhas do Rio de Janeiro**. In: Arqueologia do Estado do Rio de Janeiro, Beltrão, M. Org., Arquivo Público do Estado do Rio de Janeiro. 95-104.
- _____ (1999/2000) **Em busca dos frutos do mar: os pescadores-coletores do litoral centro-sul do Brasil**. In: Revista USP. São Paulo, Universidade de São Paulo, no.44, 270-327.
- _____ (1984) **Zooarqueologia: alguns resultados para a Ilha de Santana**. Revista de Arqueologia, Belém 2 (2): 10-40.
- _____ (1987) **Pesquisas zooarqueológicas em sambaquis da Baía da Ribeira, Angra dos Reis, Rio de Janeiro**. In: Boletim da Fundação Brasileira para a Conservação da Natureza, 22: 126-132.
- _____ (2000) **Em busca dos frutos do mar: os pescadores-coletores do litoral centro-sul do Brasil**. In Neves, Walter A. (org.) Dossiê Antes de Cabral – Arqueologia Brasileira II, *Revista USP* 44:270-327.
- LIMA, T.A.; MAZZ, J.L. **La emergencia de complejidad entre los cazadores recolectores de la Costa Atlántica Meridional Sudamericana**. In: Revista de Arqueologia Americana. México: Instituto Panamericano de Geografía e Historia, vol. 17, 18 e 19: 129 – 175, 1999.
- LOEFGREN, A. (1893) **Contribuição para a arqueologia paulista. Os sambaquis de São Paulo**. Boletim da Comissão Geográfica e Geológica do Estado de São Paulo. São Paulo, 9:1-91.
- LOPES, F.N. (2005) **Espectroscopia Raman aplicada ao estudo de pigmentos em bens culturais: I Pinturas Rupestres**. Dissertação de Mestrado, Instituto de Química/USP. 87p.
- LOPES, L.S. (2005). **A cultura da medição em Portugal ao longo da história**. In: Educação e matemática, n. 84, Associação dos Professores de Matemática, p. 42-48.
- _____ (2005a) **O moio-medida e o moio dos preços em Portugal nos séculos XI a XIII**. In: Anuário de Estudios Medievales, 35/1, PP.25-46.
- _____ (2003) **Sistemas Legais de Medidas de Peso e Capacidade, do Condado Portucalense ao Século XVI**. In: Revista Portvgalia, Nova Série, Vol. XXIV, pp. 113-164.
- LOPES, M & AFONSO, M.C (2008) **Análise dos calibradores do Sítio Arqueológico Olímpia IV e sua problemática nos grupos ceramistas no norte do Estado de São Paulo**. X Simpósio Internacional de Iniciação Científica da Universidade de São Paulo.
- LOPES, M. & MORAES WICHES, C.A. (2009) **Ocupações Ceramistas Tupiguarani na região norte do Estado de São Paulo**. XV Congresso da Sociedade de Arqueologia Brasileira, Anais, Belém.
- LUBY, E. & GRUBER, M.F. **The dead must be fed: symbolic meanings of the shellmounds of the San Francisco Bay area**. Cambridge Archaeological Journal. 9 (1):95-108, 1999.
- LUEDERWALDT, H. (1929) **Resultados de uma excursão científica à Ilha de São Sebastião no litoral do Estado de São Paulo e em 1925**. In: Revista do Museu Paulista, Tomo XVI, 1-81.

- MACHADO, L.C., PONS, E. & SILVA, L. (1989a) **Adaptação bio-cultural no litoral fluminense: os restos ósseos humanos de dois sítios arqueológicos de Arraial do cabo, Rio de Janeiro.** In: Dédalo, São Paulo, Publicações Avulsas n.1: 429-446.
- MACHADO, L.C., PONS, E. & SILVA, L. (1989b) **Os sítios Massambaba (RJ-JC-56) e Boqueirão (RJ-JC-57), Arraial do Cabo. Os padrões de sepultamento.** In: Dédalo, São Paulo, Publicações Avulsas n.1: 447-454.
- MARANCA, S (1969) **Dados preliminares sobre a Arqueologia do Estado de São Paulo.** Programa Nacional de Pesquisas Arqueológicas – PRONAPA, Resultados Preliminares do quarto ano de pesquisas. Publicações avulsas, Belém, Museu Paraense Emílio Goeldi, 133-139.
- MARANCA, S., SILVA, A.L.M & SCABELLO, A.M.P, (1994) **Projeto Oeste Paulista de Arqueologia do Baixo e Médio Vale do Rio Tietê: Síntese dos Trabalhos Realizados.** In: Revista do Museu de Arqueologia e Etnologia/USP, São Paulo, 4:223-226.
- MARTIN, L.; SUGIO, K.; FLEXOR, J.M. (1984) **Informações adicionais fornecidas pelos sambaquis na reconstrução de paleolinhas de praias quartenárias: exemplos da costa do Brasil.** Revista de Pré História. São Paulo, 6: 128-147.
- MAZZ, J.M.L (2001) **Las estructuras tumulares (cerritos) del litoral Atlántico uruguayo**”. Latin American Archaeology, 12:231-255.
- MCGUIRE, R.H & PAYNTER, R. (eds.) (1991) **The Archaeology of Inequality.** Oxford, Blackwell.
- MEGGERS, B & EVANS, C (1970) **Como interpretar linguagem cerâmica: guia para arqueólogos.** Washington D.C. Smithsonian Institution.
- _____ (1974) **A reconstrução da pré-história amazônica.** São Paulo.
- MELLO E ALVIM, M.C, VIEIRA, M.I & CHEUICHE, L.M.T. (1975) **Os construtores do sambaqui de Cabeçada, SC e de Piaçaguera, SP: estudo morfométrico comparativo.** Arquivos de Anatomia e Antropologia, Rio de Janeiro, 1:395-406.
- MENDONÇA DE SOUZA, A. A. C. (1977) **Pré-história de Parati.** In: Nheengatu – Cadernos Brasileiros de Arqueologia e Indigenismo, ISCB, Rio de Janeiro, I (2): 47-90, março/abril.
- _____ (1995) **Povoamento pré-histórico do litoral do Rio de Janeiro.** In: Arqueologia do Estado do Rio de Janeiro, Beltrão, M. Org., Arquivo Público do Estado do Rio de Janeiro. 69-78.
- MENDONÇA DE SOUZA, S. M. F. & MENDONÇA DE SOUZA, A. A. C. (1981/1982) **Pescadores e recoletores do litoral do Rio de Janeiro.** In: Arquivos do Museu de História Natural, UFMG, Belo Horizonte – MG, VI – VII, 109- 131.
- MONTEIRO, J. M. (2005) **Negros da terra – índios e bandeirantes nas origens de São Paulo.** São Paulo, Cia. das Letras, 4ª Edição.

- MORAES, C.A (2007) **Arqueologia Tupi no nordeste de São Paulo: um estudo de caso de variabilidade artefactual**. Dissertação de Mestrado, Museu de Arqueologia e Etnologia, MAE/USP.
- MORAES ET AL (2008) **Tupis e Tapuias: interação cultural em três contextos arqueológicos do Estado de São Paulo**. 1ª Reunião do Núcleo Regional Sudeste da SAB. Prefeitura Municipal de Carangola. Resumos.
- MORAIS, J.L de (1995) **Salvamento arqueológico na área de influencia da PCH Moji-Guaçu**. Revista do Museu de Arqueologia e Etnologia, São Paulo, n.5, p.77-98.
- _____ (1999/2000) **Arqueologia da Região Sudeste**. Revista da USP, São Paulo, n.44, p. 194-217.
- _____ (2000) **Arqueologia da Região Sudeste**. Revista da USP. n° 44, p. 194-217.
- MORI, V.H; LEMOS, C.A.C; CASTRO, A.H.F (2003) **Arquitetura Militar, um panorama histórico a partir do porto de Santos**. São Paulo: Imprensa Oficial do Estado, Fundação Cultural Exército Brasileiro.
- MOTOKI, Akihisa. (1986) **Geologia e Petrologia do Maciço Alcalino da Ilha de Vitória, SP**. Tese de Doutorado do Instituto de Geociências – USP.
- MUSSOLINI, G. (1980) **O cerco da tainha na Ilha de São Sebastião**. In: Ensaio de Antropologia Indígena e Caiçara. Ed. Paz e Terra, Rio de Janeiro. p. 261-274.
- NEVES, W.A. (1980) **Variação epigenética em construtores de sambaquis do litoral meridional do Brasil**. Revista de Pré História. São Paulo, 2: 93-8.
- _____ (1982) **Variação métrica nos construtores de sambaquis do sul do Brasil: primeira aproximação multi-variada**. Revista de Pré História. São Paulo, 4:83-108.
- _____ (1988) **Paleogenética dos grupos pré-históricos do litoral sul do Brasil (Paraná e Santa Catarina)**. In: Pesquisas (Antropologia) 43, São Leopoldo: Instituto Anchieta de Pesquisas.
- NIMUENDAJU, K. (1944) **Mapa Etno-Histórico do Brasil e Regiões Adjacentes**. IBGE.
- NISHIDA, P. (2001) **Estudo zoológico do sítio Mar Virado, Ubatuba, SP**. Dissertação de Mestrado. Universidade de São Paulo. São Paulo.
- NOFFS, P.S (2007) **A disputa pela hegemonia do espaço na Baía de Castelhanos**. Tese de Doutorado. FFLCH/USP, 158p.
- NOGARA, P.J.N (2005) **Subsídios para o Plano de Manejo do Parque Estadual de Ilhabela: Inserção das Comunidades Caiçaras**. Relatório. Fundação Florestal, Secretaria do Meio Ambiente do Estado de São Paulo.
- OLIVEIRA, W (1977) **Ubatuba Documentário**. Editora do Escritor, São Paulo, 215 pgs.
- PALLESTRINI, L. (1964) **Jazida litorânea em Piaçaguera, Cubatão, Estado de São Paulo**. Revista do Museu Paulista, Nova Série 15:357-379.

- _____ (1981/1982) **Cerâmica há 1500 anos, Mogi-Guaçu, São Paulo.** Revista do Museu Paulista, São Paulo, MP/USP, n.28, p.15-129.
- _____ (1984) **O sambaqui de Camboinhas.** In: Revista de História, Vol. VI. 118-119.
- PASIN, J.L.(2001) **As trilhas e os caminhos.** Disponível em <http://www.resenet.com.br/trilhasecaminhos.htm>
- PENIN, A. & DEBLASIS, P. (2005/2006). **Sítio Baixadão: um novo sítio Aratu no norte paulista.** In: Revista do Museu de Arqueologia e Etnologia/ USP, vol.15/16, p. 449-453.
- PETRONE, P. (1965) **Povoamento e caminhos nos séculos XVI e XVII.** São Paulo, Edusp.
- _____ (1995) **Aldeamentos Paulistas.** São Paulo, Edusp, 396 pgs.
- PIRRÓ, M.S.A. (2008) **Práticas de Pesquisas de Campo com Comunidades Tradicionais: contribuições para a gestão participativa do arquipélago de Ilhabela, SP.** Dissertação de Mestrado. Departamento de Geografia, FFLCH. Universidade de São Paulo. 138p.
- _____ (2008a) **Bela Ilha, Relatório Socioambiental das comunidades tradicionais caiçaras, arquipélago de Ilhabela, SP.**
- POLETTO ET AL (2009) **Curso d'água: litoral norte de São Paulo.** São Paulo: CETESB: SMA. 176p.
- PREZIA, B. A. (2000) **Os indígenas do Planalto Paulista nas crônicas quinhentistas e seiscentistas.** FFLCH/USP, São Paulo: Humanitas, 266p.
- PRICE, T.D. & BROWN, J.A (eds.) (1985) **Prehistoric Hunters-gatherers: the Emergence of Cultural Complexity.** San Diego, Academic Press.
- PROUS, A. (1977) **Les sculptures zoomorphes du Sud Brésilien et l'Uruguay.** Cahiers d'Archéologie d'Amérique du Sud. Paris, 5: 1-175.
- _____ (1992) **Arqueologia Brasileira.** Brasília: Ed. Universidade de Brasília. 605p.,il.
- PROUS, A. & PIAZZA, W. F. **L' Etad de Santa Catarina: documents pour la préhistoire du Brésil Méridional, 2.** In: Cahiers d'Archéologie d'Amérique du Sud, Paris: 4: 1 – 178, 1977.
- QUARTIM, Y. (1981) **As reminiscências de uma velha: Maria da Glória Quartim de Moraes (Maricota).** 219p.
- QUEIRÓZ, A. (1937) **São Paulo e Sul de Minas.** In: Revista do Arquivo Municipal, XL. Departamento de Cultura, São Paulo, p.187-200.
- RATH, C.F. (1871) **Notícia Ethnologica sobre um povo que já habitou a costa do Brasil, bem como seu interior, antes do dilúvio universal.** In: Revista do IHGB, vol. 34(42): 287-292
- REIMER Paula J., Edouard Bard, Alex Bayliss, J Warren Beck, Paul G Blackwell, Christopher Bronk Ramsey, Caitlin E Buck, Hai Cheng, R Lawrence Edwards, Michael Friedrich, Pieter M Grootes, Thomas P Guilderson, Haflidi Haflidason, Irka Hajdas, Christine Hatté, Timothy J Heaton, Dirk L Hoffmann, Alan G Hogg, Konrad A Hughen, K Felix Kaiser, Bernd Kromer,

Sturt W Manning, Mu Niu, Ron W Reimer, David A Richards, E Marian Scott, John R Southon, Richard A Staff, Christian S M Turney, Johannes van der Plicht. **IntCal13 and Marine13 Radiocarbon Age Calibration Curves 0–50,000 Years cal BP. Radiocarbon.** Vol. 55-4. (2013)

RELATÓRIO DA COMISSÃO GEOGRÁFICA E GEOLÓGICA DO ESTADO DE SÃO PAULO ([1906] 1919) **Exploração do Rio Juqueriquerê.** 2ª Edição, São Paulo, Typographia Brazil de Rothschild & Co.

RELATÓRIO DO PROGRAMA DE SANEAMENTO AMBIENTAL DAS COMUNIDADES TRADICIONAIS DO ARQUIPÉLAGO DE ILHABELA. Instituto Florestal, Estado de São Paulo. 82p. 2005.

RENFREW, C. (1973) **The Explanation of Culture Change: Models in Prehistory.** Univ. of Pittsburgh Press

ROBRAHN-GONZÁLEZ, E.M. (2000) **São Paulo, Terra de Fronteiras: a ocupação de grupos ceramistas pré-coloniais.** In: Anais do IX Congresso da Sociedade de Arqueologia Brasileira, Rio de Janeiro, (CD-ROM).

ROBRAHN-GONZÁLEZ et al. (1998) **Água Vermelha: pesquisa arqueológica de salvamento.** Museu de Arqueologia e Etnologia/USP. São Paulo.

ROBRAHN-GONZÁLEZ, E.M & ZANETTINI, P.E (1999) **Jacareí às vésperas do descobrimento: a pesquisa arqueológica no Sítio Santa Marina.** Coleção Arqueologia 1, Jacareí, Gráfica e Editora O Expresso, 113p.

RODRIGUES-CARVALHO, C. & SOUZA, S.M (1998) **Uso de adornos labiais pelos construtores do sambaqui de Cabeçuda, Santa Catarina, Brasil: uma hipótese baseada no perfil dento-patológico.** In: Revista de Arqueologia, São Paulo, 11, 33-46.

ROHR, J. A. (1959) **Pesquisas paleo-etnográficas na Ilha de Santa Catarina, I. A Jazida da base aérea de Florianópolis.** Pesquisas, São Leopoldo, 3:199-266.

_____ (1984) **Sítios arqueológicos de Santa Catarina.** *Anais do Museu de Antropologia* 17:77-168, Florianópolis, UFSC.

_____ (1961) **Pesquisas paleo-etnográficas na Ilha de Santa Catarina e notícias prévias sobre sambaquis da Ilha de São Francisco do Sul, III - 1960.** *Pesquisas (Antropologia).* São Leopoldo: Instituto Anchieta de Pesquisas, 12:1-8.

SALA, O. (2008) **Fundamentos da Espectroscopia Raman e no Infravermelho,** 2ª. ed., São Paulo, Editora UNESP.

SAMPAIO, T. (1987 [1901]) **O tupi na geografia nacional.** 5. Ed. São Paulo: Nacional. (Col. Brasileira, v. 380).

SANTOS, C.G.R (2011) **Programa de Gestão do Patrimônio Arqueológico de São Sebastião, SP.** Dissertação de Mestrado do Museu de Arqueologia e Etnologia/USP. 131 pg.

- SCATAMACCHIA, M.C.M. (1984) **Ocupação Tupi-guarani no Estado de São Paulo: Fontes Etno-históricas e Arqueológicas**. Dédalo, São Paulo, Museu de Arqueologia e Etnologia da Universidade de São Paulo, n. 23, p. 197-222.
- SCATAMACCHIA, M.C.M & PRESTES, M.P. (2011) **As tradições arqueológicas do rio Sapucaí. Central Elétrica Anhanguera AS**. Museu de Arqueologia e Etnologia da Universidade de São Paulo. 68p.
- SCATAMACCHIA ET AL (2005) **Guia Arqueológico do vale do Paraíba**. Projeto de Salvamento Arqueológico Gasoduto Campinas - Rio de Janeiro. São Paulo, 58p.
- SCATAMACCHIA, M.C & UCHÔA, D.P (1993) **O contato euro-indígena visto através de sítios arqueológicos do Estado de São Paulo**. In: Revista de Arqueologia, São Paulo, 7:153-173.
- SCHADEN, E. (1954) **Os primitivos habitantes do território paulista**. nº 18, São Paulo.
- SCHEEL-YBERT, R. (2005/2006) **Proposta de amostragem padronizada para macro-vestígios bioarqueológicos: antracologia, arqueobotânica, zooarqueologia**. Revista do Museu de Arqueologia e Etnologia da Universidade de São Paulo. São Paulo, 15/16: 139-163
- SCHELL-YBERT ET ALLI (2003) **Novas perspectivas na reconstituição do modo de vida dos sambaquieiros: uma abordagem multidisciplinar**. In: Revista de Arqueologia, 16: 109-137.
- SCHEUER, H. L. **A tradição da cerâmica popular**. São Paulo: Livramento, 1982.
- _____ (1976) **Estudo da cerâmica popular do Estado de São Paulo**. São Paulo: Conselho Estadual de Cultura, 133p.
- SCHIAVETTO, S.N.O (2005) **Levantamento Arqueológico no Médio Mogi-Guaçu e Médio Jacaré-Guaçu/SP. Um primeiro olhar sobre os sítios cerâmicos**. Anais do XIII Congresso de Arqueologia Brasileira, Campo Grande, MT. CD ROM.
- SCHIMTZ, P.I. **Continuidade e mudança no litoral de Santa Catarina**. Revista do Museu de Arqueologia e Etnologia. São Paulo: Museu de Arqueologia e Etnologia da Universidade de São Paulo, 8: 25- 31, 1998.
- SEMA - Secretaria do Meio Ambiente do Estado de São Paulo (1989) **Ilhas do Litoral Paulista**. Coordenação de Sueli Furlan. São Paulo, 49p.
- SILVA, C. (1922) **O Paleógrafo em escala caligráfica**. Lisboa.
- SILVA, S.F.M (2005) **Arqueologia das práticas mortuárias em sítios pré-históricos do litoral do Estado de São Paulo**. Tese de Doutorado, Universidade de São Paulo, São Paulo.
- _____ (2001) **Um outro olhar sobre a morte: arqueologia e imagem de enterramentos humanos no catálogo de duas coleções – Tenório e Mar Virado, Ubatuba, São Paulo**. Dissertação de mestrado, FFLCH/USP.
- SIMÕES, N. (2005) **Uma viagem pelo arquipélago de Ilhabela**. São Paulo: Nova América, 87p.
- SMA – Secretaria do Meio Ambiente de São Paulo; Instituto Florestal (2005). **Inventário Florestal da Vegetação Natural do Estado de São Paulo**. São Paulo.

- SOARES DE SOUZA, G. ([1587]2010) *Tratado descritivo do Brasil*. São Paulo: Hedra, 418p.
- STADEN, Hans ([1557] 1999) *Primeiros registros escritos e ilustrados sobre o Brasil e seus habitantes*. Tradução de Angel Bojadsen, São Paulo, Ed. Terceiro Nome, 117p.
- STEIN, Julie K. **Deciphering a Shell Midden**. New York: Academic Press, 1992.
- STUIVER, M. & REIMER, P.J. (1993) **Extended 14C database and revised CALIB radiocarbon calibration program**. Radiocarbon 35.
- SUGUIO, K. & MARTIN, L. (1978) **Formações Quaternárias Marinhas do Litoral Paulista e Sul Fluminense**. In: International Symposium on Coastal Evolution in the Quaternary. São Paulo, Brasil.
- TAUNAY, A. (1921) **S. Paulo no século XVI**. Tours: Arrault
 _____ **História do café no Brasil**. 13 vols. Ed. Dep. Nacional do Café. Rio de Janeiro.
- TENÓRIO, M.C; PINTO, D.C & AFONSO, M.C (2008) **Dinâmica de ocupação, contatos e trocas no litoral do Rio de Janeiro no período de 4000 a 2000 anos antes do presente**. In: Arquivos do Museu Nacional, Rio de Janeiro, vol. 66, n.2, abril/junho.311-321.
- TENÓRIO, M.C., GASPAR, M.D. & BULCÃO, S. (1990) **Pesquisas arqueológicas na praia de Geribá**. In: Revista do CEPA, 17:221-258.
- TENÓRIO, Maria Cristina (2003) **O lugar dos aventureiros: identidade, dinâmica de ocupação e sistemas de troca no litoral do Rio de Janeiro há 3.500 anos antes do presente**. Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul.
- _____ (2003b) **Os amoladores-polidores fixos**. In: Revista de Arqueologia da Sociedade de Arqueologia Brasileira, Vol. 16. São Paulo.
- _____ (1992) **Pesquisas arqueológicas na Ilha Grande, RJ – Sítio Ilhote do Leste**. *Anais VI Reun. Cient. SAB*, vol. I: 292-303
- _____ (1995) **Estabilidade dos Grupos Litorâneos Pré-Históricos**. In: BELTRÃO, M.C. (org.) *Arqueologia do Estado do Rio de Janeiro*, Niterói, Arquivo Público do Estado do Rio de Janeiro, 43-50.
- _____ (1999) **Os Fabricantes de Machados da Ilha Grande**. In: *Pré-História da Terra Brasilis*, Rio de Janeiro, Ed. UFRJ, p. 233-246.
- _____ (2004) **Identidade Cultural e Origem dos Sambaquis**. Rev. do Museu de Arqueologia e Etnologia MAE/USP, São Paulo, 14:169-178.
- _____ (2006) **Povoamento Pré-histórico da Ilha Grande. In: Ilha Grande, do sambaqui ao turismo**. Org. Rosane Manhães Prado. Garamond/ EDUERJ, vol.2. 288p.
- TENÓRIO et alli (2010) **Arqueologia de Arraial do Cabo com foco nos sítios da Ilha do Cabo Frio**. In: Rev. do Museu de Arqueologia e Etnologia MAE/USP, São Paulo, 20:127-145.
- TIBIRIÇÁ, L. (1998) **Dicionário de topônimos brasileiros de origem tupi**. São Paulo, 80p.

- TIBIRIÇÁ, R. (1936) **Arqueologia Brasileira**. Revista do Arquivo Municipal, São Paulo, XXX: 131-143, 1936.
- TOLEDO, F.S. & FERREIRA, H. R. (2001) **Caminhos de penetração, povoamento e colonização**. Disponível em <http://www.resenet.com.br/caminhosdepenet.htm>
- UCHOA, D.P (1969) **Nota prévia sobre os sepultamentos de Piaçaguera**. Estudos de pré-história geral e brasileira. Instituto de Pré-História da Universidade de São Paulo, pp.487-91.
- _____ (1973) **Arqueologia de Piaçaguera e Tenório: análise de dois tipos de sítios pré-cerâmicos do litoral paulista**. Tese de Doutorado, Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Rio Claro, São Paulo.
- _____ (1978) **Arcaico do litoral**. Temas de Arqueologia Brasileira. Anuário de Divulgação Científica n.6, Goiânia. Inst. Goiano de Pré-história e Antropologia.
- _____ (1981/82) **Ocupação do Litoral Sul/Sudeste Brasileiro por grupos coletor-pescadores holocênicos**. Arquivos do Museu de História Natural 6/7:133-143.
- _____ (1984) **Coletores Pescadores do Litoral Meridional Brasileiro**. In: Revista de História. Vol. VI, 104-106
- UCHOA ET AL (1984) **O Sítio Cerâmico do Itaguá: um sítio de contacto no litoral do Estado de São Paulo, Brasil**. In: Revista de Arqueologia, Belém, 2(2):51-60, jul/dez, p. 51-59.
- UCHOA, D.P & GARCIA, C.D.R (1986) **Ilha do Casqueirinho, Estado de São Paulo, Brasil: Dados arqueológicos preliminares**. In: Arqueologia, vol 5, 43-54.
- VASCONCELOS, S. (1977 [1663]) **Crônica da Companhia de Jesus**. 3. Ed. Petrópolis: Vozes/INL/Mec, 2v. (Coleção Dimensões do Brasil, v.5).
- VILLADA GARCÍA, Z. (1923) **Paleografia Española**. In: Revista de Filologia Espanhola, Madrid, Espanha.
- VILLÁGRAN, X.S. (2008) **Análise de arqueofácies na camada preta do sambaqui Jabuticabeira II**. Dissertação de Mestrado. MAE/USP.
- _____ (2009) **Análise de Arqueofácies na camada preta do sambaqui Jabuticabeira**. In: Revista de Arqueologia, Vol. 22, n.1, Janeiro-Julho. P.141-142.
- WILLEMS, Emílio. (2003) **A Ilha de Búzios: Uma comunidade caiçara no sul do Brasil**. Editora HUCITEC. NAPAUB/CEC. São Paulo
- WILLEY, G.R (1953) **Prehistoric Settlement Patters in the Virú Valley, Perú**. Bulletin 155, Bureau of American Ethnology, Washington, Smithsonian Inst.: 8-15.